

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO E PATRIMÔNIO
SUSTENTÁVEL

Michela Perígolo Rezende

**REPRESENTAÇÃO ESPACIAL E
VISÃO DE MUNDO:**

Uma abordagem crítica em favor de uma arquitetura experienciada.

Belo Horizonte
2020

Michela Perígolo Rezende

**REPRESENTAÇÃO ESPACIAL E
VISÃO DE MUNDO:**

Uma abordagem crítica em favor de uma arquitetura experienciada.

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, do Programa de pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

Linha de Pesquisa: Tecnologia do Ambiente Construído

Orientador: Prof. Dra. Renata M. Abrantes Baracho

Belo Horizonte
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

R467r

Rezende, Michela Perígolo.

Representação espacial e visão de mundo [manuscrito]: uma abordagem crítica em favor de uma arquitetura experienciada / Michela Perígolo Rezende. - 2020.
341f. : il.

Orientadora: Renata Maria Abrantes Baracho Porto.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Espaço (Arquitetura) - Teses. 2. Perspectiva - Teses. 3. Representação arquitetônica - Teses. 4. Modelagem de informações - Teses. 5. Desenho arquitetônico - Teses. I. Baracho, Renata Maria Abrantes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

Ficha catalográfica: Elaborada por Andreia Soares Viana – CRB 6/2650.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AMBIENTE CONSTRUÍDO E PATRIMÔNIO SUSTENTÁVEL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Representação espacial e visão de mundo: Uma abordagem crítica em favor de uma arquitetura experienciada"

MICHELA PERÍGOLO REZENDE

Tese de Doutorado defendida e aprovada, no dia **oito de dezembro de dois mil e vinte**, pela Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Beatriz Alencar D'Araújo Couto

Escola de Arquitetura/UFMG

Prof. Dr. Fernando Freitas Fuão

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Maria Luiza Almeida Cunha de Castro

Escola de Arquitetura/UFMG

Prof. Dr. Mário Lucio Pereira Junior

PUC - Minas

Profa. Dra. Renata Maria Abrantes Baracho Porto - Orientadora

PPG-ACPS/UFMG

Belo Horizonte, 08 de dezembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Renata Maria Abrantes Baracho Porto, Professora do Magistério Superior**, em 14/12/2020, às 15:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Luiza Almeida Cunha de Castro, Professora do Magistério Superior**, em 14/12/2020, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Beatriz Alencar D Araujo Couto, Professora do Magistério Superior**, em 16/12/2020, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Delfino de Freitas Fuao, Usuário Externo**, em 03/02/2021, às 10:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mário Lucio Pereira Junior, Usuário Externo**, em 15/04/2021, às 19:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0475491** e o código CRC **A2FEA511**.

Este trabalho é dedicado à Deusa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Inteligência Divina, em especial ao seu lado feminino, pela oportunidade de ser útil. Agradeço ao meu Mestre Micaell, pela inspiração e cuidado incondicionais. Agradeço a meus pais e toda minha família, pelo amor e apoio constantes. Agradeço ao colega de trabalho, Arquiteto e Professor Roccio Rover, a quem muito devo pelas infindáveis conversas sobre o valor da representação. E principalmente, agradeço aos alunos de Arquitetura e Urbanismo, aos que tive o privilégio de conhecer ou não, por nos ensinarem com suas dúvidas e dificuldades e por acreditarem em um mundo melhor.

O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são,
enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são.

Protágoras, Grécia, 490 a. C.

RESUMO

As recentes técnicas de representação espacial estão desencadeando profundas mudanças na vida humana. Em meio a estas importantes transformações, evidencia-se a necessidade de refletir criticamente sobre a qualidade da formação do arquiteto urbanista em favor de espaços arquitetônicos mais humanizados. O argumento desta tese considera que a atual crítica apontada por alguns autores a respeito da descorporificação da arquitetura contemporânea segue como efeito da criação de um padrão, definido pela visão de mundo renascentista, para um modo único de perceber e representar o espaço. Entende-se que a partir daquele período houve um aprimoramento destas normatizações, chegando até hoje com a representação de espaços concebidos por meios digitais. Para esta defesa foram realizados experimentos, no ensino da arquitetura e urbanismo e na cidade de São Lourenço em Minas Gerais. Eles demonstram que a construção e percepção das técnicas de representação do espaço não são neutras ou universais, e portanto, o uso de diferentes técnicas de representação espacial pode favorecer na aproximação de diferentes visões de mundo. Esta constatação levaria a colocar a representação não com uma resposta linear e evolucionista, visão própria do renascimento, mas antes, ela é heterogênea, policromática e cíclica tal qual o real parece responder.

Palavras-chave: arquitetura, percepção, representação, modelagem da informação.

ABSTRACT

Recent spatial representation techniques are triggering profound changes in human life. Important transformations have created the need to reflect critically on the quality of the architectural spaces generated from these changes. The argument of this thesis considers that the current criticism pointed out by some authors regarding the disembodiment of contemporary architecture continues as the effect of creating a pattern, defined by the Renaissance worldview, for a unique way of perceiving and representing space. It is understood that, from that period, there was an improvement of these norms, which arrive until today with the representation of spaces conceived by digital means. For this defense experiments were carried out, in the teaching of architecture and urbanism and in São Lourenço city, in Minas Gerais. It demonstrate that the construction and perception of space representation techniques are not neutral or universal, and therefore, the use of different spatial representation techniques can favor the approximation of different worldviews. This observation would, therefore, lead to placing the representation not with a linear and evolutionary response, a view typical of the renaissance, but rather, it is heterogeneous, polychromatic and cyclical as the real seems to respond.

Keywords: architecture, perception, representation, information modeling.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Mental da Pesquisa	22
Figura 2 – Cronograma geral da Tese de Doutorado	25
Figura 3 – Perspectiva cavaleira chinesa	29
Figura 4 – Representação egípcia	31
Figura 5 – Perspectiva inversa bizantina.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 6 – Representação do Baptistério de Florença segundo as Regras da Perspectiva (Brunelleschi).....	Erro! Indicador não definido.
Figura 7 – Agatharcus de Samos, afresco de Boscoreale, Vila de Publius Fannius Sinistor Itália (século I A. C.)	35
Figura 8 – The Theatre of The Empire of Great Britaine by Iohn Speed, 1650	36
Figura 9 – Rafael, Escola de Atenas, 1510, afresco, 500x700cm, Palácio Apostólico, Vaticano (as linhas brancas indicam o ponto de convergência).....	Erro! Indicador não definido.
Figura 10 – Obra sem título de Basquiat e seu comprador Yusaku Maezawa.....	41
Figura 11 – “Believe it or not, I can really draw but I try fight against that usually.” Basquiat	42
Figura 12 – 2001: Uma odisseia no espaço. Ato 4: Júpiter	43
Figura 13 – Desenhando a mulher nua, gravura extraída da ‘maneira de medir’ da obra de Üder Weysung der messung mit dem Zirckel und richt/Scheyt, edição de 1538..	46
Figura 14 – Homem Vitruviano de Leonardo Da Vinci (1490) e o Modulor de Le Corbusier (1948)	47
Figura 15 – Óculos le corbusianos	48
Figura 16 – Olho Refletindo o Interior do Teatro de Besançon - Claude-Nicholas Ledoux.	49
Figura 17– Indicação de uma hipótese sobre o local da Batalha de Varus	61
Figura 18 – Articulação entre as ontologias	62
Figura 19 – Museu e Parque Kalkriese	63
Figura 20 – A Alegoria da Caverna de Platão por Jan Saenredam, 1604, Viena.....	65
Figura 21 – Aula de ioga ao ar livre em Toronto. O novo normal pós-pandemia	66
Figura 22 – Projeto de Penitenciária de N. Harou-Romain, 1840. Sistema panóptico	67
Figura 23 – Relação entre o sujeito e a representação espacial.....	72
Figura 24 – Mapas visuais de usuários da Praça da Estação, BH	75
Figura 25 – Foto da Praça da Estação, BH.....	76
Figura 26 – Diário de Bordo	79
Figura 27 – Etapas da pesquisa por aproximação	83
Figura 28 – Palimpsesto Espaço Temporal da região de São Lourenço.....	86
Figura 29 – Mapas mentais dos entrevistados retratando Parque das Águas e Fonte Vichy	91
Figura 30 – Mapas mentais dos entrevistados retratando outros espaços	92
Figura 31 – Mapas mentais dos alunos da Escola Laser sobre o Parque das Águas.....	99
Figura 32– Mapas mentais dos alunos da Escola Laser para outros espaços.....	100
Figura 33 – Mapas mentais dos alunos da Escola Estadual Polivalente sobre o Parque das Águas	101
Figura 34 – Mapas mentais dos alunos da Escola Estadual Polivalente para outros espaços.....	102
Figura 35 – Mapas mentais dos alunos da Escola Dr. Emílio Abdon Pavao para o Parque Ilha Antônio Dutra	103

Figura 36 – Mapas mentais dos alunos da Escola Dr. Emílio Abdon Pavao sobre outros espaços.....	104
Figura 37 – Questionário on-line quando escolhido o Parque das Águas.....	109

LISTA DE QUADROS

Nenhuma entrada de índice de ilustrações foi encontrada.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais valores associados pelas crianças.....	97
Tabela 2 – Aceitação por nível socioeconômico	106
Tabela 3 – Aceitação e rejeição por nível socioeconômico	106
Tabela 4 – Perfil dos participantes	108
Tabela 5 – Aceitação para a última questão	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAAE Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP Comitê de Ética em Pesquisa
CIDOC - CRM International Committee for Documentation - Conceptual Reference Model
CODENGE Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais
Covid-19 Doença do Corona Vírus 2019
DEDICO Despertar da Divina Consciência
DNPM Departamento Nacional de Produção Mineral
GPS Global Positioning System
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEPHA Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico
IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PPG ACPS Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável
RDF Resource Description Framework
TALE Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

I.	CAPÍTULO – INTRODUÇÃO.....	18
II.	CAPÍTULO – REFERENCIAL TEÓRICO.....	26
2.1	Fundamentos da representação espacial na cultura contemporânea.....	27
	Alguns referenciais históricos e culturais.....	28
	O estandarte para o modo único de perceber e representar o espaço.....	32
2.2	A arquitetura contemporânea se vinculada à representação espacial.....	43
	Sobre a arquitetura contemporânea	44
	Aplicação de ontologias na representação do espaço.....	53
	a. No contexto da Geomorfologia.....	55
	b. No contexto do Patrimônio.....	59
	A representação em tempos de insegurança: corpo ameaçado.....	64
III.	CAPÍTULO – EXPERIMENTOS.....	71
3.1	No ensino de Arquitetura e Urbanismo.....	73
	Revelar: Mapas mentais.....	73
	Navegar: Diário de bordo.....	77
3.2	Junto à comunidade: Estudo de Significância e Representatividade.....	81
	3.2.1 Levantamento histórico e documental.....	83
	Espacializar: Palimpsesto espaço temporal.....	84
	3.2.2 Entrevistas semiestruturadas.....	87
	Revelar: Mapas mentais.....	89
	3.2.3 Cartilha para crianças.....	95
	Revelar: Mapas mentais.....	97
	Condicionar.....	100
	3.2.4 Questionário on-line.....	107
	Condicionar.....	107
	CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E PROPOSIÇÕES.....	111
	REFERÊNCIAS	117
	APÊNDICES	
	A Levantamento Histórico e Documental.....	125
	B Entrevistas semiestruturadas.....	148
	C Cartilha para crianças.....	306
	ANEXOS	
	A Documentos CEP UFMG.....	321

I INTRODUÇÃO

Stat rosa Pristina nomine, nomina nuda tenemus.
A rosa que houve agora existe só em nome, só temos nomes nus.
O nome da rosa, Umberto Eco, 1980.

A percepção do espaço edificado vinculado à cultura já era tema contemplado na Dissertação de Mestrado defendida em 2009, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do Prof. PHD Leonardo Barci Castriota, intitulada “A percepção do espaço quando referenciado à natureza: pelo olhar do Terreiro DeDiCo”.

Nesse estudo, apontava-se que as características e valores capazes de criar vínculo e significado aos lugares são resultado de associações internas individuais e culturais. Pela Antropologia Filosófica, a realidade é imensamente diversificada e está vinculada a um ser monadário. O fisiológico, mas também os níveis psicológicos afetam a percepção humana, uma vez que o ser humano é um organismo biológico/social/individual, o que resulta em percepção/atitude/valor diferenciados. Com este pensamento, Yfu Tuan (1980) trabalha o termo topofilia como o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Nessas relações tão heterogêneas e polivalentes, os significados e as representações podem assumir diferentes padrões. Em se tratando de culturas tradicionais, por exemplo, o termo cunhado por Mircea Eliade (2001), como hierofania, é entendido como o ato de manifestação do sagrado por meio de algo profano. Dessa forma, o espaço *per se*, externo não seria muito autoexplicativo, dotado de características únicas que gerassem percepções universais. Essa heterogeneidade da percepção se torna mais evidente quando comparamos culturas de formação filosóficas muito distintas, como a cultura africana negra e a europeia branca (YAY, 2004), mas podem ser percebidas em nuances mais sutis em qualquer interface entre culturas.

Todas essas indagações moveram o tema do mestrado em 2009. A partir de então, a continuidade no exercício da profissão como Arquiteta e Urbanista e a docência em disciplinas de projeto e desenho no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Izabela Hendrix trouxeram outras inquietações. Se antes o estudo apontava que a percepção espacial é individual e cultural, para esta Tese de Doutorado a pergunta recai sobre a representação deste espaço. A princípio, para representar é preciso, antes, perceber.

Nesse sentido, pensar e perceber o espaço, historicamente, desencadeou a criação de diferentes modos de representar. Espera-se traduzir o espaço existente ou idealizado em um plano, seja em um papel ou em uma tela de um computador, através de plantas, fachadas, cortes, esquemas, perspectivas, e de certo modo, também por meio de escritos, textos, fotografias e do cinema. Mais recentemente, pelas tecnologias de modelagens em espaços virtuais. Normalmente, essas representações estão baseadas na concepção de um espaço cartesiano, objetivo, mensurável, ordenado, infinito e padronizado. De modo diferente, croquis livres e representações mais artísticas, e por vezes simbólicas, não assumem a grade ortogonal cartesiana como referência. Nesse caso, a representação espacial pode ser bem mais subjetiva, heterogênea, finita e pessoal. Ao que parece, toda representação leva consigo uma normatização, um dogma norteado por um estandarte que sinaliza os valores a ela associados. Nesse sentido, ela nunca seria neutra.

Assim, este estudo procura lançar luz e abrir possibilidades às novas tecnologias de representação para que elas possam ser mais abrangentes e não se rendam a uma codificação unilateral cartesiana, em que o arquiteto pode se tornar refém da própria criação. Para além do enquadramento imposto pela janela virtual do espaço homogêneo e infinito, ou ainda do “olhar alado” que não liberta, mas antes, direciona e aprisiona.

Historicamente, o uso de diferentes técnicas de representação espacial sempre esteve entrelaçado a profundas mudanças na vida humana. Essas transformações têm provocado reflexões em todos os campos do conhecimento. Na Arquitetura e Urbanismo, alguns estudos analisam a relação existente entre as técnicas de representação do espaço e o sujeito e a contribuição do arquiteto na construção dessa interação. Seguindo essa abordagem, este estudo questiona, então, como problema central da Tese, se perceber e representar o espaço serem ações humanas aprendidas culturalmente, sendo, ao mesmo tempo, produtos e produtores de visões de mundo. Para isso, a hipótese lançada sugere que o uso de diferentes técnicas de representação espacial favorece a aproximação de diferentes visões de mundo, contribuindo, assim, para a abrangência cultural e para a aproximação de uma arquitetura mais experienciada ou corporificada. Segundo esta hipótese, diferentes representações poderiam estabelecer diferentes modos de perceber a arquitetura e o

mundo, de modo que expor o sujeito a variedades de representações poderia propiciar percepções mais ricas, mais próximas das percepções corporais diretas, de difícil representação. A tese objetiva construir reflexão crítica que instigue o arquiteto a procurar alternativas que propiciem uma postura menos condicionada frente às técnicas de representação do espaço, em favor de maior aproximação com a experiência vivida e consequente humanização da arquitetura.

Esta tese estabelece como principal caminho para a construção de uma base lógica de argumentação, o método fenomenológico. Segundo as proposições de Edmund Husserl (1859-1938), estabeleceu-se uma proposição crítica no tema da representação dos espaços em arquitetura e Urbanismo “avançando sobre as próprias coisas”, ou seja, sobre o fenômeno da representação. Foi posta a discussão e percepção de que o sujeito tem frente a uma representação espacial sobre a sua concepção de realidade como experiência vivida. Por essa premissa de pensamento, “a realidade não é tida como algo objetivo e passível de ser explicado como um conhecimento que privilegia explicações em termos de causa e efeito” (GIL, 2008, p. 14). Em contraponto aos métodos de pesquisa positivistas, em que o foco recai no sujeito ou no objeto, privilegiou-se a relação entre eles como a experiência direta que se dá na intencionalidade da consciência direcionada ao fenômeno. Desse modo, admitem-se inúmeras realidades vinculadas a distintas interpretações e comunicações.

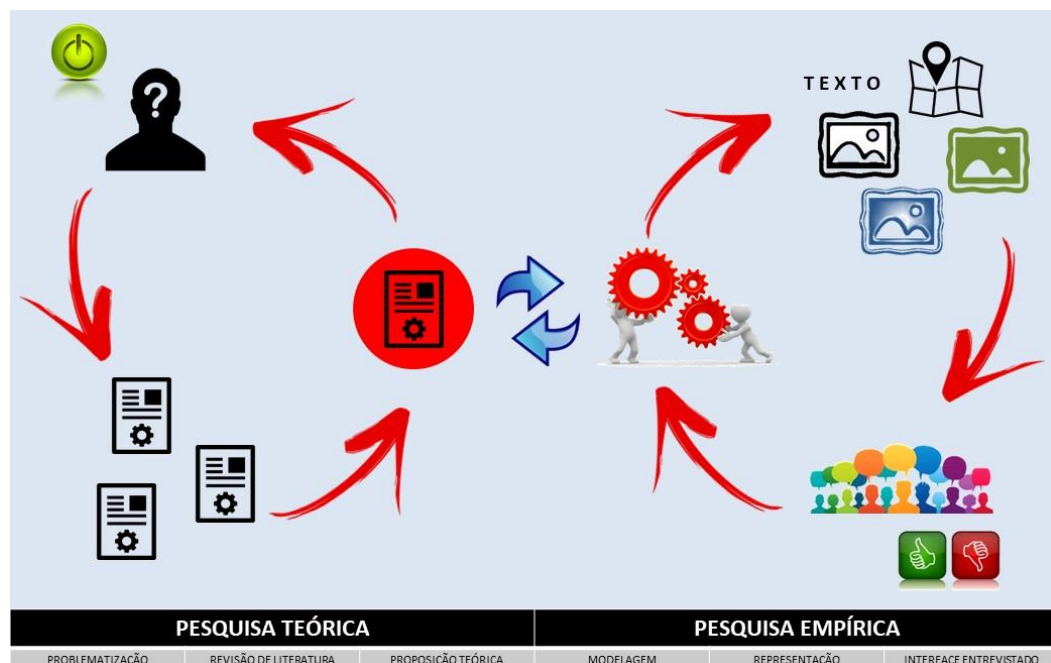
Como processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, adotou-se, prioritariamente, técnicas de pesquisa qualitativa exploratória descritiva. A tese assume postura crítica frente a algumas recentes tendências adotadas na Arquitetura e Urbanismo, em favor da padronização da representação espacial no espaço cartesiano.

Este estudo parte de argumentação teórica a partir de revisão de literatura. Dessa forma, a abrangência do tema poderia envolver debates em diversas disciplinas, desde a Filosofia, Belas Artes, Linguística, Psicologia, Ciência da Informação, Arquitetura e Urbanismo, entre outras. Adotou-se um recorte em que a questão foi avaliada por meio de alguns contrapontos teóricos e históricos entendidos como mais representativos e satisfatórios para alavancar a argumentação. Dois tópicos analisam

o tema da representação espacial. No primeiro, “Fundamentos da representação espacial na cultura contemporânea”, são analisados, inicialmente, alguns contrapontos históricos e culturais. Em seguida, é questionado o estandarte para o modo único de perceber e representar o espaço. Já no segundo tópico, “A arquitetura contemporânea se vinculada à representação espacial”, são revistas críticas de alguns autores sobre a Arquitetura Contemporânea. Neste tópico, também são analisados alguns exemplos da aplicação de ontologias na representação espacial da arquitetura, e fechando o capítulo, o tema da tese é contextualizado na atualidade da pandemia COVID 19.

Dado o método fenomenológico proposto, o mapa mental (Figura 1) esclarece o proposto em dois ciclos, teórico e prático, entrelaçados e contínuos. Para esta tese, a pergunta inicial se deu na prática da docência no curso de Arquitetura e Urbanismo que motivou a procura de referências teóricas que elucidassem o problema percebido em sala de aula. A pesquisa teórica cria um ciclo de avanços e lacunas que demanda a modelagem de pesquisa empírica, que, por sua vez, cria ensaios que contestam ou acrescentam à argumentação teórica.

Figura 1 - Mapa Mental da Pesquisa



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Esta fase tomou os experimentos que colocaram em evidência diferentes visões de mundo a partir da representação espacial, colocando como público-alvo perfis

diferenciados: alunos do primeiro ano do curso de Arquitetura e Urbanismo de Belo Horizonte, moradores das cidades de Belo Horizonte-MG, e moradores da cidade de São Lourenço-MG. Foram formados grupos diferenciados quanto ao aprendizado e ao acesso a diferentes técnicas para inferir se as respostas tendem a ser diferenciadas, devido, principalmente, aos diferentes níveis de condicionamento. Da mesma forma que na fase teórica, a fase empírica estabeleceu um ciclo contínuo a partir da modelagem de diferentes sistemas de interação com a população. Quatro experimentos foram realizados para responder à questão inicial, mais ampla, de forma mais direcionada:

- REVELAR: Como e com qual intensidade diferentes visões de mundo podem gerar representações do espaço distintas?
- NAVEGAR: Em que medida é possível perceber e representar a percepção espacial de outra pessoa?
- ESPACIALIZAR: Qual a natureza da percepção espaço temporal para diferentes modos de representar fatos?
- CONDICIONAR: Em que medida é possível verificar a existência de algum condicionamento na leitura de uma representação espacial?

O experimento com os moradores de São Lourenço foi lançado na cidade como “Estudo de Significância e Representatividade da cidade de São Lourenço”. Foi realizado por meio de parceria com a Prefeitura Municipal local e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CAAE 08050918.8.0000.5149). Foi proposto eleger o espaço símbolo da cidade por uma técnica metodológica qualitativa exploratória que obteve resultados mais abrangentes do que um plebiscito comum. A “Significância” apresentou informações sobre os valores culturais reconhecidos pelos moradores, suas histórias entrelaçadas no contexto da cidade. A “Representatividade” também revelou informações sobre o quanto os espaços exprimem verdadeiramente estes valores, relacionando-os à diferentes técnicas de representação espacial. Esse artifício verificou o uso de diferentes técnicas de representação do espaço para alcançar maior abrangência cultural na modelagem da informação.

Desse modo, os experimentos visaram levantar dados sobre a relação entre o sujeito e a representação espacial, tanto em sua produção quanto em sua percepção. Para

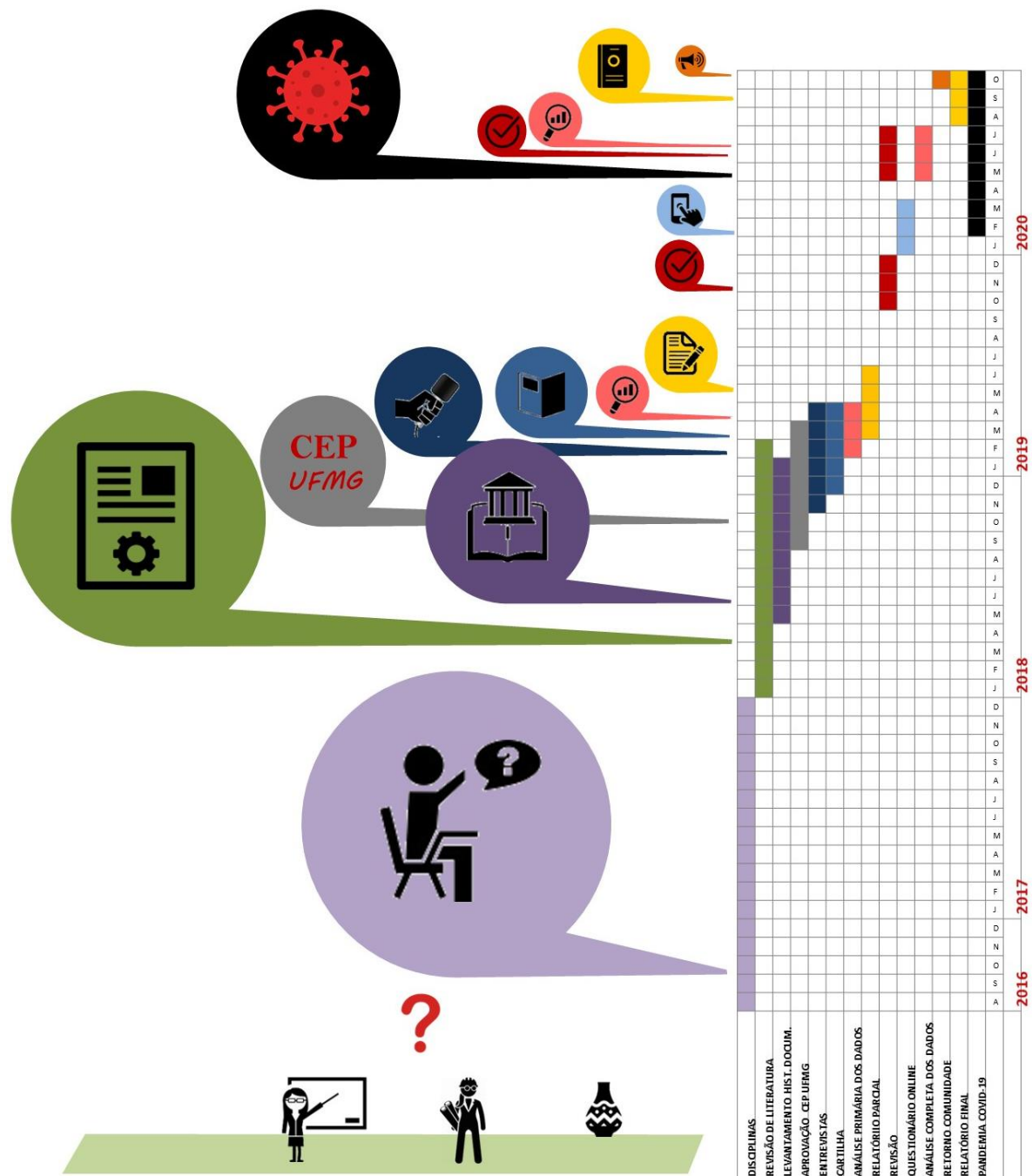
referenciar representações em que os espaços são entendidos como objetivos e padronizados, foram usados texto, foto e mapa¹. Para referenciar representações onde os espaços são entendidos como subjetivos e heterogêneos, foram usados croquis e imagem tratada do *Deep Dream Generator*². Escolhemos usar imagens tratadas por esta plataforma virtual que usa técnicas avançadas de *AI* em ambiente digital para fazer contraponto com a técnica manual do croqui, não colocando a tecnologia como obstáculo para criar representações subjetivas.

A figura 2 esclarece sobre sequência das diferentes etapas da pesquisa através do uso de ícones, além da temporização por barras e balões.

¹ Mapa através de foto aérea do *Google Earth* com marcadores nos espaços apontados no experimento.

² *Deep Dream Generator* é uma plataforma da Google que transforma fotos usando algoritmos de inteligência artificial - *AI*. O artifício *Deep Dream* mostra o que uma rede neural profunda é quando se está à procura de uma determinada imagem. O Artifício *Deep Style* usado no experimento é uma versão mais avançada capaz de usar o próprio conhecimento da *AI* para interpretar um estilo de pintura e transferi-lo para a imagem. Foram usadas imagens tratadas por esta plataforma virtual que usa técnicas avançadas de *AI* em ambiente digital para fazer contraponto com a técnica manual do croqui, não colocando a tecnologia como obstáculo para criar representações subjetivas.

Figura 2 - Cronograma geral da Tese de Doutorado



FONTE: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

A base do cronograma, ponto de início da pesquisa, é o meio no qual a pesquisadora se apoia para lançar o problema como profissional de Arquitetura e Urbanismo, professora no curso de Arquitetura e Urbanismo, nas áreas de representação e projeto, além de sua experiência e vivência em culturas tradicionais.

II REFERENCIAL TEÓRICO

*Cuando se proclamó que la Biblioteca abarcaba todos los libros,
la primera impresión fue de extravagante felicidad. Todos los hombres
se sintieron señores de un tesoro intacto y secreto [...]
A la desaforada esperanza, sucedió, como es natural,
una depresión excesiva. La certidumbre de que algún
anaquel en algún hexágono encerraba libros preciosos
y de que esos libros preciosos eran
inaccesibles, pareció casi intolerable.*

A Biblioteca de Babel, Jorge Luis Borges, 1944.

O referencial teórico recorre autores que estabeleceram suas teorias na interface entre a Filosofia, a cultura, a Arquitetura e a representação. Em um primeiro momento, propõe-se um aprofundamento dos fundamentos da representação espacial na cultura contemporânea. Para tal, são discutidos alguns referenciais históricos e culturais da representação espacial, para depois aludir ao estandarte – lançado pela visão de mundo renascentista – para um modo único de perceber e representar o espaço. Em um segundo momento, completando as discussões lançadas anteriormente, abre-se a discussão para a representação no campo da Arquitetura e Urbanismo. Discorre-se, então, sobre conceitos que norteiam a Arquitetura contemporânea a partir da visão de mundo renascentista. Recorre-se a exemplos de representação espacial definidos por algumas ontologias. O desfecho do capítulo se estabelece com uma reflexão sobre a representação em tempos de insegurança, contextualizando a pandemia do COVID 19 no corpo da tese.

2.1 Fundamentos da representação do espaço na cultura pós-moderna

A Filosofia sempre esteve vinculada a um contexto fundamentalmente histórico e cultural, e aponta para a existência de inúmeras possibilidades de reconhecimento e interação do sujeito com o mundo. Na construção dessa relação, historicamente, são reconhecidos vários exemplos de representações espaciais muito distintas entre si. As diferentes formas de responder às questões originais filosóficas, sobretudo sobre a essência do mundo, são racionalizadas de forma a estabelecer valores preponderantes e valores marginais. Essa variante leva a existência de correntes filosóficas contrárias ou concorrentes, como é o caso do realismo e do idealismo. Esses embates filosóficos sempre aconteceram e ainda persistem na maioria das ciências. No final do século XIX e no decorrer do século XX aconteceram grandes questionamentos quanto à total adequação da filosofia ocidental deste período, frente às questões levantadas, principalmente, pelas novas áreas do conhecimento da Antropologia, da Psicologia e da Linguística, ou ainda frente a outras filosofias, como as orientais. Dessa forma, a questão central que se coloca nesta pesquisa tende a uma postura hermenêutica frente às técnicas de representação do espaço, sobre perceber e representar o espaço serem ações humanas aprendidas culturalmente, sendo, ao mesmo tempo, produtos e produtores de visões de mundo.

Entendemos a hermenêutica em seu sentido mais tradicional, quando trata da interpretação de linguagem. Dessa forma, trataremos todas as imagens como uma forma de linguagem (DILTHEY, 2014). Nesse sentido, a fim de levantar os principais fundamentos da representação do espaço na cultura pós-moderna, este estudo levantou alguns referenciais de comparação, de diferentes contextos históricos e culturais.

2.2 Alguns referenciais históricos e culturais

Representar o mundo em que se vive, ou aquele em que se quer viver, sempre foi uma necessidade humana. Desde as representações rupestres até as atuais representações em ambientes virtuais, o ser humano almeja registrar algo que lhe é caro. Também na representação da arquitetura, diante de um universo de possibilidades, a escolha do que e como será representado parece passar por um crivo de valores. “Dessa forma, as pessoas tendem não apenas a selecionar os estímulos de acordo com sua capacidade de poder vê-los e senti-los, mas também pelo desejo e discernimento entre o que se quer e o que não se quer aprender” (IMAI, 2009, p. 107).

Nesta direção, a Antropologia filosófica cita o princípio da autonomia da vida estudado na Biologia, onde cada organismo é um ser monádico, e dessa forma, existem múltiplos universos e visões de mundo: “*Enel mundo de una mosca, dice Uexküll, encontramos solo ‘cosas de mosca’, enel mundo de um erizo de mar encontramos sólo ‘cosas de erizo de mar’*”³ (UEXKULL, 1938 apud CASSIRER 1951, p. 44). Mundos tão distintos, vistos a partir de lentes também particulares, produzem diferentes modos de representação.

O processo de transmissão de informações durante a elaboração de um projeto arquitetônico pressupõe a adoção de códigos de comunicação que sejam legíveis para os diferentes grupos envolvidos. Convém questionar a forma como as pessoas compreendem os ambientes e, em um nível de maior complexidade, como compreendem os ambientes que ainda não foram concretizados. O que diferentes pessoas possuem em comum na compreensão

³ Em um mundo de uma mosca, dice Uexküll, encontramos somente ‘coisas de mosca’, em um mundo de um ouriço do mar encontramos somente ‘coisas de ouriço do mar (tradução nossa).

espacial? O que as une, provavelmente, é que, como são diferentes pessoas, cada uma vê de forma diferente o ambiente, ao mesmo tempo em que, como pessoas pertencentes a um grupo social e cultural, também veem de maneira similar muitas das coisas (IMAI, 2009).

Como exemplo, no estudo de Jing Xiao (2013), *Challenging cavalier perspective: an iconological study of visual perception of depth in Chinese representational space*, o autor argumenta que os artistas chineses da antiguidade tinham uma concepção filosófica e geométrica diferente das concepções adotadas atualmente pelo ocidente. Suas representações também asseguravam a noção de profundidade (ou “encurtamento do espaço pictórico”, como colocado pelo autor) de forma também eficiente em contraponto com a perspectiva ocidental. Tal pressuposto é usado para estabelecer uma análise iconológica das pinturas chinesas que, segundo o autor, sustentam a percepção espacial tridimensional proporcionada pela perspectiva cavaleira ⁴ (Figura 3).

Figura 3 – Perspectiva cavaleira chinesa.



Fonte: XIAO, 2013, p. 313

⁴A axonometria cavaleira é também chamada de perspectiva plana cavaleira. As modalidades de representação em axonometrias são construídas através de três eixos cartesianos: x, y e z. A variação entre eles define o tipo de axonometria como a isométrica, dimétrica, militar ou a cavaleira. A axonometria cavaleira estabelece um ângulo ortogonal frontal entre x e y, enquanto o ângulo da profundidade em z pode ser variável. Esta representação é a mais comumente encontrada nos livros didáticos do ensino médio em todo mundo (SOUZA e outros, 2015). Neste artigo, adota-se o termo perspectiva cavaleira por convenção.

Por meio do levantamento histórico de algumas representações chinesas, tanto da Arquitetura quanto de paisagens, o estudo referenciado demonstra como os objetos são transformados em formas achatadas, onde é forçada a perda psicológica do sentido de profundidade da visão, para depois reconstruir o sentido tridimensional do espaço de forma pictórica. Esse procedimento repercute também nos ambientes construídos chineses que possuem intensa percepção sensorial. O autor usa como referência um levantamento comparativo sobre diferentes formas de representação em diferentes culturas (Quadro 2), a fim de reforçar a heterogeneidade das representações em um contexto filosófico e cultural (HANGEN, 1986 apud XIAO, 2013). O quadro descreve alguns aspectos geométricos de quatro formas de representações culturais. Nele, são especificados: *number* como quantidade de pontos de fuga; *distance* como distância do ponto de fuga; *angle* como ângulo entre os planos; *lines* como posicionamento das linhas de construção; *planes* como posicionamento entre os planos de construção; *geometry* como tipo de geometria obtida; e 2D/3D como dimensionalidade obtida.

Quadro 1 – Redrafted according to four styles: station point options.

STYLE	NUMBER	DISTANCE	ANGLE	LINES	PLANES	GEOMETRY	2D/3D
European	Simple	Middle	Oblique	Convergent	Intersecting (parallel)	Projective (similarity)	3D
Egyptian	Multiple	Optical infinity	Frontal	Parallel	Parallel	Orthogonal	2D
Northwest Indian	Multiple	Optical infinity	Oblique	Parallel	Intersecting	Affine	2D
Japanese	Simple	Optical infinity	Oblique	Parallel	Intersecting	Affine	3D

Fonte: HANGEN, 1986, p. 114 apud XIAO, 2013, p.238.

Apesar do autor focar na qualidade da perspectiva cavaleira na construção da percepção tridimensional do espaço, todas as representações por ele citadas parecem também proporcionar uma construção mental do espaço. Nesse sentido, isso pode ir além da bidimensionalidade, ou mesmo da tridimensionalidade, uma vez que se trata da relação do sujeito com o espaço e o tempo. Pelo seu argumento, demonstrado geometricamente, a perspectiva cavaleira oferece caminhos para que a concepção do espaço seja construída tridimensionalmente, como mapas direcionando um trajeto. Indo além do que Xiao (2013) demonstrou com aquela representação, entrevê-se que

as outras representações também podem conter um código a ser decifrado para que a construção espacial seja experienciada, como parece ser o caso da representação egípcia tradicional, conhecida como perspectiva plana, tão hermética quanto os próprios hieróglifos (Figura 4).

Figura 4 – Representação egípcia.



Fonte: XIAO, 2013, p. 313.

A cultura russa também traz uma contribuição relevante para este tema. Pável Floriênski⁵ contextualizou e defendeu a perspectiva inversa bizantina (Figura 5), como uma técnica que explora a relação “entre o corpo e o espaço, as aproximações e os distanciamentos no tempo, com o corpo em movimento, nunca imóvel, através de interações que levam a uma apreensão mais íntegra da experiência humana no mundo” (FLORIÊNSKI, 2012, p. 12).

⁵ Pável Floriênski (1882-1937) é considerado um grande teórico das representações na história da cultura humana, embora pouco conhecido no ocidente. Visto por muitos como o “Leonardo da Vinci russo”, foi matemático, filósofo, inventor, teólogo e padre da Igreja Ortodoxa. Foi um dos responsáveis pela eletrificação da Rússia no período de Lenin, foi perseguido e preso no regime stalinista, onde nos campos de trabalhos forçados de Solovki foi o inventor da técnica de extração e produção de iodo a partir de algas. Foi executado juntamente com outros prisioneiros em 1937, em uma floresta nas proximidades de São Petesburgo, então Leningrado, onde hoje existe uma usina.

Figura 5 - Perspectiva inversa bizantina.



Fonte: FLORIÊNSKI, 2012, capa.

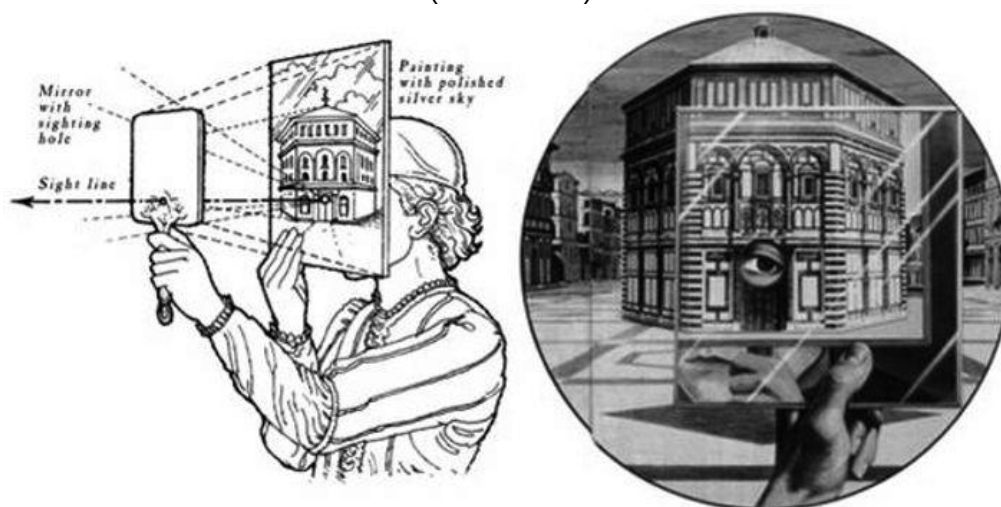
Aqui, também, a percepção do espaço por meio das representações é vista como subjetiva e mental, por isso simbólica. O autor demonstra através de estudos de Física Óptica, que, mesmo fisiologicamente, o olho humano quase nada vê. A imagem não se faz de modo objetivo e totalmente geometrizado, mas de um modo muito mais complexo e mental.

Na cidade de Florença do séc. XV, o arquiteto e escultor renascentista Filippo Brunelleschi redescobriu os princípios da perspectiva cônica já usados por Anaxágoras a partir de técnicas providas da representação de cenários teatrais no século I a.C. (FLORIÊNSKI, 2012). Os estudos de Leon Battista Alberti, em seu livro *On painting* (1435), foram fundamentais nessa racionalização. Os adeptos do Renascimento aprimoraram a técnica de Anaxágoras e desenvolveram inúmeros experimentos, a fim de alcançar a então valorizada representação objetiva da “realidade” (Figura 6). Leonardo da Vinci exemplifica o processo pelo qual o artista deveria se colocar para produzir uma perspectiva:

Demonstrate how nothing can be seen except through a small fissure through which passes the atmosphere filled with images of objects that cross in front of one another between the thick opaque sides of the said fissure. To this end, nothing immaterial can discern the shape or color of an object, it being understood that a thick, opaque instrument is necessary if, through its fissure, the images of objects are to take on

color and form⁶ (DA VINCI, Codex Atlanticus, p. 345 recto *apud* DAMISCH, 1995, p. 100).

Figura 6 - Representação do Baptistério de Florença segundo as Regras da Perspectiva (Brunelleschi).



Fonte: DIAZ, 2017.

Na configuração desse novo paradigma histórico da relação do sujeito com o espaço e o tempo, em que a cultura contemporânea ainda se insere, Panofsky colocou “a perspectiva como um triunfo do sentido distante e objetivo da realidade, ou como a expansão da esfera do eu” (PANOFSKY, 2003, p. 49).

O estandarte para o modo único de perceber e representar o espaço

Embora os renascentistas buscassem a representação objetiva e geometrizada do espaço, teóricos como Panofsky e Damisch ressaltaram o caráter figurativo que a representação perspectivista também assume frente às outras técnicas históricas de representação.

If those participating in the experiment believed they were seeing "truth" itself in the mirror, truth proper (*l proprio vero*), that is because both the perspective construction and the experimental apparatus, of which the painting was an integral part, established conditions that are those, as Merleau-Ponty would say, of the "adult" vision (and, as such, desexualized?) of the world, the same one from which our reflexive tradition derives its standards of truth. As for the phase effect attached to the demonstration, it was the result, simultaneously (as if suggested by the reference to the "mirror stage"), of the discovery if a

⁶ Demonstre como nada pode ser visto exceto através de um pequeno orifício através do qual passa a atmosfera preenchida de imagens de objetos que se cruzam em frente uns aos outros devido à profundidade, lados opacos do referido orifício. Para isso, nada imaterial pode descrever a forma ou a cor de um objeto, sendo este entendido como profundidade, um instrumento opaco é necessário se, através deste orifício, as imagens dos objetos assumirem cor e forma (tradução nossa).

form that imposed itself on the gaze with an unprecedented pregnancy and of the properly reflexive character of an operation that invoked, through projection, an instance analogous to that of the "I" - insofar as it is true that the letter can only find satisfaction in a liaison, in a unification of surfaces, because it is from this synthesis, and from it alone, that it originates and derives the ground of its being⁷ (DAMISCH, 1995, p. 125).

Em 1919, Floriênski apresentou um polêmico relatório para a Comissão para a Conservação dos Monumentos e Antiguidades do Monastério da Santa Trindade de São Sérgio. O documento rebate que as técnicas dos pontos de fuga adotadas no Renascimento não foram usadas por muitas culturas da Antiguidade, não por desconhecimento, afinal, essa percepção visual de profundidade é imediata até mesmo para uma criança, mas antes, para não corromper a natureza de suas representações. Na arte egípcia, “as correlações perspécticas, se fossem notadas, não seriam admitidas” e (...)”demonstra mais a maturidade e até a maturidade senil de sua arte, do que a sua inexperiência infantil”(FLORIÊNSKI, 2012, p. 36).

Assim, a ausência de profundidade nos relevos planos das culturas milenares babilônicas e egípcias é decorrente da natureza canônica dessas representações e, ainda hoje, não alcançamos a completa compreensão de seus significados. Assemelhando-se à própria linguagem dos hieróglifos, elas alcançaram um sentido hermético, característica de culturas maduras e complexas, e de modo algum pode ser confundido como inexperiência ou desconhecimento sensorial. Sua arquitetura é considerada extremamente rica, sobretudo quando focamos na percepção sensorial, que não privilegia a visão frente aos outros sentidos, como o tato. As esculturas e construções obedeciam a um rigor geométrico avançado, e como argumenta Floriênski, o historiador matemático alemão Motriz Cantor (1829-1920) assinala que os egípcios já possuíam pressupostos geométricos da perspectiva e, se não a faziam, deveria ser por escolha. Fato também relevante descrito por Floriênski foi sobre a

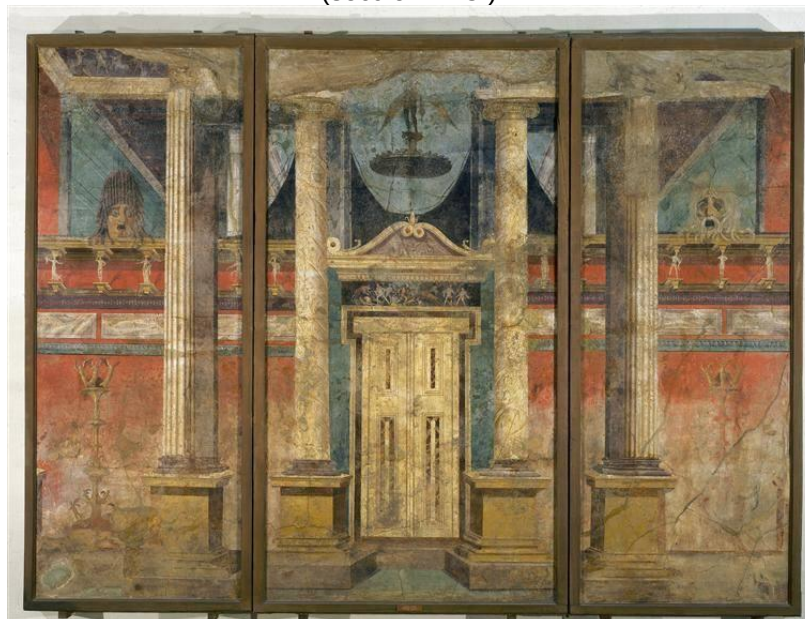
⁷ Se os participantes do experimento acreditavam estar vendo a própria "verdade" no espelho, verdade propriamente dita (*I proprio vero*), é porque tanto a construção da perspectiva quanto o aparato experimental, do qual a pintura era parte integrante, estabeleceram condições que são aquelas, como diria Merleau-Ponty, as da visão "adulta" (e, como tal, dessexualizada?) do mundo, a mesma da qual nossa tradição reflexiva deriva seus padrões de verdade. Quanto ao efeito associado à demonstração, foi o resultado, simultaneamente (como se sugerido pela referência ao "estágio do espelho"), da descoberta de uma forma que se impunha ao olhar com uma austeridade inédita e da caráter propriamente reflexivo de uma operação que invocava, por projeção, uma instância análoga à do "eu" - na medida em que é verdade que a letra só pode encontrar satisfação em uma ligação, em uma unificação de superfícies, porque é a partir desta síntese, e somente dela, que origina e deriva a base de seu ser (tradução nossa).

invenção da técnica da perspectiva, que, segundo Vitrúvio, é atribuída a Anaxágoras, filósofo grego do período pré-socrático (500 a. C. – 428 a. C.) a partir de técnicas provindas da representação de cenários teatrais:

É notável que tenha sido justamente Anaxágoras – aquele mesmo Anaxágoras que tentou converter o Sol e a Lua, deidades vivas por excelência, em pedras incandescentes, e substituir a divina criação do mundo por um turbilhão central no qual teriam surgido os astros – aquele a quem Vitruvius atribui a invenção da perspectiva, e, além disso, da assim denominada pelos antigos, *scaenografia*, isso é, pintura de cenários teatrais. De acordo com o relato de Vitruvius, quando Ésquilo encenava suas tragédias em Atenas, por volta de 460 a. C., o famoso Agatharcus criou para ele os cenários e escreveu sobre estes um tratado, o *Commentarius*. Foi exatamente nesta ocasião que Anaxágoras e Demócrito decidiram investigar a pintura de cenários. A pergunta por eles colocada era: como as linhas devem ser traçadas sobre um plano para que, ao tomar um determinado centro, os raios traçados a partir de um olho correspondam aos raios traçados a partir de um outro olho que se encontra no mesmo lugar na direção dos respectivos pontos de um edifício, de maneira que a imagem do objeto real sobre a retina, falando de maneira moderna, corresponda às mesmas linhas do cenário que representa o dito objeto? (FLORIÊNSKI, 2012, p. 36 a 37).

Visto assim, a partir de então, entendemos o parecer apontado por ele aonde o palco estaria montado para a encenação da cultura moderna. Para Floriênski, o mundo todo visto como cenário tinha ali a sua gênese (Figura 7).

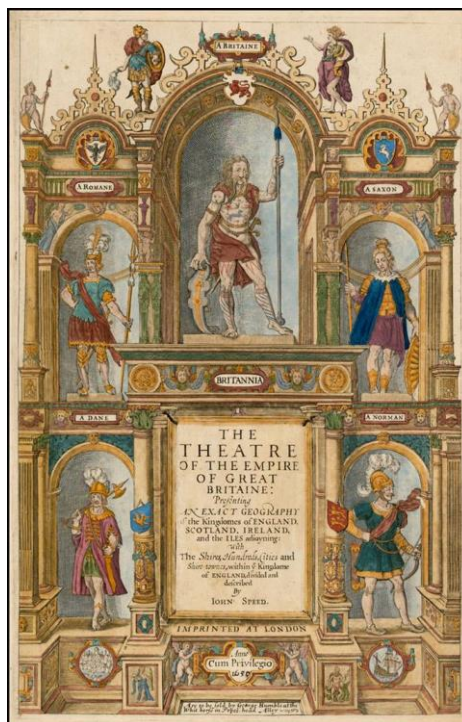
Figura 7 - Agatharcus de Samos, afresco de Boscoreale, Vila de Publius Fannius Sinistor Itália (século I A. C.).



Fonte: TUDELLA, 2013.

De forma análoga, nessa visão do mundo como cenário, David Harvey (2006) também ressalta a importância da técnica da perspectiva para a compreensão da experiência espacial e temporal em nossa cultura, onde o mundo é compreendido a partir do “olho que vê”. Basta olhar para entender; Essa representação é concebida como algo, de certa forma, verdadeiro em relação às verdades sobrepostas da mitologia ou religião. “A ligação entre o individualismo e o perspectivismo é relevante; ela forneceu o fundamento material eficaz aos princípios cartesianos de racionalidade que foram integrados ao projeto do Iluminismo” (HARVEY, 2006, p. 223). A perspectiva retrata o ponto de vista de um determinado momento histórico para uma consciência individual isolada, e pode-se dizer espectadora. Por essa nova forma de ver, todo o mundo é um palco representado em um teatro chamado *The Globe* (FIGURA 9). Como contrapartida, os títulos dados comumente a atlas e mapas eram tais com o *Theatre of the Empire of Great Britain* e o atlas francês *Théâtre Français de 1594* (HARVEY, 2006). Seguindo esse caminho, mais adiante nos deparamos com a construção de paisagens (rurais e urbanas), segundo os mesmos princípios do cenário teatral, uma vez que a natureza é dessacralizada para ser dominada, explorada e emoldurada.

Figura 8 - The Theatre of The Empire of Great Britaine by Iohn Speed, 1650.



Fonte: RUDERMAN, [2017].

Os estudos de Floriênski apontam que muitas obras referenciadas neste período tiveram a leis da perspectiva burladas, a fim de favorecer a grandiosidade pretendida do cenário, em detrimento da técnica geométrica pura (FLORIÊNSKI, 2012). No exemplo do Afresco da Escola de Atenas de Rafael Sanzio (Figura 9), as figuras humanas seriam muito menores se obedecessem ao enquadramento das linhas de fuga, fato que contradiz a irrefutabilidade da geometria. Para mascarar esse artifício, o autor encobre a linha do horizonte com os personagens retratados.

Figura 9 - Rafael, Escola de Atenas, 1510, afresco, 500x700cm, Palácio Apostólico, Vaticano (as linhas brancas indicam o ponto de convergência).



Fonte: Floriênski 2012: 73.

Estudos dessa ordem revelam que a perspectiva renascentista parecia não ter como objetivo a verdade da existência, mas a verossimilhança da aparência, e para o autor, um cenário é um engano, imitação de uma superfície da vida, um simulacro (FLORIÊNSKI, 2012). Esse processo teria substituído a pessoa viva pelo espectador envenenado pela ilusão. E de forma enfática, Floriênski defende que a perspectiva renascentista poderia representar, minimamente, o ponto de vista de um Ciclope estático, quando fornece a representação mecânica e estática a partir de um único olho, o direito, de um mundo cartesiano também estático. E parece forçoso admitir, uma vez que a técnica não mente. Os estudos sobre a concepção espacial e temporal preconizados por Floriênski estão sendo atualmente revisitados. Alguns autores

apontam interfaces com os princípios da relatividade colocados por Albert Einstein (1879 – 1955), seu contemporâneo, quando aborda o espaço e o tempo de forma descontínua e heterogênea (CHASE, 2015).

Nessa abordagem que se pretende hermenêutica, onde toda imagem poderia entendida como linguagem, Cassirer (1951), já na Grécia do séc. V a.C., declara que Demócrito foi o primeiro filósofo a defender que a linguagem humana surge de sentimentos, contrariando teorias que apontam a origem das palavras através da onomatopeia. Línguas diferentes, culturas diferentes, visão de mundo igualmente diferente. Aprender uma linguagem não é tarefa fácil para aqueles que realmente se aprofundam em seus mundos. Romper barreiras, quebrar paradigmas, aprender percepções diferentes, e com isto, olhar com nova luz a própria língua, e o próprio mundo. “*Quien no conoce idiomas extranjeros tampoco conoce el suyo propio*” (GOETHE, *Sprüche in Prosa, Werke LXII*, pt. II: 118 apud CASSIRER, 1951, p. 190). Basta comparar duas línguas díspares como o inglês e o sânscrito. A primeira precisa, direta e concisa, aproximadamente 250.000 palavras, segundo o *Oxford English Dictionary*. Já o sânscrito, como língua litúrgica, expressa aquilo que vai além da palavra. Estudos recentes apontam 74.000.000 palavras (KAPUR, 2010). Muitas traduções acabam por impor significados forçados com o intuito de tangenciar culturas distintas. Essa barreira dificulta sobremaneira o reconhecimento de valores de culturas diferentes, como os das culturas tradicionais frente os da moderna. Essa dificuldade é percebida quando não se encontra tradução para a palavra material ou imaterial na língua africana yorubá. Sobre o interfaceamento com essa cultura, Yai (2003) esclarece que os valores africanos são pautados, sobretudo, na compreensão da “vida como um rio”, onde “tudo está em tudo”, de modo que “o imaterial está no material, e o material está no imaterial”.

É necessário dizer a esse propósito, como é reveladora a dificuldade que se tem de se traduzir nas línguas africanas, as noções de “Patrimônio Cultural Material” e/versus “Patrimônio Cultural imaterial”. É o preço de uma ginástica linguística perigosa em locuções que estas duas noções não poderiam ser traduzidas sem danos para as nossas línguas Africanas. Poderia parecer que os intelectuais são monolíngues (que se tornaram tradicionalistas, por exemplo), ou seja, aqueles que pensam, teorizam e concebem as nossas línguas, acham suspeito, ou na melhor das hipóteses, bizarra, esta oposição dicotômica. Não que fique bem entendido, que o africano seja incapaz

de conceber categorias aristotélicas. Todo o ser humano é capaz entender outro cenário conceitual ou filosofia. Mas é necessário se render à evidência de que os fatos das categorias aristotélicas não são universais filosóficos, e que eles se enquadram mal nas premissas básicas das filosofias da tradição africana, para as quais TUDO ESTÁ EM TUDO (YAÏ, 2003, tradução nossa).

Em se tratando da representação da Arquitetura, tal paralelo entre a linguagem escrita e a linguagem gráfica parece apontar alguns caminhos. Harvey (2006) também coloca a influência do novo conceito de espaço e tempo infinitos forjado na renascença sobre as modalidades literárias de representação inglesas, tais como Shakespeare (1564 - 1616), Jonh Donne (1572 -1631) e Adrew Marvel (1621 - 1678). Um apurado senso de

(...) ordem e equilíbrio, unidade e simetria, dominou as letras, a música e as artes plásticas do período, dando-lhes uma aparência de segurança e uma conformação que pode ser considerada estática em comparação com o dinamismo dramático do barroco subsequente"(VIZIOLI, 2017, p. 127).

Neste sentido, Cassirer descreve sobre a transição que a linguagem sofreu durante a história da humanidade, partindo de um sentido metafórico (fora da palavra) para outro semântico (focado na palavra), quando diz que, para o homem tradicional, a linguagem é mágica; Já para o homem moderno, ela é a própria realidade. Mas “a realidade física parece retroceder à medida que a atividade simbólica avança”(CASSIRER, 1951, p. 46) de modo que toda linguagem é, em essência, metafórica.

Crary (1990), no campo de estudos relacionado às mídias, destacou-se importantes mudanças ocorridas a partir do Renascimento e que culminaram nos dias atuais. O modelo renascentista da “câmera escura”, que predominou até fins do século XVIII, gerou um distanciamento do sujeito em relação ao mundo, pela própria configuração do aparelho que isola o primeiro e transforma tudo ao seu redor em exterior. O ato de ver foi descorporalizado, uma vez que o corpo físico não participava do processo de significação. Para o autor, o sujeito assumiu a posição de espectador, como também Floriênski (2012) e Panofsky (2003), que o compararam a um ciclope estático (referenciado ao olho direito em que se apoia a técnica da perspectiva) e assiste a um mundo também estático e cartesiano. Talvez a crítica maior não tenha sido tanto a

visão em si, afinal, ela deve ser usada, não nos pretendemos ciclopes, mas muito menos cegos. A questão latente ainda pouco explorada por eles, pelo menos com o viés proposto aqui, é a normatização da visão.

A partir do século XIX, novos aparatos técnicos de visualização (como estereoscópio que produz visão binocular e tridimensional através da sobreposição de planos multifocais) reposicionaram o sujeito. Com esse novo aparato, a visão se materializou e se corporificou (atentemos que não na realidade, mas na imagem) se fundindo com as muitas possibilidades agora aferidas ao sujeito. O sujeito assumiu a posição de observador, ou mesmo *voyer*, devido a sua maior relação de intimidade com a imagem. Contudo, não deixava de obedecer às prescrições do aparelho. Machado reafirma esta diferenciação entre espectador e observador, uma vez que “não havendo ponto de fuga ou ponto de vista únicos, não há também hegemonia de um código perspectivo unilocular, como aquele que norteou toda a história da iconografia ocidental a partir do século XV” (MACHADO, 2002, p.233).

Embora também assinalemos a mudança ocorrida na relação entre a representação mental e o objeto, como reafirma Machado (2002) a partir das teorias de Crary (1990), entendemos que o paradigma da visão de mundo do Renascimento, o seu estandarte, ainda hoje não foi superado e sim sofreu um *upgrade*. Nesta nova fase deste paradigma, o sujeito parece ter sido engolido pelo cenário, dada as próteses acopladas ao seu corpo que o inseriu em um outro tipo de imagem, e mais recentemente na realidade virtual.

Avançando um pouco mais até quando Crary (1990) teorizou, poderíamos supor que a posição em que o sujeito ocuparia a maior expansão sensorial e consciencial seria a de contemplador, no sentido de examinar e considerar profundamente. Essa sua origem etimológica veio da junção de duas palavras de raízes latinas, *cum* – com e *templum* – templo. Se colocasse em um estado de grande atenção e comunhão com o objeto a ponto de torná-lo sagrado. Eliade (2001) fez referência a este estado alcançado pelo sujeito de algumas culturas tradicionais quando cunhou o termo hierofania. Contudo, acha-se demasiado otimista e especular que o avanço da tecnologia possibilitaria o retorno ou resgate do contemplador. Neste, a percepção se

mostraria pessoal, intransferível, e incodificável, o que parece fugir ao perfil das informações plausíveis de serem mapeadas e codificadas pelas novas tecnologias.

Talvez ainda se possa contribuir ainda com a discussão sobre as diferentes formas de perceber e representar o mundo, sem, contudo, ter a intenção de esgotar o tema. Mas de forma a procurar alguma interface, mesmo que tênue. A arte sempre foi vista como ponta de lança para o entendimento da formação de uma cultura. Vários artistas do decorrer da história romperam ou questionaram o *status quo* da visão de mundo de uma época ou de uma cultura. Em maio de 2017, um novo recorde foi alcançado para o leilão de uma obra de arte de um artista norte-americano. O quadro sem título de Jean-Michel Basquiat ⁸, de 1982, foi vendido pelo preço de US\$ 110,5 milhões, no leilão de arte contemporânea realizado em Nova York pela casa Sotheby's (Figura 10). O que chama a atenção na obra de Basquiat, em particular, é a mesclagem e sobreposição de imagens e informações. A linguagem é usada de forma subversiva, como o próprio artista declara que, acreditem ou não, ele realmente sabia desenhar, mas que lutava contra isso sempre (Figura 10).

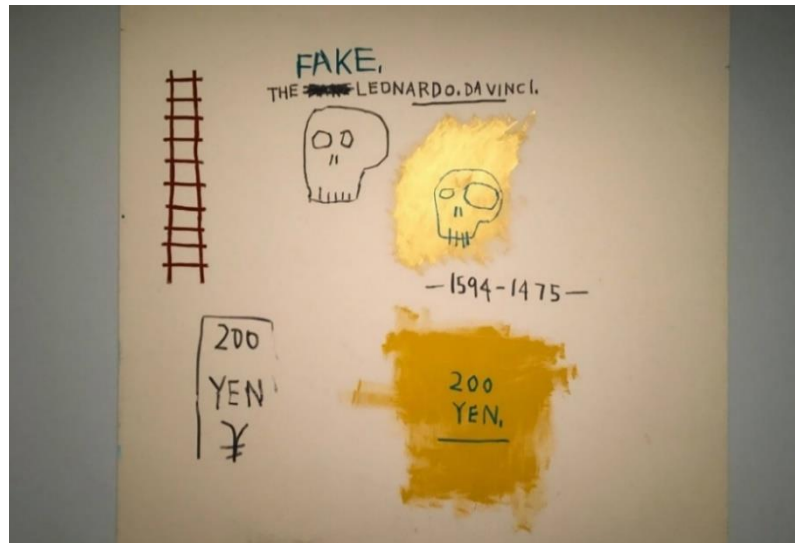
Figura 10 - Obra sem título de Basquiat e seu comprador Yusaku Maezawa.



Fonte: Floriênski 2012: 73.

⁸ O artista nasceu no bairro nova-iorquino do Brooklyn, de pai haitiano e de mãe porto-riquenha. Tinha 27 anos quando morreu em 1988 de overdose. A pintura a base de tinta acrílica, lápis de cera e spray (1,83 metros de altura e 1,73 de largura), apresentando um perfil em forma de caveira, foi comprada pelo empresário e colecionador de arte japonês Yusaku Maezawa, fundador do comércio on-line Start Today. O recorde para a obra de arte mais cara vendida em um leilão pertence a Pablo Picasso, com 179,4 milhões de dólares. Dez obras até hoje já foram leiloadas por mais de 100 milhões de dólares.

Figura 11 - "Believe it or not, I can really draw but I try fight against that usually." Basquiat.

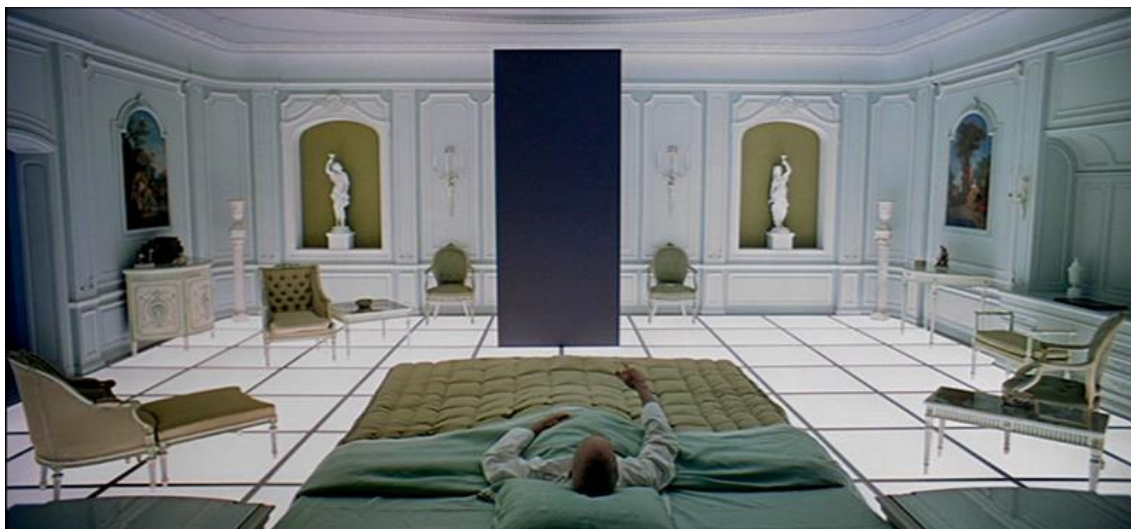


Fonte: Arquivo pessoal.

A negação que o artista declara ao sistema de representação renascentista e, consequentemente, à filosofia que lançou as bases da cultura ocidental moderna, também é encontrada em outros artistas ou formas de expressão artística. O filme de ficção científica *2001: Uma odisseia no espaço*, 1968⁹ (Figura 12).

⁹ Filme produzido e dirigido por Stanley Kubrick, coescrito por Kubrick e Arthur C. Clarke, foi baseado parcialmente no conto *The Sentinel* do próprio Clarke. Ele retrata a odisseia da evolução humana em vários aspectos onde o conhecimento e o uso da técnica, marca da existência humana, direciona o enredo do filme. Desde o momento em que um hominídeo, após se deparar com imenso monólito negro, reconhece a utilidade de um osso como ferramenta e o lança no espaço, até o momento em que a figura do homem transcendente, diante do mesmo monólito, é desafiado a romper com seus paradigmas existenciais de tempo e espaço representado no filme por um quarto renascentista. O enredo também retrata o embate travado entre o ser humano, na figura do Dr. Dave Bowman (cujo significado do nome é o filho predileto que tem boa memória), e a AI - *Artificial Intelligence*, na figura do supercomputador HAL 9000 (*Heuristically Programmed Algorithmic*). O filme é rico em discussões filosóficas entre os dois protagonistas onde eles disputam o comando da nave e o direito de chegar ao destino traçado pelo enigmático monólito.

Figura 12 - 2001: Uma odisséia no espaço. Ato 4: Júpiter.



Fonte: SOARES, 2017.

Nesse longa, a possibilidade do homem avançar em uma nova técnica ou filosofia existencial aparece como algo misterioso, temido, ou mesmo mágico, ainda incompreensível para a razão vigente.

A arquitetura contemporânea se vinculada à representação do espaço

Representar o mundo em que se vive, ou aquele em que se quer viver, sempre foi uma necessidade humana. Desde as representações rupestres até as atuais representações em ambientes virtuais, o ser humano almeja registrar algo que lhe é caro. Também na Arquitetura e Urbanismo, diante de um universo de possibilidades, a escolha do que e como será representado parece passar por um crivo de valores. “Dessa forma, as pessoas tendem não apenas a selecionar os estímulos de acordo com sua capacidade de poder vê-los e senti-los, mas também pelo desejo e discernimento entre o que se quer e o que não se quer aprender” (IMAI, p. 107, 2009). Por esse caminho, considerando a representação como imagem, até mesmo a escrita como um meio na qual a informação revela ou oculta, haverá sempre um distanciamento entre a imagem e a realidade, e a consequente desvalorização da última. Na representação da Arquitetura, “a origem e o destino da informação em um processo projetual são cérebros humanos, que são, portanto, passíveis de subjetividades, podem influenciar esse processo e os canais de comunicação das mais variadas formas”(IMAI, p. 106, 2009).

Sobre a arquitetura contemporânea

Em 1485, o renascentista Leon Batista Alberti escreveu um Tratado de Arquitetura, *De re Aedificatoria*, o primeiro livro impresso sobre arquitetura do período do Renascimento. Segundo Brandão, a razão ou visão de mundo que elabora o desenho de arquitetura, na idealização de Alberti, difere da pintura, escultura e perspectiva por ser “uma razão técnica que compreende o mundo, a natureza e o contexto, antecipa a realidade humana e a ela se destina” (BRANDÃO, 2016, p. 126). O tratado instaura a arquitetura como parte das *ars liberalis* e, desse modo, a transforma em uma das protagonistas do humanismo “por ela ser o paradigma de atos que derivam do pensamento, da teoria. Os *lineamentis* da arquitetura compreendem isso” (BRANDÃO, 2016, p. 126). Anterior a Alberti, a obra *De Architectura* (27 a 16 a.C.) de Vitrúvio¹⁰ também atribuiu caráter intelectual à profissão. Desse modo, o representar a arquitetura passa aos poucos a ser visto como a principal atribuição do arquiteto, “nos anos 600 começa a ser aceita ideia de que o arquiteto não representa um espaço, uma realidade que existe por fora dele, senão que essa realidade se vai determinando através das próprias formas arquitetônicas” (ARGAN, 1973, p. 18). No Iluminismo, o avanço da geometria ratifica a razão como ordenadora do Universo e o caráter intelectual do arquiteto passa a determinar o espaço.

Brandão (2016), tomando o pensamento *lineamentis* da arquitetura instaurado por Alberti, teoriza que o tratado de Alberti orienta sobre uma arquitetura duradoura e universal, “ao contrário, portanto, de grande parte de nossa produção contemporânea, determinada pelas obsolescências e instabilidades próprias à sociedade do consumo e do espetáculo” (BRANDÃO, 2016, p. 59). Outros autores como David Harvey, Palasmaa, Fernando Fuão, dentre outros, alegam como direta a consequência do pensamento renascentista para muitos dos problemas vivenciados na cultura e na arquitetura contemporânea. Com a formação do pensamento humanista, na busca pelo universal e visão antropocêntrica, com o fundamento da técnica em perspectiva, Alberti favoreceu a criação de uma linguagem padrão para os doutos deste ofício.

¹⁰ Flávio Kothe situa a figura e a obra *De architectura* de Vitrúvio como fundamentais para a formatação da arquitetura neoclassicista renascentista e para que a Igreja Católica da época construísse seus templos alinhados com os novos valores emergentes.

Embora todas as normas albertianas para a arquitetura ou para o arquiteto ideal não tenham sido tão ampla e profundamente absorvidas pelos arquitetos que o sucederam, ao menos o *status* de idealizador do mundo parece ter ficado. E talvez seja exatamente, devido a interface com o tema em discussão o elo perdido.

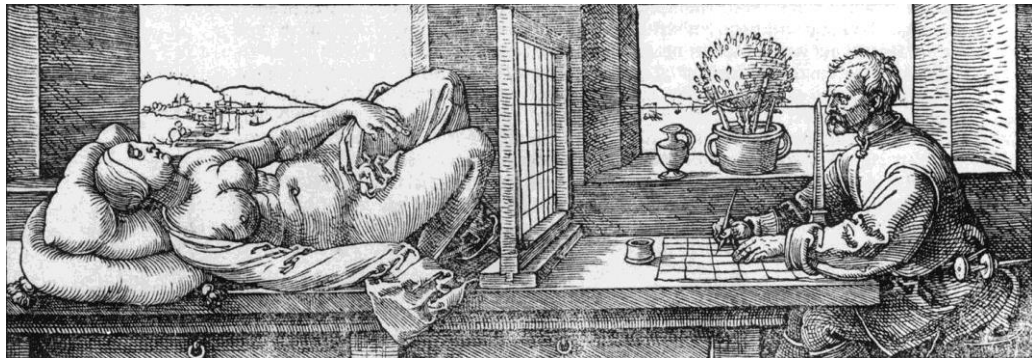
Encontrar um padrão na aparente imperfeição da vida se diferencia de encaixar a vida em um padrão. No primeiro, há um acordo com as regras existentes, sejam elas quais forem, incluindo a natureza; no outro há a subversão daquelas e a criação de novas. Os renascentistas se colocaram no papel de romperem com as regras do que eles viam como a “Idade das Trevas”. Assumir o próprio destino à luz da razão, criar um novo mundo e um novo homem. Talvez o “humano mais que humano”, como é dito em alguns enredos do cinema de ficção científica¹¹. A natureza humana parece ser mesmo rebelde como condição criativa. “A natureza criativa é mesmo revolucionária e envolve um comprometimento muito sincero entre o eu e suas representações” (FUÃO, 2008). O amadurecimento parece se dá em discernir quais normas vale a pena seguir.

Com o intuito de estabelecer as regras deste novo mundo, os *lineaments* da arquitetura se apoiaram cada vez mais na matemática para apropriação do real. A instauração do espaço infinito levou à necessidade de criar técnicas que o representasse. Albrecht Dürer (1471 a 1528, Alemanha) avançou nos conceitos de Vitrúvio e de Alberti, estabelecendo as bases da projeção ortográfica (Figura 14), que seria sistematizada mais adiante, com a projeção ortogonal de Gaspar Monge (1746 a 1818, França).

A partir do estudo da perspectiva de Dürer, estabelecemos uma interpretação das suas duas partes: a da direita, o corpo da mulher nua é do mundo das paixões, dos sentimentos, enquanto a da esquerda, o pintor coloca a imagem num quadrilátero geométrico, significando que (PANISSON, p. 69, 2007).

¹¹ A exemplo do filme de ficção científica Blade Runner: o caçador de androides (1982) e sua sequência Blade Runner 2049 (2017).

Figura 13 – Desenhando a mulher nua, gravura extraída da ‘maneira de medir’ da obra de Üder *Weysung der messung mit dem Zirckel und richt/Scheyt*, edição de 1538.



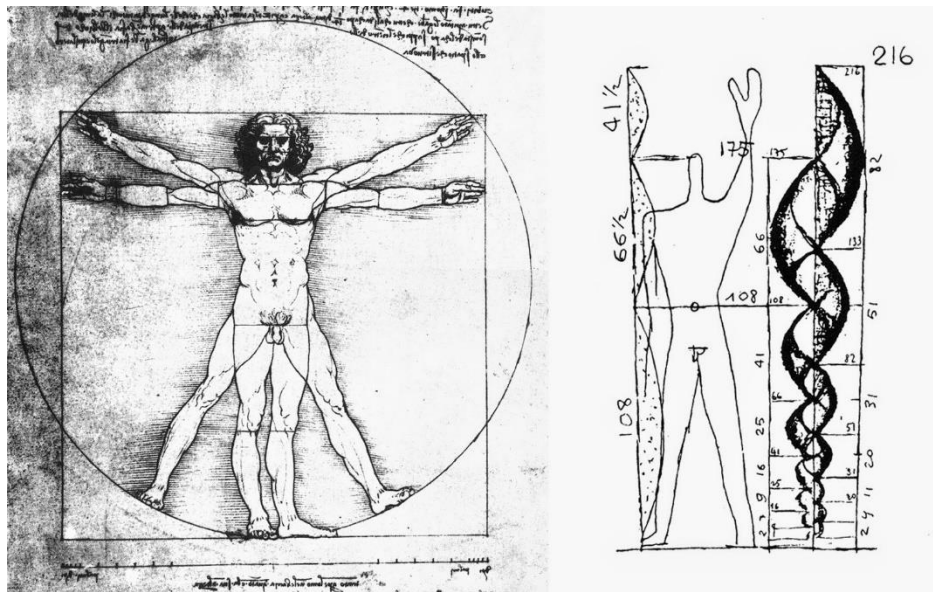
Fonte: PANISSON, 2007, p. 70.

O método mongeano, por sua vez, atendeu às prerrogativas da Revolução Industrial. A universalidade reduziu o artesão a um operário e a infinitude de recursos, uma vez que o espaço passou a ser infinito; como também a padronização, que gerou produtividade e lucros.

O método encerra em seu interior a falácia de uma criatividade infinita, de que se pode criar o que quiser dentro dele. Normalmente, métodos e teorias que exigem um alto grau de visualização para figurar as abstrações e conceitos no pensamento acabam por gerar uma certa atrofia e entorpecimento das resultantes criativas. Em alguns casos mais complexos, a mente não consegue figurar nada, apenas as próprias figuras, letras e números das equações ou fórmulas: é como ler não sabendo o que se está lendo (FUÃO, 2008).

Dessa forma, Alberti, ao elaborar o tratado de arquitetura *De re Aedificatoria*, funda o mundo ideal e estabelece as normas de seu próprio paraíso. Um mundo antropocêntrico de ideias humanistas, em que o ser humano ideal instaura a *res-pública*. O arquiteto se isola em sua mente, agora seu mundo, com suas regras e, com isso, renega sua interação com o TODO, com a Natureza, inclusive com a natureza de seu corpo. Nesse mundo idealizado, o corpo humano também precisou sofrer adequações para se enquadrar no Homem Vitruviano de Leonardo Da Vinci (1490), referente ao Renascimento, e mais tarde, com o Modulor de Le Corbusier (1948), referente ao Modernismo (Figura 14). Essas padronizações históricas parecem representar o cerne deste pensamento.

Figura 14 – Homem Vitruviano de Leonardo Da Vinci (1490) e o Modulor de Le Corbusier (1948)



Fonte: ARELLANO, 2019.

Revisitando uma das referências de Da Vinci e de Corbusier na elaboração deste padrão, é possível, hoje, rever certos conceitos a fim de avançar nessa aproximação. Protágoras (481 a.C. a 411 a.C.), considerado o pai dos sofistas, estabeleceu o cerne de sua filosofia com o pensamento, “o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, das coisas que não são, enquanto não são”. A medida, para ele, é um juízo, prerrogativa da experiência pessoal. Padronizar a medida seria uma tentativa de padronizar a experiência. Paradoxalmente, Protágoras foi a referência inicial.

Não é necessário ser um especialista em arquitetura ou anatomia para deduzir que a medida do modulor aludia ao corpo de um homem caucasiano de 1,83 metros que aparecia constantemente nos filmes de Hollywood, nas revistas ou na televisão – o que nos dá algumas pistas de como se consumia a arquitetura neste momento e sobre sua relação com o espetáculo (ARELLANO, 2019).

Com olhar semelhante, Fernando Fuão contextualiza a filosofia da época renascentista para o estabelecimento da perspectiva, como um novo paradigma frente ao mundo ocidental. Estabelecia-se, ali, as bases reconhecidas ainda hoje em nossa cultura:

Foi nesta época que a pirâmide, que articulava o cosmo-mundo segundo o eixo vertical ascendente-descendente, foi derrubada. Ao se inverter a pirâmide substituiu-se o olho divino, localizado no vértice superior, pelo olho humano, colocando-o no vértice deitado. Essa seria exatamente a pirâmide visual, a veduta de Alberti, que proporcionava

o efeito de profundidade na superfície da tela, ilusão da realidade, diametralmente oposta à representação e organização medieval. Esse foi o princípio de uma gramática universal das imagens que se estabeleceria nos séculos seguintes com todos os tratados de pintura e perspectiva, em outras palavras, estabelecendo as origens das imagens técnicas, da fotografia. É justamente essa orientação imposta pelas imagens técnicas estabelecidas basicamente mediante os critérios de luz, distância, e fotogenia, que norteia nossa vida atual, nossos sentidos (FUÃO, 2003, p. 14).

Para Fuão, “os primeiros passos para uma organização dos sentidos, tal como compreendemos hoje, foram dados no Quatrocentos, quando se inventou a perspectiva e se utilizaram de vários instrumentos ópticos para a representação em profundidade” (FUÃO, 2003, p. 17). Essa origem da padronização da percepção tendeu a privilegiar o sentido a ela referenciado também para a arquitetura. “Sentido este que logo se fez reticulado como um tabuleiro seguindo as regras gramaticais da confecção da perspectiva: pirâmide visual albertiana, pontos imaginários no infinito, linha do horizonte, distância do observador, etc.” (FUÃO, 2003, p. 17).

Desse modo, a acomodação de ver o mundo em perspectiva não é um dado natural ao humano, e sim uma construção do ver (Figura 15). Se vemos o mundo hoje em perspectiva; ruas, paisagens, objetos, é porque construímos uma realidade em perspectiva, um mundo em uma profundidade horizontal, a representação em perspectiva constrói um mundo perspectivado e esse mundo convalida a ficção da perspectiva, a ilusão da profundidade. Em síntese, a noção de profundidade em perspectiva se verifica quando temos uma construção do mundo segundo as regras da perspectiva (FUÃO, 2012).

Figura 15 – Óculos *le corbusianos*.

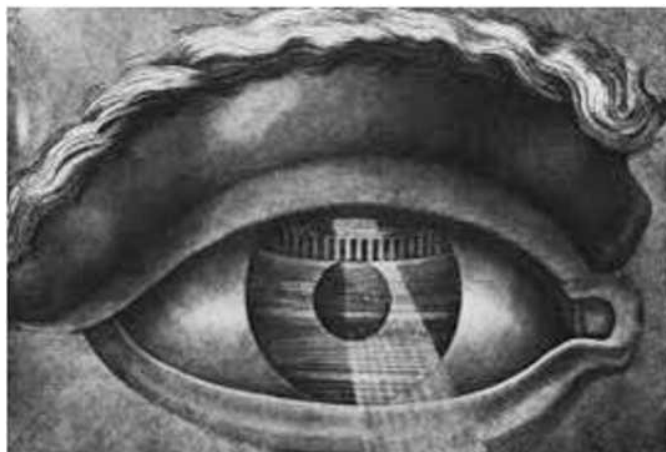


Fonte: FUÃO, 2019, p. 38.

Para as atuais mudanças na percepção através das modelagens virtuais, em que o observador é acoplado à máquina em seu modo de perceber e corporificar o espaço, o modo renascentista sofreu mutações consideráveis. Ao que parece, porém, vivenciamos um aprofundamento e uma radicalização das premissas humanistas de formatação e domesticação da visão. Mas agora essa normatização estaria camuflada e sistematizada pela programação computacional no ambiente digital. Afinal, a arquitetura virtual é regida por “um espaço geométrico organizado por *pixels* apresentados na tela e que se reproduz em qualquer superfície,” uma visão de mundo codificada para “um espaço matemático, binário, calculável, organizável, ordenável. A lógica da dominação passa pela lógica da matemática e de sua relativização cultural” (FUÃO, 2005, p. 83).

A invenção da representação em perspectiva “tornou os olhos o ponto central do mundo perceptual, bem como do conceito de identidade pessoal. A representação em perspectiva em si própria se tornou uma forma simbólica, que não apenas descreve, mas também condiciona a percepção” (PALLASMAA, 2011, p. 16) (Figura 16).

Figura 16 - Olho Refletindo o Interior do Teatro de Besançon - Claude-Nicholas Ledoux.



Fonte: PALASMAA, 2011, p. 18.

Questiona-se o predomínio da imagem em nossa cultura e seus desdobramentos na arquitetura. Percebe-se que certas debilidades da arquitetura contemporânea ocidental têm suas raízes nessa forma de perceber o mundo. Palasmaa (2011) propõe uma quebra de paradigmas com uma mudança na forma de projetar e vivenciar os espaços, resgatando a percepção sensorial plena por meio da total corporificação dos

espaços e afirma: “Acredito que muitos aspectos da patologia da arquitetura cotidiana de nosso tempo também possam ser entendidos mediante uma análise da epistemologia dos sentidos e uma crítica à predileção dada aos olhos pela cultura, em geral, e pela arquitetura, em especial”(PALLASMAA, 2011, p. 17).

Tal qual no contexto do Renascimento, o mundo hoje se depara com o desafio de descortinar um novo paradigma. O mundo virtual se torna cada vez mais presente e com uma representação de complexidade crescente. Considerando o momento fortemente marcado pelo avanço das tecnologias de informação em várias áreas do conhecimento, tem-se o crescente desenvolvimento de modos de utilização e aplicação dessas tecnologias. É importante analisar e contextualizar as “novas” formas de criação e as “novas” formas de representação, mais especificamente do campo da arquitetura e urbanismo. Essa realidade que envolve a criação do espaço a partir das tecnologias virtuais apresenta reflexos nos mais variados campos da atividade humana, entre elas a produção de espaços edificadas. A presença dessas tecnologias necessita de profundas reflexões e mudanças no pensar e no produzir o objeto arquitetônico.

Assim, é preciso deixar claro que surge uma questão premente relacionada ao campo de estudo para definir, ou não, um limiar entre o físico e o virtual dentro do contexto de realidade, quando sabemos que o objeto não precisa existir fisicamente para ser real, ele pode ser uma simulação ou uma projeção virtual. Ao mesmo tempo, o objeto virtual pode ser uma réplica, um simulacro de um objeto físico (BARACHO, BARBOSA, 2011, p. 200).

A modelagem da informação proposta por esses sistemas depende da formatação e normalização de inúmeros parâmetros e, como no Renascimento, ainda são estruturadas em um espaço cartesiano. “A geometria de Euclides é uma entre incontáveis geometrias, e *não temos* fundamentos para dizer que o espaço físico, o espaço de processos é um espaço euclidiano” (FLORIÊNSKI, 2012, p. 114). Certamente, são abertas muitas possibilidades, mas, ao mesmo tempo, surgiram novos desafios e conceituações.

A arquitetura de hoje precisa reconhecer a complexidade e mutabilidade da vida. A grade padronizada euclidiana encontra-se sob crítica e revisão por parte de vários teóricos no ensino da arquitetura. Almeja-se, hoje, “uma imagem geométrica

atualizada, que se adapte às características de mutabilidade, transitividade e dinâmica, expressando mudanças na disciplina, bem como em nossa visão de mundo”(STASIOWSKI,2017, p. 1, tradução nossa).

A representação da arquitetura é um conhecimento construído e ensinado em um processo de decodificação de uma linguagem ou código que permite a comunicação e existência da arquitetura em suas várias instâncias, da criação à execução. Na formatação desse conhecimento, mostra-se crucial e de difícil discernimento não deixar que a técnica abafe ou direcione o processo do projeto. É necessário ensinar sem limitar, abrindo possibilidades para modos de ver e registrar o mundo das mais variadas formas, para que o registro seja o mais heterogêneo e rico possível. Por esse pensamento, toda linguagem é válida, toda linguagem é eficiente, se e por fim, cumprem o objetivo a que se propõe. Grades de valor são construídas e refeitas sempre que linguagens diferentes se tocam, criando interfaces em que a comunicação se faz, de modo descontínuo e imprevisível:

Em oposição às metafísicas com espaços homogêneos e universais, a noção de interface nos força pelo contrário a reconhecer uma diversidade, uma heterogeneidade do real perpetuamente reencontrada, produzida e sublinhada, a cada passo e tão longe quando se vá. Se todo processo é interfaceamento, e, portanto tradução, é porque quase nada fala a mesma língua nem segue a mesma norma, é porque nenhuma mensagem se transmite tal qual, em meio condutor neutro, mas antes deve ultrapassar descontinuidades que a metamorfoseiam. A própria mensagem é uma movente descontinuidade sobre um canal e seu efeito será o de produzir outras diferenças (LÉVY, 1995, p. 183).

As novas tecnologias têm o grande desafio de oferecer avanços, maiores possibilidades e não cercear os pensamentos em função da utilização de técnicas. Elas estão propondo mudanças profundas na vida humana. Nessa nova relação com o conhecimento, ainda que em construção, o modo como se aprende muda constantemente na medida em que:

(...)essas novas tecnologias amplificam, exteriorizam e modificam as funções cognitivas humanas, proporcionando novas formas de acesso à informação e novos estilos de raciocínio e de conhecimento. Assim como os processos produtivos são modificados por paradigmas emergentes, o conhecimento também o é, criando-se novos modelos e espaços de conhecimentos, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, reorganizados de acordo com objetivos ou contextos, em

substituição a escalas lineares e paralelas, estruturadas por níveis e pré-requisitos, convergindo para conhecimentos “superiores” (CATTANI, 2003, p. 85).

As atuais tecnologias de representação, assim como todas as outras historicamente conhecidas, estabelecem uma percepção espacial e temporal vinculada a uma dada relação sensorial. Cattani aposta em um novo paradigma que tende a convergir para conhecimentos “superiores”. Ao que parece, até o momento, se o conhecimento foi elevado, pelo menos quantitativamente, ele também foi, em grande parte, exteriorizado. Está fora do ser, desenraizou-se. De certa forma, Palasmaa já vinculava às recentes técnicas de representação à atual descorporificação da arquitetura. Essa é uma resposta direta à nossa atual dificuldade de responder de forma soberana à primeira tecnologia que efetivamente possuímos: o corpo. Nesta argumentação, alguns autores também apontam como possível caminho um novo sentido ou paradigma que não mais se estabelece na profundidade ordenada produzida pela perspectiva renascentista, nem na verticalidade subjetiva religiosa medieval, mas sim em um sentido de superfície, baseado nos postulados existencialistas e fenomenológicos de Heidegger e Husserl (DELEUZE, 1988).

O espaço edificado é habitado por corpos humanos. Eles ainda são a principal referência em que o arquiteto apoia seu projeto. Os sentidos do corpo associados ao uso da mente estabelecem as relações associadas à memória corporal. A primeira tecnologia a ser conhecida e usada será sempre o corpo, independentemente de outra tecnologia associada, como um lápis ou um computador.

Dessa forma, o arquiteto deve valer de seu próprio corpo no processo de criação. Maquetes físicas e esquemas projetuais, através de croquis, tendem a ser mais efetivos se o objetivo é aflorar a memória corporal, ou como Palasmaa também identificou, como “os olhos da pele”.

O constante aprimoramento de novas tecnologias, como lousas digitais interativas, canetas digitais, realidade virtual e realidade aumentada podem estabelecer um avanço, à medida que possibilitam maior liberdade corporal, tanto no processo criativo quanto na percepção da representação gerada. Interações que consigam migrar

informações mais livres, próprias do processo de criação, para sistemas codificados, próprias da linguagem técnica específica entre os profissionais da área, poderiam representar um salto em criatividade e eficiência na história da Arquitetura e Urbanismo. Embora nenhuma técnica seja neutra, parece que o maior conhecimento das potencialidades e limitações de diferentes técnicas pode auxiliar o arquiteto a ter uma postura menos condicionada, de maior aproximação com a experiência vivida e consequente humanização da arquitetura.

Aplicação de ontologias na representação espacial

Explorando essa relação do sujeito com a representação, espera-se que espaços com uma delimitação clara, como uma rua, ou uma casa sejam mais facilmente percebidos e representados. Contudo, quando se caminha para entidades de natureza imaterial, a definição de espaço carece de um refinamento filosófico e metodológico. Somente com o aprofundamento de conceitos é possível uma classificação de um bem imaterial, como uma festa religiosa, por mais que ela se realize em um espaço físico, material. As atuais condutas patrimoniais advogam que a relação intrínseca existente entre valores materiais e imateriais é válida para qualquer objeto ou processo histórico (CHOAY, 2001). Essa relação de dependência ou coexistência é vista para os exemplos de ontologias aplicadas na definição do espaço, como um viés comum para as disciplinas da Geomorfologia e do Patrimônio. Os espaços ali definidos parecem levar a uma representação mais subjetiva, em que a relação com o sujeito também não se estabelece de forma direta e objetiva. Nesses casos, somente com normatizações com as da Ontologia parece possível suas representações de forma categórica.

O termo Ontologia tem sido usado desde o século XVIII, por filósofos alemães para estudos referentes à existência, qualidade, quantidade, verdade e falsidade. Outros usos também foram feitos, mas também focados em quais categorias de coisas podem existir (ALMEIDA, 2013). Aqui, o importante termo categoria tem referência fundamental nas teorias da filosofia de Aristóteles, século IV a.C. Diferentes noções de categoria também foram trabalhadas por outros filósofos, como Kant, Hartmann, Windelband, etc. É importante ressaltar que, ontologias com “o” minúsculo são ferramentas de classificação, já a Ontologia com “O” maiúsculo é o ramo da ciência

que se propõe a fazer um inventário da realidade. Desse modo, através da Ontologia são definidas ontologias de classificação usadas em muitos recursos de classificação mais recentes. Elas são vistas como grandes promessas em se tratando da classificação (entendendo como a fixação de classes), documentação, registro e recuperação da informação representada.

A Ontologia é vista como grande promessa para uma resposta comum no que diz respeito à representação e organização do conhecimento, independentemente do tempo e da cultura associados. Embora haja discussões e críticas sobre a possibilidade de uma representação conseguir estar completamente isenta de conceitos culturais, essa ciência metafísica visa representar a realidade *a priori*, no sentido kantiano, neutra, absoluta e universal.

Dado o pressuposto da existência desta realidade, a Ontologia também pressupõe a capacidade intelectual humana de se despir dos aspectos culturais por meio da lógica. Investe-se muito, com este propósito, em áreas cruciais, como a Medicina e áreas afins, com o propósito de organizar e otimizar as informações cada vez mais complexas e crescentes nesse campo. A arquitetura e o urbanismo também apontam para essa codificação padronizada, como resposta ao fluxo crescente de dados entre áreas do conhecimento distintas, mas que necessitam de uma interface comum para a troca de informação.

Inicialmente, serão revistos alguns conceitos ontológicos aplicados na Geomorfologia, que possibilitam a definição e classificação de muitas formas de relevo. Em muitos casos, essa definição não é tão simples. Para espaços e tempos flexíveis, a classificação requer conceitos mais apurados. Essa classificação está baseada em refinamento e aprofundamento filosófico, amparado a conhecimento específico da área da Geomorfologia. Os conceitos referenciais foram colocados a partir do artigo *Do Mountains Exist? Towards an Ontology of Landforms*, de Smith e Mark (2003).

Em seguida, em um segundo exemplo, foi analisada uma aplicação da ontologia CRMgeo. Essa ontologia foi criada para alcançar um refinamento espacial e temporal por meio da articulação de dados espaciais de duas outras ontologias, o CIDOC CRM

(*International Committee for documentation - Conceptual Reference Model*) e a GeoSPARQL (*Geographic Query Language for RDF Data*). Essa articulação possibilitou a delimitação de um espaço patrimonial. Nessa etapa, a referência será o artigo *CRMgeo: Linking the CIDOC CRM to GeoSPARQL through a Spatiotemporal Refinement*, de Martin Doerr e Gerald Hiebel. Após essas análises, apresentamos considerações e possibilidades.

Nos dois exemplos, procurou-se mostrar como a Ontologia lida com as indeterminações do espaço, a fim de classificá-lo. É um processo longo, complexo, que exige conhecimento prévio específico. Uma classificação que pretende ser universal, mas poucos compreendem ou têm acesso a ela. Uma visão de mundo ainda muito hermética para grande maioria das pessoas.

a. No contexto da Geomorfologia

Imaginando que uma cidade ou uma única construção está inserida na natureza, em uma geomorfologia, como em uma planície ou uma colina, este é o primeiro espaço que o arquiteto e urbanista precisa conhecer e representar. Procurou-se mostrar um pouco do caminho apontado pela Ontologia para a construção desse conhecimento a partir de uma cadeia de classificações, organizadas em elos de significação universal.

Smith e Mark (2003) lançaram uma pergunta que, a princípio, poderia ser considerada banal ou de fácil resposta. As montanhas existem? O que parece óbvio para uma percepção humana comum adquire outros parâmetros, se pautada em conceitos ontológicos. Montanhas certamente existem no pensamento e ação do senso comum do ser humano, mas não existem de modo suficiente, se consideradas em um sistema de classificação, como acontece ao definirmos outros objetos de nosso cotidiano, como uma cadeira ou um gato (SMITH; MARK, 2003). Entre uma cadeira Barcelona e o monte Everest, existem conceitos ontológicos que os tornam existencialmente distintos.

Em um primeiro momento, parece possível vê-los ou percebê-los de forma similar, podendo nomeá-los e referenciá-los, cognitivamente, em qualquer parte do planeta. Mesmo para os menos entendidos em *design*, a cadeira Barcelona alcançará uma

definição básica de cadeira. Aparentemente, espera-se que o mesmo aconteça para a definição de uma montanha. Contudo, sabe-se que o conceito pode variar de uma cultura para outra, de modo que o chamado de *berg* na Alemanha pode não coincidir com a mesma definição de *mountain* na Inglaterra (SMITH; MARK, 2003).

Objetos como gatos e cadeiras são estudados na ciência cognitiva e se dividem em duas categorias: organismos, produtos de seleção natural; e artefatos, produtos de um desenho deliberado. Um organismo, como um gato, enroscado em um artefato, ou um novelo de linha nunca irão perder ou misturar seus limites. Normalmente, instâncias de organismos e artefatos são objetos ou coisas, todos possuindo limites claros. Ou seja, limites bem determinados, que se destacam e definem completamente o objeto em relação a seus vizinhos e o ambiente que o contém (SMITH; MARK, 2003). Os tipos naturais, como cachorro e gato, são delimitados um dos outros por uma longa história de seleção e evolução natural. Os tipos artificiais, como mesa e cadeira, também são separados uns dos outros de maneira semelhante pelas funções distintas com as quais foram associadas pelas pessoas que a construíram. As montanhas não satisfazem essa condição, uma vez que os limites entre a montanha e o ar acima das suas encostas superiores podem ser determinados, mas à medida que avançamos para o pé da montanha, nenhum limite pode ser percebido (SMITH; MARK, 2003). Essa dificuldade de delimitação é percebida também na maioria das formas de relevo. Não há limites precisos entre uma serra e uma cordilheira ou entre uma planície e uma plataforma continental. De forma análoga, vale também para outros elementos da natureza. Rios ou lagos têm suas margens alteradas devido a diversos fatores, como as alterações pluviométricas sazonais. Oceanos sofrem continuamente alterações com as marés, o que influencia também na delimitação fixa dos próprios continentes. Matas ou florestas normalmente sofrem uma transição gradual de vegetação em suas bordas.

Mas essa dificuldade de delimitação poderia fazer com que a maioria das formas de relevo não fosse considerada existente dentro de certos conceitos ontológicos? A partir do conceito inicial de Ontologia como um ramo da Filosofia que estuda os constituintes da realidade (SMITH; MARK, 2003), em que se entende um inventário da realidade, a pergunta inicial pode ser melhor expressa. Existem entidades como

exemplos individuais de um determinado tipo ou categoria montanha? A qual categoria montanhas pertencem?

Para ajudar a responder a esta pergunta, recorre-se a algumas definições do antropólogo Robin Horton: teoria primária é a parte referente ao senso comum encontrada em todas as culturas e em todos os seres humanos. Teorias secundárias ou construtivas são coleções de crenças, sejam elas populares ou científicas encontradas em configurações sociais particulares, podendo mudar em diferentes culturas (SMITH; MARK, 2003). Por essa definição, pode-se esperar que o mundo do senso comum, apreendido na teoria primária seja, em grande medida, universal. Uma vez que a ciência, e sobretudo, a Ontologia, preza por dados universais, o mundo da teoria primária do senso comum se mostra compatível com os resultados da ciência.

Por este pensamento, aqui também se pode avançar mais um pouco na problematização inicial. No estudo da Ontologia, tendo como base a teoria primária, existe um domínio semelhante a uma teoria de objetos geográficos. Mas em quais categorias de montanha e outras formas de relevo fazem parte?

Somente através desse refinamento filosófico entende-se que as montanhas ou outras formas de relevo realmente existem. Não somente pelo fato das pessoas terem conceitos de montanhas e outras formas de relevo pelo senso comum, por conta de seus comportamentos, mas também porque esses conceitos se relacionam com partes correspondentes de seus ambientes de maneira direta e específica (SMITH; MARK, 2003). Várias disciplinas científicas, como a Geografia, Biologia, Engenharias, e mesmo a Medicina para o diagnóstico de algumas doenças apontam para a possibilidade de que as montanhas e outras instâncias de categorias de relevo realmente existam. Essa argumentação se dá na interface entre a percepção e o comportamento de organismos por um lado, e no ambiente físico em grande escala, por outro.

Pode-se dizer que há uma predominância de conceitualizações baseadas em objetos no domínio da questão primária. Os seres humanos são capazes de analisar as formas de relevo, utilizando um repertório criterioso e reconhecidamente científico.

Isso se dá por meio de categorias referenciadas a tipos de regularidades que surgiram através das forças internas geológicas ou tectônicas e das forças externas climáticas, que moldaram a superfície da Terra de maneiras mais ou menos inteligível. Essas ciências usam, normalmente, ontologias baseadas em objetos: possuem qualidades (calor ou frio, alto ou baixo) e passam por processos (dobrados, jogados, quebrados). Dessa forma, as montanhas também têm certas formas, revestimentos, constituições materiais; algumas montanhas são mais altas ou mais difíceis de escalar do que outras montanhas, e assim por diante.

O ambiente topográfico, tal como é vivenciado pela maioria das pessoas e outros organismos móveis de tamanho aproximadamente humano, é muito diferente da superfície de valor único utilizada pelos geomorfologistas que utilizam conceituações baseadas em superfícies. O fato de que a superfície da Terra possa ser representada cientificamente, por uma única função de posição horizontal, a partir de mapas, por exemplo, faz com que a modelagem para a hidrologia ou transporte de sedimentos seja capaz de conceituar a superfície da Terra como composta por gradientes de declive e orientações sobre um campo de elevações (SMITH; MARK, 2003). Desse modo, essas ciências fazem uso, normalmente, de ontologias baseadas em superfície, que apresentam funções contínuas, cujos argumentos são posições em algum domínio espacial e cujos objetos de valor são atributos de temperatura, densidade, fluxo, localização, altimetria, etc..

Segundo os autores, pelo menos no domínio da modelagem científica do meio ambiente, especificamente nos fenômenos da hidrologia superficial, erosão fluvial e assoreamento, montanhas não são colocadas como constituintes da realidade em si. Ao contrário, elas são somente parte de uma superfície de elevação cujos gradientes direcionam o escoamento e a influência da intensidade da erosão (SMITH; MARK, 2003).

Contudo, uma ontologia completa do mundo geoespacial deve abranger uma ontologia baseada em objetos –necessários para compreender o mundo do senso comum, da teoria primária sobre o meio ambiente; e uma ontologia baseada em superfície – necessária para representar uma racionalização espacial e

processamento de linguagem natural, a fim de criar dados topográficos projetados para sustentar uma modelagem ambiental de escalas geográficas. Uma ontologia ampla, assim, sem dúvida, é uma tarefa desafiadora e ainda está muito longe de ser construída.

E termos práticos, até o momento, o arquiteto e urbanista parece lidar com a geomorfologia onde será inserido o seu projeto de modo muito mais direto e experienciado. Não se questiona a existência filosófica do terreno que está sob seus pés ou da classificação primária dos raios de sol que irão incidir sobre a construção. Contudo, há uma infinidade de outras informações que precisam ser analisadas no decorrer do projeto. Mesmo se fosse disponibilizada a categorização de toda essa informação, talvez o acesso a esse conhecimento venha a se tornar complexo e hermético demais. Ou o arquiteto opte por ignorar os conceitos universais, por não os compreender, ou, por outro lado, o que pode ser uma preocupação, ele simplesmente se encaixe para facilitar o processo.

b. No contexto do Patrimônio

No campo do Patrimônio Histórico, a tarefa de identificação, classificação e representação de seu acervo também encontra, por vezes, grandes dificuldades e lacunas. A construção de um sistema de informação que possibilite sua gestão e uma maior aproximação tem sido o foco de grandes estudos (FORNOS, 2013). Muitos acontecimentos ou objetos trazem uma indeterminação material ou temporal. A necessidade de cruzar diferentes dados torna-se um obstáculo se a distância do tempo fizer com que eles sejam ambíguos ou incoerentes. Os mais recentes avanços tecnológicos da área têm possibilitado uma verdadeira revolução na forma de perceber e interagir com esse campo devido a uma reformulação e adaptação de métodos e linguagens computacionais (CAMPANA, 2015). Como exemplo que procura avançar frente a essas lacunas, trabalhou-se alguns aspectos ontológicos da Geomorfologia, quando associados a espaços que carecem de uma definição física pré-estabelecida.

Os trabalhos de Doerr e Hiebel (2013) sobre alguns dos conceitos ontológicos são aplicados ao Patrimônio através da articulação de duas ontologias. O CIDOC – CRM,

que promove uma compreensão compartilhada da informação do patrimônio cultural, fornecendo um quadro semântico comum e extensível, de forma que qualquer informação do patrimônio cultural possa ser mapeada. E a GeoSPARQL, como uma linguagem de consulta geográfica que suporta a representação e a consulta de dados geoespaciais na Web Semântica, que define um vocabulário para representar dados geoespaciais em *Resource Description Framework* – RDF. Cria-se, também, uma extensão para a linguagem de consulta SPARQL para processamento de dados geoespaciais.

A articulação dessas duas ontologias almeja um modelo mais detalhado que possa cobrir os conceitos e as propriedades subdeterminados de ambos os lados no que diz respeito à localização e geometria de lugares de acontecimentos históricos ou ruínas, objetos e características naturais.

Um caso relevante estudado nesta articulação de ontologias é a Batalha de Varus. Esse importante conflito histórico aconteceu em território germânico, há mais de dois mil anos, no século 9 d. C, que ocorreu entre três legiões romanas sob comando de Varus e tribos alemãs aliadas sob o comando de Arminius. A derrota esmagadora das forças romanas é apontada pelos historiadores como fato decisivo para a paralisação da expansão romana nos territórios alemães nos séculos seguintes. O conhecimento exato do local de batalha, contudo, permaneceu impreciso por muito tempo, sendo considerado, muitas vezes, desconhecido. Os registros romanos encontrados indicam descrições do lugar da batalha em relação aos rios e indícios do tipo de terreno em que a batalha foi travada. Mais recentemente, no final da década de 1980, achados arqueológicos contribuíram para uma maior aproximação do lugar (DOERR; HIEBEL, 2013).

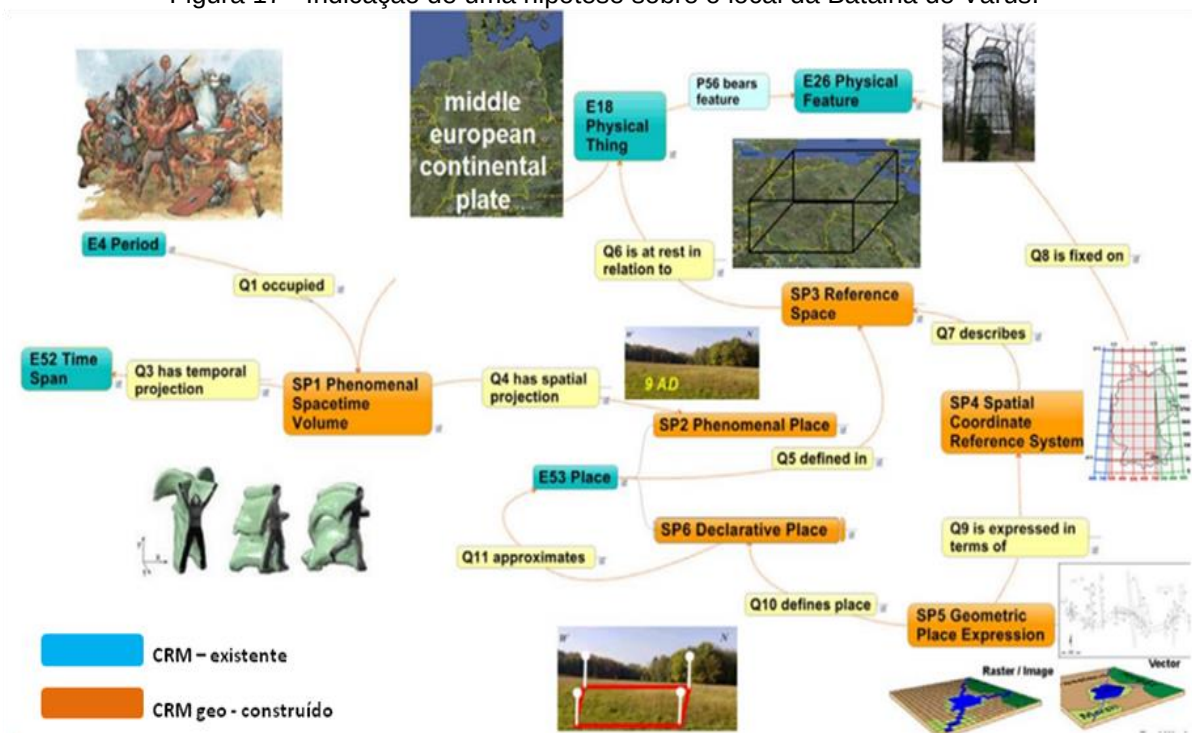
De forma similar à problematização apontada anteriormente por Smith e Mark (2003), aqui também Doerr e Hiebel (2013) estavam com grandes dificuldades de definir um espaço georreferenciado desse fato histórico. Sabe-se que, ainda hoje, essa dificuldade é intrínseca a muitos acontecimentos ou objetos se tratando do escopo do patrimônio histórico em todo o mundo. Dados conflitantes ou incompletos que o tempo e a abordagem do cientista podem persuadir a diferentes leituras.

Diante desse desafio, Doerr e Hiebel (2013) trabalharam a questão: mas o que significa falar de lugares desconhecidos? Se desconhecido refere-se ao conhecimento do real, os autores propuseram uma discussão científica Ontológica sobre a localização da batalha a partir dos seguintes pressupostos:

- A Batalha de Varus foi um evento verdadeiro, o que significa que aconteceu em um recorte espacial e temporal.
- Esse recorte espacial e temporal tem um tamanho característico de uma batalha.
- A Batalha aconteceu em um espaço de referência que ainda existe.
- Esse evento tem uma projeção razoável no espaço de referência que chamamos de "lugar fenomenal".
- Resquícios da luta e túmulos romanos (como ossadas e outros achados arqueológicos) devem ser encontrados neste lugar.

Uma vez atendidas a essas condições, foi possível construir um inventário da realidade da batalha de Varus de forma metodologicamente ontológica. Deste modo foi formulada uma hipótese sobre o local da batalha. A relação do lugar declarativo com o verdadeiro lugar da batalha de Varus, ou lugar fenomenal, é que se aproxima de forma satisfatória da localização real da batalha. Em laranja estão as novas classes ontológicas CRMgeo criadas para possibilitar esta demarcação (Figura 17).

Figura 17 - Indicação de uma hipótese sobre o local da Batalha de Varus.



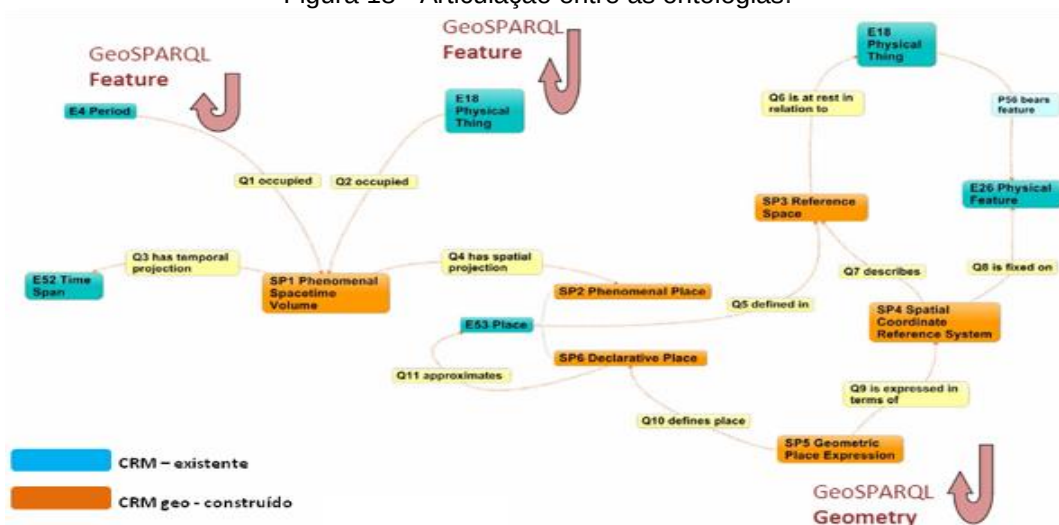
Fonte: DOERR; HIEBEL, 2013.

Nessa construção, Doerr e Hiebel (2013) limitaram-se às definições de lugares declarativos para as expressões geométricas do lugar, mas outras definições podem incluir expressões de lugares de linguagem natural. A precisão da determinação desses limites ideais na realidade física é limitada pelos seguintes fatores segundo esta ontologia:

- a precisão da determinação e a estabilidade geológica da localização dos pontos de referência dentro do sistema de referência;
- a precisão dos dispositivos de medição de distância ou GPS;
- a manipulação de erros inerentes ao processo de medição. Dependendo dessas condições, é colocado quatro demarcações no chão para delimitar os cantos de um retângulo na paisagem real.

Para essa demarcação, é necessário trabalhar com limites possíveis, visto que, muitas vezes, a importância da demarcação física do espaço sobrepõe qualquer imprecisão que o procedimento decorre. Desse modo, se no ato da batalha algum de seus integrantes (romanos ou germânicos com seus respectivos instrumentos de batalha), por hora estiverem fora da demarcação agora estipulada, de forma alguma isso poderia invalidar a hipótese lançada. Importante ressaltar que a Ontologia enquanto Filosofia, para este exemplo, foi o que garantiu a demarcação deste fato histórico de forma reconhecida cientificamente. Os autores apresentam uma visão gráfica das novas classes CRMgeo e suas propriedades, articuladas com as classes existentes CIDOC CRM, e por fim, com os ganchos para a localização geoespacial através da ontologia GeoSPARQL (Figura 18).

Figura 18 - Articulação entre as ontologias.



Fonte: DOERR; HIEBEL, 2013.

Essa importante delimitação espacial propiciou que o espaço patrimonial fosse reconhecido e demarcado fisicamente onde hoje existe o Museu e Parque Kalkriese, na Alemanha. O parque foi inaugurado no ano 2000 e conta com cerca de 20 ha. A arquitetura e o paisagismo foram desenvolvidos por Mike Guyer e Annette Gigon, em cooperação com a agência Zulauf Seippel Schweingruber. A intervenção propôs que o local histórico e o evento não fossem reconstruídos arquitetonicamente. Os arquitetos propuseram um espaço demarcado único no meio da paisagem, perto do monte Kalkriese. Segundo eles, a interseção da paisagem atua como uma vitrine histórica se vista de cima da torre de 40 metros de altura. Os elementos arquitetônicos são constituídos de três pavilhões, a muralha e o caminho romano, que é o acesso principal do museu. As edificações foram construídas em estrutura metálica com fechamentos em aço corten e vidro (Figura 19).

Figura 19 – Museu e Parque Kalkriese.



Fonte: LAND et al. Museum und Park Kalkriese.

A muralha replica em solo a demarcação georeferencial gerada pela ontologia proposta. O que era inicialmente entendido como lugar declarativo, neste projeto, pareceu assumir autoridade de lugar fenomenal. A ferramenta ontológica usada parece ter direcionado o projeto ou os seus idealizadores. Esse mesmo fato talvez também aconteça com os visitantes do local quando inseridos na muralha. Apesar da

aparente rigidez do projeto, o uso dessa ontologia foi o instrumento que garantiu o fortalecimento da memória e da identidade do local.

A partir dos exemplos citados e das considerações colocadas, no que diz respeito à conceitualização ontológica de espaços para o domínio da geomorfologia e do patrimônio, entendemos que essas definições se fazem a partir de um refinamento filosófico e metodológico. Esses conceitos se mostram mais difíceis, sutis e desconhecidos quanto os espaços estudados. Desafios dessa ordem exigem investimentos em capacitação adequada e uma equipe multidisciplinar capaz de dar suporte à validação dessas ontologias no meio científico.

A representação em tempos de insegurança: corpo ameaçado

A pandemia da COVID-19 tem forçado a humanidade a repensar o seu modo de vida no contexto dos espaços por ela construídos. Severas limitações de mobilidade e convívio se fazem necessárias para evitar o colapso do sistema de saúde. Um inimigo invisível ameaça hábitos estabelecidos e um dos bens mais valiosos: o corpo. Primeira casa que se habita, primeira representação humana no espaço. Diante da ameaça iminente, cresce, exponencialmente, o uso de tecnologias de comunicação virtual para todos os fins e, paralelamente, as tecnologias de controle para assegurar o cumprimento das regras de isolamento.

Com esse panorama, os avanços científicos e tecnológicos parecem ainda não prever ou direcionar um futuro possível para as cidades, mas é consenso que não poderá ser como antes. A casa, antes preponderantemente dormitório para muitos, agora assume o papel central das atividades humanas. Ou talvez não seja realmente a casa, mas um dispositivo móvel ou um computador localizado em um cômodo da casa. O corpo, uma vez sob ameaça, cumpre o distanciamento social, e o corpo virtual entra em cena. Muitas vezes, uma pessoa sozinha em casa pode passar grande parte de seu dia conectado a várias pessoas de diferentes lugares do mundo. Esse efeito social já se fazia presente anteriormente, mas com a pandemia, essa tendência se oficializou como a realidade de muitos.

Uma obra que se torna bastante atual, *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, também oferece uma crítica à visão de mundo contemporânea, quando coloca que a humanidade passa por uma epidemia em que as pessoas se tornam incapazes de ver. É feita uma alusão à caverna de Platão (Figura 20), já que a linguagem das sombras toma lugar da experiência vivida, como em um teatro, onde a representação passa a ser vivenciada como a própria realidade (SARAMAGO, 1995).

Figura 20 - A Alegoria da Caverna de Platão por Jan Saenredam, 1604, Viena.



Fonte: GARCIA, 2015.

Com certeza a era digital abre inúmeras possibilidades nesses tempos de restrição. Contudo, em contraponto aos ganhos reais de conexão, colaboração e informação, vivencia-se, também, o risco de distanciamento, separação e desinformação. O futuro pode ser construído baseado em uma postura de confiança ou em outra instância, de medo, como também algo entre os dois. Inovação, improvisação e verdades contextualizadas parecem ser mais adequadas à certificação, padronização e verdades absolutas. Em tempos de incertezas, a palavra de ordem parece ser adaptação, ou ainda resiliência, e as atuais tecnologias da informação podem ser pontes poderosas se direcionadas com esse propósito e de forma colaborativa e democrática.

Sabe-se que os principais aceleradores da história são as guerras, as revoluções, os desastres naturais e as pandemias. Mas após um período de perdas, incertezas,

castração, vivenciadas como catarse, também há uma tendência oposta ao controle e à limitação. Uma vez superados esses momentos, historicamente também se verifica uma maior busca pela liberdade e uma explosão de criatividade como resposta contrária ao condicionamento. Ao que tudo indica, liberdade e controle serão cunhados de forma cada vez mais diferenciada entre as pessoas, segundo seu poder econômico e representatividade social. A representação espacial, em meio a estas transformações, também parece caminhar para uma mediação semelhante.

Sobre o futuro das cidades, há aqueles que apostam em grandes possibilidades, em um salto na história humana que será possibilitado, principalmente pelas novas tecnologias. As cidades do futuro são pensadas como espaços de conexão em que a interface entre a esfera pública e privada, junto à comunidade, são potencializadas pelas novas tecnologias. Conceitos de ecologia, sustentabilidade, responsabilidade social e empoderamento pessoal parecem ganhar força quando colocados em sinergia com as diversas inteligências coletivas. “A cidadania, o exercício social na *urbis*, passa hoje por esse sentimento de conexão generalizada. Esta é o que caracteriza as cidades contemporâneas pela nova dinâmica instaurada pelas redes telemáticas” (LEMOS, 2004). Para esse pensamento, o constante avanço da tecnologia parece ser a resposta mais imediata para qualquer problema, mesmo com a Pandemia do COVID-19 atualmente (Figura 21). Espera-se que o “novo normal” seja definido pelo suporte com as novas possibilidades que as tecnologias irão proporcionar à humanidade.

Figura 21 – Aula de ioga ao ar livre em Toronto. O novo normal pós-pandemia.

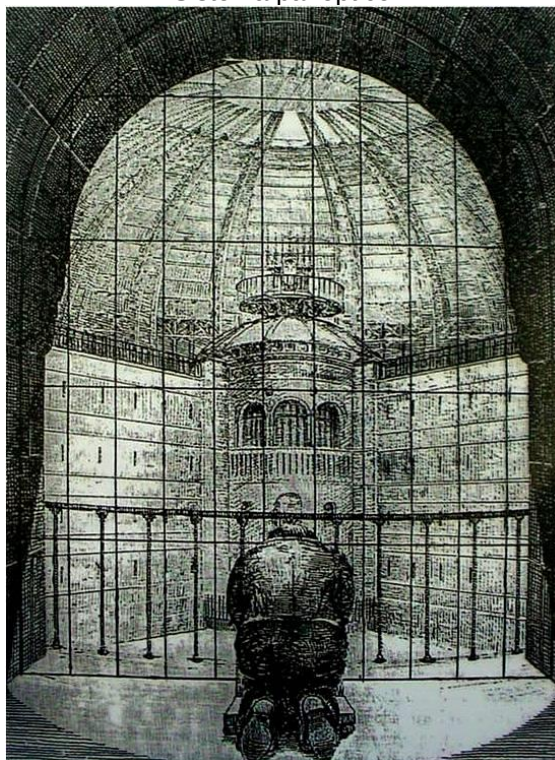


Fonte: SÁNCHEZ, 2020.

Mas há também os que enxergam os grandes problemas vivenciados na atualidade que tendem a aumentar, não pela tecnologia em si, mas pelo seu direcionamento. Foucault teorizou sobre a relação entre poder e conhecimento, usados como uma forma de controle social nas cidades modernas, por meio de instituições sociais, comparando-as a um *Pan-óptico* (Figura 22). Termo cunhado pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, em 1785, para se referir ao modelo de penitenciária ideal. Esse modelo disciplinar foi empregado também em hospitais, fábricas e escolas. Na torre central, um único vigilante pode vigiar todos os prisioneiros sem nunca ser visto. Nas celas, localizadas em anel periférico, o prisioneiro é sempre visto, sem nunca ver.

Se na atualidade o acesso à informação parece sem limites, reforça-se a ideia de que a melhor forma de alienação é o excesso de informação. O mundo conectado parece criar uma ilusão generalizada de que se tem uma visão geral, real e instantânea dos fatos que acontecem no mundo, o que chancela a liberdade generalizada, e de certa forma, irresponsável, pelo fato de qualquer um ser o agente de uma informação, mesmo que seja somente uma opinião superficial ou *fake news*.

Figura 22 – Projeto de Penitenciária de N. Harou-Romain, 1840.
Sistema panóptico.



Fonte: FUÃO, 2019.

De forma deliberada ou não, o sistema panóptico parece ser replicado ainda hoje, e em alguma medida, na rede ou “cadeia” de informações, se o controle for direcionado de acordo com um interesse que se impõe, sem nunca ser visto. Parece que a grande dificuldade de se reconhecer esse controle seja o fato dele não ser declarado, já que não há como referenciá-lo direta e unicamente a uma ou algumas instituições ou pessoas. A sociedade, como um todo, parece ter construído essa configuração com as escolhas históricas que fez até aqui. Nesse sentido, o caminho seguido pelo humanismo antropocentrista renegou toda ordenação sagrada figurada no Divino, o que levou à consequente insegurança e medo da morte. Por sua vez, isso levou à necessidade de criar regras universais que dessem à humanidade alguma sensação de segurança.

Foucault também relaciona os instrumentos de poder, relacionando-os à cidade pestilenta. Quando, no fim do século XVII, sob o argumento do controle da peste, foram feitas medidas de divisão da cidade em quarteirões, cada rua está submetida a uma autoridade responsável para manter as pessoas em suas casas. Mais tarde, esse modelo de controle da cidade pestilenta também:

acabou sendo implantado pelos médicos higienistas do século XIX e, de forma mais acentuada, pelo modelo de isolamento, controle e fragmentação do urbanismo moderno, ao fragmentar o corpo da cidade medieval ou mesmo o reticulado da cidade do século XIX (FUÃO, 2019, p.29).

Nesse sentido, a arquitetura e urbanismo modernistas também parecem responder ao sentido higienizador geometrizado. Este modelo parece potencializado, nos dias atuais, com o isolamento social imposto pela pandemia mundial da COVID-19 e com a globalização digital.

A antiga cidade pestilenta e a cidade contemporânea continuam atravessadas pela hierarquia dos espaços disciplinares, pela vigilância, pelos registros de toda espécie, pelo olhar, pela documentação. A utopia da cidade perfeitamente governada e controlada, em estado eterno de risco de peste, segue esse modelo ainda hoje.” (...) “O que Foucault vai legar-nos desses estudos sobre o panóptico, e trazer para a atualidade, o fato de quem está submetido, condicionado, domado, domesticado constantemente acaba incorporando - como coisa natural - por sua própria conta os limites que o poder lhe impõe” (FUÃO, p. 38, 2019).

Nessa nuance entre visões, talvez o futuro seja algo construído entre dois extremos da relação do sujeito com a representação. De um lado, fica-se a total imersão em uma realidade ideal, segura, asséptica, determinante, e por isso, artificial; e de outro lado fica a constante adaptação com a realidade experienciada, perigosa, incerta, e portanto, natural.

As ferramentas tecnológicas, de modo geral, e em especial aquelas ligadas à representação espacial talvez também precisem se adequar para se tornarem mais heterogêneas e adaptáveis. Dessa forma, evitar uma padronização que priorize o total controle, fruto de uma postura do medo. Amyr Klink, navegador brasileiro que vivenciou situações extremas de insegurança e de alto risco, diz que o melhor planejamento é aprender a se adaptar. Todo estudo e planejamento minucioso de uma jornada são renegados diante da necessidade de adaptações contínuas que o mar impõe. Talvez a própria vida seja também tão imprevisível quanto o mar. Ou quanto maior uma estrutura, maior a necessidade de flexibilidade, uma vez que, estruturalmente, a rigidez compromete a estabilidade.

O ser humano é um ser social, as inúmeras possibilidades que se abrem com a atual revolução digital ainda não suprem as necessidades primárias de contato humano por meio de todos os sentidos do corpo. Visto assim, os corpos não poderiam ser negligenciados: o corpo no espaço; o corpo frente a outros corpos; o corpo vivenciando o espaço com todos os sentidos em uma arquitetura experienciada; o corpo em contato com toda a natureza. Desse modo, se o mapa não é o território, a visão de mundo tende a se afastar cada vez mais da realidade em um corpo virtual, ou em uma representação virtual.

Para essa nova relação que se avizinha, entre o sujeito e o espaço, ou ainda, entre o sujeito e a representação do espaço, o papel do arquiteto mostra-se fundamental, mas ainda incerto. Se no Renascimento a padronização da representação espacial foi estipulada, o papel do arquiteto foi elevado ao patamar de demiurgo, como artesão divino que organiza e controla o universo, quiçá *Oxalá*. Para que essas premissas não sejam aprimoradas e possam alcançar, em futuro próximo, o máximo de sua padronização, a postura do arquiteto, hoje, talvez precisasse se afastar do papel de

controlador para assumir um outro, o de mediador. Aquele que se coloca entre as coisas, como o “Senhor dos limites e dos caminhos”, o “Rei do corpo e da matéria”. Quiçá *Elegbara*, ou *Exú*.

A lenda descreve como um devoto de Oxalá conquistou o privilégio de ser reverenciado antes de qualquer outro Orixá e se tornou o Rei do Corpo e da Matéria. Contasse que todos vinham reverenciar Oxalá, o Senhor do Branco, o Senhor da Consciência. No caminho que dava acesso à grande montanha onde o Pai de todos os Orixás ficava, passa diariamente milhares de pessoas para saudá-lo e pedir suas graças. Aquele devoto também vinha reverenciá-lo e ficava admirado com o grande número de pessoas que parecia só aumentar. Como sua devoção a Oxalá era enorme, ele quis se fazer útil e resolveu ficar ali, na beira da estrada observando todos que passavam. Ele pensou: Talvez um dia eu possa servir a Oxalá. Os anos se passaram e a multidão de fiéis agora era incontável. Já nesta época sua fama percorria todo o reino e chegou aos ouvidos de Oxalá. Diziam de um devoto perfeito que ficava na beira da estrada, observando, ouvindo, cheirando, sentindo, prestando atenção em tudo e em todos, com todos os seus sentidos, com todo o seu corpo. Ele sabia tudo de todos. Oxalá então soube que havia um devoto que seria perfeito para uma das mais importantes tarefas: organizar e direcionar melhor aquelas pessoas até ele. Oxalá o reconheceu como seu verdadeiro devoto e como reconhecimento de seu trabalho, determinou que todos que quisessem chegar ao Senhor da Consciência precisariam antes, fazer reverência a *Exú*, a *Elegbara* (informação verbal) ¹².

¹² Lenda ouvida pela autora enquanto integrante do Movimento DeDiCo – Despertar da Divina Consciência .

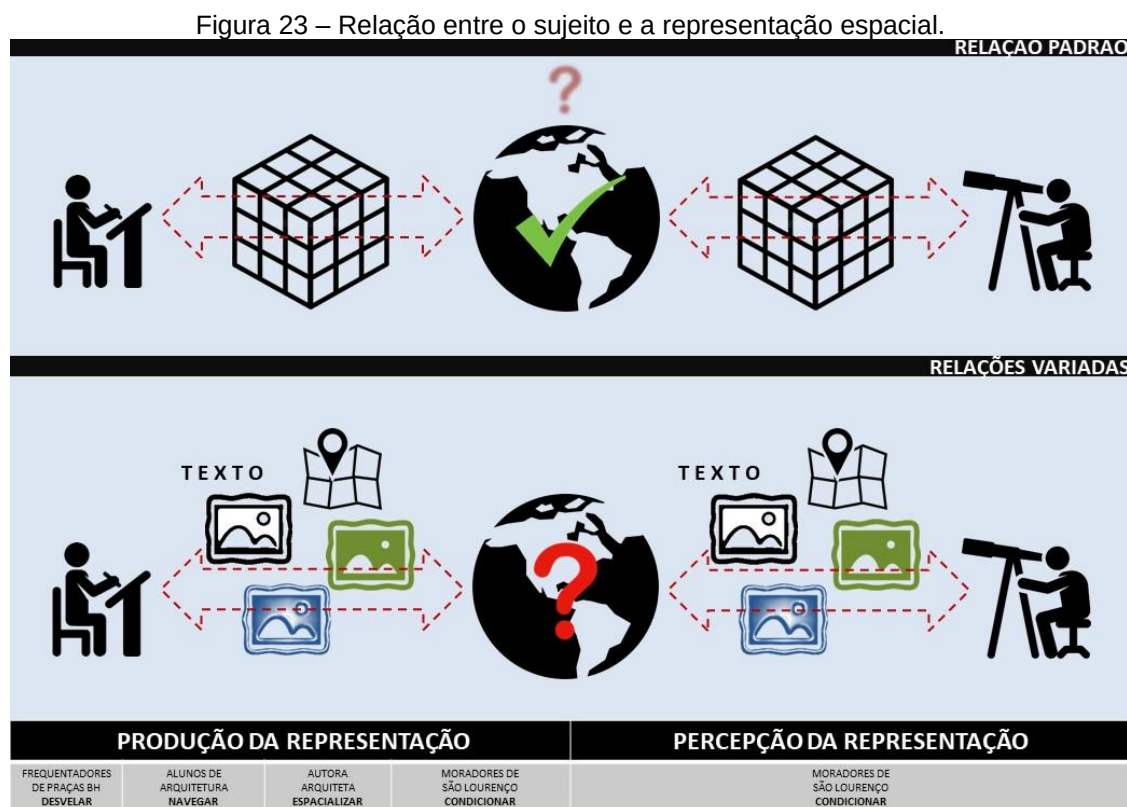
III EXPERIMENTOS

Uma coisa é o fato acontecido, outra coisa é o fato escrito.
O fato acontecido tem de ser melhorado no escrito
de forma melhor para que o povo creia no acontecido.

Antônio Bιά, Os narradores de Javé, 2003.

Inicialmente, foram realizados experimentos com alunos de Arquitetura e Urbanismo e moradores da cidade de Belo Horizonte (*Revelar e Navegar*). Os resultados obtidos incentivaram a autora a realizar novos experimentos junto à população, com moradores da cidade de São Lourenço, Minas Gerais (*Revelar, Espacializar e Domesticar*).

Os experimentos visaram levantar dados sobre a relação entre o sujeito e a representação espacial, tanto em sua produção quanto em sua percepção (Figura 23). Para tratar representações em que os espaços são entendidos como objetivos e padronizados, foram usados textos, fotos e mapas¹³. Para tratar representações onde os espaços são entendidos como subjetivos e heterogêneos, foram usados croquis e imagem tratada através do *Deep Dream Generator*¹⁴.



Fonte: Produzido pela autora.

¹³ Mapa através de foto aérea do *Google Earth* com marcadores nos espaços apontados no experimento.

¹⁴ *Deep Dream Generator* é uma plataforma da Google que transforma fotos usando algoritmos de inteligência artificial - AI. O artifício *Deep Dream* mostra o que uma rede neural profunda é quando se está à procura de uma determinada imagem. O Artífício *Deep Style* usado no experimento é uma versão mais avançada capaz de usar o próprio conhecimento da AI para interpretar um estilo de pintura e transferi-lo para a imagem. A escolha de usar imagens tratadas por esta plataforma virtual, que usa técnicas avançadas de AI em ambiente digital, pretendeu fazer contraponto com a técnica manual do croqui, não colocando a tecnologia como obstáculo para criar representações subjetivas.

A parte superior da figura simboliza uma representação padronizada, que tende a enquadrar a vida em uma única realidade, em que a dúvida é vista como exceção. O foco está em alcançar uma verdade única sobre o mundo. Na parte inferior da figura está a proposta desse experimento. Investigam-se vários tipos de representações espaciais, subjetivas e objetivas, como modo de lidar com as invariáveis dúvidas e adaptações que a vida experienciada parece impor ao sujeito. Visto assim, as certezas são pontuais e transitórias, apropriadas somente para a situação em que se faz útil. O foco está na adaptabilidade ao contexto.

Do lado esquerdo está representado o sujeito que produz a representação, e do direito o sujeito que percebe a representação. Ambos têm nas representações o meio para construir a visão de mundo do sujeito, de modo que o fluxo da informação é bidirecional. Tanto a representação pode condicionar o sujeito quanto o sujeito pode condicionar a representação. Dessa forma, entendendo a representação como linguagem, ela não pode ser vista como neutra, e de certa forma, pode direcionar valores.

3.1 No ensino de Arquitetura e Urbanismo

Em disciplina ministrada pela autora para alunos do primeiro período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Izabela Hendrix, em Belo Horizonte, no ano de 2014 foram realizados dois experimentos.

Revelar: Mapas mentais

A partir de pesquisa exploratória de campo, alunos do primeiro período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Izabela Hendrix, em Belo Horizonte, foram orientados a estudar a percepção espacial de usuários de algumas praças de Belo Horizonte, a fim de revelar seus valores ou visões de mundo. Esse experimento procurou responder à questão sobre em que medida pessoas com visão de mundo distintas tendem a representar o espaço de modo diferente.

Adotou-se, aqui, o termo croqui para desenhos livres de espaços pré-definidos, e mapa mental como desenhos livres de espaços, quando a representação foi enriquecida com a percepção e vivência pessoal do desenhista. O croqui tende a

migrar para um mapa mental sempre que há inclusão de valores pessoais no desenho. O limite entre as duas representações pode não ser rígido. O mapa mental e o croqui, ou esboço, são registros gráficos de uma ideia instantânea. Por usar uma técnica rápida de desenho, no máximo 15 minutos, são sintéticos e incorporam os principais conceitos e valores do desenhista. A forma de registro é informal e pessoal. Como ferramenta metodológica, são ideais para revelar muito além de dados objetivos mensuráveis. Podem registrar percepções imateriais e subjetivas, sensações, valores, aversões, etc. Ou seja, tem potencial para registrar a visão de mundo. Nesse sentido, recai sobre a concepção de Kevin Lynch (2010), quando indica impressões do sujeito, diferentemente da concepção de Tony Buzan (2005), que trabalha a representação como ferramenta de planejamento.

Os registros entendidos como mapas mentais parecem evidenciar a hierarquia de valores adotada de acordo com a idade e a profissão de cada usuário. Reforça-se a ideia de que é representado somente o que se toma como valor e rejeita-se o excedente. Independentemente do lugar em que o usuário esteja, registra-se o que ele mais valoriza sob seu ponto de vista particular. Nesse exemplo (Figura 24), os alunos convidaram usuários da Praça Rui Barbosa (Figura 25), também conhecida como Praça da Estação, para fazer um rápido registro daquele espaço. Foi fornecida caneta e uma prancheta com uma folha em branco, contendo apenas um cabeçalho com o carimbo da escola e área de preenchimento para nome, idade e profissão.

Figura 24 – Mapas visuais de usuários da Praça da Estação, BH.



Fonte: Acervo da Autora.

Figura 25 – Foto da Praça da Estação, BH.



Fonte: CASSIANO, 2010.

Mapas mentais como esses parecem revelar que essa técnica de representação possibilita o registro da visão de mundo do desenhista naquele momento.

Izabela, 28 anos, bióloga de formação, colocou uma árvore em primeiro plano. O majestoso prédio da Estação Ferroviária ficou escondido atrás da árvore, que assumiu papel protagonista para a bióloga. A árvore realmente existe e não tem grandes proporções no meio da esplanada em frente ao prédio. Talvez para muitos ela possa passar despercebida. Nota-se, também, que o tamanho da árvore foi aumentado em relação ao prédio, o que provocou um efeito de profundidade.

Naira, 23 anos, estudante de Sociologia, representou uma parte da praça em frente à esplanada, onde existem mais árvores e bancos que proporcionam um ambiente mais acolhedor. Nesse espaço, ela representou uma pessoa deitada em um banco e outra sentada na grama (não se sabe se eram moradores de rua), um cachorro e uma árvore. A Praça da Estação assume em sua vocação uma esplanada, espaço de passagem que, às vezes, recebe eventos populares de entretenimento ou de caráter

político. A escolha dessa jovem estudante de Sociologia para representar a parte em que a praça tem caráter mais humano também parece refletir os seus próprios valores.

Emmanuel, 18 anos, um jovem militar, parece reconhecer a imagem masculina do Estado na estátua, Monumento à Terra Mineira (obra de bronze de 1930, autoria do escultor e arquiteto italiano Júlio Starace). A estátua é representada com o tamanho muito maior se comparada a duas pequenas e frágeis figuras humanas representadas sentadas nos degraus da base do bloco de sustentação da escultura.

João, 9 anos, estudante, parece representar a mesma escultura de forma bastante diferente. O desenho aparentemente simples, feito com poucas linhas, mostra acuidade na observação da criança. A escultura foi representada sem roupas e de cabelos encaracolados, tal qual ela se encontra na vida real. Mas alguns detalhes parecem revelar sua percepção pessoal, a figura tem um semblante triste e a bandeira segurada por ela parece ser pesada demais para suportar.

Navegar: Diário de Bordo

O Diário de Bordo foi posto para os alunos do primeiro período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Izabela Hendrix, em Belo Horizonte, como um instrumento pedagógico que visa incentivar e estabelecer fontes primárias de estudo para a percepção do espaço. Este experimento procurou responder à questão sobre ser possível representar a percepção espacial de outra pessoa.

Essa técnica é usada em diversas áreas do conhecimento, que tem por objetivo descrever em detalhes acontecimentos vivenciados pelo sujeito, autor do diário, através de uma perspectiva pessoal. Leva-se esse nome por ter sido, inicialmente, usado por viajantes exploradores que sentiam a necessidade de registrar suas viagens. É uma ferramenta mais completa que os croquis ou mapas mentais, por registrarem sequências de acontecimentos. Podem ser apontamentos de próprio uso ou para que outros possam ter acesso à experiência e conhecimento vivenciados. Não estabelece regras pré-definidas, contanto que o registro transmita a experiência vivida. É uma ferramenta que possui grande potencial pedagógico na Arquitetura e Urbanismo como reflexão e registro da percepção do espaço. Porlán e Martin (1997)

colocam o Diário de Bordo como guia de reflexão sobre a prática do aluno, em que o professor pode acompanhar mais facilmente a evolução do aprendizado no conteúdo trabalhado.

Um Diário de Bordo convencional registra a experiência de seu autor em algum acontecimento. O desafio proposto para esta metodologia, de modo diferente, desafiou o aluno a construir o autor do diário como um personagem. Para isso, o aluno precisou estabelecer uma grade de valores para descrever o perfil do personagem criado (Figura 26). A partir dessa referência, criaram-se registros gráficos representando as visões de mundo dos personagens.

Figura 26 – Diário de Bordo¹⁵



Fonte: Acervo da Autora.

Para essa construção, foi discutido o valor do registro como linguagem e como nossos valores podem direcionar nosso olhar em uma representação. Os espaços da própria escola, visitados diariamente pelos alunos, pretendeu-se que sejam vistos com outros

¹⁵ Em cima da esquerda para a direita: passarela por um artista criado pelos alunos; passarela pelo perfil de Kandinsky; foto da passarela. No meio da esquerda para a direita: playground pelo perfil de Kandinsky; playground por um adulto e uma criança; foto do playground. Em baixo: Praça da Estação pelo perfil de Carl-Henning Pedersen; foto da Praça da Estação.

olhos. No exemplo ilustrado, a passarela e o *playground* foram desconstruídos para atender a valores diferentes. Alguns alunos estudaram e criaram perfis de artistas, como Kandinsky, ou perfil de crianças. A Praça da Estação, em Belo Horizonte, também foi visitada para realizar a dinâmica.

Talvez uma das qualidades mais importantes do arquiteto seja aprender a se colocar no lugar daqueles a quem sua obra será direcionada, ou melhor, se colocar ao lado e projetar com eles. O arquiteto não projeta para si mesmo, ou para seus colegas afins. Ele projeta para uma comunidade de não arquitetos e precisa adquirir a sabedoria de projetar com seus “personagens”, assemelhando-se à vivência adquirida por um escritor. Usar as peculiaridades do ofício de arquiteto para ajudar a aflorar, tornar legível, dar voz àqueles a quem o projeto se destina. Guimarães Rosa, se tomado por exemplo literário, e guardada as especificidades dos ofícios, com certeza “bebeu água de todo rio...” (ROSA, 2019). Seu riquíssimo arsenal de exemplares da vida humana não veio dele próprio, mas daqueles que a sua observação conseguiu absorver um conteúdo diferente do seu. A flexibilidade para transitar entre diferentes visões de mundo favorece o processo criativo, que necessita de matéria prima heterogênea e maior liberdade para criar conexões ainda pouco exploradas. Ao que parece, a escolha de uma técnica de representação que propicia maior liberdade facilita esse processo.

Com esse objetivo, de forma lúdica e quase informal, essa ferramenta procurou resgatar e liberar padrões espaciais e temporais a partir da experiência pessoal e intransferível de cada perceptor. Para tal, estabeleceu-se um jogo entre os espaços e os sujeitos, em que a desconstrução e a construção de grades de valores são propiciadas. A aparente ausência de “regras” pré-estabelecidas desafia o viajante a se refazer como parte do todo. Um camaleão inquietante é convidado a pousar seu olhar sobre o já antes conhecido: formas, cores, escalas e hierarquias assumem novos significados. Onde tudo já foi dito, a novidade é o seu olhar, e o veículo necessário para realizar essa viagem é o corpo.

Como já foi dito, o corpo é a primeira casa que habitamos, e a casa, ou o espaço construído, o segundo corpo. Esse experimento procurou expressar o relativismo

existencial, onde a percepção humana, extremamente mutável, altera ou direciona o conhecimento. A proposta é se permitir navegar em percepções diferentes e se arriscar, quase à maneira sofista, a defender uma posição possível, entendendo que existem também muitas outras.

3.2 Junto à comunidade: estudo de Significância e Representatividade

O estudo de significância e Representatividade foi desenvolvido pela autora como técnica metodológica qualitativa, com o objetivo, primeiro, de eleger o espaço símbolo de uma cidade. Foram realizados três experimentos que fazem parte da pesquisa intitulada “Estudo de Significância e representatividade da cidade de São Lourenço”, realizada entre 2018 e 2020 na cidade de São Lourenço, Minas Gerais.

A pesquisa levantou dados sobre a relação entre o sujeito e a representação espacial, tanto em sua produção quanto em sua percepção, fazendo com que a modelagem da informação favorecesse o fortalecimento da identidade cultural da cidade. O “Estudo de Significância e Representatividade da cidade de São Lourenço” foi realizado através de parceria com a Prefeitura Municipal local e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CAAE 08050918.8.0000.5149). Mais do que um plebiscito, o estudo consultou os moradores sobre qual deveria ser o espaço símbolo da cidade, usando uma metodologia que ancorou outras informações que enriqueceram o estudo. A “Significância” apresentou informações sobre os valores culturais reconhecidos pelos moradores e suas histórias entrelaçadas no contexto da cidade. Por sua vez, a “Representatividade” revelou informações sobre o quanto os espaços daquela cidade exprimem verdadeiramente esses valores, relacionando-os a diferentes técnicas de representação espacial. Esse artifício procurou verificar a hipótese sobre diferentes técnicas de representação do espaço poderem ser usadas como artifício para alcançar diferentes visões de mundo, favorecendo, assim, a abrangência cultural na modelagem das informações.

“Para valorizar é preciso conhecer!” Essa foi a frase de chamada para que a população participasse da pesquisa. De certo que intenciona a valorização da história e cultura

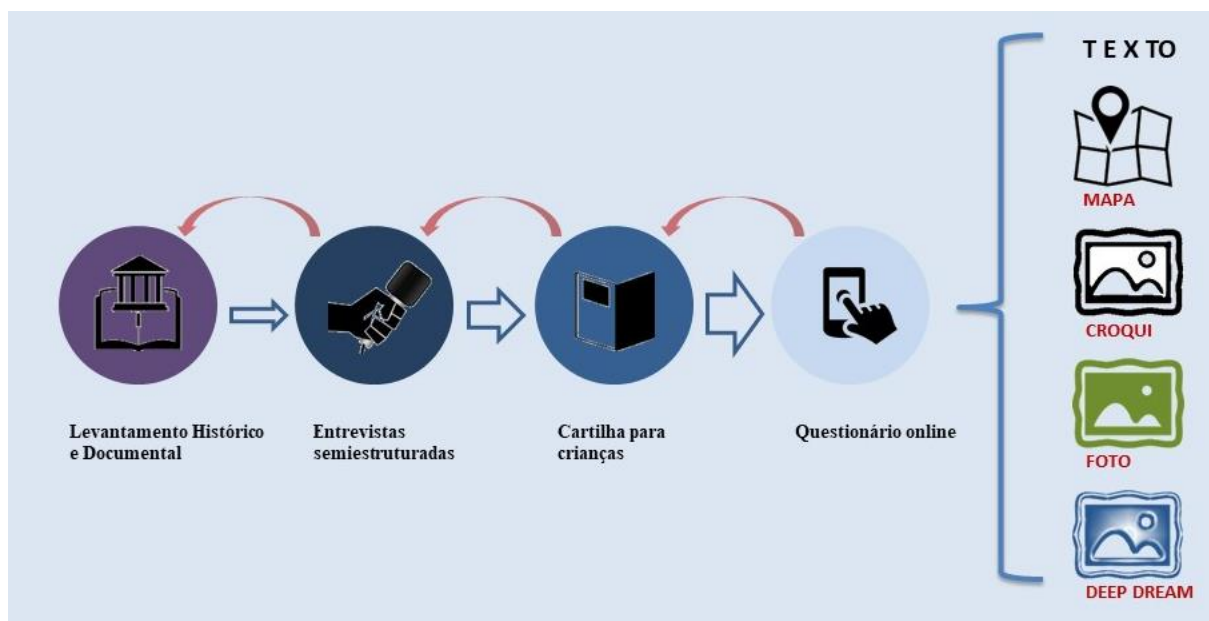
locais com o fortalecimento da identidade local. Mas também diz que, para se revelar o sentido de uma representação, é preciso, antes, aprendê-lo.

Diante da realidade da globalização digital no contexto da arquitetura e urbanismo, tem-se mostrado a necessidade de desenvolver metodologias através da modelagem da informação que propiciem o fortalecimento da identidade cultural das comunidades. Ações locais, voltadas para o cotidiano, podem criar vínculos poderosos que criarão pontes para inserir comunidades na era digital. Há demanda de iniciativas onde a história pessoal seja valorizada, criando sentimentos de pertencimento, onde a comunidade se sinta reconhecida no mundo.

Ao final da pesquisa, muito além de eleger o espaço símbolo da cidade, foi gerado um estudo cultural de relevância que poderá amparar muitas outras iniciativas para reconhecimento e fortalecimento da identidade local. A própria movimentação causada pela pesquisa entre os moradores da cidade, causou, por si só, mudanças de comportamento que favoreceram a implementação de novas iniciativas culturais, sejam por parte dos órgãos públicos ou por parte da própria comunidade.

A coleta dos dados foi organizada de forma crescente em quatro etapas sequenciais em que o conteúdo de cada etapa foi trabalhado de forma a alimentar a etapa seguinte por meio de acréscimos ou adaptações (Figura 27). Na primeira etapa, foi realizado um levantamento documental que estabeleceu a primeira referência histórica e cultural da cidade através de um Palimpsesto Espaço Temporal. Palimpsesto é um pergaminho em que se raspa o texto antigo para se escrever um novo, é um hipertexto. A partir desse esboço, foi elaborada a segunda etapa, a partir de entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, de alguns representantes da cultura local. A terceira etapa foi direcionada para crianças de 12 a 13 anos, alunos de três escolas de níveis socioeconômico diferenciados, através de cartilhas impressas. Na última etapa, foi realizada através de plataforma on-line e aberta ao público.

Figura 27 - Etapas da pesquisa por aproximação.



Fonte: Produzido pela autora.

A coleta de dados seguiu a ordenação proposta, mas também gerou, por vezes, um fluxo contrário de informação quanto à análise dos dados em cada etapa.

A cidade escolhida para realização do experimento foi São Lourenço, na região Sul de Minas Gerais. Essa área ocupa 58.019 km², com população estimada de 45.851 habitantes (IBGE, 2019). Configura-se como instância hidromineral de forte apelo turístico, possuindo o segundo maior parque hoteleiro do estado. Essas características possibilitaram a diminuição do recorte da amostragem, sem perder a diversidade socio-econômica-cultural desejável. Devido à pesquisadora ser moradora da cidade desde 2018, houve maior facilidade de acesso aos órgãos públicos e à população local.

3.2.1 Levantamento histórico e documental

Foi realizado levantamento a partir da análise de livros, artigos, fotos e outros documentos oficiais, a fim de estabelecer a primeira referência histórica e cultural da cidade. Foi um desafio processá-los de forma sintética e de fácil visualização. Uma síntese desse levantamento histórico é apresentada no Apêndice A.

Reconhecer e valorizar o pré-existente é fundamental na construção e valorização da identidade cultural, e a representação simbólica do enredo dessa história auxiliou a fortalecer a relação. O levantamento histórico e documental propiciou o mapeamento dos atores mais relevantes no decorrer da formação da cidade, procurando, também, destacar o principal valor associados a eles, e, em alguns casos, os valores conflitantes (Quadro 2).

Quadro 2 – Principais atores da formação da região de São Lourenço.

ATORES					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ICONE	DATA INICIAL	VALORES	CONFLITO
NATIVOS	Indígenas				
	Monarquia Portuguesa		1560		
EXPLORADORES	Bandeirantes		1675		
	Aquáticos		189... até Década 50		
	Veranistas		Década 30		
	Turistas		Década 70		
	Turistas ecológicos		Década 70		
	Perrier Vitel		1972		
	Nestlé		1992		
	Minalba Brasil		2018		
FUNDADORES	Trem Ferroviário		1885		
	Visionários		181..., 1890 1929		
	Hotel, Cassinos		1915, 1930		
	Comércio		1925		
	Poder Público		1927, 1993, 2004		
	Presidente G. Vargas		1935 a 1954		
	Comunidades Espiritualistas		1927, 1943, 1970, 1986, 2019		
	Associação de Balonismo		1935, 1998		
	Estrada Real e CRER		2001, 2017		
	Circuito das Águas		2003		
	IEPHA		2003		

Fonte: Elaborado pela autora.



Natureza

Exploração Mineral

Domínio da Natureza

Espiritualidade



Poder Político

Comércio

Exploração das Águas
Hidrominerais

Jogos de Azar

Foram organizados os quadros em exploradores, fundadores e os índios como nativos. Os conflitos destacados, a princípio, foram os gerados a partir da relação com a Natureza, entre uma relação de adaptabilidade e coexistência, e outra de controle e exploração.

Espacializar: Palimpsesto espaço temporal

Esse experimento procurou responder à questão sobre o modo como a representação de fatos históricos poder interferir na percepção espaço temporal. Pela herança intelectual do século XIX, passado e futuro eram entendidos como uma cadeia de eventos normalmente representados em uma linha do tempo. Porém, teorias recentes apontam a compressão em “tempo real”, desvinculando-o do espaço. Como consequência, o espaço passou a ter uma predominância sobre o tempo, com uma justaposição do simultâneo, do próximo com o distante:

De fato, ao falarmos de local ou de global estamos nos referindo a categorias espaciais; o próprio termo globalização ancora-se num traço de natureza geográfica. Não é a categoria tempo que utilizamos para representar o presente, a atualidade. Uma representação é sempre uma relação imaginada das condições de existência, ela revela de maneira taquigráfica algo do real (ORTIZ, 2015, p. 79).

Nesse experimento, um palimpsesto espaço temporal foi proposto em substituição da linha do tempo linear convencional, como forma alternativa de organização espacial dos fatos registrados no tempo. Originalmente, um palimpsesto é um pergaminho onde a escrita do texto anterior foi raspada para se inscrever em um texto novo. Esse procedimento era muito comum na Antiguidade, devido à dificuldade de se conseguir pergaminhos novos. As obras consideradas menos importantes ou ultrapassadas eram raspadas para serem feitas cópias de textos mais valorizados na época. Contudo, o texto anterior podia ser lido como sombra sobreposta, o antigo sobre o novo. No sentido literal, um palimpsesto é um hipertexto, podendo ser visto como toda obra que deriva de uma primeira através de mutações ou imitações, e pela leitura de uma se chega à outra.

Tangenciando o pensamento de Bourdieu sobre as relações sociais, socialmente construídas com o intuito de estabelecer poder, foi proposta uma representação que

pela linha do tempo em que tudo acaba ficando para trás. Historicamente, sabe-se que, por vezes, uma ideia ou um fato que pareciam adormecidos ganha força e ressurgem de forma diferente, repaginado, mas mantendo o cerne do que o constitui, talvez como no “mito do eterno retorno” de Eliade (1992). Desse modo, um palimpsesto parece melhor representar o conceito de sobreposição espaço temporal adotada por alguns autores, como Ortiz (2015), em que o conhecimento é constantemente revisitado, aprofundado em um processo cíclico. A partir desse esboço da história oficial da cidade, foi elaborada a guia para as entrevistas semiestruturadas da etapa seguinte.

3.2.2 Entrevistas semiestruturadas

Com amostragem qualitativa em pesquisa exploratória, foram realizadas 21 entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, de alguns representantes da cultura local, de forma a procurar abranger o máximo possível a sua diversidade. A escolha dos representantes foi através de indicação de diferentes fontes: por meio da Diretoria de Cultura e secretaria de Turismo da cidade, e pelos próprios entrevistados. Também foi critério de escolha procurar abranger diferentes idades, posição sócio-econômicas-culturais, sexo, naturalidade, religião ou conduta filosófica (ver Apêndice B).

Nesse sentido, a entrevista foi estruturada em quatro fases. Na primeira, foi abordada a história pessoal e percepção espacial. O entrevistado foi convidado a relatar sobre sua história em São Lourenço, passando sobre relatos de seus antepassados. Somente depois de estabelecido um vínculo de confiança foi colocada a questão sobre o símbolo da cidade. Na segunda fase, perguntas fechadas e abertas traçaram um perfil da Identidade Cultural. Foram abordados temas como o turismo, a qualidade de vida, a gestão política, a história e a cultura, a convivência entre os moradores e os problemas da cidade. Uma questão fechada sugeriu alguns espaços que poderiam ser vistos como “espaço símbolo” da cidade, mas ainda dando a alternativa do entrevistado sugerir outro espaço. Na terceira fase, foi pedido que se desenhasse, em no máximo 15 minutos, o local de sua escolha. Foi oferecido um *Ipad Pro* modelo A1674 e uma caneta digital *Appel Pencil* modelo mk0c21z/a, que também possibilitava a gravação visual do processo. Como segunda opção, também foi oferecido um papel A4 com caneta, mas nenhum entrevistado fez essa opção. Por fim, foi pedido que

preenchessem a folha de rosto da Guia da entrevista contendo alguns dados pessoais.

A forma como as entrevistas foram conduzidas possibilitou que a entrevistadora conhecesse a história local devido a diferentes fontes, além do levantamento da fase anterior que esclareceu sobre a história oficial do município. As entrevistas demonstraram visões diferentes sobre a história e a percepção da cidade. A visão de mundo de cada entrevistado direcionou a narrativa, evidenciando fatos e histórias pessoais de modo diferenciado.

A história da cidade foi montada como pano de fundo que parecia se mover para se adequar a diferentes enredos. A história verbal parece mesmo estar sempre acompanhada de alguma passionalidade, ou mesmo mitos. De qualquer modo, são visões importantes que merecem registro, por melhor representarem o “sentimento” de uma comunidade. O lado humano, subjetivo, subversivo, impreciso, parcial e criativo. Mesmo entendendo que na história oral pode haver uma “tendência a borrar os confins entre a história e a memória e a dar maior peso a documentos carregados de uma forte carga emotiva” (GINZBURG, p. 17, 2010). Contudo, registros assim são riquíssimos e tendem a criar maior conexão com diferentes culturas. A história oral, apesar de não oficial, parece aproximar as pessoas, criando costuras no tempo capazes de criar sentimentos de pertencimento.

O Palimpsesto Espaço Temporal proposto é um protótipo do muito que ainda pode ser feito. A história oral coletada poderia ser inserida em ícones informatizados, em forma de áudio ou escrita, dando acesso à população aos diferentes depoimentos associados a cada momento ou personagens históricos. Ou ainda como plataforma aberta, dando abertura para que outros registros espontâneos sejam feitos. Atenta-se, aqui, o objetivo maior dessas iniciativas, o de não encobrir ou recontar a história oficial, mas fortalecer o sentimento de pertencimento e interação de uma comunidade com sua própria história. Juízo de valor, certo ou errado, verídico ou falso, não são prioridades nessa representação, e em muito se diferenciam do processo de um historiador, no contexto puramente científico. Mas, em muitos casos, esse

emaranhado gerado pela informação oral serve de guia para a consolidação de importantes fatos históricos.

O Parque das Águas obteve 71% de preferência como espaço símbolo pela importância para a cidade; 48% pela importância para os moradores; e 86% pela importância para os turistas. Somente 43% mantiveram o parque durante toda a entrevista. O Parque das Águas se destaca quanto à significância dos espaços do município, mas sua representatividade não é tão abrangente. Mesmo quando se percebe que parte da população pertencente às classes socioeconômicas mais baixas não o frequentam, a sua imagem faz parte do imaginário coletivo. Em muitas entrevistas, o Calçadão I é visto como espaço que melhor representa essa parcela da população.

Revelar: Mapas mentais

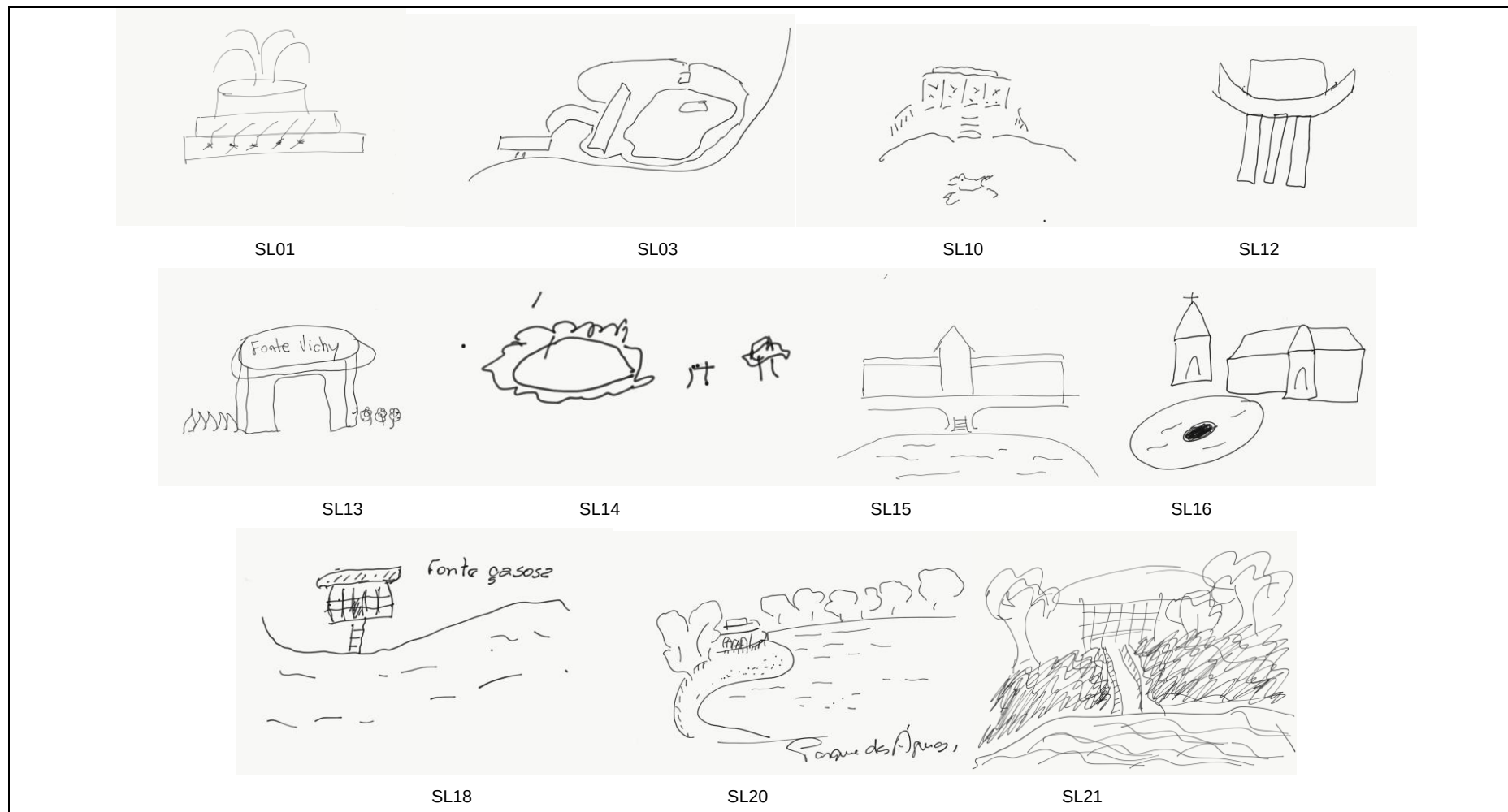
Sobre a representação dos espaços, também se percebe algumas representações mais livres e subjetivas, em contraponto com outras mais padronizadas e objetivas, que também parecem indicar algum condicionamento (Figuras 29 e 30).

Fato curioso foi que nenhum dos entrevistados representou figuras humanas no desenho de seus espaços. Os registros mais próximos, se considerarmos seres animados que habitam o ambiente, foram: SL07 representou uma vaca, um pato e um peixe; SL09 representou quatro garças; SL10 representou um pato; e SL11 representou uma vaca e três garças. Respectivamente, uma professora, uma Instrutora de yoga do Budismo Tibetano, um médico e ex-prefeito da cidade, e um Monge do Budismo Theravada. Aparentemente, aqueles de maior envolvimento em causas sociais ou espirituais, com dedicação desinteressada à melhoria da qualidade de vida do ser humano. A escala humana, de alguma forma, parece ter sido feita através da inserção de animais. Talvez remetendo à necessidade de harmonização com o ambiente, um ato inconsciente de tentativa de submissão à Natureza. Nesse sentido, ausência de figuras humanas em todas as representações podem dar indícios que a percepção dos entrevistados sobre os espaços passou por um processo de descorporificação. É uma imagem vista, apreciada à distância, como observador

pacífico que não coloca a si, ou outros, no espaço escolhido por ele como o mais importante. Em suma, o símbolo e a essência da cidade não parecem ser habitadas. Outro fato relevante é que, embora alguns entrevistados escolhessem, inicialmente, o parque, seus croquis representavam imagens de paisagens generalizadas com a presença de montanhas e água (SL05, SL07, SL09 e SL11), reforçando a ideia de regionalização e rompimento dos limites oficiais do município.

O engenheiro e empresário, atual presidente do *São Lourenço Convention & Visitours Bureau* – SL01, 53 anos, estabeleceu sua narrativa de acordo com a experiência profissional. Discorreu sobre uma experiência sensorial vivenciada na região da Toscana na Itália, em um *benchmark*, e ressaltou “que o turismo tem que ser estimulado nos 5 sentidos”. Representou, porém, uma fonte genérica, padrão, que poderia estar localizada em qualquer lugar do mundo.

Figura 29 – Mapas mentais dos entrevistados retratando Parque das Águas e Fonte Vichy.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 30 – Mapas mentais dos entrevistados retratando outros espaços.



Fonte: Produzido pela autora.

A fonte Vichy (SL10, SL12, SL13, SL18, SL20 e SL21) também foi muito representada pelo fato de estar dentro do parque, mas também pelo forte *marketing* de sua imagem, que já é usado em vários *souvenirs* para turistas. A representação da fonte é muito parecida com as fotos e outras imagens publicitárias. Representa a visão de um observador situado no lago, imagem feita pelo recurso do zoom de uma máquina fotográfica. O caminho usado para o acesso à fonte, pelo lado oposto dos croquis feitos, oferece um ponto de vista do usuário bem mais intimista. Parece que a representação do espaço, em alguns casos, é mais valorizada do que a experiência pessoal do próprio espaço.

A única representação da fonte que tende a ter um ponto de vista mais aproximado do vivenciado é a do artista plástico SL21, 43 anos. Sua vivência como artista parece tê-lo treinado a se colocar mais ao praticar a observação. O Gerente do Trem das Águas da Associação Brasileira de Preservação Ferroviária – SL03, 49 anos, tentou reproduzir o mapa do Parque das Águas que é distribuído aos turistas. Em sua fala, ele reconhece a importância das águas na formação da cidade, e também como a responsável por trazer os turistas, mesmo para o passeio à trem, foco de sua narrativa.

O vereador mais antigo da cidade – SL04, 77 anos, representou a Ermida de São Lourenço, com dois retângulos, mas achou necessário escrever textualmente sua intenção. Sua fala demonstrou domínio sobre o assunto da formação da cidade, e sua clareza parecia mais querer ratificar o que já deveria ser sabido. Raciocínio claro e fala correta parecem se expressar na forma demasiadamente simplificada e geometrizada da Ermida.

Uma Embaixadora da Folia de Reis – SL06, analfabeta, 70 anos, se negou a escolher um lugar que pudesse ser o símbolo da cidade. Quando muito, declarou que, “na verdade o que o povo precisa mesmo é de hospital (...) a Prefeitura poderia conseguir uma Kombi para levar as pessoas da Folia de Reis para apresentar nos lugares longe (...)”. De forma que, para as culturas tradicionais o seu corpo é o lugar, o templo, o espaço que merece ser cuidado, a fim de que a cultura se propague¹⁶. Desenhou uma

¹⁶ Para maiores informações ver as considerações de Olabiyi Yai (2003) abordadas na dissertação de Mestrado (REZENDE, 2009) sobre a espacialidade das culturas tradicionais onde “tudo está em tudo”. A simplicidade

singela flor, talvez para ela poderia representar nem toda a natureza. Comum pouco de entusiasmo, desenhou também a letra “A”, a inicial de seu nome. Talvez significando a ânsia daquela senhora conquistar sua própria representatividade diante da sociedade.

Com representação mais subjetiva, uma professora do ensino fundamental aposentada – SL07, 60 anos, desenhou sua cidade de forma poética e quase utópica, narrando, verbalmente, a construção de sua imagem. Sua vivência como professora e forte atuação em ações sociais, principalmente vinculadas à Igreja Católica e às organizações de proteção animal, parecem reforçar sua imagem idílica sobre a cidade.

Um Coronel da Reserva do Exército Brasileiro – SL08, 104 anos, se expressou através de um mapa atendendo a proporções e marcação de lugares estratégicos. Grande parte de sua entrevista foi sobre momentos vivenciados na cidade, durante as várias fases de sua vida. A cidade, como ambiente construído com suas ruas, construções e seus habitantes, foi o que mais se destacou em sua fala. Enquanto desenhava o mapa da região de sua infância, narrava os acontecimentos, como se o desenho estivesse reproduzindo os acontecimentos passados.

A Senhora SL17, escritora e historiadora, 85 anos, narrou em detalhes acontecimentos importantes sobre a formação da cidade. Poderia mesmo ter gerado um registro muito maior... Mas talvez não coubesse tanta história neste estudo. Da mesma forma que a singela Ermida, representada por ela, ficou pequena, e precisou de pequenas inserções, com pequenos traços, para representar toda a história que ela queria que coubesse ali.

daquela Sra. lembrava que para as culturas tradicionais, o valor é carregado consigo aonde quer que se vá. O seu corpo é o lugar, o templo, o espaço que merece ser cuidado a fim de que a cultura se propague. Relato semelhante aconteceu em conversa com uma Bordadeira em ocasião de uma feira de artesanato local, na cidade de São Lourenço. A Sra. se orgulhava em mostrar seus bordados com cenas do dia a dia da cidade: o entardecer com as garças, o caminho que leva à montanha sagrada, a Basílica de São Lourenço, etc.. Os bordados eram feitos em batas de algodão. Comentando-se que os bordados eram muito bonitos, sugeriu-se que eles seriam mais valorizados se colocados em quadros. A Bordadeira, com uma certa timidez, se ofendeu: “Mas a cultura... a cultura a gente tem que levar com a gente!”

A Senhora SL19, pedagoga, 75 anos, focou sua narrativa na história da Eubiose, mas demonstrou que sempre teve conhecimento e envolvimento com a história da cidade. Sua representação foi precisa em assumir a filosofia da Eubiose em seu Templo.

3.2.3 Cartilhas para crianças

Com amostragem qualitativa em pesquisa exploratória, as cartilhas foram geradas a partir das informações coletadas nas entrevistas da etapa anterior. A abordagem sofreu, então, refinamento, se comparada à Guia da Entrevista semiestruturada, tanto no conteúdo quanto na forma. Essa etapa procurou mapear a visão de mundo de crianças de 12 a 13 anos de diferentes níveis socioeconômicos. A relação entre sujeito e representação espacial mostrou diferenças quanto à modelagem da informação proposta. Foram avaliados alunos de uma escola particular bilíngue (Colégio Laser Solar dos Lagos), e de duas escolas públicas, uma estadual (Escola Estadual Professor Antônio Magalhães Alves – Polivalente) e uma municipal (Escola Municipal Dr. Emilio Abdon Pova). Para efeito desta pesquisa, o nível socioeconômico dos alunos foi simplificado em três categorias (respectivamente: alto, médio e baixo), de acordo com os dados pessoais levantados (ver APÊNDICE C).

Após o aluno preencher alguns dados pessoais (nome, idade, endereço, tempo em que reside na cidade), ele responde a cinco questões de múltipla escolha em que se repete a mesma pergunta: “Para você, qual espaço melhor representa a cidade? Marque com um x uma das alternativas ou sugira abaixo outra opção”. As questões usaram linguagem textual, mapa, foto, croqui e imagens tratadas através da plataforma *Deep Dream Generator* da Google. Também foi pedido que a criança desenhe um croqui livre do espaço que ele considera o símbolo da cidade de São Lourenço:

- a. Linguagem textual: a mesma relação de espaços usada na Guia da Entrevista da etapa anterior.
- b. Um mapa: foto aérea do *Google Earth* com marcadores nos espaços da relação textual.

- c. Fotos a cores de nove espaços mais apontados na etapa anterior: acervo pessoal.
- d. Croquis de nove espaços mais apontados na etapa anterior: cedidos por uma arquiteta local que faz pinturas em cerâmicas dos pontos turísticos da cidade¹⁷.
- e. Imagens tratadas pelo *Deep Dream Generator* (plataforma da Google que transforma fotos usando algoritmos de AI), de nove espaços mais apontados na etapa anterior. As imagens mesclaram cada foto com uma imagem de água devido à forte referência quanto à significância das fontes hidrominerais que deram origem à cidade.
- f. Croqui livre feito pelo aluno.

A questão com a linguagem textual e com o mapa foram questões feitas em separado. As questões de múltipla escolha feitas por imagens seguem o padrão dos três estilos (foto, croqui e Deep Dream), um em cada questão, em que duas imagens variam em estilo. A fonte Vichy e o Balneário, os mais votados da etapa anterior, ambos localizados no Parque das Águas, foram apresentados com estilos diferentes. Comesse artifício, foi verificado se houve preferência ou aversão a alguma das técnicas de representação utilizadas¹⁸.

Foi feita, ainda, uma última pergunta, em que foi apresentado um conjunto de palavras, resultado do levantamento histórico e documental, assim como também das entrevistas. Representam os temas recorrentes identificados até aquela etapa. Foram elas: turismo/ comércio/ competição, família/ monotonia/ espiritualidade, sujeira/ natureza/ qualidade de vida, trânsito/ compras/ progresso, drogas/ amigos/ educação, política/ desemprego/ sustentabilidade, lazer/ cultura/ depredação, águas/ prédios/ montanhas. Associado a dois valores positivos, foi colocado um valor negativo. Dessa forma, a coleta de dados referente à visão da criança sobre a cidade foi enriquecida, auxiliando os órgãos públicos competentes a planejar estratégias de intervenção que correspondam à expectativa local (Tabela 1).

¹⁷ Arquiteta Sandra Garcia – Benditas.

¹⁸ Para não prejudicar ou direcionar a escolha do espaço pela criança, as questões por imagem tiveram peso menor na eleição final do espaço símbolo da cidade.

Tabela 1 – Principais valores associados pelas crianças

Valor mais votado no conjunto de três palavras	Turismo	Família	Natureza	Compras	Amigos	Sustent.	Laser	Águas
Escola Laser	68%	50%	59%	41%	50%	45%	50%	86%
Esc. Polivalente	78%	78%	44%	61%	56%	50%	50%	83%
Escola Dr. Emílio	76%	90%	71%	34%	71%	38%	48%	72%

Fonte: Produzido pela autora, 2020.

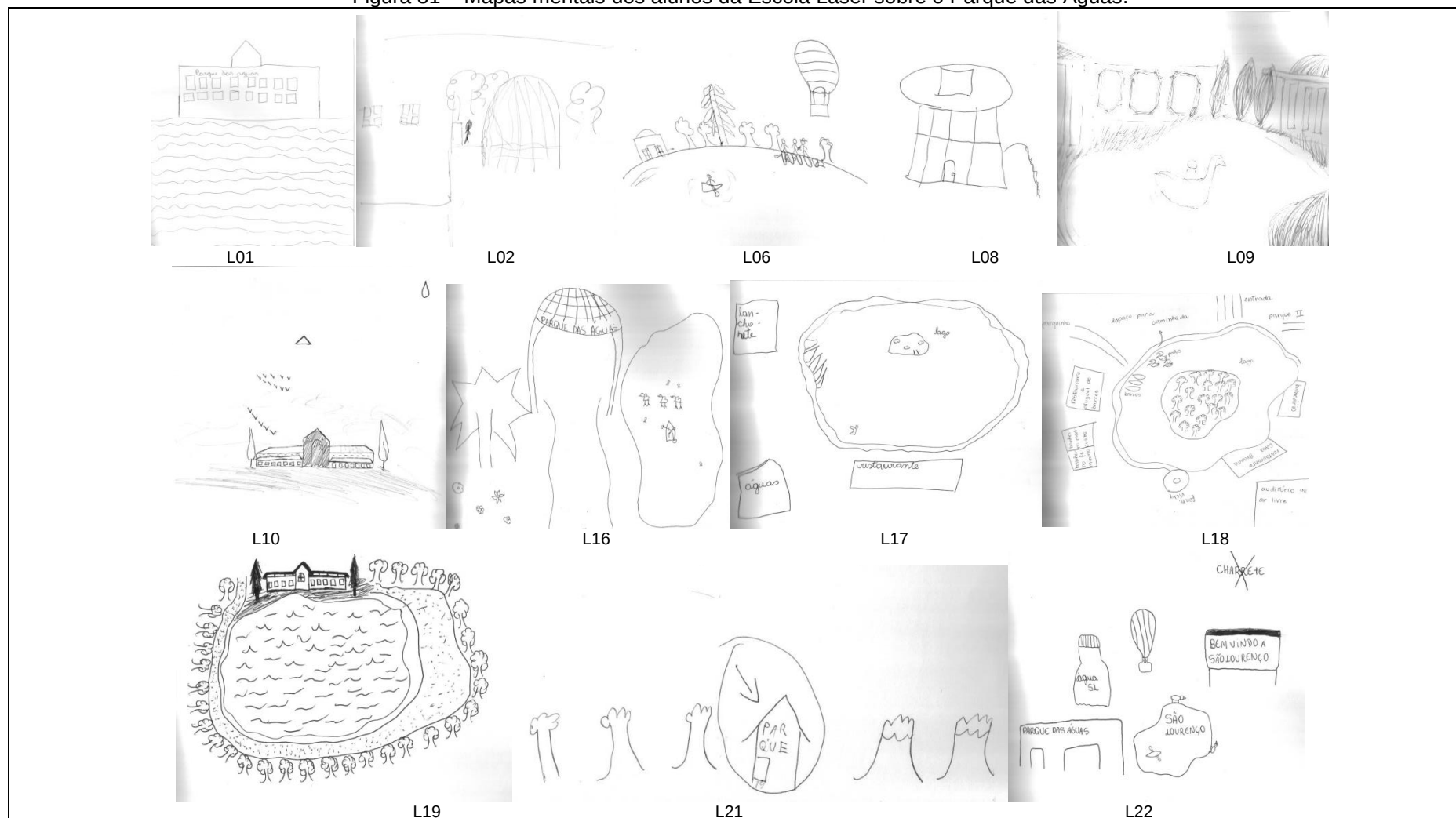
Alunos da Escola Laser e a Dr. Emílio praticamente equipararam a votação de 41% para compras e para progresso. De forma geral, a visão das crianças sobre a cidade reflete valores positivos. Somente os alunos da Escola Dr. Emílio, representantes de nível socioeconômico mais baixos, superaram a votação de sustentabilidade para 43% de desemprego. Mas o desemprego foi votado em menor porcentagem também nas outras escolas. A análise dos dados parece indicar a diferenciação quanto ao nível socioeconômico da família das crianças, confirmando a distinção já apontada anteriormente. Percebe-se, também, que, para crianças com menos recursos, a importância da família e do círculo social aumenta.

Revelar: Mapas mentais

Como já dito, esse experimento procurou responder à questão sobre pessoas com visão de mundo distintas tenderem a representar o espaço de modo diferente. Sobre os mapas mentais feitos pelos alunos de nível socioeconômico mais alto, 67% escolheram desenhar o Parque das Águas como símbolo da cidade. O uso de plantas esquemáticas é mais comum, mesmo quando os alunos escolhem outros espaços, como o Calçadão (Figuras 31 e 32). Os alunos de níveis socioeconômicos mais baixos escolheram representar o Parque Ilha Antônio Dutra (público) e quase não mencionaram o Parque das Águas (propriedade particular). Para esses últimos, a única representação em planta é de uma quadra de futebol (E19) que parece ser mais simbólico da atividade valorizada pelo aluno a uma representação objetiva do espaço. Alguns alunos representaram o pórtico de entrada do parque de modo mais livre e com interpretações pessoais.

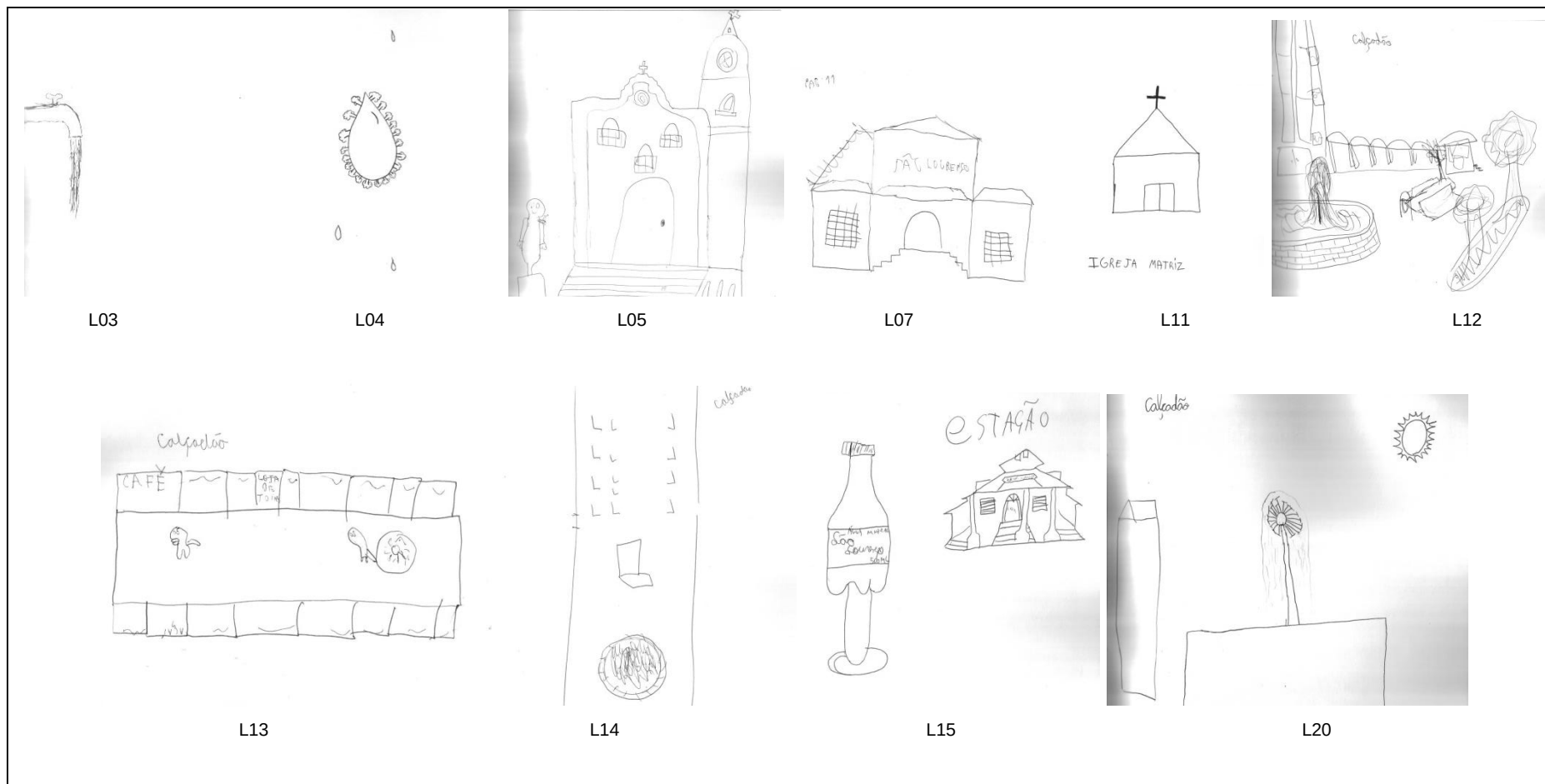
Aqui, também, tal qual nas entrevistas da etapa anterior, as representações dos espaços também careceram de figuras humanas. Foram registradas por quatro alunos do Solar dos Lagos (L02, L06, L09 e L16), dois no Polivalente (P01 e P02) e dois no Dr. Emílio (E08 e E16). Elas pareceram realmente representar acontecimentos vivenciados por eles, e não apresentaram nenhum rigor técnico, sendo bastante subjetivas.

Figura 31 – Mapas mentais dos alunos da Escola Laser sobre o Parque das Águas.



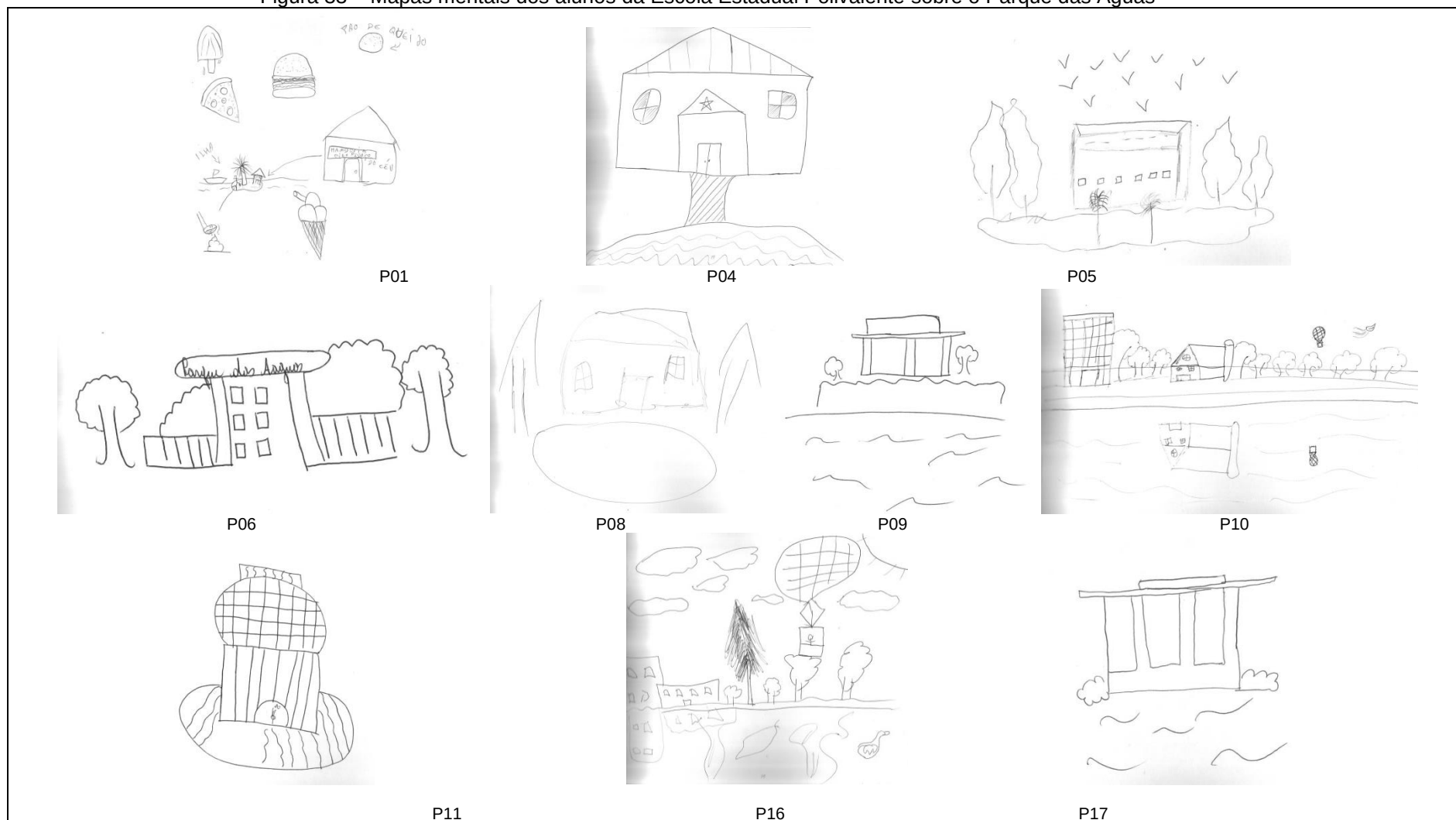
Fonte: Produzido pela autora, 2020.

Figura 32 – Mapas mentais dos alunos da Escola Laser para outros espaços



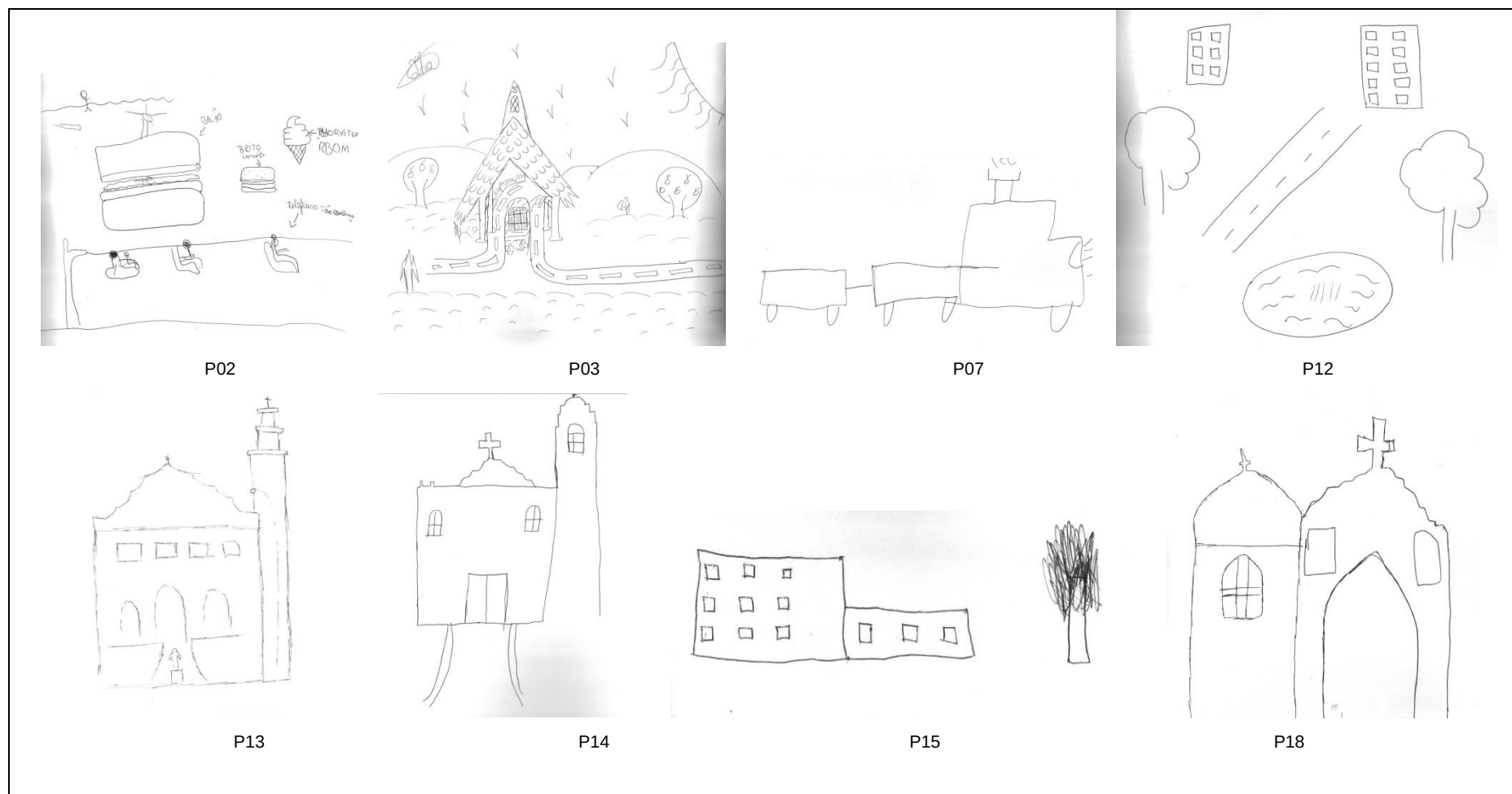
Fonte: Produzido pela autora, 2020.

Figura 33 – Mapas mentais dos alunos da Escola Estadual Polivalente sobre o Parque das Águas



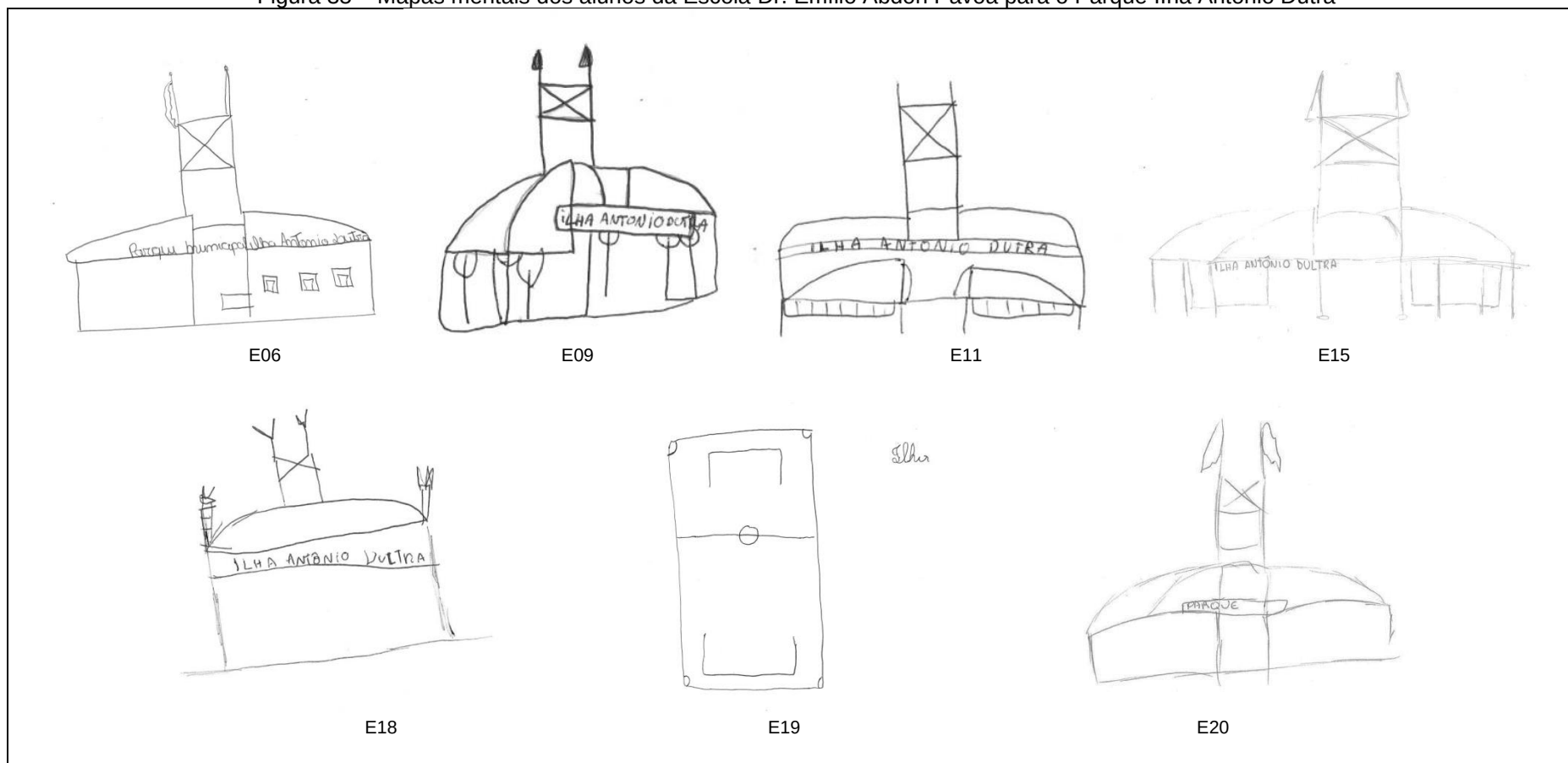
Fonte: Produzido pela autora, 2020.

Figura 34 – Mapas mentais dos alunos da Escola Estadual Polivalente para outros espaços



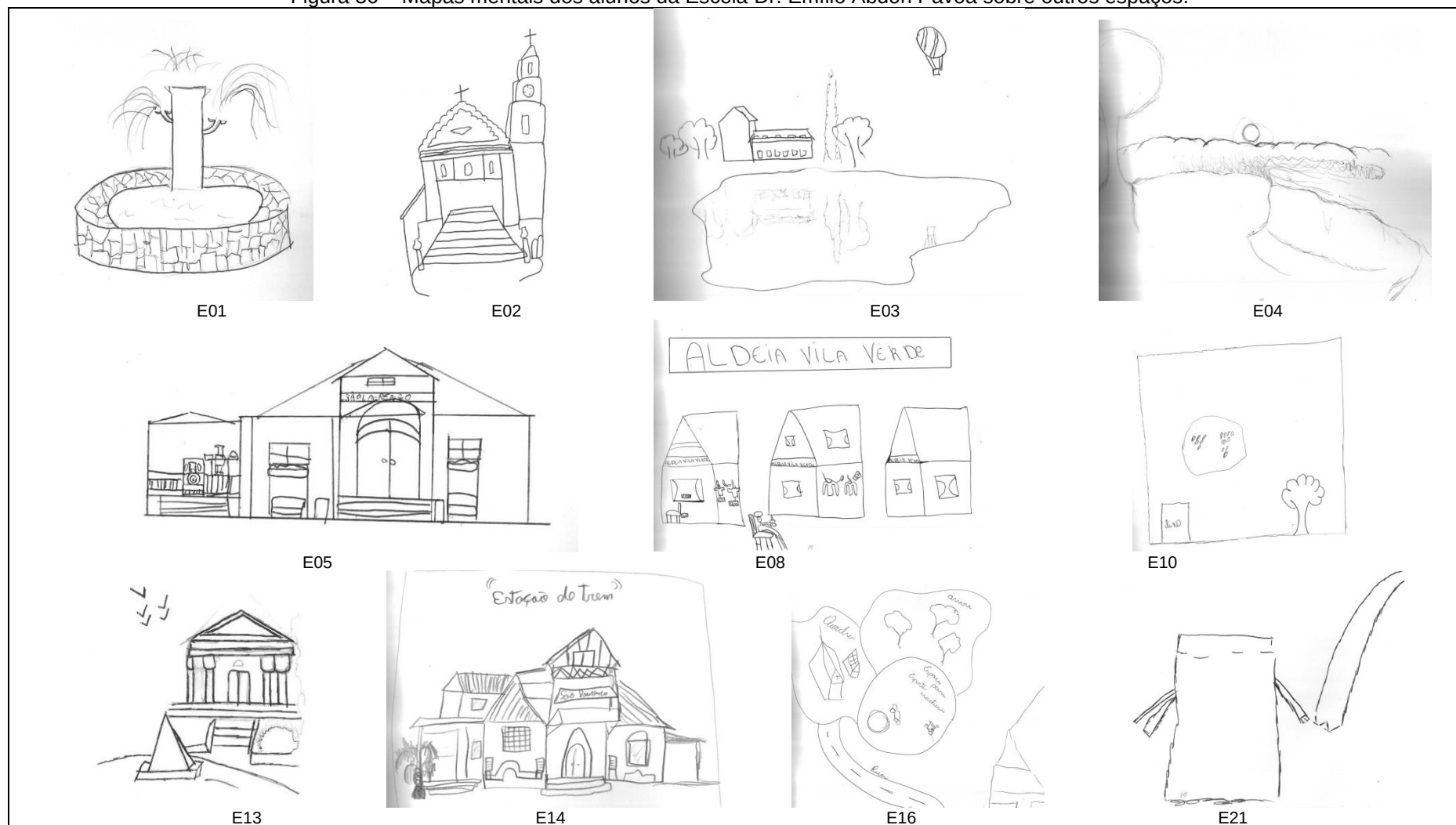
Fonte: Produzido pela autora, 2020.

Figura 35 – Mapas mentais dos alunos da Escola Dr. Emílio Abdon Pavao para o Parque Ilha Antônio Dutra



Fonte: Produzido pela autora, 2020.

Figura 36 – Mapas mentais dos alunos da Escola Dr. Emílio Abdon Pavao sobre outros espaços.



Fonte: Produzido pela autora, 2020.

Houve também tentativas de representar o espaço escolhido tomando como base alguma foto que já fazia parte da cartilha. Três no Solar dos Lagos (L07, L12 e L15), seis no Polivalente (P09, P10, P16, P17, P13 e P14) e seis no Dr. Emílio (E02, E03, E05, E09, E13 e E14). Com esses exemplos, percebe-se maior insegurança para referenciar os desenhos em sua própria vivência. Já outros desenhos são bastante simbólicos e descompromissados, podendo representar somente uma ideia, como uma torneira (L04), uma gota (L05) ou uma fonte (E01).

Condicionar

Esse experimento procurou responder à questão sobre ser possível averiguar a existência de algum condicionamento na leitura de uma representação. Apesar da participação dos alunos ter sido menor ao planejado¹⁹, os dados coletados foram significativos para a pesquisa. Apenas dois alunos do Solar dos Lagos e um do Polivalente mantiveram suas respostas e leram bem todas as imagens. Os comentários gerais dos alunos demonstraram satisfação em participar e somente dois questionaram o porquê de se fazer a mesma pergunta várias vezes. O procedimento parece ter mudado a compreensão das crianças sobre o objetivo do enunciado, que permanecia sempre o mesmo.

Os dados em que o aluno respondeu à pergunta sem aversão à técnica, lendo bem a imagem, de forma coerente à escolha feita na questão textual para as três escolas separadamente, e de acordo com as técnicas de representação usadas, obtivemos:

- Nas opções com fotos e *Google Earth*, os alunos leram melhor à medida que o nível socioeconômico se eleva;
- Na opção com *Deep Dream*, parece haver equiparação, com cerca de 50% de aceitação.

¹⁹ Apesar do convite à participação tenha abrangido mais de 200 alunos, somente 83 alunos participaram da pesquisa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE enviado aos responsáveis, gerou desconfiança quanto à declaração dos possíveis riscos exigidos pelo CEP (“leves riscos emocionais”), além da complexidade da pesquisa sugerida pela burocracia dos TCLEs e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE para menores.

- Já para a técnica do croqui, os alunos leram melhor à medida que o nível socioeconômico diminui.

Para esse experimento, as crianças responderam de forma diferenciada às técnicas de representação espacial, e o uso dessas técnicas interferiu em suas escolhas. Os resultados parecem também apontar que há um crescente condicionamento do olhar, à medida que o padrão escolar se eleva e que representações mais subjetivas são mais aceitas pelas crianças de mais baixo nível socioeconômico (Tabela 2).

Tabela 2 – Aceitação por nível socioeconômico

Representação	alto	médio	baixo
Fotos	91%	83%	67%
<i>Google Earth</i>	58%	56%	33%
<i>Deep Dream</i>	46%	56%	50%
Croqui	33%	33%	48%

Fonte: Produzido pela autora, 2020.

Os dados também foram analisados considerando a representação através do *Deep Dream* como ponto “zero”, e admitindo-se que, para uma representação desconhecida, o sujeito tem 50% de chance de aceitá-la ou rejeitá-la. Com esse parâmetro, acima deste ponto foi considerado um condicionamento de aceitação, e abaixo foi considerado um condicionamento de rejeição (Tabela 3).

Tabela 3 – Aceitação e rejeição por nível socioeconômico

Representação	alto	médio	baixo
Fotos	82%	83%	34%
<i>Google Earth</i>	16%	12%	-34%
Croqui	-34%	-34%	-4%

Fonte: Produzido pela autora, 2020.

Crianças parecem ser mais suscetíveis a um condicionamento, pois ao estarem inseridas em um processo de formação educacional, tendem a acatar as normas estabelecidas com facilidade. Com algumas exceções, são mais facilmente condicionadas em um padrão. É importante expor a criança ao contato de diferentes representações espaciais sem estabelecer juízo de valor entre elas para incentivar

sua percepção pessoal. O seu modo de estar no mundo pode também ser condicionado a partir dessa interface.

3.2.4 Questionário on-line

Com amostragem qualitativa em pesquisa exploratória, o questionário on-line foi aberto ao público. Essa fase foi estruturada a partir do material avaliado nas entrevistas e nas cartilhas das escolas. A plataforma on-line foi organizada de forma similar à cartilha, com as adaptações e correções necessárias, de acordo com os dados apontados nas etapas anteriores. Foi apresentada como segue (ver APÊNDICE D):

- a. Linguagem textual: seguindo o resultado das etapas anteriores da pesquisa, foi apresentado, textualmente, o nome dos quatro espaços mais relevantes. Cada opção direciona para uma página diferente referenciada ao espaço escolhido.
- b. Fotos de três espaços diferentes e um croqui do espaço escolhido.
- c. Fotos de três espaços diferentes e uma imagem tratada pela plataforma *Deep Dream* do espaço escolhido.
- d. Fotos de três espaços diferentes e uma foto do espaço escolhido.
- e. Imagens do espaço escolhido através de quatro representações diferentes, foto, croqui, *Deep Dream* com água, e *Deep Dream* estilo pintura.

O recurso de programação escolhido pretende garantir que a escolha textual seja o que vai contabilizar como escolha do símbolo da cidade e, a partir da escolha feita, o participante seja avaliado quanto à sua aceitação ou aversão a alguma técnica de representação espacial.

Condicionar

Da mesma forma que o experimento direcionado para crianças, esse experimento procurou responder à questão sobre ser possível averiguar a existência de algum condicionamento na leitura de uma representação.

A amostragem da pesquisa alcançou um grupo mais homogêneo para parâmetros de nível sócio econômico cultural. Participaram, majoritariamente, mulheres acima de 40

anos, com curso superior completo ou em andamento, moradoras de bairros de classe média e alta (Tabela 4).

Tabela 4 – Perfil dos participantes

Mulheres	74,3%
Acima de 40 anos	65,5%
Ensino superior incompleto ou mais	93,2%
Residentes em bairros de maior nível sócio econômico	60,9%
Escolheram o Parque das Águas	95,4%
Escolheram o Parque das Águas e mantiveram sua escolha textual	72,9%

Fonte: Produzido pela autora, 2020.

Para esse grupo, o uso de diferentes técnicas de representação espacial pareceu não interferir na escolha (Figura 37). Ou ainda os participantes deste grupo mais homogêneo responderam à pesquisa de forma muito similar entre si (Tabela 5).

Tabela 5 – Aceitação para a última questão

Representação	%
Fotos	75%
Croqui	12%
<i>Deep Dream</i> com água	8%
<i>Deep Dream</i> estilo pintura	5%

Fonte: Produzido pela autora, 2020.

A foto também foi a técnica de representação mais aceita para a última questão para adultos que leram bem as técnicas de representação, e a técnica do *Deep Dream* com estilo pintura, a menos aceita, o que também pode ser indício de algum condicionamento.

A cidade foi bloqueada devido à pandemia do COVID-19 duas semanas após o início da fase on-line²⁰. Decidiu-se, então, encerrar o estudo prematuramente devido ao clima psicológico de insegurança que pandemia gerou. No entanto, com o fechamento e análise dos dados já coletados, a pesquisa poderá impulsionar iniciativas políticas para unir e fortalecer a população local contra uma ameaça comum. O valor histórico e cultural de uma cidade pode gerar a resiliência e a energia necessárias para construir um futuro melhor.

²⁰ Devido ao pouco tempo em que a pesquisa foi disponibilizada e ao desvio da atenção que a Pandemia do COVID19 gerou, foram respondidos somente 158 questionários on-line.

Figura 37 – Questionário on-line quando escolhido o Parque das Águas.



Antes de começar precisamos de sua autorização para realização desta pesquisa.

Resaltamos que todas as imagens usadas nesta pesquisa são meramente ilustrativas.

7. Para você, qual deve ser o espaço símbolo da cidade? Marque uma das alternativas. *

Marcar apenas uma oval.

☐ Calçadão 1 Pular para a pergunta 8
☒ Parque das Águas de São Lourenço Pular para a pergunta 12
☐ Parque Ilha Antônio Dutra Pular para a pergunta 16
☐ Basílica de São Lourenço Pular para a pergunta 20

12. Para você, qual deve ser o espaço símbolo da cidade? Marque uma das alternativas. 5PC *

Marcar apenas uma oval.



☐ Opção 1



☐ Opção 2



☐ Opção 3



☐ Opção 4

14. Para você, qual deve ser o espaço símbolo da cidade? Marque uma das alternativas. 3PF *

Marcar apenas uma oval.



☐ Opção 1



☐ Opção 2



☐ Opção 3



☐ Opção 4

FOTO

13. Para você, qual deve ser o espaço símbolo da cidade? Marque uma das alternativas. 25D *

Marcar apenas uma oval.



☐ Opção 1



☐ Opção 2



☐ Opção 3



☐ Opção 4

TEXT

15. Qual das opções abaixo é de sua preferência? Marque uma das alternativas. 4PT *

Marcar apenas uma oval.



☐ Opção 1



☐ Opção 2



☐ Opção 3



☐ Opção 4

Pular para a pergunta 24

CROQUI

DEEP DREAM

VARIOS

Fonte: Produzido pela autora.

Se o questionário on-line tivesse alcançado maior número de pessoas, de diferentes perfis socioculturais, acredita-se que haveria como inferir mais informações nessa fase da pesquisa. Quanto maior e variada a amostragem, maior seria a chance de encontrar confirmação da hipótese lançada.

De forma geral, os dados levantados pelo “Estudo de Significância e Representatividade da cidade de São Lourenço” foram extensos em volume e qualidade de informação, sobretudo para um mapeamento histórico e cultural da cidade. Dessa forma, atendeu-se à intenção inicial de retornar para a comunidade um documento de qualidade que realmente pudesse amparar outras iniciativas culturais. Entende-se que, o estudo em sua completude, não foi totalmente abordado e direcionado para o recorte específico desta tese que recai sobre as relações do sujeito com as diferentes representações espaciais.

Contudo, o levantamento de “dados extra” foi proposital, como forma de reconhecimento ético pela oportunidade da coleta de dados que a cidade possibilitou. Ou seja, de acordo com o comprometimento assumido no lançamento da campanha: “Ao final da pesquisa, muito além de se eleger o espaço símbolo da cidade, espera-se apresentar à comunidade envolvida, um estudo cultural de relevância que poderá amparar muitas outras iniciativas para reconhecimento e fortalecimento da identidade local”.

O levantamento mais abrangente, principalmente na fase do levantamento histórico e entrevistas, permitiu uma visão mais apurada do objeto de estudo. Entende-se que um recorte mais estreito e focado no levantamento de dados não possibilitaria a compreensão cultural que foi gerada. Em se tratando de temas culturais, acredita-se que os dados estarão interligados e presos a uma rede de muitos outros dados, que, a princípio, podem parecer extrapolar o objetivo direto da pesquisa.

Como abordado anteriormente, esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da UFMG, de acordo com as normas e documentação

exigida (ver ANEXOS). O processo foi iniciado por meio da Plataforma Brasil, em 31/10/2018, e obteve aprovação em 06/05/2019, sendo o primeiro projeto aprovado pelo CEP-UFMG, no Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável e na Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG. Segue a relação dos documentos providenciados para a aprovação:

- Declaração de Parceria entre a Prefeitura de São Lourenço e o PPG-ACPS.
- Anuência da Diretoria de Cultura de São Lourenço.
- Parecer consubstanciado do Departamento de Tecnologia na Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG, onde a Profa Dra Renata Maria Abrantes Baracho está vinculada.
- Parecer consubstanciado do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável PPG-ACPS da UFMG.
- Guia das entrevistas semiestruturadas.
- Guia das Cartilhas para as escolas.
- Anuência das três escolas participantes.
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para as entrevistas semiestruturadas.
- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE para aluno de 12 a 13 anos.
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para o responsável pelo aluno de 12 a 13 anos.
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para professor do aluno de 12 a 13 anos.
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para plataforma on-line.
- Parecer final do CEP UFMG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E PROPOSIÇÕES

Quanto mais eu acentuar a objetividade das coisas,
cortando o cordão umbilical que liga à minha existência,
mais convertereis este mundo num espetáculo sentido como ilusório.

Gabriel Marcel, 1955.

Uma vez que a realidade em si parece não ser alcançável, pelo menos em uma representação espacial, não podemos esperar uma percepção única e imutável, mas ao contrário, encontraremos sempre múltiplas respostas em uma roupagem camaleônica. Tudo depende da avaliação e interpretação humana. Nada é possível de ser reconhecido sem a triagem e reconfiguração que a grade de valores impõe no foco da atenção. Poderiam ser como lentes ou véus na percepção humana, reconstruindo mundos múltiplos e completamente diversos na história da humanidade. Visto assim, qualquer intuito de compreender o mundo recairá, invariavelmente, na demarcação desta lente que separa sujeito e objeto. Ou ainda se o pensamento é sempre a realização de um coletivo, no entendimento da rede que conforma esse sistema.

Todo esforço no entendimento e construção de uma cultura sempre estará limitado à interpretação da realidade, à visão de mundo, à interação com o meio. Esse pensamento preconiza a heterogeneidade e a complexidade que estará sempre presente em qualquer estudo sobre o tema. Um novo viés sobre a temática da percepção e representação espacial humana abrirá possibilidades de maior aproximação dessa realidade caleidoscópica, a fim de descortinar novas visões sobre múltiplos mundos e culturas.

Pelo visto até aqui, o constante aprimoramento da capacidade humana de registrar dados, e conseqüentemente, o de representar espaços, independentemente da técnica usada parece ser um processo que percorreu diferentes caminhos, reflexo direto da conformação histórica de cada período e cultura. Na atualidade, a crescente capacidade de armazenamento e acesso de dados, por meio das memórias artificiais protéticas ainda parecem não avalizar maior qualidade do conhecimento. De modo similar, as inovadoras e promissoras tecnologias da representação espacial parecem também não garantir a qualidade dos espaços em uma arquitetura experienciada. Se o excesso de informação for, como alegam alguns, uma forma eficiente de alienação, talvez estejamos nos confrontando, de forma potencializada, com o que Platão já dizia sobre a escritura, o registro, ser o fármaco da memória. E se a arquitetura almejada, aqui nesta tese, pedir memória corporal, cabe identificar em que ponto a representação poderá se tornar o remédio ou o veneno.

Disciplinas como a Arquitetura e o Urbanismo pedem imaginação, capacidade de criar a partir de ideias, criar a partir de imagens, colocar a imagem em ação. Se as imagens mudam, espera-se que as ideias mudem também. Alterar os ingredientes de uma receita interfere no resultado, mas se a intenção for estandardizar um processo como fórmula, faz-se necessária a padronização. Esse foi um dos pensamentos base da Revolução Industrial. Mas hoje, atentamos sobre uma linguagem codificada, com uma resposta universal, o de poder inibir o processo criativo, se bloquear caminhos e relações entre entes que já não tenham sido previstos pela técnica usada.

As novas tecnologias da representação do espaço precisam também avançar sobre algumas dessas indagações. Se partirem das Ciências Exatas, como a Matemática, Física, Engenharia e Computação, parece ser necessário, imaginando ser possível sistematizar processos intrinsecamente baseados em percepções, cognição, sentimentos, expressões, sensibilidades e motivações mais amplas possíveis para abranger às diferentes visões de mundo.

Dessa forma, a pesquisa nos experimentos por imagens através de diferentes representações espaciais forneceu indícios para supor que, para alcançar diferentes culturas e diferentes visões de mundo, a completa padronização da representação da informação pode ser um dificultador. Em um mundo que pede a velocidade da informação, as representações têm papel fundamental. Priorizar o aparente controle no uso de uma só representação espacial padronizada pode induzir a um condicionamento padrão. Por sua vez, essa resposta padrão pode inibir soluções divergentes, tão importantes em processos criativos, reflexo da interface de diferentes culturas. Sabemos que esse tema pode assumir um panorama muito mais abrangente e complexo, mesmo quando somente focado na representação espacial da Arquitetura e Urbanismo. A potencialidade do uso de diferentes técnicas de representação espacial aponta para a necessidade de maior investimento nesta área.

Entendemos que pesquisas assim poderão ser feitas com maiores recursos humanos, através de trabalho de campo, pela interação com a população, e com o amparo em plataformas de modelagem de informação. Um Palimpsesto Digital poderia ser programado para organizar grande quantidade de dados. Como *layers* de dados

sobrepostos respondendo à configuração visual, de acordo com o interesse direcionado. *Serious Games* podem ser construídos a partir de estudos como este para reunir gerações através da história e cultura locais, interagindo diferentes gerações com o mundo digital. A modelagem da informação seria usada como uma maneira de fortalecer a identidade cultural. Aplicar esta metodologia, através do uso de diferentes técnicas de representação do espaço, mostrou ser um bom artifício para alcançar diferentes visões de mundo, favorecendo, assim, a abrangência cultural na modelagem dessas informações.

Destacamos, então, nesta tese, a importância da representação espacial na formação da relação do sujeito com o mundo, tanto na sua produção quanto na percepção, e que ela pode condicionar uma postura. Pela argumentação exposta até aqui e pelos resultados obtidos nos experimentos, procuramos demonstrar o caminho percorrido na busca de informações que ajudassem a resolver o questionamento sobre perceber e representar o espaço como ações humanas aprendidas culturalmente, sendo, ao mesmo tempo, produtos e produtores de visões de mundo. É importante estar atento aos desdobramentos dessa relação para usar o potencial dessa influência conscientemente, de acordo com os objetivos pretendidos. Por fim, entendemos que, neste estudo, para compreender o significado de uma representação, é preciso, antes, aprendê-lo.

De todo modo, esperamos que as discussões propostas tenham contribuído para uma nova compreensão sobre as técnicas de representação espacial, vinculando-as a valores diferenciados entre si, de modo que seus usos tendem a ser mais conscientes e menos condicionados. Nessa direção, grandes desafios são colocados, hoje, para conseguir, minimamente, parâmetros de representação mais representativos do todo. Como também para construir pontes de interação e adaptabilidade entre as diversas representações e visões de mundo, ou ainda entendendo que “a situação técnica inclina, pesa, pode mesmo interditar. Mas não dita”(LÉVY, 1995, p. 186). Sabemos que a representação, em si, sozinha, sendo ela por vezes efeito e por vezes causa, poderá não direcionar completamente essas interações. Ao que parece, a padronização que gera a descorporificação sinalizada no decorrer deste estudo, vai além da representação, e incide na própria cultura. Diante do atual momento de crise,

quando um novo paradigma cultural parece se formar, talvez um certo distanciamento seja mesmo necessário para que a humanidade passe pelo atual gargalo da história. Considera-se, ainda, que essas relações sejam vivenciadas de diferentes maneiras e profundidades, dependendo da angústia que cada um pode superar. Sentir tudo “à flor da pele” talvez vá na direção do diálogo de Platão, idealizado em Sócrates e Fedro, quando diz que poucos podem ter a memória superior, e quando estes a têm, perdem a capacidade de racionalizar.

Contudo, acreditamos, principalmente, ser possível uma maior harmonização com a natureza, incluindo a natureza humana, em sua fragilidade, imperfeição, instabilidade e finitude; e por isso, rica em contínuas e inúmeras possibilidades de aprimoramento e transformação. O arquiteto, um ser humano à serviço de outros seres humanos, talvez possa contribuir para uma construção menos humanista e mais humana. Para isso, padrões já consolidados talvez precisem ser questionados em sua real contribuição para uma arquitetura experienciada na atualidade. O conquistado e reconhecido papel do arquiteto, como um dos importantes protagonistas da história, talvez possa, hoje, contribuir para inspirar um processo de transformação e resgate cultural. De modo que, à maneira sofista, que os “arquitetos humanos”, e não mais que humanos, possam ser em futuro próximo, à medida de todas as coisas em toda sua pluralidade, para que nosso futuro se torne cada vez mais surpreendente e enigmático, tal qual a vida.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALEXANDER TEACHING STUDIO et al. 2019. Disponível em: <https://alexanderteachingstudio.com>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- ALMEIDA, Mauricio Barcellos. Revisiting Ontologies: A Necessary Clarification. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 64, n. 8, p. 1682-1693, ago. 2013.
- ANDRADE, Martins de. **São Lourenço: cidade recreio**. Rio de Janeiro: Ed. Zélio Valverde, 1945.
- ARAUJO, A. S.. **O ciclo de vida do fenômeno turístico em São Lourenço (MG): de estância hidromineral a destino de lazer e bem-estar**. Departamento de Geografia. Fev. 2009. 117 p. Dissertação (Mestrado) Belo Horizonte: UFMG.
- ARELLANO, Mónica. Sobre o deslocamento do corpo na arquitetura: o Modulor de Le Corbusier [Sobre la dislocación del cuerpo en la arquitectura: El Modulor de Le Corbusier] 24 Fev 2019. ArchDaily Brasil. (Trad. Daudén, Julia). Acesso em: 4 nov. 2020. <https://www.archdaily.com.br/br/911962/sobre-o-deslocamento-do-corpo-na-arquitetura-o-modulor-de-le-corbusier> ISSN 0719-8906
- BARACHO, Renata A.; BARBOSA, Cátia R. O objeto museal em diferentes contextos e mídias. **Em Questão (UFRGS. Impresso)** v. 17, n. 2, p. 195–208 , 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6067093>. Acesso em: nov. 2020.
- BRANDÃO, Carlos A. L. . **Arquitetura, Humanismo e República: a atualidade do De re aedificatoria**. 1. ed. Belo horizonte: Editora UFMG, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMPANA, Stefano et al. **CAA2015. Keep the Revolution Going**. Proceedings of the 43rd Annual Conference on Computer Applications and Quantitative Methods in Archaeology. 1. ed. England: Archaeopress Archaeology Ltd, 2016.
- BUZAN, T.. **Mapas mentais e sua elaboração**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- CASSIRER, Ernest. **Antropologia filosófica: introducción a uma filosofia de la cultura**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1951.
- CATTANI, Airton. Utilização de recursos da tecnologia da informação para qualificação de trabalhadores da construção civil em leitura e interpretação de plantas. **Ambiente Construído** v. 3, n. 1, p. 83–92 , 15 abr. 1997. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/view/3444>. Acesso em: jun. 2021.

CHASE, Michael. Pavel Florensky on space and time. **Schole** v. 9, n. 1, p. 105–118 , 2015. Disponível em:

https://www.academia.edu/10057423/Pavel_Florensky_on_Space_and_Time. Acesso em: jun. 2021.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CODEMGE. **SIGA - Circuito Das Águas**: Caracterização geoambiental, geológica, geofísica, hidrogeoquímica do Circuito das Águas de Minas Gerais, com ênfase nos parques hidrominerais de Caxambu, Cambuquira, Marimbeiro, Contendas e Lambari. FUNDEP, 1. ed. Belo Horizonte: 2018, 499 p.

DAMISCH, Hubert. **The origen the perspective**. 1a. ed. London, England: Massachusetts Institute of Technology, 1995.

DEEP DREAM GENERATOR et al. Disponível em: <https://deepdreamgenerator.com>. Acesso em: jun. 2021.

DILTHEY, Wilhelm. **A Essência da Filosofia**. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2014, p.190.

DOERR, Martin. The CIDOC Conceptual Reference Module: An Ontological Approach to Semantic Interoperability of Metadata. **Ai Magazine**, v. 24, n. 3, p. 75-92, set. 2003.

DOERR, Martin; HIEBEL, Gerald. CRMgeo: Linking the CIDOC CRM to GeoSPARQL through a Spatiotemporal Refinement. **TECHNICAL REPORT: ICS-FORTH/TR-435**, abr. 2013.

FAGUNDES, Synesio. **Estância Hidromineral de São Lourenço**: Álbum Ilustrado. São Lourenço, 1935.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. 9. ed. São Paulo: Mercuryo Ltda, 1992.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FAROK J. CONTRACTOR. The Excruciating Choice: “Flattening the Curve” and Prolonging the Global Recession. **GLOBAL BUSINESS – ECONOMIC & CULTURAL PERSPECTIVES**. Disponível em:

<https://globalbusiness.blog/2020/03/20/the-excruciating-choice-flattening-the-curve-and-prolonging-the-global-recession/>. Acesso em: 20 Mar 2020.

FERRATER MORA, Jose. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 1978.

FLORIÊNSKI, Pável. **A perspectiva inversa**. São Paulo: Editora 34, 2012.

FORNOS, Roque Angulo. Construcción de la base gráfica para un sistema de información y gestión del patrimonio arquitectónico: Casa de Hylas. **Arqueologia de la Arquitectura**, v. 9, p. 11-25, dez. 2012.

FUÃO, F. F. Sobre domesticação : A cidade pestilenta e o panóptico. **Revista Estética E Semiótica**, 9(2), 26-57. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18830/issn2238-362X.v9.n2.2019.02>. Acesso em: jun. 2021.

_____. O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? – 1ª parte. **Vitruvius**, 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/582>. Acesso em: jun. 2021.

_____. A Representação de Matias. **ARQTEXTO**, 2005. p. 80 a 95. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Fernando%20Freitas%20Fu%C3%A3o.pdf. Acesso em: jun. 2021.

_____. Arquitetura e criatividade. **Arquitetura Revista**. v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/5459>. Acesso em: jun. 2021.

_____. A máquina de fragmentos, a construção da arquitetura através dos primeiros instrumentos óticos. A domesticação da visão. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2012/10/a-maquina-de-fragmentos-construcao-da>. Acesso em: jun. 2021.

FURTADO, Junia Ferreira. **Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean-Bastiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GINZBURG, Carlo. Memória e Globalização. **Revista Eboços**. UFSC. v. 15, n. 21, p. 9-21. 18 Jan 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2009v16n21p9>. Acesso em: jun. 2021.

GIOLITO, C. C. R.. **Água Mineral, Fonte da Vida: Uma Estância Hidromineral e o crescimento econômico: São Lourenço uma cidade jovem e seu futuro**. Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Contemporânea. Jul. 2008. 110 p. Dissertação (Mestrado): FGV.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança**

cultural. 15 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

JUNQUEIRA, Leonel. **São Lourenço: sua origem e sua história 1890-2007**. São Lourenço: O Lutador, 2008. 242 p.

IBGE: Cidades. São Lourenço. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-lourenco/panorama>. Acesso em: jun. 2021.

IEPHA. **Dossiê de Tombamento do Parque das Águas de São Lourenço**. Belo Horizonte. out. 2018.

INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY Srl. **Desenvolvimento turístico das estações termais do Estado de Minas Gerais**. Diagnóstico. Belo Horizonte: 2007.

IMAI, César. O processo projetual e a percepção dos usuários: o uso de modelos tridimensionais físicos na elaboração de projetos de habitação social. **Ambiente Construído** v. 9, n. 2, p. 105–118 , 2009.

KAPUR, Kamlesh. **Portraits of a Nation History of Ancient India**. 2010. Disponível em: http://vhpamerica.org/vhpa_includes/HistoryOfIndia_KamleshKapur.pdf. Acesso em: jun. 2021.

LAND, Varusschlacht im Osnabrücker. **Museum und Park Kalkriese**. Disponível em: <http://www.kalkriese-varusschlacht.de/en/museum/>. Acesso em: jun. 2021.

LÉVY, Pier. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 1a. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

MACHADO, Ricardo. Rastreamento, monitoramento e a possibilidade futura de libertação do panóptico digital. Entrevista especial com Spencer Sydow. Instituto Humanas UNISINOS. 11 Mai 2020. **Disponível em:**

<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/598775-rastreamento-monitoramento-e-a-possibilidade-futura-de-libertacao-do-panoptico-digital-entrevista-especial-com-spencer-sydow>. Acesso em: jun. 2021.

MARCEL, Gabriel. **Da recusa à invocação**. In: FOULQUIÉ, Paul. O Existencialismo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1955.

NINIS, Alessandra B. **A Ecologia Política e a Exploração da Água Mineral de São Lourenço**. Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS. Nov. 2006. 186 p. Dissertação

(Mestrado): UnB.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Bandeirantes e pioneiros as fronteiras no Brasil e nos Estados Unidos. **Novos Estudos CEBRAP**. nº 37, p. 214-224, nov. 1993,.

OLIVEIRA, Tereza de Jesus. **São Lourenço: síntese histórica**. São Lourenço: Fundação Municipal de Cultura de São Lourenço, 1987. 79 p..

ORTIZ, Renato. **Universalismo e diversidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PANOFSKY, E. **La perspectiva como forma simbólica**. 2. ed. Barcelona: Fabula, 2003.

PLANO DIRETOR MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO. Disponível em:
<http://camarasl.mg.gov.br/pdm.pdf>

PLATÃO. **Fedro**. Trad. P. Gomes, 6. ed. Lisboa: Guimarães Editores: 2000.

POGACNIK, Marko. **Brasil, uma trilha para o paraíso**. 1. ed. Aiuroca: Fundação Matutu, 1998.

PORLÁN, R.; MARTÍN, J.. **El diario del profesor**. Sevilla: Díada Editora, 1997.

REZENDE, Michela Perígolo. **O espaço edificado quando referenciado à natureza: pelo olhar do terreiro DeDiCo**. 2009. 291 p. Dissertação (Mestrado): UFMG.

ROSA, G.. **Grande sertão: veredas**. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RUDERMAN, B. L. R. et al. **The Theatre of The Empire of Great Britaine , Iohn Speed, 1650**. [2017]. Disponível em: <http://www.raremaps.com/gallery/detail/34995>. Acesso em: jun. 2021.

SÁNCHEZ, Kenia. Desde restaurantes hasta gimnasios, así luce el diseño en la nueva normalidade. CHICMAGAZINE. 28 Out 2020. Disponível em:

<https://www.chicmagazine.com.mx/estilo-de-vida/diseño/coronavirus-como-el-diseño-ha-ayudado-en-la-nueva-normalidad>. Acesso em: jun. 2021.

SARAMAGO, J.. **Ensaio sobre a cegueira**. 1. ed. São Paulo: Comp. das Letras, 1995.

SEBRAE. **Diagnóstico do Circuito das Águas**. SETUR Política Estadual de Turismo: circuitos turísticos. Belo Horizonte: 2006, 265 p. Disponível em:
<http://www.caxambu.mg.gov.br/site/wp-content/uploads/2017/07/Planejamento-Estrat%C3%A9gico-Associa%C3%A7%C3%A3o-Circuito-Tur%C3%ADstico-das-%C3%81guas-2015-2018-2.pdf>. Acesso em: jun. 2021.

- SELIGMANN-SILVA, Márcio. A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens. **Revista de Males UNICAMP**, v. 26, n. 1, 11 dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636053>. Acesso em: jun. 2021.
- SMITH, Barry; MARK, David M. Do mountains exist? Towards an ontology of landforms. **Environment and Planning B: Planning and Design**, University at Buffalo, New York, v. 30, n. 3, p. 411-427, 2003.
- SOARES, Alan Rodrigues. **Inteligência artificial e imaginários futuristas em 2001: uma odisseia no espaço (1968), de Stanley Kubrick**. Departamento de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. Fev. 2017. 82 p. Dissertação (Graduação) Belo Horizonte: UFRS.
- SOUZA, Vera Helena Giusti De; GALVÃO, Maria Elisa Esteves Lopes; SOUZA, Wilson Roberto Soluna De. REPRESENTAÇÕES BIDIMENSIONAIS DE FIGURAS TRIDIMENSIONAIS: UM ESTUDO COM A VISUALIZAÇÃO. **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática** v. 7, n. 1, 18 jun. 2015. Disponível em: <http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/jieem/article/view/87/77>. Acesso em: jun. 2021.
- STASIOWSKI, Maciej. Houses for Descartes: Grid Pattern as an Ambiguous Image in a Critique of Utopian Megastructures and Modernistic Uniformity. **International Journal of the Image** v. 8, n. 3, p. 9–22, 2017.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. 1ª ed. São Paulo: Difel, 1980.
- TUDELLA, Eduardo A. da S.. **Práxis cênica como articulação de visualidade: a luz na gênese do espetáculo**. 2013. 629 f. il. Tese (Doutorado) Escola de Teatro. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- TEÓFILO, Josias. A perspectiva inversa de Pável Floriênski: a Rússia como herdeira. **Iconostasis**. 2013. Disponível em: <http://iconostasis.com.br/aperspectiva-inversa-de-pavel-florienski-a-russia-como-herdeira/>. Acesso em: jun. 2021.
- UEXKULL, Véase Johanne. **Theoretischce Biologie**. 2a. ed. Berlim: [s.n.], 1938. .
- VIZIOLI, Paulo. O Renascimento inglês. **Revista de História** v. 40, n. 82, p. 257–270, 29 mar. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/revhistoria/article/>. Acesso em: jun. 2021.
- XIAO, Jing. **Challenging cavalier perspective : an iconological study of visual perception of depth in Chinese representational space**. 2013. Disponível em:

<http://eprints.nottingham.ac.uk/14298/1/595857.pdf>. Acesso em: jun. 2021.

YAI, Olabiyi Babalola. Odo Layé - Eloge de la vie-fleuve. Perspectives africaines sur le patrimoine culturel. In: **14th ICOMOS General Assembly and International Symposium:**

'Place, memory, meaning: preserving intangible values in monuments and sites'. 2003,

Victoria Falls, Zimbabwe. : [s.n.], 2003. Disponível em:

<http://www.icomos.org/victoriafalls2003/papers/1 - Allocution Yai.pdf>, Acesso em: jun. 2021.

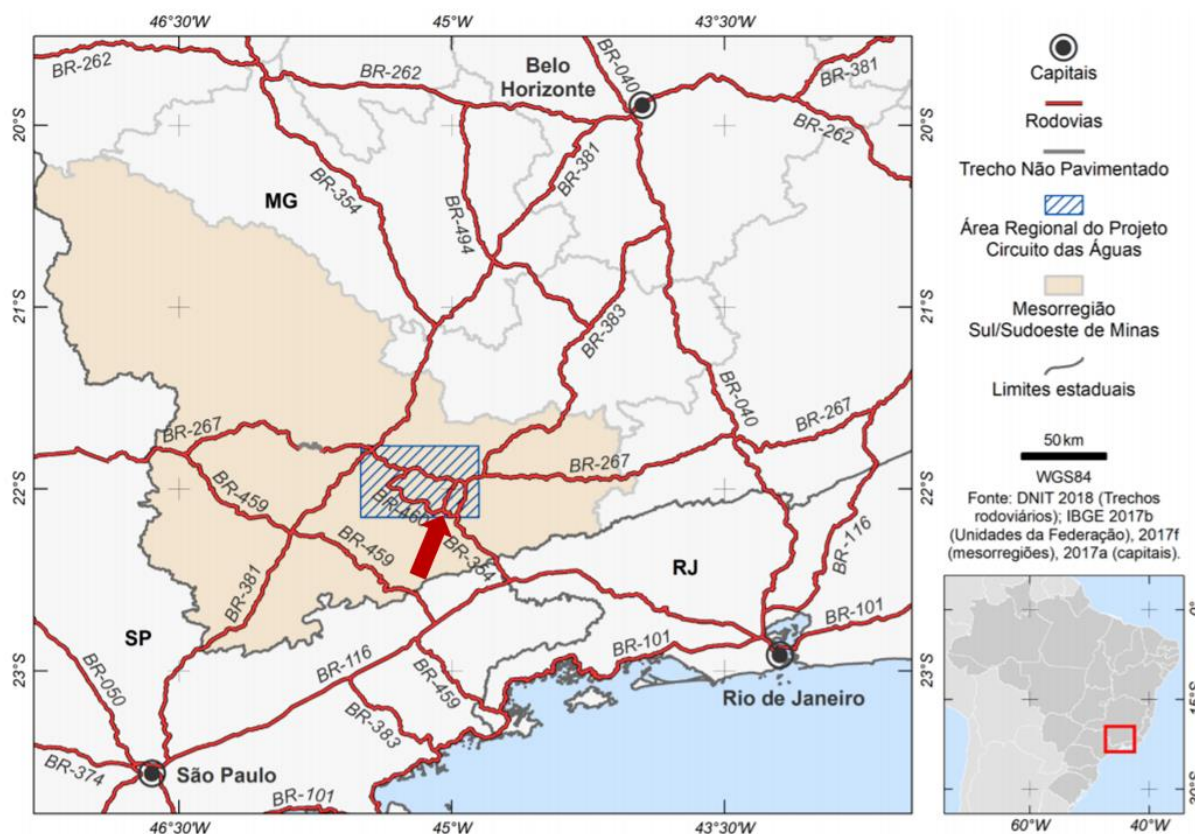
APÊNDICES

APÊNDICE A

Levantamento Histórico e Documental

São Lourenço possui localização estratégica em relação a três importantes capitais da região Sudeste brasileira. Está a 384 km de Belo Horizonte pela rodovia Fernão Dias, sentido São Paulo, até pouco depois de Três Corações, saindo pela BR-267 e, antes de Caxambu, pela MG-383. Vindo do Rio de Janeiro, 266 km pela rodovia Presidente Dutra até a BR-354, pouco depois de Itatiaia, e BR-460. De São Paulo, o acesso é pela rodovia Presidente Dutra – SP-060, percorrendo 300 km até depois de Cachoeira Paulista, seguindo pela rodovia Hamilton Vieira Mendes até à rodovia MG-156, e em Itanhandu, seguindo pela BR-354 até a entrada da BR-460 (FIGURA 1).

Figura 1 - Localização e principais vias de acesso à região do Circuito das Águas e à cidade de São Lourenço apontada no mapa.



Fonte: CODEMGE, 2018, p. 7.

Ocupa área pertencente à Bacia do Rio Verde (Figura 32) que integra a bacia hidrográfica do rio Grande presente nos territórios de Minas Gerais e São Paulo. O rio Verde nasce na Serra dos Ivos, entre os municípios de Passa Quatro e Itanhandu, na vertente ocidental da Serra da Mantiqueira, com uma altitude aproximada de 2.600

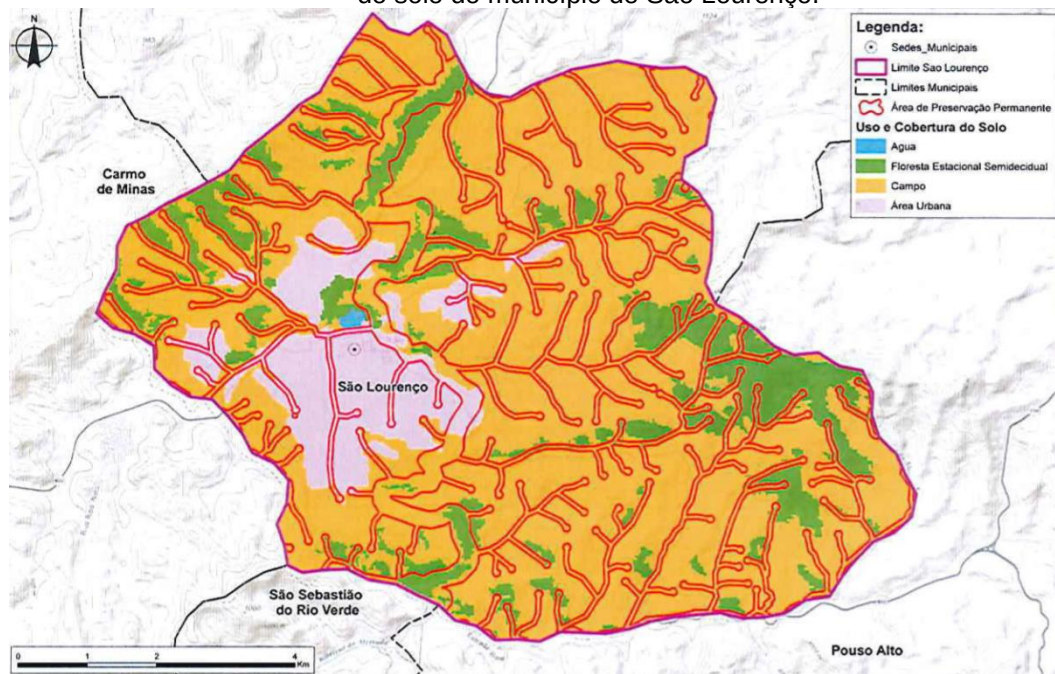
Figura 2 – Bacia Hidrográfica do Rio Verde:
Unidade de Planejamento e Gestão dos Recursos Hídrico 4 (UPGRH 4)

Possui clima tropical de altitude, índice pluviométrico de 2084 mm anuais e temperaturas médias entre 26° C e 12° C, com média anual de 20° C. Os acidentes geográficos de maior destaque são o Parque das Águas, o rio Verde e o Morro dos Lobos. Ainda encontramos áreas de preservação da Mata Atlântica, como na área do entorno do Parque das Águas, mas a vegetação predominante é de campos, formações rasteiras e pequenos arbustos dispersos (Figura 33).

126

(2002), sua população estimada é de 45.457 habitantes com quase 100% residente em área urbana. É o segundo menor município do Brasil com 57,065 km² de área.

Figura 3 – Mapa de áreas de preservação permanente e uso e cobertura do solo do município de São Lourenço.



Fonte: MEMÓRIA ARQUITETURA, 2016 apud IPHAN, 2018, p. 46.

O turismo e o comércio são as principais atividades econômicas do município que possui o segundo maior parque hoteleiro do estado. São Lourenço integra uma das dez cidades pertencentes ao Circuito das Águas do Sul de Minas Gerais e sofre influência direta dessas cidades com interface econômica, social e cultural. A Associação do Circuito Turístico das Águas é um resultado de uma política pública de Regionalização do Turismo de Minas Gerais, implantada pelo Governo do Estado em 2003. Atualmente, além de São Lourenço, mais 13 municípios fazem parte da entidade: Baependi, Cambuquira, Campanha, Carmo de Minas, Caxambu, Conceição do Rio Verde, Cruzília, Dom Viçoso, Lambari, Liberdade, Passa Vinte, Soledade de Minas e Três Corações.

As águas e as montanhas sempre estiveram a moldar e direcionar a ocupação desta região. “As montanhas foram sempre a baliza, o farol que tiveram à vista aqueles homens empreendedores. Os rios foram os caminhos que seguiram de preferência” (ANDRADE, 1945, p. 10). O primeiro registro da presença do homem branco na região

a que hoje se situa o município de São Lourenço está relacionado à época dos Bandeirantes. Os esforços iniciais de ocupação e exploração das terras ameríndias foram feitos na área litorânea. A busca crescente da coroa portuguesa pelo ouro e pedras preciosas, instigada por lendas crescentes da *Manoá del Dorado*, levou os exploradores a adentrarem aos poucos a região onde “as minas eram gerais”. Esse caminho de conquista e dominação foi empreendido pelos chamados Bandeirantes.

(...) as bandeiras, movimentos de penetração territorial que alargaram as fronteiras brasileiras muito além do Tratado de Tordesilhas. No Brasil colonial (século XVI ao XVIII), as bandeiras tiveram vários objetivos, entre eles o aprisionamento de índios, a busca do ouro, a guerra contra índios e negros amotinados. Seu principal local de origem era a capitania de São Vicente, hoje São Paulo. Através de vias fluviais e antigos caminhos indígenas, essas expedições ligaram São Paulo à margem esquerda do rio Paraná, fizeram a penetração para o interior e para o norte, e muitas vezes se chocaram com as missões dos jesuítas espanhóis (OLIVEIRA, 1993, p. 216).

Foram mais de três séculos para se estabelecer o domínio destas terras e de suas minas, fonte de maior interesse da Coroa Portuguesa. Inúmeras diligências de exploração e tentativas de expansão resultaram em fracasso devido à dificuldade de acesso à região. A Serra da Mantiqueira tinha seus segredos, caminhos proibidos em que a Natureza impunha seu ritmo. Em 1560 data a primeira bandeira que tentou romper os campos gerais, quando Mem de Sá enviou Brás Cubas com a sua expedição que “desceu o rio Paraíba e, em Cachoeira, rumou serra a cima. Galgou a Mantiqueira, e internando-se foi margear o São Francisco” (ANDRADE, 1945, p. 10). Esse foi o caminho mais importante percorrido pelos Bandeirantes na Era Colonial. A Garganta do Embaú, que em tupi quer dizer “a derradeira água” (Figura 34), foi a passagem encontrada pelas expedições. Hoje ainda se passa ali a linha ferroviária Sul Minas.

Figura 4– Localização da Garganta do Embaú vista pela rodovia Fernão Dias.



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

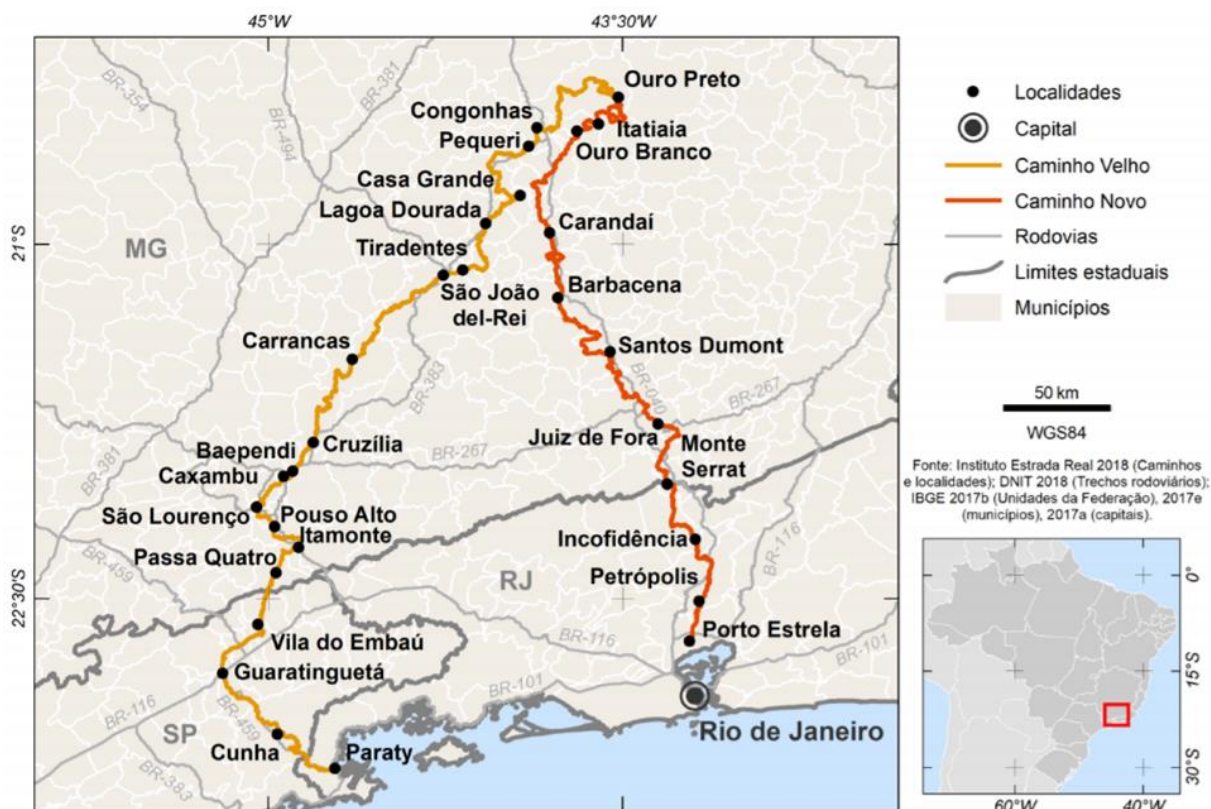
Foram várias tentativas até conseguirem verdadeiro avanço. Os relatos diziam de selvagens guerreiros que apareciam “do nada” e eram implacáveis em seu bote. Os *Mandimbóias* ocupavam a região do rio Verde; os *Katauás*, na região de Caldas; os *Myrapaks*, às margens do rio Grande; os tapuias *Guanhanhãuns* nas proximidades de Aiuroca, dentre outras tribos. Em 1597, Martim de Sá invade a região da Mantiqueira, arregimentando um pequeno exército composto por 700 lusitanos e 2.000 índios convertidos para conseguirem avançar no território. Nota-se que somente com o conhecimento dos próprios índios daquela região que o intuito dos bandeirantes começou a ser alcançado. Mais tarde, em 1675, a bandeira de Lourenço Castanho Tasques rompe o caminho já aberto pela serra da Mantiqueira, exterminando inúmeros indígenas e fundando o Pouso do Lourenço na região do município de São Lourenço (ANDRADE, 1945).

Durante o processo de exploração do século XVIII, dois caminhos oficiais foram importantes ao transporte do ouro e diamantes (SCHWARCZ & STARLING, 2015 *apud* CODEMGE, 2018). O primeiro, conhecido com o Caminho Velho, era o percurso trilhado pelas bandeiras paulistas. Saía da província de São Paulo, descia o Vale do Paraíba, cruzava a Serra da Mantiqueira, dirigindo em seguida para Nordeste, até alcançar Ouro Preto²¹. Devido aos constantes incidentes de contrabando que o

²¹ Segundo algumas das entrevistas realizadas, este caminho inicialmente explorado pelos Bandeirantes, nunca existiu de fato, pelo menos no trecho que o liga à atual cidade de São Lourenço (Ver Apêndice B, entrevista

caminho antigo era alvo, foi criado o Caminho Novo que saía do Rio de Janeiro e passava a Leste do Caminho Velho, que corresponde, atualmente, a um trecho da BR-040 (Figura 5).

Figura 5 – O caminho velho e o caminho novo no período da colonização.



Fonte: CODENGE, 2018, p. 7.

Muitas figuras importantes se destacaram na formação da cidade que nasceu de forma planejada com o objetivo de se formar uma instância hidromineral, a exemplo de outras já existentes como Caxambu e Lambari. O espírito empreendedor e visionário fazia com que assumissem grandes riscos e sacrifícios (Figuras 36 e 37).

SL017). O Rio Verde, em um trecho onde ele é largo e agitado, teria que ter sido transposto duas vezes, para chegar e para sair do Pouso do Lourenço. O primeiro Bandeirante que teria formado um pouso na região, Lourenço Castanho Tasques (1675). Este esforço, segundo esta versão, não se justifica. E, se for considerada, invalida a passagem dos Bandeirantes no local da atual cidade, e por consequência, também da Estrada Real. Entretanto, considerando a cidade de São Lourenço com consequência da conformação de uma área maior, para este estudo, admitiu-se a presença dos Bandeirantes no contexto histórico da região.

Figura 6 – Aterro para construção da cidade de São Lourenço (1890).



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Lourenço.

Figura 7 – Vista geral da construção da cidade de São Lourenço com os primeiros hotéis e urbanização inicial.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Lourenço.

Contavam com recursos próprios para levantar toda a cidade. Destacamos o Comendador Bernardo Saturnino da Veiga, filho de Lourenço Xavier da Veiga e pertencente à tradicional sociedade aristocrática de Campanha, que é considerado o fundador da cidade. Em 1890, ele comprou de Manuel Dias Ferraz e Adolf Shmidt os terrenos em que se situavam as fontes, criando a Companhia das Águas Minerais de

São Lourenço. Foi a primeira água mineral engarrafada e comercializada no Brasil. Talvez essa característica empreendedora tenha contribuído para que o Parque das Águas tenha se tornado, até hoje, o único de propriedade particular, enquanto todos os outros pertencentes ao Circuito das Águas do Sul de Minas Gerais sejam estaduais.

As colinas em número de sete, dão movimento curioso à topografia local. Decidem-se, então, a criar uma estação de repouso. Dir-se-ia que a alma bandeirante deixara em seus espíritos a ânsia da aventura arrojada e destemerosa. É contratado o engenheiro Alfredo Capelache de Gusberti para o serviço de captação das águas. Mas, para isso, tarefa maior primeiramente se impõe. Derrubar a mata, desviar o curso do ribeirão que depois, tomou o nome do lugar, aterrar a grande área, quilômetros de extensão e até de seis metros de altura, foram trabalhos primários a que se entregou aquele grande engenheiro italiano. (ANDRADE, 1945)

Após grandes investimentos e muito trabalho, a instância hidromineral de São Lourenço alcançou reconhecimento e fama nacional. Houve um período áureo onde era frequente a visita de figuras ilustres do campo político e cultural. Getúlio Vargas era assíduo frequentador e, nessas ocasiões, transformava o município em capital nacional temporária (Figura 38).

Figura 8 – Presidente Getúlio Vargas no Parque das Águas -1930.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Lourenço.

Modernistas como Oswald de Andrade frequentaram a região. Segundo a Crenologia, disciplina médica que trata através do uso das águas minerais, ratificava-se a importância dessas águas, que passaram a ser cada vez mais procuradas. Os adeptos a esse tratamento eram chamados “aquáticos” e permaneciam na instância por 21 dias para completar o tratamento. Os relatos de curas milagrosas ajudavam a aumentar a fama e, com a procura crescente, aumentaram também os investimentos.

Como os jogos de azar eram permitidos naquela época, a diversão para esses frequentadores era garantida pelos cassinos que também proliferavam na instância (Figura 39). Já em 1941, o Decreto-Lei 3688/41 proíbe dos jogos de azar que passam a existir na clandestinidade até serem completamente desativados.

Figura 9 – Primeiro cassino de São Lourenço: Cassino Brasil, 1929.



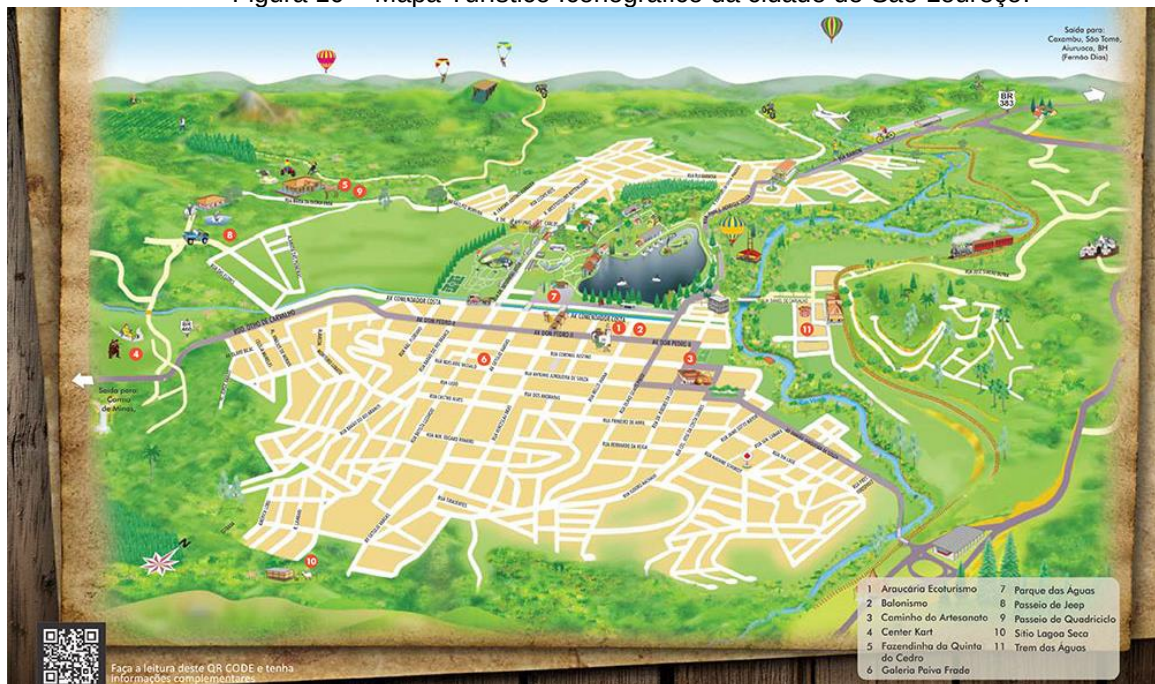
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Lourenço.

Há uma transição marcante no que se refere aos frequentadores da instância a partir deste momento (ARAÚJO, 2009). Em meados da década de 50, logo após o término da 2ª Guerra Mundial, a cadeira de Crenologia é extinta dos currículos dos cursos de Medicina do Brasil. As grandes empresas farmacêuticas emergentes passaram a conquistar mercado e a aceitação por parte da população que ia, aos poucos, desacreditando dos métodos tradicionais. Por fim, os frequentadores “aquáticos” foram se transformando em turistas.

Em 1992 a Nestlé compra o grupo Perrier Vittel e adquire a Companhia das Águas de São Lourenço, aumentando vigorosamente o comércio de água engarrafada no Brasil e no mundo. Cabe ressaltar que esta empresa é líder mundial no ramo de água mineral, ficando muito a frente da Danone, Pepsi e da Coca-Cola. Inúmeros embates entre a população local e a empresa exploradora das águas minerais desencadeou, em 2004, uma assembleia em Davos, na Suíça, que julgava sobre a legalidade das atividades da Nestlé na exploração das fontes de São Lourenço. Sob pressão destas manifestações, o Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM paralisa a exploração do Poço Primavera e a comercialização da água Nestlé *Pure Life* além de aplicar multas à empresa. Em 2018 o Grupo Edson Queiroz - Minalba Brasil adquire a Companhia das Águas Minerais de São Lourenço assim como também o Parque

das Águas. Neste mesmo ano, o IEPHA decide favoravelmente pelo Tombamento do Parque (FIGURAS 10, 11 e 12).

Figura 10 – Mapa Turístico Iconográfico da cidade de São Lourenço.



Fonte: SÃO LOURENÇO CONVENTION&VISITOURS BOUREAU et all, 2016.

Figura 11 – Vista aérea da cidade com o lago do Parque em primeiro plano



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Lourenço.

Figura 12 – Parque das Águas de São Lourenço nos dias atuais.



Fonte: Acervo pessoal.

Até então a cidade já contava com alguns tombamentos estaduais: em 2004 o Conjunto Paisagístico da Fazenda Sharp (cuja sede, a casa da Miguela, pegou fogo recentemente), em 2006 o Conjunto Paisagístico da Montanha Sagrada, em 2007 o

Bem Imóvel do Santo sudário de Cristo, em 2011 o Bem Imóvel da Escola Municipal Melo Viana, em 2012 o Registro Imaterial da Festa de Agosto, em 2015 o Bem Imóvel da Ermida do Sr. Bom Jesus do Monte, em 2018 o Bem Imóvel do Palacete Cardoso (FIGURA 43). O IPHAN oficializou o Registro Imaterial da Roda de Capoeira com a ocorrência de um Mestre do Ofício na cidade. Segundo a Secretaria de Cultura de São Lourenço, atualmente noventa e um bens estão inventariados a nível municipal.

Figura 13 – Bens imóveis tombados pelo IEPHA em São Lourenço



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Lourenço.

De forma geral, a ambientação da cidade é de uma cidade turística de pequeno porte, mas que agrega também grande movimentação como polo comercial regional. Muitas

edificações históricas de grandes hotéis e cassinos foram demolidos principalmente nas décadas de 80 e 90. Ainda persistem alguns exemplares arquitetônicos do estilo eclético, modernista e neocolonial (FIGURA 14) em meio a construções mais recentes onde nota-se a verticalização nas áreas mais nobres próximas ao Parque das Águas.

Figura 14 – Alguns outros imóveis históricos da cidade nos dias atuais.





Fonte: Acervo pessoal.

Em 1997 aconteceu em Belo Horizonte, a Conferência Internacional das Águas pela Cidadania que teve como uma importante consequência, a implementação em 1998, do Projeto de Litopuntura na região do Circuito das Águas que teve o apoio do Governo Estadual. O projeto foi idealizado e executado pelo artista plástico Esloveno Marko Pogacnik. Ele é autor do brasão da bandeira de seu país e é reconhecido mundialmente pelas técnicas de cura da Terra através da Litopuntura, ou acupuntura da Terra. É reconhecido como o Artista da Paz na UNESCO. O processo desenvolvido por Pogacnik consiste em instalar agulhas de pedra de até dois metros de altura para fazer a acupuntura da paisagem a ser tratada (FIGURA 15). Este processo parte do pressuposto que a Terra é um organismo vivo assim como os seres humanos que respondem a tratamentos similares.

(...) a paisagem não é apenas um organismo físico: ela apresenta também uma dimensão sutil. Essa delicada dimensão é composta por campos, centros e linhas de energia. Eu a denomino dimensão energético-vital ou plano de força vital. Ela representa as forças da vida que, brotando das profundezas da Terra, se derramam sobre a superfície do planeta e sobre todos os seres vivos, inclusive o homem, dando-lhe vida (POGACNIK, 1998, p. 9).

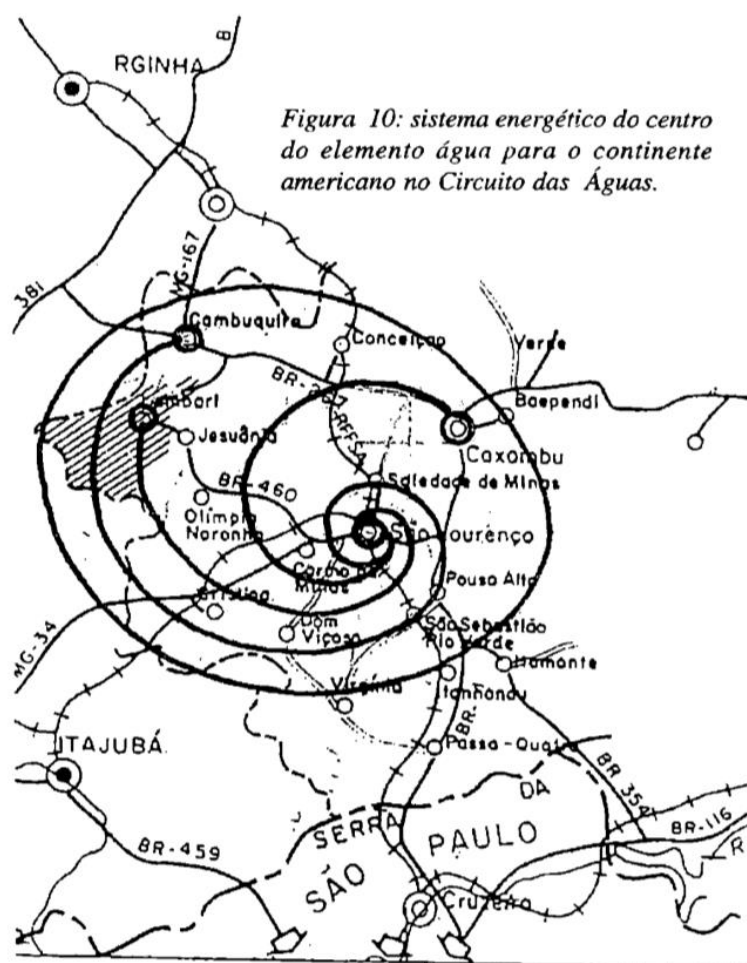
Figura 15 – Uma pedra de litopuntura do Parque das Águas de São Lourenço.



Fonte: RODRIGUES, 2019.

Pogacnik faz a leitura do planeta Terra através de arquétipos. Ele coloca o Tibete como representante do polo masculino – yang, com suas majestosas cordilheiras; e o Brasil como representante do polo feminino – yin, com sua riqueza hídrica incomparável. Ele destaca três fenômenos hídricos importantes no Brasil: o circuito de intercâmbio entre as qualidades aquosas dos dois oceanos, o Atlântico e o Pacífico, e as do continente sul-americano; a região das fontes de Águas Emendadas, próxima à Brasília; e a região do Circuito das Águas, onde foi realizado o projeto. São Lourenço é considerado o centro desta caracterização por ele defendida (FIGURA 46). “O sistema energético do Circuito das Águas é um dos sistemas senergéticos do elemento água com um significado mais abrangente. Ele representa o centro do elemento água para todo o continente americano, tendo, por isso, uma importância também para toda a Terra” (POGACNIK, 1998, p. 24).

Figura 16 – Esquema de Marko Pogacnik com São Lourenço no centro do Circuito das Águas .



Fonte: POGACNIK, 1998, p 23.

De acordo com os dados históricos levantados, a relação cronológica dos fatos mais relevantes foram:

2019 Inaugurado o Mosteiro Budista Suddhavāri.

2019 Tombamento do Parque das Águas de São Lourenço pelo IEPHA.

2018 Grupo Edson Queiroz - Minalba Brasil adquire a “Companhia das Águas Minerais de São Lourenço”.

2017 Lançado o Caminho Religioso da Estrada Real – CRER, desenvolvido pela Secretaria de Estado Turismo MG em parceria com o Instituto Estrada Real.

2004 IEPHA oficializa o primeiro tombamento estadual, o Conj. Paisag. da Faz. Sharp.

2004 DNPM paralisa a exploração do Poço Primavera e a comercialização da água Nestlé Pure Life.

2003 Criada a Associação do Circuito Turístico das Águas que caracteriza a política pública de Regionalização do Turismo de MG, implantada pelo Governo do Estado.

2001 Projeto Estrada Real.

1998 Realização do Projeto de Litopuntura na região do Circuito das águas.

1998 Início das atividades do Balonismo.

1993 Aprovado o 1º Plano diretor da cidade.

1992 O Grupo Nestlé assume o controle acionário do Grupo Perrier Vittel.

1986 Centro de Estudos Budistas Bodisatva.

1986 Construído o Parque II, anexado ao já existente, com duas novas fontes, a sulfurosa e a ducha sulfurosa.

1974 o Grupo francês Perrier Vittel adquire o controle acionário da Empresa de Águas São Lourenço. Grande modernização do setor de engarrafamento das águas minerais e expansão de sua comercialização.

1970 Chegada de várias comunidades espiritualistas e do movimento hippie.

195.. A Agência Federal para Tratamento de Água foi fechada e as cadeiras de Crenologia das Universidades abolidas.

1946 Proibição dos jogos de azar pelo decreto baixado pelo presidente General Eurico Gaspar Dutra.

1943 Lançada a Pedra fundamental da Eubiose em São Lourenço.

1936 O Arquiteto Raul Penna Firme, professor da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, foi contratado para o projeto de reforma e ampliação do Hotel Brasil. A obra foi executada entre 1927 e 1936. A aparência inicial do Hotel como um casarão de fazenda foi refeita em concreto armado no estilo *Art Déco* (FIGURA 47).

Figura 17 – Vista panorâmica do Parque com a reforma do Hotel Brasil ao fundo.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Lourenço.

1935 Construção do Aeroporto Comandante Luis C. Oliveira com o apoio do então Presidente da República Getúlio Vargas (FIGURA 48).

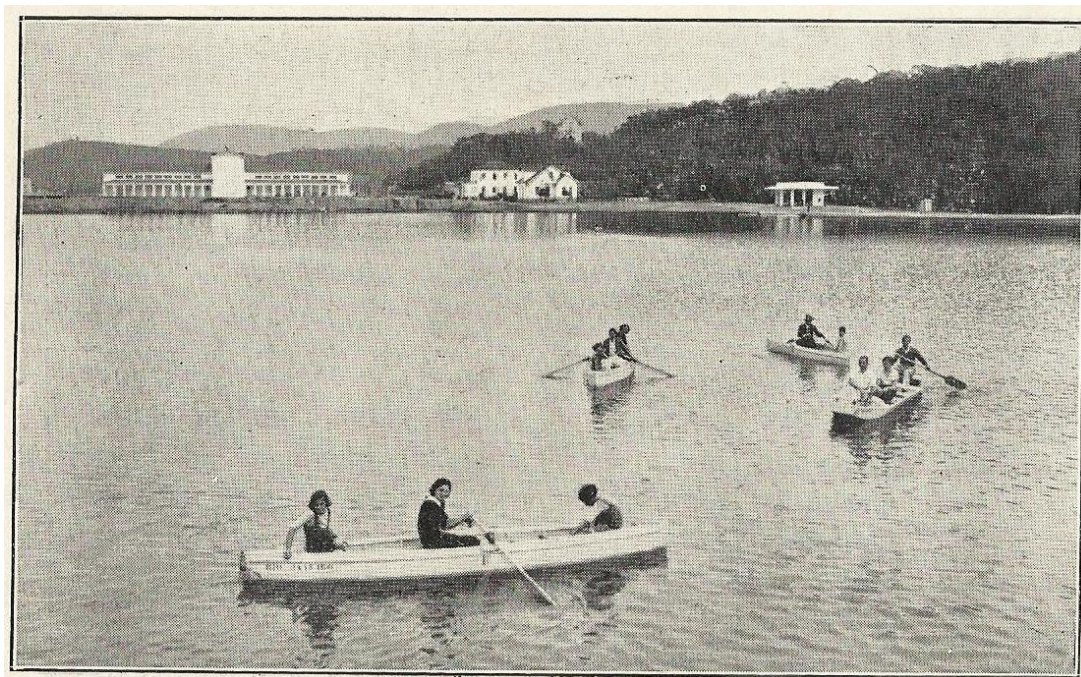
Figura 18 – Vista panorâmica do Parque com a reforma do Hotel Brasil ao fundo.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Lourenço.

1935 Jaime Sotto Maior assume a presidência da companhia das águas. Conclui-se a construção do balneário, do grande lago artificial de 90 mil m², do Pavilhão de pesquisas, engarrafamento e outras dependências, das fontes de água mineral, e do próprio parque com 430 mil m² de área (Figura 19).

Figura 19 – Vista panorâmica do Parque com o Balneário, a Casa Branca e Fonte Vichy.



Fonte: FAGUNDES, 1935, p. 44.

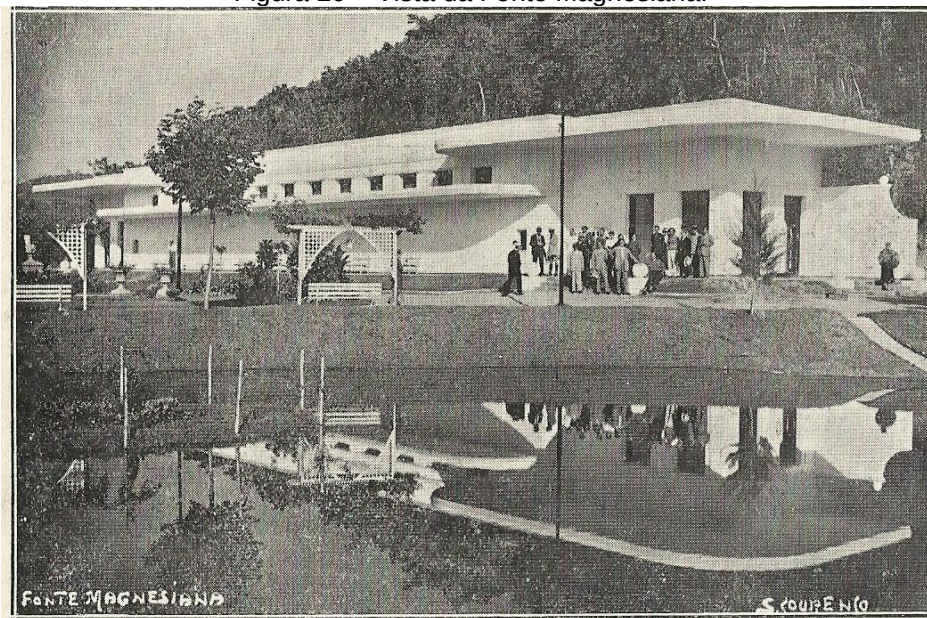
1931 Comendador Costa contratou o arquiteto francês Henri Sajous e seus compatriotas, o arquiteto Charles Hébrad e o engenheiro Augusto Rendu. Sajous, autor do projeto do Balneário em *Cambo-les-Bains*, fez sua primeira viagem ao Brasil para projetar e executar o conjunto *Art Déco* de São Lourenço, inaugurado em 1935, com a presença do presidente do Brasil Getúlio Vargas.

1930 Getúlio Vargas assume o poder e baixa decretos estimulando a construção de cassinos. O imposto do jogo deixou de ir para o Governo Federal e passou a ser recolhido pelos municípios, o que motivou os prefeitos a incentivarem os cassinos e a hotelaria prosperou.

1929 Comendador Francisco de Souza Costa assume a administração da companhia de água e inaugura fase de grandes investimentos. O engenheiro José Ferreira de Andrade Junior direciona a captação definitiva das fontes Gasosa, Magnesiana (FIGURA 50), Alcalina, Ferruginosa, Vichy e Sulfurosa. O trabalho durou 25 anos.

Construída a atual ponte de concreto sob o rio Verde que liga a estação ferroviária a área urbana da cidade.

Figura 20 – Vista da Fonte Magnésiana.



Fonte: FAGUNDES, 1935, p. 42.

1927 Emancipação do Município de São Lourenço. Sua bandeira carrega os elementos da água e do fogo, como representados pelas faixas azul e vermelha. Sob fundo branco, há o brasão e o dístico com a inscrição latina: *Acqua vitae ignis fidei*, “Água da vida, fogo da fé”. À esquerda, em consonância com a faixa azul, as fontes; à direita, em consonância com a faixa vermelha, a grelha, símbolo do mártir e padroeiro São Lourenço. Chegada dos Franciscanos na cidade.

1925 Banco Mercantil do Rio de Janeiro adquire a companhia de água. Construída a Estação Ferroviária definitiva pela Rede Sul Mineira (FIGURA 51).

Figura 21 – Estação Ferroviária definitiva - Rede Sul Mineira.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Lourenço.

1923 Construído o primeiro cassino de São Lourenço pelo Sr. João Lage. O Cassino Brasil era considerado o mais luxuoso cassino da cidade e foi destruído em 1956 por um incêndio.

1919 Viera Mattos & Cia adquire a companhia de água. Fundou-se a indústria Cerâmica São Lourenço e uma grande serraria. Inaugurou-se a luz elétrica, a água encanada, modernizaram-se os pavilhões que abrigavam as fontes e montou-se o horto medicinal.

191.. França vence no Supremo Tribunal, ação proferida pelo Estado quanto ao direito e propriedade do solo e subsolo, garantido seu direito de exploração das fontes.

1904 Os Veigas não conseguem manter os altos investimentos e passam a propriedade para Antônio Noronha França que recomeça os investimentos.

1895 Nova firma é constituída pelo no proprietário Saturnino da Veiga e João Pedro da Veiga Filho sob a presidência do Senador Antônio Dino da Costa Bueno. A nova firma passa a se chamar “Companhia das Águas Minerais de São Lourenço”.

1892 Inauguração da Ermida Bom Jesus do Monte e da Fonte Gasosa. O Prof. Alfredo Schaeffer, da Escola de Minas de Ouro Preto, foi responsável pela análise das águas.

1891 Em 10 de agosto deste ano, dia consagrado ao mártir São Lourenço, erigiu-se uma cruz no alto de um monte e celebrou-se a primeira missa, em homenagem ao Pai do Comendador Bernardo Saturnino da Veiga, o Coronel Lourenço Xavier da Veiga. Começa em seguida a construção da primeira igreja, a Ermida. Construída a primeira

ponte de madeira sob o rio Verde que ligava a estação ferroviária a área urbana da cidade (FIGURA 22).

Figura 22 – Aquáticos na travessia do Rio Verde com a ponte ao fundo em construção.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Lourenço.

1890 Comendador Bernardo Saturnino da Veiga adquire a propriedade de Cel. Manuel Dias Ferraz e cria uma companhia das Águas Minerais de São Lourenço. Começam a s primeiras obras de fundação da cidade: derrubar a mata, desviar o ribeirão, aterrar grandes áreas, quilômetros de extensão e de até seis metros de altura.

1885 Construída a primeira Estação Ferroviária pela Empresa Ferroviária Minas Rio. Início séc. XIX Enquanto as fontes de Águas Virtuosas (Lambari) e Caxambú já começavam a alcançar fama e prestígio, o Sítio das águas milagrosas do Viana ainda não atrai a atenção de investidores.

1826 Antônio Francisco Viana descobre, nas terras de seu pai, João Francisco Viana, uma nascente de “água que fervia no lodaçal e tinha sabor diferente”.

1817 Padre Manuel Ayres de Casal registra a existência de água mineral perto de ribeirão afluente do Rio Verde, em terras da freguesia de Carmo do Rio Verde.

1675 Bandeirante Lourenço Castanho Tasques consegue romper nas terras dos índios Kataguás e estabelecer pouso que passa a ser chamado como *Pouso do Lourenço*.

1560 Primeiras Incursões dos Bandeirantes na região das Gerais: de Braz Cubas a Matias Cardoso e André Furtado. Região habitada por diversas tribos indígenas.

APÊNDICE B

Entrevistas semiestruturadas

Foram realizadas 21 entrevistas semi-estruturadas, gravadas em áudio, de alguns representantes da cultura local de forma a procurar abranger o máximo possível sua diversidade (QUADRO 4).

Quadro 4 – Lista de entrevistados.

Código	Sexo	Idade	Representação sócio-cultural	Naturalidade	Reside na cidade
SL01	M	53 anos	Empres. e Presid. da <i>Visitours Boureau</i>	São Paulo	9 anos
SL02	M	60 anos	Arquiteto e Urbanista	São Lourenço	60 anos
SL03	M	49 anos	Gerente do “Trem das Águas” - ABPF	Ilha Bela, SP	18 anos
SL04	M	77 anos	Vereador mais antigo da cidade	São Lourenço	77 anos
SL05	M	34 anos	Músico, Viola Caipira	São Lourenço	34 anos
SL06	F	70 anos	Representante da Folia de Reis	Pouso Alto	50 anos
SL07	F	60 anos	Professora aposentada	São Lourenço	60 anos
SL08	M	104 anos	Militar e escritor	São Lourenço	104 anos
SL09	F	48 anos	Representante da CEBB	Porto Alegre	8 anos
SL10	M	74 anos	Médico, ex-prefeito	São Lourenço	74 anos
SL11	M	41 anos	Monge Budista Suddhavari	São Paulo	1 ano
SL12	M	47 anos	Dono de Galeria de Arte	Varginha	30 anos
SL13	F	39 anos	Coordenadora do Parque das Águas	S. V. de Minas	10 anos
SL14	F	90 anos	Técnica de Contabilidade aposentada	São Lourenço	90 anos
SL15	M	29 anos	Empresário, Engenheiro Civil	São Lourenço	29 anos
SL16	M	34 anos	Empresário do ramo gastronômico	São Lourenço	34 anos
SL17	F	85 anos	Escritora/Historiadora	São Lourenço	85 anos
SL18	M	69 anos	Aposentado	São Lourenço	69 anos
SL19	F	75 anos	Pedagoga, nora do fundador da Eubiose	São Paulo	46 anos
SL20	M	43 anos	Artista Plástico	São Lourenço	43 anos
SL21	M	26 anos	Vendedor autônomo, Balonista	São Lourenço	26 anos

Fonte: Produzido pela autora.

Os nomes foram sempre omitidos para a confidencialidade do entrevistado, mas ela não poderá ser plenamente garantida pelos pesquisadores, que por vezes, precisam referenciar sua idade, gênero, naturalidade, ocupação, filiação a alguma religião ou instituição, tempo de residência na cidade e um croqui que feito pelo entrevistado ao final do procedimento. Uma vez gravada a entrevista, e com a anuência do entrevistado, ela foi copilada e apresentada para sua avaliação e liberação, ou não, do uso deste material na pesquisa proposta. Ressalta-se que esta participação é voluntária e não será remunerada de nenhuma forma pelas pesquisadoras. A entrevista foi organizada em quatro fases (FIGURA 41 a 44):

Fase 1 - História pessoal e percepção espacial: Inicialmente o entrevistado foi convidado a relatar de forma espontânea sobre sua história em São Lourenço, passando sobre relatos de seus antepassados, caso eles tenham vivido na cidade. As perguntas foram direcionadas sem muito rigor com o intuito de proporcionar um ambiente de mais conforto e confiança. Foram abordados assuntos pessoais: família, preferências, costumes, percepção da cidade. De acordo com o perfil do entrevistado, foram acrescentados ou alterados algumas perguntas para esclarecer alguma informação. Somente depois de estabelecido um vínculo de confiança foi colocada a questão sobre o símbolo da cidade. Sempre que oportuno, foi esclarecido que não há resposta certa ou errada, ressaltando a importância do ponto de vista pessoal.

Fase 2 - Identidade local: Através de perguntas fechadas e abertas foram abordados temas como o turismo, a qualidade de vida, a gestão política, a história e cultura, a convivência entre os moradores, e os problemas da cidade. Foi colocada uma questão fechada sugerindo alguns espaços que poderiam ser vistos como “espaço símbolo” da cidade, mas ainda dando a alternativa do entrevistado sugerir outro espaço.

Fase 3 - Croqui do espaço símbolo da cidade: Foi pedido que o entrevistado represente, de forma esquemática em no máximo 15 minutos, o local de sua escolha que poderia ser o símbolo da cidade. Foi oferecido um Ipad Pro modelo A1674 e uma caneta digital Appel Pencil modelo mk0c21z/a que também possibilita a gravação visual deste processo. Como segunda opção também foi oferecida a possibilidade de desenhar em um papel A4.

Fase 4 – Dados pessoais: foi pedido que o entrevistado preenchesse a folha de rosto da Guia da entrevista. Alguns participantes solicitaram que o pesquisador anotasse os dados. Optou-se por pedir alguns dados pessoais do entrevistado ao final da entrevista a fim de evitar qualquer constrangimento que interferisse no processo. De qualquer modo, aqui também foi reforçado que qualquer pergunta poderia não ser respondida.

Local da realização da entrevista: Restaurante Chico, Alameda das Alamandas, 490, Vale dos Pinheiros, São Lourenço.

Data: 29 Ago

Horário de início: 9:05 **Horário de término:**

9:36

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Paulo- SP, xx/xx/xx Idade: 53 anos

Endereço Residencial: Alameda das Alamandas, 490, Vale dos Pinheiros, São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 9 anos

Cidade de nascimento dos pais: São Paulo

Qual seu estado civil? Casado

Tem filhos? Quantos? Sim. 3filhas.

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Não.

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Sim. *Convention & Visitors Bureau*

Qual seu grau de instrução? Ensino superior completo.

Qual a sua profissão/ocupação? Engenheiro/Empresário

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Como se deu a sua chegada em São Lourenço?

SL001: Foi uma coisa interessante. Primeiro porque eu sou casado com uma sãolourenciana. Embora eu seja paulistano de nascença, já sou mineiro de coração devido a essa união. A minha formação é engenharia. Sou engenheiro elétrico e a minha esposa engenheira mecânica. Trabalhamos 20 anos na área de engenharia. Como diretor de uma empresa de automação industrial em São Paulo, tive uma oportunidade de vender minha participação nessa empresa. E como todo engenheiro tem o sonho de ter um hotel/pousada, vim constituir o sonho achando que seria moleza.

Na verdade tivemos um desafio muito grande aqui em São Lourenço: começar uma estrutura, a Vila Chico, desde o zero, ou seja, desde a concepção arquitetônica até a parte de gestão e a parte de operacionalização e comercialização.

Michela: Quando foi isso?

SL001: Vim para cá em fevereiro de 2009 e em um ano construí a primeira fase da Vila Chico. Seis chalés e mais a área da piscina. Após um ano, a gente vem aumentando um pouquinho a cada ano, hoje a gente já tem 20 unidades habitacionais aqui dentro da Vila.

Michela: Mas antes você conhecia São Lourenço?

SL001: Conhecia devido ao fato da família da minha esposa ser daqui. E o que me ajudou muito aqui nesse novo negócio que a Vila Chico foi ter trazido uma carga de gestão de dentro da indústria. Na parte de gestão, elas são muito parecidas. O que vai mudando é o produto. Mas a melhoria contínua, o atendimento ao cliente, procedimentos internos, instruções de trabalhos... essa coluna é a mesma. Como trouxemos essa cultura da indústria para área de hotelaria para nosso novo negócio foi bem promissor e produtivo. Vou te dar um exemplo de alguns paradigmas que quebramos quando viemos para cá com esta visão de futuro. Imagina que todo hotel que você vai e você pega o telefone digita o número nove cai na recepção e tem um telefone em cada quarto. Quando viemos para cá falei: Não gente! Para quê fazer isso? Se existem outros meios de comunicação disponíveis? Na época era o Messenger mas em 9 anos, bastante coisa mudou. Hoje, para se comunicar com os nossos clientes usamos o WhatsApp desde a hora que temos o primeiro contato com ele até a hora do check-out. E depois, continuidade... temos algumas listas de transmissão encaminhamos. Então isso foi uma quebra de paradigma. Você não tem telefone no quarto. Só para ilustrar, vou te dar outro

exemplo: a gente não faz a limpeza no quarto a menos que hospede queira, peça. Então é ao contrário. Não é que façamos e temos que perguntar para ele se ele quer ou não. Informamos que não fazemos e que se ele quiser, ele pede.

Michela: Você construindo esse sonho e tendo essa ligação com a família de sua esposa, como você me contaria a história de São Lourenço?

SL001: A história de São Lourenço... São Lourenço é uma cidade muito jovem. Tem apenas 91 anos de idade e a nossa colonização é uma colonização Portuguesa ao contrário lá do Sul que foi alemã e italiana... essas coisas todas. A nossa colonização é portuguesa. A vinda dos portugueses aqui na nossa região foi na época de Dom João sexto, quando ele veio para o Brasil fugindo de Portugal. Ele praticamente loteou muita das capitânicas hereditárias e uma dessas capitânicas hereditárias que foram loteadas foi a nossa região aqui o sul de Minas. Ela pegava lá de Cambuquira, Campanha... muito grande, o primeiro português veio para cá com a família dele. Trouxe os implementos agrícolas, insumos, sementes, cachorro gato, a galinha e a Maria e não tinha televisão, e o que o Manoel fazia?

Michela: Vamos criar filhos...

SL001: ...muitos filhos por que filhos era mão de obra.

Michela: Qual é essa a família?

SL001: Do Carmo de Minas... o Gabriel não lembro o sobrenome. Mas aqui a família Junqueira, família Vieira, todas na maioria portuguesas. E como muitos filhos, morreram o Manoel e a Maria e por direito de herança, foram sendo divididas as terras dos filhos ... Hoje em dia temos os latifúndios, pequenas fazendas, fazenda de cafés especiais.

Eu estou contando isso por que você me perguntou de São Lourenço. Então São Lourenço é uma origem assim dessas divisões, dessas capitânicas hereditárias que vieram lá de trás, e carrega pouca identidade como cidade. São Lourenço é uma região. Se você for me caracterizar como região eu tenho uma resposta para você: água, montanha e café. Esse tripé aí, água, montanha e café, é um tripé que poderia muito bem definir a nossa região.

Michela: Desde que você conhece São Lourenço você acha que mudou muito?

SL001: Sim, desde quando conheci São Lourenço a cidade mudou. Depois que eu vim para cá em 2009. A cidade mudou muito e eu sei o porquê. Quando a cidade nasceu, ela já tinha as águas, já tinha o parque, já era de conhecimento das pessoas as propriedades medicinais dessas águas nossas aqui, e muito Turismo... que era feito em função das águas. As pessoas vinham para se curar e ficavam de 15 à 20 dias e o tempo foi passando... Essa cultura não se renovou na unidade do tempo e a cidade envelheceu. A Jovem cidade envelheceu. Então aquelas pessoas que estavam frequentando a nossa cidade envelheceram e não houve uma renovação. Então o turismo de São Lourenço no final de 2009, exatamente quando eu estava vindo para cá estava em decadência, por que estávamos competindo com cidades como Monte Verde, Tiradentes, Campos do Jordão. E estávamos levando uma surra porque não tinha novidade.

Michela: Uma estrutura ainda precária talvez, em alguns momentos?

SL001: Não tinha o que fazer. Lá para o parque, estava tudo certo. O SEBRAE fez um trabalho muito bom aqui na nossa cidade através da Ticiane que está aqui até hoje no SEBRAE. O SEBRAE fez uma APL aqui (Arranjo Produtivo Local). Esse arranjo produtivo local é exatamente pegar todos os atrativos da cidade que estavam soltos sem conectividade entre eles e tentar agrupá-los e divulgar-los de forma conjunta. Então, na época foi feita uma mobilização entre o poder público e o poder privado. Eu me lembro desse dia ... era um salão enorme cheio de gente, muitas pessoas. Eu até dei um depoimento sobre o SEBRAE, mas da minha experiência na área industrial. E foi dessa reunião que saíram cinco grupos: um grupo para cuidar de produtos, outro para cuidar de infraestrutura, outro para falar de comunicação, e os outros dois que confesso a você não me lembro agora... Esses grupos começaram a trabalhar, e foi daí que saiu essa identidade regional que a gente conversou agora no começo, da água, montanha e café, que define muito bem esse ambiente. Foram

criados os roteiros, os passaportes, foram treinados os recepcionistas dos hotéis, e começou toda a divulgação, e um banco de imagens foi disponibilizado para todos os empresários.

Michela: Isso quando?

SL001: De 2009 para cá. Ainda essa semana eu vi fotos desse banco de imagens sendo usados por Caxambu também. Então foi muito bacana. Mas oriundo dessa união surgiu Águas da Mantiqueira de Minas exatamente para delimitar a região aqui que, se eu não me engano, eram 7 cidades. Foi feito um estatuto regionalizado mas era uma iniciativa privada.

Michela: não tinha apoio nenhum?

SL001: Público muito tímido, e o privado começou animado e ele foi perdendo força, perdendo força... e o Águas de Minas acabou adormecido. Adormeceu. Está dormindo até hoje, não morreu, mas está adormecido. Em contrapartida ele foi combustível de uma mobilização empresarial. Tanto é, que fruto dessa APL, existiu uma consultoria com os Conventions Bureal no sentido de gestão: está aqui toda a documentação, tudo que um Convention Bureal precisa para fazer ela funcionar. Foi nessa época que eu ingressei no convite de novo diretor em 2010. Desde então eu estou diretor. Hora diretor secretário, hora diretor administrativo, e hoje estou como presidente do Convention, e desenvolvendo até um trabalho bem legal.

Michela: Se você tivesse que escolher o lugar mais importante da cidade São Lourenço, qual seria? Ele poderia ser considerado o símbolo da cidade?

SL001: Quando me fala de símbolo da cidade me vem o Parque das Águas e a fonte Vichy. Pela conectividade com a França, traz um pouco da história de São Lourenço. Também aí, a origem do parque, a emancipação da cidade... então eu acho que ela é um bom símbolo.

Michela: E essa imagem você acha que se concretizou agora ou que sempre foi?

SL001: Eu acredito que sempre foi.

Michela: No seu entendimento, você acha que a opinião das pessoas convergiriam para esta escolha também? Você acha que outras pessoas poderiam escolher diferente?

SL001: Não, logicamente tem pessoas que poderiam escolher diferente. Mas olhando assim de uma forma mais quadrada, mais conservadora, seria isso aí. Porque a cidade é muito pequena, é o segundo menor município do Brasil, e não temos área rural, mas somos cercados de área rural de outras cidades.

Michela: Por isso você falou sobre a região... Às vezes limitamos só município, mas ela pode representar muito mais...

SL001: Outra coisa que poderia identificar a cidade, que ela é muito conhecida, é pela água.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2() a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5(x) o turismo.
- 6() outro _____.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL001: O ser humano é uma coisa engraçada para conversar isso... O mineiro já é afetuoso é hospitaleiro, então é uma cidade, nesse sentido, interessante para se viver. Mas, se a gente for falar de participação e engajamento das pessoas na missão de promoção de São Lourenço, eu enxergo as pessoas muito vendo para o seu próprio umbigo. Trabalhando o ser

humano... mas como aqui é uma cidade muito pequena, você conhece todo mundo. As características de cada pessoa, cada um dos empresários... Eu diria que ainda precisamos de um espírito de união maior, alguma coisa que despertasse uma paixão, uma ação em conjunto. Infelizmente, isso aconteceu de uma forma muito negativa aqui na cidade, que foi quando teve a enchente de 2001. A cidade não tinha para onde correr, os empresários não tinham para onde correr. Neste momento, realmente eles se uniram e fizeram muito pela cidade. Eu não estava aqui, mas me lembro das histórias que me contam. Muitos atrativos da cidade aconteceram nessa época: a vinda do trem das águas, a vinda do balão, as fazendinhas começaram aparecer. Mas aí era uma questão de sobrevivência. Hoje nós estamos numa competição capitalista. Existe um conceito das pessoas de não irmos juntos. O discurso é correto. As ações não condizem com discurso. É uma percepção minha.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL001: Ah isso sim! Porque é o que eu falei, as pessoas entendem que a sobrevivência da cidade vem do turismo. O capital que a cidade recebe vem do turista. Então, efetivamente, as pessoas tratam bem os turistas. Não que estejam preparadas, é muito mais intuitivo esse tratamento cordial com os turistas. Por que não propriamente dito que estejam sendo treinados, mas com certeza existe sim uma harmonia entre moradores e turistas.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5(x) O calçadão.
- 6() O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro _____.

SL001: Mas se falarmos para morador eu diria que deveria ser o calçadão, porque no calçadão é o local que você vê, a nível público. Você poderia tomar uma série de ações de melhoria de integração... de trazer a cidade para esse ambiente. Os outros são mais coisas particulares: o caminho do artesanato, a montanha Sagrada... ela posso estar enganado mas eu acho que ela é particular também. O Parque Municipal, para o morador da cidade, fico um pouco em dúvida... vai ser a minha segunda escolha, um local também que você poderia trazer a cidade para dentro dele. A Fazenda Sharp tá abandonada. A escola Melo Viana traz uma carga de história, mas eu não sei se efetivamente o morador de São Lourenço está ligado nisso. Aí é mais o pessoal da cultura que tá antenado.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores: E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2() conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3(x) querem conhecer mais e valorizam.	3(x) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.

4() mudaria a localização.

5() outro_____.

SL001: Com certeza as pessoas. Aliás, meu trabalho de associativimos que faço na cidade tem a expectativa de mudar as pessoas, me dando como exemplo. Porque eu não fico só no discurso eu saio na pratica. Embora isso não seja porque você é bonzinho, não. É porque eu dependo que a cidade vá bem para meu negocio ir bem também.

Michela: Pelo fato do saolourenciano receber tão bem o pessoal de fora, você sendo empresário e apesar da sua esposa ser daqui, você foi bem recebido? Tem uma certa resistência como empresário de fora aqui?

SL001: Isso é um pouco curioso também porque o mineiro tem uma característica de ser uma pessoa bem conservadora, desconfiado e um pouquinho agarrado também com bens materiais. No inicio eu senti sim, uma resistência. Conforme foi passando o tempo, os projetos em que eu estava envolvido foram acontecendo, então ,vamos dizer assim, as pessoas passaram a reconhecer na minha pessoa algum valor que pode ser trazido para a cidade. Então, existe um respeito muito grande, uma valorização. Ninguém chega perto de mim: oh Alexandre, parabéns pela tua pousada! É a numero 1. No degusta: Está lindo, maravilhoso! O reconhecimento se existe, as pessoas guardam para elas mesmas. Mas, eu também fui treinado a não ser movido pelo reconhecimento. Então, não é uma coisa que me chateia, mas eu percebo nitidamente isso ai.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

1() não existem.

2() são muito poucas e ineficientes.

3(x) existem e atendem parcialmente.

4() não são suficientes mas são boas.

5() são suficientes e eficientes.

Michela: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa, alguma lembrança sua?

SL001: Gostaria sim, em 2011 através do *Conveintion Bureal*, fui convidado a participar de uma comitiva brasileira que foi para Itália fazer um benchmark. Eu passei 15 dias na Itália visitando os melhores hotéis do mundo, os melhores spas do mundo. Fui colocado dentro da história italiana na região da Toscana que é uma região muito parecida com a nossa aqui, no sentido das águas. Eles usam o turismo das águas como a âncora para eles promoverem a economia deles. E teve uma coisa que me chamou muito a atenção, que até hoje eu trago e aplico: que o turismo tem que ser estimulado nos 5 sentidos. Então, quando você tem a percepção visual, auditiva, olfativa, do tato e do gosto, você consegue guardar uma memoria muito forte naquela pessoa. Principalmente se isso ocorrer num espaço curto de tempo. Então se numa viagem num final de semana você for a um lugar bonito ver flores, o verde, os passarinhos, daqui a pouco você vê um tucano andando por aqui... Visual, nossa! Isso vai chamar a atenção. Ai aquela florzinha que tá ali dá um cheirinho para você. Você: nossa, que maravilha isso aqui! Ai você entra aqui no restaurante, pega uma coisa simples, um pão de queijo, quer coisa mais simples do que um pão de queijo? Você dá uma mordida no pão de queijo, e ai ouve a música, o cantar dos passarinhos! O frio... Aqui a região é de frio! Guardou os 5 sentidos de forma positiva na sua memória? Você é uma divulgadora da nossa cidade de forma espontânea sem a gente precisar fazer nada.

Local da realização da entrevista: Av: Dom Pedro II, 625, São Lourenço.

Data: 29 Ago
17:05

Horário de início: 15:30 **Horário de término:**

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Lourenço- MG, 10/09/1957 Idade: 60 anos.

Endereço Residencial: Av: Dom Pedro II, 625, São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: Desde que nasci.

Cidade de nascimento dos pais: Pai: Estiva MG Mãe: Passa Quatro MG

Qual seu estado civil? Solteiro

Tem filhos? Quantos? Não.

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Católico.

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual?

Qual seu grau de instrução? Pós Graduado.

Qual a sua profissão/ocupação? Arquiteto e Urbanista.

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Como se deu a sua chegada em São Lourenço?

SL002: Meu avô veio para cá em 1922, minha mãe nasceu em Passa Quatro, minha avó foi uma precursora feminista na época, ela se formou em odontologia no início do século passado, fins do século retrasado, ela é de 1895, se eu não estou enganado. Ela se formou em 1913 em odontologia em Pouso Alegre, na Escola Nacional. Ela foi a primeira, e inclusive, ela foi excomungada pelas freiras onde ela estudou no Santa Dorotéia, ela não podia mais frequentar a missa no colégio. Ela fez vestibular e mulher não podia fazer vestibular, foi ela e uma colega. A colega se redimiou e ela foi a luta. Logo em seguida casou-se com meu avô. Também aquela questão, à época, uma mulher ser profissional e o marido não né? Por fim, acabou que ele não permitiu que ela exercesse a profissão. E ela então professora de piano, começou a aula no Patronato em Passa Quatro. E ele como era caixeiro Viajante, passou por São Lourenço, estavam vendendo um estabelecimento comercial, secos e molhados e derivados, na estação. E ele tinha uns irmãos em Itaverava perto de Conselheiro Lafaiete. Disse que vendessem lá as coisas que eles tinham. Ele foi trazendo os irmãos todos para cá, era o único casado, só ele a mais velha que era casada. Foi trazendo a família toda, aumentando a participação nessa empresa.

Michela: Quando foi isso?

SL002: Isso foi em 22. Ele batalhou para São Lourenço se tornar município. Do rio para lá era município de Pouso Alto, do rio para cá era município de Carmo de Minas. Ai criou-se o menor, (acho que o terceiro menor município do Brasil). Aqui não tem zona rural, a única zona rural que tem em São Lourenço é o sítio do meu irmão, que era do meu pai, que é o Lagoa Seca e hoje é uma atraçãozinha. Tudo é urbano... Ele trouxe e estabeleceu aqui sempre teve muito uma visão progressista, ele trouxe o Tiro de Guerra para São Lourenço, fundou o hospital, só não foi prefeito.

Michela: Qual era o nome do seu avô?

SL002: Joaquim Dutra, o nome que sai mais é do irmão dele Nico, Antônio Dutra. Tem o shopping Antônio Dutra, a ilha Antônio Dutra, que é o irmão dele. Mas o vovô que foi o mentor. Trouxe todos né? E graças a Deus todos se deram muito bem. Hoje tem até 5ª geração que ainda sobrevive dos feitos que ele fez pela cidade. E foi muito bom ele ter feito o que fez porque o município prosperou muito por conta dessa visão. Porque ele queria que São Lourenço progredisse, era como ele falava. E de outra forma isso não aconteceria, é como

ele dizia, de que adianta ele reter um grande patrimônio se esse patrimônio não tem valor. Se a cidade não desenvolvesse. Então se teve grandes hotéis na cidade foi fruto do trabalho dele. Dele porque ajudou, emprestou dinheiro, incentivou, ele vendeu o terreno para construir o hotel. Esse aqui o hotel Metrópole, hotel Universal, enfim, vários, com o impulso dele a ajuda dele. Ele chegou a ter um hotel, mas só como patrimônio alugado.

Michela: Ele gostava de empreender.

SL002: Manter ele não fazia isso não. Tanto é que a firma cresceu muito, para se ter uma ideia, ainda existe hoje é chaminé da cerâmica. A cerâmica vendia tijolos, telhas para Rio, São Paulo. O trem passava dentro, então tinha o carregamento para atender essa demanda. E era uma coisa de um fluxo muito grande de comércio. Correspondência chegava Joaquim Dutra sul de Minas, não tinha endereço de rua, era mais ou menos por ai. A casa Dutra, o que hoje se transformou em Carrossel organização do orgulho. Chevrolet... então ela agregava: agências bancárias, Banco do Brasil, Caixa Econômica, Banco da Lavoura na época. Então ele agregava agência bancária, agência automobilística, oficina mecânica, secos e molhados, construção, vilas. Construíam porque tinha cerâmica. Construir casas para alugar para venda, comercializar. E foram dinamizando, e a cidade hoje tem rumo próprio. Vovô sentia ai nas histórias todas. Tem umas passagens interessantes... aquela avenida que vai ali para o aeroporto, para o Ramon, ali chamava Avenida Tiradentes. O dia que tiraram o nome de Tiradentes para colocar o de “deus da Eubiose”: Henrique de Souza. Nossa, ele ficou revoltadíssimo! Imagina! Tiradentes, um homem que não tem explicação... ele ficava revoltado com essas coisas. Mas nunca teve ambição de se tornar prefeito. Ele foi provedor do hospital, mas ficou nos bastidores sempre. O colégio das Irmãs, foi ele que trouxe para cá, porque as filhas todas estudaram internas fora. A caçula, ele falou, não minha filha não vai estudar fora. Conseguiu trazer essa congregação que está ai. A minha tia, irmã caçula da minha mãe, estudou ai. Então ele tinha essa visão progressista.

Michela: Importante na formação de qualquer cidade! Tem que ter essas figuras...

SL002: Tinha uma época que a SBT aqui na região, não sei se é em Varginha, ela tinha um programa na televisão, uma chamada “Tem um nome quem faz!”...cidadão que fez, uma coisa assim. Que saía do meu avô Joaquim Dutra, São Lourenço... Um breve histórico, na hora do comercial, passava isso e, evidentemente, as pessoas que mandava para lá. Alguma coisa que eles pediam. Como a Globo está fazendo agora “O Brasil que você quer”, né? A SBT fez com relação a uma coisa mais local, mais regional. E é interessante porque você acaba conhecendo coisas das cidades vizinhas. Tem potencial, aqui é muito grande a região.

Michela: E seu pai? Seguiu essa linha?

SL002: O meu pai ele é de formação médico né? E o meu avô sempre aquela coisa de galinha de pinto. Sempre querendo trazer as quatro filhas. As filhas casando, querendo trazer os genros para barra da saia, para debaixo da batinha dele, e acabou conseguindo. Faleceu o médico aqui em São Lourenço... e a cidade estava ai, com aquela história dele progressista e tal. A cidade meio acéfala nessa área de saúde, então fez a cabeça do meu pai. Meu pai estava em Borda da Mata. Fez a cabeça dele e acabou que ele veio para São Lourenço, se estabeleceu aqui. Em 55 ele inaugurou essa casa. Embaixo era a clínica dele. Lá embaixo tinha sala de cirurgia, raio x. Ele veio, quando meu irmão nasceu aqui... deve ter sido em 43/44 por ai. Ele fixou residência aqui, mais ou menos nessa época. E naquela época tinha veranistas chamados de aquáticos, que vinham na temporada. Então chegavam aqui final de novembro e só ia embora no final de fevereiro.

Michela: E porque aquáticos?

SL002: Por causa do parque das águas. Hoje os turistas, antigamente veranistas, depois passou a ser veranistas porque era no verão né? Mas no início era aquáticos. Diz que era nessa época, (eu nasci em 57) essa estação era um fervor! Tinha, ainda tem até hoje, a ponte da estação. E tem na lateral diferente antes de ir para estação, do lado esquerdo, tem uma ponte de concreto atravessado que às vezes, ficam as pessoas ali tecendo balaios de bambu. Acho que ainda tem o trilho ali inclusive, que era um bondezinho puxado a cavalo. Ele trazia

os aquáticos do trem para o hotel. Onde é o pavilhão hoje, era o hotel Parque das Águas, ou alguma coisa assim. Então tinha os outros hotéis, existia Hotel Palácio, o Hotel Sul América, o próprio Ramon... Tinha as jardineiras, aqueles ônibus... levava e buscava.

Michela: E seu Jarbas com relação à época dos jogos aqui? O senhor vivenciou um pouco esse período?

Jarbas: Não, eu não, porque os jogos foram em um curto período. Eu vivenciei na minha adolescência os cassinos clandestinos né? Que tinha nas fazendas. A gente ia muito para os cassinos, era tudo de graça. A gente chegava lá, os garçons passando... era whisky, e a garotada então... E não tinha muito aquela coisa de menor na época, aquela proibição. Bastava a gente dizer que estava com algum adulto. Às vezes era mentira... apontava alguém assim, e frequentava, era muito arriscado. Lembro da minha mãe contando que aqui não funcionou depois que Getúlio. Fecharam os cassinos. Aqui o Metrôpole era um... tinha um cassino. E eu me lembro da minha mãe contando que a polícia baixou, e ela estava grávida. Ela se trancou no banheiro... teve umas histórias assim. Minha avó sempre foi dada a jogo, ela sempre gostou demais. Eu mesmo, na minha adolescência, quando eu tirei carteira, ela me ligava. Põe a gasolina no carro para eu levar para o jogo. A gente ficava com medo de noite, às vezes meia-noite, uma hora da manhã, ela sair sozinha... aí eu saía, mas era jogo doméstico né? Era um grupo de pessoas que se reuniam em casa. Era um carteado, não era roleta, era um carteado. Ela gostava muito de um pontinho, era pontinho, buraco. Eu adorava porque se eu ganhasse o dinheiro, era meu, e se eu perdesse, ela que pagava. Eu costumo falar com a Denise (prima) que eu sou o neto que a minha avó mais gostava. Tenho certeza que ela gostava mais era de mim. Eu e a Denise, dos 11 netos, éramos os únicos que almoçavam com ela diariamente. Todos os dias quando saía da escola. Eu porque meus pais, a gente mudou para o sítio onde é do meu irmão hoje. E naquela época, do sítio para o colégio que eu estudava no ginásio, era 3 quilômetros, era uma caminhada pesada. Se fosse por cima, que era tudo pasto, chegava cheio de carrapato. Então tinha que descer por aqui. Era tudo terra, não tinha circular ainda.

Michela: Então o senhor nasceu aqui?

SL002: Nasci aqui nessa casa... Ah, lá no Lagoa Seca foi muito depois. A gente mudou para lá em 69. Meu pai já estava ficando mais debilitado, e ele sempre gostou muito... A origem dele é roça né? Fazenda, de avô, pai e tudo. Muita loucura por mato, tanto que lá era muito caprichoso. Tenho uma cunhada que diz: "que o meu pai era completo. Então dividiu em 3 filhos, três capacidades. Meu pai era arquiteto, eu sou arquiteto. Ele era agrônomo, meu irmão é agrônomo. Ele era médico, e o outro é médico." Então ele juntava as três coisas. E ele adorava arquitetura os projetos, tudo daqui dessa casa tudo desenho dele. Ele adorava. A primeira piscina de São Lourenço foi no soledade, é o Vista Alegre. Hoje a casa que tá lá, a piscina é obra dele. Lá era nosso. Ele recebeu um convite no início da década de 60, final de 50, 59, por aí... Ele recebeu um convite para ir para Brasília como diretor clínico do Hospital de Base. Ou diretor de cirurgia, uma coisa assim. Só que ele não se deu bem... muito seco. Ele teve um princípio de isquemia cerebral, alguma coisa assim, e ficou com receio de ficar lá e bater com as botas né? Meus irmãos foram estudar muito cedo, Maurício, o do meio, foi com 8 anos, e José Celso foi com 11 anos, eu acho. José Celso foi interno aqui no Colégio Padre, aqui em Varginha. O Maurício depois foi para Belo Horizonte colégio interno também. E eu o casula ele segurou.

Michela: E o senhor estudou onde?

SL002: Aqui, eu meio que fui fugido de casa. O Maurício casou-se em Brasília, e foi trabalhar como professor no colégio agrícola em Planaltina. E eu fui de férias para lá, e meu tio era assessor do secretário de educação. Na época para ir pro Elefante Branco, que era o colégio de segundo grau, tinha que fazer vestibular. Meu tio me fez a cabeça e eu fiz o vestibular e passei para fazer o segundo grau lá. Ai ele fez a minha cabeça e mandou uma carta pro meu pai dizendo que eu estudar lá. Ai depois fiquei terminei o segundo grau vim para o Rio, minha mãe doente ficar mais perto, eu era o único solteiro. José Celso morava no Rio, Maurício em

Brasília. Para dar mais assistência aqui eu vim para Rio porque todo fim de semana eu estava em São Lourenço. Ela faleceu também, eu desparafusei e abandonei a faculdade, que eu comecei a fazer faculdade no Rio. Fiquei 5 anos parado, montei um comerciozinho aqui do lado. E fiquei por aqui. Ai um belo dia o Maurício disse: “mas você é apaixonado por Brasília porque você não volta para Brasília?” Ai fiz vestibular na UNB, ai retomei, mas não consegui aproveitar nada do que fazia na Gama Filho, mas também não achei ruim não. O fato de ter ido para Brasília foi tão bom, eu era apaixonado por Brasília hoje eu não quero nem saber que um dia eu morei lá, tenho pavor. Mas foi muito bom.

Michela: E seu Jarbas seu trabalho aqui na cidade?

SL002: Eu vim forçadamente né? Porque me aposentaram e eu não tinha mais o que fazer em Brasília, eu tenho residência lá em Aracaju, mas, por conta dessa debilidade eu não sinto muita coragem. Eu estive lá agora, fiquei dois meses lá, mas, acabei tendo que vir para cá. Mas, aqui não estou mexendo com nada, eu posso dizer que estou vegetando. Agora é que estou tomando pé, começando a querer mexer com algumas coisas. O pessoal aí da prefeitura, estão montando agora um conselho, um plano diretor, alguma coisa nesse sentido, até andaram conversando comigo.

Michela: Na época que o seu irmão foi prefeito você deu alguma assessoria na área de planejamento?

SL002: Não, apesar de ajudado no governo na época.

Michela: Então seu Jarbas pelo o que eu estou vendo a sua história ela se mistura com a história de São Lourenço até certo ponto né? Mas se o senhor tivesse que contar de uma forma, até certo ponto resumida, sobre a história de São Lourenço, em alguns pontos principais.

Jarbas: Eu sempre acompanhei a vida de São Lourenço meio a distancia né? Eu sempre fui muito de bastidores... Então eu sempre acompanhei São Lourenço. José Celso, por exemplo, ele sempre passou para mim uma série de coisas... a questão da Ilha, que foi uma artimanha do governo.... Ele trouxe o pessoal da Fundação João Pinheiro, então foi uma coisa, uma responsabilidade, uma coisa feita. A questão do plano diretor que agora está em voga, ele já chamou o diretor naquela época.

Michela: É eu vi a cartilha. Bacana!

SL002: Então, eu sempre acompanhava, por exemplo, os arquitetos que vieram Fundação João Pinheiro, que trabalharam em cima das histórias da Ilha, do projeto da Ilha. Ele sempre me submetia, pedindo, né? Participei de algumas reuniões, com ele sobre isso, e eu dava alguns palpites né?

Michela: E o projeto da Ilha? Me explica um pouquinho?

SL002: São Lourenço, como eu te falei. Essa questão de ser cidade turística, ela sempre recebeu aqui, hoje turistas, mas, já teve os aquáticos e os veranistas. Na época dos veranistas, foi para mim a pior época que teve. Por que era uma coisa totalmente descontrolada. Então baixava para cá, pode soar para você como uma questão preconceituosa, mas não é; a Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Ela vinha para cá, organizava as excursões. Chegavam em um único dia. Chegavam no domingo cerca de 50 ônibus e não tinha onde parar. Depois iam embora... aqui embaixo, a nojeira que era, de osso de frango... era uma coisa absurda! E aquilo era revoltante. Sabe, por que a gente tinha uma cidade limpa. E o turista na época, o veranista, se tornava assim uma pessoa totalmente avessa.

Michela: Nem trazia muito lucro porque já traziam sua comidinha...

SL002: Eles não comiam em lugar nenhum. Como eu te falei, montei um comerciozinho aqui do lado. Não vendia bebida alcoólica exatamente para não aguentar bêbado. Mas eu tinha salgadinho, refrigerante e frango assado. Eles compravam um frango assado, comiam, entravam dentro do ônibus e jogava os ossos todos na rua. Era uma coisa. Ai teve um prefeito aqui, meu tio o Alvarenga Machado. Ele criou onde é a rodoviária hoje, o espaço que o ônibus

não entrava na cidade. Então o turista chegava lá e ele tinha que dar um jeito de vir para cá, porque o ônibus não entrava aqui.

Michela: E os grandes hotéis?

SL002: Os hotéis eram ótimos, porque o turista... aí você vê as fases né? Então não tinha quem vinha para hotel de carro. Ou então vinha de ônibus de carreira normal, e na época, São Lourenço tinha 3 rodoviárias. Rodoviária era por cidade, então era: São Paulo numa rodoviária, Rio era uma rodoviária e Belo Horizonte era outra rodoviária. Então era separado, depois que unificou. E acabou hoje sendo onde é lá. Então tinha um pátio grande os ônibus paravam... só que isso gerou segregação. Assim, absurdo! Que isso não pode, isso é preconceito! Na época não existia esse tal de preconceito, não existia palavra em si. Coisa assim, o preconceito sempre foi arraigado na história do país. Mas, as pessoas ficavam incomodadas, mas era questão política. Mais para poder ir contra a ação do prefeito. Eu sei que esses ônibus ficaram para lá. Depois passou uma outra fase que os próprios hotéis organizavam, junto às empresas de turismo, para vir essas excursões. Mas para hospedar. Os ônibus vinham na sexta-feira, ou na quinta-feira, dependendo do feriado, e ia embora na segunda ou domingo à noite. Aí começou a infestar a cidade de novo de ônibus. Mas aí eram ônibus, não era sujeira, é diferente dessa outra situação. Não os que vem por um dia deixam, a cidade imunda, esse não. Hoje a briga é porque os ônibus ficam ocupando espaço. Ali perto da Gisela, por exemplo, os ônibus param. A Gisela foi parar, foi multada, agora o ônibus não é multado, porque é turista, agora porque o turista pode? A questão da Ilha surgiu disso... era um dos objetivos que o José Celso propôs. Era trazer essa coisa dos ônibus, e tanto faz esses que vem por um dia ou que vem no fim de semana, mas estacionando lá, ficar quieto, não ficar ocupando, atrapalhando. Apesar das ruas serem largas, até nesse ponto é diferente das outras cidades. Porque você vai para: Varginha, Pouso Alegre, as ruas são estreitas. Aqui não, já foi uma coisa planejada projetada com outro espírito. Então que os ônibus ficassem lá, também não ficou.

Michela: O que o senhor gosta de mais fazer aqui em São Lourenço? Como que é o seu lazer predileto aqui?

SL002: Eu gostaria que fizesse parte da minha vida o Parque das Águas. A minha prima, por exemplo, ela caminha sagradamente, toda manhã ela vai. Eu cheguei a comprar o ingresso, a gente que é daqui tem essas prerrogativas do ingresso mais em conta. Tem que entrar até 8 da manhã e depois das 17hs. Eu cheguei até a comprar, tenho os ingressos, não sei nem se valem ainda, nunca usei um. Mas hoje o meu lazer em São Lourenço é ir à missa. É a única coisa. Mas, ano passado quando eu cheguei, porque eu vim para cá de uma internação em Brasília de 90 dias que eu fiquei lá internado aí tive alta. Mas suspensão do trabalho que eu vim, me aposentaram. Aí eu vim embora e eu ia à missa todo dia. Era sagrado. Agora não, estou indo à missa mais no sábado. Mas é engraçado porque é uma coisa que eu sinto falta. E eu adoro, o José Celso, até que ironiza um pouco essa questão: “e aí, foi ver o padre hoje?” Mas, ele fica com essa história... Todo ano, na festa de São Lourenço, quem doa o pernil é ele. Eles vão pedir o pernil, ele doa. Mas eu tenho isso, acontece na cidade tá acontecendo 1001 eventos eu não saio à noite. Mas minha atividade hoje em São Lourenço é mais essa questão religiosa mesmo. Não sei se por causa da arquitetura mesmo, mas eu tenho um verdadeiro encantamento pela arquitetura religiosa. Eu fico na igreja, e às vezes nem presto a atenção na missa, fico prestando a atenção nos detalhes das coisas. E eu falo para o José Celso, você já prestou a atenção que o cara que veio da Espanha para pintar a igreja aqui, ele pintou aqueles anjos que tem lá no arco do cruzeiro. São anjos nacionais, os únicos anjos que eu vi na minha vida pintados de azul, verde e amarelo. Aquilo ali para mim está claro que ele quis fazer uma menção ao Brasil. Então começo a ficar abstraindo coisas assim, e isso me fascina. A arquitetura em si, às vezes nem é tanto a religião. Meu avô detinha muito terreno aqui na cidade, uma vez, eu adolescente, disse a ele: “vô porque o senhor não doou essa quadra de frente à igreja?” (porque a quadra de frente à igreja era dele) “porque o senhor não doou para prefeitura fazer uma praça?” Porque São Lourenço é tão atípica que a igreja não

tem praça, qualquer lugar que você vai a igreja tem uma praça. E outra coisa... a gente caminhava para o parque, e lá é por tempo, o pedalinho. E a gente controlava pelo relógio da igreja, hoje você não controla mais, porque construiu tudo, fechou, e você não vê mais o relógio da igreja. A Luciana, a filha do Ferreira Goulart, disse que São Lourenço é uma cidade feia, e aí eu disse não sei baseado em qual parâmetro que você está colocando. Brasília, para muitos é uma cidade feia, porque os prédios são iguais, porque lá tem aquele padrão, aquela coisa, não é que sejam iguais, mas na cabeça do leigo é igual. A gente que está na profissão x à gente consegue ver a nuances. Brasília tem um encantamento que é único é peculiar. E eu vejo assim todas as cidades tem também. Vejo São Lourenço, à única coisa que vejo que o planejamento de São Lourenço pecou, foi não ter definido a praça em frente à igreja. Ah mais aí o ex-prefeito José Neto, que tem isso e aquilo e que está fazendo essas lojinhas, assim, e não sei o que... Sim, mas, isso é uma decorrência natural do crescimento da cidade, até que não é assim tão ruim. Ele não está fazendo megas lojas, está fazendo lojas de portes menores, está dando oportunidades do A e o B, também adquirir uma lojinha. Eu acho que tem seus valores. São Lourenço, eu não digo que tem uma arquitetura feia não, que seja uma cidade feia não. Tem um site aqui, não me lembro do nome, eu a já vi algumas fotos, já soltaram fotos de São Lourenço, inclusive essa aqui saiu, essa fachada. Que são coisas marcantes na cidade de muito tempo. Então tem umas casas aqui que realmente é muito... E tem uma coisa que eu vejo é que São Lourenço não é uma cidade que preconiza a segregação. Aqui mora-se o grandão e o mais ou menos, você nota assim que se mistura. Hoje em dia talvez nem tanto, por conta desse progresso que vai expurgando né? Mas, tinha muito, aqui no centro tinha muitas vilas. Hoje as próprias vilas, as pessoas já estão saindo, e dando espaço para outras coisas, melhorando as casas, reformando e tudo mais. Mas houve um momento que São Lourenço não pecava por essas coisas. Sendo que você chega em Carmo de Minas, por exemplo, ou Santa Rita do Sapucaí, grandes heranças cafeeiras do Sul de Minas você chega na praça, quem que mora na praça? Só tem palácio. Só tem casarão e casarão de um requinte estonteante aquilo, e é tão forte que você atravessa um quarteirão para trás a coisa despenca. Até hoje ainda é assim, talvez nem tanto porque essas casas magníficas o poder aquisitivo não é mais aquele. O fazendeiro já perdeu suas posses já passaram para terceiros, já venderam para outros e então começa a diluir né? São Lourenço, você pega aqui uma das ruas aqui, que era tida como importante. Melo Viana tem vários casarões ali, mas também tem “casarinhas” também. São Lourenço sempre teve, esse para mim que é o diferencial que toca mais com relação as outras cidades vizinhas, a gente não tem isso tanto.

Michela: Pegando essa deixa que o senhor deu. Se você tivesse que escolher o lugar mais importante da cidade São Lourenço, qual seria? Ele poderia ser considerado o símbolo da cidade?

SL002: Olha se você tivesse feito essa pergunta para mim há uns anos atrás eu te responderia sem sombra de dúvida, apesar da gente ver a fonte Vichy estampada para tudo quanto é canto... é a memória de São Lourenço a fonte Vichy, mas para mim é a pracinha Bambolê. E era um dentro do outro, era uma graça!

Michela: Onde é a pracinha Bambolê?

SL002: Está vendo! Descaracterizaram ela completamente. Ela se tornou pracinha Bambolê exatamente por conta dos canteiros que eram em formato de bambolê. Era um dentro do outro, era uma graça. Tinha água, tinha peixe, e era aqui em frente do Parque, a Praça João Lage. Fizeram aquelas amebas que tem lá hoje, aquelas coisas esquisitas. Acabaram com os bambolês e ali era o ponto de brinquedo da criançada, ali se juntava, pobre, rico, médio. Era tudo ali, ela era toda arborizada, ao longo rio. Hoje eu ainda estava reparando não sei se ainda tem um pé de oliveiras... e quando era época de azeitonas, a gente subia para apanhar, aquele trem amargo. Um dia tinha maribondo, entrou na gente, saímos de lá... meu pai tinha a clínica aqui em baixo aí veio a criançada toda invadindo aqui para poder livrar dos ferrões. Mas, ali para mim é o maior símbolo de São Lourenço. Não sei se porque a minha infância foi

ali, mas era um ponto de agregação da cidade. E ali tinha ponto de charrete, charretinha de bode, você convivia com charreteiro, tinha aluguel de cavalo, era tudo, e a gente não tinha esse negócio. Eu ia para Pouso Alegre para casa dos meus primos tinha muito isso, do filho da empregada. Aqui a gente não tinha essa observação, era muito engraçado. Uma coisa que passou na vida da gente completamente despercebido. Eu não sei se é porque a criação que a gente teve foi uma criação mais socialista. Aqui em casa (até hoje eu não consigo entender) o meu brinquedo era nosso, na casa dos meus primos o brinquedo era deles, e quando é que eu vou ter alguma coisa? Meus amigos vinham para cá, meu brinquedo não era meu, era nosso.

Michela: Interessante, não sei se é uma coisa da família ou agregado a região.

SL002: Mesmo que fosse uma coisa da família a gente estendeu de tal forma que ajudou muito no nosso desenvolvimento. Talvez você tenha razão... também seja alguma coisa da cidade para essa vivência carioca. Porque o Rio também sempre foi muito oba oba, a vida inteira. Sempre teve muita mistura, é morro, a favela ali, aquela mistura. Copacabana, o requinte. Evidentemente que tem essa questão do preconceito, mas ela é muito mais suave, digamos assim. Agora você vai para Belo Horizonte, a coisa já é mais fechada. Quando eu fui para Aracajú, mineiro que sou, se eu vou ficar aqui, eu vou começar a mostrar a cara nos mesmos lugares. Então eu vou começar a comprar pão naquela padaria, eu vou comprar parafuso ali naquela loja. E comecei tanto, que hoje eu compro de graça para pagar depois, aí eu começava a brincar com o pessoal: desconfiança por que? Vocês não são mineiros... Mineiro que é desconfiado por natureza, quem é desconfiado aqui sou eu, vocês não têm direito de ser desconfiados não. É uma característica mineira, São Lourenço é atípica nessa questão.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1(☒) as pessoas.
- 2(☐) a natureza.
- 3(☐) a localização.
- 4(☐) a espiritualidade.
- 5(☐) o turismo.
- 6(☐) outro _____.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1(☐) uma péssima cidade de se viver.
- 2(☐) não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(☐) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4(☐) uma boa cidade para se viver.
- 5(☐) a melhor cidade para se viver.

SL002: Eu acho que essa questão aí, é uma questão meio que por faixa etária. Agora na festa de São Lourenço eu estive passeando por lá. A gente encontra várias pessoas da terra que vem para festa. Renegam a cidade, mas na festa de São Lourenço tem que comprar até meia, lingerie, para a festa de São Lourenço. E aí, encontrando várias pessoas lá, uma prima, e aí conversando: você veio na festa? “Ah na festa de São Lourenço eu venho, mas São Lourenço...” tudo adolescente fazendo faculdade fora. “São Lourenço tem a mentalidade muito tacanha, São Lourenço a gente tem que ir para fora.” Então é de acordo com a faixa etária, porque o adolescente pelo fato de São Lourenço não ter o que ele procura. Na cidade grande hoje em dia tem muito mais, então ele vai à luta. Antigamente quando éramos adolescentes, São Lourenço tinha tudo para a gente. Era o contrário, os adolescentes de fora vinham passar férias aqui, porque aqui era o paraíso. Porque o adolescente da época queria. Agora hoje, na minha faixa etária, por exemplo, 60 anos, eu tenho observado muito isso que você está colocando. Eu tenho visto que não é só voz de turista que muda para São Lourenço. Esses dias ainda falei: gente nós vamos ter que mudar, porque como a Bahia perdeu Sergipe e Pernambuco perdeu Alagoas, e agora estão querendo agregar de novo, esses cariocas

estão querendo pegar o nosso Sul de Minas, porque eles estão mudando tudo para cá. O que tem de carioca aqui é uma loucura! Eu tenho observado isso, pessoas não somente turistas que aqui chegam para contribuir e viver na nossa terra. Gente da minha idade aqui, hoje também comungam comigo: São Lourenço tem tudo que você precisa, você quer assistir uma boa peça, São Paulo é ali na esquina.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL002: Isso é uma coisa interessante que eu morei no Rio algum tempo da minha vida, e o carioca ele toma café no bar: vamos tomar um café? Ele não chama para ir na casa dele. O Mineiro toma café em casa, o mineiro é mais hospitaleiro, ele traz para dentro de casa. E eu estou notando que esse influencia carioca está chegando aqui nesse ponto, é muito de rua. Essa minha prima, por exemplo, ela tem o grupo de amigos aqui, e tem umas que moram fora. Estão vindo sempre para São Lourenço (filhas da terra), mas é direto em cafés, combina de ir em restaurantes, não é mais aquele aconchego de casa, isso está começando a mudar.

Michela: E as pessoas estão se adaptando, algumas mais, outras menos, enfim, mas talvez não seja já um fato consumado.

SL002: Uma coisa que eu observei com a Gisela, o público que está tomando pé desses ambientes é o público minhoca da terra. Não é tanto turista não. Tem muita gente da terra que toma, é um rigor. Então essa quantidade de cafés que estão abrindo em São Lourenço é exigência da própria comunidade, não é por conta de turista não. Eu acho que isso é uma influência carioca, porque o paulista não é assim, o paulista é mais caseiro. É comum você dizer: "vamos lá em casa tomar um cafezinho?" Lá no Rio não, "vamos tomar um café?"

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3() uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4(x) uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL002: São Lourenço teve uma época que era muito jovem, hoje em dia já não é mais tanto, tem uma instancia que é mais idosa. Eu tenho observado que não vem mais tanto turista jovem aqui. Quando você vê jovem, a grande maioria, é casadinho de novo, em lua de mel, algumas coisa assim. Mas, fazendo São Lourenço como um peão, vem para cá mas visita a região como um todo. Porque dessas cidades todas, São Lourenço por conta dessa amplitude que tem de cabeça, vamos dizer assim, traz como um atrativo, e faz com que as pessoas se fixem aqui para poder conhecer o vizinho, e não o contrário.

Michela: O que não é ruim

SL002: Não de jeito nenhum a única coisa ruim que eu acho ainda dentro de São Lourenço, são alguns hoteleiros que segura o hóspede dentro do hotel .

Michela: Já ouvi esse discurso

SL002: O José Neto peca muito por isso, porque o hospede do Guanabara ele não é hospede de cantina, ele não é hospede de Gisela, ele não é hospede de calçadão. Ele é hospede, quando não muito, no parque. Ele não é hospede de beleza, porque eles dão pensão completa. E eu não acho isso correto não. Eu acho que tem que abrir oportunidade para a cidade. Esse ano eu fiquei sabendo também que tem uma cidade do interior de São Paulo, que promove todo ano alguma coisa em relação a turismo, e tem stands e coisa e tal, e São Lourenço não manda stand. E o José Neto manda. José Neto monta stand, o stand do hotel, não é de São Lourenço. E mesmo assim com todos esses obstáculos (eu vejo isso como um obstáculo ruim), São Lourenço ainda consegue levar a frente a sua. Eu como eu te falei sai de São Lourenço em 1975 e voltei agora, eu nunca vi nas minhas andanças, propagandas de São Lourenço. Nunca vi, num radio, numa televisão, num outdoor, nada. Em compensação,

outras a gente vê em quantidade. E São Lourenço sobrevive de boca a boca. Porque só pode ser de boca a boca, por que não é possível, você não vê incentivo.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5(x) O calçadão.
- 6() O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro_____.

Jarbas: Porque a população... eu tenho pessoas da família que gostariam de caminhar no parque não caminham por questões de poder aquisitivo. Quer dizer que o parque talvez pudesse ser uma grande opção da cidade, se tivesse essa condescendência deles para a população. Ou a prefeitura, ou algum subsídio, nesse sentido. Eu tenho impressão que o parque não teria nada a perder, com tanta coisa que tem lá dentro, meio de lucro digamos assim. Ele teria a ganhar se ele desse a entrada gratuita, ou com o preço muito abaixo para quem fosse daqui. Você vê até a questão da UNIMED, o parque foi muito mal visto quando rompeu o contrato com a UNIMED. Logo que eu cheguei aqui, ano passado, a UNIMED tinha um contrato com o parque. A gente que era da UNIMED entrava, e lá dentro você tinha como medir a pressão, então você passava por uma série de coisas. Tinha ali, onde é a Magnesiana, aqueles salões entre a Magnesiana e Alcalina... ali a UNIMED tomava conta. Então ali tinha carteado, ali tinha instruções de como você lidar com seu diabetes. Tinha várias coisas ali. Ai depois passou para a Casa Branca, ai depois romperam com esse contrato, e quem era da UNIMED, se eu não me engano, não pagava para entrar no parque naquele horário de antes de 8 da manhã e depois das 17. Isso ficou muito mal visto, sabe? Eu vi várias pessoas reclamando dessa postura do parque. O parque, sem dúvidas, é o mais precioso de São Lourenço. E o que a gente costuma dizer, se não fosse a água mineral, o que seria de São Lourenço? Só a população em si, não dá conta de agregar tantas coisas e trazer turistas para cá, ele é o grande atrativo. Agora, para o povo da cidade, hoje em dia, eu acho que o calçadão, que é um ponto de encontro. É onde se vem tomar um sol, porque não tem tanto acesso ao parque.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores: E os turistas?

1(x) não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2() conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3(x) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1(x) não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro, Jarbas:

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3() existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

Local da realização da entrevista: Sede do Trem das Águas

Data: 30 Ago
11:00hs

Horário de início: 9:40hs **Horário de término:**

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: Ilha Bela Idade: 49 anos.

Endereço Residencial: Rua Coronel Cesar Araujo, 142, São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: Desde os 18.

Cidade de nascimento dos pais: Pai: Itajubá MG Mãe: Ilhabela

Qual seu estado civil? Casado

Tem filhos? Quantos? 1

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Católico.

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? ABPF – Associação Brasileira de Preservação Ferroviária

Qual seu grau de instrução? Ensino Superior incompleto.

Qual a sua profissão/ocupação? Gerente Trem das Águas - ABPF.

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Como se deu a sua chegada em São Lourenço?

SL003: Eu vim no trem no dia 20 de maio de 2000. A gente pegava o trem em Cruzeiro aí foi feita uma parceira aqui com a prefeitura e o movimento “Viva São Lourenço viva!”. Encontramos o trem aqui no dia 20 maio de 2000.

Michela: Então é a partir daí que começou a ter essa linha?

SL003: Foi inaugurada em 20 de maio de 2000, passeio por São Lourenço.

Michela: E aí houve uma recuperação aqui da Estação?

SL003: A estação já estava um pouco adiantada porque a prefeitura já havia feito a casa da cultura aqui. Então teve que recuperar a linha, o leito dormente, tudo pedra. Tivemos que retomar quatro casas de passageiros e uma locomotiva para começar a funcionar,

Michela: Você é funcionário então...

SL003: Eu sou da ABPF – Associação Brasileira de Preservação Ferroviária

Michela: Mas antes você conhecia São Lourenço?

SL003: Já Conhecia sim.

Michela: Se você tivesse que contar a história de São Lourenço como que você contaria?

SL003: Você vai ouvir a história da linha, da estação...

Michela: Então como que você contaria isso?

A linha aqui foi inaugurada em 1884 por Dom Pedro II, em 1925 a primeira estação de era do outro lado da linha. Era de madeira, mais simplesinha, bem rústica. Com o movimento da procura dos veranistas, o pessoal que vinha fazer tratamento com água aqui em São Lourenço. Aí em 1925 fez-se a primeira estação, devido ao movimento que aumentou muito aqui. A plataforma é bem comprida, para trem grande, tinha até um trem que se chamava trem dos aquáticos. Que pegava a maioria do Rio de Janeiro, vinha até Cruzeiro, baldeava em Cruzeiro e pegava para São Lourenço.

Michela: E passava um dia somente?

SL003: Não geralmente o tratamento era de 30 dias, depois foi diminuindo, diminuindo, mas o tratamento inicial era de 30 dias.

Michela: E outros fatos, você comentou da água que foi para Brasília.

SL003: Para a inauguração de Brasília a água mineral foi daqui. Era carente na época, e o trem saiu daqui, tem fotos até de um trem saindo para inauguração de Brasília.

Michela: E havia transporte das pessoas, mas também muita produção escoava aqui na linha?

SL003: E a maior parte de café, e bastante passageiro. Só que o ramal era Cruzeiro km zero até Três Corações km 170. E tem uma outra linha que sai de Três Corações também, vai para Barra Mansa e o (?) e lá tem mais carga do que aqui. Lá é operacional, um trecho dela de Lavras para baixo ainda desce por lá... Ai isso foi desativado. O último trem de carga de passageiro foi em 1983, e de passageiro em 1991, ai parou a linha... Ai ficou 9 anos parado, em 2000 voltou o trem.

Michela: E a procura é sempre grande?

SL003: É, tem uma frequência razoável. Começou com 4 carros de passageiros e uma locomotiva. E esses primeiros anos foi a parte de captar material, ver onde é que tinha, fazer convênio com a rede rodoviária em outras regionais do DF. Também tinha material em São Paulo, Minas... Essa foi a primeira parte, e a segurança da linha que foi a troca de dormentes...sempre isso, até hoje a gente faz. Tem 18 anos que a gente está aqui sempre (?)

Michela: E ela se auto sustenta? Como que é?

SL003: A ABPF é uma OSCIP então ela não é uma empresa para ter lucro, mas ela precisa se manter, tem que investir, tem que melhorar, a gente teve que sair atrás de material. A linha turística de São Lourenço, de Soledade, faltam 600 dormentes para colocar tudo dormente de concreto. A gente reutiliza os da MRS de concreto bitola larga. A gente corta, diminui a bitola para 1 metro e usa aqui, depois que fechar isso ai a manutenção vai cair bastante.

Michela: Mas da própria locomotiva, porque eu imagino que tem um montante de visitantes paga um valor, mas não é suficiente para manter.

SL003: como ABPF não precisa, a finalidade dela não é capital financeiro, ai se mantém. Tem várias parcerias com Petrobras, Bosh, não é dinheiro, eles dão material ai já ajuda muito.

Michela: Porque eu imagino que por mais que tenha passageiros o custo é alto.

SL003: Custo é alto, é muito alto o frete, o transporte, uma locomotiva, leva uns três anos para reformar. Um carro de passageiro, um ano e meio, depende do estado que está. Isso tudo a gente teve que formar pessoal, porque não tinha mais mão de obra especializada nisso. Formar pessoal e ensinar tudo, desde o começo como é que fazia. Um carro chega aqui um vagão, um carro de passageiro, a primeira coisa é fazer um histórico, a história todinha.

Michela: E vocês registram tudo?

SL003: Em Cruzeiro a gente tem um museu lá, então tem bastante coisa. Então o trabalho é bastante. Não é pouco não.

Michela: E é para quem é apaixonado com isso

SL003: tem que gostar, se não...

Michela: e você sempre trabalhou com trem?

SL003: Não, não, eu trabalhava com propaganda e marketing, ai vim fazer um rótulo de uma água mineral de Cruzeiro, a água de Lavrinhas, ai conheci o pessoal do trem, ai me convidaram para trabalhar com eles, e já tem quase 20 anos já.

Michela: Você se tornou um cidadão de São Lourenço? E você mora aqui?

SL003: Sim

Michela: E o que você mais gosta de fazer aqui em São Lourenço?

SL003: O que eu mais gosto de fazer? O que eu mais gosto daqui é a tranquilidade, aqui tenho movimento na cidade, não é uma explosão no ano inteiro. Mas todo final de semana tem gente, o Parque também é muito gostoso.

Michela: E na sua opinião nesse período que você conhece São Lourenço, ela mudou muito ao longo dos anos?

SL003: Mudou a parte do trânsito, tá bem caótico bem complicado.

SL003: Essas faixas ai que tem, deu uma briga... a primeira faixa que foi feita foi essa daqui, e eu briguei para fazer a faixa, porque 80 a 70% dos nossos passageiros, é terceira idade, então a gente tem que dar estrutura.

Michela: E isso para eles é um valor fantástico...

SL003: Então, aí a gente fez essa faixa aqui, e o pessoal foi gostando da ideia.

Michela: O turista você sentiu alguma mudança?

SL003: Precisa renovar um pouco... turista que repete muito.

Michela: Eles vêm várias vezes?

SL003: Eles vêm várias vezes. Gostam mesmo, mas, a gente precisa... ano passado mesmo deu um problema sério que a cidade toda sentiu. Como a maioria é aposentado, e do Rio de Janeiro, 60 a 70% é do Rio de Janeiro, o Rio de Janeiro não estava pagando as aposentadorias para o pessoal, então deu uma sentida na cidade. Os hotéis não enchiam, aí a gente começou a pegar mais Vale do Paraíba que é perto.

Michela: O pessoal do exterior ainda não descobriu aqui não?

SL003: Então, a gente tem um contato com uma Associação... "Associação de fanáticos por trens", tem um milhão de associados...

Michela: No mundo?

SL003: no mundo... andam o mundo atrás de trem. A gente já recebeu ano passado, ano retrasado e agora esse ano ainda, vão vir no final do ano, e ano que vem está programado duas visitas, então... mas, tem pouco mas ainda tem...

Michela: Por que tem um potencial?

SL003: tem... a cidade é muito boa...

Michela: tem coisas a melhorar?

SL003: tem coisas pontuais e fácil de resolver...

Michela: se você tivesse que escolher um lugar mais importante na cidade? Qual seria?

SL003: Parque das águas...

Michela: para você se acha que poderia ser escolhido com o símbolo da cidade?

SL003: Sim

Michela: é o que tem maior relevância... e isso sempre foi assim sempre teve esse caráter porque a água também foi...

SL003: é o trem... a ferrovia investiu aqui trocou estação de lugar...

Michela: por conta da água?

SL003: por conta da água, por causa do movimento de passageiro que estavam vindo para São Lourenço por conta água.

Michela: E você acha que esse é um senso comum da maioria das pessoas? Ou você acha que não? Ou que poderia ser outro lugar mais importante?

SL003: Alguns podem até falar que é a estação porque é o segundo ponto turístico mais visitado, mas eu acho que é o Parque...

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2(x) a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5() o turismo.
- 6() outro _____.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(X) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL003: é razoável... o morador tinha que valorizar um pouco mais o que que ele tem a cidade que tem... tudo... a história, o carinho pela cidade, não menosprezar... eu já tive problemas

com turistas aqui. Foi pedir informação, o camarada... Tem o problema da água, eu acho que tinha que ser feita uma campanha... todos os pontos comerciais trabalhar com água São Lourenço, não trabalhar com outra. Já teve reclamação da água, a água com gás não tem... só que água sem gás o pessoal estava reclamando... que ela não está com um gosto muito agradável. Conversando com o pessoal... a água sem gás eles tiram o gás da água...

Michela: É, eles estavam com esse processo...

SL003: Só que água parece choca... eu tive até que trocar. O pessoal estava reclamando muito... aí coloquei até uma água... “engenho da serra” muito boa. Só que trabalho sem gás deles, e com gás a São Lourenço... mas isso aí é uma coisa... é tudo questão de conversar com o pessoal.

Michela: Mas, é questão de lucro...

SL003: Para deixar a outra água mais forte eles tiram dessa água e coloca mais gás...

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

Michela: Você vê de forma harmoniosa entre os moradores e os turistas... Vai um pouco daquilo que você falou porque é uma coisa entre os moradores outra coisa é entre os turistas... porque o turista é a fonte de renda da cidade?

SL003: não tem outra coisa... ela é a principal engrenagem os outros serviços não andam se tiver os turistas...

Michela: e fora alguns casos pontuais porque sempre tem alguém que acorda mal humorado, mas os turistas e se sentem bem recebidos?

SL003: Se sentem...

Michela: o acolhimento do mineiro?

SL003: podia ser melhor, ser mais agradável com o turista dar mais atenção é o que você falou. E às vezes, até para dar informação, mas eles não sabem a própria história... E a maioria do pessoal que vem do Rio São Paulo, das capitais não tem mais esse contato, não conversam, na rua ninguém conversa... aqui todo mundo conversa com todo mundo... então aqui o pessoal ainda para direitinho, dá informação certinha... O pessoal elogia nessa parte, uma coisa que o pessoal elogia muito é a polícia militar... são muito educados, dão muita informação certinha, tiram foto com polícia... agora mudou as polícias, tudo montada em cima dos cavalos... botaram as crianças no cavalo para tirar uma foto...

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro_____.

SL003: Os dois vamos falar que é o parque...

Michela: morador ele também frequenta bastante o parque?

SL003: Frequenta mas, dia primeiro que não paga nada... primeiro de abril é aniversário da cidade. Tem um bilhete que você compra por mês, um mais barato, mas, tudo que é de graça não é legal. Para você ter uma ideia, a gente tinha um trem aqui no domingo, cinco reais, para o morador, a gente teve que tirar... porque não tinha... hoje é 65 reais... então a gente tirou esse trem do domingo e a gente faz trens especiais, a gente faz o “trem leite” que arrecada

uma, duas caixinhas de leite valendo uma passagem inteira. A gente doa para as creches, doa para os asilos. Teve o “trem do hospital”. Teve um rapaz que estava precisando de um aparelho respiratório a gente fez um trem e comprou esse aparelho para ele.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores:

E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2(X) conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3(X) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5(x) outro

SL003: A parte da organização... São Lourenço precisa de perfumaria. Praças, sinalizar direitinho, a limpeza. A parte hoteleira também... eles não tem noção o que têm na mão... a concorrência que eles têm também, eles têm que ser um pouco mais unidos. Se cada um investisse um pouquinho...e fosse aberto

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3(X) existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

Local da realização da entrevista: Escritório do entrevistado

Data: 30 de agosto

Horário de início: 14:09 **Horário de término:**

15:30hs

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Lourenço-MG, 06/07/1941 Idade: 77 anos

Endereço Residencial: Avenida Getúlio Vargas, 386 São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: desde o nascimento

Cidade de nascimento dos pais: Portugal e São Lourenço

Qual seu estado civil? Casado

Tem filhos? Quantos? Sim. 3

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Católico.

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Não

Qual seu grau de instrução? Ensino superior completo.

Qual a sua profissão/ocupação?

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Como se deu a sua chegada em São Lourenço?

SL004: Eu nasci aqui, eu sou filho de mãe São Lourenciana e de pai português, imigrante.

Michela: Me fale um pouquinho da formação da família, de forma rápida.

Abel: Os meus pais... meu pai, que acabei de dizer, é imigrante de Portugal, minha mãe é São Lourenciana, filha, quero crer de São Lourencianos, que pese naturalmente, que quando do nascimento do meu avô ainda não existia a cidade de São Lourenço. Mas ele participou com toda certeza, ainda que de uma maneira secundária, das questões iniciais da criação do distrito, e depois do município, que ele era irmão do chefe político da época local, que era Coronel José Justino.

Michela: Qual era o nome do seu avô?

SL004: Justino José Goulart era o nome do meu avô, e meus pais Caldêncio Ferreira e Noêmia Goulart Ferreira

Michela: E sempre morou aqui?

SL004: E aqui estou até hoje.

Michela: Que bom, é uma referência importante. Apesar ser um desafio, apesar da riqueza da história de São Lourenço poderia me contar em linhas gerais sobre a formação e a história de São Lourenço, os fatos principais?

SL004: Aqui, como ocorreu com outras cidades iguais a nossa ou mais ou menos iguais a nossa... Porque, São Lourenço embora seja uma estação de água igual Caxambu, Cambuquira, Lambari, ela se diferencia. Porque nós não temos zona rural, o político da época se preocupou naturalmente em fazer uma cidade pequena, com pretensões pequenas... e a coisa voltou para as águas que foram encontradas na parte baixa da cidade, no brejo, como estão até hoje. E em função dessas circunstâncias, da medicina da época, que se apelava muito mais para a quimioterapia, ou melhor, dizendo da hidroterapia, do que hoje. Então, as águas tinham um valor muito maior do que o usado nos dias de hoje. Então a cidade nasceu e tomou essa característica de cidade aquática, por assim dizer, levando em consideração o problema dos costumes da época. Porque até a guerra, as águas minerais eram procuradas de uma maneira massificada, todo mundo fazia estação de água e depois de ser comerciante, muitos anos depois, no meu estabelecimento, frequentava, ainda frequentou muita gente que eu conheci, da Bahia, do Ceará, Pernambuco que vinham passar aqui em São Lourenço, 21 dias sistematicamente por ano para beber água mineral com fins de tratamento de saúde. Recuperação física do dia a dia. Então a cidade nasceu nessas condições, nasceu em função

das águas minerais. E a nossa, foi na época, privilegiada pela existência da estrada de ferro, porque Dom Pedro tinha inaugurado o ramal ferroviário de Cruzeiro a Três Corações, em que pese a baldeação em Cruzeiro. O pessoal frequentava muito São Lourenço. Esse é o ponto a partir do nascimento da cidade em função das águas minerais.

Michela: O senhor falou que mexeu com comércio também?

SL004: Sim.

Michela: Que tipo de comércio?

SL004: Automóveis e combustíveis. Posto de gasolina e revenda de automóveis.

Michela: Considerando o Senhor então, um autêntico são lourenciano, o que o senhor mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL004: Hoje eu gosto da saudade das coisas que eu já fiz, já estou mais para aposentar...

Michela: e o senhor fez muita coisa...

SL004: Ah pelo menos pequenas e muitas coisas, tive uma participação em detalhes importantes da cidade que eu julgava na questão da comarca. São Lourenço é uma das únicas, se não for a única cidade de Minas Gerais, que sua comarca não foi criada, ela foi transferida. Ela funcionava no município de Pouso Alto, depois crescemos ficamos maior que lá... E vem para cá a comarca, eu me envolvi na criação da comarca, na instalação do Banco do Brasil, na questão dos telefones automáticos, quando era uma reivindicação muito grande o problema da comunicação. E assim na parte esportiva, uma pedrinha em cada obra dessa aí que foi construída.

Michela: Diante disso tudo as mudanças o que o senhor considera as principais mudanças na cidade?

SL004: A principal mudança na cidade, subsidiando o encerramento das atividades dos cassinos. Porque tínhamos uma conduta, uma maneira de viver, muita gente importante viveu em São Lourenço, em função dos cassinos.

Michela: Mas foi um curto período os cassinos, não?

SL004: Olha eu não posso te garantir se foi curto... Ele nunca foi legal, ele era tolerado... Posso dizer que ele foi encerrado por decretos. Se ele fosse legalizado tinha que ter uma lei para, e de uma hora para outra, de uma noite para o dia, resolveu-se acabar com essa tolerância. Mas através dele fizeram fortunas, fizeram prédios, o aspecto da cidade era outro. Movimentava, até culturalmente, em termos de cultura, música... Agora ocorre que entre, 45 e 46 ocorreram fatos que, a meu ver eu nunca vi isso em lugar nenhum, foi com o encerramento da guerra, o encerramento dos cassinos. Com o encerramento da guerra, os laboratórios farmacêuticos que, até então estavam voltados para a guerra, partiram para outras atividades, inclusive de medicamentos populares, esses medicamentos efervescentes, isso não existia. Então, o que acontecia, a pessoa tinha um mal estar qualquer, o hábito dele era fazer uma estação de águas. Aí com o encerramento da guerra, houve uma massificação das propagandas dos remédios populares que agora são vendidos em farmácias, em tudo quanto é lugar... E a água mineral tornou-se uma coisa em segundo plano. Além disso, que a gente tem conhecimento, é que algumas faculdades de medicina tinham nas suas cadeiras, aquela relacionada com a água mineral. Eu cheguei a ver em vários anos, vinha aqui ônibus de estudantes de medicina, daquele ano aonde estudava as águas minerais. E eram apresentados a eles as nossas águas minerais, para divulgar e continuar o problema da água mineral. Pois bem, quando veio à indústria automobilística, e popularizou-se a condução individual através da Kombi, e somado com algumas novas rodovias o hábito do cidadão vir para São Lourenço. E principalmente para São Lourenço porque era a primeira cidade do estado de Minas depois do túnel da Mantiqueira. Aí começou a haver uma dispersão dos aquáticos, então eu tenho para mim o seguinte, que até então houve um grande problema que foi a troca do aquático pelo turista. Às vezes eu digo que o que perturbou a nossa atividade econômica por algum tempo foi o turismo. Porque o turista ele não é fiel, ele quer conhecer, então ele vem aqui esse ano, vai para lá para o outro lugar no outro ano. E o aquático era fiel. Porque inclusive ele associava o problema da água ao negócio do hotel onde ele ficava

hospedado. Era bem tratado, com uma comida além de ser farta, bem feita, e de boa qualidade. Isso tudo proporcionava uma boa recuperação dos seus problemas.

Michela: puxando um fato importante, que o senhor deve ter bastante conhecimento, a relação da empresa responsável pelas fontes de água. Como foi essa relação, foi uma relação tranquila? Em alguns momentos conturbados?

SL004: Olha só, o parque satisfazia na época o aquático, porque a maioria dos nossos aquáticos eram gente simples, a nossa estância era a estância mais simples das quatro mais populares. Então o cidadão vinha aqui para beber a água, então ele pouco importava com o problema da aparência, da melhoria, dos detalhes. As fontes estavam lá jorrando água, a magnesiana espetacularmente... Mas não é mais a magnesiana de agora né? Então não tinha problema. A exigência ficava para aqueles que queriam mais. Não sei se eu estou me fazendo entender. Agora na mudança, no decorrer do tempo, é fácil de entender o que estou dizendo... ai começaram a surgir exigências. Por que isso? Por que aquilo? Uma das frustrações que nós temos, e que foi até 1962, foi que São Lourenço não tinha uma piscina, uma piscina popular, pública não tinha. Pagando ingresso, não tinha uma piscina. E cobrava-se do parque para fazer uma piscina lá, e de vez em quando saía uma conversa que ia fazer e não fez. Mais que isso, até aquela situação bucólica do parque, aquilo que era apreciado não havia... Agora com o desenrolar das coisas, os maquinários modernos... Porque chega uma determinada ocasião que o parque foi comprado pelo banco da China, nessa época eu era vice prefeito de São Lourenço, e veio para cá um novo diretor mais jovem do que eu. Foi entre 67... e daí para frente mais uns 4 anos. Então veio para cá um cidadão que era filho de uma embaixadora da Argélia. Ele então começou a introduzir alguns melhoramentos no parque, mais na parte industrial. Por exemplo, eu nunca tinha ouvido falar, e ele me mostrou o tubo de PVC... esse cano ai existia lá junto da gasosa, e outro engarrafamento ali junto da magnesiana. Entre a magnesiana e a gasosa tinha um trenzinho, um trolinho. Primeiro puxado por animais e depois por uma máquina, uma pequena locomotiva. Ai o que que ele fez? Ele pegava a água da magnesiana pelo tubo de PVC e levava até o Parque Industrial, e eliminou o engarrafamento ali dentro da magnesiana. Então lá, o maquinário, hora trabalhava com uma água, hora trabalhava com uma a outra água. Quero entender assim, mas foi todo ele centralizado lá embaixo. E foi isso até o governo do Tenório, quando eu sai e era procurador, e houve um aumento substancial no Parque das Águas. Aquela parte fechada o parque industrial. Quero dizer, nós temos que conversar sobre duas coisas, o parque, vamos dizer o parque para cá, e o parque industrial para lá. São duas coisas que às vezes elas se confundem. Mas que em termos de beleza, atração, o parque em que pese sua singularidade sempre satisfaz.

Michela: E eu tenho lembrança de ter visto algumas reportagens de algumas manifestações populares querendo saber ou questionando se estavam explorando muito além do que era permitido? Houve isso mesmo?

SL004: Sim, em algumas oportunidades ocorreram isso sim. Na época, logo após a proclamação da leitura da Constituição Federal, teve a Constituição Estadual, e nós tivemos que fazer aquela que é a nossa Constituição, a Lei Orgânica do Município, fui eu que a presidi. E aí, nessa época, ocorreram várias discussões com relação a preocupação do povo, de estar ocorrendo uma exploração em excesso da água mineral. Agora eu confesso que eu não domino. É uma coisa muito técnica e eu acho que deve, ou o que deveríamos ter preocupado, é com as zonas de proteção das fontes. Que não é mistério. Choveu, molhou o morro, a água bate no minério, nasce a água mineral. Essa, a trajetória é essa. Por ai que eu entendo.

Michela: Até onde senhor entende elas estão bem preservadas? A área?

SL004: Eu não posso lhe dizer que sim nem não. Eu não conheço a parte industrial, não domino e me reporto ao que me dizem.

Michela: Se o senhor tivesse que escolher um lugar, um espaço mais importante da cidade São Lourenço, qual seria?

SL004: A pergunta é problemática né? Porque segundo dizem a cidade nasceu e recebeu o nome de São Lourenço quando um pessoal que tinha o nome de Lourenço veio para cá e

achou por bem fazer a primeira capela, a capelinha. E deu-se o nome, e por coincidência de data ou de devoção achou-se por bem trazer São Lourenço para ser homenageado e ele tornou-se padroeiro da cidade. A capelinha que eles se referem, que eu estou dizendo, é hoje a sacristia da capelinha que lá está. Tem a sacristia que é a parte de trás da capelinha que é uma coisa pequena, provavelmente do tamanho dessa sala aqui. Ai depois, por iniciativa do povo da cidade, aonde segundo alguns historiadores dizem que o meu avô se envolveu, foi construída aquela capela. Então o ponto histórico seria ali. Porque São Lourenço tem um problema, são pouquíssimos os prédios velhos, antigos, de pé para se dizer: aqui foi isso, aqui foi aquilo.

Michela: Tem algumas construções históricas... algumas residências ecléticas coloniais que são muito bonitas...

SL004: Sim, algumas poucas né? E algumas isoladas que, o que aconteceu ali dentro, ali fora do jardim, nós não temos... para poder dizer que ali é um marco histórico. Por exemplo, tem a vila sorriso, foi até modificada um pouquinho, mas, ela ainda mantém quase todas as suas ligas iniciais, ali parece que já dormiu um governador numa ocasião. Aqui em cima, onde é hoje a residência das Freiras franciscanas, é dos mais bonitos, o Palacete Cardoso, pertenceu à família Cardoso. E assim nós temos poucas coisas, agora os outros estão distorcidos. Eu vou contar uma história que eu sempre repito para não ser omissa com a própria verdade da história... Quando eles começaram a detectar o problema das águas, e ai apareceram as pessoas interessadas percebendo que minava água aqui, minava água ali, que começaram a construir as primeiras casas de São Lourenço, nasceu uma coisa interessante: estava-se iniciando uma cidade de águas sem água potável. Aí o meu avô lá... ele fez uma pequena represa, e água vinha assim, até chegar na porta de onde hoje é a igreja lá no bairro Carioca. Se a amiga chegar lá, ela vai ver que tem um palco hoje lá. Aqui mais ou menos. A igreja está aqui, o placo está aqui, e se observar bem vai perceber que esse palco é a parte inferior de uma caixa d'água. Quero dizer que água vinha nesse sentido a céu aberto e pulava dentro da caixa d'água, e daqui ela esparramava para a cidade. Então em primeira mão, ele deu a água, e o cunhado dele quer dizer um tio avô meu, deu o cemitério. São apetrechos indispensáveis para a cidade nascer. A água e, provavelmente, o cemitério. Então, mas aqui fica uma coisa... eu tenho sonhado em oferecer né? Aos amigos do bairro Carioca, uma fachada diferenciada para lá para o bairro Carioca. Mais para o estilo das igrejas mineiras, para representar... porque ali a cidade nasceu. Agora um detalhe né? Agora esse detalhe, o marco, hoje nós não temos nenhum cassino mais...

Michela: Mas hoje nem seria permitido...

SL004: é, mas, eu estou dizendo, o prédio. Porque tinha um prédio aqui que eu gostaria de escrever, aqui funcionou o cassino Monte Carlo. Se um charreteiro passasse "aqui foi um cassino" porque muita gente não sabe... E tudo foi sendo modificado... imediatismo... Se a amiga chegar ali na esquina do teatro do Santander, como arquiteta, observa aquele prédio que está ali... ali tinha um cinema, tinha um cassino, 2 bares. Olha bem ai o que sobra para poder visualizar a silhueta do que sobrou da obra. Ali deveria ter sido preservado, até me aborreci muito com aquilo ali.

Michela: Às vezes o comercio, eu como arquiteta e urbanista, fico imaginando poderia ter uma legislação incentivo para os próprios comerciantes fazerem um realce daquela beleza daquela arquitetura que, ao invés de colocar aquele outdoor de todo tamanho... Mas, é uma coisa que precisa continuar lutando... Então, a princípio, o senhor não saberia colocar, ou talvez a igrejainha... a Ermida?

SL004: A Ermida, porque ai ligaria de sobremaneira a parte de trás... a ermida está assim e essa parte aqui e é aqui que nasceu, que efetivamente nasceu a história e outros os detalhes conforme eu lhe falei...

Michela: Apesar desse nascimento histórico, o senhor acha que essa representatividade para a população mudou com o tempo? Eles reconhecem, isso a população? Esse referencial histórico forte da Ermida?

SL004: Olha, São Lourenço é uma cidade cosmopolita. Aqui essas questões culturais são problemáticas... aqui sempre se preocupa mais com o dia de hoje, eu acho problemático responder isso aí...

Michela: Eu tenho visto isso nas entrevistas, não é um conhecimento..., mas sempre precisa ter alguém um instigador, seja o poder público ou outras instituições...

SL004: Mas olha só, aí não sei como... a relação é com referência ao início da história. Nós já tivemos aqui vários episódios, aqui intercalados na história, episódios que ocorreram aqui que poderiam ser transformados em questões históricas... Aí depende do ângulo cultural do interlocutor. O nosso grupo escolar Melo Viana, ele serviu de hospital, na revolução de 32. Mas a revolução era lá, só serviu aqui de... e assim outras coisas que aconteceram... A amiga é de que estado?

Michela: Eu sou de Belo Horizonte...

SL004: Tem outras coisas, em 37, quando o Getúlio estava passando aqui uma temporada. Então ele tinha ganho, esmagado a revolução constitucionalista de São Paulo. Então ele quis colocar um político de São Paulo lá. E não quero acreditar que o homem de confiança dele... porque estava no aspecto ditatorial, o ditador colocando outro ditador no estado. E ele chamou aqui em São Lourenço o Ademar de Barros. E o Ademar de Barros foi recepcionado no aeroporto pelo Israel Pinheiro. Que construiu Brasília, que era então Secretário da Agricultura do Benedito Valadares... estava no hotel, também hospedado, Veio o governador para cá para fazer companhia para o presidente que estava numa estação de águas. Para o desdobramento disso, se isso significa para a cidade, é uma visita ilustre é uma situação...

Michela: É, São Lourenço viveu o momento áureo, uma época em que realmente havia a presença de muitas pessoas importantes, o dinheiro fluía com mais facilidade o senhor consegue perceber alguns fatores que fizeram essa mudança? E depois passou por um processo de estagnação?

SL004: O problema é o seguinte, eles vinham aqui atrás da água mineral... Aí depois com o problema da guerra, veio os filhos, aí começaram a abrir outros pontos, e os meninos, rapazes, começaram a fazer restrição em vir para cá e foi perdendo-se o veio...

Michela: Houve um certo período principalmente da década de 70 que também teve aquela linha espiritualista? Que começou a ver aqui, em São Lourenço, uma relação espiritual específica e começou a vir vários grupos espiritualistas entre eles a própria Eubiose...

SL004: Olha, a Eubiose nós devemos muito... foi muita gente de cultura que veio para cá somar com sua participação em todos os sentidos, até intelectual, educacional e somaram sim. Teve uma época que era mais visível, mais perceptível a presença deles como um todo. Aí a cidade cresceu e tal... a coisa acomodou, mas teve uma época, que eu seria omissa se eu não dissesse que eles se fizeram mais presentes. E a cidade tem realmente sido procurada, de vez em quando a gente tem uma notícia de pessoas que para cá vem e se sentem bem aqui, sobre vários aspectos.

Michela: O senhor citou também essa sua proximidade com relação a administração pública, então passou por vários momentos. O senhor, e os seus familiares. Então é uma cidade planejada... o que o senhor julga importante sobre o planejamento da cidade? Como foi feito? Quais os critérios?

SL004: A cidade, voltando lá o caso do meu avô, começou por ali, o bairro Carioca. Ele foi todo loteado dentro de um planejamento, e a cidade, essas partes mais conhecidas também. Como um todo, ela satisfaz, e tem as suas mazelas como toda a cidade tem. Não em função do planejamento, porque nós não podemos esquecer que ela nasceu na cidade ferroviária, não existia o fenômeno da indústria automobilística. Então, os nossos passeios, nossas ruas, são para uma cidade em que a sua economia e os seus visitantes iriam chegar de trem, então eu não sei se houve uma imprevisão para essa mudança.

Se a amiga for ao centro de Pouso Alegre hoje, em que pese todas as modificações que aconteceram, ou em Varginha, ou em três corações, com passeios pequenos apertados...

Então, agora nós já estamos sentindo esse refluxo, dessa mudança de hábitos em função da indústria automobilística.

Michela: É uma cidade que tem realmente como o grande propulsor da economia, o turismo...

SL004: sim, hoje é o turismo...

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2() a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5() o turismo.
- 6() outro _____.

SL004: essa pergunta é feita partindo de premissas diferente... eu acho que é conjunto dessas relações todas.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3() apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4(X) uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL004: em termos de maioria sim...

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(X) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

SL004: O problema do trânsito, lá atrás havia um sonho de que cada prédio construído daquela época para cá, deveria ter uma garagem proporcional ao número de vagas. Aqui por exemplo nós estamos em um prédio que não tem garagem. E foi uma luta o prédio ao lado, não tem o número de vagas para o número de salas. Isso vai atolando, se você chegar daqui da janela vai ver que não tem uma vaga... E quem não tem um carro hoje, ou tem uma moto, e às vezes é bom ter uma moto, não ocupa, precisa de 5 motos para ocupar o lugar de 1 carro. É um problema que a gente tem que entender como razoável.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL004: Sim...

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6() O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro _____.

SL004: Isso aí é uma pergunta... tem que haver um subsidio pra ela. Conforme a situação, é a ilha Antônio Dutra, conforme a situação, é o calçadão. Porque a cidade perdeu a oportunidade de ter uma praça nesse lugar onde estamos. Era para ser uma praça, e por situações ou outra não foi feita. Então a cidade efetivamente, fora a portaria do parque, ela não tem uma área onde a comunidade possa se encontrar e confraternizar. O parque tem

horário, tem ingresso. Então, dependendo da tipicidade do raciocínio é o Calçadão, é a Ilha, é a Montanha Sagrada de onde água sai... é dali de baixo, que vem a água. Ali a água, termo que a gente usa para dividir terras rurais, águas vertentes, quando a água corre para cá, a terra é de um, e quando corre para lá é de outro... então a água vinha em cima. O passeio ou o simbolismo sobre todos os aspectos da Montanha Sagrada é pouco difundido.

Michela: Sim é mais entre eles...

SL004: É mais pessoas que intelectualmente se preocupam em entender aquele simbolismo. Então não poderia classificar para os moradores de forma geral. Então poderia classificar como importante hoje, dependendo da hora, do dia, da chuva, o Calçadão e a Ilha Antônio Dutra.

Michela: Sim, e aproveitando que o senhor comentou a Montanha Sagrada é propriedade, o senhor sabe quem?

SL004: Não sei dizer, uma parte dela virada para cá, pertence ao pessoal da Fazenda Helena, que agora está fazendo ali na parte mais baixa, um loteamento. É, então aí os outros pedaços... porque ela tomba para cá, tomba para o lado de Soledade, tomba para o lado do São Lourenço Velho, tomba pra cá, eu não saberia dizer...

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores:

E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2(X) conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3() querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

SL004: Eu não vou responder essa pergunta, porque eu teria que ter contato mais profundo, eles chegam aqui... eles não vem aqui pela história de São Lourenço. Eles vêm aqui pela água, a água é muda... Quando eu falo o turista eventual ele vem, vai embora eu não vou conversar mais com ele. Agora aquele turista que vem... ele vem e volta aqui por causa da água, volta porque vem em uma ocasião um parente, em função do tratamento, do repouso, e muitos vem para ficar no hotel, dar férias para empregada, para cozinheira, então vou comer aqui e tal... Ainda me lembro de uma ocasião em que estava conversando com um cidadão que veio a ser Ministro do Supremo, Ministro Oscar Correia. Conversando com ele “estou me preparando, quero passar meus dias comendo do gordo, no Hotel Brasil”. Então a gente percebe que tem gente de muito recurso que vem aqui em São Lourenço que quer ficar quieto num canto, ficar totalmente anônimo, quer descansar e comer. Provavelmente nem beber água. Uma tia minha quando mandava carta para cá, era uma tia freira, Salesiana, ela não escrevia São Lourenço, ela escrevia “Águas de São Lourenço”... Enaltecia o nosso patrimônio maior.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro_____.

Abel: Recuperaria a ferrovia, para trazer o turista aqui sem ônibus e sem automóvel... ele viria aqui como antigamente, não perturbava, ele andava para lá e para cá e não tinha o problema do trânsito. Sonhar com isso, eu sonho todos os dias, agora ver a possibilidade...

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3(x) existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

Local da realização da entrevista: Café Unique

Data: 01 Set.

Horário de início: 14:00 **Horário de término:** 13:10hs

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Lourenço-MG, 12/03/84 Idade: 34 anos

Endereço Residencial: Alameda Ivan Arantes da Fonseca, 220 São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 34

Cidade de nascimento dos pais: São Lourenço

Qual seu estado civil? Casado

Tem filhos? Quantos? Sim. 1

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Não

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Orquestra de Violeiros de São Lourenço

Qual seu grau de instrução? Ensino médio completo.

Qual a sua profissão/ocupação? Músico

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Gustavo eu tenho uma sequência mais ou menos do que tenho conversando com as pessoas. Mas de acordo com a história de cada um a coisa desbanda para um lado, desbanda para o outro. Porque como são diferentes pessoas a ideia é essa: abranger pessoas de visões diferentes, de idades diferentes. Cada um tem um ponto de vista. Cada um tem uma história. Mas você me falou que nasceu aqui .

SL005: sim!

Michela: Seus pais são daqui também

SL005: são daqui também. Nascidos e criados aqui.

Michela: E seus avôs, também são daqui. Como é a história da sua família aqui.

SL005: Os meus avós vieram de zonas rurais. É o que aconteceu basicamente. Pessoal de zona rural de Viçoso Velho, dos Campos, de vários lugares, Capinzal, outros lugares, que tem zonas rurais por aqui e foram se atraindo. No caso da minha avó, ela é nascida de uma zona Rural de Dom Viçoso, uma cidadezinha aqui do lado praticamente.

Michela: E você tem, mais ou menos a época, foi mais ou menos na época da formação da cidade?

SL005:: Foi na época da formação da cidade, São Lourenço é uma cidade nova. Então, nem sei ao certo, mas o pessoal mais antigo lembram tudo, até inclusive quando o centro era brejo. Então minha avó contava as histórias. Meu avô também contava alguma história de como era o centro, quais eram os principais comércios.

Michela: Seu avô era de onde?

SL005: Meu avô não vou estar inteirado agora. Sempre o pessoal era de perto, foram saindo dessas zonas rurais e vindo para a cidade.

Michela: Quais eram as atividades dos seus avós e depois do seus pais?

SL005: No caso do meu avô ele era pedreiro, a minha vó ficava por conta de cuidar dos filhos né? 13 filhos na época. Era uma coisa comum. O pessoal antigamente tinha 7, 8 uma coisa assim.

Michela: E eles são vivos?

SL005: Não, infelizmente não. E Minha avó ficava por conta, era do lar. Só ficava por conta de cuidar da criançada... Então essa que eu te falei é do meu pai. A da parte da minha mãe veio de uma zona rural de Baependi, uma cidade também aqui pertinho O meu avô, eu acho que era pintor, minha avó da parte de mãe é viva ainda, é a última. E ela trabalhou a vida como costureira, 7 filhos. Ela se mudou para Santos. O meu pai, assim como meu avô, seguiu

a profissão de pedreiro, e a minha mãe trabalhava como atendente em um hotel, passou grande parte da vida trabalhando com recepcionista. É uma rede forte de emprego aqui são os hotéis.

Michela e eles são vivos?

SL005: A minha mãe sim, o meu pai já faleceu. A minha mãe tá firme e forte, mas já teve outro casamento teve dois filhos, tocou a vida dela. Mora aqui.

Michela E continua trabalhando?

SL005: Não. Curiosamente agora ela faz o trabalho da mãe, ela também é costureira. Ela faz em casa, trabalha com roupa para cachorro, moda pet. Gente e como tem serviço, é um mercado e tanto.

Michela Que bom! E sua história? Você nasceu aqui? Estudou aqui?

SL005: Eu sou nascido aqui, mas eu sou filho de vó, porque eu fui criado pela minha avó, pela mãe do meu pai. E sempre teve um veio muito forte de música na minha família, desde o meu avô que passou para o meu pai e meus tios também, tocavam muito em casa. A casa era muito... Violão, cavaquinho, bandolim, viola não muito. A viola na região aqui está tendo um trabalho crescente, mas era um trabalho menor... Então tinha essa veia muito forte musical desde meu avô, meus tios tocavam em casa...

Michela Isso era na cidade, ou era mais na sua família, essa questão musical?

SL005: São Lourenço tinha bastante movimento com música, sempre teve uma pessoa mais...

Michela E também tinha a questão dos cassinos?

SL005: Isso... tocavam no Hotel Brasil. Tinha noite de gala, sempre tinha música.

Michela: E você chegou a frequentar isso?

SL005: Não, isso é bem antigo. Era muito do pessoal turista, principalmente dos turistas cariocas que frequentavam. Aí na família, eu comecei a tomar isso como, de repente, uma meta para viver de música. O pessoal em casa era muito musical, mas cada um tinha uma atividade, era aquela coisa extra, final de semana. E como eu estava sempre inteirado ali, acabei aprendendo com meu avô, com meu pai fui tocando, tocando fui desenvolvendo, fui estudando, fiz cursos e hoje eu vivo de música.

Michela Mais irmãos, alguém mais da sua família de acompanha?

SL005: Não. Na minha família quem tomou como profissão fui somente eu, porque é uma decisão difícil. Principalmente em cidade pequena você tem que elaborar várias atividades, senão você não dá conta. Faço de tudo, gravo, faço gravações, dou aulas que é minha atividade principal.

Michela Você é conhecido do Eric.

SL005: Isso, 13 anos que eu estou lá.

Michela Você faz parte da equipe da escola

SL005: Sim, minha atividade principal é essa. Toco em restaurantes, eventos, faço workshops também. Dentro da música são as atividades que eu faço...

Michela Muito bem, demos uma passadinha pela sua formação, um pouquinho da sua história em São Lourenço. Sei que você já ouviu muita história, ainda mais com seus familiares sendo daqui. E, às vezes, é difícil conversar rapidamente sobre a história. Mas das coisas que te falaram, você poderia falar para mim um pouquinho da história de São Lourenço? Qual foi a formação de São Lourenço? Não tem certo ou errado. É dentro da sua visão...

SL005: Eu cheguei... eu era mais inteirado das coisas, mas eu esqueci. Mas, parece que começou com a Fazenda da Bomba e o pessoal logo quando foram descobertas as águas atraiu a atenção do pessoal. E aí montaram o Parque das Águas... basicamente, a história, história, história mesmo, não vou saber te contar. Mas eu acredito que foi tudo gerado dentro desse sistema das águas. Nós temos 7 ou 9 águas diferentes é uma das maiores estâncias de água hidrominerais do Sul de Minas. Isso atraiu bastante, principalmente depois do Hotel Brasil, o pessoal tinha uma referência muito forte do hotel Brasil. Foi o primeiro hotel a atrair turistas.

Michela Qual a sua idade?

SL005: 34

Michela: Pessoa jovem. Você vivenciou, viu as pessoas, seus companheiros, às vezes saindo, outras pessoas chegando, conta um pouquinho sobre como é a visão das pessoas, como você, profissionalmente. Como os jovens veem a cidade?

SL005: Geralmente acontece coisa dos 17, 18 anos vai embora, vai estudar. Até porque São Lourenço tem algumas faculdades, mas não são públicas. Então o pessoal faz geralmente... quando a pessoa quer se formar em alguma coisa vai para fora. Mas ainda é muito grande o número de jovens que ficam aqui. O pessoal às vezes não quer arredar o pé, gosta da cidade e de certa forma, a cidade é movimentada. Das cidades da região, aqui pertinho, São Lourenço é a mais movimentada. Caxambu, Baependi, Carmo de Minas, Dom Viçoso, Soledade, Cambuquira, Lambari são cidades que não tem esse movimento. O comércio, possibilidade de emprego, muita gente dessas regiões trabalham aqui. Soledade e Carmo de Minas tem um monte de pessoas que trabalham aqui.

Michela: Então como que essa juventude que está procurando se formar, começando a criar seu pezinho de meia, formar sua vida, como eles direcionam? Às vezes estudam aqui, quando tem possibilidade, às vezes trabalha e estuda a noite? Ou então já vai trabalhar no comércio ou fazer o seu próprio comércio, o que você tem visto?

SL005: Depende aí da possibilidade de cada um, porque a pessoa às vezes não tem oportunidade e termina o serviço e vai trabalhar numa loja. O que a gente vê em massa. Tem muita gente no comércio e nos hotéis, que é o forte. Agora uma coisa que eu estava conversando com um colega meu, é que a impressão que a gente tem, é que o filho do rico faz a faculdade pública e o filho do pobre paga faculdade. E assim tem um curso de redação lá na escola do Eric, e os frequentadores são todos de classe média alta. E alguns que são muito bem de vida, muito ricos. E ao mesmo tempo eu vejo isso que você falou gente que trabalha o dia todo e paga uma faculdade à noite. São Lourenço tem Unis, tem Faculdade São Lourenço, tem cursos. Então Itajubá, já tem mais oportunidade do que aqui. Tem a UniFei lá. E tem uma parcela que não quer, ou não teve essa coisa né... tá querendo sempre mudar as coisas... Então, vai, estuda, volta. A questão das oportunidades e do direcionamento desde cedo. São Lourenço é uma cidade muito boa, com uma energia muito boa, uma calmaria muito boa, ainda das cidades do interior. E o pessoal, principalmente o mineiro, tem esse problema de às vezes de sair... não gosta muito de sair, e quando sai gosta mais quando volta.

Michela: Você tocou na questão de energia. Tem muita gente que vem pra cá buscando espiritualidade?

SL005: Aqui tem Eubiose né? A Eubiose tem esse lance que fala da Montanha Sagrada, falam que São Lourenço é uma região muito importante para eles, canaliza uma energia...

Michela: E a visão dos São Lourencianos com relação à Eubiose, ou outra filosofia que venha de fora, é uma relação tranquila?

SL005: A maioria da cidade é católica, e tem esse pessoal que vem de fora para poder participar das palestras, parece que uma das filhas do fundador, mora aqui né? A dona Cilene, inclusive já toquei algumas vezes na casa dela, são três irmãos né? Veio lá o mais importante dos irmãos e fizeram uma cerimônia imensa.

Michela: O que você mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL005: Ah eu gosto bastante de caminhar pelas estradas de terra, eu gosto da natureza a natureza daqui... Eu moro na cidade mesmo, mas eu estou sempre pegando uma estradinha de terra, em qualquer lugar, você já andou mais um pouquinho já vira terra...

Michela: nesse processo todo você acha que São Lourenço mudou muito? Mudou em que principalmente, você que nasceu e se criou aqui, em 30 anos?

SL005: Acho que mudou como toda cidade pequena que vai crescendo né? Porque aí começa aumentar uma população, aumentar também os níveis de violência... Tem aumentado... tem alguns bairros aí que a gente não via falar dessas coisas de assaltos. E de repente a gente começou a escutar isso aí na cidade, assalto no comércio a mão armada, mas ao mesmo

tempo acho que o progresso é bacana, começa a trazer comércios para cá que não tinha. Coisas que a gente precisava comprar, de vários assuntos, coisas que a gente tinha que sair para Varginha, ou às vezes Itajubá. Tem o lado bom e o lado ruim, eu acho que a cidade cresceu muito e está crescendo de uma forma assustadora, para onde quer que você vê tem loteamento, e não tinha. Eu lembro que eu andava por São Lourenço, eu gostava muito de andar na natureza, lugares que eu ficava sentado assim hoje é tudo casa... O Alexandre estava me dizendo que em 15 anos a população de São Lourenço vai ser uma coisa gigantesca...

Michela: Se tivesse que escolher o lugar mais importante para cidade São Lourenço qual seria?

Gustavo: Eu acredito que seja o Parque das Águas

Michela: é uma referência. você acha que ele poderia ser considerado símbolo da cidade?

SL005: eu acho que já é né? O Parque das Águas se não me engano foi uma das primeiras atrações, atraiu olhares e interesses né. E hoje não mais, mas, o Parque tinha uma riqueza muito grande de animais naquela ilha do meio sempre falavam isso para gente... Tem uma ilha né? Diz a minha avó que tinha leão, tinha uma ave rara lá também, que ela contava para mim né? Essa história do leão eu ainda não confirmei, mas tinha como atração...

Michela: e você acha que as outras pessoas também teriam essa escolha do lugar mais importante?

SL005: Eu acho que a grande maioria, iria tomar o Parque das Águas como referência até por ser símbolo da cidade já ha muito tempo... ser central, mas eu acho que a maioria que sim...

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2() a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5() o turismo.
- 6() outro __qualidade de vida_____.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3() apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4(X) uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL005: Com certeza, não só de São Lourenço como da região. É uma coisa... que eu tenho uma Orquestra de viola caipira que eu faço a regência, e nesse estudo sobre o caipira a gente percebe que essa região é formada de caipiras. Lógico, o tempo passou, são caipiras modernos, mas ainda é caipira. Então é caipira no bom sentido, o pessoal às vezes tende a tomar a palavra no sentido pejorativo... Então sempre se dá de forma harmoniosa, a convivência dos caipiras, eu acho que é muito boa a convivência até hoje...

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3() uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5(x) uma das melhores cidades para turismo.

SL005: É isso que a gente está falando... que em 15 anos né? Porque o pessoal vem e que ficar, não quer ir embora. Conheço muita gente que no estalo... mas tem muita gente que o cara vem para cá e não volta e já fala, traz minha mudança me viro aqui e...

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL005: com certeza, tem um bom relacionamento e tem que ter. Porque a cidade.. se movimenta por conta do turismo. A gente vê quando uma pessoa mais nova, mais chata, reclamar que o ônibus parou... poxa! Mas o ônibus precisa parar para descer os turistas, às vezes parar ali num local errado, para um pouco o trânsito... E esse pessoal movimenta muito a cidade. Aí se não tiver turismo, aqui ia ficar difícil... o que movimenta a cidade é o turista, fim de semana, véspera de feriado, é que a cidade respira.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro_____.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores: E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2() conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3(x) querem conhecer mais e valorizam.	3(x) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

SL005: Querem conhecer mais... inclusive uma coisa até recente que está acontecendo, várias fotos da cidade em preto e branco... fizeram uma exposição, antigamente não tinha esse esquema... eu acho que era uma coisa recente, e agora que está virando uma história... já passou que muita gente. Já viveu aqui, não tá mais aqui ... E acho que esse interesse tem aflorado mais agora, do pessoal querer conhecer de onde que veio a ideia de município... eu confesso que conheço pouco, mas quero conhecer. Eu acho que os turistas querem conhecer mais também, eu não sei se valorizam, mas eu acho que eles querem conhecer mais...

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro_____saúde_____.

SL005: Eu não sei nem se pode colocar nesse quesito aí mas, eu colocaria para melhorar saúde, a única parte que peca que eu acho que ainda peca muito...

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3() existem e atendem parcialmente.
- 4(x) não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

SL005: Eu acho que não são suficientes, mas são boas. Acho que deveria ter mais trabalho, ter palestras, um pouquinho mais da cidade, igual esse tema da exposição das fotos, eu achei um barato. Eu não conhecia essas fotos, acho que pouca gente conhecia essas fotos. O lance das redes sociais, o pessoal começou a divulgar, aí você via as ruas do centro, é coisa que a minha avó falava, né? Aqui tinha o mercado, e o resto era brejo então tem fotos disso, a gente só ouvia falar...Mas assim eu ainda não assisti uma palestra de alguém contando a história, é o tipo de coisa que precisaria mais, né?

Local da realização da entrevista: Calçadão ao lado do Parque das Águas

Data: 03 de Set.

Horário de início: 14:16 **Horário de término:** 16:00hs

DADOS PESSOAIS

Gênero: Feminino

Local e data de nascimento: Pouso Alto-MG, 12/11 Idade: 70 anos

Endereço Residencial: Rua Tenente Jamari de Oliveira, Vila Carneiro- São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: mais ou menos 50 anos

Cidade de nascimento dos pais:

Qual seu estado civil? Casada

Tem filhos? Quantos? Sim. 11 filhos, 17 netos e 6 bisnetos

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Católico.

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Grupo de oração, Comp. Santo Expedito

Qual seu grau de instrução? Não estudou.

Qual a sua profissão/ocupação? Dona de casa

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Como se deu a sua chegada em São Lourenço?

SL006: Então a nossa chegada aqui foi, porque fui nascida e criada lá em Pouso Alto, nos casamos lá, depois com três meses de casado, fomos morar em Passa Quatro, e de Passa Quatro meu sogro trouxe a gente para cá e viemos direto para São Lourenço.

Michela: e quando foi isso a senhora lembra o ano?

SL006: Ah já tem tempo, só de casada tenho mais de 50 anos, 52 faz agora em novembro.

Michela: Então viu a cidade se transformar muito né?

SL006: Ah muita coisa que não tinha aqui, que quando a gente mudou para cá, Hoje tem lugar aí que a gente veio para cá, não tinha uma casa era tudo pasto né? E hoje é casa.

Michela: A senhora comentou que trouxe a questão da cultura da folia de reis de Pouso Alto, assim que vocês vieram para cá vocês já começaram essa tradição já é formaram um grupo?

SL006: Eu comecei a tradição lá... depois de casada. E começou assim... eu tenho um menino, que os médicos acharam que ele ia morrer, e hoje é um homem. Ele trabalhava no Hotel Bavária, ajudante de cozinha, começou a mexer no calor do fogo, câmara fria, era lá e cá, e aí apanhou uma pneumonia, e o menino, quase um pouquinho que eu perdia ele... mas Deus é muito bom! O médico falou para mim assim: esse menino da senhora vai dentro de dois meses. Menino era baixinho, gordinho... o menino secou de uma tal maneira, que eu olhava nele e falavam, esse menino não está com pneumonia, deve estar é com aids, escutei pessoas falando isso. A gente escutar aquilo, e a gente não poder responder se era ou se não era, falei somente: Deus é que sabe nessa história! Ai o médico chegou a falar comigo que não ia para frente. Aí saí lá da roça eu vim aqui na cidade e comprei duas fitas, uma azul e uma verde, e falei, a primeira folia de reis que passar lá na roça eu vou colocar essas duas fitas na bandeira, seja lá quem for que passar, seja moreno, seja preto, seja quem for, eu vou colocar. Aí no dia que fiz o pedido, que eu comprei a fita, estava com ela guardada lá em casa, chegou uma senhora lá. Bateu palma lá e chamou "eu queria falar um pouquinho com senhora". Ai eu falei, sô um minutinho que já estou indo aí. Ai ela falou "eu tô acabando minha promessa, é o último, eu vim oferecer para Sra. se a Sra. quer pegar minha bandeira", a coroa de Santo Reis. Ai eu falei assim, eu pego sim! Inclusive eu acabei de fazer um pedido para Santos Reis hoje. E tenho certeza que vou receber essa graça e meu filho vai sair dessa, está nas suas mãos, se o Senhor achar que ele deve ser meu. Agora se o Sr achar que ele não pode ser meu. Ai recebi a bandeira. Eu fui lá na festa dela, ajudei a fazer a comida lá para

festa, aí foi eu e ele pegamos uma coroa. Ele pegou uma e eu peguei a outra. Ai eu trouxe para minha casa, quando eu fui lá na festa dela, meu filho já estava em casa, já tinha saído do hospital. Hoje ele é um pedreiro de mão cheia, esperto que é fuzil... A gente tendo fé a fé remove muita montanha, a pessoa às vezes não tem fé! Pede, pede, pede e nada... não tendo fé não resolve nada...

Michela: os filhos da senhora participam também?

SL006: Participa, sim eu tenho 8, até o menino mais velho trabalha na prefeitura. Começou trabalhar na prefeitura tinha 13 anos e vai fazer 50 anos agora. Graças a Deus.

Michela: E tem outras pessoas agregados sem ser da família?

SL006: Tem, tem sim são 15 pessoas.

Michela: E vocês se reúnem fora da época também para treinar ou só na época?

SL006: Assim, quando a gente vai lá em Aparecida a gente faz um ensaio para ver os instrumentos como é que tá.

Michela: Mas na época é sagrado? Todo mundo já reserva?

SL006: No dia 25 de dezembro é aniversário dele, então sempre eu costumo fazer o almoço do dia 25, aí todo mundo da folia de reis almoça lá com ele... Depois a gente sai, vai cantar na igreja, da igreja depois a gente sai na cidade.

Michela: E tem outros grupos aqui na cidade?

SL006: Tem, hoje até que acabou um pouco. Às vezes é a situação... e a pessoa para um pouco. Igual esse negócio de condução. Antigamente, no tempo da dona Bernadete, ela ficou muito tempo na prefeitura, então a gente ia lá ela conseguia condução para gente. De uns tempos para cá a gente não conseguiu mais. Um dia até um homem disse que a condução é mais para as pessoas que trabalham na prefeitura. Então... a honra seja feita, eu tenho regalia porque meu filho trabalha na prefeitura. Então a Paulinha estava quase conseguindo para mim, nossa até chorei o dia que ela arrumou o negócio da folia de reis! Foi lá tirou foto nossa, filmou lá na ilha, precisa ver que beleza que foi! Um tanto de carro de boi, seis carros de boi e cada folia de reis... um atrás do outro tocando, a gente cantando atrás. Aí eu com a Bandeira, eu adoro dançar, dançar e cantar é comigo mesmo...

Michela: E a senhora vai passando, a Sra. tem netos também?

SL006: E tem um netinho também tem que já vai! Toca pandeiro também muito bem, ele tem 9 aninhos acompanha direitinho. Bem, então agora dos estranhos, que não é da gente, tem esse que saiu agora... queria cobrar R\$ 700 para tocar, não existe isso... Eu falei assim, vamos combinar direitinho, se você precisar de um gás em casa, se tiver uma conta de luz assim, que eu posso ajudar né? A cobrir, porque é uma coisa para casa né? Mas não, ele pensa diferente, aí fica difícil.

Michela: Conta para mim, como se eu não conhece nada de Folia de Reis, como que é o dia? Qual que é o ritual? O processo que vocês fazem. Fazem uma oração? No dia que vocês vão fazer a celebração...

SL006: A gente sai de casa e faz oração para poder sair né? Porque não pode sair de qualquer jeito... Tem que ser sagrado, porque se não, acontece até de ter briga na folia de reis. Então a gente tem que se concentrar muito bem concentrada. Ai lá de casa, a gente sai todo mundo junto, saí junto, chega junto.

Michela: E come em algum lugar?

SL006: Tem lugar que eu vou que deixa a gente almoçar... 3, 4 vezes, a gente ganha... Tem uma Sra. lá em Dom Viçoso, ela é irmã do Padre, então quando eu vou lá, eu ligo para ela uns dois ou três dias antes, aí a filha dela que trabalha no posto de gasolina, ela troca com a colega dela para ajudar a mãe fazer comida. Já fica esperando nós lá. A mãe dela era minha comadre, então os filhos dela e os filhos da irmã do Padre me chamam de comadre Ana.

Michela: Aqui na cidade quais são os lugares que vocês vão?

SL006: Aqui na cidade é mais fácil. Eu vou em Virginia, vou em Dom Viçoso... um lugar que eu tenho sede para ir lá é nos Pinto Negreiros. lá a gente ganha bastante coisa. Às vezes a gente fica, para comprar só carne no dia da festa... a gente ganha bastante coisa, aí eu faço

assim, faço a comida no dia da festa, aí no dia da festa aquela correria. Às vezes a pessoa não come direito, aí depois que passa a festa uns 20 dias, eu reúno a turma de novo e faço outra janta para eles. Eu faço a janta ou faço o almoço e tem o bailinho que o povo gosta muito.

Michela: Então tem um fechamento da festa né?

SL006: Tem, que é o dia 6 de janeiro né? Aí a gente canta aqui na praça do forrozinho,

Michela: E dentro do parque aqui tem já tem costume de ir?

SL006: Dentro do parque a gente não toca não... Até aqui na porta do parque nós já cantamos... Tem o gago é Zezé que ele chama, na Igreja Matriz aqui a gente canta também...

Michela: Então é um período muito cheio para vocês né?

Dona Ana: ah muito cheio e ali a gente espera a hora que o povo está terminando a missa, quando o povo começa a descer, aí o sanfoneiro ripica a sanfona aí...

Michela: E o povo dança junto?

SL006: Tem uns que dança. O ano passado poucos minutos que nós estivemos ali, a gente canta também dentro da igreja.

Michela: E o que vocês conseguem arrecadar? Vocês utilizam, para população? Para melhoria? Para a festa? Depende da necessidade?

SL006: Depende da necessidade porque tem época que a gente ganha bem, o resto das coisas que sobra aí eu vejo se uns amigos querem. Dou para um para o outro dou na creche, dou aqui no asilo São Vicente de Paulo. Eu ligo para eles e falo que tem umas coisas lá em casa da folia de reis, às vezes tem arroz, tem feijão, eles vão lá buscar...

Michela: Mas é um trabalho que acaba unindo muitas pessoas na cidade...

SL006: Unindo muitas pessoas, quando a gente vem aqui na praça lota de turista...

Michela: A senhora viu os jovens interessados? Porque tem que passar para os jovens para continuar a tradição né?

SL006: Às vezes tem uns que interessa. Inclusive a promessa minha era de quando for entregar ela, que eu não pretendo entregar para outras pessoas não, igual eu faço não, eu pretendo entregar ela lá em Aparecida. Levar lá, aí a gente vende os instrumentos e o dinheiro que a gente vendeu os instrumentos a gente leva lá... As roupas dos marujos tudo sou eu que compro, o chitão, é feito de chitão né?

Michela: Mas as vezes a Sra. recebe umas doações durante o ano?

SL006: Ah muito difícil, a roupa tudo que tem lá foi eu que comprei, comprei o chitão e mandei fazer, fica bem carinho, até que ficou de vir para nós ano passado umas peças de chitão, para gente fazer a roupa eu não sei o que aconteceu lá.

Michela: Eu queria que a Sra. contasse para mim, contar de forma resumida, o que que a senhora sabe sobre a história da cidade? O que a senhora houve falar, sobre como a cidade surgiu... a senhora tem algum conhecimento.

SL006: Ah eu gosto muito daqui da cidade, a minha folia de reis, nunca ouvi ninguém falar mal da minha folia de reis... Graças a Deus eu também não saio de casa sem fazer meus pedidos então...a gente, aonde eu vou levo bastante...

Michela: E qual é a paróquia que a Sra. frequenta?

SL006: Eu frequento quase todas elas, tem a Nossa Sra. Aparecida, lá no Barreiro. Onde eu fui almoçar no domingo, tem uma amiga que também mexe com folia de reis, a Dulce.

Michela: O que vocês mais gostam de fazer em São Lourenço?

Dona Ana: Tem o CRAS onde a gente canta. Temos uma seresta na terça e na quinta, porque quando a gente veio para cá, eu tinha perdido meu pai, minha mãe... Aí quando a dona Cida passou lá na prefeitura, eu vi aquela veiarada... eu também estava ficando veia esses dias, vou fazer 60 anos, aí eu falei assim: quem que morreu ali que tá uma veiarada danada? "não morreu ninguém não, E que vai ter uma reunião ali para as pessoas que perderam gente da família, e a pessoa fica assim, está meio desligado, um momento difícil". Aí eu falei, eu estou nessa, eu falei eu poderia participar?

Michela: Tem um grupo aqui de capoeira, vocês participam?

SL006: Nós paramos um pouco porque o rapaz tinha saído né? Agora diz que ele voltou de novo...

Michela: Se vocês tivessem que escolher então lugar mais importante para vocês aqui na cidade qual seria?

SL006: Escolher ter mais uma saúde, aqui a gente precisa levantar de madrugada para ir ao posto saúde três, quatro horas da manhã. Às vezes, conseguir até dormir lá pra conseguir uma consulta, porque a saúde da gente é importante. Porque sem a saúde a gente não faz nada, sem a amizade com as pessoas. Porque aonde eu vou eu levo a alegria.

Michela: A Sra. acha que a cidade mudou muito desde que a senhora está aqui melhorou, piorou?

SL006: Para falar a verdade a gente até fica assim, como eu falei dos terrenos aqui que era pasto e agora é casa. A gente fica até contente da cidade crescer só que às vezes, a gente aqui tem cascavel, jaracuçú de fora para atrapalhar o ambiente da gente aqui... a questão da maconha né, a cidade cresce e de uns tempos para cá a gente vê cada coisa.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2() a natureza.
- 3() a localização.
- 4(x) a espiritualidade.
- 5() o turismo.
- 6() outro _____.

SL006: No tempo que a gente mora aqui, na minha opinião eu acho que não tem como a gente sair de dentro da casa da gente, a gente ir passear, ir a missa e voltar para casa tranquila... a gente sair de casa com boa fé, com boa fé a gente volta.

Michela: Então a espiritualidade é importante?

SL006: sim a espiritualidade é importante...

Michela: a senhora é devota de São Lourenço também?

SL006: Sou! Tem que ser e da Inhá Chica.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL006: Eu só tenho uma vizinha minha, assim de porta que a gente não passa na ponte juntas. Eu saí e vim aqui no CRAS, fazia bolsa, eu vinha cedo fazia bolsa, ai eles vendiam a bolsa e davam uma cesta básica para gente. Não dava dinheiro não, mas dava uma cesta básica e ajudava bastante a gente, ai eu vinha por causa disso e era uma terapia pra gente, ai a gente bordava, fazia bico no pano, tinha muitas colegas minhas de São Lourenço, as vezes não cobrava, mas sempre me davam "não, a Sra. merece..."

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3() uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5(x) uma das melhores cidades para turismo.

SL006: Ah o turismo aqui é bom, principalmente na época de folia de reis ajuda muito, gosta muito.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

Dona Ana: é boa. Aqui a implicância um pouquinho, de uns tempos para cá, só dos fogos do dia 10 de agosto. Diz que ali no Asilo, ai então... Agora é muito pouco, e aquele que desce igual chuva, que não é tão barulhento, porque os primeiros eram ruins mesmo, nossa mãe

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6() O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro_____.

SL006: eu acho que esses todos ai são importantes

SL006:: tudo é importante, o Parque aqui a gente já passeou bastante. Às vezes a gente faz caminhada. Nós somos lá do CRAS, e ai nós não paga. A gente, a coordenadora vem e fica ali, independente do dia... até um dia, eles estavam plantando muda de rosa lá no parque, ai eu falei com o moço assim: ô moço o Sr canta musica para plantar rosa? Ai ele pegou e falou assim “ih mas ainda tem dessa?” eu falei, tem se não a roseira não vai sair, ai ele pegou e falou assim: “mas qual é a música da roseira?” ai eu falei com ele, então escuta: “Trepei na roseira, quebrei um galho; Segura morena senão eu caio; Se eu cair eu te dou trabalho!” - Diz que o pé de rosa que dá mais rosa ali é o dessa musica...

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores:

E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2() conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3() querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

SL006: não sabe muito não, igual eu sempre digo, ai pode entrar eleição no meio? Então, eu acho assim, vamos supor vem eleição ai né? O candidato, ai passou a eleição, a Sra. passa para lá eu passo para cá... depois da eleição acabou, então eu já falei para eles na família, para mim não precisava mais... porque chega época do dia das mães, o dia dos pais, o natal, passa aqui de carro, “oi dona Ana, estou passando por aqui, desejar para a Sra. um feliz dia das mães, um feliz natal, um prospero Ano Novo, muita paz muita alegria” para mim não precisava mais... mas, nem isso acontece... ai quando chegou a eleição...

Michela: e a história mesmo, a cultura fica para trás...

SL006: fica para trás. O carro no fim de semana tá ocupado né? Ai tá todo mundo trabalhando... ai no sábado ou no domingo a gente ia aqui em Virginia, aqui perto mesmo, Dom Viçoso, tudo ai pertinho... eles não podem arrumar uma conduçãozinha para gente...

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro_____.

SL006: Oque eu gostaria é que não fosse preciso da gente levantar de madrugada, para ir para o posto de saúde arriscar a vida igual a gente arrisca... um dia nós estávamos lá eu e minha menina, eram 3:30 da manhã. Chegamos lá tinha duas moças, parou um motoqueiro lá, mandou a moça tirar a bota, carregou a bota da moça, o celular dela... Não era para ter um guarda lá?

Local da realização da entrevista: Residência da entrevistada

Data: 04 de set.

Horário de início: 10:16 **Horário de término:** 11:30hs

DADOS PESSOAIS

Gênero: Feminino

Local e data de nascimento: Idade: 60 anos

Endereço Residencial: Rua Walter Bittencourt, 65 apto 102- São Lourenço Velho- São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 60 anos

Cidade de nascimento dos pais: São Lourenço (mãe) Varginha (pai)

Qual seu estado civil? Solteira

Tem filhos? Quantos? não

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Católico.

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? não

Qual seu grau de instrução? Pós Graduação

Qual a sua profissão/ocupação? Professora, educadora aposentada

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

SL007: Tinha na internet um concurso assim: qual a melhor foto de São Lourenço? Tem uns 4 anos, e as pessoas votavam na melhor fotografia. Coisa mais linda a representação artística... Mas 2 anos consecutivos exatamente, a pior ao meu ver como saoulourenciana, que gosta de arte. Meu ex companheiro é artista, e assim eu tenho uma apreciação diferente que eu acho que tem mais lógica, pelo que representaria São Lourenço na parte estética, para levar até para o mundo se fosse o caso...

E 2 anos consecutivos (eu até parei de votar, nem sei se ainda tem), as piores fotos.

Michela: isso era um projeto constante assim?

SL007: era todo o ano

Michela: E era promovido pela prefeitura?

SL007: Não, não. Facebook, alguém particular, nem sei qual é a página mais... Eu fiz parte de uma ONG há muitos anos, 20. Terminou já faz uns 10. E era "Ideias, Ideais" e nós fizemos uma vez, vários projetos. Um deles era isso, que você tá dizendo: escolher qual o lugar que você mais... então pode ser uma árvore, um lindo flamboyant, é o lugar que mais aconchega... Então a gente fez esse projeto... A gente fez com escola na verdade, a gente fez isso não com a população, escolas municipais, estaduais, umas duas particulares

Michela: E era uma conversa, os meninos tiravam uma foto, desenhavam como era essa escolha?

SL007: Não, não, a escolha era: eles falavam, a gente ia lá nos lugares, e depois voltava para apresentar... então foram vários projetos. Exatamente com esse teu objetivo de fomentar essa apreciação, que tem de bonito, olhar para cima, olhar para as nossas coisas, e muitas coisas foram demolidas. Quando nós éramos jovens, teve um abaixo assinado aqui de um hotel maravilhoso. Não sei se você já viu, o hotel Normando, onde é a galeria João Lage, no Shopping. Aquela galeria que tem um café, era um hotel. Ele era no estilo bavariano mesmo, com jardins, flores, tudo a ver com parque, e a gente ficou ali ó... juventude pegando abaixo assinado...década de 80 início de 80.

Michela: Então nessa época demoliram muita coisa...

SL007: Muita coisa sabe aquele calçadão mesmo que era uma rua? Aquele Hotel Metrópole, fez aqueles blindex, então tirou, eu tenho fotos ali sentada. A Dom Pedro, que é a nossa via principal onde tem a igreja, ali casas lindas sabe, virou blindex. Se você fala, mas infelizmente, a meu ver, São Lourenço não tem um ponto como você tá querendo, identificável. A não ser

a fonte Vish, a estação, que está escrito Estação de São Lourenço, a Igreja Matriz, que pode ser qualquer outra, a Basílica agora. Mais um ano e meio acho que tem Basílica. E você... se eu tirar foto na Dom Pedro para identificar, posso ir lá em Cruzeiro, ou no Estado de São Paulo e dizer olha só estou em São Lourenço. Quer dizer, não tem uma identidade. Tiraram muitas árvores e não tem um charme, que eu acho que nós já tivemos. E isso me desencanta muito, eu ando na Dom Pedro ali, eu e meus amigos “ah vocês são muito saudosos” porque não preservam nem o estilo.

Michela: Como preservar se a pessoa não conhece, não tem jeito de valorizar se a pessoa não conhece?

SL007: Mas são filhos daqui mesmo. Então foi muita coisa já... você já foi naquela galeria da Ué, na estação onde tem fotografia? Tem muitos lugares ainda que preservam as casas... as pessoas que não querem mexer ser desmontar...

Michela: e tem que atuar logo porque se não destrói também?

SL007: Pois é mas a luta que você... por exemplo engenheiro civil aqui, acho que em todo lugar. Eles têm uma visão de fazer a construção, os arquitetos não, a gente vê a preocupação, mas o engenheiro ele quer levantar, e não preserva.

Michela: Mas não é papel do engenheiro ter isso, isso é papel do órgão regulador... no caso é a prefeitura e os órgãos patrimoniais...

SL007: Mas, não existe específico. Mas não tem arquiteto, lá trabalhando... sim, técnicos que mudam de acordo com a política... Então a menina tá lá no cadastro, então entra um prefeito ou alguém, ela vai lá pra obras... Isso que eu já percebi, porque eu tenho uma casa que entrou no inventário. Linda, mas quem comprou disse que vai demolir, tive que vender. Meus irmãos, e a pessoa falou, vou passar o trator aí, quanto que você quer? A casa que eu nasci, sabe, minha mãe me pariu ali dentro... Talvez a lei orgânica do município. Nós tivemos um prefeito esplendoroso aqui, ele trouxe a Fundação João Pinheiro para fazer um plano diretor... nem sei onde está. Eu tinha aquela cartilha, eu sou louca para pedir, então isso, que você falou da educação, então fez uma cartilha. A gente tinha uma esperança, tudo desenhadinho como é que ficaria. No entanto foi por água abaixo, porque muda a política...

Michela: É preciso de um órgão regulador forte...

SL007: Forte porque tem que ser essa Lei Orgânica do Município, que tudo que você vai fazer... Ah não pode infringir a lei orgânica e você olha lá... são vereadores que fazem essa lei, então teria que ter um movimento realmente, o interesse de algum Vereador, para puxar os outros fazer uma coisa bacana...

Michela: Então como se deu sua chegada em São Lourenço? Você nasceu aqui?

SL007: Nasci, minha mãe nasceu, meu avô chegou aqui em 1918, veio a cavalo, não tinha nada. E São Lourenço Velho começou aqui. Hospital era aqui. Uma escola pública era para cima, e o cemitério, e não tinha quartel, essas coisas, então eram fábrica de algodão...

Michela: Porque eu sei que tem ali, na entradinha perto do Parque, umas casinhas mais antigas, mais coloniais...

SL007: Perto da fonte... então, aquilo lá pertencia aos trabalhadores do Parque, do engarrafamento que era feito. O bonde puxado à cavalo, trazia da fonte, água para poder industrializar. Mas era assim de acordo com a lei do solo... eram poucas garrafas...Então meu avô chegou aqui em 1918, ele é de Minas, de Itaverava, a minha avó de Conselheiro Lafaiete. Ele veio, ele é da família Dutra, ele trouxe os irmãos Dutra. Meu avô, e morava numa casinha aqui uma das primeiras, na curva, aqui em São Lourenço, não tinha Federal praticamente. E até aquela praça do Carrossel para lá era fazenda, terra... e a cidade é o segundo menor município do Brasil, foi o primeiro, agora já é o segundo. Minha mãe nasceu em 1926, minha mãe é um ano, mais velha que o município. Antes do município mamãe nasceu aqui, então, assim, eu conheço muita, muita história. Então eu cheguei em São Lourenço... meu pai não era daqui, era daqui do Sul de Minas mas casou com a minha mãe... então todos nós somos praticamente daqui, a gente conhece todo mundo, muita referência, meu avô entrou no ramo da engenharia, ele era construtor então muita coisa ele edificou, inclusive a Igreja Matriz, o

Hospital de São Lourenço tudo... Os irmãos, eles fizeram muita construção, no setor de construção... Mas por exemplo, fotografia eu tenho poucas, ficou com a minha irmã. Mas assim, eu sempre acompanhei essa questão da cultura, sempre eu vou em tudo quanto é lugar, gosto, Eubiose, tem uma palestra eu vou.

Michela: então eu sei que você tem muita história, mas se você tivesse que contar de uma forma os pontos mais importantes da formação da cidade de São Lourenço como que se poderia contar? Qual foi a formação da cidade como a cidade se formou?

SL007: A cidade se formou basicamente entorno das águas medicinais, que meu avô sempre disse. Então qualquer solo, qualquer parte... aliás o Hotel Brasil é fora do Parque, falaram que se você perfurar tem água. Não pode asfaltar, o pessoal não entende, porque tem lençóis freáticos ali, tem água mineral jorrando. Na ilha tem. Meu tio faleceu a pouco tempo, ele sabia tudo. Então a cidade se formou entorno das águas minerais com certeza, não tem nada além disso. Nunca pode ter fábricas, escolas. Eu fui estudar fora, porque não tinha faculdade nenhuma, mal um ensino médio. Porque era o turismo, a cidade se formava mesmo. Ela andava janeiro, fevereiro completa... essas casas que tem aqui em São Lourenço Velho, tem muita casa de turista, até hoje os turistas, por ser próximo ao Parque das Águas. E o bairro chama Carioca também, por conta dos cariocas que eram a frequência maior. Aqui, São Lourenço Velho, era próxima a entrada, então tinha uma entrada por aqui. Então os turistas iam lá, onde Dr José Celso mora, Lagoa Seca. Minha mãe conta que tinha um bondinho que levava para estação, tinha os dias certos do trem, então não era diário. O turista vinha e ficava meio preso aqui mesmo, e depois ia de trem porque tinha trem de vez em quando, e eram levados de bondinho. Na década de 30 né? Mas assim, a cidade, ela foi desenvolvendo, por que a região desenvolveu... Além do café, mesmo Carmo de Minas, tendo o café, Soledade tem uma plantação de café, aqui dizem que tem uma espiritualidade, a Montanha Sagrada, que tem o templo da Eubiose. Então ela é uma cidade atraente, uma cidade feminina, que acolhe muito, isso na visão antiga que a mulher acolhe muito, abraçava... Então as pessoas vêm e querem ficar. E o turismo realmente sempre segurou, então muitas pessoas chegaram aqui sem nada, como meu avô. Minha avó fazia uns doces, e ele era construtor, vovô, ele tinha uma cerâmica, lá tem a chaminé até hoje, lá na estação. E ele começou a fazer tijolos, e construir as casas, o comércio. Não tinha banco, ele ia não sei aonde, em Belo Horizonte talvez, buscava dinheiro. Ele funcionava como um banco que hoje em dia chamam até de agiota, levava as contas das pessoas. Então, mas, a cidade era turística. Porque nossos conhecidos tinham banca de revistas, jornais. Não tinha livrarias, então vendia-se livros nas bancas de jornais, que eram só 3. Então o turista vinha mesmo para descansar. Só que o Parque das Águas oferecia para o jovem, ele oferecia assim, ping pong... Então a família vinha, os velhinhos lá, os idosos com as águas, mas tinha torneio de vôlei, dentro do parque, ping pong, patinação a mil, não tinha vaga para gente patinar, janeiro, fevereiro. Aí quando chegava na quarta-feira, quinta... depois do Carnaval. Eu morava lá perto da Pracinha da Federal. Lembro que eu sentava com minhas primas, meus primos, tudo para ver os carros indo embora, porque acabava, acabou, São Lourenço virava realmente uma quaresma. A gente ficava esperando a semana santa, então a cidade vivia só nesse períodos, de veraneio e os feriados nacionais.

Michela: Você tocou num assunto que eu queria que você me falasse um pouco: da Juventude né? Porque é a juventude que você viveu, que você acompanhou e você como professora deve ter informação no ponto de vista interessante a respeito da Juventude hoje, que já ouvi falar que sempre tem um alto índice de suicídio, Como que você percebe isso?

SL007: Eu trabalhei muito com jovem mesmo, trabalhei menos em escola primária, trabalhei muito em ensino médio e de 5ª a 8ª. É um vazio... E então a juventude assim é um vazio, mas eu sou muito crítica porque eu já falava isso... Porque eu fui catequista muito tempo, e participei muito da Igreja, eu sou muito católica, minha família é católica fervorosa, e a gente de ajudar. Então mesmo na catequese, quando na escola, que lida com jovem, eu falava para os pais, tá faltando alguma coisa neles, na família, porque tinha criança que não queria ir

embora para casa. Não é que não tem o que fazer, a educação decaiu demais, é um discurso já batido. Mas penso eu, que a célula realmente é familiar, então a criança ficava... tinha mãe que duvidava, mas essa menina se comporta assim só, e não tem nada que falar dela? Não, não tem nada que falar da sua filha... mas em casa ela é impertinente. Então, eu creio que isso, quando vai para a rua é a mesma coisa. Eles querem ir para rua para ter um apoio. Porque hoje, hoje em dia essa Juventude é ociosa culturalmente. Porque você dá um livro, mesmo que seja para eles escolherem, eu nunca determinei, mas geralmente é assim, escolha, vamos pra a biblioteca. 20 minutos, escolha o que você quiser, até quadrinhos. Mas olha tinha uns que dava o que fazer, porque não tem interesse. Na minha época, eu tenho 60 anos, eu penso assim que a gente buscava uma coisa saudável, ou não, mas, você buscava, ia atrás. Hoje eles querem tudo na mão, muita facilidade, muita ociosidade, eles não conhecem mais vocabulário, não sabe nem mexer no dicionário. Eles não sabem conversar. Eu fui uma criação muito fechada, as meninas né? A gente era as meninas estudavam num colégio de freiras, e os meninos não misturavam não tinha homem. E lá no Estadual os meninos. Mas nós tínhamos assim, momentos de lazer que envolviam, por exemplo, tinha boate, tinha boliche, meu pai não deixava a gente ir, eu e minha irmã, mas a gente ia próximo, rodava quarteirão e tinha conversa, aí nós fazíamos... A eubiose fazia muito concurso literário de poesia, eu até tenho pseudônimo, que eu gosto de fazer poesia, escrever. Então nós inventávamos, não era só um grupinho era muita gente, tanto que muita gente nessa época que era jovem, volta para São Lourenço quando já adulto, avó, quer morar aqui porque lembra dessa época, que viveu aqui muito intensa de 14, 15, 16... tinha os cinemas e vivia lotado. A juventude hoje, eles não querem, você faz, eles não vão. Eles reclamam, mas você faz na própria escola. Uma vergonha isso, mas é verdade e não são estimulados, não tem estímulo. A não ser funk, essa bobeirada aí... lá ilha tem, show de não sei lá o que. Esse trem vazio aí. Mas assim, se você fizer uma concurso de qualquer coisa, fica pingado. É essa coisa de EPTV. Pode ser que esteja nascendo um novo grupo que vai liderar, mas não tem uma gincana, na nossa época tinha, não sei o que que tem que promover, tudo vira bagunça.

Michela: O que você mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL007: Andar pelas ruas e conversar com as pessoas, sentar num lugar, não precisa ser um café necessariamente, mas um lugar, conversar, andar nos lugares que sempre gostei. Gostava muito de ir ao parque, não tenho mais tanta vontade de entrar, era frequentadora assídua. Eu vou de vez em quando... eu não sei se é a dor na exploração das águas, das fontes secando... porque tudo aqui é embargado e depois libera. Um loteamento aqui, passou trator naquelas árvores, foi embargado, mas passou uns meses, consegue... Que praça que tem em São Lourenço para você sentar? Vai à praça da estação que era uma graça, tem um coreto, está lá... mas eu gosto de sair, conversar, andar, sair à noite, conversar, tem um filme bom, vou ao cinema, shows, menos na ilha que já não é meu estilo, mas ali na praça todos os eventos gosto muito de fazer isso. Gostava muito de ir ao Parque, eu amo a água da fonte (Vichy) uma das coisas que eu mais gosto. Então sempre entrava para tomar essa água e saía, mas atualmente eu não ando indo muito, mas eu ando muito na cidade, converso com as pessoas é isso que eu de verdade, gosto de fazer.

Michela: Para você São Lourenço mudou muito, o que principalmente mudou?

SL007: A qualidade de vida... Então, a cidade perdeu demais em qualidade de vida. Educação também, muita mistura de pessoas. Antes a gente identificava mais as pessoas, hoje em dia não se sabe quem é da cidade, quem que tá na região, virou um pólo. Hoje é dia de pagamento, aí o povo de Dom Viçoso, Carmo de Minas, Pouso Alto, Soledade, tudo aproveita vem para cá, recebe, fila em 3 lotéricas, nos bancos. Gente que não vive aqui, mas vem, pega esse dinheiro, e já compra, e já faz os pagamentos. Então a cidade depois, chega às 7 horas da noite, cadê aquele povão? Então eu não identifico mais São Lourenço assim. Quem vive realmente aqui, quem vem resolver coisas aqui. Então perdeu essa identidade, que nunca teve muito não. Muita gente de fora, era uma cidade mais voltada para o turista, quem mandava era o turista. Agora tá o ano inteiro, essa cidade não pertence a gente, assim, o são

lourenciano mesmo é só mais na multidão. Então, você não tem que arrumar um grupinho num determinado lugar, não estou falando de exclusão, mas não tem uma Identificação. Tem gente que vem que vem morar aqui por oportunidade, outro porque não tinha mais para onde ir, ou tá com medo do Rio, o outro faliu em São Paulo, em fim, não tem esse objetivo que é ver a cidade andar. Mas sem perder as características. São Lourenço para mim não tem aquele bucolismo que tínhamos nas praças, é uma coisa que parece saudosismo. Mas não tem árvore, nem isso estão preservando. Cuidado, não tem. Então as pessoas que eu percebo com esse crescimento, vem para explorar mesmo. Em casa de material de construção, é caminhão... eu nem sei mais quem vive aqui, não precisa ser daqui, poderia ser uma pessoa que vem para amar a cidade, cuidar (acrescentar), agregar. Eu adoro que eu chegue gente aqui, mas tem que trazer uma contribuição, mesmo que seja planetária assim, que venha para fazer a cidade ser. Sabe, a cidade continuar aconchegante, que não tenha medo, não tenha tanta exploração.

Michela: se você tivesse de escolher o lugar mais importante de São Lourenço?

SL007: Depende do foco, do objetivo. Se for para a cidade continuar crescendo, é o parque preservado. Porque a gente vive do turismo, não tivemos industrias, no máximo de doce. Não tinha emprego, tinha crescer para outro ramo. Então agora... o mais importante de fato é o Parque das Águas.

Michela: a princípio você acha que ele poderia ser considerado o símbolo da cidade?

SL007: Não queria, mas é. Não queria porque ele não é nosso, então amanhã se fala, fechou, não é nosso. E o solo é nosso, então o que é mais importante para mim é o solo, a terra, o chão é nosso, o chão é de São Lourenço. Então isso é mais importante para mim. Só que o que se ergueu ali, não é nosso, tanto que abriu um Restaurante lá agora, nada contra. Mas mexeu numa casa, até andei postando uma foto da Casa Branca antes... e mexe, muda a estrutura, e a cidade teve protesto. Mas a diretora do parque, atual, falou: teve mas, eu liberei e pronto acabou!

Michela: Você acha que essa importância sempre foi ele?

SL007: Sempre foi ele, claro que as pessoas que fazem a cidade, uma mão de obra bacana, isso também faz diferença, mas nosso trem ficou parado anos, sem reativar, eu viajava quando era criança, minha família de Varginha, (do meu pai), a gente pegava o trem aqui descia em Três Corações eu fazia as férias assim, adorava. Mas o trem já não é tão simbólico. Tem em São João Del-rei, tem dentro de Minas Gerais, tem outros lugares que tem trem, então não eu identifico tanto o trem... São Lourenço mesmo para mim, é terra das águas. Até para fazer uma propaganda no mundo, você não vai lá andar de trem, você vai por causa das águas. A Bandeirantes fez matéria você viu? Foi a semana inteira dentro do jornal sete e meia da noite, não sei se “Terras da Mantiqueira”, ou algo assim, então cada dia, cinco minutinhos... então aí, na última sexta-feira foi sobre as águas. Recente agora. As águas da Mantiqueiras, falou de Poços, de Cambuquira, Lambari, que até meio desativado, Caxambu, quando chegou em São Lourenço, mostrou só o trem. Falou, o Parque, as águas sobrevivem por conta do trem. Precisava rever... eu achei aquilo surreal, porque não mostrou uma fonte. Já desfocou São Lourenço da água e desses que foram falados. Eu não sou tão bairrista, mas São Lourenço é a que mais faz nome. Caxambu também tem um nome, mas assim das águas, aqui no circuito das águas minerais, São Lourenço é a mais evidente. Tirando Poços.

Michela: E você acha que as outras pessoas também vêm o parque como a grande referência?

SL007: Ah eu acredito que sim, o parque diga-se de passagem estou dizendo as águas minerais, apesar de que nosso solo todo é aquífero...

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2() a natureza.
- 3(x) a localização.

4(x) a espiritualidade.

5(x) o turismo.

6() outro_____.

SL007: Eu acho que a localização, eu acho que ajuda muito. A espiritualidade, em grau de importância, essas três: localização, espiritualidade e turismo essas três se entranham, tem muita gente que vem por conta do turismo, espiritualidade é porque tem uma crença, então tem muita gente que vem por conta disso. Cada um vem porque... ah eu vim porque me falaram do templo budista, ah eu vim porque, já gostava de São Lourenço por causa Eubiose. A espiritualidade é uma coisa que chama, a montanha sagrada, né? Dizem que vai sobreviver quando o mundo acabar... tem uma loucura assim né? Já foi movimento Hippie aqui, há muitos anos, antes de existir Aiuruoca, Matutu. Aquele povo do Matutu morava todo aqui, inclusive o Cândido, um artista plástico, ele que fundou pousada, lá não tinha nada. o Guilherme que é o dono da outra comunidade, morava aqui no Carioca. Então aqui, muita gente veio e quando começou a crescer foi pra Aiuruoca, outros lugares. Tem muita gente que não gostou desse crescimento doido... e a espiritualidade, e a localização, acredito que chama muita atenção na hora que optar pelo turismo. Rio, São Paulo, ah São Lourenço está ali no Sul de Minas, é mais próximo, dentro de Minas.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

1() uma péssima cidade de se viver.

2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.

3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.

4() uma boa cidade para se viver.

5() a melhor cidade para se viver.

SL007: Então, para mim o ponto negativo é a falta de estrutura urbana mesmo de organizar a cidade, o centro, muito loteamento, não tem pensamento... acho que isso é um ponto negativo. Então, por exemplo, lotérica tem pouca. Às vezes para você fazer um pagamento, coisa chata ficar nessa filas, e alguns serviços. Fora isso, o clima, tá esquentando. São Lourenço era muito mais agradável, mas com tanto cimento e tirando as árvores, essa é a tendência, é realmente esquentar.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL007: vejo melhor, ainda é.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

1() uma péssima cidade para turismo.

2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.

3() uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.

4(x) uma boa cidade para turismo.

5() uma das melhores cidades para turismo.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL007: Ah tem, principalmente no comércio tem sim. Isso a gente aprendeu desde cedo, nós que vivemos aqui, agora os que chegaram não sei se sabem lidar com isso não. O jovem principalmente, uma balconista, não sabe que o turista é a peça mais importante para nós, a cidade cresceu por causa da água e do turista que veio atrás dela.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

1() O Caminho do artesanato.

2() A montanha sagrada.

3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.

4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).

5(x) O calçadão.

6() O Parque das Águas.

7() A Escola Estadual Melo Viana.

8() Outro_____.

SL007: Eu acho que para os moradores eles vão achar que é o calçadão, eu não queria optar por isso, mas eu acho que se fizer alguma coisa no calçadão, falar que vai tirar, vai modificar, todo mundo vai para o calçadão. Mais popular. Mas eles não tem noção dessa importância, Melo Vianna é importantíssimo, Fazenda Sharp foi maravilhosa, mas demoliu. Quando eu era jovem, a casa de cultura era ali, Montanha sagrada a gente não tem mais acesso, agora é trancada. Caminho do artesanato, as pessoas nem sabem que existe, os moradores não sabem, não é assim uma coisa que ficou visível. O mercado municipal sim, pode até ser, mas o caminho não. Pela visão dos moradores que circulam por aí, infelizmente eu acho que é o calçadão.

Michela: E para o turista qual chama mais a atenção?

SL007: Fica entre o parque e a coisa ali mais centralizada mesmo.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores:

E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2(x) conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3(x) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

SL007: B e a D, alguns poucos conhecem e valorizam, mas não tem essa opção, a B eu acho que poucos conhecem, não conhecem, não valorizam aquilo que não conhecem...

Michela: E com relação ao turista sobre a história de São Lourenço?

SL007: Eu acho que C eles querem conhecer mais. Eu fiquei um período na Igreja, e o turista vai direto na igreja, tira foto do São Francisco. Eu vejo, quando eu ficava na lojinha, então perguntavam: você tem folhetim sobre a história do santo? E tem lá na igreja, eles vendem, tem a história do santo e tem a história da cidade resumida. E começou a vender porque tanta gente procurava. Então eu acho que é a C, eles querem conhecer e valorizam se não, não iam querer conhecer...

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro__visão das pessoas_____.

SL007: Eu mudaria a visão das pessoas, tanto as que frequentam como as que moram. Dar a valorização devida que é importante, não é só usufruir, jogar lixo, bagunça e vai embora, não. Eu queria que as pessoas ... Um manual lá na entrada, e um manual para o cidadão aqui... você sabia que São Lourenço é uma cidade turística que você tem que amar...

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2(x) são muito poucas e ineficientes.
- 3() existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

Local da realização da entrevista: Residência do entrevistado

Data: 05 de setembro

Horário de início: 15:30 **Horário de término:** 17:30hs

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: Idade: 104 anos

Endereço Residencial: São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço:

Cidade de nascimento dos pais:

Qual seu estado civil?

Tem filhos? Quantos?

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual?

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual?

Qual seu grau de instrução?

Qual a sua profissão/ocupação?

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: O Senhor acredita que o meu pai também é coronel da polícia? O senhor é do exército né? Mas, ele já está na reserva já há algum tempo... tem uns 25 anos.

SL008: Eu participei da segunda guerra mundial, depois que eu cheguei da guerra, passado muito tempo eu completei meu tempo de serviço, aí eu falei, vou descansar, vou para casa... Mas eu pensei que naquela época a pessoa com 60 anos era idosa... meu avô materno que era italiano e morava aqui em São Lourenço morreu com 60 anos. Então 60 anos antigamente era idade avançada já.

SL008: Eu vim para a reserva e já estou há 54 anos só na reserva.

Michela: O senhor é aqui de São Lourenço mesmo? Me conta a história do senhor.

SL008: Minha mãe nasceu aqui, era filha de imigrantes italianos, meu pai era nascido em Aiuruoca, uma cidade que fica à mais ou menos uns 50 km daqui. Mas ele veio para cá, para trabalhar numa fábrica de banha que tinha aqui. E aqui conheceu minha mãe, namoram, casaram e continuaram morando aqui. Depois que minha mãe estava grávida, de 5 a 6 meses, ofereceram emprego para meu pai em São Paulo. Os dois pegaram o trenzinho aqui, foram para São Paulo, e lá eu nasci. Eu sou paulistano, nasci na capital, mas eu fui gerado aqui, minha mãe saiu daqui, eu já estava com 5 ou 6 meses.

Michela: O senhor está com quantos anos?

SL008: Agora em dezembro se eu chegar lá vivo, eu completo 104.

Michela: Eu costumo dizer que não há biblioteca no mundo que substitui estar do lado de uma pessoa como o senhor. Com essa sabedoria não tem.

SL008: Por que eu sou cadeirante, para sair da cidade, andar pelo centro, ir ao Parque das Águas, eu vou numa cadeira de rodas motorizada. Porque o meu problema está aqui nas juntas. Eu não tenho mais equilíbrio nas pernas, dói muito, a coluna dói demais. O meu sacrifício maior é andar daqui no meu apartamento, no elevador, descer para pegar a cadeira lá no estacionamento, que ela fica lá embaixo.

Michela: Ela não passa aqui não?

SL008: Não, passa, passa, mas acontece que o síndico mandou botar uma tomada lá embaixo só para eu colocar minha cadeira de rodas, porque o fabricante da cadeira, ela é feita e fabricada em Miami EUA. Mas o fabricante recomenda que mesmo que dê uma voltinha no quarteirão, voltou para casa, liga o carregador para manter a bateria sempre carregada, sempre completa. Então eu saio, às vezes vou ao Parque, às vezes no banco, mas quando

eu volto chego lá, ligo o carregador e fica até amanhã. Amanhã torno a sair, torno deixar carregando.

Michela: Então o senhor nasceu lá em São Paulo?

SL008: O meu pai não se acostumou com a cidade grande, que naquela época, quando ele se casou era tudo mato. Construiu um hotel aqui outro ali. Hotéis que nem existem mais. Foram demolidos e o resto era só fazenda de gado, leiteiro, roça. Isso era o lugar na época que meu pai se casou. Ai chegou a São Paulo, cidade grande, não se acostumou, ficou lá dois anos e voltou pra cá. Eu sou o único paulistano, de 11 filhos, 10 nasceram aqui em São Lourenço. Quando eles voltaram pra cá me trouxeram pequeno ainda. E aí os outros começaram a nascer aqui.

Michela: Isto por aqui foi ficando né? Eu sei que o Senhor tem muita história aqui da cidade né? Que confunde com a própria história do senhor, num é? Mas se o senhor pudesse falar assim, um pouquinho da formação da cidade. Como que foi a história da cidade, como que o senhor contaria?

SL008: Uma coisa que eu considero de muita importância para o nascimento da cidade foi a inauguração da estrada de ferro que liga Três Corações a Cruzeiro. Até 1884, se alguém quisesse ir daqui para o Rio de Janeiro, São Paulo, tinha que ir a cavalo pelo menos até Cruzeiro. Então a pessoa saía daqui a cavalo, chegava em Cruzeiro, deixava o animal lá em algum pasto, embarcava e ia. E com a inauguração da estrada de ferro, ainda por decreto do Dom Pedro II... ele que decretou a criação dessa estrada que ele vinha muito pra Minas. Dom Pedro II vinha muito aqui, gostava muito daqui, tinha amigos aqui, fazendeiros. Então não sei se alguém pediu a ele, mas o fato é que ele decretou a construção da estrada de ferro de Cruzeiro à Três Corações. Um percurso de 170 quilômetros. Agora na época, as estradas de ferro eram construídas por uma companhia inglesa, então ele mandou emissários em Londres fazer o contrato com a companhia inglesa para construir. Ai a companhia inglesa deu lá as condições, uma das condições era de que quando terminasse a construção da estrada, ela explorar a estrada durante 18 anos. Estava no contrato né? Mas ela deu muita coisa, muito material, o material importado todo, veio de Londres. Veio por navio, e de navio trouxeram pela Central do Brasil até Cruzeiro, e de Cruzeiro começaram a construir a estrada. Com o material que os ingleses trouxeram de Londres. Foi inaugurada em junho de 1884. Eu considero essa estrada como o pivô do Progresso. Porque as águas minerais foram descobertas 27 anos antes da fundação. O fazendeiro aqui que morava na fazenda, a Fazenda da Bomba existe até hoje.

Michela: Onde tem a pousada do Chico?

SL008: O Chico é da família, não da família do descobridor já de novos proprietários. O descobridor chamava-se Antônio Francisco Vieira. Ele gostava de caçar e veio caçar aqui na serra dele mesmo, e na hora que deu sede, ele foi procurar água para beber. Na hora que achou a mina, ele achou a água com um gosto esquisito, diferente, ai pediu para examinar. Mas, ele não tinha muito conhecimento no Rio, São Paulo, mas, falou com amigo dele, de Carmo de Minas, que morava em São Paulo, mas passava temporada aqui. Esse amigo mandou para o Rio e ai, logo em seguida, veio uma junta médica aqui, cientistas, e apuraram que a água tinha grande poder curativo. Feito isso ficou parado, ninguém tomou providência, passaram 27 anos. Quando inauguraram a estrada de ferro, uns irmãos Resende lá de Campanha, Campanha fica aqui mais ou menos há uma hora uma hora meia daqui, cidade histórica da região já foi até capital do Estado. E esses irmãos, 7 irmãos homens, eles moravam em Campanha e tinha o mais velho, mais idoso, o Bernardo Saturnino da Veiga. Era o líder dos irmãos e tinha mais juristas, tinha médicos, na família. Uma família culta, uns moravam no Rio, outros moravam em São Paulo e se passaram 27 anos. Mas, eles sabiam que existia essa água. Principalmente o Bernardo que era o mais idoso. Quando inauguraram a estrada de ferro, ligando Três Corações a Cruzeiro, aí ele conversou com os outros, deve ser um boa hora da gente comprar aquelas terras, deve ser caro. Está na hora porque se a gente construísse antes da estrada de ferro a companhia de águas, quem é que vinha aqui?

Vinha a cavalo aqui? Aí com a construção da estrada de ferro, eles começaram a tomar as primeiras providências. A primeira providência foi mandar amostras das águas mineiras para Ouro Preto, para ser examinada. Já tinha sido examinada há 27 anos, mas os irmãos aí mandaram para Ouro Preto. E um técnico alemão examinou as águas e disse que era de alto poder curativo. A segunda providência dos irmãos foi que eles resolveram formar uma sociedade, cada um entrou com capital e formaram a sociedade. A terceira providência foi procurar o inglês diretor da estrada de ferro Minas e Rio, é o nome da estrada de ferro. Foi procurar o diretor que a sede era em Cruzeiro. Porque quando foi inaugurado a estrada de Ferro, a parada não era aqui, que era 7 km daqui na estação. Tem chamado Américo Lobo, a cidade já está quase chegando lá, tem bairro já está quase chegando lá. Então quando foi inaugurado, foi inaugurado pela família imperial, toda família imperial veio na inauguração de trem. A família imperial, os assessores do Imperador Dom Pedro II, e convidados ilustres. Eu sei que lotaram 7 vagões, de Cruzeiro até Três Corações. Mas, eram poucas paradas, de Passa Quatro o comboio vinha direto até Américo Lobo abastecer com lenha para fazer aquele calor para esquentar a água para movimentar a locomotiva. Abastecer de lenha, abastecer a caixa d'água, que precisava circular água também né? E dali de Américo Lobo seguia até Contenda, só que passava direto, então, eles foram ao diretor pedir para fazer uma parada aqui. E com a parada aqui, turista do Rio, São Paulo poderia vir. Ai em Cruzeiro, fazia baldeação desembarcava aqui. Aí o diretor concordou e mandou fazer a primeira estação, mais simplesinha só de tábuas. Não era nem tijolo. No Facebook, onde está lá do lado escrito grupo Memórias de São Lourenço, ainda ontem eu estava vendo, esse grupo de São Lourencianos... eu também faço parte. Colocar fotos antigas, de pessoas que até não vivem mais, pessoas que já morreram, mas que foram muito influentes na cidade. Então de vez em quando esse grupo está postando fotografias e ainda ontem eu estava vendo, vi lá a estaçãozinha feita pelos ingleses. Aparece o primeiro carteiro a cavalo, o primeiro carteiro de São Lourenço. Na época, não havia correio aqui, mas, tinha um carteiro que foi contratado, era até italiano ele. Ele saía para entregar cartas nos hotéis, o nome dele era Amâncio, José Manso, mas tinha apelido de pepino. Ele é uma parte da história de São Lourenço. Então essa estaçãozinha tá lá naquele Memorial, foi à primeira estação construída, e logo após a inauguração da estrada de ferro. A pedido dos irmãos Veigas, o diretor mandou construir além daquela parada de Américo Lobo, mandou construir essa daqui, no km 80. Ai já surgiu o primeiro hotel, aqui na via que vai para o cemitério, Hotel São Lourenço. Naquela época usava muito francês não sei porque, que um da família Veiga, não os irmãos, parece que um sobrinho resolveu construir o hotel aqui, e deu o nome de Hotel *Bel Ce Jur*. Parece que é Bela Vivenda a tradução, estava muito em voga na época o francês. Quando foi mais ou menos 1893/94, foi quando os irmãos Veigas faliram. Gastaram tudo que tinham, não podia vender a água porque não estava captada e eles tinham como capital de giro 500 contos, não sei nem quanto é 500 contos naquela época. Eles tinham 500 contos depositados em São Paulo como capital de giro. Para a compra dos terrenos aqui. Porque eles não compraram só aonde tem o parque, eles pretendiam fundar uma companhia de águas e fundar uma cidade. Eles não queriam só fundar a companhia de águas eles queriam fundar a cidade... Mas a primeira coisa... aliás, eu tenho o primeiro projeto urbanístico. Porque eles queriam vender lote para ajudar na água, eles pegaram a captação das fontes, desmatamento, fazer alamedas e entregaram para um engenheiro italiano de São Paulo, Alfredo Capelache. Como eles deram Liberdade para ele contratar os empregados, o que que o Capelache faz? Traz de São Paulo para cá 200 operários imigrantes italianos, alguns imigrantes italianos, outros brasileiros, espanhóis, e tinha que dançar de acordo com a música, eles tinham pouco dinheiro. Ao invés de contratar poucos empregados e fazer devagarinho, devagarinho, não. O engenheiro traz 200 operários, se a pessoa pagasse por semana para 200 operários sem ter renda nenhuma... Ai de 1890, eles conseguiram aguentar até 1904. Aí não deu mais. Isso entendeu requerer a falência, e pegar a massa falida e dar para um sobrinho deles para ir tocando devagarinho vendendo os terrenos... E aí 1905 apareceu um empresário de São Paulo querendo comprar

a massa falida. Comprou mais ou menos pelo que eles tinham comprado, eles saíram daqui sem nada e foi embora... Agora mudou a direção da empresa de água, diz que é um grupo de nome Minalba, é um grupo do Nordeste, e o outro grupo estrangeiros da Nestlé. Eu tento fazer uma carta para os novos proprietários para explicar que os Veigas são os verdadeiros fundadores de São Lourenço. Que eles merecem uma homenagem, construir pelo menos um monumento lá em homenagem a eles. Eles passaram muito aperto. Até que o dinheiro do terreno nem tanto, mas os 500 contos que eles tinham lá para capital de giro foi tudo água, desapareceram. E o negócio de vender bastante lote, foi vendendo devagar... Até tanto, que aonde tem esse hotel Brasil, ia fazer 100 anos. Acho que fez em Janeiro. Dessa quadra aonde é o hotel Brasil, quem comprou foi uma Baronesa, que morava em São Paulo. Baronesa Queiroz de Barros. Ela parece que era muito rica, comprou vários lotes da quadra da Praça Brasil e construiu uma mansão. Ela vinha de vez em quando ficar aqui, comprou móveis caríssimos, e frequentava. Constantemente vinha a São Lourenço. Mas veio uma enchente grande aqui em 1906, aí a água chegou quase no teto da mansão. Os móveis chiques que ela tinha, móveis caríssimos, ela perdeu tudo e ela ficou desgostosa e quis vender. Mas, não conseguia vender porque a obra era cara. Até que 1918, um imigrante sírio-libanês, Srº João Lage, família Lage, casou-se com uma viúva que morava em Campanha. Ele era dentista prático Srº João Lage, e era muito ativo. Comprou da Baronesa a mansão, e o primeiro ato dele, mandou um pintor pintar na parede "Hotel Brasil". E aí em agradecimento, com muito carinho, então para homenagear o Brasil ele deu o nome ao hotel de hotel Brasil. Isso em 1918, fez agora 100 anos.

Michela: E o parque Sr. Leonel, como o Sr. vê a transformação do Parque nesse período?

SL008: Olha, o parque na época dos Veiga, eles gastaram tanto dinheiro... que é aquelas Alamedas, já é do tempo dos fundadores. Em 1891 como aqui é a fazenda que queria trazer os católicos que queriam assistir a missa dominical, tinha que ir a cavalo ou a pé, até Ferraz ou Soledade, para assistir. E os irmãos Veigas, era a família tradicionalmente católica, então em 1891, tem um belo... logo no início do ano e resolveram subir aquela Colina ali, com dificuldade, aí mandaram desmatar o alto da colina, e convidaram o pároco de Carmo de Minas. Era na época, chamava Ferraz, convidaram o pároco de lá pra celebrar a 1ª missa campal lá em cima no Alto da Colina. E aí foi celebrada a 1ª missa campal no dia 10 de agosto de 1891. 10 de Agosto, a data do padroeiro São Lourenço. E eles resolveram dar o nome da cidade de São Lourenço, e da companhia também, água mineral São Lourenço, para homenagear ao pai deles, que havia falecido há uns dois anos antes. O Coronel Lourenço Xavier da Veiga, em homenagem ao pai, eles deram o nome da cidade de São Lourenço. Um ano depois da celebração da missa campal, eles resolveram construir uma capela lá em cima, aí deram início a capela, e depois disso ela já foi aumentada, e aí a imagem de São Lourenço foi doada por um sobrinho deles. Deputado provincial de nome Francisco Xavier da Veiga, falou que doaria a imagem de São Lourenço. É a imagem que está até hoje lá, é uma imagenzinha pequena. Aí começaram a construir em 1882 ou 93. 3 ou 4 anos depois estava pronta a capela. Ainda eles não tinham requerido falência. Então a capela lá em cima é obra dos Veigas.

Michela: E a cidade sempre esteve muito envolvida com uma religiosidade também?

SL008: Logo depois da construção da Ermida Bom Jesus do Monte, veio o Bispo de Campanha, Bispo Diocesano, veio aqui e assinou um decreto transformando em Paróquia. Antes de transformar em paróquia, os padres que vinham de Silvério Ferraz, no domingo, vinham celebrar aqui ou então de Soledade. Nunca ficava sem missa dominical aqui aos domingos. Mas surgiram outras religiões, tem aqui os teosofistas do bairro Carioca, Professor José Henrique (da Eubiose) veio do litoral para cá, e fundou a igreja teosofista. Também não há dúvida, trouxe bastante progresso para cá, porque vinham muitos, faziam reuniões aqui. O dono do hotel Negreiros era espírita, fundou aqui também a religião espírita, mas todos eles se dão bem. Quando o bispo arquidiocesano decretou a paróquia de São Lourenço, aí trouxe para cá Franciscano, a maioria dos Franciscanos vem dos 4 cantos, Santa Catarina, Rio

Grande do Sul, descendência alemã, descendência italiana. E os Franciscanos assumiram a paróquia aqui. E o frei Egidio, que era o 1º pároco Franciscano, organizou a planta, aliás, fizeram várias plantas juntos e nunca era aprovado. Ou lá em Campanha não aprovava, ou o povo daqui não aprovava, até que fez uma planta que foi aprovada. Aí começaram as obras da construção da Paróquia de São Lourenço. Mas como havia uma harmonia muito grande entre as religiões aqui, o nosso pároco, Frei Osmar Dicks, alemão, ele não era brasileiro, mas veio para cá como missionário, mas ele era alemão, ele era muito avançado, gostava muito de cultura. Ai começou a criar escolas, educação de adulto... ele falava muito bem português, a harmonia era tanta que tinha um cidadão aqui que era espírita, era presidente do Centro Espírita de São Lourenço, mas como ele era artista de teatro ele gostava de organizar teatro, o frei Osmar era assim com ele. Quando o Frei Osmar queria organizar um teatro aqui na igreja na Semana Santa para o povo, chamava o espírita para organizar o teatro. Eles eram assim carne e unha. As religiões sempre foram.

Michela: Se vê essa heterogeneidade, tem muitas variações, isso é muito bonito né?

SL008: Hoje a igreja evangélica, tem vários templos ai em vários bairros.

Michela: Tem os budistas também... o que o senhor mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL008: Além do meu robe, que eu sou rádio amador há muitos anos. E acho que no Brasil, eu sou o radioamador mais idoso que existe. Quando era mais moço, eu falava com toda a Europa, não só com o Brasil mas com os países da Europa, desde que falasse o português, a gente conversava. Aconteceu que um dia, eu estava no rádio da minha casa, e eu tinha uma antena muito boa, de quadro, que alcançava o mundo inteiro. E eu estou escutando lá, corujando... escutei um radioamador brasileiro que era Comandante de navio. Aí dei para conversar com ele. Ele estava falando com outro lá, se despediu dele, ai entrei e fomos conversando. Ele estava dizendo que estava passando em frente a Ilha da Madeira, lá em Portugal. Perguntei para onde ele estava indo, ele estava levando minério de ferro para Alemanha, para uma cidade chamada Bom, na Alemanha. Ele era comandante de navio de carga né? Aí no intervalo, entrou um outro falando em português e me pedindo que ele queria mandar uma mensagem para o comandante do navio, mas ele ouvia o comandante, mas o comandante não ouvia ele. Só ele que estava ouvindo, e ouvindo minha conversa com o comandante. Ele falou que morava pertinho de Bom. Ele queria que eu falasse com o comandante, porque geralmente navio que leva carga, leva dias para descarregar. Ele queria que eu falasse com o comandante para deixar o navio descarregando e pegasse o trem de Bom e fosse para a cidade dele, passar uns dias lá com ele. Perguntei se ele era brasileiro e morava na Alemanha, ele falou que era alemão. Ai perguntei, alemão que fala tão bem português, ah foi porque ele trabalhou sete anos em Curitiba. Então... ele estava mais perto do navio, do que eu...

Michela: O Senhor ainda mexe com radioamador?

SL008: Eu ainda tenho sim um radioamador ali em cima, mas a minha antena só dá pra falar aqui no Brasil, a que eu tinha antes, não. Dava para falar com o mundo inteiro. Eu só ingressei no rádio quando me aposentei, é até uma distração. Hoje faz encontro de vários lugares, eu durante o tempo que eu fui rádio amador, esposa era viva, eu ia em encontro de radioamador no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Todo ano tinha encontro para lá, eu pegava o carro e ia. Além desse robe, de radioamadorismo, eu gosto de internet, e gosto também de ir às escolas dar palestra sobre São Lourenço.

Michela: Ah isso é importante o senhor faz isso com frequência?

SL008: Fazia, mas depois que fiquei com dificuldade de caminhar é mais difícil, tem escola que tem degrau eu não posso subir com a cadeira.

Michela: O Sr pode fazer vídeo-conferencia, pode televisionar o Sr aqui e passar lá na escola, pode né? É bom estar perto das pessoas, mas não deixar de fazer por conta disso.

SL008: Ultimamente ainda tem algumas escolas... mas, eu gosto mais de falar para escola, ensino médio e aonde os alunos têm faixa etária de 14, 15 anos para cima. Uma vez eu fui numa escola que tinha crianças de 5, 6 anos. A gente falando de coisa séria e eles levando a

coisa na brincadeira fazendo bagunça... eu falei, nunca mais fui. Fui dar palestra no Tiro de Guerra, para os atiradores já com 18/19 anos. Eu dava a palestra, se uma mosca tivesse voando... escutava o barulho da mosca voando. Até então, eu prefiro dar palestra para pessoas com a faixa etária maior.

Michela: Para a pessoa aproveitar melhor, o Sr. faz bem. E na sua opinião, São Lourenço mudou muito? O que principalmente mudou em São Lourenço que o senhor destaca?

SL008: São Lourenço cresceu muito né? Quando foi fundada São Lourenço era distrito de Silvestre Gerais, atual Carmo de Minas, foi distrito por 33 anos. Depois passou a ser distrito de Pouso Alto, 4 anos 1923 à 1927, quando foi emancipado. Acho que São Lourenço cresceu mais nos quatro anos que pertenceu a Pouso Alto, do que naqueles 33 anos que pertenceu a Carmo de Minas. Porque a legislação dos dois municípios, a Lei Orgânica do Município, tinha alguns itens lá, que aqui em Carmo de Minas. Por exemplo, quando São Lourenço começou a crescer, começou a construir os hotéis, e casa de morada, havia muita construção aqui, e para a pessoa construir tinha que ir lá no Carmo de Minas requerer (o habite-se, a permissão para construção) né? E Pagava uma taxa cada... se fosse hotel então a taxa era muito maior, e tudo que dependesse de autorização tinha a taxa. E eles aplicavam o dinheiro arrecadado aqui? Aplicavam lá no Carmo, não aplicava aqui e aquilo foi atrasando... Quando foi por volta de 1921/22, os políticos daqui descobriram que a Lei Orgânica de Pouso Alto era muito mais favorável a São Lourenço do que Carmo de Minas. Tinha um artigo da lei orgânica de Pouso Alto que dizia que toda arrecadação feita nos distritos de Pouso Alto, São Lourenço e Capivari (que também era distrito), toda arrecadação feita nos distritos, será aplicada dentro dos distritos. Ai São Lourenço passou a crescer. Recebia os pedidos de construção de hotéis, pensões, casa particular, aí começaram a nomear varredor de rua aqui, capinador de rua. Fundaram a 1ª escola, foi a 1ª escola que eu frequentei, 1923 mais ou menos 24. Porque 23, Pouso Alto assumiu como distrito, e em 1924 fundaram aqui primeira escola pública. Tinha uma escola particular em que a professora dava aula, mas recebia mensalidade dos pais dos alunos. Mas escola pública mesmo, por conta do município, foi só essa primeira escola de São Lourenço que eu frequentei.

Michela: Como se chamava?

SL008: A escola... a professora Diretora Maria José Bueno de Miranda, ela tinha apelido de Dona Maninha, me lembro até hoje dos alunos, ela tinha acho que três ou quatro filhos estudando lá. O outro mais velho, não estava lá. Esses 3 filhos dela, esse Zezé formou-se em medicina e morreu em Sorocaba, o Duke ele chegou fazer até o científico, mas como a pensão deles vivia muito cheia, e o seu Miranda, o pai que dirigia sozinho. A mulher ia para dar aula... o marido chegou ,agora estou sozinho aqui na pensão, não dando conta, aí ela pediu demissão de professora. com a saída dela o Duke também saiu e foi ajudar no hotel. Ele era mais velho, foi ajudar na pensão. E o Alcir, dos 3 que era mais amigo meu... Eu tenho fotografia que foi tirada ao lado da pensão que foi do pai dele, porque eles tiveram pensão lá no parque. Pensão Miranda, eles começaram a vida com hotelaria, eles arrendaram lá. Sabe onde tem o pavilhão? Sabe onde tem a Casa Branca? Que até construíram um restaurante lá que já foi até inaugurado. Quando os irmãos Veigas fundaram a companhia de água, fizeram lá, eles que construíram a casa branca e o pavilhão, era escritório da companhia. Ai na missa campal celebrada no dia 10 de Agosto 1991 eles abriram o livro de impressões. Todo turista que estivesse hospedado em qualquer hotel de São Lourenço que quisesse deixar as impressões, o livro ficava lá nos escritórios da companhia, lá no pavilhão. Com a falência dos Veigas, em 1904 em 1905 esse industrial de São Paulo comprou a massa falida, Afonso França, ele comprou a massa falida por 10 ou 11 mil cruzeiros, mas logo de saída ele pegou uma briga com justiça. O estado quis tomar dele a empresa, a companhia de águas. Os Veigas compraram com escritura, tem até data da onde foi registrado em Cristina, cartório de registro de imóveis, está lá o registro. Mas, o estado queria tomar dizendo que o que está embaixo do solo pertence ao estado. Coitado desse Afonso França pegou o abacaxi. Já pensou brigar com estado? A capital da república era no Rio de Janeiro, e ele coitado, pagando advogado...

eu sei que na primeira instância ele perdeu, o estado ganhou. Na segunda, também perde. Mas ele continuou, chegou até a hipotecar a empresa de água para poder tocar o processo. Na 3ª instância ele ganhou por unanimidade, mas logo que ganhou essa batalha jurídica ele morreu. Eu sei que 1910 ele viveu, mas foi pouco tempo depois de ganhar a causa em 1912, morreu. Então, onde era escritório Casa Branca, o pavilhão o livro está lá numa das gavetas. Ai a viúva ela só tinha um filho, ela chegou num ponto de passar até necessidade, marido morreu, o único filho dela era um *bom vivant*. Ele só queria saber de artes plásticas, mas não ligava para empresa de águas. Ela, moça ainda, o que e ela fez? Ela usou os escritórios para transformar numa pensão, ela deu o nome de Pensão Antonieta, era o nome dela, e a pensão vivia cheia porque tinha uns hotéis aqui, mas, lá não. Estava dentro, encostado nas águas.

Michela: Mas não podia comercializar as águas, mas os turistas podiam usar?

SL008: Ah é, já estavam captadas as fontes, algumas, não todas. Ai a pensão dela vivia cheia porque era lá dentro do parque, dona Antonieta abriu a pensão, mas acho que ela nunca abriu a gaveta. Ai ela foi tocando, e foi aumentando o número de turistas e ela foi melhorando de situação. O filho não queria nada, mas ela dirigia a pensão. Daí uns tempos, com as economias que ela conseguia lá da pensão, ela comprou um terreno lá naquela rua Olavo Gomes Pinto. Começou construir uma pensão lá com o mesmo nome, Pensão Antonieta. Mas ai era dela mesmo a pensão. A companhia já estava hipotecada pelo marido, ela deu a pensão para a companhia, e ai a companhia arrendou novamente para sr Miranda, que é o marido dessa minha professora. Ai ele só fez apagar lá... Pensão Antonieta e colocar Pensão Miranda. Como ele também começou a ganhar dinheiro e a mulher como professora, ele lá sozinho falou com ela “ó! você vem me ajudar porque eu não estou aguentando”. Ela pediu demissão da escola, quando ela pediu demissão eu já estava no 3º ano, e passei com outra professora. Mas, esse que tinha minha idade, Alcir Miranda que em janeiro completaria 104 anos ele, nasceu lá, naquele pavilhão, é São Lourenciano legítimo mesmo. Ai o Sr Miranda também começou ganhar dinheiro, pensão cheia, ai comprou nessa rua aqui que vai até o calçadão, comprou quase toda quadra, uma meia quadra e construiu ai a Pensão Miranda. Logo depois ele aumentou passou a ser Hotel Miranda, inaugurou o Hotel Miranda em 1925.

Michela: Nessa época era época dos cassinos?

SL008: Já tinha os cassinos, o 1º cassino foi lá no Palace hotel, na Rua Olavo Gomes Pinto perto da Pensão Antonieta. O Hotel Palácio não devia ter sido demolido, devia ter sido tombado, hoje só existe fotografia, era de um português. Ele veio aqui para veranejar, era do Rio, tinha comercio lá e gostou daqui, e comprou lá, onde está Hotel Palácio. Está fora do perímetro urbano da planta que os irmãos Veigas compraram. A planta dos irmãos Veigas tem a cópia do 1º projeto urbanístico, limite da cidade era na Rua Antônio Junqueira de Souza, dali para fora o fazendeiro que vendia. O terreno eles não compravam da empresa, só compravam da empresa da Antônio Junqueira de Souza.

Michela: Sr Leonel se o senhor tivesse que escolher qual que é o lugar mais importante de São Lourenço para o senhor?

SL008: São Lourenço cresceu tanto que tem bairros aqui que eu não conheço, mas para mim não sei se o que eu passei minha infância... aquele ponto ali central, perto do mercado municipal, que meus pais quando vieram de São Paulo, ele arrecadou algum dinheiro em São Paulo, então comprou alguns terrenos ali na rua Santos Dumont e construiu a casa dele ali. A primeira casa que nós moramos, e construiu uma também para explorar como pensão. Mas ele não tinha jeito para explorar, então ele arrendava e vários arrendatários ocuparam aquela pensão. Então para mim o ponto de São Lourenço que me chama mais a atenção é aquele centrinho ali, do Mercado Municipal, tem o Esporte Clube, a Rua Santos Dumond, que é onde tive a minha infância. Ai eu me lembro que nas ruas o movimento comum que a gente ouvia era o canto de carro de boi, que levavam para os hotéis e pensões. Lenha, porque era a comida toda feita no fogão a lenha, ou levando tijolos e areia, para construção de casa. Tinha dois tipos de cantoria, durante o dia o carro de boi das ruas, e de noite o coxar dos sapos e das rãs nos brejos. Porque os irmão Veigas começaram a aterrar as ruas, porque

isso tudo aqui era brejo. Eu me lembro quando tinha só as ruas aterradas, aterraram as ruas e no meio ficou aquele brejo.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2() a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5(x) o turismo.
- 6() outro _____.

SL008: O ponto mais positivo? Por que o que dá a vida a cidade é o turismo, então eu considero o ponto mais positivo o turismo, e em 2º, a hospitalidade do povo. O povo são lourenciano é muito hospitaleiro. Os turistas vinham para São Lourenço e não saía daqui sem fazer amizade com alguém daqui. E se não houvesse o turismo, São Lourenço não tinha passado de Carmo de Minas de Soledade, cresceu tanto por causa do turismo. Hoje em dia tem tanta gente que se aposenta no Rio, com aquela violência, não quer continuar morando lá e vem para cá.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

SL008: Não digo que é a melhor cidade. Porque todo ano que eu vou a Serra Negra eu fico observando, Serra Negra é mais movimentada e maior do que São Lourenço, pouca coisa mas é. Todas as ruas tem estacionamento, o estacionamento é meio recuado da rua, os proprietários de veículos não pagam um centavo para estacionar. Aqui tem esses flanelinhas por todo canto em qualquer rua que vai, mal desliga a chave o flanelinha está encostando para cobrar o estacionamento, eu acho um absurdo. Então não vou dizer que é a melhor não, a melhor é Serra Negra. O que a prefeitura arrecada de IPTU? Só o dinheiro do IPTU daria para manter a cidade limpa e sem essas cobranças. Então não é das melhores, mas é uma cidade boa. Eu não sei se é porque eu fui criado aqui desde pequeno. Eu vejo defeito na administração pública, eu vejo muita gente colocar na internet os problemas que surgem.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL008: Tem, tem sim, eu não sei porque antigamente a cidade era menor a gente convivia mais com os moradores. Era muito comum aqui onde eu morava, na rua Santos Dumond quando era criança, nas tardes, no por do sol, os vizinhos colocarem cadeiras no passeio, para um vizinho conversar com o outro, era comum, em todas as ruas. Os moradores era como sendo da mesma família. Mas depois, apareceu o rádio, o rádio que só tinha condições de comprar um aparelho de rádio quem tinha dinheiro. Com as notícias de fora, pelo rádio, rádio Rio, São Paulo, então era comum, a gente ali, as famílias conversando e o rádio dentro de casa ligado. Gente debruçava na janela do vizinho para escutar notícias. Ou então, enquanto os pais estavam ali conversando, mães conversando uma com a outra, os meninos estavam jogando pelada. Como não tinha bola de câmara de ar, a gente faz umas bolas de meia transparente, e os meninos ficavam jogando e as meninas ficavam brincando de boneca. Mas depois do rádio, veio a televisão e agora veio o celular, e o relacionamento não é mais o mesmo. Mas, as pessoas do lugar, as famílias, os descendentes a gente se relaciona bem. Agora com a vinda dos aposentados do Rio de Janeiro e São Paulo, a gente vê muitas pessoas pelas ruas que não conhecemos, mas é o crescimento da cidade, é o progresso.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.

3() uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.

4(x) uma boa cidade para turismo.

5() uma das melhores cidades para turismo.

SL008: É uma boa cidade para o turista porque a gente nota... porque tem o turismo aqui de fim de semana, tem o turismo do mês de julho, que é as férias escolares. Então a cidade no mês de julho... fora o mês julho, tem os feriados, a pessoa as vezes pega o feriado na sexta-feira ou na segunda, vem aproveita para ficar aqui 3/4 dias. E o que a gente nota é que a maioria do turista, principalmente do Rio de Janeiro, na época do carnaval ele vem para cá. Senta aqui no calçadão, as lanchonetes, os restaurantes, já contrata os músicos para tocar e cantar músicas do carnaval carioca. Então é muito comum no carnaval, no pré-carnaval, pós-carnaval, nos fim de semana, os turistas não deixar de vir de jeito nenhum. Prefere passar o carnaval aqui do que no Rio, porque no Rio tem tanta violência, aqui não. Fica noite inteira aí. Para o turista é uma boa cidade.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL008: É tranquilo, eu como vou muito ao parque das águas toda manhã, eu noto muito convívio, às vezes eu converso com pessoas estranhas lá. Tem um casal lá do Estado de São Paulo, interior de São Paulo, que todo ano eles vem aqui, às vezes nós nos encontramos e aí a gente começa a conversar, falo um pouco da história de São Lourenço.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

1() O Caminho do artesanato.

2() A montanha sagrada.

3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.

4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).

5(x) O calçadão.

6(x) O Parque das Águas.

7() A Escola Estadual Melo Viana.

8() Outro _____.

SL008: Eu acho que o calçadão e Parque das Águas. Aqui a gente chega na varanda e enxerga o calçadão em baixo, é muito comum quando eu saio cedo e vou para o parque, eu passo pelo calçadão, e normalmente, principalmente o final de semana, eu encontro com pessoas daqui, amigos, médicos, que eu fui provedor do hospital aqui até 1984, fui 4 anos provedor, então tenho muita amizade com os médicos, então é muito comum encontrar os médicos. Eles saem lá do bairro da Federal, moram quase todos para lá para ficar perto do hospital, aí fim de semana, sábado, domingo, encontro com eles aqui, vem almoçar aqui nos restaurantes. Então o calçadão é muito procurado pelos moradores. E o Parque das Águas, e a ilha Antônio Dutra para quem gosta de carnaval. No carnaval se reúnem lá os blocos, mas não é a preferência global. A preferência maior é o Calçadão e o Parque das Águas.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores:

E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.

2() conhecem pouco mas não valorizam.

3() querem conhecer mais e valorizam.

4(x) muitos conhecem e valorizam.

5() todos conhecem e valorizam.

1() não conhecem e não valorizam.

2() conhecem pouco mas não valorizam.

3() querem conhecer mais e valorizam.

4() muitos conhecem e valorizam.

5() todos conhecem e valorizam.

SL008: Na internet tem muitos moradores daqui, eu vejo as pessoas colocam: eu amo São Lourenço. Pessoas que também já moraram aqui, agora estão em Brasília, no Rio, em São Paulo também comenta, eu adoro São Lourenço. Então é muito comum essa... muitos conhecem... agora acredito que a maioria talvez não se preocupe, por exemplo eu escrevi um livro sobre São Lourenço: São Lourenço sua origem, sua história, eu conto os fatos mais importantes, desde a descoberta das fontes, os fatos mais importantes eu falo naquele livro, a maioria dos moradores não se preocupam, para não gastar, não compram. As pessoas mais simples não sabem como nasceu São Lourenço, mas agora o mês passado, houve o primeiro

encontro de escritores de São Lourenço, na câmara municipal. Eu até fui homenageado, eu não sei se por ser o mais idoso, achei mais novo e eu não sou escritor formado eu comecei a escrever aos 80 anos de idade e comecei por circunstâncias alheias a minha vontade.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4(x) mudaria a localização.
- 5() outro _____.

SL008: Eu mudaria a localização, a última grande enchente que nós tivemos aqui foi em 2000, estamos há 18 anos sem enchente, graças a Deus! Todo ano tinha enchente em São Lourenço, mas uma das maiores foi aquela primeira que obrigou a Baronesa Queiroz Barros, vender em 1916, e a última em 2000. Mas nós tivemos antes de 2000, todo ano tinha enchente, mas a enchente vinha, todas as casas aqui da baixada pegavam água. Eu quando construí minha casa na Santos Dumont, eu já tomei por base a última enchente e fiz uma mais alta uns 3 ou 4 degraus de escada para entrar dentro de casa, já prevendo enchente. Mas a de 2000 entrou quase a metade da sala. A enchente de 2000 foi uma calamidade! Repara essas lojas que tem aqui na Pedro II, Calçada ao lado do Hotel Metrôpole, aqui mesmo na Coronel Ferraz, lojas muito bem montadas, muito ornamentadas. Em 2000 já estava mais ou menos como está hoje, e não deu tempo... a água subia que dava para a gente ver água subindo. Quando avisaram de Passa Quatro que vinha uma tromba d'água, de lá para cá não deu tempo. Tem dono de supermercado aqui que faliu, que perdeu tudo. Lojas aqui no centro, o que estava na parte alta das prateleiras ainda salvou, o que estava na parte baixa não conseguiu salvar nada. Eu mudaria a localização de São Lourenço seguindo um engenheiro que era do governado lá de Niterói, mas esse eng. esteve aqui veraneando. Em fevereiro de 1926/27, então consultaram ele sobre as enchentes na cidade. Ele disse que se ele fosse o prefeito aqui, acho que já tinha o primeiro prefeito nomeado, se ele fosse Prefeito daqui ele mudaria o traçado da cidade, toda essa parte baixa atingida pelas enchentes ele faria um grande lago. Fazia uma Avenida beira-rio pegando mais cima perto do terminal rodoviário até chegar no Jardim Marajoara, uma avenida do lado esquerdo e outra avenida do lado direito, então ele faria essas avenidas que seriam as avenidas principais de São Lourenço. Faria na altura da ponte, porque os engenheiros que projetaram, eles não erraram não. Até hoje nenhuma enchente passou por cima da ponte. E levantaria também o Parque das Águas... Então no ano que nomearam ele prefeito aqui, já não dava mais.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3() existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

SL008: Sobre isso dá pra colocar culpa na administração, os primeiros prefeitos nomeados começaram a organizar aqui a Casa da Cultura e começaram a colecionar fotos antigas dos primeiros hotéis, as primeiras casas que nem existem mais, foi demolido. Então mandar fazer fotos, tamanho A4, fotos para colocar em moldura. Então na administração do Prefeito Mazinho, a secretária dele de cultura que agora ela está em Itajubá, tá numa casa de idosos, a dona Edna, ela é maestrina fez escola de música no Rio de Janeiro né? E ela era secretária educação ela organizou aquela chácara lá na Dona Miguela, ela organizou a casa da cultura lá tão bem, e lá não tem perigo de enchente não, ela organizou lá a casa da cultura, aproveitando as salas. Fizeram uma reforma na antiga casa, a casa da Dona Miguela já era uma casa histórica, uma das primeiras casas construídas de São Lourenço. Foi a primeira casa da cultura. Depois começaram vir outros prefeitos, um conhecido como Nega Véia, que foi prefeito aqui, acabou, ele quis construir um teatro lá no São Lourenço Velho, e pôs o teatro

no nome da casa cultura e o acervo da Casa da Cultura ficou tudo jogado pelo chão... lá descoberto tomando chuva. Acabou com a casa da cultura. Ai entrou Tenorinho, também foi levando sem adiantar. O Zé Neto reorganizou a Casa da Cultura lá onde é antes, um pouquinho da Pneu Sur, uma sala grande, ele alugou pela prefeitura pagar o aluguel e reorganizou, aproveitou os quadros que pode aproveitar, o que não pode foi renovando. Ai entrou Antenorinho novamente, Zé Neto levou lá para São Lourenço onde era o hotel, para resumir, não tem Casa da Cultura. Quando o Nega Véia acabou com quase tudo... eu tenho imóvel lá na estação, agora está alugado para uma escola, fica de frente para Praça da Estação. No início quando eu comprei uma parte funcionava com uma parte na sala, sala grande ela funcionava escola, mas a sala principal... Por que a casa foi construída, as duas casas por um dos homens mais ricos de São Lourenço. Ele era fabricante de queijo, manteiga, doces, leite e tinha representante em toda parte, nas grandes capitais São Paulo, Rio, ele tinha depósito. Ele era o homem mais rico, então ele para construir as casas uma na frente para ele, a outra atrás, para o filho que tinha casado de novo. Ele fez a melhor construção, não sei se a primeira planta da casa da frente, onde ele morava, o projeto foi assinado pelo Niemeyer. Então uma obra muito bem construída, então eu separei aquela sala principal, térrea, de frente para praça, e comecei a tirar dinheiro do bolso, e ampliava fotos antigas, o vidraceiro me fez um preço especial, cada moldura ele me cobrava R\$ 7,00. Quando já estava com as fotos mais antigas de São Lourenço em quadros com moldura, eu mandei fazer umas telas de madeira para fixar os quadros aquelas com pé no chão. Eu sei que eu gastei uma nota do meu bolso para montar a sala, como tinham acabado, os prefeitos tinham acabado com as casas da Cultura. Nessa época o Tenorinho tinha voltado a ser eleito prefeito São Lourenço. Ai o que eu fazia? Atendia turista, turista que saía da estação para pegar o trem para ir para ir até Soledade de trem, ou eles iam mais cedo, ou depois do trem eles passavam lá para ver, aí eu explicar cada foto. Mas, eu já idoso, eu gosto depois do almoço de descansar um pouquinho, fazer uma cesta, aí o que eu fiz? Para não ir lá todo dia, principalmente na parte da tarde, eu fiz um ofício para o perfeito Tenório Cavalcante, para ele me dar um ajuda. Eu não queria dinheiro não, queria que mandasse um funcionário pra lá, e eu explicar toda história em cada quadro daquele, para ele falar para o turista, para eu poder ficar mais em casa, porque eu já estava dor na coluna, dor na perna andando de bengala. Ai respondeu que não podia disponibilizar um funcionário para trabalhar comigo, falei o quê? Fechei... Ai uma escritora, historiadora também, Terezinha Silveira Vilela, quis fazer o Museu na casa dela, ela morava em cima e tinha o porão embaixo. Área grande embaixo e ai quis fazer o museu lá, e me pediu os quadros, dei tudo, os painéis de madeira, que gastei, para fazer aqueles painéis, todos os quadros que só a moldura ficou em R\$ 7 cada um, fora a impressão na casa de foto. Ai eu falei, Terezinha não adianta, não vai dar resultado não, ele não vai dar não, “não ele me prometeu” falei então leva, desde então... Ai ela montou tudo lá, teve o mesmo trabalho, só não gastou, porque estava tudo pronto. Ai acabou se desentendendo com Tenório Cavalcante ai não sei o que ela fez desse material.

Local da realização da entrevista: Sede da CEBB

Data: 10 de setembro

Horário de início: 10:25 **Horário de término:** 11:50hs

DADOS PESSOAIS

Gênero: Feminino

Local e data de nascimento: Porto Alegre 01/12/1969 Idade: 48 anos

Endereço Residencial: Maria Palmério, 204 - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 8 anos

Cidade de nascimento dos pais: Garibaldi / --do Meio

Qual seu estado civil? Separada

Tem filhos? Quantos? 2filhos

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Budismo tibetano

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Sim. CEBB

Qual seu grau de instrução? Ensino Superior Completo

Qual a sua profissão/ocupação? Instrutora de Yoga

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Fale um pouquinho da sua tradição. Desta tradição que você representa aqui em São Lourenço.

SL009: Eu quando cheguei aqui em São Lourenço, eu estava vindo do Ceará, eu não conhecia muito do Budismo... minha formação é no Yoga, na Ayurveda. Quando cheguei em São Lourenço, aí eu fui procurando, eu fui atrás da Eubiose, eu também estava procurando algum lugar onde eu fosse acolhida dentro de uma filosofia que fosse um pouco mais lúcida, digamos assim. Aí não senti que a Eubiose seria o caso, daí o que aconteceu, vim para cá pensando que ia surgir alguma coisa e nada aconteceu. Daí conheci budismo tibetano, que tem lá em Lambari, que é ligado ao "Vajrayana", que é o budismo com sinais... que não é o nosso caso aqui, a gente tem, mas é uma "rayana" diferente. Então eu fui lá, sabe quando bate aquela coisa? Não dava liga... Daí eu fiquei sabendo que tava acontecendo um grupo na casa de uma pessoa, um grupo do budismo Tibetano, ligado ao Lama Santem de Porto Alegre. Daí comecei a pesquisar, achei interessante. Fui na primeira reunião, que era na época na casa da Inês. Daí conheceram três, quatro pessoas que iam, e aí começou o movimento, daí quando eu entrei lá, e conectei com aquela sabedoria, com o budismo em si, dentro de uma visão mais ampla, porque o uma "Rayana" Tibetana não é nem "Vajrayana", nem "Theravada", nem o "Zen" Japonês, é uma outra coisa. Ele trabalha em cima das quatro nobres verdades, do caminho que foi o Buda que começou. Ele trabalha em cima de um aspecto de mais fácil entendimento, eu acho assim que o budismo é uma filosofia que foi se expandindo, ele saiu do norte da Índia, foi parar no Tibet, foi parar na China, foi parar no Zen, lá no Japão, foi pra Tailândia, foi para vários lugares. E cada ele foi se adaptando com aquela cultura, no caso do budismo tibetano ele pegou um pouco do bom, que era a religião que tinha no Tibet naquela época que era meio xamânica, meio macumbeira, misturou e aí surgiu o "Vajrayana" e depois do "Vajrayana" surgiu uma "Rayana", que é um budismo que trabalha um aspecto da mente também, da sabedoria. Então você estuda os ensinamentos, você dedica, mas você pratica também. Não existe o chegar em algum lugar se você não sentar o bumbum e meditar. Sem meditar você não chega a lugar algum, então tem que passar por esse ponto, que é o ponto da meditação, pode ser meditação caminhando, pode ser olhando para parede, mas tem que passar, porque é a coisa de você começar a conhecer o aspecto interno da sua mente. Porque hoje, dentro da ciência hoje, eu estava até ouvindo uma palestra do Alan Wallace ontem e ele estava falando sobre isso exatamente, tudo tem que ser provado, por que nunca olharam para

dentro da mente? Ah, porque não se pode mensurar a consciência, aqui começa e aqui termina a consciência, então quando não tem como mensurar então eu não vou olhar? Claro que tem que olhar, e como que eu olho para dentro? Só tem um caminho: parando e olhando para dentro.

Michela: Então, Éden o diferencial da tradição de vocês traz de forma mais prática as questões budistas e da meditação para a vida cotidiana?

SL009: Não só da meditação, mas do próprio ensinamento budista, o que o Buda quis dizer quando ele falou das quatro nobres verdades? Que todos os seres estão em sofrimento, o que ele quis dizer exatamente com isso? Quando você começa a entender, verdadeiramente, aquelas palavras, o que ele quis dizer com aquilo lá, e começa a praticar ao mesmo tempo a meditação, você começa a abrir novas possibilidades. Isso é física quântica. O nosso Lama, o Lama Santem, ele foi ordenado Lama por Chagdud Tulku Rinpoche (que é aquele de barbinha ali, certo?). O Chagdud Tulku Rinpoche ele veio para o Brasil com o budismo Tibetano “Vajrayana”. E quando o Lama Santem, que vinha do caminho “Zen” Japonês, e encontrou o Chagdud Tulku Rinpoche, nossa, aí tem alguma coisa! E ele começou a estudar e praticar com o Chagdud Tulku Rinpoche, que ele acessou essa liberação na meditação, daí ele começou um caminho dentro. Só que o Chagdud Tulku Rinpoche autorizou ele a seguir um caminho na “Rayana” e não “Vajrayana” que é o caminho da sabedoria porque ele é um professor de física quântica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E daí o que ele fez? E aí ele trouxe todos os exemplos da física quântica, ele estava em treinamento lá nas pesquisas, e começou a observar o ensinamento do budismo junto com aquele negócio da física quântica, e aí o que ele fez? Ele criou um método de ensino que nos mostra a realidade, muito mais ampla do que essa que a gente tem.

Michela: Então a fundação dessa tradição se deu aqui no Brasil há quanto tempo?

SL009: O caminho do CEBB, que é o Centro de Estudos Budistas Bodisatva, ligado ao Lama Santem, tem 20 anos mais ou menos que começou...

Michela: E a tradição aqui em São Lourenço como que começou? Quando que começou?

SL009: Na verdade, começou na casa da Inês, que era uma tutora do Lama. Ela é paulista, conheceu o Lama Santem há uns 20 anos, quando começou, logo no início ela conheceu o Lama e começou a seguir... O Lama desenvolveu um caminho de vinte e um passos para você chegar na iluminação, que é o caminho do Buda, só que ele foi botando algumas coisinhas assim, alguns aspectos cognitivos importantes que a gente não levava em consideração, como por exemplo: o monge “Theravada”, do budismo “Theravada”, ele entra na meditação, ele vai estudar só em (?), as palavras que o Buda disse. E nós não. Nós ampliamos isso. Porque hoje em dia existe uma mistura, o budismo se misturou com cientistas, o Lama Alan Wallace ele tá em Harvard, em Stanford, fazendo pesquisa sobre meditação, sobre o aspecto da meditação com a cognição e várias coisas. Então, assim, começou lá. Aí a Inês começou a viajar. Porque onde ela vai ela abre um CEBB e começa um grupo. Então ela foi para São Paulo, Belo Horizonte, e aí ela resolveu vir para cá, numa das caminhadas da vida dela, ela resolveu vir parar aqui, começou um grupo, há uns quatro anos mais ou menos. Daí tem três anos que a gente se mudou para esta sala, e tem dois anos que ela foi embora, nos abandonou. Ela foi se embora, foi para Florianópolis, foi para Alto Paraíso, e agora talvez vá para Portugal, ela fica fazendo isso, ela vai abrindo CEBBs – ela é esse tipo de pessoa! E então a gente ficou aqui para sustentar, a gente vai tentar manter o grupo, nós temos um grupo de mais ou menos vinte e cinco pessoas que frequentam, que é a sanga, que vem para os estudos, que vem para as meditações ao longo da semana, durante os três, quatro dias de práticas que nós temos, que ajudam financeiramente a manter essa sala, tudo isso. São umas vinte e cinco pessoas na média que se mantêm firmes desde o início, desde que a Inês estava aqui e a gente se mudou pra essa sala.

Michela: E isso há 5 cinco anos? E você também está aqui desde esse período?

SL009: Quando a Inês foi embora, a gente ficou entre as pessoas para manter o CEBB como coordenadores, no caso. Daí hoje tenho eu, o Ricardo e a Leila. A Leila fica por conta da parte

administrativa e financeira, ela que junta os dinheiros e paga as contas, e eu fico com a parte do guru, porque tem essa parte dos ensinamentos, porque eu peguei bem, tenho uma prática, e eu sou uma pessoa, assim, que, quando eu entro num caminho, eu me coloco. Eu já tinha a meditação, já tinha yoga, já tinha todas essas coisas que já vai te dando mais acesso, uma abertura mental maior. Então assim por isso fiquei mais encarregada mais nesse aspecto, toda a parte dos estudos sou que estou presente para fazer.

Michela: Você antes conhecia São Lourenço?

SL009: Eu morava no Ceará, em Jericoacoara, um lugar maravilhoso, uma praia maravilhosa só que meus filhos chegaram numa faixa etária que tinham que sair de lá para estudos, e eu não queria vir para São Lourenço. São Lourenço não fazia parte do meu rol de cidades que eu gostaria de vir, vim parar aqui de paraquedas mesmo. Eu acredito que São Lourenço é uma cidade que atrai alguns para você fazer uma purificação de karma, assim, de vidas anteriores, de alguma coisa. Aconteceu de tudo aqui comigo, dificuldades, mas muitas coisas maravilhosas. Dificuldades que levaram a coisas boas, não coisas ruins. É uma cidade muito aberta mesmo, tem essa história da Eubiose, que é a cidade da consciência né? Eu vim parar aqui de paraquedas, a gente decidiu que vinha para Minas, eu queria a Serra da Mantiqueira, procuramos a Escola Waldorf, fui parar em Juiz de Fora, não gostei, não tinha vaga para o meu mais velho. Daí fui em Nova Friburgo, não tinha vaga para o mais novo. E assim parece que nenhum lugar era aquele. Daí fui descendo, a gente foi rolando que nem pedra nas montanhas e viemos parar em São Lourenço, aí um dia viemos parar aqui. Ah vamos passar um dia aqui mesmo, ah, mas São Lourenço é “long Planet”, falar de São Lourenço é uma “coisa horrorosa, a cidade mais horrível que tem! Ah, não quero nem ir!”. Mas a gente tinha dormido aqui perto, numa pousada numa estrada, aí a senhora falou “ah, mas o que vocês querem fazer?”. Meu marido é italiano, chefe de cozinha, queria montar um restaurante... Ah, vamos para São Lourenço! Aí chegamos em São Lourenço, os meninos gostaram, a gente gostou... Ah, parece bonito, a região é legal e aí decidimos...

Michela: E o seu marido montou um restaurante aqui?

SL009: Montamos um restaurante que durou seis anos. A gente ficou um ano reformando o lugar, depois a gente ficou seis anos aberto. E no ano passado nós fechamos porque estava muito ruim a situação econômica, era um restaurante que o público de São Lourenço não estava preparado, uma comida bem típica italiana, e a gente usava só coisas boas, importadas. Tinha movimento, mas não se mantinha. Porque você tem que trabalhar todo dia, tem que acender luz todo dia, pagar funcionário todo dia, e tinha dias que tinha muito movimento, final de semana, mas a maioria durante a semana era muito parada e o gasto é sempre alto. Então no equilíbrio gente resolveu que não valia a pena. Aí ele fechou, ele foi para Europa, ele tá lá trabalhando porque lá ele ganha três vezes mais do que estava ganhando aqui, e não tem o menor estresse porque não é dele não tem que cuidar.

Michela: Me fale um pouquinho do perfil dos integrantes. Eles são de São Lourenço? São pessoas que vêm buscar essa espiritualidade?

SL009: Dentro do grupo, engraçado isso né, mas de São Lourenço mesmo não tem muitas pessoas. É interessante! Tem o Leandro, que é de São Lourenço, que eu lembro é só ele. Porque a maioria do pessoal é de fora.

Michela: Mas que vieram a São Lourenço a busca de uma espiritualidade?

SL009: Também, mas que vieram morar... tem as três irmãs que se aposentaram e resolveram vir pra cá pela questão espiritual, porque São Lourenço tem essa fama né?

Michela: E como você vê essa fama?

SL009: Olha, eu vou te dizer bem sinceramente. Tem uma energia muito forte São Lourenço, mas eu acho que é uma energia de purificação mesmo, sabe, de karma, eu não sei. O que eu sinto aqui é que todo mundo que vem de fora passa por processos muito fortes. Se você vem de fora, e você chegar na cidade, se você depender financeiramente de sobreviver na cidade, você passa por um processo, e todo mundo. E as minhas alunas de yoga também, a maioria é de fora da cidade, não são daqui. E todas falam a mesma coisa: “nossa São Lourenço, você

chegou, vai passar por um processo!”. Tem um processo de aceitação da própria comunidade, eles são muito fechados, não tem amigos. Amigos aqui da cidade, nativos, assim que frequentam a minha casa, eu não tenho, porque eu sou gaúcha né? Nós temos aquela tradição do chimarrão, chega gente na sua casa o tempo todo, conversa, churrasco e tudo o mais. Cheguei aqui e me espantei um pouco. Eu achava até que o mineiro era mais ativo, e quando descobri o mineiro é um baiano cansado eu fiquei chocada. Como assim baiano cansado? É muito devagar, e realmente tem uma lentidão. Eles vivem ainda uma mentalidade que é a do brasileiro, de pobre, e que você tem que sofrer mesmo, ninguém é teu amigo de verdade. Eles nunca vão te dizer “não”, eles vão dizer assim: “hamham!”, “pode ser sim!” “pode ser!”. Mas não vão te dar o endereço e nunca vão te receber na casa deles, é raro o dia que você recebe um convite para ir na casa de uma pessoa daqui da cidade. Eles são muito fechados.

Michela: E a divulgação, então da filosofia, dos centros de estudos budistas na cidade?

SL009: Tem um aspecto. Se você vai olhar as Igrejas Evangélicas está todo mundo ali na porta com panfleto. Nós não temos esse trabalho. O nosso trabalho é: a gente tem as pessoas que frequentam o CEBB que conversam com outras pessoas, e que um surge: “ah, eu quero ir um dia lá meditar com vocês!”. E aí vai chegando assim. Por quê? Porque é um caminho que não é para todo mundo, é um caminho de lucidez, você olhar para dentro, começar a olhar teus próprios monstrinhos e começar a derrubar eles, não é todo mundo que queira, está entendendo? A maioria das pessoas querem aquela vida fácil, “Jesus vai ajudar, o mundo vai ajudar, Deus vai ajudar”, mas você não olha e não faz a tua parte. Qual a parte que eu tenho que fazer dentro desse rol? Porque todo mundo tem que fazer a sua parte no Universo. E qual é a nossa parte? A nossa parte é olhar para dentro da gente e ver como é que a gente pode melhorar nossos processos mentais e trazer mais benefícios às pessoas. Nós temos aqui: o nosso foco é a motivação correta. Qual é a motivação correta? Iluminar-se para trazer benefícios para as outras pessoas. Não é iluminar-se por iluminar. “Ah, sou Buda, sou realizado! Agora vem e se ajoelhe aos meus pés!”. Se iluminar, ver a lucidez, ver o mundo, ver que as pessoas estão presas em apegos, em pequenas coisinhas que não valem a pena. Você vê isso, você olhar isso, mas você querer trazer benefício para aquela pessoa, para que ela saia da ignorância, mas você não vai interferir no método dela, na forma de ela ver, você vai trazer um pouco de sabedoria. Você acha que você está sofrendo assim porque você está apegado, “não, mas isso era meu!” Mas você não está vendo que isso é apego? E o apego não é uma coisa legal isso vai te trazer sofrimento. Você vai trazendo a pessoa para uma lucidez, esse é o caminho. As pessoas não estão muito interessadas em lucidez, as pessoas estão mais interessadas em selfies. Nós somos um microcosmo de uma realidade mundial. Essa é a verdade. É um microcosmo desse mundo todo que a gente tá vivendo. Mas, assim, tem essas dificuldades por ser uma cidade pequena. Mas agora estou vendo uma nova abertura, tem muita gente de fora vindo, tem muitas novas formas de pensar chegando, tem muitos movimentos chegando, tem um pessoal que chegou agora com esse Movimento DeDico.

Michela: Eu faço parte dele.

SL009: Eu acho lindo! Eu tô louca pra ir lá, mas o horário que vocês estão fazendo é o horário que eu estou trabalhando também, que eu tô aqui.

Michela: A gente dá um jeito...

SL009: Aí eu falei assim. Gente, tem tanta coisa boa acontecendo, eu estou nos grupos, falando com todo mundo que tá participando do movimento assim... Gente, que legal! Então tá rolando, estão chegando coisas e quem sabe isso não amplia? Porque, assim, eu vejo essa região, como uma região de paz e prosperidade. Primeiro, nós estamos de uma certa maneira distantes daquela loucura das cidades maiores, perto daquele tumulto, a gente tá distante disso, a gente tá num lugar superprotegido com água, com tudo que precisa, a natureza. Aqui tudo que você planta, qualquer coisa, dá, tudo! É um lugar mágico mesmo, eu acho que daqui brotará uma nova visão de Brasil, uma nova visão de mundo, quem sabe a gente não

consegue né? Então tem que unir as pessoas mesmo, esse trabalho que você tá fazendo é muito legal! O que eu acho que está faltando (a gente cai muito no materialismo espiritual né?) as pessoas querem ser reconhecidas, e aí perde a essência. Aí eu fiquei parada aqui dentro, a gente não está fazendo tanta divulgação do CEBB, nem nada disso, porque a gente precisa firmar essa semente, essa semente do “darma”, da compaixão, do amor, de olhar para outro dentro da realidade dele, não querer mudar a realidade dele impondo força, você tem que fazer ele crescer... desenvolver uma semente de compaixão, de amor, de equanimidade. E isso são sementes que tem que regar e leva anos, leva muito tempo, não adianta você querer no supetão, eu não sou a salvação lá da Igreja Sara a Nossa Terra, que vai sarar todo mundo, vai tirar todos os demônios do mundo, tá entendendo? E eu não quero ser uma pastora rica! É uma outra filosofia. Então a gente está aqui pequenininho, com aquelas pessoas que são ações pontuais. Agora está vindo o Rodrigo que vai fazer um curso muito interessante “Coach Bench Emotional Ballance” que é o trabalho do Alan Wallace que vai vir pra cá, vai fazer pra algumas pessoas. A nossa sala é pequenininha, então a gente vai fazer o que a gente pode, nossos pequenos movimentos. Eu sempre que posso vou nos retiros e me conecto com essa verdade, né porque a gente fica muito longe, a tutora não está mais. No primeiro ano eu fiquei meio perdida. Mas, quando você se conecta com a energia correta, a visão vem, acabou que surgiu essa coisa, assim, mais ampla né? Então estou superfeliz, estou vindo de um retiro com o Lama também que eu tive semana passada que foi super maravilhoso, se reabastece, fiz contatos com pessoas, vou trazer coisas para cá. Não me senti mais que estou abandonada, que estou sozinha. “Oi, estou aqui no Sul de Minas, você se lembra de mim?”. Agora vão comprar uma terra, o pessoal da “sanga” do Rio, que é uma “sanga” grande com mais de trezentas pessoas, e vão comprar uma terra em Juiz de Fora, de duzentos hectares, e vão fazer a primeira aldeia CEBB do Sudeste, então nós vamos ter uma aldeia CEBB no Sudeste, vamos ter um lugar para ir, para meditar, para ver a coisa brotar, lá vai ter escola, vai ter tudo!

Michela: Que lindo! Eu acho que é um caminho muito legal. Bom, eu tô mudando aqui completamente, a gente abre um parêntesis aqui, depois você me ajuda aí. Dentro da sua história, dentro da sua visão, eu acho que isso pra mim é rico, trazer visões diferentes de São Lourenço. Daquilo que você conhece e conheceu, como você contaria, que conhecimento você tem a respeito da formação? Qual a história de São Lourenço? Como você vê a história de São Lourenço? Como você vê a cidade?

SL009: Eu não tenho muita noção da história da cidade em si, tenho algumas informações, em aspecto amplo eu vejo na cidade que, ao mesmo tempo que cresceu, perdeu um pouco de uma... (teve um glamour né? Nos anos 50, 60). Porque eu trabalhei no restaurante, eu recebia aqueles casais que vem a São Lourenço há oitenta anos, casaram aqui, se conheceram aqui, fizeram a festa de casamento aqui. E eles contam dos bailes, das coisas que tinham. Eu acho que São Lourenço teve uma fase assim de grande produção, de grande movimento e depois deu uma parada. Agora estão tentando resgatar. Eu só acho assim que o foco tem que mudar um pouco, estão focando muito com esse turismo de classe C e D, então trocar o foco para um turismo classe... não estou dizendo classe somente pela grana, mas pela qualidade intelectual. Eu sou gaúcha, no Sul, no Rio Grande do Sul, nós temos a “rota do vinho”, a “rota da uva”, a “rota do champanhe”, em que você vai, você visita as vinícolas, tem o passeio... aqui nós temos tantas coisas para se fazer, mas as pessoas não se comunicam. Tem uma rede, está se construindo, mas é muito frágil. Uma ideia, por exemplo, que eu achava superinteressante, tem as charretes né? Para quê charrete na cidade? Tem uma roça maravilhosa, tem o tiozinho lá que faz queijinho, a outra tiazinha que mói o café na hora, porque a gente não faz um passeio de charrete na roça? Uma coisa gostosa que para aqui conversa com um, para ali conversa com outro, andar a cavalo, faz não sei o quê... Ou por que não faz uma rota do café como a Unique está fazendo, mas é só a Unique que está ganhado dinheiro, porque só a Unique que viu, as outras não viram. Tem

tantas coisas que podia fazer, mas eu vejo assim: é como se fosse uma arrogância travestida de uma humildade.

Michela: Eu entendo. O que você mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL009: Se eu estou na cidade e vou ficar aqui na cidade mesmo, eu gosto de ir no parque. Eu agora estou construindo um sítio que eu tenho aqui e eu também gosto muito de ir para lá. Mas, assim, normalmente eu fico muito em casa, medito muito, pego muito sol. Não sou uma pessoa de (?), mas o parque é uma das coisas que eu mais gosto da cidade.

Michela: Do período que você conhece São Lourenço, você acha que São Lourenço mudou muito?

SL009: Está mais movimentado, o trânsito mais caótico, tá meio confuso o trânsito da época que eu cheguei. Mudou um pouco nesse aspecto. Está mais movimentada e tem mais gente de fora. E agora tem esse movimento maior aqui. Sempre foi uma cidade que recebia o povo, muita gente. Mas parece que tem mais gente aqui porque começou a bater aquele desespero da cidade grande, o pessoal tá assim: “pra onde eu vou me colocar, antes que exploda?”

Michela: Se você tivesse que escolher o lugar mais importante da cidade de São Lourenço qual seria?

SL009: O parque das águas.

Michela: Você acha que ele poderia ser considerado o símbolo da cidade?

SL009: Eu acho que sim.

Michela: Você acha que isso, no conhecimento que você tem da cidade, sempre foi assim ou isso mudou?

SL009: Eu acho que sim, as águas em si para tratamento sempre foi o foco. Pena que as nossas águas estão do jeito que estão, mas o parque continua sendo lindo, com água ou sem água. Claro que as águas chamaram a atenção. Mas, assim, o parque é um lugar por si só energeticamente muito forte. Dá para fazer muitas coisas dentro do parque além das águas.

Michela: Você acha que isso é um pensamento da maioria das pessoas, tem essa visão do valor do parque?

SL009: Se considerar os nativos daqui, tem gente que faz dez anos que não entra no parque, gente daqui que eu conheço que não vai no parque, ou não tem condição financeira de pagar a entrada, ou a vida é tão corrida que não vai. Eu entendo. Eu não vou porque, nesse momento, eu vou quando posso. Eu fui nesse final de semana porque estava com visita. Mas quando eu me mudei eu ia todo dia caminhar no parque. Aí, claro, filho vai pra escola, abre restaurante, como é que vai, não dá mais pra ir, daí vai quando dá. Mas eu, sempre que posso, eu fujo e vou no parque 2, não fico no parque 1, onde tem menos gente, sem multidões.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2(x) a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5() o turismo.
- 6() outro _____.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3() apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4(x) uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL009: Sim, harmoniosa, de forma geral. Eu noto, assim, que o povo mineiro é povo calmo, não é um povo agitado como o povo gaúcho, é mais tranquilo. E, como eu te disse, não diz “não” nunca, é um povo tranquilo.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

Michela: Quais pontos negativos você percebe?

SL009: No restaurante, o que eu ouvi muito é a reclamação da hotelaria, qualidade dos hotéis. Por exemplo, o hotel Brasil cobra R\$ 1.000 (mil reais) numa diária para um casal em uma suíte presidencial, mas a toalha é puída e não tem nem um chinelo pra criatura vestir dentro do quarto. Quando você vai em qualquer hotel, em qualquer lugar do mundo, você paga cem, duzentos dólares, você ganha chinelinho, roupão, toalhas bem fofas. E aí quando foi numa reunião que eu fui do pessoal da hotelaria aqui de São Lourenço, o dono do Hotel Brasil falou, eu entendi depois, “não sei de onde a senhora vem, mas aqui nós somos mineiros, mineiro não investe, mineiro ganha dinheiro”. “Ah, que bom pensamento que o senhor tem! Que ótimo conhecimento. Você quer ganhar e não quer investir. Então o senhor não compra toalha e continua usando toalha usada pros seus hóspedes? Cada um faz como quiser, porque os seus hóspedes estão lá no restaurante reclamando!”.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL009: Sim

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro _____.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores: E os turistas?

1(x) não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2() conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3(x) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3(x) mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro _____.

SL009: Mudaria as pessoas para que elas enxergassem o potencial que elas têm de fazer as coisas para o bem, para fazer as coisas certas. **As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:**

- 1() não existem.
- 2(x) são muito poucas e ineficientes.
- 3() existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

Local da realização da entrevista:

Data: 10 de setembro

Horário de início: 14:00 **Horário de término:**

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Lourenço 28/12/1943 Idade: 74 anos

Endereço Residencial: Avenida Getúlio Vargas, 2200 - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 43 a 58 - 79 atual

Cidade de nascimento dos pais: Estiva – MG Passa Quatro - MG

Qual seu estado civil? Casado

Tem filhos? Quantos? Sim. 3

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Não

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Não

Qual seu grau de instrução? Ensino Superior Completo

Qual a sua profissão/ocupação? Médico

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Eu queria que o senhor falasse um pouquinho de sua história aqui em São Lourenço? E a família do senhor, conta um pouquinho dessa história...

SL010: Meu avô materno, Joaquim Dutra, ele veio para cá em 1920, em 21 nasceu minha mãe, e em 43 ela casou com meu pai, que é de família de Pouso Alegre, Estiva. E a minha avó materna, casada com Joaquim Dutra, era também é lá da região de Borda da Mata descendente de italiano. Em 43, eles se casaram meu pai formou em medicina em 41, fez estágio no Rio e depois veio para e se fixou aqui em 44. Era uma família que meu avô... para você ter ideia, no Jornal da época, década de 30 tinha um anúncio assim: "Joaquim Dutra Capitalista", ele emprestava dinheiro também, porque aqui não tinha banco, e ele vindo para cá ele montou a "Casa Dutra". A Casa Dutra era uma empresa tão importante, que ele recebia cartas assim: "Joaquim Dutra Sul de Minas". Ele é originário de Itaverava, lá perto de Lafaiete, na época Queluz de Minas, e ele veio para cá depois de ser uma espécie de representante comercial de empresa do Rio, na região. Ele ficou muito conhecido nessas viagens dele, ele conheceu minha avó lá em Borda da Mata. O meu bisavô, italiano, Giovani Bertolaccini tinha lá um armazém, e meu avô vendia para ele também. E ele se fixou aqui em Passa Quatro, por causa da facilidade de transporte ferroviário para o Rio, para São Paulo e interior de Minas, e ele se encantou com São Lourenço. São Lourenço na época, tinha uns 1000 e poucos habitantes, e umas 3 casas comerciais só. Tem um aspecto folclórico, ele mandou para cá o irmão dele mais novo, o João, com 16 anos, porque sabia fazer conta, e conseguiu empregar o João em uma dessas casa. Mas o João veio para cá para espionar, para saber como funcionava as coisas aqui. O trato foi ele ficar com um Sr ai, o Sr só vai dar comida e cama para ele, não precisa de salário nem nada, ele é muito bom em conta... Passados 6 meses o espião deu o recado lá para o meu vovô: tem três comerciantes, mas nem um sabe comercializar... aí ele veio para cá e comprou um dos armazéns e criou a Casa Dutra. Foi trazendo os irmãos para cá, o João foi o 1º e depois trouxe o Juca, o Manoel e depois trouxe as irmãs e por fim trouxe o pai, a mãe já falecida... tudo isso na década de 20. E eles foram pessoas importantes na cidade. O Nico por exemplo, acabou sendo dono, meu avô foi sócio de todos eles no início, depois foi entregando as coisas para cada um. A cerâmica eles compraram, foi responsável pela construção de boa parte da cidade, ele entregou para o Nico, o Antônio. O João Dutra acabou ficando sozinho depois na "Casa Dutra". Eles eram representante de bancos, eram 11 bancos inclusive a Caixa Econômica, o Banco do Brasil, não tinha agência aqui, então eles que representavam. E o tio João, que sabia fazer conta, que tomava conta dessas agências. Então eles tinham a economia da cidade na mão, eles

sabiam da vida econômica de todo mundo. O meu avô depois que saiu da casa Dutra, ele era muito autoritário, era o mais velho dos irmãos, ele deu uma ordem qualquer eles não quiseram cumprir, e ele vendeu a casa para eles pelo mesmo valor que tinha comprado R\$ 106.000 réis. Ele tinha alguns aluguéis, São Lourenço estava em formação, na época ele comprou alguns terrenos importantes depois ele foi dispondo... e ficou emprestando dinheiro, emprestava a juros bem baixo. As referências que eu tenho dele, de pessoas mais antigas aí, era de que ele era uma pessoa justa. Não só justa como benemérito. Dr Edson de Carvalho foi um dos Pioneiros na descoberta do petróleo no Brasil, ele começou lá em Alagoas, tinha Monteiro Lobato que era mais ou menos sócio dele, e começou a explorar petróleo lá, depois quando o Getúlio criou a Petrobras, ele encampou todas essas empresas nascentes, né? Doutor Edson veio embora para São Lourenço morar aqui, com uma alemã, esposa dele. Só para citar um exemplo, ele comprou a casa do meu avô, ele já tinha construído outra. Ficaram muito amigos, e ele resolveu fazer um cinema, aí vovô deu o terreno para ele em frente da igreja, da igreja matriz, e financiou a construção do cinema. Ele era a única pessoa que tinha cadeira cativa lá, não pagava. O meu pai vindo para cá, meu pai sempre gostou muito de roça, de fazenda, ter uma vaca, ter alguma coisa, meu avô brigava com ele: você tem que se dedicar a medicina! e ele era um cirurgião muito hábil, e uma pessoa que procurava se informar, fazer curso, aprimorar, foi um bom médico. E minha mãe era dona de casa, formou em colégio normal, mas não chegou a lecionar muito tempo não. A minha vó é casada com Joaquim Dutra, era dentista, imagina, dentista naquela época 1911. Ai quando ela casou, meu avô a proibiu de trabalhar: imagina, você ficar enfiando a mão na boca de homem. E é isso né? Eles vieram para cá e meu avô financiou boa parte dos hotéis. Na realidade na entressafra do turismo ele mantinha os hotéis e os caras só pagavam quando tinha a estação. Eu nasci aqui, fiquei aqui até 58, em 58 me mandaram estudar em colégio interno lá em Varginha, de lá eu fui para Belo Horizonte, formei em medicina. Ai durante o curso de medicina a gente se envolveu com política estudantil. E depois na luta contra a ditadura, eu entrei para clandestinidade, eu e Maria Lucia, a gente era casado. E ficamos até 76 por aí, quando teve um pouco de abertura. A gente foi para São Gonçalo escondido, fomos julgados em vários lugares, condenados, mas nunca pegaram a gente não, a gente sempre estava na frente da repressão. Nenhum contato com familiares, era uma judiação com a minha mãe e com meu pai e tudo... porque eles não tinham notícia da gente. Às vezes, muito raramente eu vinha aqui. Eu vinha de trem, descia numa estaçõzinha que tinha aqui antes de São Lourenço, era uma parada que era obrigatória, eu descia e vinha a pé aqui no sítio, pelo pasto, então não tinha contato com a cidade. Isso eu fiz umas duas vezes, quando a gente tinha oportunidade de vê-los. Depois de 75 meu pai morreu eu já estava trabalhando em medicina lá em São Gonçalo, no estado do Rio. A Maria Lúcia retomou o curso de serviço social lá na UERJ, porque foi obrigada a parar por perseguição lá na PUC de Belo Horizonte. Depois de uma matrícula toda arrumada por debaixo dos panos, porque a gente era procurado, ela conseguiu terminar o curso dela na UERJ. E em 79, a gente já estava liberado, nossos processos já tinham sido revistos, nós não sabíamos. A gente achava que estava condenado ainda, mas viemos para cá assim mesmo. Ai a gente foi defendido por colegas lá em Belo Horizonte, tinha advogado, sem a gente saber de nada. Ai conseguiu da gente não ser condenado. Mas não pararam de procurar a gente não. A Maria Lúcia tem registro dela no SNI até 89. Depois da anistia e de tudo, eles pararam... em 79. Porque em 79 eu teria ido para Paris... nunca sai do Brasil! Então eles pararam de me procurar porque eu tinha me exilado. Ai agora recente, eu peguei minha ficha lá na ABIN, ai veio que eu tinha ido para Paris, ai eu falei não posso deixar a inteligência brasileira mentirosa, então eu fui conhecer Paris. Mas a gente veio para cá em 79 com toda experiência de trabalho. Nós trabalhamos em fábricas, fizemos trabalho operário, eu fabriquei as primeiras latas que saíram da Skol, ainda não eram de alumínio, trabalhei nisso, trabalhei em fábrica de ventilador. Maria Lucia trabalhou em fábrica de auto peças. A gente só tinha o Zé Renato, então a gente teve uma experiência grande com contato com o povo, formação de associações de moradores, movimentação em Mauá, Santo André. E

recentemente uma moça de Campinas fez uma tese de mestrado, sobre o movimento Jardim Zaíra, então ela colocou alguma coisa da gente lá. Recentemente, a apresentação da tese dela lá em Cruzeiro, a gente foi e foi até homenageado, foi legal. Mas essa experiência toda... a gente veio para cá, chegando em São Lourenço, aqui não tinha sindicato. A cidade, economia primária. Não tem indústria, município muito pequeno, o setor terciário mesmo, então não tinha como organizar o povo. Então a gente passou a organizar os bairros. Começamos a formar associação de moradores. Isso foi 80, 81 começamos esse trabalho, o pessoal aqui do MDB ainda era PMDB né? Já existia o PT inclusive, mas o pessoal do MDB daqui passou tudo para o PDS, para ARENA, enfim saíram, largaram o MDB, então a gente pegou MDB daqui e fundamos, e saímos criando associações de moradores. E nós percebemos que a grande aspiração das pessoas era atendimento médico porque só tinha o posto do estado, que só tinha um médico só, e quem não tinha carteira assinada não tinha direito ao INAMPS. Então tinha uma gama de pessoas que não tinham nem um tipo de assistência médica. E aí quando eu cheguei para cá, tinha muito colega daqui que estava chegando também né? Jovens médicos e aí eu propus para eles: vamos atender nos bairros? Eu tive essa experiência em Belo Horizonte, que eu fui presidente do Alfredo Balena, da Federal, e a gente tinha os postos médicos nas favelas. Então eu aproveitei essa experiência e implantei aqui, e criamos os postos saúde comunitários. Os postos de saúde foram criados assim, na casa do presidente da associação, no quartinho emprestado pela igreja, no outro numa escola que a Prefeitura deixou a gente usar uma sala de aula. Sem nenhum apoio, só com a comunidade. Aqui por exemplo a Dona Dadica, ela tinha um cômodo lá que não usava para nada no fundo da casa dela, ela cedeu para fazer o posto. Aí pessoal foi lá pintou, um deu uma cadeira, outro deu uma mesa era tudo comunitário, não tinha ajuda de ninguém só nos, e os colegas atendiam lá gratuitamente. Para variar como aconteceu com o Mais Médicos, do PT, a Associação Médica berrou, não pode atender de graça. Então nós vamos cobrar... aí cobrava 1 cruzeiro para quem podia pagar porque tinha uns que nem isso tinha. Mas porque foi obrigado pela sua Associação Médica, tinha que ter um preço. E fizemos isso criamos esses postos todos aí com o MDB. Nessa época, São Lourenço tinha prefeito eleito, não sei porque cargas d'água eles incluíram as estância de hidrominerais na mesma categoria de cidade de segurança nacional e capitais, então o prefeito aqui era nomeado pelo governador. Então com o MDB na mão, a gente lançou candidatos a vereador, nossa esperança era fazer um vereador só para ter voz na câmara. Acabamos fazendo a maioria na câmara. Elegemos, conseguimos eleger os deputados majoritários, tanto Federal, quanto Estadual, Manoel Costa e Jairo Magalhães. Aí o Tancredo tinha se comprometido com a gente o seguinte: aquele grupo que fizer os deputados, (por que era critério político) que fizeram os deputados, vai indicar o prefeito. Até então o prefeito era amizade, parentesco, uma coisa assim. E assim foi, o último grande amigo do Tancredo aqui que era Sr Ari Miranda, dono do Hotel Londres. Ele foi ao Tancredo na época mais pesada, se escondeu várias vezes aí. Ele era amigo do seu Ari, e sr Ari tinha outro candidato, e o Tancredo ficou numa sinuca de bico né? Porque Sr Ari, (também era do PMDB) também gostava de mim, mas o outro cara era muito salafrário, envolveu em um monte coisa e ele acabou indicando. Mas aí, o Tancredo não tinha opção, como o critério era político, ele me indicou e eu assumi a prefeitura. Tão logo assumi a prefeitura eu transformei os postos de saúde comunitários, criamos o serviço Municipal de Saúde né? Os médicos foram contratados, a secretária começou esse trabalho eu peguei uma prefeitura extremamente adormecida e hostilizada pela população né? Na enchente de 82 aqui, a água estava começando a encher a prefeitura e o povo em volta torcendo para tomar conta. E aí também, baseado em experiência de DA, eu criei os conselhos comunitários. Criei 12 conselhos, pegando Saúde, Educação, Esporte, Cultura, Desenvolvimento Social tudo isso era comunitário, ninguém ganhava nada. E esses conselhos geraram a Sec. De Cultura, a Casa Municipal de Cultura, Esporte. A gente assumiu uma quadra que estava deteriorada. Reformamos e tivemos uma ajudinha do Estado. O desenvolvimento social que era a Maria Lucia responsável, também não ganhava nada, era

mulher do prefeito, mas, não tinha salário. Então a gente observou que as crianças de 1 a 6 anos tinha creches e as entidades, os velhos também tinham, e as meninas também, mas tinha uma faixa de 6 a 15 anos de meninos e vivia na rua pedindo esmola, engraxate, né? Era explorado por donos de carrocinha de bodinhos, exploração do nada... Aí foi criado a casa dos meninos, também foi uma coisa muito bonita, porque tinha uma casa aqui abandonada. Eu fui lá falar com proprietário; perfeitamente o Sr fica com a casa e enquanto você for prefeito não precisa de pagar nada. Ai trouxemos o pessoal do Tiro de Guerra, os funcionários da prefeitura. Reformamos a casa, pintamos, limpamos e deixamos nos trinquês, e fizemos uma campanha na cidade para doação. Recolhemos seis caminhões de material de doações, panela, fogão, cama, tudo que você pode imaginar. Umas coisas também que a gente depois distribuiu para outras entidades. A casa foi montada assim, no dia da inauguração, o pessoal pegou os convites e distribuiu entre as crianças: “você está convidado almoçar lá no tal lugar o endereço,” apareceram umas 90 crianças para almoçar e depois foi dito para eles que a casa era deles e que eles poderiam voltar para comer, e ficar... e no dia seguinte apareceu 23 meninos (todo mundo desconfiado) começaram a frequentar a casa, e foram chamando os outros e foi um sucesso. Esse aspecto, que eu queria destacar, é que São Lourenço nunca foi uma cidade oficial, nada aqui é do governo. Enquanto Caxambu tem uma quadra e foi feita pelo Estado, aqui foi a comunidade que fez. Quando lá tinha a FUNABEM, aqui nós criamos a casa dos meninos, quando lá eles calçavam as ruas, aqui a gente calçava com bloquetes feitos pela prefeitura. E tudo pago pela comunidade.

Michela: Até hoje o Sr vê uma característica assim?

SL010: Da cidade criar as coisas, ela se fazer, não depender dos outros. Então as creches eram todos comunitários, os asilos eram todos comunitários.

Michela: e isso criava um sentimento de pertencimento?

SL010: Eu acredito que sim, mas por outro lado é uma cidade extremamente aberta, como dizia a antropóloga da Fundação João Pinheiro, Ana Maria, quando a gente fez um trabalho com a João Pinheiro aqui. Ela fez um estudo e comparou São Lourenço, com Araxá. Araxá uma cidade fechada. Por exemplo, um médico lá, se ele não fosse filho de alguém de lá, ou fosse de lá, ele não entrava. Aqui não, é uma cidade arreganhada. Uma cidade extremamente receptiva e ao mesmo tempo comunitária. Eu acho que a gente está perdendo um pouco disso com essa entrada de outra proposta política, de pessoas que vem de fora. A gente foi perdendo um pouco disso. Hoje você não consegue fazer mais um conselho comunitário se as pessoas não receberem.

Michela: Ainda com relação as Associação de Moradores isso é atuante hoje?

SL010: Elas existem, mas, elas perderam muito aquela coisa inicial, porque na maior parte dos presidentes das associações acabaram sendo eleitos vereadores, daí virou bagunça. Muitas não funcionam mais, outras funcionam precariamente, não tem mais aquele sentimento comunitário...

Michela: Se o Sr pudesse contar assim os principais fatos, de forma resumida, a história da cidade o que o senhor destacaria?

SL010: São Lourenço é uma cidade artificial porque ela foi criada a partir de um loteamento. Em 1892 no Sec. 19, as águas minerais aqui já existiam, mas não era explorado então o Saturnino da Veiga e era médico e o irmão dele o Bernardo eles compraram terras aqui que ele conseguiu uma autorização para começar a explorar as águas e assim foi, criaram empresa de água São Lourenço e começaram a explorar e ao mesmo tempo... eles também naquela época o termalismo o tratamento pelas águas minerais, tudo isso ainda era bastante importante então já tinha essa atração. Como a gente já tinha a estrada de ferro aqui 1884, servia inclusive para exportação das águas, eles criaram então o loteamento, foi um engenheiro italiano Alfredo Capelache, que fez o loteamento e fez naquele sistema do xadrez europeu. E foram vendendo os lotes, foram vindo pessoas para cá, e foram surgindo os hotéis. Com investimentos pessoais, não teve nada de governo não. Aqui pertencia a Pouso Alto como dizia o Dom Pedro II a velha mexeriqueira Pouso Alto. E então a empresa foi

desenvolvendo, chegou a ter um período de dificuldade depois ela ficou um pouco da 1ª década do Sec. XX ela mudou de donos, foi a falência, mas depois o França conseguiu reerguer depois entrou o Jaime Soto Maior, que era português JC Soares era gerente dele, e aí em 35 eles construíram o Parque das Águas e aí 35 a cidade já estava construindo a Igreja Matriz, o parque e a captação das águas, novas águas foram captadas, até 42 a cidade foi crescendo, chegou um ponto que 60% da água mineral era de São Lourenço do Brasil, porque a mineral ela é água primária, ela não é água de chuva que cai no morro e brota na mina, a água mineral ela infiltra por baixo da camada impermeável e fica anos ali dissolvendo rochas calcárias e produzindo gás carbônico e aquilo cria uma pressão e ela então aflora como uma panela de pressão, é uma panela de pressão... aflora sempre no brejo, porque é o ponto mais baixo, porque não vai aflorar na montanha, vai procurar o caminho mais fácil. Então todas as estâncias minerais São Lourenço, Caxambu, Cambuquira, Contendas aqui em Conceição do Rio Verde, todas elas são no brejo. Aqui chegava a ser insalubre porque era brejo mesmo... Eu entrei nessa coisa de água mineral pelo seguinte, porque depois mudar o corte de águas e as águas de mina passaram a ser tidas com minerais também. Na época São Lourenço era 60% por que essas águas de mina não eram minerais era água potável de mesa.

Michela: eu vi algumas reportagens que houve movimentações questionando a extração das águas que estava sendo em excesso...

José Celso: isso aí é bem recente, porque até meados da década de 80, eu ainda peguei isso como prefeito, depois do Jaime Soto Maior quem assumiu a empresa foi o Átila, que era enteado dele, depois ele vendeu para Endorfina, para o banco da Endorfina, que era associada a Vish na França, aí depois da guerra do Vietnã o banco da Indorfina acabou, e Vish que virou dona, mas a Vish foi vendida para Nestlé. E a Vish tinha uma cultura de água de tratamento saúde de turismo. Quando a Nestlé entrou não queria nem saber disso...

Michela: e quando foi...

SL010: Isso foi no final da década de 80 e início da década de 90, e quando a Nestlé entrou ela não queria saber de nada desse negócio de termalismo, de água mineral, de tratamento, de turismo ela abandonou o Parque das Águas praticamente, e o negócio dela só explorar... Então perfurou poços, porque você tem a camada impermeável de água fura aqui e água sai ali, então é o que sai de água, o que a Nestlé fez? Ela foi lá dentro, e começou a puxar, então as fontes todas caíram e começaram a puxar água violentamente. Então houve um movimento importante aqui na época, a TV Suíça teve aqui e sentou o pau na Nestlé, lá na Suíça que a terra deles, acabou que a promotoria também diante do movimento acabou tiveram que fechar. Fechou essas fontes, a fonte primavera, eles estavam extraindo uma quantidade absurda de água deram o nome de Pure Life, transferiram a sede da empresa para o Rio de Janeiro praia de Botafogo número 13

Michela: nem mais acesso a eles...

SL010: Eu cheguei a ir lá conversar com o chefão lá, ele disse: meu negócio é engarrafar água, não quero nem saber de turismo. Eu falei, pois é, mas o nome da sua água é São Lourenço, se São Lourenço acabar a sua marca também vai para o brejo. Ai a promotoria entrou, fizeram fechar a Pure Life, eles mudaram para Lindóia. Estão fazendo isso lá em Lindóia. Mas mudaram o nome. E está nessa fase que tá né. Estava com a Nestlé até ano passado agora foi comprada pelo Tasso Jereissati pela Indáia.

Michela: está com processo de tombamento.

SL010: É, isso aí eu não sei, mas tem que ser feito né? Eu tive muita pouca sorte aqui com tombamento, eu fiz o tombamento do grupo escolar Melo Viana, que é de 27, fiz o tombamento do Hotel Palácio, o prefeito que me substituiu destombou o hotel. O IPHAN disse que é o primeiro caso que viu falar até hoje de destombamento. Eles derrubaram o prédio numa madrugada, era um prédio lindo.

Michela: E não houve... e ficou por isso mesmo...

SL010: ficou por isso mesmo, e desfez o meu decreto e pronto acabou... E tinham vários prédios, que é menina dos olhos da cidade, foram demolidos de madrugada

Então essa história das águas atualmente está na mão do Indaiá, do Tasso Jereissati,

Michela: O Sr estava puxando os principais pontos para formação da história de São Lourenço...

SL010: Então, teve a alguns aspectos importantes né? A cidade de criou ela surgiu de um loteamento feito pela empresa, em 27 ela já era bastante estruturada, já tinha uma frequência boa de turismo, já tinha vários hotéis. Ai se conseguiu com o Presidente Antônio Carlos a emancipação. Ele veio fazer uma visita a São Lourenço, fizeram um almoço no Hotel Brasil e durante o almoço as pessoas da cidade reivindicaram a emancipação. A cidade era maior que Pouso Alto inclusive, a comarca era lá. Ai ele falou, “então eu chegando em Belo Horizonte assino decreto”, ai ah não precisa não nós já trouxemos, está pronto. Parece até mentira. Aquele personagem do Chico Anyzio contava mentira e toda a mentira dele começava em 1927, e São Lourenço é de abril de 1927. Então em 27 de emancipou, a comarca continuou sendo em Pouso Alto, depois que veio para cá. Mas, na Revolução de 30 em outubro, e em 1º de Março de 31, o Getúlio escolheu aqui para descansar. E veio para cá, tem um pau brasil plantado por ele lá no parque, tem a plaquinha até hoje, plantado pelo presidente Getúlio. E o Getúlio passou a frequentar aqui e aí a gente teve um surto de progresso. Por exemplo, aqui foi a 1ª cidade do Sul de Minas ter telefone residencial, foi a 1ª cidade do Sul de Minas ter água tratada, ele construiu duas pontes, construiu a ponte do Ramon e a ponte da federal, a da estação já existia, era de 27. Ligou São Lourenço a Caxambu pela BR, hoje 040, então a gente começou a ter essas coisas, fez o aeroporto também em 35. 35 foi um ano... para São Lourenço, construção do Parque das Águas, construção da Igreja Matriz, inauguração do aeroporto. Então teve esse surto de progresso graças ao Getúlio que passou a frequentar aqui.

Michela: Inclusive a época dos cassinos?

SL010: Pois é eu não sei quando eles começaram, eles terminaram 46 com o Dutra, mas, eu nasci em 43 eu tenho alguma lembrança de cassinos, eu tinha 3 anos de idade, eu tenho uma lembrança assim porque eu morava na Wenceslau Brás e lá tinha o Brasilzinho, o Cassino Imperial, tinha o Excelsior no Hotel Miranda. Eu sei que quando fecharam 72 cassinos no Brasil, com o decreto do Dutra, São Lourenço tinha 12 e acho que na época tinha uns 6 mil habitantes. E era realmente... os cassinos tinham orquestras, tinham vedetes, teatro, rebolado, essas coisas todas que acompanha a cidade de jogo, a gente tinha 3 orquestras aqui com 6 mil habitantes. Então você vê que isso deve ter alguma coisa a ver com a nossa cultura e tudo né? O fato de ser uma cidade aberta né? Receptiva! Em 21 também veio para cá o professor José Henrique Souza e fundou a Sociedade Brasileira de Eubiose, e colocou a sede aqui em São Lourenço, ele começou lá em Niterói, mas depois veio para São Lourenço. Uma cidade predominantemente católica, mas tinha pelo menos seis denominações protestantes, tinha os Batistas, os Presbiterianos, tinham 6 delas, igreja católica, os teosofistas, e alguns terreiros de umbanda, então a cidade do ponto de vista religioso tolerante também. Aceitava essas coisas, na mesma época uma denominação dessas protestantes tentou ir para Estiva terra do meu pai, eles foram expulsos a pedradas de lá. E aqui foi realmente uma cidade muito permissiva, muito aberta.

Michela: São Lourenço tem um pouco essa aura Mística...

SL010: tem

Michela: atrai inclusive o turismo religioso...

SL010: tem, nós chegamos ter aqui Hare Krishna do B, já tinha Hare Krishna, ai surgiu o Hare Krishna do B, até ascensão do Hare Krishna tem, se você for aqui na av. você encontrar pelo menos seis denominações pentecostais

Michela: Com relação ao plano diretor e esses estudos que o Senhor encabeçou?

SL010: A gente sempre teve uma preocupação com o futuro né? Como é que a cidade ia crescer, ia desenvolver? A gente já temia alguns problemas que iam surgir. Então estava na

hora de disciplinar isso, e eu recebi um telefonema do Afonso Ávila, um poeta, ele estava na época na Fundação João Pinheiro. Ele ligou para mim dizendo que estava colocando a Fundação João Pinheiro à disposição para o que precisar e tal, aí eu fui saber da minha tia Zeni, que estudava em Belo Horizonte, que era a minha assessora de assuntos antigos, quem é Afonso Ávila? É seu primo, um primo assim bem distante... mas a mesma origem ali de Itaverava, Sete Lagoas, ligação com a família Leão, a mãe dele era irmã do concunhado do meu avô, tio Leônidas. Então ele soube que eu era prefeito e fez a ligação me oferecendo, aí eu falei é para agora, professor Aluísio Pimenta que tinha sido meu reitor na UFMG aí foi sopa no mel né? Por que o acordo que a gente fez com FJP para fazer um plano de desenvolvimento foi o seguinte: eles iam mandar a equipe e a gente não tinha que pagar nada, só ia dar hospedagem e a comida, e veio uma equipe muito boa de lá, mas com uma condição tem que ser paritária mesmo número e as mesmas especialidades eu tenho que ter daqui porque amanhã vocês vão embora quem que vai cuidar disso? Então foi a primeira vez, eles já tinha feito a de Contagem, a de São João Del-Rei, mas daquele estilo, a Fundação vai fazer, aqui não. Foi debatido com todas as associações de moradores, no dia da entrega do trabalho final, no Cine ? tinha capacidade para 1.200 pessoas eu acredito que tenha passado durante o processo 2000 lá dentro. Eu convidei todos os vereadores, juiz, padre, prefeitos, pastor, milico, todo mundo para traçar o plano diretor, foi um negócio espetacular, e a gente fez o trabalho, são dois volumes, no 1º eles fazem uma análise da cidade sob todos os aspectos e no outro eles propõe 6 leis de conduta, plano diretor, código de postura, código de obras. Mas foi um fruto também discussão de toda a cidade, foi feito também cartilhas. Eu distribui para as escolas e algumas entidades e ainda ficaram algumas 500 ou 1000 ainda lá na biblioteca da prefeitura. Na enchente de 2000 acabou com tudo, eu não tenho mais nenhuma.

Michela: Isso ficou muito atual, o pensamento, muito consciente.

SL010: Com dizia o presidente da comissão, Marco Aurélio Queiroz, já falecido, isso aqui é planejamento para 15 anos a partir de 15 anos é futurismo já não é mais planejamento né? E realmente não teve muito andamento não, o Orestes não fez nada, o Mazinho só fez o anel rodoviário, que eu já tinha feito o projeto, consegui do Newton Cardoso o Anel, e depois o Tenório fez alguma coisa ele fez o calçadão que já estava previsto, e algumas outras coisas aí. Mas é muita coisa no código de obras e caiu, por exemplo, a gente não permitia mais prédios encostado no outro, tem que ser separado para que haja circulação, mas muitos foram deixando a coisa fluir.

Michela: De lá para cá, ficou alguma semente ainda, isso imagino que tenha mudado demais né?

SL010: Acho que mudou sim, a atual prefeita esteve aqui em casa semana passada me chamar para participar de um conselho, eu declinei, mas diz ela que quer cumprir com o projeto, o marido dela fez alguma coisa, o Tenório, ela queria continuar o planejamento. Muita coisa deixou de ser feita, várias baixas na beirada do rio, era proibido loteamento, os cara lotearam, então é problema porque quando as águas sobem esse pessoal perde tudo. Não era pra deixar acontecer, vão aterrando as margens do rio então a água não tem para onde ir, invade a cidade. A enchente de 2000 lá na Dom Pedro II pegou 2m de água, foi um arraso. Mas não sei, as coisas foram escritas e o tempo foi passando, já são 30 anos já e não sei se ficou alguma semente não.

Michela: O que o Sr mais gosta de fazer aqui em São Lourenço?

SL010: Eu pessoalmente o que eu faço é dar plantão na UTI, que foi criação minha também, ela já tá com 31 anos, já gerou a UTI infantil, pediatria e possibilitou a criação da clínica de hemodiálise, por que sem UTI não poderia ter. Gosto de fazer meus plantões lá na UTI, consultório só não abandonei meus antigos pacientes, mas não aceitamos novos, e faço os exames, dopler, mapa, teste de esforço, essas coisas que eu gosto de fazer e só.

Michela: E a política só está declinando?

SL010: É eu estava no PSB, depois que nos tomaram o PSB, passou para mão de um monte de gente ai sem confiança, sobrou o PT, mas o PT aqui em São Lourenço é uma cidade extremamente conservadora do ponto de vista politico eu julgo até medíocre, sempre foi, o pessoal não tem uma visão...Umas coisas que eu não... foi uma iniciativa minha foi a criação de faculdade. Tinha um grupo aqui, queria criar uma faculdade só que eles não ia para frente nem para trás, ai tinha um camarada aqui que até eu fui padrinho de casamento dele, casado com uma colega, já falecido, o João, ele era muito amigo do Hélió Alonso lá do Rio, ele trouxe o Hélió Alonso aqui. Eu falei: nós somos uma cidade do setor terciário, nós não temos indústrias, não temos agricultura, então temos que desenvolver é isso. Ai o Hélió Alonso veio aqui e o 1º contato queria uma faculdade de extensão, aí eu fiz o pessoal daqui saber que eu tinha feito essa reunião lá, no instante se mexeram e foram atrás de mim... Tá bom então vamos fazer, o que vocês precisam? Precisamos de terreno. Então tá, ai eu tinha um terreno grande lá na federal, da prefeitura ai eu falei eu cedo esse terreno para vocês, o Ministério dizia que tinha que ser o terreno próprio e por isso não podia ser dado... A câmara aprovou, nós passamos o terreno para eles e logo a gente teve faculdade aqui. No começo ela foi muito boa, porque era presencial, não tinha esse negócio de aula de fim de semana, igual a de Três Corações e outras ai. E a escola de direito deles aqui, que foi a 1ª tirava notas muito boas no ENEM, traziam professores de fora, mas eu não sei, eles tiveram sanções internos por parte dos sócios, e deu zebra, eles não tiveram como continuar, e acabaram vendendo para um caça níquel de fora, de Machado. Ai o cara chegou aí a 1ª coisa que ele fez foi mandar embora todo mundo, os professores todos, reuniu com a turma que foi muito claro: estou aqui para ganhar dinheiro e não para fazer qualidade de ensino. Ela continua ai, e vieram outras também, veio a UNIPAC, lá de Barbacena, outras ai, tem um monte ai agora. Mas isso ai foi importante, a ideia foi de você melhorar a cabeça da cidade.

Michela: Qual a visão da Juventude aqui? Tem oportunidades, eles se interessam?

SL010: Em alguns aspectos até surpreendente, porque a gente acha que tá todo mundo alienado, que ninguém que saber de nada pelo contrário, você tem visto manifestações de jovens, que me surpreende. Posicionamento assim, conhecimento histórico, uma visão geopolítica assim que é interessante, mas o grosso da juventude isso é um fenômeno brasileiro, não é nosso, tem é a porcaria da droga, isso aí atrapalha tudo.

Michela: Em sua opinião, das mudanças que o senhor percebe em São Lourenço, qual que o senhor mais destaca?

SL010: Eu tenho uma visão muito dialética disso, Maria Lucia fica danada da vida, “tudo que a gente lutou acabou,” não é bem assim se você pegar a São Lourenço que a gente pegou, e a São Lourenço de hoje, você vê que não é o que a gente queria, mas, é muito mais do que ela é muito melhor do que era. Eu acho que cidade ela perdeu algumas características que eu achava importante, uma delas que eu me referi a ser uma coisa comunitária, visões políticas diferentes né? De clientelismo, fisiologismo, e você tem que tá ligado a um Deputado né? Sempre atrapalharam muitas cidades...Eu sempre me lembro de Soledade de Minas que nunca ia para frente, porque quando a UDN ganhava o PSD não deixava asfaltar a estrada, quando o PSD ganhava a UDN atrapalhava, ninguém podia fazer nada. Aqui não, a comunidade sempre pautou a prefeitura era um pouco omissa, a política eleitoral não tinha assim muito peso na decisão das pessoas, e isso mudou. Hoje você vê muito interesse, a própria estrutura do estado quer dizer você imagina que eu governei São Lourenço tinha 30 mil habitantes hoje tem 45, aumentou 50%. A câmara de vereadores tinha 13 vereadores, continuo os mesmos 13 só que tinha um funcionário, hoje tem 36. A verba da câmara era de um e meio por cento do orçamento, a anterior, hoje é de oito por cento. É um dinheirão, são 12 hoje, 12 milhões de reais para 13 indivíduos, gastar seu bel-prazer. Quanto que é 15 para saúde, com 200 funcionários, com postos, com farmácias, laboratórios e tudo, mas essas coisas mudaram demais. Antes os caras eram vereadores, talvez até por vaidade, era um serviço prestado para cidade não ganhavam nada, salário do Vereador era 2/3 do salario mínimo, hoje seriam 600 reais, hoje vereador virou emprego né? Então essa questão politica

a cidade perdeu muito. A gente tinha aqui 46 % da receita era própria, do IPTU, das taxas, receita própria. Enquanto para você ter ideia Alfenas era 17, Carmo de Minas era 9, enquanto aqui era de 46%. Eu fiz teste de esforço semana passada no prefeito de Itamonte, aí eu contei para ele que nossa receita era 46% de receita própria ele falou: nossa lá em Itamonte é três. Então a gente não dependia do dinheiro do estado muito não, era importante, mas não era fundamental, porque a gente tinha recurso próprio, então a gente não precisava ficar atrás de deputado, a cidade se fazia né? Tinha orgulho disso.

Michela: Se o Senhor tivesse que escolher o lugar mais importante da cidade São Lourenço qual seria?

SL010: Eu acho que o poder público, ele cresceu muito. Ele é um espaço importante, o outro seria a área de saúde, São Lourenço, ele é bem desenvolvido. Para você ter ideia, você tirando sete cidades que têm escola de medicina, São Lourenço a primeira dos 856 municípios na relação médico-paciente, temos médico aqui para 242 habitantes clínica de todos especialidades.

Michela: E atende ou ainda há uma carência?

SL010: Não, atende, não atende mais porque as normas de cima fecham as possibilidades. Então, por exemplo a gente poderia ter aqui uma área cardiológica mais avançada, mas eles não permitem, você depende do SUS, não abre a parte de oncologia, por exemplo, no hospital tem, mas ele só pode atender convênios e particulares, não atende SUS, então ainda tem que encaminhar o pessoal para Varginha, para fazer tratamento lá. Eles poderiam liberar para a gente pelo menos quimioterapia poderia ser feito aqui. Eu acho que a área de ensino também as faculdades elas atraem muita gente da região é um ponto importante.

Michela: Se o Sr tivesse que escolher um lugar que seria o símbolo da cidade de São Lourenço São Lourenço, qual seria?

SL010: Eu acho que a parte turística ainda tem o seu espaço, agora tem modificado demais antigamente era um turismo saúde, hoje são visitas de fim de semana.

Michela: Acha que não tem retomado pouco?

SL010: Mas a cidade tem atraído muita gente, principalmente da 3ª idade, mas pessoas em formação universitária, não chega a Campos do Jordão não, mas muita gente com posses tem vindo pra cá. Tem loteamentos caros, condomínios fechados, com bastante, pessoas vindo para cá. Eu acho que ainda tem uma atração sim, talvez pela segurança, perdeu muito do bucolismo, perdeu muito daquela tranquilidade de cidade do interior, o centro meio congestionado, isso aí Caxambu ganha da gente. Porque ela ainda tá bem assim mais bucólica, não tem tanta movimentação, mais tá decrescendo de população, o próximo Censo Baependi já suplanta Caxambu, ela está perdendo população. Mas tem esse, o Parque de lá muito abandonado caiu na mão do estado, da Prefeitura, a prefeitura não tem recursos para manter não deu muita importância. Isso aí é uma coisa de São Lourenço perdeu. Mas por outro lado quem viaja para o exterior vai encontrar a maior parte das cidades com esses aspectos de São Lourenço, então acaba não prejudicando muito. Você vai para Europa, pra qualquer lugar, você vai ter essa urbanização desenfreada.

Michela: Qual o símbolo para colocar na propaganda assim? Na opinião do Sr ou não teria?

SL010: Seria o parque... o nosso símbolo aqui, o nosso Corcovado, o Pão de açúcar é a fonte Vichy...

Michela: O Sr acha que essa opinião seria da maioria das pessoas?

SL010: Eu acho que 60% São Lourenço ainda não foi ao parque.

Michela: Por condições financeiras? Hábito?

SL010: Da mesma maneira que 90% dos cariocas nunca subiram no Pão de Açúcar. Tá perto né? Como dizia o meu secretário de turismo: turismo é a diferença, então pra você essas coisas, que mora aqui, não tem importância tá ali perto, qualquer hora eu vou e nunca vai, e para quem vem de fora, sim faz diferença. Então a pessoa... vem aqui uma amiga nossa casada com meu primo, ela é pesquisadora do Instituto Nacional do Câncer, lá no Rio, ela

veio com os meninos aqui, ai andando aqui na horta... o que é isso aqui? É um pé de couve... ela só conhecia couve picadinha...

Michela: mas essa vivência ela foi ter aqui?

SL010: É isso que as pessoas vêm aqui, tirar leite da vaca, eu não consigo as crianças conseguem, da mamadeira para cabritinho, ver um passarinho.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1(x) as pessoas.
- 2(x) a natureza.
- 3(x) a localização.
- 4(x) a espiritualidade.
- 5(x) o turismo.
- 6() outro _____.

José Celso: Pode ser todas? Cada uma tem uma justificativa, a localização, por exemplo, nós estamos no centro das três principais metrópoles brasileiras, Rio, São Paulo, Belo Horizonte. As pessoas ainda são muito receptivas, cordiais. A natureza a gente ainda está conseguindo preservar um pouco, os morros aqui ainda não estão ocupados por favela, então a natureza ajuda ainda um pouquinho. A espiritualidade nem precisa falar. E o turismo, embora a nossas vizinhas todas aqui estejam em decadência infelizmente, São Lourenço ainda tem um padrão alto, não tão alto como na minha época, mas nós chegamos a receber aqui 800 mil por ano, e ultimamente estão falando em 250.000

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

SL010: eu fico com a 3ª, uma delas é a falta de emprego, o comercio daqui é muito bom né?

Michela: e depende do turismo?

SL010: Não, é da região, o comércio é regional, a cidade é o centro de uma região, inclusive oficialmente, depende de São Lourenço econômica pega até próximo de Andrelândia.

Michela: o pessoal vem fazer compras aqui?

SL010: vem, vem usar o serviço da cidade...

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL010: com relação aos moradores mais antigos da cidade é harmoniosa sim. Teve alguns fatores, por exemplo, a criação de casas populares, em que não houve uma seleção, então veio muita gente de fora, que não tinha nada com São Lourenço. E as pessoas não se conheciam, você pega um bairro, aqui a Vila Carneiro, que 89% são proprietários, a convivência é extremamente harmoniosa. O bairro Carioca, o São Lourenço Velho, mesmos áreas de baixa habitação, não chega a ser favela, mas o pessoal tem uma convivência boa. O que estraga realmente em alguns bairros é a droga mesmo, que traz a violência.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3() uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4(x) uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

SL010: Acho que é uma boa cidade para o turismo, uma das pesquisas que a gente fez com os moradores a gente observou que a maior indicação de São Lourenço é o boca a boca...

Michela: não é uma propaganda?

SL010: Eu fiz muita, na minha época usando um artifício, a gente fazia aqui canoagem, rali de ultraleve, motocross, essas coisa todas, não custava nada pra gente, o evento em si não

trazia recursos mas, dava uma divulgação muito grande. Nós fizemos um evento de motocross aqui que nós ganhamos 40min de domingo na Bandeirante, nós fizemos um rali de ultraleve, e assim por diante e as revistas especializadas. Quando você faz, um rali de ultraleve, uma canoagem você ganha... teve um evento de canoagem que ganhou 6 páginas de uma revista... e a gente fazia propaganda na TV de Campos, na TV de Ribeirão Preto, na TV de Campinas que era muito mais barato. Agora não, quando faz, faz na TV de Varginha só para nós mesmos, só para falar que a prefeitura está fazendo alguma coisa... mas não é o mais importante, o mais importante é o boca a boca a indicação. Vai lá em São Lourenço que lá é legal...

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL010: Ah sim, até exageradamente... você é de Belo Horizonte, então posso falar mal de carioca... Carioca é extremamente espaçoso, então você está na padaria, chegou um fulano na sua frente, chegou uma Srª na sua frente, e você está esperando a sua vez, o carioca chega: ó da licença então...

Michela: E para dar uma recepção deixa né?

SL010: Então, mas normalmente as pessoas... e o cara da padaria atende o carioca, ele despreza os que chegaram e atende os cariocas, então a receptiva demais da conta.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3(x) O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6() O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro _____.

SL010: Pelos eventos que ocorrem frequentemente na Ilha, inclusive a própria feira de domingo, é a Ilha. Por que o parque o pessoal da cidade não frequenta, o calçadão é só o pessoal de classe média alta, o povão não vai lá, eles preferem outros caminhos eu acho que é a Ilha que por sinal foi obra minha.

Michela: Eu entrevistei o Sr Jarbas...

SL010: Ele foi cassado por causa disso, aqui nós tínhamos 102 ônibus da Baixada Fluminense, num domingo, e o pessoal chegava 4h da manhã fazia uma algazarra desgraçada, ainda roubava, e o pessoal queria colocar uma metralhadora ponto 50 lá na coisa para não deixar entrar, aí eu falei o que é isso? Temos que ser democráticos vamos receber só ricos aqui? Não, cidade turística tem receber todo mundo, mas tinha que dar uma solução para esses ônibus, onde coloca-los, mandei para estação, aí o povo da estação queria me matar, aí eu olhei a cidade de cima e vi a ilha. Chamei o pessoal do cadastro e disse descobre para mim de quem é essa Ilha, a Ilha? É do Ari Dutra, Ari Dutra é meu primo, chamei o Ari lá. O Ari tô interessado nisso só: olha eu vou fazer um presente para sua administração, vendo a ilha para você 30 milhões, só para ter ideia a ilha é 76m², 7 quarteirões e meio, tinha um terreno na esquina da prefeitura de 20 por 50 ou seja 1.000m², estava avaliado em 150 milhões (isso naqueles dinheiro de antigamente) ele me vendeu a ilha por 30, eu já tinha a dotação do orçamento de até 100 milhões pra comprar mas aí a câmara não deixou, aí vetaram a lei de compra da ilha e eu comprei assim mesmo. Aí depois quando apresentou minha contas né? O tribunal de contas do estado, falou: ele não podia comprar, porque não tinha autorização Legislativa, embora tivesse orçamentária, mas não tinha do legislativo, mas, como finalidade social a câmara pode aprovar mas aí vem a questão política, aí eu fiquei 8 anos com os direitos políticos cassados. E hoje está aí para cidade, foi um preço que eu paguei que valeu a pena. Mas fui burro, a câmara disse assim pode comprar sim, mas tem que pagar em 10 prestações sem juros, mas o cara já estava me dando, e a gente estava

vivendo uma inflação de 10% ao mês quase, uma inflação absurda eu devia ter sancionado a lei e dado o dinheiro para ele.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores:

E os turistas?

1(x) não conhecem e não valorizam.	1(x) não conhecem e não valorizam.
2() conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3() querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

SL010: aqui ninguém conhece nada, tem 30 anos que eu fui prefeito, a maior parte das pessoas não me conhecem não sabem que eu sou. Eu vou ao banco tem que mostrar documento, outros aí nem está lembrado também. As pessoas não sabem nem nome de rua né? O pessoal lá no hospital quando faz ficha do paciente eles escrevem Wenceslau Braz com uma palavra só, e ainda começa com V, eles não sabem nada, ninguém sabe nada da história de São Lourenço

E sobre os turistas?

Até a década de 50 que você tinha o turismo de saúde, as pessoas vinham passavam 21 dias aqui, então eles sabiam tudo, e contavam, e voltavam, e muitos viraram até nome de rua aqui. Nós temos aqui rua Oscarito, Rua Adelaide Vassalo, eles se interessavam em fazer poesia, e refletir em São Lourenço, hoje eu acho que não... Hoje eu acho que eles não tem tanto interesse não, tem um hotel aqui, o hotel Sul América, que tende a oferecer tudo que o turista dentro do hotel, até missa tinha lá dentro do hotel, então os caras vem para cá e não sabe que aqui tem Parque das Águas, hoje não tem interesse não. Hoje não tem interesse não. A não ser que seja historiador

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3(x) mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro _____.

SL010: não sei se é saudosismo meu, mas eu mudaria a cultura, a cultura comunitária,

Michela: seria o comportamento das pessoas?

José Celso: O comportamento das pessoas

Michela: isso da trabalho né?

SL010: E não é um caminho também não

Michela: a gente pode contribuir

SL010: Pode contribuir mas a economia que determina tudo, a cultura, a política inclusive...

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3(x) existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

Local da realização da entrevista: Mosteiro Budista Suddhavari

Data: 11 de setembro

Horário de início: 08:00 **Horário de término:**

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Paulo 25/08/1977 Idade: 41 anos

Endereço Residencial: Mosteiro Budista Suddhavari - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 1 ano

Cidade de nascimento dos pais: Paraíba / Minas Gerais

Qual seu estado civil? Solteiro

Tem filhos? Quantos? -

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Budista Theravada

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Sociedade Budista do Brasil

Qual seu grau de instrução? Ensino Superior Completo

Qual a sua profissão/ocupação? Monge

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Se o senhor se sentir a vontade, fale um pouquinho sobre a tradição do budismo, o que o senhor representa o budismo tailandês?

SL011: O budismo tem uma linhagem do budismo chamada budismo theravada, que é um budismo Ortodoxo, a proposta dele é tentar se manter o máximo possível, mesmo no que diz respeito ao estilo de vida, a ensinamentos, práticas, tentar se manter ao que era na época do Buda, então um pouco diferente do budismo Tibetano e do budismo japonês, que tem essa proposta de renovar, de mudar e de adaptar, adicionar novos elementos. O nosso trabalho não, a gente progride para trás, de tempos em tempos a coisa vai se desperdiçando, alguém pega e recolhe e volta para o zero. Quando dá uma renovação, a gente volta sempre para o original. Sempre tem um grande mestre que surge de tempos em tempos e sempre o trabalho dele é voltado para o original, então nossa tradição é um pouco peculiar. Então essa tradição ela é mais presente no Srilanka, na Tailândia, no Laos, Camboja e Vietnã. São os países onde ela é mais predominante. Então eu fui me ordenar na Tailândia há 13/14 anos.

Michela: O Senhor é de onde?

SL011: São Paulo

Michela: E começou aqui

SL011: Eu comecei a praticar o budismo aqui no Brasil, em São Paulo. Tinha um grupo de meditadores laicos, que está lá até hoje. Aí estava na faculdade, fui viajar, pensar o que fazer da vida, passei um tempo em um Mosteiro e resolvi ficar lá...

Michela: da Tailândia veio para São Lourenço

SL011: Da Tailândia vim ano passado para o Rio de Janeiro, lá no Rio de Janeiro tinha um templo budista muito antigo, há mais de 40 anos que ele estava lá, chamada Sociedade Budista do Brasil, ainda existe. A Entidade continua existindo, que é dona deste terreno aqui agora. Mas lá em Santa Teresa uma casa bem bonita com muita área verde, com macacos, pássaros, tucanos, mas a situação lá ficou cada vez pior, muita violência, muita favela em volta. Então toda noite tinha tiroteios, tiroteios longos, uma hora de tiroteio sem parar, muita gente sendo assaltadas nas ruas, tomando tiro nas ruas. Então no final das contas viu-se que não era viável mais ficar ali. Estava pronto para ir embora para Tailândia, não deu certo, vou embora, tchau. Mas calhou que o Silvio, que mora aqui, então ele que deu a dica que tinha um terreno e tal para venda razoável, o pessoal achou que ia dar, se juntasse várias pessoas seria o suficiente para comprar, juntou e acabou acontecendo, deu certo.

Michela: Porque essa região?

SL011: Por que o Silvio deu a dica. Ele tinha um grupo de meditação em São Lourenço e ele me convidou pra vir ensinar uma vez e então a gente se conheceu dessa forma. Aí quando ele soube que o pessoal do Rio de Janeiro estava procurando um lugar para comprar ele deu a dica para cá. Tinham outras opções, mas a razão pela qual nós escolhemos São Lourenço em detrimento das outras opções, primeiro que o terreno é muito bom, toda a posição da montanha, um vale em forma de U que está bem isolado, protegido de barulho. Segundo o preço não estava muito caro, como é um absurdo para comprar um terreno perto de São Paulo e do Rio de Janeiro, é três, quatro vezes mais caro e terceiro, a facilidade de acesso, apesar de estar longe dos centros, não é complicado de se chegar aqui, é longe, mas não é complicado. Você pega um ônibus em São Paulo e chega em São Lourenço, você pega um no Rio e chega em São Lourenço. Então pra quem não tem carro, era importante que quem não tinha carro também conseguisse chegar, se a gente comprasse por exemplo em Visconde de Mauá, não me lembro o nome, uma cidade próxima de São Paulo, mas era conveniente apenas para quem tem carro, quem não tivesse carro teria que pegar três ônibus para chegar, aí eu não queria isso, porque quando você começa a limitar o público, só quem tem dinheiro consegue chegar, os jovens não conseguem vir e então eu achei não ia dá fazer isso. Apesar de estar mais longe tem a facilidade de acesso.

Michela: e tem quanto tempo que vocês estão aqui?

SL011: eu estou aqui faz um ano.

Michela: E aí começou a construção?

SL011: a construção começou há uns oito meses.

Michela: e o senhor vê repercussão nos moradores?

SL011: tem, aqui em São Lourenço pessoal é muito bonzinho e legal, acho que também por ser uma região de tantas tradições religiosas, não só aqui em São Lourenço, no sul de Minas, então eles já estão acostumados, não tem nada de diferente. A maioria é católica ou é igreja evangélica, mas não são agressivos, não são preconceituosos, são amigáveis, fiquei até um pouco decepcionado, porque achei que alguém me xingar na rua, porque vim preparado para isto: voltar para o Brasil, em uma época que tinha muitas notícias de intolerância religiosa, principalmente as religiões africanas, o Brasil não está mais como era antigamente, quando eu morava aqui... o Brasil mudou, mas vamos lá ver o que acontece... Muito educado, todo mundo fala bom dia.

Michela: e o senhor conhece um pouco sobre a história de São Lourenço?

SL011: Ah muito superficialmente, não muito, não tenho conhecimento profundo.

Michela: o que o senhor sabe sobre a região?

SL011: Ah eu sei local de passeio da família real há muito tempo, entre Caxambu e São Lourenço, mais ou menos isso. Tinha muita produção de café, a rodovia era mais para escoar o café, agora é mais pecuária.

Michela: o senhor chega a frequentar ou fazer atividade na cidade ou no parque?

SL011: no começo, antes de ter a infraestrutura aqui, estávamos fazendo atividades lá no parque- e no grupo de meditação do Sílvio, que ficava lá na cidade. Mas aí começou a ter dificuldade com parque, até porque para entrar no parque as pessoas tem que pagar, e isso é uma coisa que na minha concepção é muito feia, você ter que pagar para praticar os ensinamentos, isto é muito desconfortável, você ter que pagar para meditar, aí paramos. E aí o Silvio também saiu da cidade, deixou lá e veio para cá, então não dava mais para fazer grupo de meditação e aí ficamos por aqui mesmo.

Michela: e sobre as práticas da sua tradição?

SL011: São três focos de prática, a parte mais envolvida é o aspecto comportamental, disciplinar das pessoas, disciplinar suas ações, seu o modo de falar, o que você diz e faz... está na moralidade, disciplina. Isso tem uma boa base, desse que tem um efeito na mente, quando você limpa seu modo de pensar, de agir, quando você aparece mais atenção e como você fala como você expressa, como você se comunica com os outros, e isso gera um efeito na mente né, um efeito salutar, e quando você tem uma mente um pouco mais saudável, você

consegue lidar com ela, mas só começa a trabalhar com ela, então aí entra a parte de aprender a pacificar a mente, entra a parte de meditação específica. Tem um aspecto da meditação que é aprender a harmonizar a mente, pacificá-la e tem também a questão de pra você conseguir fazer isso, você pode compreender a mente, entender a si mesmo né. Então são três aspectos, a parte da moralidade, aspecto de pacificação da mente, aspecto da sabedoria, que é você conhecer melhor a si mesmo. Então são três coisas que a gente tem.

Michela: e isso é trabalhado com todas as pessoas que vem aqui ou depende?

SL011: não, a gente não é uma tradição assim muito mística. Não tem essa história de fazer ritual de iniciação, não tem nenhum ritual que você faça. Como faz para ser budista? Quando você decidir que você é budista você é, não tem um ritual que você faz e a partir de agora você é budista, é uma coisa é você, você tem que decidir se você é budista ou não.

Michela: Mas tem que seguir as orientações?

SL011: tudo depende de você. O Buda quando ele era vivo ele não tinha, ele dizia que era o professor de mão aberta. Eu sou um professor de mão aberta, quem quiser ouvir ouve, quem quiser praticar, pratica, jamais exigiu assim sabe... agora você é budista, não pode mais fazer isso...Ele ensinava o correto é fazer assim, se você fizer isso vai acontecer aquilo, se fizer aquilo vai acontecer isso, o que vai acontecer ele ensinava. E você tem que entender o propósito e fazer, mas nada amarrado com rituais, com votos, a não ser os monges. Aí quando você vai ser um Monge, aí você faz um monte de votos, mas com relação ao público em geral, não proibia as pessoas de ir a outras religiões, algumas vezes você o via encorajando pessoas. Tem um caso de uma pessoa, um discípulo muito próximo de um grupo religioso, dava suporte financeiro e de repente se interessou mais pelo budismo, ele disse não pare de ajudar aquele grupo, eles contam com você, depende de você, se você quiser pode praticar aqui, mas continue ajudando aqui. Então tinha uma questão de ir né, você é parte do meu grupo então eu vou te ensinar, você não eu não vou te ensinar. Se é do seu interesse, nós vamos te ensinar. Agora depende de como a sua prática vai progredindo né, aí sim você vai se adaptando aos ensinamentos, mas só que de forma individual né? Mas não tem um caminho secreto, é aberto, mas você como professor vai aplicando, vai direcionando as pessoas de acordo com o nível que elas estão.

Michela: e os caminhos são pessoais, cada um faz as coisas de acordo com sua caminhada?

SL011: sim a gente dá uma estrutura geral, mas ali dentro tem bastante espaço para movimentação. Cada pessoa tem uma característica diferente, mas tem uma estrutura geral ampla e aí dentro daqueles limites cada um se encontra.

Michela: é eu sei, encontrei com uma amiga minha que estava indo meditar, então aqui tem as práticas de meditação, de palestras?

SL011: Aqui vai ser o seguinte, todo esse ciclo aqui subindo lá naquela pedra, descendo naquela cerca. Então o mosteiro vai servir pra três coisas. Vai servir para monges morar e praticar, vai servir para pessoas leigas, para pessoas laicas que queiram passar um tempo no Mosteiro, em um retiro vivendo com os monges né? ficar uma semana, 5 dias, até tem um casal hospedado e tem as pessoas que simplesmente vem para ouvir os ensinamentos, pratica meditação durante uma hora, ouve um ensinamento e vai embora. Então tem o público externo, que se hospeda no mosteiro e pratica de forma mais intensiva em períodos cursos e tem os monges que vão morar no mosteiro. Então toda essa parte que estamos aqui, futuramente vai fechar ela e vai virar área para o retiro. Agora já abriu os dormitórios, então a gente já consegue receber pessoas que queiram vir fazer retiro pessoal, e sábado às 8:00 tem meditação aqui em cima e domingo às 16 horas. Sábado um pessoal mais experiente, a meditação é um pouco mais longa, uma hora de meditação, uma palestra mais curta e domingo a meditação é mais curta, o pessoal é mais novato, meia hora de meditação, uma palestra mais longa com perguntas e respostas.

Michela: e tem uma técnica específica de meditação que é passada?

SL011: tem várias, mas tem uma técnica básica né, que a gente usa a respiração como foco

Michela: e nesse mundo ocidental, muito cheio do capitalismo, consumismo, o budismo diz que o sofrimento vem desse desejo desenfreado para tudo na vida comente um pouquinho isso, esse pensamento está correto?

SL011: sim, na verdade um pouco mais profundo do que isso. O sofrimento é causado por ignorância né, a raiz é a ignorância, mas a ignorância se manifesta de várias formas, o desejo, a raiva também, são estados mentais que agredem a mente né e é bastante dolorosa. Então o mecanismo onde tudo isso se expressa é o ego, então quanto mais grosseiro, quanto mais pesado for o ego né, então mas a pessoa vai manifestar desejos fortes. Quanto mais desejo forte, mais frustração, quanto mais você deseja, mais difícil é de satisfazer aquele desejo. Então invariavelmente você não consegue fazer tudo que você quer e mesmo que satisfaça um, a pessoas pensa que seu desejo acaba quando você satisfaz, mas na verdade não satisfaz, você apenas reforçou o hábito da ganância. Então o budismo ensina apaziguar isso, não é o caso de não ter nenhum desejo algum, na medida que você existe como indivíduo, você sempre vai ter alguma forma de desejar, porque corpo requer manutenção, você tem desejo de beber água, desejar dormir, isso é normal. Mas se você conseguir apaziguar boa parte desse processo, da raiva, não precisa ficar perfeito mas se melhorar bastante, você consegue concentrar a mente, você consegue começar a fazer contato mais profundamente com a mente, e aí você consegue investigar qual é a raiz dessa ignorância. Essa realização levaria a iluminação, ao Nirvana. Apesar de ter o ensinamento sobre as desvantagens dos desejos, das aversões, mas uma coisa que as pessoas confundem um pouco é que o budismo não ensina você a não ter desejos, você precisa diminuir bastante esse desejo, e aí conseguir um bom nível de saúde mental. E aí você usa a investigação, usa para você investigar e conhecer entender por dentro o problema, tá muito profundamente e para acessar essa camada mais profunda você precisa pacificar bastante, diminuir um pouco o barulho, aprender a disciplinar a mente.

Michela: existem vários mosteiros da sua tradição no Brasil?

SL011: Não, só um. Eu sou o único monge nessa tradição aqui.

Michela: Serio?

SL011: Mas tem outros brasileiros na Ásia atualmente, deve ter uns 5 ou 6. Aqui no Brasil um só, a próxima obra que vai ter aqui, vai ser construir mais cabanas que aí eventualmente um deles pode querer voltar para o Brasil também.

Michela: Isso é apenas o primeiro, aos olhos de Deus tudo é importante, mas é o primeiro tem um repercussão maior...

SL011: se uma pessoa já fez fica mais fácil, o primeiro é mais difícil, se alguém já foi, fica mais fácil

Michela: bom, o senhor já comentou um pouquinho, principalmente para as práticas espirituais, para aqueles que estão começando, a localização é importante, para quem já tem um controle maior pode ir no centro São Paulo que você consegue manter uma certa sanidade, mas então essa localização para as práticas e com relação a disponibilidade financeira foi ideal para conseguir atender as necessidades da pratica...

SL011: sim

Michela: A intenção da formação desse mosteiro, desse polo, é mais trazer pessoas do que fazer uma divulgação nas cidades próximas?

SL011: sim, o que a gente queria oferecer as pessoas é um local de prática, mais do que divulgar ensinamento, a gente já tem bastante gente divulgando, essa parte não tá em falta. Essa parte já foi comprida, alguém já está fazendo esse trabalho, acho que já está sendo feito muito bem. Já tem bastante site na internet com informação boa, de boa qualidade, muita diversificação de informação, tem bastante fontes de informação, pessoas que queiram ensinar... é uma critica que eu tenho, infelizmente tem muita gente querendo ensinar, mas infelizmente o que acontece é que as pessoas que conhecem o assunto não tem tanta gana de querer divulgar, porque é o seguinte, quando a pessoa tem apego por vaidade, o papel de professor é muito interessante para ela. Você sente vaidade mesmo, ah olha como eu sou

inteligente, sei ensinar... as pessoas muitas vezes mentem para si mesmo e acha que o que é compaixão, é na verdade vaidade, então tem muita gente querendo ensinar, mas gente boa não tem muita, e ciente desse perigo da vaidade, os praticantes que tão pouco mais avançados tem muito pudor em ensinar, muito receio, porque é uma responsabilidade, tem muito respeito pelo dharma, então não é uma coisa que eles fazem assim de maneira atoa, é algo importante, não quero distorcer o pensamento do Buda eu não sou um grande mestre não, quem sou eu para querer dizer essas pessoas o que fazer ou não. E, além disso, o mais importante é que a gente tem muita ciência desse perigo que é a vaidade, você começar a pegar muitos discípulos e perder a noção de si mesmo. Então tem muita gente querendo ensinar mas pouca gente tem que praticar, pessoas querem ensinar, mas não querem fazer né? então eu também não estou preocupado né? Porque eu acho que tem bastante gente querendo dá sermão, querendo fazer atividade, querendo fazer workshops, isso não está faltando, o que está faltando é gente querendo fazer isso aqui. Principalmente no Brasil, aqui não tem local de prática, pessoas que realmente tem fé, que querem praticar e não somente falar.

Michela: o senhor aqui já tem discípulo?

SL011: não, eu sou um desses caras, eu tenho muito receio. Estou aos pouquinhos colocando o pé na água, durante a semana tem duas palestras, agora abriu os dormitórios vai vir pessoas para ficar então, eu converso com elas também, estou aos pouquinhos assim...

Michela: Você tem contato com seus mestres?

SL011: sim, com certeza. Ano passado já veio, esse ano meu professor veio. Ano passado, antes de comprar aqui, eu chamei um dos meus mestres, porque eu tenho dois na Tailândia, entendeu então chamei um deles aqui para olhar e decidir se era uma boa ideia ou não, e se ele queria que eu ficasse aqui ou não né? Eu tenho total devoção a ele, o que ele disser eu faço, então se ele mandou ficar eu fico, se ele mandar embora eu vou... sinceramente, eu estava torcendo para ele me mandar embora, mandar um monge mais experiente, então acabei ficando por aqui, mas daqui a pouco vem outro, ano que vem, em fevereiro vem mais um, mas eu não conheço ele, é um monge bastante respeitado, deve ministrar um retiro aqui, então quando ficar pronto o templo lá embaixo eu vou de novo chamar meus mestres para fazer parte da cerimônia de inauguração, fazer algo, uma espécie de festividade.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2(x) a natureza.
- 3(x) a localização.
- 4(x) a espiritualidade.
- 5(x) o turismo.
- 6()outro_____.

SL011: é uma mistura, uma conjunção de fatores, a localidade é interessante, porque está entre BH, São Paulo e Rio de Janeiro, é uma posição central e é relativamente fácil chegar aqui, não é que é perto, mas é descomplicado chegar aqui, você pode chegar de ônibus, de automóvel, não é muito complicado as estradas são relativamente boa das estradas né? Falta um aeroporto aqui, mas como não tem está bom. A natureza é muito bonita, o clima é muito agradável, não é quente, nem frio. O fato de não ter muito agricultura ser mais focado em pecuária tem muitos pássaros, a fauna de pássaros é absurda, quando tem muita agricultura a fauna de pássaros acaba morrendo. As pessoas são muito tranquilas, cabeça aberta, não tem muita violência, não são fanáticas religiosas, são receptivas e muito amigáveis. Isso eu já sabia, minha memória do Brasil era essa, quando eu pensava que um dia teria que voltar para o Brasil eu falava ah, não vai ser difícil. Mas eu não sei, com esses últimos anos estava diferente, meio estranho, será que aquele Brasil que eu conheci já não é mais... talvez já não seja. As cidades grandes estão muito esquisitas, mas aqui lembra a infância, não foi surpresa. A surpresa foi que isso ainda existe. O turismo de certa forma é benéfico porque a cidade fica

bastante conveniente, tem restaurante, supermercado, tem loja, tem médico, tem tudo. Para nós a gente não é turista, mas o fato de ter o turismo cria uma infraestrutura... então é uma junção de fatores. De você juntar aí você vê uma grande vantagem.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3() apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4(x) uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

SL011: A percepção geral é que não se tem muita reclamação da cidade não, eu nunca vi ninguém reclamar.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL011: Acho que sim, é bastante harmoniosa, a minha percepção é que aqui ninguém tem muita briga com ninguém, são bastante amigáveis, são tolerantes.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3() uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4(x) uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

SL011: depende do turista que vier, me parece que São Lourenço é um tipo bem específico de turista que vem, me dá impressão que é um turismo de pessoas que já tem família, pessoas já de meia idade para cima, é um interesse específico, mais em compras, em restaurantes, comidas típicas, passeios amenos, não tem nada muito radical. Porque a natureza é bonita, mas não chega a ser tão exuberante que vale fazer uma viagem só para ver o campo. Aqui perto tem um lugar que chama Aiuruoca, dizem que é lindo você vai lá só para ver o local, o local vale a viagem, aqui não chega a ser isso. Mas ainda sim é um contato com a natureza, para esse tipo de turismo parece que está ótimo e as pessoas gostam muito de vir para cá. Tanto é que a cidade está lotada. Esse casal que chegou na rodoviária não tinha onde ficar, não achou vaga e por isso veio pra cá. Então esse tipo público está muito bom, agora se vier jovens que quer festa, quer bar eu não sei se tem, nunca fui à noite em São Lourenço, mas imagino que não tenha danceteria essas coisas, esporte radicais não tem.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL011: Eu acho, nunca vi ninguém reclamar de turistas: “Esses turistas estão bagunçando tudo,” talvez o único problema da cidade seja a questão da travessia de pedestre, uma coisa que parece que não é importante, mas assusta e ainda vai ter um acidente sério ali, o turista não está acostumado a parar para você passar, ele imagina que você vai parar. Mas ele nunca sabe... então sempre fica naquele embate, passa ou não passa...

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3(x) O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6() O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro_____.

SL011: o ponto mais central da cidade seria o parque, mas para os moradores, para maioria deles não é ponto, porque eles não usam, já que tem que pagar para entrar. Nesse sentido eu imaginaria que a ilha fosse mais importante, porque lá tem feira, onde eles vão e extraem um benefício direto seria mais a ilha do que o parque, mas o parque para a cidade é

importante. Mas para os moradores eu acho que são poucos os que frequentam o parque. Talvez a ilha ou então uma outra sugestão seria o centro da cidade, todo o comércio ali...

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores:

E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1(x) não conhecem e não valorizam.
2() conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3() querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

SL011: Eu acho que conhecem, mas, não valorizam, tem muitas lendas e histórias, mas não há uma preocupação em preservar. Fica só na memória, como conto, eu vejo que as pessoas conhecem a história desse local, eles lembram, falam como eram aqui antes, quem era o dono do local, como era, a pessoa mais importante, ele morreu aí o filho tomou, mas foi para o lado errado... Eles tem essa memória mas não tem a preocupação de preservar.

Michela: passar para frente?

SL011: Não sei, por exemplo, os prédios antigos não tem nenhum...

Michela: sobre a história de São Lourenço a visão dos turistas?

SL011: Eu acho que eles não conhecem e não valorizam, mas se a cidade se apresentasse como um centro histórico eles iam gostar muito, seria uma grande adição ao potencial turístico da cidade. Além de tudo que eu já tenho aqui eu vou me mostrar como um centro histórico, reformar um casarão, mostrar não só a história dos imigrantes europeus, mas das tribos indígenas também, que existiram aqui. Aqui era plantação de café, parece que Carmo de Minas é os últimos locais onde ainda é havia a escravidão, mostrar essa história também. Tem uma história rica aqui. Eu acho que valeria a pena

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro __ área de lazer _____

SL011: Eu teria uma área verde de lazer ampla e aberta, eu até achei um valor no parque das águas, ele ser fechado até tem suas vantagens, evita algumas coisas, mas é vital que as pessoas tivessem uma área de lazer pública, para as pessoas poderem sentar, as crianças poderem brincar, essas coisas... eu acho que mudaria isso. Se não vai abrir o parque então tem que criar outra coisa, uma outra opção.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1(x) não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3() existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

SL011: não conheço, nunca ouvi falar em uma iniciativa. Deve ter mas nunca notei alguma iniciativa.

Local da realização da entrevista: Galeria de Arte

Data: 11 de setembro

Horário de início: 10:30 **Horário de término:**

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: Varginha Idade: 47 anos

Endereço Residencial: Avenida Getúlio Vargas, 350 São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 30 anos

Cidade de nascimento dos pais: Varginha / Brasília

Qual seu estado civil?

Tem filhos? Quantos?

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual?

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual?

Qual seu grau de instrução?

Qual a sua profissão/ocupação?

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Você pode me falar sobre a sua história aqui em São Lourenço?

SL012: Eu sou de Varginha, e me casei aos 18 anos e vim morar aqui em São Lourenço, tenho filho aqui, fui presidente da APAE durante 10 anos, e tenho me dedicado a arte e a cidade, já fui secretário de turismo do município...

Michela: quando foi isso?

Alexandre: agora, faz um ano que eu sai e eu interesse bastante, pelo fato da cidade, do lado cultural do município, vejo que nós não temos identidade, na verdade, se temos nunca buscamos a nossa identidade né? E quando fui secretário de turismo eu propus esse resgate ainda continuo propondo algumas coisas.

Michela: Se você pudesse contar de uma forma simplificada sobre a história da cidade de São Lourenço como você contaria?

SL012: Aqui era terra de índios Cataguases, depois foi descoberta as águas minerais, com as águas minerais, até por volta de 1910/1920 as pessoas vinham para beber água mineral aqui, em São Lourenço porque não era envasada, então São Lourenço teve a primeira fábrica a envasar água mineral no Brasil, aí começou a envasar depois a água mineral foi vendida para um senhor do Rio de Janeiro, que chamava Francisco Souza Costa, que era o importador e exportador daquela época, um homem muito muito bem de vida. Ele então comprou a empresa de águas, mas veio para cá viu Parque das Águas, mas logo em 1925 sua esposa foi fazer um tratamento em Comboleban, na França então lá ele chegou e comprou a casa Narda0 que era do Edmond Rostand, autor de Cyrano de Bergerac. Essa casa tinha 40 quartos e ele fez um parque na frente da casa, de jardim de quase um quilômetro, jardim maravilhoso e lá se envolvendo com as pessoas, e sua esposa através dos tratamentos de água se recuperando ele resolveu então, e era pós primeira guerra mundial, em um período ainda turbulento né? Da revolução espanhola, e já se aproximando a segunda guerra mundial, já em período turbulento. Ele era um brasileiro e muito rico, e foi um dos mecenas, que ajudou a construir o Parque das Águas de Comboleban, esse Parque ele foi um parque art nouveau. E logo em seguida em 1929 ele resolve voltar para o Brasil, e vir morar em São Lourenço aonde é a casa branca, ali no Parque das Águas, ou por algum tempo ficar em São Lourenço. E ele resolve então fazer um parque das águas francês em São Lourenço. E convida (???) que era um arquiteto que tinha ganhado em 1925 o prêmio de artes decorativas na França. E ele veio para o Brasil em 29, quase 30 acompanhando o Francisco. Aí começaram o projeto, até hoje várias minas tem o encanamento daquela época e funciona até hoje. Ai veio os engenheiros, os engenheiros químicos todos eles franceses. E aquele lago não existia, é um lago artificial,

e ele resolveu construir o Parque das Águas no estilo Art déco e foi uma joia, é uma jóia nacional do Art Déco, só agora a gente começa a valorizar o Art Déco. Ele construindo o Parque das Águas, ele terminou o Parque das Águas e foi morar em São Paulo, teve escritório em São Paulo. Talvez ele tenha sido Oscar Niemeyer da época, porque ele foi convidado para fazer o Jockey Club de São Paulo, ele fez o Jockey Club de São Paulo. E as duas primeiras esculturas de Victor Brecheret que são públicas foram as do Jockey Club que ele conheceu Brecheret, encomendou Brecheret. Em termos de escultura nossa maior representação no Art Déco, e ele então colocou as duas esculturas lado Brecheret, e depois ele foi para o Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro ele construiu o edifício Biarritz que é o marco do Art Déco, e várias outras obras, a igreja, e várias outras obras, e depois retorna para França. Então São Lourenço tem o maior parque francês da América Latina, porque o parque foi idealizado dentro da arquitetura, dos gostos do estilo francês...

Michela: E ele ainda se mantém?

SL012: Se mantém sim. A característica do Parque ainda se mantém o Art Déco. E aí influenciado por ele o proprietário na época do hotel Brasil resolve construir um grande Hotel Casino tal, e o Grande Hotel ali Brasil. Ele contrata Raul Penna Firme, o Raul Penna firme foi quem ganhou o primeiro concurso do exército para construir a Nova Capital brasileira que se chamaria Vera Cruz, e se a gente pegar o projeto dele que tem na internet (você olhar Raul Penna Firme, Vera Cruz) você vai achar o projeto da Vera Cruz e colocar o do Lúcio Costa sobre ele você vai ver que tem uma influência tremenda né? O dele não foi concretizado... E aí ele então fez depois desse... ele veio para fazer o hotel Brasil, construiu o hotel Brasil, que é o marco do Art Déco também, se você entrar lá dentro você vai ver que todas as cadeiras, são do (???) o piso é um piso hidráulico, todos as persianas são todas em cristal bacará lapidado a mão, bisotado a mão, então tem um painel aqui Art Noveu, maravilhoso lá no hotel Brasil. E por acaso eles foram preservando isso, e foram deixando, e agora ele necessita não de uma reforma, mas de uma restauração né? Para que ele continue sendo identificado como uma obra Art Déco. E o Raul Penna firme depois ele fez a Aman, uma entrada é do Raul Penna firme, e teve várias outras obras foi diretor da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte e foi um grande arquiteto... e aí fez-se um planejamento da cidade, influenciado pelo Saju, nós não temos ruas temos Boulevard, se você observar Itajubá, Carmo de Minas, Varginha, a própria Caxambu, são ruas estreitinhas, do início do século. Varginha hoje é um problema serio de transito por causa das ruelas. E São Lourenço não, se você observar todo centro de São Lourenço as ruas são de mais de 8 m de largura, que já foram pensadas para ser um Boulevard, de ser uma cidade afrancesada. E com isso, descobrindo isso a gente começou a observar, se você observar ele já foi descaracterizado, mas o hotel Negreiros ele é Art Déco, é bem por aí depois vieram e colocaram um telhadinho colonial mineiro, então virou negócio, assim ao gosto do dono né? E o Hotel Metrópole foi descaracterizado agora, até então ele era primor do Art Déco, não foi tão descaracterizado, mas foi, a fachada ainda se mantém ali dentro do Art Déco, a esquina do calçadão ela era totalmente Art Déco. A maioria dos hotéis que existiam na Comendador Costa, ou eles eram no estilo Art Déco, ou naquele estilo alemão de madeiras cruzadas. A cidade toda foi feita dentro, se você começar a observar as fotos antigas, era uma cidade inteira dentro Art Déco, até 1950 ela era toda Art Déco, aí eu acho que é uma ideia de como ela foi feita, baseada em projetos franceses. Inclusive a cidade, que os boulevards era o que se usava na França já naquela época né? É a cidade que é uma (?) que seriam cidade-irmã de São Lourenço é (?) deveria ser pelo menos a gente estava pensando que fosse pela devoção lá também é a São Lourenço, a matriz de São Lourenço de lá. Então tem muito, tem uma característica francesa muito forte, na nossa cidade do início do século 20 pra cá. Baseado nisso a gente buscou com identidade turística da cidade mais francesa do Brasil, porque ainda o é. Eu tive com o Embaixador, tive com consul da França no Rio de Janeiro, que é o (?) tive com consul em Belo Horizonte, que é o Manuel Bernardes e pergunto a eles: Qual é a cidade mais francesa no Brasil? A mais Alemã é Blumenau, a mais Suíça é Gramado a mais Filandesa é Penedo. E qual é a mais francesa no Brasil? Todos

eles falaram de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro é cosmopolita não é francesa, não, ela tem muita obra realmente remete (?), mas não é francesa. E aí e eu fiz esse comentário com eles, que aqui foi feito tudo... e que toda economia do município se deu ao redor do Parque das Águas, não existe outra, até hoje não existe outro grande atrativo turístico da cidade, senão o Parque das Águas, Como a cidade é o segundo maior parque hoteleiro de Minas Gerais, ela vive do Turismo. Então toda economia dela se deu ao redor das águas, e do projeto desse francês e a gente observando é um parque absolutamente leve né? Maravilhoso... O de Caxambu é um Parque muito bonito também, mas ele tem elementos do império, elementos art nouveau, elementos Art Déco, então ele é um eclético. Mas este aqui não que é puro Art Déco, e é isso a história da cidade, é essa eu acho, eu ainda continua achando que a nossa identidade tá ligada a esse francês (?). Porque as pessoas acreditam que a gente vive sem arte, o inculto acredita nisso, mas para se vender um produto o primeiro fator é o design, e design arte, para se vender se criar algo belo o primeiro fator é arte né? A criação está ligada a arte, então a arte no nosso país ela precisa ser explorada não mais como diversão, ludicidade ou terapia, mas como produto. A arte no mercado de artes plásticas nós já temos uma visibilidade muito maior no início do Século 21 para cá do que tínhamos em todo século 20 no exterior. Então eu acredito que a partir do momento que as pessoas começaram a observar que temos uma riqueza artística aqui né? É um país que deixa queimar museu...

Michela: Casa de Cultura aqui também que queimou né?

SL012: Acabou né? Foi destruída é lamentável né? Enquanto na Europa você vai no Louvre, o Louvre hoje conta com 32 bombeiros fixos, um sistema Extraordinário de combate a incêndio. Eu tive agora em Minho e com uma brasileira, uma franco-brasileira, que ganhou o projeto arquitetônico, ela fez o museu da Romanidade, eu nunca vi um museu ser tão moderno, tão fantástico, extraordinário, cheio de dinâmica, de vídeo, de tudo acontecendo para mostrar antiguidade. O que é isso? É fazer com que você se identifique com os seus antepassados, com a sua história e saiba vender a sua história. Aqui em São Lourenço, quando fui secretário de turismo, discutimos: qual é a qual é a cor oficial da cidade, eu lembro de uma outra secretária falou eu gosto do verde não importa se você gosta verde, não mas a cidade é verde, a cidade é ambientalmente correto, não importa isso as cores oficiais de uma cidade são as cores de sua bandeira. As cores oficiais do Brasil é verde, amarelo, azul e branco, as cores oficiais da França azul, branco e vermelho, as cores oficiais de São Lourenço são azul, branco e vermelho a nossa bandeira, é exatamente a bandeira da França com brasão no meio. Então a gente precisa, na minha concepção desse resgate cultural. Eu tenho ajudado agora alguns vereadores a fazer uma lei relativa isso, que todos os eventos tenham que se utilizar as bandeiras da cidade, tem que ter uma identidade da cidade, as cores da cidade, nos folders, para que começa a criar essa identidade com nosso município.

Michela: Percebo que é muito importante essa sua explanação, foi muito enriquecedora para mim, é essa riqueza da influência francesa é marcante, mas também houve outras, que eu acho que apesar de ter um... a gente tem que também valorizar essas outras influências não é mesmo?

SL012: olha só se você falar eu queria ir em Minas Gerais, onde você encontra Minas Gerais? Isso uma opinião pessoal, em Ouro Preto, Tiradentes você vai encontrar o nascimento de Minas Gerais. No Curral Del Rey, em Belo Horizonte, você vai se encontrar com Minas Gerais. Quando você fala assim qual a identidade do Sul de Minas? A identidade é cafeeira, a identidade dos Barões, que tiveram aqui na época. Talvez você não tem muito onde buscar uma identidade arquitetônica própria, porque era meio, na minha concepção, quem não tem sou eu para dizer, mas na minha concepção, também perdido, um fazia uma fazenda num estilo, outro no outro, outro outro, embora o Barroco vinha e é bem forte inclusive aqui na região. Mas aqui essa identidade francesa e ela gerou economia do município. O município se fez a partir da vinda desses dois homens para cá.

Michela: a partir da água né?

SL012: da água

Michela: os aquáticos...

SL012: e esses dois homens foram marcantes na cidade. Qual é a maior obra da cidade? É o parque, e isso já vai para 100 anos daqui a pouco e continua sendo a obra mais expressiva. E amanhã mesmo vou encontrar um novo dono do Parque, estou indo encontrar ele lá em Fortaleza, e quero falar com ele o que é São Lourenço. Porque São Lourenço foi a primeira envasar água no Brasil. Então não tem importância? Eu acredito que tem outros fatores culturais que venham surgindo, mas culturais e históricos. Tem dos índios Cataguases, aí tem muita coisa né? Tem que ter uma linha para explorar.

Michela: Inclusive o parque está em processo de tombamento...

SL012: Sim

Michela: Precisa ter órgãos reguladores para proteção...

SL012: se não a gente perde a história...

Michela: Perde...

SL012: Perdendo a história, perde a identidade.

Michela: Dentro dessa sua visão e dessa sua experiência inclusive como Secretário de Cultura, São Lourenço atrai muitas pessoas, é um atrativo, e seja em que instância for recebe, seja o turista, ou aquelas pessoas que vem, e acabam morando né? E essas coisas como você ver esse caráter eclético da cidade?

SL012: São Lourenço vendia muito sua imagem na década de 70, 80 e 90, ainda em 90 como uma cidade chique, uma cidade, o ir fazer banhos de água, e tomar água mineral, passear pelo parque era percebido como uma coisa sofisticada, com o passar dos anos isso foi se perdendo porque São Lourenço recebia muito público do Rio de Janeiro. Como o Rio de Janeiro é a capital cultural do Brasil eu propagava muito isso São Lourenço e isso foi se perdendo, perdemos. E hoje a gente tem um padrão turístico que tem um poder aquisitivo muito baixo, com isso a cidade também me parece que foi se diz... deixando de algumas coisas né? O comerciante como eu, ele vende para almoçar, compra de novo e tem que vender para jantar, então a cidade foi para... senhora ter uma ideia eu mesmo fazia leilões de arte no mês de julho, todos os finais de semana, eu não faço mais nenhum, porque eu não tenho mais um público que tenha poder aquisitivo para isso, e além do poder aquisitivo, o conhecimento cultural, para se comprar arte.

Michela: era mais para turistas?

SL012: Era só para turistas, era direcionado 100% para turistas. Isso acontece né? Um processo de aculturação, aculturação, sei qual seria a palavra exata, mas tem esse processo no nosso país como um todo, se a gente observar a nossa música hoje é uma música que se banalizou né? Se eu lhe perguntar qual o último grande poeta brasileiro? Qual o grande poeta da atualidade que você conhece? Vai remeter a Vinicius de Moraes e nós perdemos o charme daquele período... O homem quando ele se distancia da arte, ele se torna funcional e quando ele é funcional ele se torna um CPF e um número e compre a sua função, come, bebe, dorme e cumpre sua função. O processo de criação, o processo altruísta ele tá completamente ligado à arte, ele está completamente ligada a identidade de onde você vai. Então se São Lourenço não tem uma identidade, eu vou em São Lourenço o que é São Lourenço, São Lourenço tem balão, São Lourenço tem galeria de arte, São Lourenço tem Parque. O que essa cidade nos propõe? O que ela é efetivamente? Eu vou a Buenos Aires a cidade do Tango, é aquela cidade charme, é aquela cidade fantástica, que tem uma sensualidade incrível, que as pessoas vão buscar isso lá, aí tem a carne, tem as outras coisas. Mas quando você vai a Buenos Aires você mergulha num filme, num sonho, que indiscutivelmente tem o tango no meio. E quando você vai o carnaval do Rio de Janeiro, que vem gente do mundo inteiro, eles vão na maior ópera ao ar livre do mundo, eles vão para aquele sonho de ver aquela representação, aquela coisa fantástica, aquela miscigenação, aquela capacidade de manifestação artística. Quando você vem para São Lourenço vem fazer o quê aqui? Quando você vai para Blumenau você vai lembrar do Oktoberfest, você vai querer ver aquele povo loiro na rua, o que é e como funciona, quando você vai para Bahia você quer

ver a capoeira, você quer ver aquelas pessoas, os negros a beleza deles. E em São Lourenço o que é? Quando você vai para Gramado, você vai para o frio, você vai para Natal luz, Gramado vende natal o ano inteiro, para Gramado é a cidade do Natal Luz e as pessoas vão para lá, estão ao encontro com um pequeno, os dias com a Europa que é uma referência nossa. Eu volto a perguntar em São Lourenço, o que a pessoa veio fazer aqui veio beber água? Para beber água hoje, você bebe a mesma água, que você bebe aquele lá no Rio de Janeiro, em São Paulo, em qualquer outro lugar. Então por que vir a São Lourenço? Tá para descansar, ótimo, mas não seria muito melhor que você descansasse uma cidade charmosa? Que você já fosse para lá com percepção da cidade charmosa, numa cidade limpa onde as calçadas... é tão simples resolver o problema de São Lourenço, eu não lembro que eu paguei do meu bolso no carnaval para pintar as calçadas, a gente tinha acabado de ganhar política e eu resolvi pagar para pintar sarjetas, isso não é uma questão só de prefeitura, isso é uma questão de cidadania, se eu pinto a minha, meu vizinho pinta dele, o outro pinta dele, outro, e outra da mesma cor é fácil manter.

Michela: é mas precisa ter uma organização social...

SL012: uma organização social... quando você constrói uma casa a senhora está fazendo doutorado, tese de doutorado, deve ter passado isso mil vezes pela cabeça, mas vou repetir, constrói uma casa e deixa a casa no reboco aí a pessoa entra, e fala se eu vou morar, e vou terminar minha casa, aí ela compra carro, ela compra tv, ela arruma casa dela inteira, porque ela criou um lugar seguro, ela se habitou com aquilo, ela acostumou aquilo, aquilo ali virou o espaço dela, e não incomoda mais, ela e ela morre e a casa está sem reboco. Então o que tá acontecendo com São Lourenço que eu vejo hoje é que a cidade está ficando feia, e nós estamos acostumando com isso, não é o próprio município que joga papel no chão, porque que ele joga papel no chão? Porque o chão já tá sujo, ele joga... Quando a gente vai para o Egito, por exemplo, quando eu cheguei no Egito eu imaginei aquela coisa extraordinária, quando me deparei com aquela sujeira toda, o país inteiro é sujo, tudo é sujo... eu tive medo de pôr a mão nas coisas, mas porque? Como é sujo você já joga ali mesmo... E aí você vai para a Israel você, e tem o processo contrário, você não tem um papel no chão, a cidade toda limpa, com processo de cidadania, esse processo é educacional, se a gente tem baixa estima, tá tudo bom de qualquer jeito, com auto estima nós precisamos trabalhar, melhorar isso, embora não seja mais secretário de turismo, acho que não tem nem condição nunca mais de ser porque o meu trabalho, me toma muito muito tempo, mas eu estava na Europa fotografando uns lugares e sempre trazendo a ideia, gente São Lourenço podia ser assim, São Lourenço é uma joia que precisa de uma embalagem só, tá tudo pronto, limpar brilhar... Um código de postura do município que impeça que eu ponha uma fachada da minha loja, lá no meio da rua com cartaz, coisa horrorosa não dá. O que o Kasab fez em São Paulo aliviou São Paulo de proibir o tamanho das logomarcas, a restringir um terço do tamanho da fachada, isso foi maravilhoso, a principio todos reclamaram, hoje todos veem como um benefício que ele criou para São Paulo. Então eu fico vendo São Lourenço, assim que São Lourenço pode, é uma joia, mas que precisa ser bem embalada, limpinha...

Michela: Puxando um pouco aqui comentário que você fez, esse resgate da identidade que é realmente uma coisa que eu também estou me apaixonando cada vez mais por São Lourenço, como você veria? Como você veria políticas de restauros, resgates, de construções e estruturas, mas também tomando cuidado para não se fazer um falso histórico? Isso tem sido muito debatido o que é valorizar uma história? E resgatar, e contar e ter aquele valor? E o que é fetiche? E o que é fazer um falso histórico?

SL012: Interessante isso que você perguntou, porque quando você vai a Milão, você chega a Milão e todos os turistas vão lá à galeria Vittorio Emanuele girar em cima do touro, criou-se um mito com a palavra diz, você criou uma história onde o turista vai ali se diverte e acredita que girando em cima do touro ele recupera a virilidade, tudo bem isso é um mito. Quando você vai a própria Paris, Paris não se vende desde quando, desde Luís 14, por exemplo, a Paris que se vende é de Bele Époc para cá, o Louvre sim tem coisa antigas, renascimento

talvez, a Paris que se vende hoje, ela é da (?) para cá e ela cada vez mais depois do (?) você vê que ela vem vendendo também a sua modernização. Então ela vende a história do meio para cá, é muito difícil você vender a história inteira, porque você não tem um ponto de referência, a partir daquele momento que você tem um ponto, um momento de referência da história, que eu digo sobre arte Frans Chryslar, eu só vou voltar ao ponto da história, aí você tem um ponto eu acredito piamente que o ponto da história de São Lourenço para mim é o francês, mas que depois que você vende aquele ponto, aí você leva todos os outros pontos, por exemplo, eu fui o secretário de turismo que levantou todos os 42 pontos turísticos que poderia ter em São Lourenço, e cada um deles a história, por exemplo, a igreja de São Lourenço veio um artista italiano de nome Moretti, eu tenho tudo anotado, e ele só fez essa igreja e a Nossa Senhora da Saúde em São Paulo, e o (?) ele que é feito nela, não tem no Brasil é um estilo, muito estilo dela, ela foi para o estilo barroco, que ela seria art déco, que o (?) tinha plano, tinha feito a planta, mas o padre da época não quis fez ela barroca e trouxe esse artista e fez todo aquele (?) vai um artista agora, restaura e estraga grande parte do que restaurou, até com boa vontade, mas não é um restaurador, era um pintor. Eu participei do (?) durante muito tempo, sou amigo da Vânia lá de Belo Horizonte que era do IPHAN, eu me ligo muito nesse pessoal hoje, no Ângelo Osvaldo, nessa turma toda, que eu gosto muito disso, da Doutora Miriam, eu sou amigo todos eles, e eu acho que a coisa deveria ter sido feita de uma outra maneira, se perguntassem para mim, eu não quero ser arrogante, mas se perguntasse para mim, eu diria contrata um restaurador. Mas como tá bom assim mesmo então foi aí...

Michela: as limitações

SL012: mas existem muitos outros pontos da cidade, a Eubiose é um negócio muito interessante tem uma história interessante, a Igreja Matriz, o texto que nós temos sobre ela, a Paula tem lá na cultura, quem fez esse texto, inclusive está com a Dona Cida, você pode pedir para ela todos esses textos dos pontos turísticos, você vai ver que são bem interessantes, e nós criamos mitos. Nós temos Fontes, criamos um mito 3 fontes né? A Fonte da Saúde, Fonte da Juventude, a Fonte do Amor, isso são mitos que são importantes para o turista. Aquele triângulo representa na história celta o símbolo do masculino, aquele símbolo do masculino, ligado ao sol ao meio-dia...

Michela: nós somos simbólicos...

Alexandre: você rodando embaixo dele recupera a virilidade, mas quem disse isso? Uma pessoa fez disse que deu certo, aí a outra fez disse... isso é alegoria. Nós também criamos alegorias para o município. E precisa se que município venda, essas alegorias. queria porque as pessoas começam a vir para ir nas alegorias. Um excursão que eu fui a primeira vez a Milão, tinha gente que queria no touro lá, meu Deus do céu a pessoa vem a Milão só para ir no touro, mais é importantes e o mesmo que aconteceu em Milão, acontece Napoli. Porque também tem o touro na galeria Vittorio Emanuele. Então é essa alegoria importante, a história é importante, mas a identidade, que não se muda são: a real história, as cores do município, a bandeira do município, a identidade do munícipe com a sua própria Bandeira. Quando fui secretário de turismo eu enchi a cidade com quase 100 Bandeiras durante o desfile, eu consegui levantar auto-estima das pessoas, as pessoas falam que maravilha, nossa cidade tá linda, 100 Bandeiras, era só isso. Eu fui no evento no interior da França e cheguei nesse evento, era um evento de (?), tava lá na festa de São Luí, não é um megaevento francês mas, a cidade tinha mais de 400 Bandeiras espalhadas, quando eu como turista... o que tá acontecendo aqui? Quando eu fui para o evento eu fui como um negócio extremamente grandioso, porque no meu inconsciente aquilo era grandioso. Então eu acho que São Lourenço precisa recuperar a auto-estima para recuperar a grandiosidade.

Michela: Eu entendo e eu valorizo porque parte do meu mestrado e vai para essa linha também nós somos animais simbólicos e é isso que traz essa referência...

SL012: Frans Chryslar, todo mundo diz que ele é um artista ambientalista, eu fiz até um vídeo sobre isso, depois você pode olhar meus vídeos lá no site, eu não acho que ele era artista

ambientalista nada, ele até se dedicou ao meio ambiente, ambientalista é o Chico Mendes, ambientalista era a Dorothy, ambientalista foram pessoas que estão lá lutando por isso. O Chrysler ele vai ficar marcado por toda eternidade porque ele registrou o movimento ambientalista, ele não era o movimento ambientalista, ele só foi o único homem que conseguiu registro disso daqui. Eu tenho Chrysler na minha galeria de São Paulo daqui a 100 anos, você vai passar perto de um Chrysler por que esse toco de madeira? Isso era o momento de desmatamento no Brasil, isso era o momento de exploração mineral em Minas Gerais horrorosa, isso é esse era o momento. E esse artista com toda história de vida, vir da Polônia, do sofrimento dele, se fazer no Brasil, de ser um eremita, de ser um homem de barba, de morar lá em Itabirito, de fazer que tudo, ele registrou uma obra de arte, ela é o registro do momento. Porque que nós temos uma arte tão confusa ultimamente como arte contemporânea? Porque nós estamos confusos... Nós voltamos para o bel de Platão? Ou vamos para o provocativo das Universidades de arte de engajamento de esquerda? Qual é? Onde nós estamos? Quem somos nós

Michela: E isso é fantástico entendimento de arte que vai muito além do meu né? Mas que são áreas que têm interseções, com certeza, eu queria ainda se me permite provocar porque eu fiquei pensando, e como eu conversando com a Joana, eu quero, estou movimentando para trazer encontro de Arquitetura enfim, e eu sei o potencial eu me apaixono pela cidade, eu vejo coisas lindas. Mas eu vejo, que assim como eu vejo algumas coisas e question, eles vão ficar em cima de arquiteturas que são feitas com estilo forçado né? Eu sei que a arte é diferente arte, mas represar um estilo sem colocar no momento, isso em arquitetura e isso é muito questionado.

SL012: em arte também, as coisas começam a ser repetitivas e tal, mas eu penso que é difícil falar isso de São Lourenço, porque você tem que relacionar a arquitetura com a cultura de quem a faz. Então você entra aqui na minha loja, e a maioria dos galeristas de arte hoje são assim, você chega e olha um quadro bonito de Di Cavalcante, por exemplo, é um Di Cavalcante década de 60, e daí? É um Di Cavalcante década de 60. Mas e aí na década de 60 você cantava o seu cabelo não nega mulata, tu és a mulata na cor, esse fato preconceituoso que nós hoje 50 anos depois, ou até antes de Di Cavalcanti ele fazia isso desde 30, 30 e 40 né? Final de 30 e de 40 ele reforça a imagem da beleza da mulher brasileira, ele tira ela de dentro da cozinha da doméstica, da mulher desprezada pela sociedade, naquela época e coloca ela como uma mulher brasileira, ele iconiza sua pintura, então vai muito além da questão de ser um Di Cavalcante da década de 60, e agora é necessário contextualizar isso. Para você contextualizar isso você precisa ter conhecimento, se você não lê, se você não busca arte, se você não gosta de arte, se você não tem conhecimento, você ou de arquitetura como você vai definir um prédio? Você vê que esse meu prédio aqui quando eu construir eu trouxe exatamente o arquiteto, eu trouxe exatamente o que eu queria baseado na galeria que tinha na Áustria, com o estilo moderno, mas que lembra Art Déco,

Michela: a contextualização...

SL012: mas as pessoas que não conhecem isso elas estão... Esse é um problema nacional que eu vejo, elas estão diretamente ligada, é bonito ou é feio. Mas eu já vendi quadros caríssimos, e a pessoa é bonito, não é só porque é bonito, tem muito mais por trás, e tem uma história, tem que ir nas galerias de arte dizer assim: isso não é a melhor fase do artista, a melhor fase da artista aquela que ele pintou mais, que foi mais comercial, isso não significa que seja a melhor fase do artista, para mim a melhor fase do Da Vinci foi quando ele pintou a Mona Lisa, porque ela é absolutamente um ícone da arte no mundo, e não vai ter outro igual, não vai ter outra parecida porque aquilo ali foi quando ele se superou. Então eu tenho um Guinhard, maravilhoso, que é um único quadro concretista do Guinhard, e aí não vale nada, não, vale muito mais que todos porque ele é o Guinhard influenciou Amílcar de Castro, Lygia Clark e o Waldemar Cordeiro influenciou os dois principais movimentos de arte no Brasil que a arte concreta depois da década de 50 para cá que foi o concretismo no Rio de Janeiro e o concretismo em São Paulo. Que foi influenciado o pelo Guinhard em Minas Gerais, então a

gente para para pensar e esse quadro? Esse quadro é um ícone esse quadro representam isso. Ele é muito mais do que Guinhard, ele é o momento da história, ele é o momento contextualizado. Então, ele é raríssimo, ele não é atípico ele é raro e quando a gente começa a observar como se foram feitas as construções em São Lourenço só tinha um elemento ou é bonito ou é feio. A influência do Neo Clássico Americano, até uma década de 70 ainda tinha a referencia francesa que fala né. Depois de lá para cá...

Michela: são exemplos interessantes modernismo também

SL012: interessante desde que seja moderno mesmo. E outra coisa, outras pessoas também construíram sem nenhuma arquitetura importante, era ser funcional né? E a gente vê ainda prédios sendo construídos com elemento funcional, eu vejo essa força de arquitetura. Por Exemplo, foi construído um prédio aqui na esquina do Hotel Guanabara que é do próprio Guanabara aqui em frente o parque, que é até bonito mas os elementos, você vê elemento normandos, você vê elemento árabe você não sabe se é uma mesquita, e como se diz é uma Disneylândia, ele tem até uma monumentalidade na hora que você entra que ele tem uma escada bonita, um negócio bonito mas, é uma confusão de elementos.

Michela: na parte histórica vamos colocar assim, eu não sei nem se tem um limite da área considerada histórica, mas há um conselho para aprovação ou passou na prefeitura...

SL012: não tem, passou, bateu, acabou. E o antigo secretário de obras, a gente se tornou amigo ele falava Alexandre, eu não entendo nada de arquitetura e nem de história, história da arte que você acha, disso, disso e disso? Então a gente ia fazendo as coisas juntos, mas, ele tinha humildade da gente debater como eu não entendo nada de obra, também não entendo nada de arquitetura, entendo alguma coisa, mas tem tudo, porque foi amigo do Oscar Niemeyer, e até apresentei os arquitetos São Lourenço a ele. Mas eu gosto de arquitetura, mas para mim arquitetura como elemento visual como artes plásticas né? Eu olho um prédio como, gestalticamente eu olho como um todo, do prédio e não como a fixação de elementos arquitetônicos, então é difícil para mim te responder essa pergunta porque aqui as coisas foram feitas sem nenhum planejamento então...

Michela: Porque às vezes, é boa a intenção... mas por falta de gestão, de um órgão regulador, ou orientador, pelo menos. Por exemplo, a gente ve uma obra que foi importante marco na cidade, o Hotel Bavaria. Mas na arquitetura, é um falso histórico.

Alexandre: mas assim, veja porque se deu isso? Porque não tinha identidade, se você diz para mim olha, eu não preciso saber tudo eu me lembro de um advogado amigo meu, a gente conversando aí ele falou assim: você tem um certo estranhamento comigo que você não sabe o que eu sei, eu falei não preciso saber o que você sabe, eu preciso ter dinheiro para te pagar, aí ele riu e falou é verdade? Eu falei se eu fosse querer saber do que você sabe não trabalharia com arte, seria advogado. A gente gosta de conversa filosófica, então aí esses nossos embates são sempre muito criativos. Então as pessoas não precisam entender de arte nem de arquitetura para fazer, mas se houvesse uma identidade, olha só São Lourenço realmente é uma cidade cujo o estilo que predominou foi o art déco, também ela tem o estilo barroco, ela trouxe o estilo mineiro tudo, mas o que predominou foi art déco, porque ninguém vem aqui para comer comida mineira, para isso ele vai em Ouro Preto. A partir dali os arquitetos da cidade, se predominou o estilo art déco, nossa bandeira tem essas cores. Essas coisas essas coisas vamos construir dentro da minha arquitetura, eu não posso cobrar deles, eu quero que ele saiba sem informar, aí a partir daquela identidade. Eu acredito que a cidade inclusive se manteria uma linha mais interessante, as fachadas de lojas, a gente vê não sei ou talvez vire uma coisa bem moderna, bem contemporânea, ou seria relacionada a identidade da cidade. Precisava disso a gente vê Mônaco, aquelas coisas que fizeram na praça aquelas novas... ultra, mega contemporâneo super integrados...

Michela: É o estilo, a referência mais atualizada, né? Isso é bacana, mas a gente vai conversar... não quero tomar muito seu tempo, mas voltando, dando continuidade Alexandre e agora de âmbito pessoal que você mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL012: Ficar na minha loja, eu gosto de ficar especialmente nessa biblioteca aqui. Curto muito ir no parque das águas, eu quero participar das coisas sabe, embora eu me policio para não fazer mas não quer participar

Michela: Se você tivesse que escolher o lugar mais importante de São Lourenço qual seria?

SL012: certamente o parque das águas.

Michela: Poderia ser considerado símbolo

SL012: sim, ele é o símbolo da cidade toda a cidade se formou no entorno dele.

Michela: e você acha que isso mudou ou sempre foi assim?

SL012: sempre foi assim desde os índios Cataguases, o que foi a água a cidade expandiu a senhora é urbanista é uma coisa interessante é que a cidade não é linear, nem triangular, ela se expandiu de uma maneira homogênea e de certo modo em torno do Parque das Águas que se viu tão distante nem parece triangular nada nelas infantil de uma forma homogênea de certa forma porquê de torno da Parque do Águas.

Michela: A maioria das pessoas tem essa visão da importância do Parque das Águas aqui?

SL012: Eu acho que ninguém tem, não quero ser pretencioso, mas eu tive na prefeitura e essa a visão, ela precisa ser dada, na minha opinião pelo poder público, e as escolas, resgate da história. Ninguém conhecia, ninguém conhece a história da igreja de São Lourenço, nem o pároco, nós fomos levantando pegando, pedaço por pedaço ate conseguir, tá com a Dona Cida, lá e a prefeitura esse levantamento inteiro foi feito para ser jogado no lixo, porque a prefeitura foi incapaz de publicar um catálogo, sobre isso. Porque eu tive que sair por motivos políticos horrorosos que vinham acontecendo, eu preferi não me meter mais, e eu ia fazer o catálogo, ia fazer uma exposição, o resgate histórico das pessoas de São Lourenço. Inclusive as famílias que fizeram a cidade, fazer uma exposição, eu tenho uma exposição inteira, que eu pedi um artista para pintar todos os quadros de todas as famílias da cidade, da importância da cidade. São Lourenço tem a primeira APAE de Minas Gerais, foi uma família que trouxe para cá, e a segunda do Brasil, São Lourenço teve FUNABEM que foi criado pelo dono do hotel Brasil, então eram homens altruístas. Getúlio Vargas não saía daqui de São Lourenço hoje, se a senhora seguir essa rua Getúlio Vargas em homenagem próximo ao hotel Brasil tem um totem, alí em homenagem a missa de 7^o dia de Getúlio Vargas foi feito pelo deputado federal Alcides Marques, que que fizeram? Não significa nada ninguém sabe o que que é pregaram uma placa em cima: obra da rua de não sei o quê... o totem de Getúlio Vargas reduzido a propaganda de um ex-prefeito. E tem uma coisa e o ex-prefeito que era militar que deveria valorizar aquilo, que se diz um homem culto, até culto, mas um outro tipo de culto literários a estratégia de guerra de outras coisas mas a cultura de arte dele de estória é história muito militar então ele não pega muito isso é importantíssimo. Hoje ainda falei com o vereador aquilo ali precisa ser valorizado, precisa fazer alguma coisa para as pessoas chegarem ali... uma placa explicativa o que foi que aconteceu ali porque aquilo ali é um elemento histórico. Por que Getúlio Vargas despachava daqui de São Lourenço e foi o presidente que vivia em São Lourenço, a ponte do aeroporto foi feita por Getúlio Vargas a ponte da estação foi doada por Getúlio Vargas, então a gente começa a observar que precisa ser lembrado na cidade mais do que qualquer outro prefeito ele era o Presidente da República aqui...

Michela: Falando da movimentação e da organização social das associações. Eu conversei recentemente também com o Zé Celso que tem traz essa visão de organização, e que isso na visão dele se perdeu um pouco, ou se perdeu muito. E a cidade se fez muito com a organização, nunca dependendo muito inclusive financeiramente dos órgãos públicos ou do apoio do Estado, a formação da cidade feito por uma iniciativa de grandes pessoas. Você vê hoje essa movimentação se fortalecendo se refazendo...

SL012: O Zé Celso foi um grande perfeito, porém ele não é populista, ele é um homem de ações e atitudes. Ele e o Mazinho, eu acho que ele você podia entrevistar porque tem visão muito pratica. Foram os dois últimos grandes prefeitos de São Lourenço. A visão dele da organização social, elas deixaram de ser, na minha concepção, porque elas se tornaram organizações de defesa do interesse próprio e não do interesse do município em si. Então,

agora, por exemplo, no Congresso Nacional, parando de ter financiamento particular de campanha enfraquece a bancada ruralista, então eles não podem fazer uma bancada tão corporativista como fizeram... e a gente vê um certo corporativismo tanto nas instituições, foi uma maneira de sobrevivência como aconteceu. Mas eu vejo que só há um caminho, que é o caminho cultural, do caminho do enriquecimento cultural, o primeiro passo para isso é a identidade, a senhora é filha do seu pai que foi fulano, que é filho de não sei quem, aí você sabe da sua história. E aí você sabe porquê você tem esses princípios que você tem agora, a sua formação vem da sua família. Como diz um amigo meu, Desembargador, limoeiro não dá morango, então você se identifica gostando ou não com os seus antepassados. Em São Lourenço se a gente quer criar uma nova coisa, a partir do nada, é muita pretensão, e nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. Então a gente precisa saber quem é, para a gente se transformar, e eu acho que a partir do momento que a gente tem uma identidade, a gente aí sim pode ter ações públicas, porque nós somos um país, que tirando a corrupção, nós pagamos de juros o orçamento da Europa. Então eu acho que privado tem que se distanciar do público, eu acho mais que o privado tem que fazer o que tá fazendo agora cobrar, não aceitar mais essas situações. Eu deixei o público porque eu não aceitava determinadas situações. Então eu acho que a gente não pode aceitar essas situações mais, e que o nosso município, e se ele vai poder ter um ter um crescimento a partir do momento que a gente tem a informação, a informação primária é quem somos o que queremos e para onde vamos, são os que que ques né? Do EMPRETEC quem sou? Para onde vou? O que eu tô fazendo? E para onde eu quero ir? E a hora que nós soubemos isso, toda cidade souber isso, porque é muito fácil de toda cidade saber isso né? Basta seguir o exemplo do Puti coloca nas escolas. Senão nós, a próxima geração saberá o que fazer...

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2(x) a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5() o turismo.
- 6()outro _____.

SL012: A natureza que gera turismo as pessoas se fazem em torno dela, e quando morrem vem outras pessoas...

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

Michela: quais pontos negativos

Alexandre: o principal é a baixa autoestima da população. Outros pontos negativos a tradição muito forte da cidade não permite mudanças que queiram avançar, determinadas família, meu pai fez assim, eu faço assim, vai dar certo assim...

Michela: inclusive puxando esse assunto, existem os grandes hotéis que é até eu tenho ouvido, tem uma política, que tem um hábito de procurar manter os turistas dentro do hotel, quase que o turista não é convidado a sair para cidade porque tá tudo acontecendo dentro do hotel, você tem como ex Secretário de Cultura...

SL012: isso me atinge diretamente, dentro do meu tipo comércio, porque o meus eventos é no horário exato que acontece os eventos dos hotéis. Mas eu entendo isso como uma questão de sobrevivência, eles deixaram de ser hotel e passaram a ser pequenos resorts, e passaram a ser navios ancorados, para ter esse público, porque a disputa deles não é com São Lourenço, a disputa deles hoje, é disputado como navio da Costa Cruzeiro que para lá no Rio

de Janeiro, onde tudo é mais barato, melhor, mais bonito... ele vai disputar, tem mar e tem tudo... e vai disputar com a maioria das cidades que hoje tem que fazer isso. Isso é uma questão de sobrevivência. Por enquanto vão sobrevivendo, eu só acredito que eles poderiam começar, se houver possibilidade, e essa ser uma possibilidade econômica de se fazer isso. Eles começaram a investir na percepção de uma cidade chique, porque se é uma cidade chique e sofisticada os outros vão perdendo a concorrência, porque todo mundo quer ir. Você quer ir numa peça de teatro mais ou menos? Ou na melhor que tiver acontecendo? Você quer ir na melhor exposição que tiver acontecendo, você quer ah qualquer coisa vou ver quadro mesmo, então todo mundo tem ao melhor. Primeiro princípio do marketing é o preço, quando você paga mais caro no carro você já percebe que ele é melhor, nem sempre é, mas percebe. Então é questão que eu volto lá da identidade, e da percepção. Vender a percepção de uma cidade melhor aí eu tenho que vender, teria que ver na minha concepção, gestalticamente, vender como um todo... não é o meu hotel é melhor que o seu hotel, não interessa o turista só o seu hotel, o olhar gestaltico é aquele olhar que você viu todo, de você não fragmentar o todo né? É a única forma... Então eu acredito que a gente pode tendo uma orientação do que somos, vender o que somos, por isso a ideia da cidade francesa...

Michela: Com relação a isso que você comentou que eu acho importantíssimo eu tenho visto e algumas pessoas comentaram, o trabalho conjunto ele precisa acontecer, para cidade acontecer e talvez você vê dificuldade em trabalhar em conjunto aqui?

SL012: Muita, por exemplo, Convention Bureal, fui um dos presidentes, aí quando você entre e vai mudando e daqui a pouco, você vê que entra outra, entra outra, entra outro, e ele passa usar ferramenta Convention não para o município, mas para o seu próprio negócio. Então essa visão individual desesperada, sabe o que acontece? Se você pegar um saco de pão e colocar no meio da praça em Mônaco ele vai passar o dia lá e ninguém vai pegar, se você pegar esse mesmo saco de pão e colocar em Angola no momento de fome que eles estão desesperados vão se matar para pegar o pão. É o que tá acontecendo conosco. Nós não temos turismo mais como tínhamos, e estamos nos matando para tentar pegar o turista. Então você vai no Convention, por exemplo, ele só faz anúncio da diretoria do Convention, aponta-se descarado, é descaradamente o negócio. Então você vê que é um desespero, não sei se eles estão certos ou errados, eu estou julgando isso, eu estou julgando o desespero do empresário pela sobrevivência, e isso é porque não houve o planejamento, perdeu-se a noção do que somos, que é a nossa cidade, quais os benefícios que ela pode oferecer diferenciado ao turista, precisa ter algum diferencial no momento nós não temos...

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL012: Vejo São Lourenço é uma cidade harmoniosa, estou te falando de cultura, mas São Lourenço recebe muita gente que vem do Rio de Janeiro para cá. De uma formação cultural muito interessante, muito boa. Percebo que isso enriquece a cidade, essas pessoas que vem de fora vem, é porque hoje a cidade perde a sua identidade de certa forma, aquela identidade mineira... mas ela recebe a influência de várias pessoas, de vários lugares, de várias culturas, que criam uma multiplicidade. Eu, por exemplo, talvez seja pelo desespero, eu quero dar essa identidade agora, mas talvez essa identidade vai surgir naturalmente daqui a 30 anos. São Lourenço goza de extrema educação, é só direcionar que as pessoas fazem manter a cidade limpa... Se você pintar as sarjetas da cidade, a cidade vai ficar inteira limpa, incentiva, a prefeitura não tem condição de pintar sozinha hoje, então uma parceria com cada comerciantes. E aí cadê as instituições que agem a favor do município, não agem a favor de uma promoção para vender, mas não enxergam gestalticamente, eu vou insistir... Eu estava em Balneário Camboriú, eu tenho negócio lá, e tava com dono da construtora Sequinel, é o homem mais rico da cidade, sai para andar na praia ele viu um saquinho de Elma Chips, abaixou pegou, aí andamos mais um pouquinho, papel na rua, mais um pouquinho copinho de plástico, ele virou para mim e disse turista, ai ele foi lá e colocou na lixeira... ai eu virei e Carlito que coisa bonita você um homem tão rico fazendo isso... ele falou: Alexandre eu não

moro no meu apartamento, eu não moro no banheiro do meu apartamento, banheiro do meu apartamento é dentro do meu apartamento, meu apartamento é dentro do meu prédio, meu prédio é dentro do meu bairro, meu bairro dentro da minha cidade, eu moro na minha cidade, isso tudo é meu. Ai você observa que lá no Sul tudo é limpo, as pessoas tem essas atitudes, eles não aceitam, não quer saber quem jogou se é importante não é o problema, o problema é não ficar o papel no chão. Então é uma visão diferente. Outra foi em Blumenau que eu estava dois dias num hotel, eu saí, passei em frente aquele relógio de flores e tinha um senhor cortando as flores eu achei tudo uma beleza ele era muito velhinho, cortando as flores, maravilhoso eu queria elogiar o senhor, é muito bonito, ele vira é para o meu neto, meu neto passa todo dia aqui em frente para ir para escola e volta e eu quero deixar bonito para ele. Aí cheguei em São Lourenço, aí tinha um pessoal podando as árvores lá na praça da Federal cheguei: nossa que bonito hein, é porque não é você que tá cortando debaixo dessa lua né? Então é cultural, não adianta entendeu... Então a gente precisa de dar esses passos que são pequenos, não precisa fazer nada genial não.

Michela: A visão do morador porque o parque dentro do seu discurso ele realmente tem uma importância dentro da cidade ele quem frequenta os moradores frequentam o parque na sua visão?

SL012: na minha visão não, frequentam pouco, a medida que o poder econômico e a necessidade do belo é maior começam a frequentar. Essa necessidade do belo que diferencia tudo, em todos os tempos, você compra um apartamento de frente mar paga cinco milhões, compra no mesmo prédio de fundo 2,5 milhões, é pela necessidade do belo. Pois a necessidade do belo ela se cria e também ela vai se aprimorando né? Você começa uma coleção de arte com coisas normalmente banais, aí você vai aprimorando, você vai gostando, você vai lendo, vai conhecendo. Então tem gente que percebe que aquilo é qualidade de vida e vai, tem gente que mesmo que você coloque de graça não vai perceber que aquilo é qualidade de vida. Porém ele bem cuidado, limpo, bem arrumado, ele é o maior gerador de renda do município. Eu digo que o parque não precisa fazer mais nada, a não ser se manter maravilhoso, o restante é obrigação nossa. Se ele se mantiver maravilhoso com tudo acontecendo, como acontece hoje, porque realmente, é o parque mais bem cuidado do Brasil, você pode ir em qualquer outro que você, não vai achar um parque tão bem cuidado como esse, e as pessoas que cuidam do parque normalmente se apaixonam por ele. Eu não sei se já entrevistou o pessoal de lá, eles são apaixonados por aquilo e fazem bem feito. Então e todos que passaram também fizeram bem feito senão não estaria na condição que está. Então eu vejo que é uma obra extremamente importante que cumpre o seu papel social a medida que gera renda para o município. Se o morador do bairro muitas vezes não vai lá frequentar o parque, mas muitas vezes ele trabalha no hotel porque existe o parque é como eu vejo.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

Michela: Quais você destacaria os pontos negativos para o turista

SL012: A desinformação a principal é essa, o turista chega aqui e não sabe o que fazer. Vai no balão mas, como é que surgiu a história do balão? Como é que foi? O que aconteceu? É maravilhoso. Então, vou andar no calçadão, quem construiu? Por quê? Como foi feito? O que aconteceu? O que levou a isso? Quem construiu essa fonte? O quê que significa isso?, Então sem informação não tem o que vender...

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL012: Muito, extremamente, o morador se dedica a tentar explicar o que ele conhece, a tentar falar, tentar receber bem, isso São Lourenço é fantástico...

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro_____.

SL012: A montanha sagrada, o primeiro duto de água que abastecia São Lourenço saía de lá. Então ela é extremamente importante historicamente, já era sagrada antes de ser sagrada e foi lá que aconteceu a eubiose e tornou-se sagrada, por acaso foi lá, que poderia ser mais bem explorado turisticamente o fato da eubiose, a gente nunca explorou a eubiose, na minha opinião... Você vai no Egito, e eu cheguei lá do Egito, no meio das pirâmides, um maluco sentado, aí eu fiquei olhando para ele assim... Se tivesse alguém que recebesse alguma energia e não tivesse voltado, não estava aqui esse túmulo do faraó vazio, e os alabastros com as partes internas do faraó. Então, se ele acredita naquilo e gera alguma positividade nele, pode ter entrado deprimido e saído muito melhor. Então a montanha sagrada, na minha opinião, eu tô tentando ser cético, então montanha sagrada olhando ceticamente ela é um produto turístico maravilhoso inexplorado. O Parque das Águas é o mais importante. O calçadão foi feito pelo ex-prefeito do Tenório Cavalcanti, baseado na Lagoa Rodrigo de Freitas, ele quis fazer uma obra ao redor do Lago que levasse ao carioca a uma identidade e o ponto principal é o Parque das Águas não tem jeito...

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores:

E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1(x) não conhecem e não valorizam.
2(x)conhecem pouco mas não valorizam.	2()conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3() querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5(x) outro___identidade_____.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1(x) não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3() existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

SL012: Sem desmerecer ninguém, as pessoas, por exemplo a dona Cida é uma pessoa fantástica, tenta, faz tudo. Esse pessoal todo que está lá no turismo tenta, mas nem sempre o poder público e a iniciativa privada permitem. Muitas vezes não é, o poder público não permite pela burocracia, para uma série de coisas. A iniciativa privada muitas vezes não permite pelo interesse político, então a gente ainda tem essa tradição política de uma cidade do interior... Nós não presamos por eficiência, ninguém vota aqui no município porque aquela pessoa é eficiente. Porque sabe que é boa pessoa, porque eu conheço, porque é meu amigo... eu acho que vai chegar um ponto que nós precisamos de eficiência, acho que expressam um retrato do país não é um retrato da cidade só não...

Local da realização da entrevista: Parque das Águas

Data: 11 de setembro

Horário de início: 15:00 **Horário de término:**

DADOS PESSOAIS

Gênero: Feminino

Local e data de nascimento: São Vicente de Minas 12/12/1978 Idade: 39 anos

Endereço Residencial: Rua Barão do Rio Branco, 1019 - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 10 ano

Cidade de nascimento dos pais: São Vicente de Minas

Qual seu estado civil? Separada

Tem filhos? Quantos? Sim, 3

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Sim. Espírita Kardecista

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Sim, ONG Terra das Águas

Qual seu grau de instrução? Ensino Superior Incompleto

Qual a sua profissão/ocupação? Coordenadora Parque das Águas

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Você é de São Lourenço como você chegou em São Lourenço?

SL013: Eu não sou de São Lourenço, eu sou de São Vicente de Minas e estou aqui há 10 anos. Eu vim para cá transferida, eu trabalhava em banco, eu vim com o Bradesco, e apaixonei pela cidade, não tem como não se apaixonar. E aqui escolhi, construí minha casa e aqui estou há 10 anos e não pretendo sair nunca.

Michela: Já tive notícias que você é um apaixonado aqui pelo parque, como foi a sua entrada?

SL013: Então desde que eu vim para cá com o banco se eu já me apaixonei e coloquei na cabeça, eu quero estar lá, porque realmente é uma referência, é maravilhoso tem que ser bem cuidado e eu estou aqui há um ano e meio. Quando eu tive oportunidade eu fui para prefeitura depois do banco, eu sou empresária, tenho minha corretora de seguros e na prefeitura eu trabalhei na área de Meio Ambiente, na qual eu sou formada, eu sou técnico em Agropecuária e assim que eu sai da prefeitura tive oportunidade de entrar aqui fui convidada.

Michela: Se você pudesse se encontrar de uma forma geral, mas assim com os pontos que você acharia mais importante sobre a história da formação de São Lourenço como você contar essa história?

SL013: Olha eu não tenho todos os dados para te passar, histórico nada.

Michela: não não mas eu sei que não é nem essa intenção porque não é uma pesquisa histórica mas bem da sua vivência. O que você sabe sobre a história de São Lourenço?

SL013: Olha o que eu sei no geral é que a cidade gira em torno dessa mágica das águas das propriedades medicinais das águas, tudo em torno do parque. Desde a descoberta das águas, que aqui tinha água mineral, e aí foi montando toda cidade, aí a gente tem a área comercial super forte aqui, que girou todo turismo gira em torno do parque. Então, tudo da área ambiental, comercial, social da cidade girou em torno das águas...

Michela: e a da formação do Parque?

SL013: Foi essa também, é a mesma da cidade que na verdade eu não consigo nem separar São Lourenço do Parque, para mim tá tudo dentro exatamente do mesmo contexto, que foi a descoberta das águas minerais dentro do parque e das propriedades dela. E aí foi surgindo tudo né, para passar isso para cidade toda, para toda região, cidades vizinhas e temos até a fama internacional né. E daí com isso, com essa descoberta, vieram empresas para cá de captação de água, como a gente tinha a Nestlé, e agora a Minalba que é a empresa que entrou e a cidade toda gira em torno disso...

Michela: com relação a administração, é o parque em relação a empresa de captação de água como é essa ligação?

SL013: Na verdade a gente faz parte da mesma empresa, que hoje é Minalba, que está há um mês. Mas é separado entendeu, tem os administradores da fábrica e tem os do Parque, eu respondo a gerente geral da fábrica, porém todo nosso escopo, toda nossa operação é totalmente separado da fábrica. É outra empresa assim posso te dizer. Nós temos nossos funcionários, todos os colaboradores, nossos Lojistas, então é bem diferenciado do trabalho da fábrica, é outra coisa

Michela: Com relação à questão ambiental forte, as próprias águas, que o Parque gira em torno também, você poderia falar em que ponto está a questão da preservação ambiental e das reservas?

SL013: Olha isso aqui é muito forte, a maneira com que as fontes são cuidadas, aliás é um custo altíssimo para manter todas as fontes do jeito que está. Inclusive a gente acabou de receber visita do DNPM que é um órgão estadual e eles nos passaram que a maioria das fontes hoje está melhor do que 20 anos atrás tamanho cuidado que é tomado aqui. As águas necessitam das chuvas, da preservação não só daqui, o que a gente faz é uma parte interna nosso, é o cuidado, são todos os processos nas análises e a proteção que tem em cada fonte, é isso que é feito, mas precisa de uma conscientização maior, um loteamento na cabeceira não pode ser feito, não estou falando de prejudicar as águas, estou falando de prejudicar a população de uma forma geral, o contexto todo, e a empresa é muito preocupada com isso, inclusive digitei uma cadeira no CBH Verde, que é o Comitê de Bacias, justamente para saber como fazer, como ajudar, fazer os levantamentos...

Michela: E essa parceria com o poder público? Porque não é uma coisa de preservação só do parque, vai além disso. Tem conseguido isso? Pelo menos dentro do seu conhecimento nesses 10 anos, isso tem sido respeitado ou as vezes é complicado?

SL013: Olha, São Lourenço está muito a frente. Eu fui conselheira do Codema de São Lourenço, por 4/5 anos, da região toda o único conselho ativo é aqui e eles são muito preocupados. Estão melhorando cada vez mais... São Lourenço já tem uma consciência ambiental diferenciada que temos aqui, tanto pelo poder público, pelo setor privado, se preocupam muito. E a empresa aqui inclusive tem essa preocupação muito forte... Por exemplo aqui no parque a gente faz vários trabalhos ambientais com escolas, crianças, muitos, não divulga muito, mas a gente tem essa preocupação.

Michela: Inclusive vindo de algumas pessoas que eu entrevistei e de um material que eu consultei antes de vir até vocês eu tomei o cuidado de olhar. Com relação a quantidade de retirada de água, houve problemas quanto a isso?

SL013: Enquanto eu estou aqui não. Teve há anos atrás, eu acho que era a com a Perrier ainda, há muitos anos atrás que teve um problema de engarrafar uma coisa de uma mina que não podia ser utilizada, mas estamos falando de 20 atrás, desde então já vendeu para Nestlé e agora para Minalba, e não tenho mais informação nenhuma nesse sentido de alguma ação do MP não. Só para entender a nossa autorização de captação, o que é retirado é muito mais baixo do que tem autorização, tamanha consciência que a empresa tem

Michela: E essas informações elas ficam, a gente têm acesso a elas?

SL013: Olha nem eu tenho muito acesso. Isso é mais com a empresa. A gente sabe dos número divulgados, que a gente divulga no comitê de bacia e essas coisas de um resultado de DNPM falando que tá OK as fontes, que está maravilhosa. Mas asism, esses dados pormenores a gente não tem acesso eu não tenho. Isso é mais com a empresa né, com o gestor que é o Leandro Goulart, por que não faz parte da minha área, que é o parque, já é com eles lá.

Michela: isso é importante, eu estou perguntando porque às vezes tem alguma informação... e a relação dos moradores com Parque como você definiria?

SL013: Mudança agora porque assim eu sou da área ambiental há muitos anos e eu sentia uma repulsa muito grande da cidade não com o parque, da captação de água, as pessoas

misturam um pouco né, por ser a mesma empresa. Hoje isso está mudando, porque as pessoas estão vendo o cuidado, e estão comparando com outros parques, porque não sei se você sabe, o de Caxambu o que aconteceu, então o parque já foi para o governo, para a Codemig, e eles não tem condição financeira de manter, porque o custo é altíssimo, a gente não tem noção quanto custa manter uma fonte legal, ela totalmente higienizada, cuidada, tratada com água, isso custa muito, então eu acho que as pessoas agora estão começando a entender que é melhor saída é estar no setor privado, que se tivesse na mão do governo não tinha a menor condição de se manter. A gente vê lugares públicos, de livre acesso mesmo e que são mais degradados...

SL013: as pessoas questionam porque o parque cobra bilheteria? Porque nunca a bilheteria que a gente cobra hoje consegue cobrir as despesas do parque, jamais, de tão alta que é.

Michela: Como é coberta essas despesas?

SL013: Aporte da empresa.

Michela: Então seria um cartão de visitas, uma propaganda?

SL013: Não, é para a cidade, porque a gente entende, lógico que esse parque é da cidade, o turismo gira em torno do parque, então a gente sabe que é muito importante para a cidade. Tanto para os moradores, que a gente sabe que tem um valor diferenciado para eles, quanto os programas sociais que a gente faz com as escolas e tudo mais, que é gratuito para o morador tá aqui dentro e para o setor mesmo turístico.

Michela: Você teria a quantidade de moradores e de turistas que frequentam o parque?

SL013: Eu não tenho porque hoje em dia a gente divide a entrada normal e a meia entrada, morador paga meia, mas não é só morador que tem direito a meia entrada, o idoso, a criança e o estudante, aí entra tudo na meia. Mas é uma coisa que a gente está pensando em criar um ingresso diferenciado só para o morador, aí a gente vai ter esse número.

Michela: Porque em se tratando dessa pesquisa, de valorização da cultura, valorização de resgate de identidade local, é muito importante que o morador sinta isso, esse bem grandioso que é isso aqui em relação a todos os outros parques que existem no Brasil e até fora, mas que eles sintam um pertencimento...

SL013: ele tem que fazer parte, essa é uma preocupação muito grande desde que eu entrei aqui, por isso a gente tá fazendo esses movimentos sociais bem diferenciados justamente para isso, porque ele tem que ser parte. Tinha morador que não vinha no parque há 10 anos, que não conhecia o parque todo, as vezes é mais fácil o visitante de fora vir no parque 10 vezes no ano do que o morador. Então isso a gente já está trabalhando muito isso, por exemplo até agora a gente já recebeu 8.900 pessoas dos projetos que a gente faz aqui da cidade, a gente já colocou aqui no parque, crianças, adolescentes, a gente foi atrás das escolas, para trazer a educação física para dentro do parque, as escolas públicas. Então já tem 7 ou 8 escolas que fazem atividade física aqui dentro do parque. Mesmo aquelas crianças que a família não têm condições de entrar porque às vezes são 6, 7 filhos...

Michela: O que você mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL013: Se eu te falar que o que eu mais gosto é o parque, não é mentira. Porque eu acho que a gente só consegue vender se for verdadeiro, eu jamais trabalharia em um local que eu não acreditasse. Eu acredito no parque, e o que mais me encanta é conseguir trazer essas pessoas para dentro... mas realmente é o parque...

Michela: Desde que você mudou para cá você acha que São Lourenço mudou muito?

SL013: Acho. Em vários pontos, por exemplo, o número de pessoas, você não consegue lugar para estacionar, quando eu vim para cá não era assim. Eu estou notando que o patamar do turista também está elevando, porque várias coisas não tinham aqui. agora a gente está tendo um público para um restaurante diferenciado, mais caro, um restaurante de alta gastronomia, não tinha isso era um outro estilo de turista, está mudando

Michela: e talvez retornando, porque teve uma época glamorosa

SL013: eu não acompanhei essa época

Michela: foi um período que vinha grandes...

SL013: foi antes né?

Michela: sim década de 50, de 40. Mas acho que São Lourenço tem ainda essa...

SL013: mas andou se perdendo uma época, mas parece que está voltando, eu tenho sentido aqui uma evolução de toda categoria, as pessoas estão procurando coisas melhores, não mais caras, mas melhores... estão exigindo mais, não exigiam coisas que há um ano atrás as pessoas não exigiam e começam a exigir...

Michela: se você tivesse que escolher um lugar mais importante da cidade?

SL013: é o parque...

Michela: e para você poderia ser considerado o símbolo da cidade?

SL013: com certeza... eu acho, a cidade praticamente surgiu a partir disso, foi o que mais chamou a atenção, o que mais atraiu moradores, que montou toda a cidade foi o parque, não o parque as águas né?

Michela: e você acha que os outros moradores, as outras pessoas fariam essa mesma escolha?

SL013: Eu acho que sim, porém tem muita gente da cidade que não frequenta o parque, os filhos estão frequentando, mas às vezes os pais... está mudando muito, mas eu acho que ainda não está do jeito que eu quero... mas assim pensando lá fora, deixa eu ver o que eles poderiam pensar de símbolo... o trenzinho, a Maria Fumaça, mas assim o maior é o parque...

Michela: assim com relação as parcerias com o poder público? Isso existe?

SL013: existe, por exemplo, nós recebemos muito aqui o setor de turismo, às vezes eles precisam de um local, para fazer uma convecção ou receber as pessoas, aí vem para cá a gente recebe todos, quando é uma coisa muito legal para cidade eles usam o espaço do parque... e na secretaria de esportes que a gente faz esse trabalho com as escolas de colocar os adolescentes aqui...

Michela: e dentro dessas iniciativas que são importantes consegue passar a historia também? Porque uma vez que você tem entendimento do lugar...

SL013: um trabalho ainda nesse sentido a gente ainda não fez, de resgatar a historia e tentar passar isso... Isso está nos nossos planos, mas ainda não...

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1(x) as pessoas.
- 2() a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5() o turismo.
- 6()outro_____.

SL013: A cordialidade, de receber bem. Eu escuto muito isso aqui. O sorriso no rosto, isso encanta o turista, o sorriso no rosto, a simplicidade. Vem aqui tomar um café comigo, fala de verdade. Então eu acho que são as pessoas. Porque as pessoas estão comandando todo o resto.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3() apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5(x) a melhor cidade para se viver.

SL013: eu escuto muita gente, e todo mundo é apaixonado, mesmo que não é daqui. E raro uma pessoa falar mal da cidade, pode falar de um ponto, mas ama São Lourenço.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL013: entre os moradores, geral sim só que nas redes sociais tem alguns grupinhos... mas assim não está representando todo mundo... não está representando a grande população, eu acho que sim, vive sim... tirando a parte política que é normal de qualquer cidade...

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

Mihcela: que pontos negativos você destacaria?

SL013: olha sempre tem, a gente não consegue agradar todos, é uma fila no restaurante, não tirou a sujeira naquele dia da alameda, o restaurante não está do agrado deles do que eles pediram, sempre tem um pontinho... sempre vai ter a gente nunca vai escutar nossa 100% e é bom ter esse pontinho para gente evoluir...

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL013: sim, é o que encanta, alias é o que chama eles de volta...

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro_____.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores: E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2(x) conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3(x) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5(x) outro___união no turismo_____.

SL013: eu mudaria ter mais união o setor turístico e os hotéis, não cada um por si, todo o setor turístico tem que se unir, não é só para mim, nada disso, é pra cidade toda...

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2(x) são muito poucas e ineficientes.
- 3() existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

Local da realização da entrevista: Residência da entrevistada

Data: 13 de setembro

Horário de início: 14:00 **Horário de término:**

DADOS PESSOAIS

Gênero: Feminino

Local e data de nascimento: São Lourenço 20/10/1928 Idade: 90 anos

Endereço Residencial: Rua Dr. Melo Viana, 420 - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: nascida

Cidade de nascimento dos pais: Pai – Itaverava / Mãe – Pouso Alegre

Qual seu estado civil? Viúva

Tem filhos? Quantos? Sim, 4

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Sim. Católica

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Sim, APAE

Qual seu grau de instrução? Ensino Médio Completo

Qual a sua profissão/ocupação: Técnica Contabilidade

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: A senhora é de São Lourenço?

SL014: Nasci dia 28 de outubro de 28, aqui em São Lourenço. Meus pais vieram pra cá em 1922 quando tudo era brejo. Só tinha a rua da Estação e o Hotel Brasil antigo, pequeno, no bairro Carioca tinha um hotel, no bairro carioca e no São Lourenço Velho tinha alguma coisa, mas o resto todo era brejo.

Michela: Me fale um pouquinho da chegada dos seus pais aqui, como eles se chamavam?

SL014: Joaquim Dutra e Rosa Bertolatini Dutra, ela era filha de italiano

Michela: E eles vieram aqui em busca...

SL014: Papai era viajante e casou-se em 1920 e veio morar em Passa quatro, porque era mais fácil Rio e São Paulo e ela era dentista. Primeira dentista de Minas foi ela em 1917. Só ela de mulher, foi a primeira dentista formada mulher, ela gostava muito de estudar, era pianista também. Eles moravam em Pouso Alegre e meu pai era viajante, então ele foi vender mercadoria lá para o meu avô, que veio da Itália com 18 anos, ele foi para Pouso Alegre e depois veio aquela turma toda, aquela turma do café para colher café, para trabalhar com o café aqui no Brasil, desceu em Santos e ele então pôs a vovó, tem que estudar, eram muitos filhos e ela formou em dentista, mas o papai como naquele tempo era muito machão, ele não deixou ela trabalhar, depois que ele casou não deixou. Então ela lecionava no patronato lá em Passa Quatro. Mas ia de trem, tinha um trem que ligava Cruzeiro a Belo Horizonte e ele achou que a cidade ia ter progresso. Mas ele teve uma visão, uma coisa louca, e aqui ele fez a vida. Trouxe todos os irmãos, porque eles moravam em uma cidade pequena, muito pobres em Itaverava, perto de Conselheiro Lafaiete. E aí ele foi fazendo as coisas e tal e graças a Deus, em 26, teve uma enchente horrível aqui. Aqui tinha enchente de 20 em 20 anos. E eles acordaram, moravam lá na Estação, tinha feito uma casinha pequena lá, e colocou um armazém, uma loja na linha, na estação do trem mesmo. E ali na ida para a Estação, depois da ponte, ele progrediu com isso e veio a enchente, com ela ele construiu a nossa casa onde é o COC, no morro na Ribeira da Luz. Esse colégio é novo, tem uns 15 anos. Lá nós moramos até os meus 12 anos. Aí ele construiu essa e vendeu aquela. Mas ele, por causa da enchente, além de morar no morro fez 49 degraus na casa.

Michela: Até hoje, em 2000, teve uma grande também

SL014: Teve, mas essa salvou quem atendeu e acreditou. Mas quem não acreditou perdeu muita coisa.

Michela: Aqui é um brejo né? Então se enche, alaga tudo...

SL014: Alaga tudo...a última brava foi em 2000. Todo mundo estava esperando em 2006, mas ela adiantou e veio em 2000. Tá perto de ter outra.

Michela: Me fala um pouquinho, os principais fatos importantes para a formação da cidade?

SL014: Foi essa luta das pessoas que moravam aqui, muitas pessoas vieram por causa da água e curavam e se mudavam pra cá, principalmente do Rio. Construíram casas e foram crescendo na cidade. Foram cada vez progredindo, mas só tinha estrada de ferro. Me lembro que com 16 anos eu trabalhei numa empresa de transportes e fundaram os cassinos, eram cinco. Os cassinos eram muito chiques e eles viam jogar, mas era tudo de trem. Depois bem mais tarde, foi construída a estrada Rio, São Paulo.

Michela : Teve uma época glamorosa...

SL014: Eu considero a década de 30, 40, um pouco até 50, que foram construídos uns 40 hotéis aqui, porque começou os turistas e vinham, viram que ia ter progresso, construíram os hotéis.

Michela : muito pelas águas, mas na época os cassinos faziam sucesso.

SL014: Muito.

Michela : Às vezes nem tomavam água e iam para o cassino?

SL014: Não, não iam muito pro cassino. Eles gostavam de tomar água de manhã e os cassinos abriam só depois das 5 da tarde.

Michela: E algum fato interessante que a senhora gostaria de comentar a respeito dessa época?

SL014: O Getúlio vinha muito pra cá, porque ele era da mesma cidade da dona do Hotel Brasil. A família Lage veio e foi trazendo um irmão foi trazendo o outro. Igual o papai. O papai construiu e foi trazendo os irmãos e trouxe todos. Ali onde é a Honda, o papais construiu, na mesma época que construiu a casa onde é o colégio, é imenso. E eles não desmancharam nada da casa. E o Getúlio vinha para São Lourenço e ficava um mês aqui. Todo ano ele comemorava o aniversário dele aqui. Acho que isso para a cidade é muito importante. Ele foi depois de 30. Ele vinha ficava no hotel e isso era muito importante para São Lourenço, porque tinha período que São Lourenço se transformava na capital do Brasil, quando ele estava aqui, aqui era a capital. Ele se hospedava no Hotel Brasil e até hoje lá no Hotel tem o apartamento dele. Isso foi um fato muito importante para a cidade.

Michela: Com relação as mudanças que foram ocorrendo na cidade. O que a senhora gostaria de destacar?

SL014: Foram construindo muitos hotéis, isso era muito interessante. Vinham as pessoas para cá e construíam e a cidade foi tendo um número enorme de turistas. Eles tinham pessoas aqui que saíam de casa e iam para casa de parentes para alugar a casa para turistas, principalmente no carnaval, semana santa, essas datas assim, e a cidade fervia. Agora já é bem diferente, todo fim de semana eles já fazem um evento, tem muita gente e isso do Getúlio foi muito importante. Outra coisa foi o desenvolvimentos nos anos 30,40,50 São Lourenço cresceu mesmo e agora continua crescendo. Mas é o menor município de Minas, quase do Brasil, 42km quadrados, não tem nem área rural, e as que tinham já lotearam tudo. Parece que agora vai ter uma lei que não pode fazer loteamento mais, porque já não tem mais onde construir.

Michela: É verdade, porque a qualidade de vida já fica comprometida se começa a construir demais.

SL014: Mas o que é bom aqui é a qualidade de vida. Ainda não temos a questão da poluição.

Michela: Sim. A senhora vivenciou momento muito bonito, construindo coisas importantes e houve um momento, talvez década de 80, talvez um pouco antes ou um pouco depois que foram demolindo construções importantes...

SL014: Uma coisa importante que foi demolida era onde era a casa da cultura, a fazenda Sharp

Michela: Pegou fogo?

SL014: Não, não pegou fogo não. Eles destruíram e agora vão reconstruir, estão começando a reconstruir. A Edna Neves, que era uma professora de piano daqui, muito culta, mas ela está muito doente, está em Itajubá, ela foi minha aluna, porque dei aula de educação física, durante 11 anos, eu trabalhei em banco também. O banco que eu trabalhei nem existe mais. Mas aí a cidade foi crescendo. As outras em volta não se desenvolveram e são mais antigas. Caxambu era muito melhor do que aqui e está acabando. Lambari já acabou, Cambuquira, estão acabando, sem movimento, hotéis fechando. E aqui não, cada vez abre mais hotéis, pousadas.

Michela: Com relação ao turismo, como a senhora vê o turismo, as mudanças...

SL014: A diferença que eu sinto é a situação financeira. Eles vinham pra cá, o pessoal do Rio, eles passavam seis meses no Rio e os outros aqui. Passavam o verão aqui e o inverno lá no Rio, porque aqui é frio. Então ficavam aqui 21 dias, que é o tempo da estação, que eles falavam que era a estação de águas, era de 21 dias para tomar a água e fazer o tratamento. E tem curas maravilhosas. Cada água tem um valor, você já deve ter visto. Então era movimentado dezembro, janeiro, fevereiro e março que eram férias das crianças, eles vinham todos para cá. A cidade nesses quatro meses era fervilhada. Julho eram os paulistas, porque lá também era frio. E também mês de julho era um movimento muito bom. No carnaval tinham pessoas que dormiam dentro dos carros, porque não tinha... foi onde desenvolveu muito os hotéis. Os cassinos, mas o primeiro ato do Dutra foi fechar os cassinos. Eu não sei, mas parece que é o único país da América que não tem cassino, o único. Todos os outros tem. Muita gente sai daqui, porque vai em Foz do Iguaçu, atravessa e ali no Paraguaia, eu mesma já fui ver um cassino lá, mas não é nem a sombra dos daqui. Os daqui eram luxuosos, do Hotel Metrópole, era aquela frente. Onde hoje é a Farmácia Americana era o Hotel Imperial e o cassino Imperial. O Brasil tinha o cassino embaixo, com salão de dança. Os artistas famosos do Rio todos vinham. Eles compravam casas aqui e vinham.

Michela: O que a senhora mais gosta de fazer em São Lourenço.

SL014: Atualmente eu não faço nada porque não posso sair. Mas eu gostava, eu sempre trabalhei desde os 16 anos, aposentei com 47, e continuei trabalhando, construí minha loja, em cima minha filha tem a escola de balé dela. E na época tinha um bondinho que saía da estação e ia até o Parque das Águas. E o parque sempre muito bonito, quando criou o lago...

Michela: Conte um pouco dessa história. Você acompanhou fazendo o parque?

SL014: Não, o parque já, quando eu tinha meus 12 anos que a gente começa entender direito a gente adorava ir ao parque toda manhã. Assim, toda manhã não, aos domingos principalmente.

Michela: Sempre cobraram entrada?

SL014: Do pessoal da terra não cobravam. Agora eles cobram. Porque você deve ter visto, chamava Águas do Viana, aí foi se transformando e agora ficou com a Nestlé, que quase acabou com o parque. Foi preciso que o pessoal da terra se juntasse, fizesse abaixo assinado, jornal da Europa publicar, porque onde ela vai ela explora até não ter mais onde tirar a água pra vender. A magnesiana nossa era a melhor água que nós tínhamos, agora está um xorinho, ela explorou tanto. Dizem que ela já vendeu uma parte. Ela faz assim, vem, suga o que pode e destrói. Vai embora e deixa de qualquer jeito.

Michela: Os moradores frequentavam muito o parque?

SL014: Muito. E foram os moradores, os que vieram em primeiro lugar, tinha a sociedade amigos de São Lourenço

Michela: Hoje não tem mais?

SL014: Acho que não. Meu pai foi presidente, mas tem 40 anos que ele morreu. Ele morreu com 91. Ele foi muito líder aqui, mas nunca mexeu quis ser prefeito, nunca mexeu com política, tudo que podia progredir na cidade ele era o primeiro.

Michela: Hoje em dia os moradores frequentam o parque? Menos?

SL014: Os moradores mesmo, os mais antigos tudo frequentam. Os outros também porque eles gostam de caminhar lá dentro. Mas vem muita gente pra trabalhar, que nem conhece o

parque, eles não ligam para isso. Mas o pessoal daqui mesmo, das famílias, aí sim. Mas era muito bom, no tempo dos cassinos então, era maravilhoso. A cidade era muito frequentada, vinham com joias, com tudo, era muito bom. Eu considero um dos anos bons aqui, foi 45.

Michela: Se a senhora tivesse que escolher o lugar mais importante de São Lourenço, qual seria?

SL014: Ah é o parque das águas.

Michela: A senhora acha que ele sempre foi considerado o lugar mais importante?

SL014: Sempre. A fama daqui são as águas. Na verdade nem é o parque, são as águas. O parque foi construído por causa das águas. E tem uma coisa que eu gosto muito, a capelinha lá em cima, de São Lourenço, e aquela escadaria, foi o papai e os irmãos dele, eles tinham uma cerâmica que faziam os tijolos e eles deram todos os tijolos e pegavam com os turistas dinheiro para construir, para pagar os pedreiros e foram eles que construíram aquela escadaria.

Michela: A senhora acha que o parque poderia ser considerado o símbolo da cidade?

SL014: Sim

Michela: A senhora acha que as pessoas também fariam essa escolha?

SL014: Acho que sim, a não ser esses que eu falei com você, mas esses a gente nem considera. Mesmo os turistas, essas pessoas que mudaram pra cá, que vieram do Rio, porque agora tá assim, aposenta e correm do Rio e de São Paulo e vem pra cá. Aqui está difícil, apartamento aqui tá tudo muito caro, você deve ter sentido isso. Esses que frequentam o parque, eles adoram, porque tem tranquilidade, tem sossego, senta lá, passa o dia, porque agora lá tem restaurante, porque no meu tempo não tinha. Eu não sei nem quanto tempo que eu não vou ao parque, porque estou com a perna ruim, teve um evento que eu fui, mas tem que ir de cadeira de rodas, já complica, tem que pegar uma pessoa para me levar...

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

1(x) as pessoas.

2(x) a natureza.

3(x) a localização.

4(x) a espiritualidade.

5(x) o turismo.

6(x) outro _____.

SL014: Tudo isso é mais. Esses todos são muito importantes. O Turismo, porque é ele que fortalece a cidade. As pessoas antigas da cidade, agora os novos também tem muita curiosidade. Meu neto é jornalista, não morava aqui. Voltou porque ele foi estudar e de lá foi para Aracajú, e ele ficou lá, lá ele casou e ele agora, zela por tudo. Essa semana ele tá brigando, porque a atual prefeita quer fechar o aeroporto e ele tá brigando. Onde já se viu fechar. Foi tanta luta para conseguir. O dono da fazenda Ramon, que hoje são donos do Hotel Sul América, ele deu para a cidade o aeroporto por causa do Getúlio, que era muito amigo dele. Então para o Getúlio vir pra cá, porque ele toda vez que ele veio, foi de avião. E a gente que era estudante tinha que ficar lá na estrada esperando o Getúlio chegar para aplaudir. Então, é um absurdo fechar. Quando foi construído o aeroporto aqui meu marido brevetou por aqui, ele tirou o breve aqui, teve a escola de aviação aqui e tudo, agora a Célia está querendo. Agora ela não é daqui, veio morar aqui, porque o pai do marido dela frequentava muito aqui. O avô dele era aquele homem cara da capa preta, Tenório Cavalcanti. E a mãe dele mora aqui agora, que é a filha do Tenório. E o neto chama Tenório. A espiritualidade aqui é maravilhosa. Tem o templo da eubiose que é a sede aqui. Eu tinha um livro muito bom, mas dei para os padres. Porque as pessoas querem saber, os padres franciscanos ficavam quatro anos em cada cidade aí eu falei, o tempo que o senhor está aqui tem que conhecer a eubiose para explicar o que é né. Eu acho interessante que são pessoas cultíssimas que fazem parte da eubiose. Quando é aniversário, parece que é em fevereiro, e em agosto, 11 de agosto eles tem uma comemoração grande, fizeram esse templo.

Michela: E tem outras religiões que vieram pra cá?

SL014: Tem. Temos um asilo espírita que é maravilhoso, que é a casa da Maria e os espíritas aqui são muitos, são dedicados. Agora falar em crente, não adianta porque pra todo lado está esparramado, já são muitos. Antigamente não.

Michela: Na visão da senhora porque eles escolhem esse lugar?

SL014: São Lourenço tem uma atração espiritual muito grande, todo mundo que vem sente.

Michela: Então para a senhora seria um pouco de tudo.

SL014: Tudo isso, e as pessoas as novas, estão começando a se interessar. Agora meu neto eu não sei. Porque a nossa família é muito arraigada a São Lourenço, ele também pegou, porque ele ficou 10 anos fora. O outro meu filho ficou 17, mas também voltou. É assim, os filhos da terra voltam mesmo, muitos casam e voltam para cá.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

1() uma péssima cidade de se viver.

2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.

3() apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.

4() uma boa cidade para se viver.

5(x) a melhor cidade para se viver.

SL014: É o que dizem, todos que se mudaram para cá dizem que é a melhor cidade para se viver, porque tem tranquilidade. Agora os filhos da terra, saem para estudar, se casam, mas não deixem de vir.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL014: Muito. A não ser o caso de política, que em qualquer lugar tem desavença, mas não são grandes. Não tem esse negócio de um querer matar o outro, de ter raiva. É uma cidade harmoniosa.

Michela: Existem duas correntes políticas principais aqui?

SL014: Tinha antigamente, mas agora são tantos os partidos. Aqui vive em harmonia. Não tem ninguém assim.... O Tenório agora foi preso, uma turma enorme que roubaram no SAEE. Ele tá cassado, durante 12 anos ele não pode se candidatar. Não tenho nada contra ele, não sou da política, estou quieta no meu quanto, mas tem essas coisas de mau governo, roubaram muito do SAEE. Eu não sei o que aconteceu direito. A Célia foi deposta, mas agora voltou, mas já tá com o processo, acho que ela vai cair logo. Ela não é daqui, fala que tem amor, mas não tem, como a gente que é daqui.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

1() uma péssima cidade para turismo.

2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.

3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.

4() uma boa cidade para turismo.

5() uma das melhores cidades para turismo.

SL014: Acho que é uma boa cidade, porque eles mesmos chegam e uns adoram, acabam comprando uma casa e ficam aqui. Outros, principalmente os mais jovens ah não tem divertimento. E de fato não tem muita coisa, fazem uns shows. Mas acho que a prefeitura que tem que providenciar. Eu joguei vôlei dos 14 aos 26, nosso time tinha nome aqui, nós custamos construir o Esporte Club São Lourenço, foi construído em 1940, todo mundo trabalhou, a gente fazia festa, fizemos bailes, mas não tinha salão, a gente fazia nos salões dos hotéis, no Metrôpole, eles sempre sediam pra gente. A gente fazia baile a rigor, a gente organizava, nunca foi a parte pública da cidade que organizou as festas. A gente mesmo que organizava, os moradores. Agora quem ama São Lourenço ama mesmo.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL014: Muito. Todo mundo fala, todos que vêm que é a melhor, que todo mundo é delicado, no comércio, para atender uma pessoa que vai comprar alguma coisa, tanto pra tudo, é isso é geral. É muito, mas muito comentado.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro_____.

SL014: A Melo Viana foi a primeira escola daqui. Foi construída na década de 20. Todo mundo passou por lá... O caminho do artesanato aqui é muito bom, muito desenvolvido. A ilha foi uma aquisição ótima do meu sobrinho que era prefeito adquiriu, porque hoje as festas são realizadas lá, porque antes não tinha lugar para fazer festa. E mesmo assim, os prefeitos não tem dado continuidade de querer fazer crescer. Tem a festa de agosto e vem muita gente de todo jeito, mas tem muito interesse de compra, vem gente de fora pra colocar barracas e vender. Mas eu creio que todo mundo acha o parque das águas, as águas minerais e o parque das águas.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores: E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2() conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3(x) querem conhecer mais e valorizam.	3(x) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

SL014: Eu acredito que não são todos, porque São Lourenço é uma cidade nova. Mas se você senta lá no parque todos adoram, vêm e não vão embora mais. Acho que as escolas deveriam falar mais, ensinar mais, porque se não, não irão tomar conhecimento. E os turistas são muitos difíceis, porque cada um vem de um lugar, mas acredito que todos tem curiosidade para saber a história, valorizam sim.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1(x) não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro_____.

Zeny: Como está foi o que Deus deu.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3(x) existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

SL014: São tão poucos os que se dedicam mesmo.

Local da realização da entrevista: Restaurante Casa Branca

Data:

Horário de início: 11:00 **Horário de término:**

DADOS PESSOAIS

SL015

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Lourenço 06/10/1988 Idade: 29 anos

Endereço Residencial: Rua dos Andradas, 337 - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 29 anos

Cidade de nascimento dos pais: São Lourenço

Qual seu estado civil? Solteiro

Tem filhos? Quantos? não

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? não

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Não.

Qual seu grau de instrução? Pós Graduação

Qual a sua profissão/ocupação? Engenheiro Civil / empresário

SL016

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Lourenço 30/01/1984 Idade: 34 anos

Endereço Residencial: Rua Marechal Floriano, 313 - Centro - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 34 anos

Cidade de nascimento dos pais: São Lourenço / Carmo de Minas

Qual seu estado civil? Casado

Tem filhos? Quantos? não

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Cristão-católico

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? CVB, através das empresas que sou sócio.

Qual seu grau de instrução? Pós Graduação

Qual a sua profissão/ocupação? Empresário do ramo gastronômico

Obs.: A entrevista foi iniciada com o SL015, mas seu, sócio SL016, também quis participar da entrevista.

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Você é de São Lourenço, me fale um pouco sobre o que você acha importante, sobre a formação da sua família aqui na cidade?

SL015: Meu avô e minha avó materna abriram uma loja de materiais de construção.

Meu avô materno é de uma região aqui próxima da cidade, ele é de Pentes Negreiros, um bairro de Maria da Fé. Minha avó é daqui mesmo, de São Lourenço. Se conheceram e meu avô tinha uma loja de material de construção. Abriu, fez a vida dele em torno daquele empreendimento. O meu vô paterno ele veio do Líbano para o Brasil, com 8 anos e minha avó ela é descendente de Sírio, não sei a época que ela veio, mas ela é nascida em Petrópolis, Rio de Janeiro. E os dois se conheceram e vieram morar em São Lourenço. Meu pai e minha mãe são naturais de São Lourenço.

Michela: Então a sua família já é uma família de empreendedores. Como foi a sua formação? Como você viu São Lourenço com a sua família empreendedora? Você acompanhou um pouco isso.

SL015: Eu diria que são dois perfis diferentes. Meus dois avôs. Meu avô paterno sempre investiu em imóveis, comprar e vender, e a família da minha mãe sempre trabalhou com

comércio. Então são dois perfis completamente diferente. Como a cidade é muito recente, não tem nem 100 anos, pra chegar nesse tamanho ela desenvolveu muito em pouco tempo. Então em questão de imóveis, comercio, é uma referência para a próxima cidade, depois de São Lourenço a grande cidade é Itajubá. Caxambu que era muito maior que São Lourenço, Varginha, Pouso Alegre e Itajubá são as cidades maiores que temos perto. Então, São Lourenço para a sua idade. Você não faz parte de nenhuma rota de nenhum caminhoneiro. Você tem o Parque das Águas, para você crescer em volta de uma cidade que não tem facilidade de acesso é muito difícil, e crescer tanto assim, parte também das pessoas que aqui se instalaram, não diria meus familiares, mas as pessoas aqui sempre colocaram a cidade para a frente. É uma cidade diferente de outros interiores, você vai para Cristina, Carmo, Itanhandu, são cidades mais pacatas. São Lourenço nunca foi pacato, sempre teve um movimento.

Michela: Me conta um pouco sobre como você contaria para o turista sobre a historia da cidade?

SL015: São Lourenço se criou em volta do parque, vieram as águas e com os turistas, com o turismo ele se desenvolveu. Muitas pessoas vinham passar, como o tratamento com água era um tratamento demorado, ele requer muito tempo dos turistas, então os turistas vinham, moravam na cidade, então a gente precisa de hotel, precisa atender a esses turistas que vinham passar um período, meses aqui para fazer tratamento. Então a cidade foi crescendo em número de hotéis e o número de turismo, de leitos.

Michela: Então o turismo realmente é a mola propulsora de São Lourenço

SL015: Sim. Inclusive quando eu morei fora, em Itajuba e Santa Rita uma coisa que me incomodava demais, é que as cidades eram universitárias, e chegava sexta, sábado a cidade morria, todo mundo ia embora, e a cidade ficava pacata, São Lourenço era ao contrário. De segunda a sexta era pacata e no final de semana e feriado a cidade enche. Então o foco da cidade é o turismo.

Michela : E esse turismo, você acha que mudou?

SL015: Eu acho que sim.

Michela: Então SL016, estou fazendo aqui uma série de perguntas tentando direcionar uma conversa que é mais aberta para tentar perceber a visão de vocês de São Lourenço. O que vocês entendem, percebem, a gente estava acabando de falar aqui e se você concorda que o turismo é uma mola propulsora. Então eu e o Antônio quando você chegou estávamos comentando se o turismo mudou?

SL015: eu não tenho dúvidas. Getúlio Vargas vinha a São Lourenço, hoje a gente não imagina um presidente vindo a São Lourenço.

Michela: E porque a gente não muda isso?

SL016: Não só Getúlio, Juscelino...

SL015: a mulher dele era amiga do meu avô.

Michela: Grandes artistas vinham...

SL015: Hoje em dia esse turismo, acho que pelo perfil dos hotéis. Hotel oferecer pensão completa, isso é uma coisa, puxa um turismo diferente, que do turista interessante, que é o que tem dinheiro. Ele puxa um turismo da pessoa que não tem dinheiro. A pessoa vem gasta, ela só quer gastar aquele montante para ficar no hotel, pacote completo, ela não coloca dinheiro na cidade, ela coloca no hotel. É um turismo que mudou. Os grandes hotéis da cidade trabalham dessa forma.

SL016: é algo que aos pouquinhos já tem mudado. Você pega o hotel novo, o Class, ele já tem uma proposta mais moderna, é só o café da manhã e o turista fica a vontade para conhecer a cidade e a região. Mas isso é coisa que vem de muitos anos. Esses hotéis de grande porte aqui da cidade, sempre trabalharam dessa forma, com raras exceções. A maioria trazendo um tipo de turismo que não roda a cidade, não deixa o dinheiro no comércio local.

Antônio: E deixamos de evoluir. Você vai em uma cidade menor, Monte Verde, Tiradentes, Visconde Mauá, o turismo não é de pensão completa. Você consegue ter restaurantes

melhores, rodar a cidade. Porque o dono do restaurante consegue evoluir sua equipe com o cardápio que o turista quer. Não é o frango com quiabo, não que o frango com quiabo seja ruim, mas frango com quiabo é um prato simples.

SL016: Acaba meio que forçando o empresário do ramo, está tendo uma demanda, vamos investir. Hoje a gente investe, mas fica com medo, porque o turismo é sazonal né. Porque não é um turismo que vai todo para o restaurante, uma parte fica no hotel.

Michela: e esse investimento de vocês aqui...perceberam a mudança nesse padrão, vocês estão forçar, perceber, porque tem uma qualidade diferente do que a gente vê... A começar pelo local, não conheço outro lugar em São Lourenço que tem um projeto dessa magnitude. Quando foi oferecido para os meninos, os meus sócios, esse restaurante aqui dentro do parque, oferecendo primeiro o restaurante onde era o antigo restaurante, e não interessava eles porque não tinha diferencial, montar um restaurante por montar, a gente não quer montar mais um restaurante, a gente quer montar o restaurante. Então a proposta nossa foi realmente, é um truco para poder mudar essa chave que a gente tem condições de fazer um lugar bacana.

Uma pessoa sozinha, ou alguns poucos empresários não conseguem dar essa guinada, porque eu com essa visão de fora eu vejo muito potencial, vocês tem percebido outras pessoas, seja o poder público, seja o Convention, que é uma Associação que teria esse papel e outros empresários que estão apostando nisso.

SL016: A gente até conversa, que temos percebido um movimento nos últimos anos, mais da iniciativa privada. O Convention é da iniciativa privada, fomentam bastante isso e você vê que os próprios empresários tem procurado melhorar, tem iniciativa própria com os negócios, talvez igual aqui que é goumert, tem cervejarias que estão com essa proposta, outras casas que estão buscando isso. Então tem tido esse movimento de melhorias.

SL015: Uma coisa que até é contraditória, eu não sei quão verdadeira essa informação é, mas diz que São Lourenço tem o segundo maior número de leitos do Estado de Minas Gerais, perdendo somente para BH. Então a gente tem um problema, se todo esse hotel resolver jogar as pessoas na rua, não vai ter comida para as pessoas, porque não estamos preparados para isso. Essa transição tem que ser feita devagar, não é uma coisa que você pode fazer em um ano.

Michela: E até entendendo que a intenção é aumentar o padrão. Umas coisas fabulosas que eu percebo e quero ver a percepção de vocês, e a história. A formação da cidade, o empreendedorismo, a cidade foi criada por empreendedores, não foi pelo Estado. Quando a gente fala de turismo, o turista leal é aquele que vê o valor da história. Até que ponto vocês percebem que a história aqui poderia ter mais valorizada, tanto pelos moradores, como pelos turistas

SL015: Eu acho que primeiramente os moradores não percebem. Como que os turistas vão perceber se conversa na rua com pessoas que não sabem o que está acontecendo. Primeiro é nós que precisamos saber da história de São Lourenço. Se a gente não consegue divulgar a nossa história, não vai vender.

SL016: O próprio parque acho que é o melhor exemplo disso. Você pega clientes nossos que tem frequentado aqui e fazem 10 anos que não vinham ao parque, morador.

SL015: Porque não tinha atrativo aqui dentro, a pessoa não dá valor.

SL016: Você pega o balneário, a própria Casa Branca, a Ermida, são coisas que tem mais de 100 anos, tem história e as pessoas aqui acho que não se interessam.

Michela: E essas coisas precisam ser ensinadas ou divulgadas. Andando pelo parque, ele é muito bem tratado, mas coisinhas simples, uma plaquinha explicando....

SL016: Até uma questão mesmo que eu sinto falta aqui é de guia, a pessoa entra aqui e vir aqui sem guia, você está só andando no parque, porque sem guia... bonito é, e tem outros lugares bonitos também. Então não é atraente, agora se você tiver um guia, que saiba a história, que possa falar, o interesse do turista para o guia, políticas para poder viabilizar isso também. Se o nosso turista é um turista que não tem dinheiro, vamos tentar fazer com que

esse turista pague um serviço. Então eu vejo dessa forma. Já cansei de vê gente aqui no parque que bate lá no Balneário para perguntar onde tem água, não sabe nem que tem vários tipos de água.

Michela: Mas para isso precisa passar a informação, seja um folheto, sei lá, coisas do tipo, mas não é uma carência só daqui, é do Brasil de uma forma geral. Então a história, a memória é uma coisa que precisa ser cuidada com carinho. E ser passada para os jovens, por isso que vou fazer um trabalho nas escolas também, e às vezes a gente tem respostas, surpresas muito interessantes, os meninos percebem coisas que a gente não percebe. Vamos seguir. O que vocês mais gostam de fazer em São Lourenço.

SL016: o parque era uma das coisas que antes do restaurante, meu hobbie era vir pra cá, era fazer uma atividade física aqui em volta desse lago, depois sentar na frente do lago, do balneário, a parte da manhã aqui é lindo para você dar um relaxada, meditar, pensar, aqui pra mim é o principal ponto turístico da cidade, está acessível e está sendo pouco valorizado e explorado pela própria população. Mas o que eu gosto de fazer, quando dá, é vir pra cá.

SL015: Eu tenho a vida mais pacata que a dele, não sou tudo isso não. Eu sou caseiro, eu curto São Lourenço por ser uma cidade pequena, por poder conhecer todo mundo, andar na rua, conversar, a qualidade de vida. Você anda na rua, você olha a pessoa e sabe quem que é, quem é filho, quem é pai.

Michela: Mesmo com o crescimento?

Rafael: Já não é mais aquela cidade pacata igual era, mas ainda sim, é uma cidade que consegue ter uma tranquilidade, uma qualidade de vida. Quem vem de fora diz que estamos no paraíso.

Michela :Várias vezes já deixei meu carro aberto e tudo bem, não tem problema não. Bom, e vocês trabalham também com construção, com loteamentos?

SL015: São Lourenço foi um das pioneiras do plano diretor, e foi aplicado. O problema é que eles viram o crescimento da cidade ia para o lado do Ramon, Inhá Chica, então o plano diretor não foi atualizado e a cidade começou a crescer sem ordem para o outro lado. Porque eles criaram barreiras para um lado, deixaram o outro lado aberto, então os loteamentos eram para o outro lado. Agora nós estamos tentando, nós engenheiros estamos fazendo reuniões para tentar ajeitar isso.

Michela: Junto com a prefeitura? Para legalizar isso...

SL015: Inicialmente nós, tentando com o apoio da prefeitura.

Michela :Tem alguma Associação de Engenheiros?

SL015: Tem, o CREA está em São Lourenço. A gente tem uma Associação em São Lourenço, regional de engenheiros e agrônomos. Mas nossa Associação estavam muito dispersas, e agora começamos a unir novamente, a gente trocou as chapas e estamos começando um novo trabalho. Estamos começando, por vontade de outras pessoas, a gente formou uma chapa para poder combater esse tipo de mal, essa doença para a cidade. É uma doença, mas tem cura. A gente precisa de unir para poder criar limites, para as pessoas ganharem dinheiro de forma que não prejudique a cidade. A gente quer mudar o plano diretor para poder adequar as novas realidades da cidade.

Michela : Eu ouvi dizer que agora não pode mais fazer loteamento?

SL015: Eu acho que não tem uma lei que fale isso, que fala que só pode ter x loteamento na cidade. Na minha opinião, pode ser que dificultem o processo para fazer loteamento, mas impedir eles não podem. Não vejo um modo legal que eles possam proibir de fazer um loteamento. Não tem uma lei, não tem um documento, pode sim, métodos que deixem área verde em loteamentos maior. Um problema que hoje eu vejo na cidade, que já me alertaram é o córrego Rio Branco, São Lourenço (?) pelo número de loteamentos que estão sendo criados atrás. O problema é que você cria o loteamento e está aumentando a velocidade para dentro do córrego, na chuva você aumentar e pode causar enchentes na cidade.

Michela :A estação de tratamento de esgoto aqui, como que é?

SL015: Não tem. A estação estava sendo construída, parou. O rio tem cloro que eles conseguem tratar.

Michela: Já que puxou um assunto interessante. Essa relação com a prefeitura, com o planejamento é complicado?

SL015: É um processo complicada por causa da capacitação das pessoas. Na câmara não estão capacitados para desenvolver leis. Os nossos eleitos não são pessoas com diplomas, não tem preparo e não busca ajuda. O problema de ser político é que vira profissão, não é uma profissão, é um trabalho social. Você tem que fazer isso para a cidade.

Michela : O fato de você ter um conhecimento excepcional em alguma área, você colabora.

SL015: A associação, a gente pode justamente trabalhar nisso. A gente unido tem força. Então a gente pode colocar para a prefeitura, não fazer pedidos a prefeitura, porque uma pessoa só não faz diferença. Agora a gente como um grupo é diferente.

Michela : Tem um grupo de arquitetos aqui. É extremamente desejável que seja uma equipe multidisciplinar, não só engenharia, mas arquitetos, agrônomos, engenheiros florestais, todo mundo trabalhando junto. Como que é esse contato com os profissionais da construção.

SL015: O arquiteto correu da gente. A associação, como ela é um órgão do CREA, ela não pode. A gente colocou um arquiteto, mas tem que pedir pra lá, se está disponível para o arquiteto, se o arquiteto quiser fazer parte da Associação, pode. Mas os arquitetos são bem vindos. Não tem nenhuma briga. Os arquitetos frequentam as reuniões da Associação. É uma coisa muito nova ainda pra gente, mas a gente pensa assim.

Michela : se vocês tivessem que escolher o local mais importante da cidade, qual seria?

SL015: o parque das águas, a fonte Vichy.

SL016: acho que o parque.

SL015: Se você tirar o parque daqui, acabou.

SL016: É o conjunto

SL015: São Lourenço passaria muito aperto se faltasse isso aqui. Não estaria onde está. Como urbanista, você sabe, que toda grande cidade tem que ter um parque. A gente teve o privilegio de ser criado em volta de um.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2() a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5(x) o turismo.
- 6() outro _____.

SL015: Positivo é o turismo. Fiquei em dúvida, por causa da localização, perto do Rio e São Paulo, mas é o turismo.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4(x) uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

Rafael: de forma geral eu colocaria está entre ainda é uma boa cidade pra se viver, apesar de alguns pontos.

SL015: eu colocaria uma boa cidade.

Michela: Você que comentou Rafael, apesar de alguns pontos negativos, quais pontos você poderia apontar?

SL016: Estou tentando entrar na mente do que escutamos, de forma geral, talvez por não valorizar aquilo que se tem, sempre o do outro é mais bonito. Mas na hora que vai pra fora é que vê que aqui...

SL015: Na minha opinião a cidade é muito fora do centro, onde o turista fica. Tem que estar, mas a periferia também é importante, para mudar isso. Para a pessoa achar que a cidade é boa para se viver. Porque se tem 100%, 20 acha que é boa para se viver, mas os 80 mora em um lugar desprivilegiado. Se a pessoa morasse no centro eu tenho certeza que ela ia gostar de se viver. Então eu acho que a cidade boa de se viver tem que olhar como um todo.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL015: Eu acho, eu não vejo problema de convivência não.

SL016: se respeitam, acho que de forma geral, colaboram. Não é aquela cidade que você reclama de vizinhos, por ser uma cidade pequena tem boa relação.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

SL016: essa percepção que ainda pode ser muito mais, com um potencial enorme, mais ainda não é explorado da forma... até divulgação... não sabe que tem o trem, o balonismo, a rota do café, tem a quinta do cedro, tem a montanha sagrada, tem opções...

SL015: Mas isso não está organizado no lugar, até mesmo na cabeça do morador. Se você perguntar o morador o que tem pra fazer em São Lourenço, ele vai falar vai para o parque. Exceto isso, a pessoa nem pensa no balão, acho que falta um pouco da conversa, dos responsáveis por criar os passeios turísticos com os moradores.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL015: eu vejo, até porque depende deles. As vezes eu vejo pessoas reclamando de turistas, mas é porque não depende deles. Ah turista é folgado, mas nesse sentido. Eu tenho que gostar, ele me dá dinheiro, é meu cliente.

SL016: gente reclamando sempre tem. Não pode generalizar, é um ou outro, como em qualquer lugar. A maioria das pessoas são agradáveis, que estão ali para ter uma experiência positiva, não estão para sair de casa e encher o saco. Mas as vezes a gente se apega a esse um. Então é a minoria.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro _____.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores: E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2(x) conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3(x) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1() não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.

5() outro _____ político/ calçamentos_____.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

1() não existem.

2(x) são muito poucas e ineficientes.

3() existem e atendem parcialmente.

4() não são suficientes mas são boas.

5() são suficientes e eficientes.

SL015: existe pessoa com boa vontade, mas se dispersa.

SL016: acho que é importante falar do conceito da Casa Branca, que vem muito de encontro, porque tem a arquitetura e a história.

SL015: porque a gente sabe que a casa tem muita história, muito significativa. A gente quer resgatar. Aqui era um hotel. Essa cara era maravilhosa, perdeu a história.

SL016: e isso é um dos conceitos, no início foi questionado, ficou embargado. A ideia nunca foi tirar a identidade e sim manter. No futuro fazer um museu.

Michela: Você nasceu aqui em São Lourenço.

SL016: Nasci e fui criado aqui. Sai, fui estudar, fiz odontologia em São José dos Campos, formei em 2009. Sai do ramo da saúde. minha família por parte de pai é de Carmo de Minas, minha avó por parte de pai, assim que o marido faleceu, foi com os filhos para São José dos Campos e ali eles se fizeram. Meu pai foi, morou lá por muitos anos e voltou pra cá no início da década de 80. Minha mãe, a família é daqui da região mesmo.

SL016: Eu gosto muito dessas famílias que vieram de outros países. Essas famílias Gannan e Lage, são muito relevantes para nossa história. Acho que paralelo a esses imigrantes que vieram, é a história do parque, desse casarão. O parque tem uma história muito rica.

Local da realização da entrevista: Residência da entrevistada

Data: **Horário de início:** 14:00 **Horário de término:** 16:00hs

DADOS PESSOAIS

Gênero: Feminina

Local e data de nascimento: São Lourenço 20/08/1933 Idade: 85 anos

Endereço Residencial: Rua dos Andradas, 337 - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 85 anos

Cidade de nascimento dos pais: Pai – Carmo de Minas Mãe - Itajubá

Qual seu estado civil? Viúva,

Tem filhos? Quantos? Sim. 7

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Católica

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Não.

Qual seu grau de instrução? Ensino Superior Completo

Qual a sua profissão/ocupação? Escritora / historiadora

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: E a senhora é daqui? Sempre morou aqui?

SL017: Sempre. Meus pais são dessa região. Meu pai nasceu em Carmo de Minas, na época que a cidade chamava Silvério Ferraz, foi criado lá também e ficou com a fazenda do meu avô. Minha mãe nasceu em Itajubá.

Michela: Me fala sobre a chegada da família da senhora aqui em São Lourenço, como que foi a formação...

SL017: Vou falar pelo lado da minha mãe, porque o lado do meu pai é de Carmo de Minas e pronto. A minha avó era do Rio, era de uma família abastada do Rio de Janeiro, um dos irmãos dela tinha uma fábrica de caldeiras para as locomotivas na época. Eu tinha uns 5 anos mais ou menos, tenho uma foto junto com ele, mas os outros eu não sei muita coisa sobre eles. Mas minha mãe não se dava bem com a sogra, ela era temida por todas as noras. Então o que ela fez, ela veio para São Lourenço, porque não era um lugar de muita projeção, não tinha nada. Ela queria sossego, e veio para cá e minha mãe nasceu aqui. Minha mãe nasceu em 11 de abril 1913, então ela deve ter vindo pra cá em 1912. Minha mãe depois foi criada com outra pessoa, porque ela não podia mais ficar tomando conta de uma menina no meio de cinco meninos que ela tinha. Então ela alugou um hotel, que foi a primeira locação, durante muito tempo... e eu nasci neste hotel, que hoje é a Secretaria de Educação. Mas a minha mãe foi uma pessoa que foi educada, por causa da minha avó, de tradição, de posição social melhor. O pai era um homem rico de Itajubá, ela foi interna muito nova, acho que 6 anos ela já foi para o colégio de freia, porque minha avó precisava cuidar da vida dela, e ela foi para o colégio de freiras em Guaratinguetá – um colégio de tradição, colégio que está lá até hoje. Ela então formou lá e foi quando ela casou com meu pai. Meu pai tinha fazenda, e tudo que era produzido na fazenda era vendido para os hotéis, naquele tempo era assim. E minha mãe conheceu meu pai assim. Meu pai era de uma família bem importante de Carmo de Minas, teve um nome muito bom na política, tem nome da rua em Soledade, em São Lourenço, em Carmo de Minas, em Cristina, porque ele fazia uma política diferente, não deixava ninguém brigar com ninguém, e conseguiu tudo para a Cidade. Nesse tempo ele estava fazendo o 4º ano de medicina, e você já ouviu falar no Caraça? Ele estudou lá e depois fazia medicina em Ouro Preto. Então ele estava no 4º ano e foi quando o pai pediu que ele voltasse, deixasse de estudar medicina, porque ele tinha duas irmãs solteiras, que eram mais velhas do que ele. Meu avô falou: eu vou morrer e você vem embora! Isso aconteceu com meu avô. Aí ele passa a fazer parte de política, ele já tinha um grau de instrução e era muito mais do que os outros

que não tinham nada. Então ele começou a ser assim médico dos pobres também, visitava aquela gente, visitava São Loureço. Em Carmo de Minas ele teve uma projeção grande, escrevia para os jornais de lá. E quando foi na época do meu pai, aconteceu a mesma coisa. Meu pai casou com a minha mãe e ele era 15 anos mais velho do que ela. Então sendo mais velho do que ela, ele já tinha certa experiência em tudo. E a minha mãe não, ela estudou no Colégio interno, aquela coisa de irmãs e um colégio chique. Ela saiu de lá formada, vai para o hotel arranjar um emprego ajudando a mãe, e conheceu o meu pai e resolveu casar. Casaram mas iriam morar na fazenda... Nas fazendas não tinha luz elétrica, era lampião... Eu quero, vou casar assim mesmo, não tem problema. A fazenda não tem mais, era entre Carmo de Minas e São Lourenço. Pois a partir daí ela não saiu mais de casa, criou os filhos, nós éramos sete. Criou muitos sobrinhos, da parte do meu pai. Depois que ela criou o pessoal todo ela começou a ver que ela pode ser útil de outra forma... Então, eu já estudava em São Lourenço, colégio interno e a minha irmã era bem pequena, era a última da casa, bem pequena. Então a minha mãe começou a fazer assim, tinha uma árvore, a casa era bonita, pedras sobrepostas, e meu pai e a minha mãe queriam dar aula. Então para levar lá para dentro de casa, a casa era imensa, tinha três salas onde ele recebia os políticos, resolvia coisa lá. Tinha muitos quartos, se não me engano era 11, mas o papai falava que não ia ter jeito de fazer aqui carteiras... e isso e isso. Ai ele perguntou, então você quer dar aula, então pera aí. Ele pegou a árvore, colocou cavaletes, banquinhos e minha mãe dava aula embaixo da árvore. E assim ela deu aula pra muita gente. De vez em quando eu encontro alguém aqui, velhos já. Mas hoje tem gente graduada que passou por lá. Ela morreu em 2007, no dia de aniversário dela de 94 anos. Meus irmãos, eles ficaram um tempo ainda lá... Quando meu bisavô viu que não podia deixar as filhas sozinhas, era perigoso, ele chama meu avô e ele larga a medicina. Meu pai estava no exército, ele já estava se graduando, então o pai dele ligou e falou a mesma coisa. As suas duas irmãs não podem ficar sozinhas e ele largou tudo e veio embora. Com isso, quando meu avô morreu, dividiu a fazenda. Tinha a fazenda da Bomba, e ela era do meu avô. As terras do meu avô começava em São Lourenço e terminava em Carmo de Minas, era muita terra mesmo. Então quando meu tio Sebastião resolveu se casar, ele precisava de ter uma casa, aí ele procurou um lugar para construir a casa. Ele fez aquela casa na fazenda da Bomba em 1922 e ele casou em 1923. Então desmembrou uma parte para ele. E ali é interessante... porque ela chamava Bomba, porque ele queria plantar um cafezal e ele geralmente é plantado em morro, ele então fez o cafezal. A água de chuva começou a cair e apesar de ser um morro, tinha uma mina enorme que servia a fazenda da bomba e ia pra casa da minha mãe. De tanta água que tinha, deu infiltração nos lenções freáticos e arreventou. Então o cafezal do meu tio acabou. Um dia ele falou comigo que se a gente andar lá na várzea ainda acha pezinho de café por lá. Aí ficava assim, “onde é sua casa? Ah, lá no lugar daquela bomba, onde arreventou a bomba, e aí ficou.

Michela: Se a senhora tivesse que contar de uma forma genérica os fatos mais importantes na formação da cidade de São Lourenço, o que que a senhora destacaria?

SL017: olha eu vou te falar a informação dentro do meu contexto. Para a cidade surgir dependemos de Campanha e de Carmo de Minas. Sem saber o que foi Campanha para nós, o que foi Carmo de Minas não tem jeito de saber o porquê de São Lourenço. Então começou assim, aqui era um local ermo, muita mata, muito brejo, muito aterro. O nosso lago saiu do brejo, não tem nada natural ali. A cidade começou dessa forma, um senhor de Campanha se interessou em comprar as águas minerais daqui justamente para comércio. E ele conheceu isso porque ele tinha um jornal, que era do Sul de Minas, e todo mundo mandava notícias para lá, então foi fazendo um cabedal de notícias muito grande para ele, sobre o que está aparecendo em São Lourenço. Tivemos uma pessoa muito importante, que foi o Sinésio Fagundes, e ele era um grande amigo meu. Até hoje a mulher dele é minha grande amiga. E eu fui trabalhar em um local porque eu tinha que fazer alguma coisa para a cidade. Eu escrevia um pedacinho para o jornal, ele falava assim, faz aqui, e com isso eu fui fazendo assim. As coisas que ele fazia, eu ia atrás fazendo também. Um dia ele falou assim: eu já tenho dois

livros publicados, me deu esses livros e disse: você faz o seguinte, se um dia eu morrer e não poder terminar o livro, continua a minha obra por favor, não deixa parado não. Foi o que eu fiz, eu tive um lugar onde eu pude estribar o que eu ia fazer. Só que muito depois disso, eu já tinha dado muita aula falando sobre águas Viana, só que um dia eu comecei a pesquisar e vi que não era bem assim. Muito tempo depois, eu achei em um lixo da Casa da Cultura, achei um punhadinho de coisa assim, no lixo mesmo... e lá tinha uma página 16,18 depois pulava para a 23 e assim ia. E eu comecei a ler e eu tinha muita influência do Sinésio na minha vida e conhecia muito bem o estilo dele, e vi que aquilo era dele. Lendo, vi que era um livro que ele estava escrevendo justificando aquilo que estava errado no começo. Ele era um homem muito correto, ele estava justificando ele.

Michela: Entendi, porque aprofundou o estudo e percebeu que não era...

SL017: Isso, como uma pessoa consciente com o que ele estava fazendo, ele não ia deixar que um dia falasse, você errou... ele mesmo ia corrigir. Então eu peguei as coisas, e ele tem um filho que chama Sinesinho, casado com a cunhada do meu irmão e os filhos dele foram meus alunos. Há uns dois meses eu fui lá, levei uma pasta com tudo que achei, coloquei todos e mostrei pra ele. Aí falei com ele que gostava muito do pai dele, falei que ele era um homem integro, e que estava fazendo algumas coisas que ele não concorda em São Lourenço, e o livro que ele estava escrevendo, e ele mesmo se justificando que aquilo mesmo não era assim. Só que não tem a assinatura dele, não tem nada, mas ele conhecia o estilo do seu pai. Quando ele estava lendo ele foi identificando e entendendo muito bem. E ele foi se justificando assim: “O porquê desse opúsculo” que era o nome. Aí falei com ele, que como filho do Sinésio, eu queria saber se isso aqui eu posso corrigir o que ele fez ou não? Escrever o certo explicando o que ele mesmo estava explicando.

Michela: Por mais que eu não vá fazer um levantamento histórico minucioso, porque a minha intenção nessa pesquisa é perceber o que os moradores escolheriam como símbolo da cidade, é importante que eu saiba uma versão mais atualizada, a senhora poderia falar sobre a formação da cidade?

SL017: Então foi assim, chega em Campanha para o jornal Monitor Sul Mineiro, para o Senhor Bernardo Saturnino da Veiga notícias sobre as águas de São Lourenço, aí começa.

Michela: Então antes não tinha nada das águas dos Vianas?

SL017: Não. Aqui era um lugar ermo, mas era ermo mesmo. Tinha cidades por perto, como Campanha, tinha Lambari, que já tinha começado algo por lá, Cruzeiro não era tão longe, e não era longe do Rio e nem São Paulo. Por outro lado, tinha muita gente que tinha Fazenda em Carmo de Minas, essa ponta aqui era parte de uma fazenda. Então o que que eles fizeram, ao falar que se interessava por essas águas, ele fez uma carta e mandou para o meu avô que correspondia com ele, mandava coisas para o jornal dele. Então ele mandava as coisas também dessas águas vitrílicas, devia ter aquele gosto esquisito. Eu ainda não achei esse termo, apesar que minhas filhas são farmacêuticas... não perguntei para elas ainda não. Bom, então aconteceu o seguinte, ele disse que interessava e que iria comerciar. Então mandou uma carta para o meu avô, falando que ia João Pedro, sobrinho dele, procurar o dono das terras, que já sabia quem era, e falar com o dono que ele queria essas terras. Então ele veio, ficou na Fazenda do meu avô, e depois saíram e conseguiram fazer um jeito para comprar. E o sobrinho levou amostras de algumas águas pra ele, e aí eles fizeram a compra do terreno. Por isso que tem Campanha aqui.

Michela: Tem a história dos Bandeirantes aqui também?

SL017: Não, tudo mentira. Nenhum desceu para o lado de cá da Mantiqueira. Nenhum Bandeirante que a gente tem certeza absoluta desceu do lado de cá, certeza não, eles tiveram na Mantiqueira. Aí falam assim Pouso de Lourenço, quem é o Pouso de Lourenço? Na história antiga da cidade teve um tal de Lourenço que fez uma casinha e plantou umas couves em volta da casinha, e quando esses bandeirantes passaram por ali eles dormiam nessa casa. Não tem nada que diga que é verdade. Outra coisa que falam é que não vinham só bandeiras, mas também cargueiros trazendo coisas para vender em Três Corações pela Mantiqueira. Aí

eu perguntei para o senhor lá, que é o Jornal Cruzeiro do Sul, e ele me disse que não existe um caso que tenha saído daqui com esse tipo de cargueiros para vender lá. A coisa foi feita por aqui mesmo para crescer a cidade. E os índios também não, tem muita coisa escrita errada. Esses dias alguém me falou que do outro lado do rio tinha um cemitério que era de índios e de escravos. Quem que prova que foi isso. Não tem nada que prove, não tem jeito. Eu prefiro deixar isso de lado.

Michela: Então foi a partir do Bernardo Saturnino da Veiga...

SL017: A partir do momento que eles compram a terra, então precisava fazer a captação das águas, aí eles começam, vê que o negócio não era brincadeira, porque para captar as águas eles tinham que trazer muitos peões para cá, então trouxeram 500 peões, a maioria de São Paulo. Teve uma época que começa o ouro em Minas Gerais, e ia para Paraty. É claro que tinha que passar por aqui, por causa da Mantiqueira, o lugar mais baixo da Mantiqueira era aqui. Só que depois começaram a falar da estrada real e pediram para eu fazer um tanto de coisa sobre isso, e falei que não podia, porque queria fazer de um jeito, e eles de outro. Do jeito deles eu fazia mais não assinaria, aí não deu certo. Vê se tem cabimento, vamos dizer que chegavam em Baependi, se eles dobrassem por lá não vinham pra cá, passavam longe do Rio Verde, mas não. Eles queriam que eles tivessem passado por São Lourenço, então eles fizeram o seguinte, lá de Baependi passavam pra cá, aí na hora que chegava no Cafundó atravessava o rio, que era enorme, só que quando chegava aqui pra pegar a estrada de Paraty atravessa de novo. Então é muita burrice, não tem como.

Michela: Vamos considerar que o marco da fundação foi o Bernardo Saturnino da Veiga?

SL017: Isso. A ermida e a primeira missa foi assim, o Bernardo era casado, inteligente, era comendador da Ordem do Estado de Minas, ele pensou assim, vai haver brigas demais de peão com pião, vai haver morte, esse povo vai ficar longe da família, começou a pensar assim. Então ele resolveu que deveria fazer uma igreja urgente para que aqueles homens pudessem rezar. Sempre tinha padre por ali. Eles aí faziam tudo por esses peões. São Lourenço pegou muita gente boa, é lógico que tinha gente complicada. Dois anos depois, ele não aguentou, porque era mais velho, e vendeu para o sobrinho que vendeu pra outro... Foram 13 vezes em todas essas... quando vendia para outro falava assim: com todas as benfeitorias feitas pelo administrador do terreno, a ermida também. E sempre ajudei lá na administração do parque. Aí eu comecei a falar com eles, porque não podia doar a igreja para a paróquia? Porque eu não aceitava que uma igreja fosse direito do parque e dono da igreja. Não podia aceitar isso de jeito nenhum, minha mãe tinha casado ali. Então eu encontrei uma pessoa que ficou muito meu amigo mesmo, então ele começou a vir aqui em casa a gente conversava e eu escrevia as castas que eu queria em português, e ele passava para o francês ou inglês, e começa a resolver. 4 anos depois eles me chamaram e com o tempo eles doaram. Eles entregaram o lote, desmembraram do parque, levou um ano para medir o parque pedaço por pedaço.

Michela: Eu vi que tem uma placa comemorativa explicando.

SL017: Eu que escrevi aquela placa e foi assim que começou. Ai na primeira missa pôs um cruzeiro lá, o marco para fazer a Ermida. Nesse dia foi a primeira missa, mas não tinha o nome de Ermida, era capelinha. Só em 73 que ela mudou de nome.

Michela: Foi uma missa em homenagem a São Lourenço, porque o pai do Bernardo chamava Lourenço?

SL017: Isso, nascido em 10 de agosto e naquele dia é comemorado o dia de São Lourenço e naquela época era natural que a criançada toda que nascesse no dia do santo recebia o nome do santo, e ficou.

Michela: E sobre a história dos franciscanos aqui na cidade, como é que começou?

SL017: Precisava de um padre que viesse para fazer uma basílica, porque não comportava mais os fiéis dentro da que tinha, e ela ficava longe. Então vieram quatro vigários e depois o Freio Egídio. Então o bispo era franciscano, e chamou um franciscano para cá, e esse franciscano saiu da Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, e veio para São Lourenço, que não tinha nada... isso em 1932, era pequeno e já tinha emancipado em 1927, mas isso

não quer dizer nada. Não tinha rua calçada quase nenhuma, muita coisa para fazer, tinha muitos hotéis, e precisava ter mesmo porque era pra isso. Mas a vida religiosa, ela era pequena, só tinha aquilo ali. Então ele veio para construir lá embaixo, aí começa a vida franciscana. Foram 72 anos de vida franciscana aqui.

Michela: e tem uma ligação forte com a cidade né? A maioria é católica.

SL017: Sim, tem.

Michela: mas também tem outras religiões?

SL017: Ah, tem. Teve uma época em que teve um frade muito bom que chamava Frei Osmar. Alemão, e se deu muito bem com o senhor Jonas Alencar. Os dois eram uma coisa mais engraçada, os dois sentavam no banquinho em baixo de uma árvore e ficavam horas e horas conversando. O outro era presbítero da igreja principal presbiteriana, e eles eram grandes amigos, então na religião católica não se fez frente para igreja nenhuma. De uns tempos para cá que as coisas estão diferentes. Antes um padre estudava seis anos para depois ele assumir a paróquia, para depois ele dar a comunhão, fazer isso, aquilo. Hoje nas igrejas luteranas, em 3 meses você faz um curso, já está pronto, está bom. Eu tenho um sobrinho nessa situação, a mãe dele é de origem presbiteriana, e ele cresceu ali e dizem que ele fala muito bem.

Michela: Eu tenho informação, não sei se é correta, que na década de 70 começou a vir também outros, pessoas mais holísticas, a Eubiose também. E qual a relação da Eubiose com a formação da cidade?

SL017: Olha, eu tenho que dizer que o professor foi uma pessoa boa, mas era uma pessoa dedicada a Eubiose. Coisa importante na cidade, eles não fizeram. Mas fizeram uma coisa importante, porque veio muita gente boa para morar aqui, isso foi.

Michela: O que a senhora mais gosta de fazer em São Lourenço? O que a senhora tem mais saudade?

SL017: O que eu tenho mais saudade é a casa dos meus pais mesmo, que era um pomar enorme, e a gente brincava com os filhos dos colonos que pertenciam. A gente comia na mesa a hora que fosse. Essa época era muito boa e depois fui estudar no colégio das irmãs e foi muito bom também. Era um convívio com as irmãs, a gente vai levando uma certa maneira de encarar a religião como deve ser. Agora no meu tempo de criança tinha matinê e o parque. O parque sempre esteve presente, foi a melhor coisa da cidade.

Michela: Se a senhora tivesse que escolher o lugar mais importante da cidade de São Lourenço, qual a senhora escolheria?

SL017: No momento atual pra mim é a Ermida, porque ali foi uma coisa muito importante pra mim. Eu acho que os colégios que eu trabalhei aqui são todos importantes, o parque é importante, mas o parque desde o momento que é de outra pessoa, que é vendido, não tem interesse, é a mesma coisa. Você tem o Hotel Brasil por exemplo, ah, maravilhoso ele tem isso, tem aquilo, mas é meu, não é da cidade, eu não mando lá.

Michela: Fala um pouquinho sobre o Santo Sudário...

SL017: Foi uma época 73, Nossa santidade é o primeiro que saiu de Turim para o mundo e veio pra gente. Na mesma época saiu dois ou três que eu já não sei mais para fora, pra Europa e depois teve um aqui no Brasil também.

Michela: E porque que veio para cá?

SL017: Porque o frei chamado Frei Anastácio, então ele tinha por norma de vida levar para todo mundo a Sagrada Face a sagrada face também está no sudário. Então o Frei Osmar era muito amigo dele e pediu para ele que intercedesse então veio para São Lourenço. Mas veio pessoas de lá primeiro sondar o local, tinha que ser um lugar quieto, ermo e sempre ficou na Ermida.

Michela: Já vi ela e fiquei até preocupada, uma coisa muito valiosa e que não é muito protegida.

SL017: O que acontece é que se as pessoas soubessem realmente o que é aquilo, talvez até já tinham roubado. O nosso é uma cópia reduzida, uma foto diminuída, uma foto do que existe. E esse frei tem uma coisa muito interessante, porque ele começou com essa coisa de Sagrada

Face, mas nunca teve uma coisa com a cara de Cristo perfeita mesmo. Então um dia pediram para ele fazer um desenho, uma pintura da Sagrada Face para igreja. Ele fez pintando com o dedo e fez a Sagrada Face e todo mundo achou feio, mas quando ele levantou estava a sagrada face inteira do jeito certo. Isso foi muito bonito.

Michela: A senhora acha que a as outras pessoas têm a mesma opinião da senhora, que o local mais importante é a Ermida?

SL017: Acredito que não, porque aqui tem muita religião, os católicos vão dizer que agora é muito mais importante a Basílica, ela tem maior respeito, e tem católico ainda que não conhece a Ermida. Eu acho que não tem alguém que tenha mais conhecimento e respeito por ela do jeito que eu tenho, mas tem gente que gosta dela também.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1(x) as pessoas.
- 2(x) a natureza.
- 3(x) a localização.
- 4(x) a espiritualidade.
- 5(x) o turismo.
- 6() outro_____.

SL017: É uma mistura, por exemplo, as pessoas dependem da natureza e a natureza das pessoas, a localidade, a espiritualidade, quem tem tudo isso aqui, tem espiritualidade, o turismo é outro caso é o meio do ganha pão, é meio da pessoa viver.

Michela: A senhora vê realmente o turismo como importante na cidade?

SL017: Acho. Não tem outro jeito, o município é pequeno. Há dois anos, três, não tinha esse tanto de loteamentos que tem hoje, hoje tá saindo um atrás do outro. Carmo de Minas tá aqui perto, de São Lourenço a Carmo de Minas são 10 KM, agora ali fez um loteamento, depois tem um outro que está saindo. Um atrás do outro.

Michela: É quase uma região metropolitana.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

SL017: Eu acho que eu vou começar assim, péssima eu acho que ninguém acha. Uma boa cidade para viver, mas tem alguns pontos negativos, não é uma boa cidade para viver, mas tem uns pontos positivo, se não está satisfeito, vai embora logo daqui. Apesar de pontos negativos ainda é uma boa cidade. Acho que é esse aqui, ainda é uma boa cidade para viver, porque eu acho que ainda tá faltando muita coisa que precisa.

Michela: Que pontos negativos que a senhora destacaria?

SL017: Eu acho que nós temos uma parte cultural assim esquisita sabe, por exemplo eu acho que São Lourenço merecia, mas isso aí está em Minas inteira, não tô falando de São Paulo, Rio, os colégios não estão mais como os nossos colégios, está havendo muita discrepância na palavra cultura, então eu acho que precisa de ter uma cultura maior, começando das crianças porque não adianta mais mexer com os velhos. Os velhos a gente arranja um jeito de contar uma história para eles bonita que aconteceu na cidade, que eles vão gostar muito, mas não é uma coisa para uma criança, porque ela precisa aprender a gostar da cidade e valorizar. E a ser alguma coisa para melhorar sua cidade e a si mesmo. Eu falava tanto isso. Eu acho que o turismo é importante sim. O turista não vem aqui por causa da cidade, é por causa da água, então uma coisa depende da outra. Agora a nossa parte hoteleira eu acho que é boa, mas tem hora que não é suficiente.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL017: Vejo sim.

Michela: Mesmo os antigos com os novos?

SL017: Eu acho o contrário, os novos estão respeitando muito os antigos. Eu vejo assim, o Coronel Leonel, por exemplo, ele é uma pessoa que merece muita coisa, ele é muito importante.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

SL017: De uns tempos para cá eu não tenho muito contato com os turistas, porque eu fazia na escola uma coisa que eu falava com os meus alunos que se encontrasse com um turista na rua, não era pra fazer aquela cara de bobo, era pra dizer bom dia, tudo bom, você precisa de alguma coisa.

Michela: Ensinou direitinho então. As pessoas elogiam muito a forma como São Lourenço trata os turistas.

SL017: Eu acho que a terceira opção, falta muita coisa que nós não temos espaço para fazer, porque a gente tem que ver isso também. As vezes falam, ah, mas não tem uma coisa para os jovens, não tem porque os primeiros que vieram aí fizeram certas coisas nos lugares errados, então hoje não há espaço dentro da cidade para fazer, por exemplo, um campo de esporte certo, uma coisa para os jovens diferente, um clube que a mocidade pudesse ir lá e alguma coisa para os velhos também. Então eu acho que falta um pouco isso.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL017: Sim, acho sim.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5(x) O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7(x) A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro _____.

SL017: Eu poderia falar que é a Melo Viana porque é uma escola, de 1927, tombada, uma escola bonita, mas como tem outras até melhores, eu não posso falar. O caminho do artesanato eu acho muito importante, tanto para os moradores, como para o turismo.

A Montanha Sagrada eu nem falo. O parque da Ilha é um espaço importante para festas, mas ela tem uma importância grande sobre como ela foi feita. A montanha sagrada é relativa a Eubiose. Então assim, você está aqui nessa mesa, aí você vai me contar depois que você viu um anjo muito lindo, maravilhoso te contando que você vai achar um príncipe encantado da sua vida e vai ser amanhã, e aonde que tá esse anjo? Ah, eu vi ali atrás, mas como é que você não estava lá para ver. Então o homem estava aqui em São Lourenço, um morro na frente, como é que ele vai enxergar um sujeito lá em cima de uma pedra mandando ele fazer isso e aquilo. Não é uma representatividade.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores: E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2(x)conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3(x) querem conhecer mais e valorizam.	3(x) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

SL017: Os turistas vêm aqui para ver o Parque, e a história dele, eles conhecem.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1(x) não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro _____ político/ calçamentos_____.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2(x) são muito poucas e ineficientes.
- 3() existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

Michela: Eu queria que a senhora falasse da casa da cultura...

SL017: A Casa da Cultura foi obra do Zé Celso, e o Sinésio tinha deixado um acervo enorme e estava trancado no quarto, até com cheiro de mofo, porque ninguém podia mexer de tanta coisa que era. Ele comprou aquilo acho que por 2 mil reais, o que na época era muito, e montou a casa da Cultura e teve um tombamento municipal. Aquilo ali foi a maior vergonha, foi deteriorando com o tempo, tinha coisas lindas, a gente fazia cada evento lá dentro da Ermida que você não faz ideia, coisas maravilhosas, tinha um esquema de homenagear gente importante da época que já foi. Eu falava que nós éramos arqueólogas do tempo, podia então fazer uma linda homenagem, umas coisas bonitas, eu escrevi muito sobre isso. A Edna, era uma pessoa da igreja presbiteriana, mas ela cantava Ave Maria que você chorava de tão lindo, os eventos eram lindos e a Casa da Cultura tinha entrada garantida na Ermida para fazer os eventos que quisesse. Tinha o palco da eubiose, na Getúlio Vargas, que a gente podia fazer o que quisesse, disponibilizavam na mesma hora. Na câmara também, e lá na Fazenda Sharp era pequena. Com o tempo foi uma maravilha. Então tinha um senhor, chamado Fernando (?), ele era maravilhoso, cientista, austríaco, ele viajou o mundo, principalmente na Europa, desertos, e ia atrás de coisas antigas, de coisas que serviam para montar o que ele queria, nem tenho ideia do tamanho das coisas que ele queria. Então ele trazia coisas de lá. Eu lembro que ele tinha uma parede inteira com coisas, tudo catalogado, coisas de princesas, índios, coisas muito bonitas e tinha uma exposição de pedras, essas pedras eram todas catalogadas, não era muitas do Brasil, muitas de fora, de outros lugares que ele trazia. Era muito importante, e como eu ficava lá, levava os meninos das escolas, dava aula para eles, explicava, eles faziam trabalhos sobre aquilo, então ainda tem muita coisa disso. Era tudo do seu Fernando, exposto lá e não deu para ninguém. Aí foi passando o tempo, Seu Fernando com o tempo ficou doente, e não estava mais fazendo aquilo que ele estava fazendo. Ele já tinha feito exposição em Belo Horizonte, São Paulo, fez no Rio, tudo que ele tinha ele mostrava. Foi passando, dou um pulo agora bem grande, ele homem morreu, o museu ficou em segundo lugar, horrível, cheio de mofo, depois foi lá para a Estação, depois foi não sei pra onde, sei pra onde... foi uma coisa horrorosa. Um dia eu fui lá no Tenório, que era o prefeito e que estava concorrendo de novo, aí ele me pediu um favor, para ver se eu podia arrumar as coisas na Casa da Cultura pra ele, porque estava tudo sujo. Aí perguntei como ele queria e que iria precisar de um lugar para colocar aquelas coisas. Aí arrumamos ali na esquina, (?) arrumamos tudo direitinho e foi tudo pra lá. Lavei tudo, arrumei tudo e as pessoas começaram a visitar lá. Um dia, ele falou assim: se eu ganhar a prefeitura eu vou ter uma pessoa especial para isso aí e você vai me ajudar a arrumar essa pessoa, porque eu não ia querer. E se ele não ganhasse ele iria entregar tudo limpo e arrumado para o outro e ninguém ia criticar. E ele estava fazendo uma coisa importante para a cidade. Aí ele perdeu. Chamei o prefeito que ganhou pra ver, e ele não veio. Chamei o vice-prefeito, também não veio, insisti e nada. Dois meses depois chamei o Dr. (?), porque ele é curador das exposições e ele veio e falou que estava um espetáculo e que não iria falar com o prefeito para não tirar a exposição. Mas a

Bernadete cismou e falou assim: Terezinha, vou te falar uma coisa, sei que você não vai ficar satisfeita, mas foi tirar as coisas de lá, porque aqui não compensa, porque é um bairro. Aí falei com ela, que se quisesse tirar, que tiraria, mas que era pra pensar bem, porque tinha muita coisa. Aí ela falou que ia dar certo. E ela falou que se as crianças do bairro que iriam para o centro se quisesse ver a exposição, porque no centro é que não vai querer vir aqui. E foi acabando com tudo, jogaram um tanto de coisa fora. Depois eu perguntei o que a Bernadete tinha feito com tudo aquilo. E as pessoas me falaram que tinha coisas pra resolver ainda, algumas coisas fez um embrulho e colocou em cima do armário. Eu fiquei muito triste. Então a cidade perdeu muito. E a Casa da Cultura foi a mesma coisa, acabou desse jeito. Tinha uma sala que era a do Juscelino Kubistchek, os quadros eram enormes. E não sei o que fizeram com tudo isso. Um dia me ligaram avisando que estavam roubando as janelas lá da Casa da Cultura, aí eu corri atrás da polícia, só que não adiantou nada, continuaram roubando e vou acabando. Aqui em baixo passa um ribeirão, e ele enchia e dava enchentes e teve uma muito grande, em 1905, e acabou com a casa da Miguela, com a mobília é tudo. Em 1907 ela construiu outra casa, e foi lá que foi a Casa da Cultura. Era linda, antiga, mas eles descuidaram e ela acabou e sabe por quê? Porque a prefeitura não pagou o aluguel, porque o imóvel é da empresa de águas de São Lourenço, até preciso saber como ficou isso. Então a Casa da Cultura pertencia a empresa e a empresa quando viu a Casa da Cultura assim exigiu o pagamento urgente, como eles não pagaram, ela despejou. Aí andou pra lá e pra cá, depois voltou pra lá, foram lá, pediram para a empresa deixar voltar, pra liberar a volta e eles deixaram. E adivinha quanto que pagava pra casa ficar pra gente? 1 real e todo mês tinha que levar uma papelada pra levar no banco do Brasil e deixar registrado. E pagava um real por mês, e é um horror né, pagar um real. E depois largaram tudo e acabou a casa. Aí agora a empresa processou e eles são obrigados a refazer a casa igualzinha era. A casa foi destruída aos poucos. Foram roubando as coisas aos poucos e ninguém deu confiança para o que estava acontecendo. Um dia tiraram a chapa do fogão de lenha e umas argolas que tinha umas coisas bonitas, como se fosse um vitral, aí um dos rapazes que trabalhava com a gente descobriu que quem roubou tinha levado pra Cruzeiro e vendido, quando descobrimos já tinham desmanchado. Então a casa foi destruída pelo povo. Então Casa da Miguela era uma coisa, diz que era muito bonito ao redor, com muito pomar, flores. Então ela tinha os amigos do Rio que vinham de trem, e para busca-los, isso em 1907, 08,09, por aí, não tinha carro, então ela mandava carroça ou carro de boi, e aí tinha festas, sarau, tudo ali na casa dela. Ela parece que era além do seu tempo. Agora a Fazenda Sharp é um pedaço de terra de lá, não pode chamar aquilo de Fazenda. Lá o Senhor Antônio foi um tempo para os Estados Unidos, era de uma família do Rio que frequentava a Miguela, e eles chamavam Sharp, e eles gostavam tanto de lá, então adotou o nome e ficou fazendo Sharp.

Local da realização da entrevista: Residência do entrevistado

Data: 19 de setembro

Horário de início: 10:00 **Horário de término:** 11:40hs

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Lourenço 04/03/1949 Idade: 69 anos

Endereço Residencial: Rua Cel. José Justino, 335 - Centro - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: nascimento

Cidade de nascimento dos pais: São Lourenço

Qual seu estado civil? Casado

Tem filhos? Quantos? 2

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Católico

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Não.

Qual seu grau de instrução? Ensino superior completo

Qual a sua profissão/ocupação? Aposentado

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Você é de São Lourenço mesmo? Conte de uma forma mais relevante, os momentos sobre a formação da família do senhor aqui em São Lourenço. Como que eles vieram para cá, em que momento, e trouxeram que tipo de atividades?

SL018: Meu avô chamava-se Ramon Fernandes Lopes, espanhol, chegou no Brasil já com alguns filhos e foi motoneiro da Light, no Rio. Depois foi o confeitiro da Confeitaria, Centenária, um espetáculo, uma obra de arte e lá ele conheceu o Getúlio Vargas e ficou muito amigo do Getúlio. Então o Getúlio falou, Ramon você tá aqui, você conhece muito de plantações e tal, agricultura, e tem o barão da Roseta, meu amigo, tá precisando de alguém para gerenciar a Fazenda dele em Baependi, que é mais perto de Conceição do Rio Verde, do que de Baependi, essa fazenda. Meu avô veio, com os filhos, já nasceram outros lá, dos 11 nasceram alguns lá. Depois ele veio com a família pela linha do trem andando, olhando terras para comprar um pedacinho.

Michela: Isso em que período?

SL018: Há 110 anos mais ou menos. E tinha uma paradinha, uma parada de trem lá na fazenda Ramon, hoje é o bairro, e ele parou com a família lá, mas ele ia para Pouso Alto, para ver uma terra. Aí ele comentou com alguém que passou lá, e conversou com ele e falou: ah, aqui, estão vendendo... ele comprou aquilo lá. E em São Lourenço tinha muitos hotéis, aí ele começou a plantar muita coisa com sua família, só ele e os filhos, e abastecer os hotéis de hortaliças, frutas, legumes, porque tinha muita fruta plantada lá, muita fruta europeia inclusive. Ficou lá muito, já comprando um pedacinho aqui outro ali. Aí o Getúlio veio visitá-lo e o Getúlio era o presidente da república. Veio de trem, atrás dele vieram os puxa sacos dele né, e não tinha onde ficar. Passava o correio nacional aéreo, jogava o malote, meus tios, meu pai pegava pra ele, ele despachava e o T(?) , que era o braço direito dele, de confiança dele, vinha, trazia, botava no trem, mandava para o Rio, para o Palácio do Catete. E isso ele falou: Ramon, vamos fazer um campo de aviação aqui? Você cede as terras? Sim! Você cede as terras e eu faço a ponte que vai te ligar a cidade, ao invés de vir pelo morro, e assim aconteceu. Temos a ponte do Ramon e o campo de aviação. Então foi assim, foi comprando terras e mais terras

Michela: E foi variando a forma de empreendimento na cidade...

SL018: Sim, aí o Getúlio falou: Ramon, faz uma pousada para o pessoal ficar... Aí deu-se o nome de Hotel Fazenda Ramon, originalmente era chamada Fazenda Jardim. E a casa que foi feita, está até hoje. Foi feita com as madeiras que tiraram da sustentação da ponte. Que é

a casa do meu pai, perto do aeroporto. Só que não tinha estrada, ela foi feita sem a estrada, a estrada não era ali.

Michela: e está preservada?

SL018: Sim. Está. Tem uma moça que era empregada do meu pai e um rapaz que trabalha aqui. Ela fica lá o dia todo e ele dorme lá. A casa está mobiliada, móveis. Tem muito acervo, uma coisa absurda...

Michela: Eu fico espantada como tem coisas e não tem... ou as vezes já teve Casa de Cultura, ou museu?

SL018: tem escrivania, que era da Marília de Dirceu, da Inconfidência Mineira, com compartimento secreto. Tem móveis da família Prazeres, que é uma família difícil, que quando o doutor Prazeres ganhou quando casou. Esses móveis estão lá, são franceses. Cama de Dom Pedro, que meu pai foi comprar lá no Alto da Serra da Mantiqueira, aonde ele dormia quando tinha que vir a cavalo para ir pra Caxambu...

Michela: Até que ponto isso foi levado para os órgãos patrimoniais, eles têm conhecimento disso, para dar uma ajuda?

SL018: não, não tem.

Michela: Não pretendem fazer algum tipo...

SL018: a gente está pretendendo catalogar, porque são 6 mil discos antigos, vários gramofones, inclusive um que o Vicente Celestino deu para o meu avô e vendeu isso para um pessoal de Conceição do Rio Verde. Meu pai descobriu e foi lá, e comprou de volta muitos anos depois.

Michela: E seu pai já tinha essa visão histórica de patrimônio, de memória?

SL018: Ah ele gostava muito.

Michela: Eu vejo muito que isso parte de iniciativas pessoais, porque se depender de iniciativa política isso vira uma confusão.

SL018: Bem, mas isso faz parte da memória da cidade.

Michela: Me fala um pouco da sua visão da cidade. Como você tem visto a cidade, porque você morou fora, depois retornou. Se você tivesse que falar um pouco sobre as mudanças que ocorreram na cidade, na sua visão...

SL018: A cidade ela vivia exclusivamente do turismo das águas, do Parque das Águas, da exploração das Águas. Mas ela foi crescendo e se tornando um polo comercial da micro região. Então isso aí foi uma característica da cidade que foi adquirida mais recente. Não era assim, quando o meu avô tinha o hotel fazenda, todo mundo ia comprar em Soledade, lá que era o centro comercial da micro região, porque tinha uma cooperativa muito forte que vendia pra todo mundo. Ela pertencia à rede mineira viação, todo mundo ia comprar lá. E tinha uma loja, que era do Michel Aidar, todo mundo comprava lá também, ele dividia com a cooperativa. Então o pessoal saía daqui, dos hotéis, para comprar lá. Aí meu avô teve a visão, falou: Michel, São Lourenço vai crescer e aqui não vai ter sido da mesma forma, vai para São Lourenço! e arrumou para ele, nessa esquina próxima aqui, pra ele comprar e abrir, e ele prosperou muito, em termo de lojas de material de construção, foi o maior da cidade, por muito tempo. Só que ele parou no tempo e foram aparecendo outras lojas. Por exemplo, loja de material de construção, hoje tem a Gorgulho e outras maiores que abastecem São Lourenço e representam pouco, é mais o entorno. O entorno que é forte, eles fornecem materiais de construção para o entorno todinho, inclusive Caxambu, Lambari, Carmo de Minas, Cristina, Pedralva e por aí vai.

Michela: Então o turismo é um ponto forte, mas o comércio que estabeleceu também é importante?

SL018: Isso. Lojas de roupas, departamento, isso tudo é novidade. De um tempo pra cá. De 30 anos pra cá.

Michela: E veio através da visão de alguns empreendedores?

SL018: Sim. Aqui não era cidade. Aqui era um distrito e quando eu nasci, vou fazer 70 anos agora, quando nasci não era cidade, pertencia a Pouso Alto e depois emancipou e hoje é o segundo menor município do Brasil, porque não tem mais pra onde crescer.

Michela: O que o senhor mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL018: eu saí daqui em 67, voltei a morar agora em janeiro, mas nunca perdi o contato aqui, principalmente porque a família é muito grande, os amigos, muitos amigos, e então eu gosto de viver aqui porque aqui também tem muitos amigos antigos, alguns já estão vindo para cá depois de aposentar, como eu também.

Michela: Você morava em Belo Horizonte?

SL018: fiquei 11 anos em Belo Horizonte e depois fui para o Nordeste, Brasília, Rio, Espírito Santo. Eu trabalhava em um grupo financeiro muito grande, que era o Itaú, e era o único gerente comercial solteiro, então onde precisava, tinha facilidade de me deslocar e foi bom.

Michela: Se você tivesse que escolher o lugar mais importante da Cidade de São Lourenço, qual você escolheria?

SL018: Parque das Águas.

Michela: E me fale um pouquinho dessa relação do Getúlio Vargas com o Parque das Águas.

SL018: Ele via a Lana (?), uma vedete que era amante dele. Porque ele ia jogar golfe onde fez o campo de aviação e meu pai pegava as bolinhas pra ele. E ela ficava sentada dentro do carro. Aí ele falava: rapaz, você não viu ninguém aqui, nada! Mas ele nunca vinha com a esposa, ele vinha com a Lana, que morreu alguns anos atrás. Ela era famosa pela beleza das pernas.

Michela: Tem a parte dos cassinos, que teve um período importante, de glamour aqui em São Lourenço...

SL018: Sim. Teve. O meu pai, na época, fazia mágicas também. Ele sempre teve essa habilidade e nessa época tinha muitos shows, músicas com orquestras e também malabaristas e mágicos. E nessa época veio para São Lourenço o Mister Lup (?), austríaco, era o mágico mais famoso do mundo, e viveu aqui muitos anos. Ele era muito amigo do meu pai, inclusive quando ele faleceu, deixou todo o acervo de mágica para o meu pai, está tudo guardado lá na casa do meu pai. Então ele começou a trabalhar nos cassinos com o Mister Lup também, fazendo mágicas. São Lourenço, os melhores cantores, Cauby, Hebe, todos cantavam nos cassinos aqui, que terminou justamente no governo do Getúlio. Aí foi um caos para a cidade, porque trazia muito dinheiro e muitos problemas sociais ocorreram quando fechou o cassino né? Porque os hotéis viviam muito cheios então nisso o parque foi crescendo e a exploração das águas supriu essa necessidade que tinha de trazer turistas para a cidade

Michela: E aí o perfil do turista mudou?

SL018: Mudou, e continua mudando com a crise que está agora. O turista que vinha para São Lourenço era um turismo mais elitizado, Caxambu era mais elitizado ainda. Hoje é um turismo barato, é o pessoal que ia para o Nordeste e acaba vindo pra cá, pessoal do Rio e São Paulo. Você vê os hotéis aqui, são relativamente baratos.

Michela: E a infraestrutura dos hotéis ainda não evoluiu, ficou estagnada um pouco.

SL018: Tinha muitos hotéis na época dos cassinos. E muitos fecharam, mas como a evolução do Parque, a exploração das águas e o clima, que é muito agradável, conseguiu contornar essa situação. Mas chegou até mais de 80 hotéis, pensões e similares.

Michela: E muitos foram destruídos, alguns exemplares arquitetônicos importantes.

SL018: Muitos. Hotel das Nações, Hotel Normando, Hotel Palácio.

Michela: Que eram os hotéis mais requintados?

SL018: É. E ultimamente agora o Hotel Primus, que está fechando. Nem reabre como Hotel, acredito que não. Mas o hotel Palace era uma arquitetura fantástica, o locatário era de uma família do Nelson Piquet, da família dele, Soto Maior, que é uma família de portugueses. Banco Soto Maior, de Portugal e aqui era o Jaime Soto Maior, ele era dono de quase toda a cidade.

Michela: E hoje eles ainda têm?

SL018: Não. Ele faleceu, ficou com o Jaiminho que botou tudo fora.

Michela: Aproveitando essa sua visão econômica que é relevante, fale um pouco desse crescimento econômico, dessa mudança, a venda dos imóveis, como isso ocorreu e como isso interferiu na mudança da cidade...

SL018: Aqui, quem comprou o parque das águas chamava Atila Carvalhais Pinheiro, ele não era só dono do parque das águas, ele era dono de quase toda a cidade também. Aonde tem o ribeirão São Lourenço, que tem aqueles prédios todos, ali tudo era dele. Então, o Dr. Atila tinha até entreposto, existe o prédio até hoje, um entreposto ferroviário ao lado da estação de trem. Tem um depósito imenso que é dele, hoje já alugou, tem outras atividades, mas era um entreposto comercial. Então ele fazia tudo para que a cidade se desenvolvesse porque interessava pra ele por causa do parque. Então ele fomentou algumas indústrias, conseguiu trazer algumas pequenas indústrias para cidade, uma inclusive eu fiz estágio, eu fazia economia, faculdade de economia e eu trabalhei nela como estagiário, era a maior fábrica de garrafas de vidro aqui do Sul de Minas, aliás era única, e abastecia o Estado inteiro, com garrafas para refrigerantes, e principalmente vinhos, na região de Andradas, norte de Minas, cachaças, e refrigerantes aqui da região, que já tinha o guaraná Rádio que era muito famoso e hoje chama-se Sibal, é de Passa Quatro, mudou o nome. Tinha o laticínio Silvestrini, que era de um tio que era muito grande. Ele veio de Lambari para cá, porque Lambari não desenvolvia, então ao lado do Doces Ué. Ali na estação, ali tudo era Laticínios Miramar, era o berço do catupiry. Eram dois irmãos. O fundador e o criador do produto era Ângelo Silvestrine, de Lambari. O Ângelo e o irmão, que eu esqueci o nome, que foi para Ribeirão Preto e eles separaram a sociedade, e o Ângelo faleceu em Lambari e os filhos abriram um laticínio aqui, que é Onésimo, que era meu tio casado com a minha tia; Pedro Silvestrini e Domingos Silvestrini. Então eles tinham o produto que chamava, não é o que hoje você compra Cremelino, era uma coisa especial, não tem nada a ver com esse de hoje, nem o doce de leite Miramar, mas a marca era Miramar, mas o leite, a qualidade era diferente porque não tinha capim braquiária, que não da qualidade do produto. O leite do Gado que pasta nesse capim não dá um leite bom para laticínio, nem para doces. Então depois meu tio morreu e acabou vendendo isso aí. Ainda existe lá, mas era do Alberto que casou com a Ritinha Silvestrini, comprou a marca, mas depois quebrou. Aí agora o filho tá conseguindo dar a volta, já produzindo, mas a qualidade é bem inferior dos produtos.

Michela: Ainda hoje você percebe investimentos externos, pessoas que estão apostando, investindo em São Lourenço?

SL018: Não, não tem, você não vê uma indústria vindo para cá. Não tinha nenhuma faculdade, hoje tem várias. Nesse ponto evoluiu bastante, mas em termos de indústrias, de transformação de base... não tem um centro de treinamento para captação de funcionários dos hotéis, então, isso era uma coisa que comportava aqui para abastecer inclusive a região, que vive do Turismo. Poços de Caldas que vive do turismo, não só o turismo, lá a indústria é mais forte. Então o que que está crescendo, e muito? Inclusive a renda per capita da cidade subiu muito. O pessoal aposenta, vende um apartamento de 3 milhões, e vem, compra uma boa casa aqui por 1 milhão, e tem outra qualidade de vida. Eu estava outro dia conversando com a Valéria, o pessoal da Varig então, quando quebrou, a fundação Rubem Berta que tinha previdência privada dos funcionários da Varig, fazia o complemento salarial. Quebrou, e o pessoal ficou apertado. Então o custo de vida do Rio, muito alto... começou vir um, outro, outro, enfim, hoje tem muita gente que era da Varig morando aqui.

Michela: Tem condomínios fechados?

SL018: Tem! Mas aí é mais por questão de segurança. Mas é o que está desenvolvendo a cidade. Os bancos, hoje já comporta até mais uma agência bancária. Teve estudo aí, do Banco Central, foi um pedido do Banco Mercantil do Brasil, que é um banco mineiro, de abrir uma agência aqui, porque ele trabalha com convênio, com o INSS que direciona para o Mercantil os recém-aposentados. Então, a pessoa já abre a conta no Mercantil e já começa a receber por ali. Então isso é um acordo que eles fizeram, mas o Banco Mercantil... foi

embargada a abertura da agência aqui. Eu trabalhei muitos anos no grupo, eu sei. Eu estava vendo até um imóvel para eles alugarem, e o banco central não autorizou abertura da agência. Então tudo isso em função de problemas financeiros do grupo, de empréstimos ilegais, porque o banco você não pode emprestar para empresas de sócios, ocorreu, então eles estão sendo investigados por isso. Mas isso aí mostra a mudança da economia em função dos aposentados.

Michela: Você acha que esses novos moradores com um perfil diferenciado não têm, de alguma forma, impulsionado por exemplo melhores restaurantes, uma área de lazer melhor?

SL018: Sim, decorrência do aumento da população, naturalmente vai acarretar em abertura de novos restaurantes, novas lojas, isso é consequência.

Michela: Sobre esse crescimento que ocorreu na cidade, você poderia falar um pouco sobre até que ponto houve uma regulamentação urbana para que houvesse esse crescimento, isso foi ordenado?

SL018: Não, infelizmente não.

Michela: Eu conversei com o José Celso, houve o plano diretor fantástico na época...

SL018: Sim, e não foi obedecido. A cidade, a parte do plano diretor que foi cumprido é da ponte da estação até a Estação, tem a rua larga, ruas laterais, era para ser tudo daquele jeito. Mas aí não foi obedecido. Era para ter uma avenida bem larga na beira do Ribeirão passando pelo Parque das Águas aonde era do Átila, mas ele não quis deixar porque ele ia desapropriar um terreno grande dele, e ele já previa que aquilo ali ia valorizar muito.

Michela: Me corrija se eu estiver errada, mas sempre teve pessoas de grande poder econômico aqui e que de alguma forma prevaleceu o interesse pessoal.

SL018: sim. Com certeza!

Michela: Como você colocaria hoje o panorama político da cidade?

SL018: Complicado viu. Eu acho que a política tá igual o resto, cheio de gente com corrupção. O ex-prefeito é marido da atual prefeita, a gente torce para que eles voltem para Caxias, porque aquilo ali é um atraso pra gente aqui. Nós das famílias mais antigas, ninguém apoia, porque é corrupção, tudo dele é corrupção. Inclusive agora, estamos com um movimento pra gente cercar a vinda da Copasa pra cá, porque ia onerar muito o pagamento, a conta de água, porque a Copasa é cara. E quando o prefeito consegue passar para a Copasa, uma empresa municipal, como é o SAEE daqui, o prefeito é muito beneficiado financeiramente. Todo mundo sabe. E eles já estavam com esse movimento. Então agora, quando botou o atual presidente do SAEE, ele já sabe que ele não pode fazer isso, porque já tem promotor público, o nosso movimento da cidade, eu fiquei sabendo quem faria a transição, que é um ex-prefeito cassado de outra cidade, de Pouso Alegria, que vinha pra cá. A pessoa do partido do Lula, inclusive, irmão do prefeito de Hortolândia, que faz o aporte financeiro do partido no interior de São Paulo, é o caixa. Então a gente já sabe disso, já passamos para o Gustavo. Então já está amarrado isso aí. Ele não vai conseguir fazer. Tem dois promotores públicos que já conversamos muito, eles já sabem de toda a transação, tudo que já foi tratado.

Michela: E sobre o SAEE, sobre tratamento de esgoto. Alguns falam que está em construção, a ETE?

SL018: Não, está tudo abandonado. O engenheiro é um primo meu. Ele me ligou, me me levou para ver as obras. Ele é uma pessoa que vibrou com aquilo. E chegou em um ponto que ele me levou lá e mostrou: olha aqui o que já fizemos pra fazer a estação de tratamento das águas da cidade, porque tudo estamos despejando no rio, porque não tem dinheiro para continuar. Não tem verba. Acabou a verba, não tem dinheiro para fazer.

Michela: isso não interfere na própria qualidade? Porque a cidade surge das águas, uma coisa séria tratar as águas...

SL018: Sabe onde era o tratamento de esgoto que eles estavam fazendo? Perto do lixão da cidade. Então o que acontece, o lixão, o chorume do lixão vai tudo para o Rio Verde, mas depois que passa sai da cidade, mas vai penalizar as outras. A mortalidade de peixes, quando dá essas primeiras chuvas é muito grande, muito peixe morre. Você vê, hoje o ribeirão São

Lourenço está mais ou menos limpo, ainda tem sujo, mas 95% já foi tirado. Vem de cidades vizinhas também. Vem tudo no Rio Verde, mas são cidades pequenas que não causam tanto impacto, mas quando chega aqui a cidade inteira captou o esgoto, direcionou o esgoto pra lá. Chega lá não tem tratamento, é na beira do rio, a estação de tratamento. Inclusive tem bairros aqui que não tem esgoto, você conhece um bairro que chama *Le Sapê*? Você passa a ponte do Ramon, ali tem um bairro que chama *Lê Sape*, ali tem um monte de casas, nenhum tem esgoto. Desce, o esgoto passa por baixo e solta na beira do campo de aviação, que absorve.

Michela: Com relação, não só aos moradores antigos, mas os moradores mais envolvidos com a cidade, mais conscientes, você sente uma organização, uma movimentação social para pressionar o poder público, ou isso ainda tá muito dissociado ou já esteve mais forte?

SL018: Já esteve mais forte sim. Hoje poucas pessoas acompanham a câmara de vereadores, pressionam a câmara tomar essas decisões de preservação do meio ambiente, mas antes o movimento era maior

Michela: existe alguém encabeçando, uma associação?

SL018: Não. Não tem uma liderança. O Zé Celso até que teve uma época que ele estava mais ligado a isso. Mas uma pessoa que é médica não tem tanto tempo pra isso, e ele foi político, candidato várias vezes a prefeito da cidade, foi prefeito, vereador. Por causa do partido, encontra muita resistência, até pra fazer coisas boas. Então, acho que ele deixou isso de lado, mas ele é muito ligado a isso aí.

Michela: E pessoas novas surgindo no panorama?

SL018: olha esses dias estávamos fazendo um grupo de amigos aqui. Eu me reúno com meus amigos de infância, e esse ano comemoramos 60 anos de amizade, todo ano, 7 de setembro a gente se reúne. Alguns já estão morando aqui, outros não, chama a turma do Ferro da Viúva. O Hotel Metrópole era cercado de uma mureta e 3 ferrinhos, todo mundo sentava ali. Como o hotel era de uma viúva, de uma avó de um amigo nosso que mora em Curitiba, a gente falava que era o ferro da viúva. E a gente reunia lá, e somos amigos até hoje. Temos conversado agora e estávamos falando muito sobre isso aí. Tem um que foi diretor da Copel, depois da Eletrobras, e ele tá vindo para cá, atualmente está morando no Rio, mas tá pensando em voltar para cá, ele tem apartamento aqui, então a gente tá até com o nome dele, porque ele é um baita administrador e uma pessoa corretíssima, extremamente competente. Tem um outro, talvez venha pra cá também, ele foi o segundo homem do Ministério da Ciência e Tecnologia, é daqui também. Tem o irmão do Zé Celso, que foi assessor do Lula e da Dilma, chama Maurício Garcia, ele tá aí, e foi meu colega no Jardim de infância. Então estamos pensando em criar um grupo e lançar o Marcos, o nome dele para a prefeitura, assim que ele chegar. Aí te garanto que vai muita gente atrás, porque sabem que é uma pessoa extremamente séria, competente. É isso que a cidade precisa. Você vê a formação que tem, mais da metade dos vereadores, mal escrevem. São desinformados, minha irmã é muito ligada a política, muito. E ela vai para as seções da Câmara, ela e a Marília, que é do Hotel Central Parque, elas vão e ficam prestando atenção e comentam com a gente as barbáries que elas escutam, então falta qualidade. Então, estamos com esse pensamento.

Michela: e que isso continue, porque não é só uma gestão que vai mudar a cidade.

SL018: Não, mas você tendo uma boa, o resto, um bom prefeito indica e faz o seu sucessor. Nós tivemos um amigo que veio de Belo Horizonte indicado pelo governador Hélio Garcia e foi nomeado Prefeito aqui, ele se chamava Juarez Bahia Mascarenhas. O Juarez chegou aqui solteirão, indicado pelo governador, ninguém esperava nada, apenas que fosse mais um político só para ter um cargo. Mas não ele fez muita coisa, não tinha prefeitura, não tinha sede, a câmara não tinha, não tinha fórum, era uma confusão. Ele desapropriou aquele terreno lá onde era a prefeitura. Tinha lago, lagoa e a gente pescava lá. Era mato, para ir para o ginásio, que era na estação pessoal passava no meio do mato, numa trilha e numa ponte de madeira, pinguela mesmo. Ele desapropriou aquilo tudo, aterrou, fez câmara, fez o fórum, fez a prefeitura, ele até na época, eu estava trabalhando no Parque das Águas, como estagiário também, e meu diretor era um francês Dr. Decar, e ele fez amizade com diretor e eles

melhoraram muito o Parque das Águas, foi nessa época que o parque impulsionou. Na época a gente tinha umas ideias boas aí, nós fizemos a iluminação todinha subterrânea do Parque das Águas, e na época eu estava lá, eu era procurador do grupo.

Michela: Mas hoje algumas partes não são não né?

SL018: Aí, uma pessoa daqui, nós pegamos o dinheiro que era para reformar o maquinário de exploração e engarrafamento, pegamos esse dinheiro e reformamos todo o equipamento. Não adiantava comprar máquinas novas porque a vazão é limitada da água, então não adianta botar um trator para puxar um jipinho, proporção é mais ou menos esta. Então para quê que você vai botar, triplicar capacidade de exploração de água sendo que você não tem água. Eles estão bombeando água abaixo do lençol freático, o lençol freático é água de chuva, água mineral é muito mais profunda, então tem limite. Você não pode ampliar, e pegamos esse dinheiro, fizemos a iluminação e abrimos o parque à noite, abriu uma semana e foi aquele movimento, o parque todo iluminado foi fantástico. Aí ouve um desacordo do Dr. Decar (?) com o Michelin (?) que era o presidente da Perrier, porque a gente utilizou o dinheiro que a finalidade era outra. E aí, nisso nós saímos da empresa, o grupo que administrava a água mineral Petrópolis, e aqui tem outras empresas do grupo Minas AS, a Morro do Níquel, uma Companhia em São João Del-rei, tudo é deles, e fechou. Mas o objetivo era fazer uma cidade muito melhor, fazer restaurantes à noite no parque, abrir o parque a noite, passeios pelo bosque e a ideia tinha muita coisa. Não teve jeito.

Michela: Você disse que o que você acha mais importante em São Lourenço seria o parque, você acha que as outras pessoas também tem essa opinião?

SL018: Acho que tem sim. Tem um segmento, você também veio pra cá por causa de um lado espiritual seu, aqui tem um lado espiritual forte também. Você sabe qual que é, que é chamada a Sociedade Brasileira de Teosofismo, que hoje chama Eubiose. Então, isso aí é uma sociedade teosófica também cultural, mas tem um segmento disso. Tem um trenzinho que também atrai muita gente da região. O balonismo, qual a cidade que tem isso aqui na região? O teleférico, vôos panorâmicos. Tem muita coisa, mas o parque é o principal, com certeza.

Michela: já que você tocou no assunto, fale um pouquinho, principalmente na década de 70, veio muito esse turismo, essa procura pelo lado espiritualizado da região, como você vê essa vocação espiritual de São Lourenço, se é que tem?

SL018: olha ela tem esse lado. Você sabe o que é o teosofismo, você conhece?

Michela: Sim, conheço e estou tentando marcar uma entrevista com eles.

SL018: o meu primo era o presidente nacional, o Helinho, mas ele faleceu. Ele era filho do Hélio. Mas a eubiose, eu não faço parte, mas conheço porque o Hélio casou com a minha prima e teve o Helinho, que era o presidente e ele trabalhou comigo. Então a gente conversava muito sobre isso. São Lourenço está em cima de uma cidade subterrânea, chama Agarta, que é uma cidade que tem uma civilização muito mais evoluída, de onde vem os discos voadores e tal. Não é o que eu acredito, mas às vezes eu fico na dúvida, porque eu vejo tanta gente, o pessoal que frequenta a Eubiose, é tão cabeça né? Atrai a curiosidade da gente. Então eles esperam que nesse triângulo, que pega Itaparica, Niterói e Brasília, dentro desse triângulo, que vai nascer um novo Avatar, já batizado com o nome de Maitreya, e que vai ter uma nova civilização. Eles acreditam que o homem caminha para uma autodestruição e que vai começar tudo de novo, dentro desse triângulo. Então, congrega a Eubiose aqui, o pessoal da Eubiose por causa disso.

Michela: A Eubiose acabou atraindo vários integrantes, seja pessoal de fora e os próprios moradores...

SL018: Moradores até que não. Muita gente de fora, principalmente de São Paulo. Teve um período que atraiu muito hipy. São Lourenço na década de 60 teve um festival hipy aqui, causou, na época, alguma liderança desses grupos se voltou mais para a Eubiose. Estudaram com o Gilberto Gil, ele frequentou a Eubiose por muito tempo e frequentou aqui. Ele e a esposa chegaram a morar aqui. Vieram nesse festival e ficaram morando aqui. Inundou a

cidade de gente e não saíram mais. Ficaram morando aqui anos, muitos ligados a Eubiose, tipo uma sociedade alternativa. Hoje estão mais para o lado de Aiuruoca e São Tomé das Letras, mas aqui estava cheio de bicho grilo. Eles conviviam bem com o pessoal, chamou a atenção deles a Eubiose e muitos continuaram por aqui por muito tempo. A Rita Lee também. **Michela:** Figuras ilustres. Você ainda vê essa vocação espiritual ainda forte, ou deu uma amenizada?

SL018: não, hoje já deu uma amenizada. Está mais voltado para a santificação da Inhá Chica, está mais voltado para Baependi, mas não deixa de estar na rota. A gente tinha o Hotel Fazenda Ramon, que foi vendido para o Elias do Hotel Sul América. Antes da santificação, a gente recebia muitos hóspedes que vinham por causa da Inhá Chica, depois acabava visitando a cidade. Isso continua, Baependi não comporta. E também aqui faz parte da estrada real, muita gente quer conhecer. Na verdade, a rota está até alterada. Por exemplo, você pega a estrada para Cristina, Pedralva, está escrito, Estrada Real, nunca foi.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2() a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5(x) o turismo.
- 6()outro _____.

SL018: Turismo, ele ainda é forte.

Michela: Apesar que se o turismo acabar, tem o comércio...

SL018: É, sobrevive, o que seria penalizado seriam os hotéis.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

Michela: Quais pontos negativos você destacaria?

SL018: A infraestrutura, não tem. É deficitária, a população de São Lourenço não comporta de jeito nenhum. Essa rua aqui, os canos de esgotos são de manilha de barro, tem uma parte todinha ainda por fazer. É uma cidade que você não pode asfaltar, você tem que deixar paralelepípedo, porque aqui em baixo é lama. Esse prédio aqui do lado, aonde é a Floricultura Gabriela, quando estava construindo isso aqui, eu tinha um terreninho aqui, e essa loja da ração é minha, está alugada para eles. Então eu estava construindo aqui e meu pai me contou que aqui era uma lagoa, então tinha mais de 50 carroças e carros de boi carregando terra para aterrar aqui pra fazer um cinema, e carregava também nos trens lotados de cimento. E o que eles faziam, como aqui era profundo, porque o rio passava aqui, o Rio Verde, eu fui furar aqui pra ver se achava uma água, um mini poço artesiano para ajudar na limpeza do corredor e tal, mas nem uso, porque é mal cheirosa, cheia de esgoto, chegou um ponto de 12 metros eu achei um tronco de árvore, levou dois dias para furar o tronco, depois comecei a achar areia de Rio, pedra rolada a 18 metros de profundidade. Então meu pai conta que estava aqui a lagoa, aí eles jogavam o saco de cimento inteiro, não abria o pacote, ia jogando o saco inteiro de cimento, um, dois, três, quatro, cinco, seis jogava no dia. Aí aquele ia afundando na água, no bairro. Depois o bairro ia subindo, depois passou a ser cinco, depois quatro sacos e assim foi fazendo a base e aquele secou, ficou como se fosse um, foi a base para construir. Agora eles constroem muito desse jeito aí, fica um traço em cima do barro ali, uma base que não aguenta. Aí fizeram o Cine 1, o primeiro cinema da cidade. Ai depois aterram o cinema para fazer loja. Isso aqui tudo é barro. Se você impermeabilizar, botar asfalto, ele vai quebrar todo, porque tem a movimentação das pedras do paralelepípedo, principalmente porque não

tem como desviar esse trânsito pesado no centro da cidade que vem. Não tem, o custo seria impraticável. Quem vem de Itajubá, muita carreta indo para São Paulo, caminhões que viram na esquina aqui. Não tem por onde ir, por onde teria? Não tem. Teria que fazer uma nova ponte lá por trás da Vila Carneiro, desviar a estrada perto de Carmo de Minas, vindo para um terreno extremamente acidentado, cheio de viadutos para trazer a estrada para botar aqui, ligar e desviar o trânsito da cidade. Pessoal que vem de Juiz de Fora, que é um outro movimento muito grande. Eu já tentei com a prefeitura daqui, com o DER de Pouso Alegre, que é onde eu vivi, tenho amigos lá dentro, botar placa indicando São Paulo/ Rio de Janeiro, você acredita que ninguém consegue fazer isso? Aí o pessoal entra na cidade, porque chega ali, não vê Rio / São Paulo, entra aqui. Muitos viram na pracinha do aeroporto, agora outros que chegam, passa aqui por dentro mesmo. Tinham placas, há muitos anos, mas acidente derrubou e não consegue fazer. O departamento de trânsito daqui também não consegue fazer porque lá é estadual, então não tem jeito, é um absurdo. E esse peso movimenta, levanta pedra, estoura tudo do esgoto...

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL018: Sim, com certeza, tanto os antigos como os novos. O carioca que é mais extrovertido, então ele caracterizou também uma mudança da população daqui você acaba de adaptando aquela forma de vida, influência realmente é grande. Eu vejo Pouso Alegre, que eu morava lá, a influência lá e interior de São Paulo, é outra postura, também boa, mas o pessoal da capital de São Paulo já é diferente, você vê a interferência de Poços de Caldas, é um pessoa mais sisudo, mais fechado.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

Michela: Quais pontos você destacaria?

SL018: Trânsito, a questão da infraestrutura. Tem dia que você vai ao restaurante e tem fila. Apesar que hoje tem muito mais restaurante. Antigamente e ninguém comia na rua, em restaurantes.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL018: Sim! Convivem bem. Você vê, quando era jovem, a gente durante muitos anos, até quando eu estava na empresa de água Perrier, eles me liberavam. Porque a gente tinha um grupo aqui, que a gente movimentava essa cidade junto com os turistas, e todo ano fazia uma gincana automobilística, que pegava a região inteirinha, tinha provas em várias cidades. Tinha equipes de 80 carros, 70 carros do Rio, pessoal que vinha, convivia com a gente aqui. Nisso todo mundo cobrando o ano inteiro: como é que nós vamos fazer a gincana? como é que vai que vai ser e tal, a gente ficava o inteiro bolando provas. Tinha o Pardal, o Kaco (?) e a gente tinha uma comissão, então as equipes, o pessoal do rio fundia com pessoal da cidade, apesar que tinha a equipe também só da cidade. Isso foi muitos anos desse jeito e a convivência sempre pacífica e harmoniosa.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5(x) O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.

8() Outro _____.

SL018: Que tem mais facilidade, é onde o pessoal sempre se aglomera.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores:

E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2() conhecem pouco mas não valorizam.	2(x) conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3() querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.
(x) Poucos conhecem e não valorizam	

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1(x) não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro _____.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3(x) existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

Local da realização da entrevista: Casa de uma amiga

Data: **Horário de início:** **Horário de término:**

DADOS PESSOAIS

“A entrevista sofreu interferência da amiga que nos recebeu na casa dela. As falas da amiga não foram colocadas.”

Gênero: Feminino

Local e data de nascimento: 14/04/1943 Idade: 75 anos

Endereço Residencial: Av. Getúlio Vargas, 465- Centro - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 46 anos

Cidade de nascimento dos pais: São Paulo

Qual seu estado civil? Casado

Tem filhos? Quantos? não

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Eubiose

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Não.

Qual seu grau de instrução? Ensino Superior Completo

Qual a sua profissão/ocupação? Pedagoga

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Fale um pouquinho da história pessoal da senhora. Quando a senhora chegou a São Lourenço?

SL019: Sou casada com o filho do Professor Henrique e eu já frequentava a Eubiose em São Paulo. Então tinha um grupo de jovens, que eu era jovem na época e nós casamos. Morávamos em São Paulo e ele por ideal quis morar em São Lourenço. Mas, a gente já frequentava São Lourenço, porque já tinha fundado a Eubiose aqui.

Michela: E a senhora veio para São Lourenço quando?

SL019: Em 1973

Michela: Então a senhora tem uma boa vivência da cidade? E veio só a senhora e o marido?

SL019: Veio só nós dois, porque a gente ia mudar para Brasília. Ele trabalhava no laboratório (?) e aí nós iríamos para Brasília, aí o irmão dele mais novo foi para Brasília com a minha sogra e nós viemos para cá. Aí depois ela largou o Brasília e veio para cá também.

Michela: Conta para mim sobre a formação da Eubiose aqui na cidade, de uma forma bastante simplificada, colocando os pontos que a senhora acha importante...

SL019: O meu sogro Professor Henrique veio para cá em 21, porque ele era ligado a espiritualidade, mas também ele foi estudante de medicina, aí ele fazia assim como o magnetismo, coisa de homeopatia, ele não era médico né, mas ele acodia muita gente né. E aí teve muita gente com respeito a pessoa dele, isso que eu sei, e aí o pessoal do hotel Brasil, eles tinham muito carinho com ele. E respeito né, porque até um senhor que faleceu da banca de jorna, um dia ele me falou que foi curado por ele, porque ele sabia que era esposa do Jefferson e me falou isso. Eu achei interessante, porque olha, você não sabe como nós sabemos dessa zebra da menina, tem essas outras coisas que a gente não ficam sabendo. Se as pessoas não contam, que ele foi curado de um problema de saúde, agora não lembro o que, mas foi cuidado.

Michela: E se a senhora tivesse que contar para uma pessoa que não conhece nada sobre a Eubiose, como a senhora definiria a Eubiose?

SL019: para mim é meio difícil né, porque eu era católica, e aí com 14/15 anos eu já ingressei na sociedade. Então para mim é uma história de vida, e eu acho assim aquilo que no nosso dia a dia pesa muito a espiritualidade, é o sentido da vida. Então para mim é tudo né. Eu não

sou de convencer ninguém não tá. Eu acho que o exemplo da gente é tudo. Eu gosto, eu sigo, mas eu não puxo ninguém entendeu.

Michela: Quais são os princípios da Eubiose?

SL019: é a ciência da vida.

Michela: as práticas que ela orienta para seus praticantes?

SL019: tem a Yoga, tem os ensinamentos que é para o aprimoramento dos seres humanos.

Michela: Como que essa filosofia, conte para mim apesar de eu já ter lido a respeito, mas só para gente oficializar aqui essa esta informação, porque foi escolhido São Lourenço?

SL019: Como tudo na vida, foi uma mensagem. O fundador era baiano, morava no Rio, em Niterói e aí foi falado para eles virem pra cá, tanto que ele não era casado com Dona Helena, ele era jovem né.

Michela: Então eles vieram pra cá ao receber uma mensagem que receberam no Rio de Janeiro? E chegando aqui houve um esclarecimento?

SL019: Aí tem esse passeio a montanha, que é a montanha sagrada hoje, e eles foram e teve uma presença, uma visão e eles fizeram um juramento. Foi o primeiro compromisso com a missão. Isso também é um segmento da Helena Blavatsky, um segmento que ela tinha e não conseguiu fazer na América do Norte e teve que voltar para o Oriente. Tinha quer ser no Ocidente né?

Michela: Então tem essa ligação forte com a Blavatsky?

SL019: Tem. O professor Henrique que foi o seguidor dessa linha.

Michela: E aqui na cidade, como foi revelado essa vocação da região? Isso já foi divulgado desde o início?

SL019: Não, porque é um estudo mais interno. Então aqueles que chegam é que ficam sabendo. Não é uma sociedade secreta.

Michela: Essa vocação da região, a gente vê, pelo menos hoje gente vê isso mais divulgado, as informações são mais abertas, no início não era tão abertas?

SL019: Não e você sabe que São Lourenço é a oitava cidade e tem as sete cidades em volta: Pouso Alto, Itanhandu, Carmo de Minas, Maria da Fé, São Thomé das Letras, Conceição do Rio Verde e Aiuruoca, que cada uma tem uma tônica ligada a um raio. Aiuruoca –ciência, medicina e cirurgia. Maria da Fé é a mecânica.

Michela: E essas informações vieram todas por revelação através do fundador?

SL019: Exatamente, ele tem assim uma brincadeira, que se for emendar tem quilômetros de papel para estudar. São as quartas revelações que só os internos, quando chega no 5º grau é o interno.

Michela: Na década de 70/80 São Lourenço recebeu muitas pessoas, isso se deve um pouco por ter começado a abrir essas informações?

SL019: Quem estava ligado vinha, e aí muitos morara aqui. Tinham convenções em fevereiro. A rádio de São Lourenço divulgava. Tem as palestras públicas.

Michela: Entendo que de uma forma mais aprofundada seja para os iniciados. É porque a pesquisa vai de acordo com a ligação com a cidade. A partir do momento que a cidade recebe a Eubiose, ela começa a fazer parte da vida cultural da cidade, a partir do momento que ela fala “nós estamos aqui, porque foi revelado...” , porque aqui tem um diferencial na cidade...

SL019: Por ser uma cidade muito católica, existe uma relação. Tem as pessoas que chegam, vem para São Lourenço, nos departamentos que tem as palestras públicas...

Michela: Conta um pouco o que a senhora sabe da formação da cidade de São Lourenço?

SL019: Como surgiu São Lourenço não sabia, foram uns viajantes, aí veio a descoberta das águas, que tem um livro que a Teresa de Jesus fez e tem a história de São Lourenço. E isso o que a gente sabe.

Michela: o que a senhora mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL019: Eu dei aulas durante 10 anos no Humberto Sanches e era minha vida. Educação para o lar, arte, então para mim essa era a minha vida.

Michela: A senhora aposentou:

SL019: Não, eu fui tirada pelo Newton Cardoso e foi muito triste. Eu fiquei ruim da tireoide, por causa disso.

Michela: e atualmente, o que a senhora gosta de fazer?

SL019: eu, como sou esposa do Jefferson, e ele é o responsável pela ordem (?) que é a ordem que cuida dos jovens e das crianças, eu sou a supervisora dessa ordem, então eu tô no meio junto com as crianças e os jovens.

Michela: Da época que a senhora veio pra cá, a senhora acha que São Lourenço mudou muito?

SL019: completamente. Hoje é outra cidade. Porque quando a gente veio pra cá, a gente padecia, porque você não tinha supermercado, tinham armazéns. Era escasso. Verduras, frutas, você não tinha de qualidade, quando queria tinha de pedir alguém pra trazer e a gente que estava vindo de São Paulo né.

Michela: e os moradores? Mudou muito?

SL019: Eu não posso falar muito de ligação, porque eu sempre fui uma pessoa que fiquei mais recolhida, apesar de ter dado aula, mas aí já foi na década de 80, então eu não tive muito contato, só tive mesmo na escola e o pessoal da sociedade.

Michela: Conta um pouco, alguns fatos relevantes, coisas da história da cidade relacionada a Eubiose que a senhora acha relevante lembrar...

SL019: A escola de Rosas de Miriam, que foi a Dona Helena, a Verinha e a Dona Ana agora o sobrenome da Ana eu não tô lembrada, elas fizeram uma escola que era ali na Getúlio Vargas e era uma escola que era assim de um ensino diferenciado. E as crianças que estudaram tem muitos que lembro.

Michela: e funcionou por muito tempo?

SL019: Olha agora eu não vou poder te responder, porque não é da minha época, é anterior. Outra coisa também que nós tivemos foi a escola de arte ali na Jefferson de Souza, que funcionou algum tempo depois nós vamos lá para cima, perto do templo e funcionou também. Foram vários cursos, várias coisas boas que fizemos, essa parte que eu vivenciei, porque a minha sogra me botou como diretora.

Michela: Como que é ou era a relação da Eubiose com a cidade? A Eubiose sempre apresenta, traz alguns fatores importantes, elementos culturais, informação e isso sempre foi bem visto, isso foi acolhido, às vezes sim às vezes não?

SL019: Há muitos anos teve um grupo que fazia um trabalho mala de leitura, que foi a Hilda e a Irene Alexandria, irmãs e professoras. A Ilda fazendo nessa parte de Educação no sistema geográfico, as sete cidades, que até foi falado no seminário de história da obra, esse último que aconteceu. Esse trabalho que foi muito interessante para ajudar educação local.

Michela: Fala um pouquinho sobre as setes cidades, explicar um pouco sobre a referência, essa tônica relacionada a que?

SL019: Isso aí eu acho que assim eu posso passar para você sobre mais escrito né, que a gente tem as sete cidades, a tônica das sete cidades que é muito interessante, o raio da lua, o raio do sol e da lua.

Michela: Inclusive, comentam que há uma cidade subterrânea alguma coisa assim, esclarece um pouquinho nesse sentindo...

SL019: Aí é o tal negócio, muitos não aceitam isso. É como os discos voadores, os montes subterrâneos, isso tudo depende de você aceitar ou não. E uma coisa, esse pessoal que é ligado à igreja católica não acreditam nisso.

Michela: há uma resistência?

SL019: muito grande, e é engraçado, quando você conhece a pessoa, como sabem que a gente é da sociedade, colocam uma distância enorme, e aí depois vão vendo que a gente não é bicho, que é gente normal, que a gente tem amor pra dar. Porque um curso dessas professoras em Pouso Alto que eu participei, aí uma pessoa chegou pra mim e disse: escuta, é verdade que tem um bode preto lá no templo? Aí eu falei: escuta, é fácil, é só você ir lá

visitar sábado e domingo. Veja só o que fica, o sacrifício de animais, nunca foi feito nada disso...

Michela: E sobre as cidades subterrâneas, eu gostaria de resgatar alguns valores que para a Eubiose seja relevante no entendimento do coletivo, do simbólico coletivo que isso passa para os moradores da cidade, das pessoas que acabam conhecendo um pouco o que são essas cidades dentro da concepção da Eubiose sobre as cidades subterrâneas ?

SL019: O mundo tem várias energias, então a energia mais densa vai indo até a mais sutil e todas elas estão no mesmo lugar. Então são dimensões diferentes, as cidades em dimensões diferentes. Eu vou te dar a minha opinião, aquilo que eu sinto, aquilo que eu acho que é uma linguagem que dá para você entender. Eu acho que é isso realmente, é dimensão. Vai crescendo de utilização de energia. Eu posso também procurar uma explicação mais...

Michela: Bom, se a senhora tivesse que escolher um lugar mais importante da cidade de São Lourenço qual seria?

SL019: Ontem estive no parque e estava no céu. O parque eu acho maravilhoso, o templo quando eu estou lá né? São lugares que eu me realizo mesmo, mas escolho o templo.

Michela: A senhora acha que ele poderia ser considerado o símbolo da cidade.

SL019: Não acredito. Para mim é, mas eu acho que ele tem os obstáculos.

Michela: Não é que ele não seja importante, mas poderia ter alguém que não ache?

SL019: Exatamente. Se soubesse, se fossem lá, ratificar o que a gente pratica, tudo bem. Mas, tem gente que não sabe nem o que é feito né.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2(x) a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5() o turismo.
- 6() outro_____.

SL019: Eu acho que é o Parque, a natureza.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3() apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5(x) a melhor cidade para se viver.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL019: Acho que hoje a harmonia entre um grupo é bem difícil, a gente procura ter essa vivência harmoniosa né, aonde eu vou, então a gente procura, agora não sei se existe essa harmonia.

Michela: A senhora acha que isso mudou um pouco, no início era um pouco mais harmonioso e agora não?

SL019: Eu acho que hoje ainda você consegue conviver mais, porque eu acho que antes era pior.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

SL019: Hoje você vê que tem o trenzinho, que tem o parque que é o centro de tudo, hoje você vê o parapente, o balonismo, nós perdemos muita coisa aqui por causa do antigo Prefeito,

que deixou perder muita coisa. Tinha exposição de carros antigos, o balonismo que era todo ano.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL019: Eu acho que sim. Até porque vive do turismo, mas tinha lugares que a gente entrava e era tratada com casca e tudo, mas isso depende muito da educação e acho que vão aprimorando.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro _____.

SL019: A Escola Melo Viana eu acho linda por causa da arquitetura, mas para os moradores, porque você vê o Parque das Águas, o morador fica seis meses sem ir, tem gente que nunca mais foi. O parque é um dos lugares mais importantes da cidade e a gente teve que usufruir mais. O artesanato de antigamente tinha o artesanato de palha de que era mais, hoje tá tudo igual. O artesanato local desvalorizou, porque aquelas senhoras fazendo as cestas era lindo. Deveria ser a casa da cultura, mas hoje ela está abandonada. Eu fiquei horrorizada, foi Modificado, modificado e quando eu fui lá na secretaria de educação que fui conhecer nossa, que tristeza. Aí é que tá, para os moradores jovens, a Fazenda Sharp, Casa da Cultura, isso foi, e era de uma senhora, casa de cultura, mas foi-se. Outro exemplo de tombado, eu sou da época que essa Casa da Cultura, existiu e era muito boa. Quer dizer, eu acho que como história seria esses, mas hoje não existe mais. O parque municipal Antônio Dutra é para os moradores, tem o esporte, tem as Exposições, tem os shows. Eu acho que hoje, para os moradores, não para mim, é lá.

Michela: E para os turistas?

SL019: Ah é o parque!

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores: E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1(x) não conhecem e não valorizam.
2(x)conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3() querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

SL019: Depende do nível, porque você vê que no geral ninguém conhece a história, conhece? Porque hoje nem a história do Brasil estão conhecendo.

Se nem os moradores conhecem, imagina os turistas. Deveria ter uma formação, como para ter bom atendimento nos restaurantes e isso já teve, escola de hotelaria em São Lourenço, hoje não existe mais. E é um ponto a ser trabalhado, como em qualquer lugar turístico tem que ter os agentes ou conhecedores para falar.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1(x) não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro _____ político/ calçamentos_____.

SL019: essa é difícil também, ai cada um está em um estágio de evolução, como vamos mudar. Eu acho que não mudaria nada. E cá pra nós, cada um é cada um.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

- 1() não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3(x) existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

SL019: Eu acho que para ser boazinha existem e atendem parcialmente. É feito alguma coisa, mas... é como nós fizemos aqui, o primeiro curso de cerimonial. E aí nós fomos falar com major da polícia e foi meio a meio, tanto o pessoal da sociedade quanto o pessoal de fora, da polícia, da CDL, da prefeitura, da câmara, eu não sabia que o curso de cerimonial era assim, tão... E aí, o Jefferson meu marido recebeu o convite e ele pega muito bonzinho se diz assim eu gostaria que você fosse... moral da história lá fui eu e minha amiga, aí quando acabou a cerimônia eu cheguei perto da soldada, que tinha feito o curso, ela estava assim mesa dela e a nossa apostila... gente aquilo foi uma emoção tão grande que vem aqui, porque foi uma iniciativa nossa né fazer esse curso, para aprimorar o olhar. Como também um curso patrimônio sobre cidade criativa, teve gente que veio de Itajubá, da Universidade de Juiz de Fora, da Universidade de Itajubá, eles vieram fazer o curso de patrimônio histórico patrimônio cultural porque eles tinham necessidade não tinham...

Michela: e esse curso é baseado em que? Há uma parceria?

SL019: Não, é iniciativa nossa porque nós temos elementos, pessoal formado para isso.. oferecer para a cidade aquilo que precisa. A gente gosta é disso. Tanto que a moça que trabalha no jornal Correio do Papagaio, a Gigi, ela foi minha aluna e ela mesmo falou que quando tiver coisa da sociedade, porque nós também fizemos curso de teatro, que veio um professor de teatro que trabalhou no Rei do Gado, Amauri de Castro, e ele é de Goiânia, e foi um curso que ele fez em dois dias ou três, era uma coisa rápida, e foi assim que um curso muito eficiente, com apostila, com certificado e ela viu a qualidade do trabalho. Ela não fez o de cerimonial e agora nós proporcionamos o encontro de cerimonialistas do Sul de Minas. Aí os cerimonialistas vieram e a preferência de Monteiro Lobato, é um cerimonialista e esteve presente e ela deu um depoimento muito interessante, que é fundamental a pessoa seja cerimonialista, é muito importante essas contribuições. Eu acho que a sociedade tem membros que querem colaborar com o engrandecimento da cidade e essa é a nossa vontade né, que somos os voluntários da educação, que é a área que a gente atua.

Gênero: Masculino

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Lourenço, 04/07/1975 **Idade:** 43 anos

Endereço Residencial: Cond. Morada Real do Sol – Soledade de Minas .

Tempo em que reside em São Lourenço: a vida toda

Cidade de nascimento dos pais: São Lourenço

Qual seu estado civil? Casado

Tem filhos? Quantos? não

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Budismo

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Não.

Qual seu grau de instrução? Ensino médio completo

Qual a sua profissão/ocupação? Artista plástico

Michela: Me fala um pouco sobre sua chegada aqui em São Lourenço, você é daqui?

SL020: Eu sou nascido em São Lourenço. São Lourenço é uma cidade nova, então tanto do lado paterno, como materno são de imigrantes que chegaram aqui na região para trabalhar na parte agrícola. Então minha descendência é portuguesa e italiana, mas os meus bisavós, eu sou a terceira geração desses imigrantes que chegaram principalmente para a cidade de Baependi. Se eu não me engano, São Lourenço pertenceu a cidade de Baependi, então esses imigrantes que já estavam por aqui, vieram para São Lourenço para poder ganhar dinheiro. Meu avô materno foi até muito conhecido. Ele saiu de Alagoas, que é um município próximo da nossa região, em situações muito precárias. Essa geração passou por muitas privações. E o primo dele já estava morando em São Lourenço, foi quando ele foi convidado para trabalhar no açougue desse primo.

Michela: Em quando isso?

SL020: Isso deve ter sido na década de 50 por aí, e o pai dele já era estrangeiro, já era italiano. Então ele já tinha nascido aqui, mas meu bisavô era italiano. Como São Lourenço naquela época tinha muito mais hotéis, aí ele começou a trabalhar com açougue e depois teve o próprio açougue dele. Naquela época eles tinha como principais clientes os hoteleiros. Então se ganhou muito dinheiro fornecendo algo para os hoteleiros naquela época. Até mesmo o próprio garçom que trabalhava em hotel ganhava muito gorjeta. Naquela época eles chamavam de propina, uma propina boa... então se você conversar com algum daquela época, você vai ver que ele comprou casas, porque era uma época boa, era a época dos cassinos. Então, essa parte da minha família que pegou essa época boa teve a oportunidade de fazer a diferença. Saíram de uma situação muito ruim e tiveram a oportunidade de trabalhar e ter uma vida mais digna. Isso também aconteceu com meu lado paterno, praticamente todos eles foram para o lado do comércio, com açougues, mercearia, prestação de serviços. São Lourenço foi permitindo que aquela geração pudesse ter um crescimento.

Michela: E eles contam muitas histórias daquela época?

SL020: Por parte de mãe, eu sou filho da caçula, então a diferença de idade para o mais velho é muito grande, mas eu tive a oportunidade de conversar com meus tios mais velhos e contavam como que era e tenho conhecidos mais velhos que viveram em São Lourenço e contam muito sobre como foi a história de São Lourenço, como o advento da espiritualidade começou a chamar atenção aqui, quando surgiu a própria Eubiose, quando o professor, eu não tenho muito conhecimento, declarou que São Lourenço ou melhor a região era considerada a capital Espiritual do planeta, então aquilo chamou muita atenção de uma

geração hip que veio para cá. Então você tem assim, até pessoas, artistas como Roberto Carlos vieram, eles conheceram São Lourenço. Então São Lourenço meio que surgiu em função disso. Então a gente que nasceu aqui, a grande maioria é descendente desses estrangeiros que chegaram aqui nessa região e também acredito que naquela época chegaram grupos de espanhóis e libaneses que já trabalham com hotéis no Rio de Janeiro, então a cidade foi se constituindo. Na verdade, era muito famoso aqui, na cidade de Caxambu né, onde era chique se hospedar em Caxambu. São Lourenço, eu sei que é esse tipo de paralelo a isso, porque em Caxambu eles recebiam a realeza, aqui a gente brinca que recebia a república, porque Getúlio Vargas também se hospedava em São Lourenço. Então é bem interessante, São Lourenço surgiu disso.

Michela: essa história de São Lourenço, o que você acha mais importante ressaltar, alguma coisa que você não comentou dessa história, você comentou a parte dos cassinos, uma época áurea, que teve muita prosperidade, você sabe me dizer, essa transição, porque mudou mudou...

SL020: é mudou. Teve também uma época em que as águas estavam muito em evidência. Então o pessoal vinha para cá para poder se tratar e o tratamento durava 21 dias, então só vinha para fazer um período maior e a hotelaria meio que se adaptou a isso para poder oferecer isso. Então dentro do Parque das Águas, acho que tinham médicos que faziam esse tipo de atendimento, então você tem toda uma geração aí que frequentou a cidade em função disso. Eu acredito que isso foi em paralelo ou um pouco posterior da época dos cassinos, que foi interrompido no Brasil. Então São Lourenço, de alguma forma como Caxambu, Cambuquira, Lambari tinha esses Parques das Águas, tem ainda esses parques e naquela época eles exploravam isso. A nossa região de uma certa forma teve um declínio, até talvez pela falta de preparo ou o caso de percepção, porque as cidades como Lambari e Cambuquira, que já que eram cidades turísticas, que são até hoje, mas também tinham cassinos e os hotéis eram muito bem decorados e tinha até menu em francês, a coisa realmente era bem elegante. Essas foram as primeiras cidades que foram decaindo, vamos dizer assim. Hoje você vai visita-las, mas infelizmente a parte de fluxo financeiro turístico, de desenvolvimento mesmo perdeu muito. E por muito tempo Caxambu e São Lourenço se mantiveram de uma certa forma, mas só que Caxambu também começou a entrar em declínio, não sei se a população começou a entrar em uma situação negativa e teve uma época que eles viviam muito congressos e acha que não teve a preocupação de se trabalhar o turista, mas também aconteceu o seguinte, como eu falei sempre teve turista que visitou a nossa região, toda uma geração, pessoas que casavam e queria fazer lua de mel na região de São Lourenço e Caxambu, onde vieram os filhos e aquela coisa toda. Então, o que manteve durante um bom tempo esse tipo de turista que vinha principalmente do Rio de Janeiro, da Zona Sul aquela

coisa toda, tinham a tradição de visitação São Lourenço. Então São Lourenço e Caxambu paralelo...

Michela: Porque não é apenas uma região, a pessoa que está muito perto...

SL020: É, então pessoas davam mais preferência para São Lourenço, outras para Caxambu ou Lambari, mas hoje o que acontece, essa geração foi diminuindo, ela foi envelhecendo, ela foi, os filhos ou os netos, melhor dizendo, eles começaram a ter interesse em outras regiões de entretenimento, e acho que o faltou na região foi um percepção disso, tipo assim, olha esse público não está sendo renovado... Então acho que as pessoas se prenderam muito na questão de todo ano você receber as mesmas pessoas, aquele pessoal mais tradicional que gostava de vir para cá e tudo mais, mas só que aos poucos esse público foi sumido e era um público relativamente com poder aquisitivo legal. Até porque naquela época quem viajava para se hospedar em hotel, tinha um poder aquisitivo melhor do que os outros. Então havia essa diferença também. São Lourenço de alguma forma ela escapou desse declínio. Caxambu, atualmente, eles estão tentando fazer um trabalho de recuperação, porque passaram por várias licitações e a cidade entrou em um desânimo muito grande. Muitos jovens de Caxambu

foram embora e enfim o movimento começou a declinar, a parte turística começou a ficar cada vez mais precário, o Parque das Águas hoje lá não é tão legal. Enfim então talvez ela entrou no processo que talvez não daria o que Cambuquira entrou anteriormente. São Lourenço alguma forma, em algum momento, eu acho que quando começou a vir ,eu posso tá enganado, mas pelo o que eu observei como começou a chegar grandes lojas, como Casas Bahia, Loja Cem e aquela Ricardo Eletro, essas lojas de departamento, porque eu acho que eles fizeram algum estudo naquela época e acabaram escolhendo São Lourenço para colocar aqui, porque não é só São Lourenço, é a região toda. Aos poucos aquilo começou a dar um animo no comércio da cidade, começou a atrair pessoa da região, não somente turista. Então de uma certa forma, nem foi planejada, foi natural, começou a entrar na cidade esse tipo de comércio mais forte que acabou atraindo o movimento de outras cidades para cá. “Ah, vamos em São Lourenço, que tem uma loja Cem lá, hoje tem as Casas Bahia lá”, todos eles são lojas populares, que de uma certa forma estava atraindo um tipo de público pra cá.

Michela: Dentro da sua vivencia, você vivenciou isso ou aquilo já começou antes ...

SL020: Não, isso em vivencieei ainda. Acompanhei de uma certa forma e naturalmente isso foi dando um destaque maior para a cidade que foi atraindo mais pessoas e quanto mais pessoas circulam na cidade, vai acabar contribuindo, porque acabam que comprem alguma coisa. Esse ciclo do comércio da cidade, ele foi naturalmente crescendo, se destacado das outras cidades, foi atraindo mais pessoas e uma coisa puxa outra. A parte médica também é um outro setor que naturalmente foi crescendo aqui em São Lourenço, talvez em função desse movimento. Mas acredito que foi mais pelo movimento do Comércio, que deu este destaque aqui na nossa região, porque o turismo de uma certa forma ele continuou sendo tratado como foi tratado em Caxambu, Cambuquira e Lambari. O que mudou eu acho que com essa mudança de perfil o turismo em São Lourenço, alguns anos atrás, os hotéis começaram a pegar excursões, esse foi um processo que que foi ganhando força, por exemplo, eu não sei quem começou, mas um hotel começou a pegar mais excursão, aí todo mundo: nossa aquele hotel tá cheio, tá cheio de ônibus, até porque antigamente o ônibus aqui ninguém queria, porque excursão era considerado turismo de baixa renda, que não agrega valor e realmente de fato é, mas com essa mudança e como São Lourenço e outras cidades na minha opinião, não houve um planejamento legal para turismo. Aconteceram sim, atitudes, união de esforços para poder criar uma agenda de eventos que pudessem realmente mudar. Realmente nós já tivemos grandes eventos aqui na cidade, que movimentava muito...

Michela: na sua época pra hoje, o que você vivenciou, antes havia mais movimento, mais projetos ?

SL020: a gente tinha mais qualidade do movimento. São Lourenço hoje está até mais movimentado do que antes, muito mais, mas antes você tinha um público melhor, você tinha mais qualidade de pessoas, no sentido de consumo, essa é a diferença, hoje a cidade está muito movimentada...

Michela: isso assim década de 80?

SL020: a partir do ano, acho que de 2010 pra cá, é uma coisa mais recente , alguns hotéis começaram a ter como alvo o público de excursão e de trabalhar isso de uma forma mais profunda, isso começou aumentar e naturalmente outros hotéis vendo a situação de que estava diminuindo um pouco e aquela coisa toda, e esses hotéis trabalhando com esse público de excursão começou a prosperar muito, porque conseguiram colocar a excursão praticamente quase todos os dias da semana o mês inteiro. Então eu acho que tem um lado bom para eles, em vez de você ter só um final de semana, em vez de ganhar três ou quatro dias, você ganha sete dias da semana, sei lá alguma coisa assim. Então isso começou a virar uma tendência forte, tanto é que na alta temporada, coisa que nunca aconteceu aqui, era você deixar público de hospedagem em alta temporada, o que não tinha. Tanto é que as pessoas chegam em alta temporada e não tem mais vagas. Não é que não tem mais vagas que a cidade esteja com o público excelente, com qualidade, que está se hospedando, na verdade são as excursões que estão lotando essas datas, até quando eu tinha uma loja vários clientes

que visitavam São Lourenço em alta temporada, que é esse público bom e dizia que não tinha conseguido vaga no hotel tal e não estou entendendo a cidade... depois eu fui entender que eles não estavam conseguindo se hospedar em determinadas datas e temporadas porque os hotéis estavam colocando as excursões, estavam aceitando as excursões nesse período. Tanto é que você vê um movimento muito grande de pessoas, eu não sei se é o movimento que está acontecendo no Brasil, mas o que chama atenção aqui é que São Lourenço está muito movimentada, talvez ela esteja com nível mais popular hoje do que talvez uma cidade como Tiradentes, que você tem um público mais seletivo, um público de poder aquisitivo melhor, **Michela:** Mas oferece coisas com qualidade melhor...

SL020: É, você vai para uma cidade turística você encontra excelentes restaurantes, tem restaurantes à *la Carte*, pratos caros. São Lourenço não tem porquê? Quando você circula em outras regiões, você pode ver o valor de uma diária, o nível de restaurantes, o nível dos bares. São Lourenço tem muito restaurante a quilo. Então hoje o que eu percebo de São Lourenço, errou no sentido de não ter procurado desenvolver a cidade de uma forma mais excelente. Acho que houve vários erros, tanto da prestação pública, como do próprio comércio, da própria hotelaria que não ficou atenta a isso. Começou a adquirir um outro tipo de público que talvez hoje o nível seja até mais interessante do que o tradicional, não sei de repente até melhor, mas enfim a gente não sabe. São Lourenço também teve uma outra questão, muita gente que frequentava São Lourenço começou a querer morar aqui, então São Lourenço tem um morador novo. São os ex-turistas ou pessoas que estão querendo realmente sair das cidades grandes e estão procurando uma cidade menor que tem a qualidade de vida e São Lourenço eu não sei se ela vai se descaracterizar ou se ela tá passando por um processo de transformação ou ela vai ser um misto de cidade turística e meio que uma cidade de comércio, ou uma cidade de moradia... porque o que acontece, a identidade de São Lourenço hoje ela tá ela está difícil de você compreender, porque primeiro: a gente tem um comércio legal, muito legal, ativo que tá aí você vê que as lojas são bacanas, estão acontecendo. Você tem um tipo de turismo que já não é... nem muita gente que trabalha com turismo está de adequando a esse perfil, então quer dizer aquele comércio mais elegante, mais de luxo você não vem mais, vê muito pouco. Você tem agora um novo morador de São Lourenço, que vem para Cidade porque São Lourenço tem um custo de vida legal, não é uma cidade cara para poder viver, tanto é que a maioria dos restaurantes é a quilo e que tem um preço bacana, quando a pessoa se muda para cá fala “nossa, a cidade tem um custo de vida atraente”, e isso é bom também. Então as pessoas estão migrando para cá de alguma forma e como isso está criando um outro perfil também na cidade, que também fortalece o comércio. Eu só sei que São Lourenço começou a crescer, eu acredito que foi mais por uma questão natural do próprio comércio, a hotelaria, a parte do turismo ela se adaptou a uma nova realidade talvez, como houve essa carência de renovação ou a cidade tem criado estruturas para poder atrair um novo e continuar atraindo um turismo de qualidade, embora a gente assim em termos de espaços físicos, são poucos os lugares, além do Parque das Águas que é muito bonito, você tem a cidade que é muito agradável, alguns pontos turísticos também que são legais para você também, assim você vem e em 2 ou 3 dias acabou e você não tem mais o que fazer, essa é a realidade. Mas tem o turismo atuante que mira esse novo perfil que está aí, mas por um lado é um perfil que para algum tipo de comércio, que está mais ligado ao turismo não é tão atraente, mas São Lourenço está recebendo um público bom, um público com uma situação financeira razoável, e esse público começa a consumir na própria cidade, o que acaba dando mais dinamismo no nosso comércio, que pode dar mais dinamismo nas lojas, da prestação de serviços, da área médica. Então isso está ficando muito forte. Pode ser que São Lourenço se transforme na cidade de uma vida independente com um perfil de morador aposentado, que já chega com uma vida feita, apesar que também já tá tendo pessoas que vem para cá, que querem trabalhar, que querem construir uma vida, não é só o perfil do aposentado, também já está vindo casais, jovens que estão querendo empreender aqui na cidade. Então pode ser que São Lourenço ela venha ter esse novo perfil, talvez ela

só esteja passando por uma transformação real. Mas você olhando para cidade hoje, é uma cidade deliciosa, que você se apaixona por ela, que muita gente mudando para cá, está acrescentando na cultura também, então São Lourenço tá ficando mais integrada, tá ficando mais aberta, que muita gente com cultura diferente, com o conceito diferente e como é uma cidade muito concentrada, tudo ali no centro, não tem muitos lugares distantes, tudo acontece ali, então ou o tempo todo você está cruzando com pessoas, isso é bom e você não tem uma separação, tudo está muito concentrado. Eu acho que são várias coisas que estão contribuindo para que São Lourenço melhore. Eu acho que São Lourenço vai mudar o perfil dela, eu acho que hoje, ah São Lourenço vai ser uma cidade turística? Vai precisar de um grande esforço para poder manter esse tipo de turismo...

Michela: Mesmo porque o turismo muda. Dentro da sua vivência, aproveitando que você é daqui mesmo, diferenciado que tem essa percepção...como você vê a ligação de São Lourenço com as outras regiões? Ela mudou, se isolava, as regiões se complementam, cada um tenta não se relacionar muito? Como é essa ligação, uma vez que vocês estão tão perto um dos outros, há um trabalho em conjunto, houve uma tentativa?

SL020: Não, isso eu acho lamentável, ela deveria se unir. Acho que o Circuito das Águas deveria ser unido, até para fazer com que o turista fique mais tempo aqui. Porque qualquer cidade que você vá, ela não tem muito espaço físico para você se divertir e ficar. Então se você faz um pacote de uma semana, ninguém vai para ficar três dias. Eu sou daqui do Sudeste, quando a gente sai do Sudeste e vai para o Nordeste, a gente geralmente compra um pacote de uma semana para ficar no hotel e você tem uma programação para ficar essa semana inteira, tem passeios, enfim tem várias programações que você vai se colocando e você consegue ficar seis, sete dias, só curtindo, fazendo coisas. Um pacote de uma semana aqui na cidade, você vai fazer o quê aqui da nossa região? Criatividade, a não ser que você pegue um carro e vai fazendo. Então, infelizmente eu acho que ter iniciativa, mas só que essas iniciativas não prosperaram de realmente unificar a nossa região, fazer um trabalho conjunto. Mas eu acredito que existe um potencial gigantesco para isso acontecer um dia, porque a região é maravilhosa, as cidades são muito gostosas e essas estradas que interligam essas cidades tem lugares lindos para visitar, tem cachoeiras maravilhosas, lugares paradisíacos, a região tinha que realmente dar as mãos e construir um circuito turístico do estado, com indicações e tudo mais. Se tem esse trabalho eu desconheço, pode ser até que eu esteja sendo injusto, mas eu não tenho conhecimento disso. E pelo que eu já vi, existe um certo bairrismo de que o turista que está na cidade A, ela não quer liberar para a cidade B, que acha que vai estar dividindo, vai estar perdendo, aí um pensamento muito arcaico, muito pequeno. Há muito tempo atrás, a própria cidade de Campos do Jordão queria integrar Campos Jordão com São Lourenço, porque lá eles também tinham interesse em fazer com que um turista de lá circulasse aqui também nessa região, tem até uma estrada de terra que poderia ser pavimentada, onde a ligação das duas cidades seria mais encurtado e eles queriam muito. Na época quando eles apresentaram o projeto aqui para os vereadores, os vereadores reclamaram, “Ah, vão tirar o pouco que nós temos...” Gente, se Campos do Jordão estava querendo interagir com a nossa cidade, é um paulista vindo para cá, é o outro público vindo para cá diferente. Infelizmente essa falta de visão política, essa falta de visão empresarial, ela emperra o crescimento, é lamentável. Ela é uma trava e as pessoas que estão nessa frente, tem que abrir a cabeça...

Michela: Me fale, por favor, o que você mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL020: Em São Lourenço eu gosto muito de caminhar no Parque das Águas. Eu gosto muito de, além de praticar esporte, de correr nas bicicletas e tudo mais, eu gosto muito de caminhar à noite em São Lourenço, principalmente no verão, e como é uma cidade concentrada, você vai encontrando todo mundo, então é muito legal porque eu acho que é esse contato é muito bom. Então toda vez que eu estou caminhando, dou dois passos encontro um conhecido e você para, bate um papo. Eu gosto de caminhar pela cidade inteira e é muito gostoso isso porque você interage com as pessoas, você está muito próximo de todo mundo. Essa parte

humana da cidade é muito bom. Isso é gostoso e não tem preço, ter pessoas querendo conversar com você, pra mim é um máximo.

Michela: Se você tivesse que escolher o lugar mais importante de São Lourenço, qual seria?

SL020: Parque das Águas, embora ele sempre tenha sido privado, nunca foi um lugar municipal, sempre foi de iniciativa privada, ele tem uma beleza e ele na verdade foi o start da cidade, tudo começou em volta do Parque das Águas. Então essa riqueza de água mineral que nós temos e que isso fez com que muitas pessoas viessem para cá, e isso traduzida essa qualidade de vida, eu acho que é uma coisa natural maravilhosa e aquilo deveria ter um cuidado muito maior, uma percepção muito maior, então o parque de uma certa forma eu acho que São Lourenço não seria São Lourenço se não tivesse o Parque das Águas. Se o parque por algum motivo fosse fechado hoje, eu acho que São Lourenço ia perder um pouco a sua identidade, e eu acho que é o lugar mais importante, foi a semente da coisa, aconteceu ali.

Michela: Você acha que ele poderia ser considerado o símbolo da cidade?

SL020: Com certeza

Michela: E você acha que isso sempre foi assim? Ou mudou?

SL020: Pode até ter mudado, existem alguns estudos que hoje o parque não é mais o lugar principal. O que mais atraia as pessoas hoje são as atividades da cidade. O comércio atraiu muito e alguns eventos bem elaborados. O parque de fato ele não é mais o grande ponto...

Michela: Me corrija se eu estiver errada, você comentou que os hotéis trazem os turistas, de ônibus, alguns me disseram que eles nem saem do hotel, porque lá já tem toda a estrutura, e o turista não precisa, a princípio, nem sair, o hotel oferece tudo...

SL020: Isso é uma prática que eu acho que ela prejudicou a cidade, acontece, mas na verdade sempre foi assim. A gente sempre criticou muito essa postura dos hotéis de oferecerem a pensão completa, café da manhã, almoço e jantar, tudo bem que naquela época quando a cidade não tinha muito o que oferecer em termos de restaurantes, porque as pessoas elas vem aqui para ficar fazendo tratamento de 21 dias, então os hotéis se adaptaram para esse tipo de estrutura. Então mas quando isso começou a mudar, eu acho que eles tinham que ter mudado isso também, porque o que acontece, em qualquer lugar do mundo, qualquer cidade turística que você vá, tirando resorts que tem outra proposta, que estão em outros lugares, existem até estudos que embora politicamente precise ter cuidado ao falar sobre isso, para não bater de frente... na última vez que eu estive um evento, teve um palestrante, dois meninos que viajam pelo mundo e falaram sobre uma questão turística e foi até bacana e quando falamos para eles que aqui esse era um dos problemas da cidade, da hotelaria que segura o turista e não permite que ele saia, aí quando ele fez essa crítica, uma pessoa que está ligada entidades e tem hotel, disse que as pessoas que vêm aqui gostam é disso. Existem estudos que diz que o reconhecimento de matéria, de velocidade, até o levantamento econômico, diz que um dos problemas da cidade e que foi detectado até pouco tempo por profissionais ligados a consultoria de turismo já apontaram em seus relatórios que é inaceitável esse tipo de prática, que isso não existe na cidade turística, você vicia um público, você não permite que haja uma interação com a cidade e a cidade ela não consegue absorver esse recurso econômico também. Então, ah São Lourenço não tem condições de alimentar todo mundo que vem para cá, isso é novela, na verdade a cidade não se desenvolveu muito nesse sentido por questões práticas, e acredito que até hoje está pagando um preço alto por isso, eu acho que esse desespero para poder pegar a excursão, vamos pegar excursão e encher os hotéis de excursão é porque de fato o bom turista foi sumindo, foi envelhecendo e morrendo, e acabou ficando com esse tipo de perfil e vai ficar com esse perfil porque não quer mudar esse tipo de postura. Eu acho que essa postura ela atrapalhou o desenvolvimento de São Lourenço. Se São Lourenço chegar a se descaracterizar como uma cidade turística, é porque realmente não houve esse cuidado de trabalhar o turismo, como ele deve ser trabalhado.

Michela: Para isso precisa de incentivos políticos o quanto antes.

SL020: Já teve até secretário de turismo ai, gestões anteriores que falaram que se não mudar certas posturas, não adianta. Você sempre vai cair nesse vício, então o turismo começou até de uma forma, que eu entendo que lá atrás tinha esse perfil, mas tinha que se preocupar em evoluir em relação a isso. Então infelizmente, eu acho que a cidade está pagando um preço alto por isso, aqui poderia ser uma cidade com mais qualidade ou com turismo muito melhor, eventos... porque o que acontece, o comerciante, ele investe o que e que ganha e se você não tem uma circulação, como que ele vai fazer? Por isso que eu acho que São Lourenço ela tá mais com ares populares do que antes. Mas eu tenho certeza que isso também atrapalhou muito a cidade.

Michela: queria que você falasse um pouquinho mais sobre o perfil dos moradores, esses novos moradores que você tem percebido, existem perfis diferentes, isso tem mudado?

SL020: Que bom que temos novos moradores, porque se não fossem os novos, como eu falei para você, eu acho que São Lourenço escapou, se você olhar hoje Cambuquira, Lambari e Caxambu é muito triste, decadente. Eu acho que aqui deve ser a capital espiritual mesmo, porque essa decadência ela poderia ter acontecido, ela por pouco não aconteceu e eu acho que essas novos moradores de São Lourenço estão chegando trazendo uma nova vida para cá, eu acho que isso é tão fantástico, eu acho que isso é tão fundamental para São Lourenço, ela vai ter outro rumo, talvez ela tenha um outro perfil completamente diferente do que temos hoje. Acho que daqui a 5, 10 anos, São Lourenço será completamente diferente do que a gente está, justamente por causa dessa migração, mas essa migração boa, de qualidade. Tanto é que as pessoas que buscam São Lourenço estão querendo uma qualidade de vida melhor e acho que o desenvolvimento está ocorrendo por causa desse novo perfil que está aí, eu não acredito que é o turista que está desenvolvendo São Lourenço hoje. Ela tá dando aquele aspecto de cheio, mas tá deixando de ser, eu acho que o novo morador é o que tá trazendo a cultura nova, um padrão de exigência novo, uma forma de viver nova e acho que isso que está impactando cada vez mais a nossa cidade.

Michela: É, porque tem vários condomínios novos bons...

SL020: Muitos, o próprio centro da cidade, os edifícios, são muito poucos os sãolourencianos que moram lá. Eu já morei três prédios no centro, de sãolourencianos mesmo, muito pouco, então a maioria é o pessoal de fora, do Rio, de São Paulo, Belo Horizonte.

Michela: Tem ainda, na minha percepção, algumas casas que parece que ainda permanece de veraneio, ainda tem muito isso, pessoas que moram no em São Paulo, Rio e tem uma casa aqui?

SL020: Tem, principalmente apartamentos. Muitos apartamentos ainda tem essa função de residência de veraneio sim. São pessoas que já frequentam São Lourenço há um tempo e acaba comprando alguma coisa aqui e quando vêm elas preferem ficar nesses apartamentos. Tanto é, que quanto você vai olhar, a maioria desses prédios, a maior parte dos apartamentos ficam vazios, porque os moradores mesmo, eles são de outras cidades. Então eu posso dizer isso com bastante certeza, até porque eu morei em três diferentes aqui.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2() a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5() o turismo.
- 6() outro_ a qualidade de vida_____.

SL020: Eu colocaria qualidade de vida porque é o que mais tem atraído pessoas, o que a gente mais percebe aqui.

Michela: A questão da espiritualidade até certo ponto, lá na década de 70 ou 40 teve esse bum dos hippys, mas isso foi mudando, outras espiritualidades foram chegando...

SL020: Na verdade é o seguinte muita gente conheceu São Lourenço por causa dessa declaração, que aqui era a capital espiritual do planeta, essa coisa toda. Então realmente aconteceu o movimento muito intenso para cá e muitas pessoas daqui que vieram nesse impulso, acabaram permanecendo em São Lourenço. Mas agora tem uma característica muito interessante, ela por ter essa energia, as pessoas são muito atraídas para cá, eu percebo que muitas pessoas acabam vindo para São Lourenço por intuição, por alguma questão energética, porque aqui, na verdade, existem várias manifestações religiosas, a gente encontra desde as mais tradicionais, como outras também dentro da origem oriental, então aqui hoje tem quase todas. Uma coisa que seria maravilhosa era se o turismo voltasse com essa questão religiosa. Talvez fosse melhor fazer um turismo espiritual, porque aqui tem vários segmentos e uma história muito forte. A própria eubiose ela declara que a região tem uma energia muito forte e São Lourenço capitania isso tudo. Eu conheci várias pessoas, de vários lugares, que realmente declaram isso. Inclusive tem um trabalho para você entender São Lourenço em termos de espiritualidade você vai procurar sobre o Marco (?) que tem um livro chamado Mudança Planetária, o destino humano. Ele desenvolveu uma técnica de litopuntura (?) com a finalidade de cura dos pontos de forças em locais da natureza em conflito no nosso planeta. Esse cara que ele esteve em São Lourenço e lançou esse livro, ele veio fazer essa cura que se você for no Parque das Águas de São Lourenço e Caxambu você vai ver umas pedras alguns pontos,

Michela : Pensei que fosse da eubiose?

SL020: Não. O que ele considerou, como aqui tem muita concentração energética e estava um nó energético, então toda essa energia Espiritual do planeta passa por São Lourenço, passa pela região, então ele veio fazer uma cura através dessa litopuntura, como fosse um acupuntura para tirar esses nós energéticos e fluir o planeta melhor. Pra você como é a percepção das pessoas de fora. Esse cara, ele estava na Suíça, lançou esse livro falando dessa questão toda, então existe muita literatura falando dessa energia espiritual de São Lourenço. E essas declarações de diferentes movimentos, de diferentes escolas esotéricas. Aquele prédio do Bavária, ele foi construído em cima de uma estrela de Davi. Na base dele tem os pontos de energia e acho que foram quase 50 bruxos que fizeram um trabalho de energização para cidade. Então aquele prédio foi construído para que a radiação e energia fluísse. Então essa parte espiritual de São Lourenço é riquíssima, infelizmente ela não é explorada até a nível turístico, porque é muito rico em relação a isso.

Michela : E como é a relação dos católicos, da eubiose?

SL020: Todo mundo se interage numa boa. Convivência muito tranquila. Em termos de espiritualidade em São Lourenço existem outras ordens falando muito sobre essa questão. Várias pessoas são atraídas para São Lourenço, porque como aqui tem muita energia existe uma aceleração kármica aqui. Então o que você estiver que passar vai passar, e isso está atraindo várias pessoas, de vários segmentos espirituais, as pessoas não sabe explicar porque estão aqui, mas são atraídas para São Lourenço. Existe essa coisa maior, talvez no futuro, isso possa ser melhor propagado, possa ser mais difundido, mas existe isso e é muito forte aqui em São Lourenço.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

SL020: Na verdade essa é uma visão das pessoas que são daqui. Eu tenho mais contato com quem é de fora, do que com as pessoas daqui. quem vem de fora elege aqui como paraíso. Eles têm essa visão. Como eu sou nascido aqui eu quero morrer aqui, não tenho vontade de ir embora. Se você souber viver aqui, como toda cidade do interior ela tem suas carências, acho que a parte econômica é o que mais afeta as pessoas que são daqui começando vida, porque ou você vai para um comércio ou você faz a coisa própria para poder ter uma vida

melhor, porque em termos de emprego infelizmente as remunerações são muitos ruins. O próprio comércio, por mais que ele esteja atuante, vivo, ele paga muito mal. A hotelaria também paga muito mal, então quer dizer empresas assim maiores nós não temos, nós só temos pequenas empresas, algumas empresas maiores, mas porém a gente sabe que a reclamação é geral de que, infelizmente, financeiramente não compensa, então muita gente acabar indo para a iniciativa própria no comércio ou na prestação de serviço ou indo embora de fato. Essa é a visão do nascido em São Lourenço. Alguns colegas foram embora, os que ficaram aqui, os que não se prepararam vamos dizer assim, trabalham de uma forma que é pouco, não tem muita perspectiva de crescimento, então isso infelizmente é uma política que não foi bem desenvolvida mesmo não, ela é bem fraca nesse sentido.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL020: Sim. São Lourenço é uma cidade receptiva. As pessoas são bem-vindas, inclusive quem vem de fora.

Michela: E com relação as classes sociais, você vê uma certa convivência de todo tipo de classe ou há uma separação?

SL020: Não percebo isso não. Mas eu acho que existem bairros humildes, que a gente que as pessoas não estão sendo incluídas de uma certa forma, e pelo tamanho da cidade para esse potencial que a gente tem, eu acho que infelizmente falta política social, isso é uma falha que eu acho que deixa a desejar. Não existe um trabalho de inclusão, não existe um trabalho de melhoramento, eu não vejo incentivos para os jovens a interagirem com a cidade, a cuidar da cidade, a nossa cidade. Infelizmente eu converso muito com o pessoal que tem loja, a nossa geração quando você era empregado você era dedicado, procurava crescer, mas eu percebo que essa geração nova que tá aí, ela tá totalmente despreparada, a educação está muito baixa, não vejo motivação, quando essas pessoas vão para o mercado de trabalho você vê que elas não têm muita sociabilidade. Então eu percebo que essa nova geração está muito complicada, e até o comércio hoje está pagando pela falta de incentivo que ele sempre se negou a dar. Porque para contratar um pessoal novo hoje está muito difícil, porque as pessoas não estão preparadas para isso. Acho que houve uma negligência e a conta está chegando. Já vi muito dono de loja de roupa aí de cabelo em pé, porque vive brigando e porque que não contrata alguém melhor? Ah, mas para contratar alguém melhor você tem que pagar melhor, então como que você vai fazer? Então fica nesse cabo de guerra. O jovem infelizmente aqui eu vejo que existe um despreparo muito grande para quem é de baixa renda, não vejo nenhum trabalho que possa inserir essa galera no mercado de trabalho não.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4() uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

SL020: O ponto negativo é o entretenimento, que não tem muita opção.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

SL020: Sim! Sempre foi harmiosa. É uma cidade turística, então as pessoas sempre foram muito bem recebidas.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5(x) O calçadão.
- 6() O Parque das Águas.

7() A Escola Estadual Melo Viana.

8(x) Outro ____ comércio ____.

SL020: Para o morador jovem acho que é o calçadão. Para o pessoal mais velho acho que é a cidade em si. Por incrível que parece, eu acho que o parque faz uma promoção muito boa para o morador para poder comprar os bilhetes e fazer caminhada lá. Mas acho que os horários que eles estão oferecendo não são muito animadores, acho que poderia dar esse benefício e cada um escolhia o melhor para ela. É aquela coisa, em uma cidade turística, o principal ponto turístico não é frequentando pelos moradores. Eu acho que isso é universal. Acho que ele é muito pouco visitado pelos moradores. Pode ser que eles estejam fazendo um movimento, essa empresa nova que entrou, para trazer mais os moradores para dentro, estou percebendo esse movimento. Para os turistas, eles gostam muito do comércio daqui. Uma pesquisa feita, acho que ano passado, falava que nem mais o parque era o objetivo principal, que hoje o que atrai mesmo é o próprio comércio.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores:

E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.

1() não conhecem e não valorizam.

2() conhecem pouco mas não valorizam.

2() conhecem pouco mas não valorizam.

3() querem conhecer mais e valorizam.

3(x) querem conhecer mais e valorizam.

4() muitos conhecem e valorizam.

4() muitos conhecem e valorizam.

5() todos conhecem e valorizam.

5() todos conhecem e valorizam.

(x) poucos conhecem e valorizam

SL020: O turista é mais curioso do que o próprio morador.

8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

1(x) não mudaria nada.

2() mudaria o clima.

3() mudaria as pessoas.

4() mudaria a localização.

5() outro ____ calçamentos ____.

SL020: O calçamento é horrível, é ruim para andar a pé, de carro.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

1() não existem.

2() são muito poucas e ineficientes.

3(x) existem e atendem parcialmente.

4() não são suficientes mas são boas.

5() são suficientes e eficientes.

SL020: De uma certa forma a região começou a perceber São Lourenço de uma forma diferente. Hoje eu percebo que as pessoas que moram nas cidades próximas a São Lourenço vem passear aqui. Inclusive eu já vi várias vezes o pessoal chegando de van, estacionado na praça da prefeitura e o pessoal descendo para poder fazer compras, visitar cidade, depois voltar no mesmo dia. Esse é o movimento que inclusive quando eu tinha loja era muito frequente. Então São Lourenço atrai a região no sentido comercial e no sentido de entretenimento também. Vem passear aqui, vem almoçar, vem tomar um sorvete e comprar algumas coisas. Porque as outras cidades são muito paradas, São Lourenço tem uma vida mais interessante. Eu acabei de chegar de Ouro Preto e quase não existe uma vida noturna nessa época, 10 horas da noite e já está quase tudo fechado, e São Lourenço não, nesse horário final de semana a cidade tem vida, no domingo tem vida, as pessoas estão na rua passeando, então eu acho que São Lourenço está interessante nesse sentido. Ela está tendo mais interatividade entre as pessoas que estão na rua, que estão passeando, e acho que isso também atrai muitas pessoas de outra cidade.

Michela: Me fale um pouco mais sobre a sua classe de artistas, porque você comentou comigo que aqui em São Lourenço também tem muitos ou vieram de fora...

SL020: Nessa época de cassinos a atividade artística sempre foi muito atuante na cidade, nos eventos, você tinha três até cinco grupos de leiloeiros que atuando aqui na cidade com

obras de artes, antiguidades. E São Lourenço tem grandes artistas que são nascidos e moram aqui, que são produzidos aqui em São Lourenço, mas tem parceria e galerias fora da cidade. Na década de 90 tinha uma intervenção artística muito maior, além dos grupos de leilões, que ficavam dentro de hotéis, você tinha também outros artistas que tinham o seu próprio atelier aberto ao público. Ainda temos aqui, temos o Jonas, temos a Consuelo também que tem um atelier aberto mas ela também dá aula. Mas só que antes você tinha artistas pintando na rua, tinha um movimento mais forte e como o turismo tinha um nível melhor, então naturalmente os artistas também interagiam aqui. Artistas do Rio de Janeiro, de São Paulo que queriam deixar suas obras com um galerista aqui e depois muitos vieram morar aqui por questão de idade, mas continuaram produzindo, tivemos mais galerias abertas. E São Lourenço tem grandes artistas nascidos aqui mas fazem mais sucesso lá fora. O próprio Benigno, ele mora aqui, produz aqui, mas a obra dele vai toda praticamente para o Rio de Janeiro, ele é irmão da proprietária (?) Frade que também é uma grande artista. Ela também faz muitas exposições fora de São Lourenço, além de ter o local dela. O Mauro também que ele é meu contemporâneo, também expõe em São Paulo, Rio de Janeiro, trabalha com uma técnica do hiper-realismo, um grande talento, também mora e produz aqui, mas as exposições são todas fora. Você tem o Jonas Lemes que nasceu em Cambuquira, mas já mora em São Lourenço há muitos anos também, é um artista fantástico e tem os outros que moram aqui, mas estão em outros lugares, são artistas já catalogados, que estão no catálogo de leilões há muitos anos e outros que já estiveram aqui já foram embora, como esse meu professor, que ele era escultor e voltou para São Paulo porque a idade pesou e não conseguiu viver sozinho aqui. A Dulce também que é uma grande artista. E eu tive a oportunidade de conhecer e conviver com todos eles. São Lourenço apesar de todas as travas que ela tem, ela é a uma cidade maravilha, e espero que um dia isso possa se destravar, e ela possa ser melhor ainda. Eu sinto que São Lourenço é uma cidade que está ganhando prosperidade. Eu só não sei falar qual vai ser o perfil da nossa cidade, porque realmente eu acho que está passando por uma mudança, positiva, eu acho que ela vai depurar em termos de qualidade, acho que ela vai entrar nesse processo. Eu acho que ela vai começar a criar qualidade em função de muita gente de fora, porque esse público está aumentando cada vez mais e isso vai impactando, vai trazendo mudanças significativas e espero que o turismo seja trabalhado com mais carinho, que a gente possa conseguir de repente voltar a trazer os grandes eventos que a cidade já teve. É uma cidade que as pessoas trabalham, mas eu acho que já tem que dar um clique aí, ter mais abertura, mais parceria e olhar a região como um todo, não olhar só pra si, porque isso já sabemos que não vai dar mais certo.

Local da realização da entrevista: Café Unique

Data: 10/01/18

Horário de início: 14:40 **Horário de término:**

DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino

Local e data de nascimento: São Lourenço 28/11/1992 **Idade:** 26 anos

Endereço Residencial: Rua Antônio Cordeiro Junior - São Lourenço.

Tempo em que reside em São Lourenço: 26 anos

Cidade de nascimento dos pais: Pai- Rio Grande do Norte mãe – São Lourenço

Qual seu estado civil? Solteiro

Tem filhos? Quantos? não

Pratica alguma religião ou filosofia espiritualista? Qual? Católica

É associado a alguma organização não governamental filantrópica, profissional ou outra? Qual? Não.

Qual seu grau de instrução? Ensino médio completo

Qual a sua profissão/ocupação? Vendedor autônomo/ piloto de balão

HISTÓRIA PESSOAL E PERCEPÇÃO ESPACIAL

Michela: Você é daqui de São Lourenço? Conta um pouco da sua história.

SL021: Minha família sempre foi de São Lourenço, na verdade meu pai é potiguar, é do Rio Grande do Norte, e ele conheceu a minha mãe, através de uma amiga dela do curso de enfermagem, minha mãe é enfermeira. A amiga dela tinha um marido que tinha um restaurante japonês, e meu pai era motorista do marido dela. E minha mãe trouxe meu pai para morar aqui em São Lourenço, casou com meu pai, hoje já faz 55 anos casados. Tenho um irmão mais velho, diferença de cinco anos. Meu irmão já inventou de morar longe, mas não conseguiu e voltou para cá. São Lourenço, pra mim, minha vida vai ser aqui, não pretendo sair daqui nunca. E a minha família sempre foi uma família humilde, meu pai e minha mãe sempre foram comerciantes, viveram de mercearia, aí depois meu pai não deu muito certo, aí a minha mãe parou de trabalhar de enfermeira, porque veio o meu irmão mais velho, aí ficou só por conta do meu pai. Aí foi crescendo a família, aí depois logo em seguida veio o pentelho da família, sou eu né, o queridinho da mamãe e a gente sempre morou por aqui mesmo, nunca teve a intenção de mudar daqui. Eu pretendo fazer mais curso na verdade. Comecei fazer o curso de balão, na verdade não tem como falar assim que eu vou viver de balão, porque é bem imprevisível isso. Isso depende muito do tempo para poder viver disso. Mas eu pretendo fazer uma faculdade de administração, aqui mesmo na cidade, aqui tem uma faculdade boa, faculdade São Lourenço. Aqui é a minha raiz, daqui não saio. A maioria das pessoas da minha idade, procura muita coisa de fora...

Michela: Alguns voltam?

SL021: Muito pouco. A parte de engenharia, quando se forma em engenharia não é aqui que é o campo deles. O forte é só turismo mesmo. É só por isso mesmo que a maioria do pessoal vive de hotelaria, artesanato, turismo é o que sustenta a cidade. E tem a empresa da água mineral também que é a única fábrica que existe em São Lourenço hoje. A minha parte mesmo que eu quero fixar aqui, é o turismo, que é o balão e espero crescer cada dia mais aqui. Estamos lutando para isso.

Michela: Então agora a sua história com o balão, como é?

SL021: A minha história começou desde criancinha, com a minha bicicleta correndo atrás do balão. O balonismo começou aqui desde 1998, quando começou mesmo a ter os eventos de balonismo. Tem um campeonato, tem a federação de balonismo de Minas Gerais e tem a Confederação de Balonismo, então todos os eventos que são realizados aqui em São Lourenço, é homologado pela federação. Isso é um ponto positivo. Quando o evento é homologado pela federação, tem uma pontuação, no ranking mundial. Então São Lourenço é

sempre bem vista para voo de balão. De todas as cidades que têm o suporte para campeonato de balão, a cidade que os pilotos gostam de voar mais, é São Lourenço.

Michela: No Brasil ou Minas?

SL021: No Brasil todo. Temos eventos em outras cidades, mas o ponto positivo para o nosso voo é que temos muita região montanhosa. Então o pessoal consegue trabalhar o voo deles, consegue voo mais rápido, um voo mais lento, ele consegue estudar mais o vôo, ele consegue fazer mais pontuação no campeonato. Então, quanto mais montanha tem ao redor da região de voo de balão, é favorável para fazer a melhor presença no evento. Pra gente São Lourenço é a Capadócia do Brasil de balão. E o primeiro voo de balão de turismo foi em 2001. Foi através do Flamarion. Ele é o presidente da Federação, e ele teve essa ideia de colocar um balão de turismo na cidade e deu certo. Hoje temos quatro balões de passageiro, dois deles é para 8 pessoas, outro pra 10 e o outro pra 16. E tem mais equipamento chegando para poder voar cada vez mais. Comecei com 13 anos a correr atrás de balão, sempre faltava a aula por causa disso, ainda mais quando tinha campeonato. Era uma briga dentro de casa por conta disso. E como eu seguia muito o balão do Flamarion, que é um balão bem colorido, que chama atenção quando está voando, ele ficou encantado como eu sempre era o primeiro a chegar no balão dele. A maioria das vezes era bem antes da equipe dele chegar. E quando ele começou a observar isso, um belo dia ele chegou no portão da minha casa, pediu autorização dos meus pais para poder fazer parte da equipe dele. Porque antigamente ele não morava aqui em São Lourenço, ele era do Rio e vinha para cá só quando tinha evento. Então todos os pilotos que vem para a cidade sempre pega alguém da cidade, que eles chamam de minhoca, uma pessoa da Terra para fazer um resgate de balão. Porque a maioria das vezes, não pousava perto, pousada 20 e 30 km de distância da cidade, e eu sempre chegava com a bicicleta lá. E assim começou a encaminhar nossa amizade, fui crescendo, viajando com ele, participei de campeonatos fora da cidade, sempre teve contato com meus pais. Tudo que eu fazia ele pedia autorização para os meus pais, para poder deixar que seguisse viagem com ele. Porque o balão em si é tudo família, então viajava sempre ele, os filhos, a esposa e eu era o agregado que ia no meio da bagagem com eles. Mas isso começou assim desde criança... criança que se encanta com o balão. Hoje em dia até o adulto se encanta, mas a criança que corria atrás de balão hoje em dia tá voando lá em cima, dentro do balão hoje. Consegui formar e realizar meu sonho.

Michela: E como que foi isso, para você ser piloto e conseguir...

SL021: Eu tinha a possibilidade de formar piloto antes, só que eu me dediquei aos estudos primeiro, porque a escola em si ocupa bastante tempo para poder ocupar uma outra atividade no meio disso. E realmente, o curso de balão tem que ser bem tranquilo, são 200 horas de vôo, para o piloto tirar o Brevê dele.

Michela: Aqui tem curso?

SL021: Então, o nosso próprio instrutor de voo, é o próprio Flamarion. Tem que ter uma pessoa credenciada para isso. Então é como se fosse um exame de auto escola, tem toda a parte teórica, tem que colocar as aulas em prática, tem que fazer todo o processo de exame médico. No meu caso como eu tenho 26 anos, a cada dois anos eu renovo meu exame médico. Agora acima de 50 anos é de 6 em 6 meses. Então é um exame bem delicado mesmo. Se o piloto não seguir as normas que a ANAC exige, pode ser que tenha algum problema no futuro, então hoje, todos os pilotos que é do Brasil seguem esses sistemas rígidos, tem que ser rígido, porque se tiver alguma coisa, lá em cima não pode ter problema, então uma brincadeira bem séria. É bem responsável, lidar com vidas.

Michela: E como é a equipe de São Lourenço?

SL021: A equipe aqui são 35 pessoas, na verdade começou com voluntário, e o pessoal faz o cadastro com a gente, o pessoal passa a fazer parte da federação. Então sempre quando tem voo a gente manda mensagem no grupo de balonismo e o pessoal já sabe cada um o que tem que fazer. Então para cada balão, no mínimo, tem que ter oito pessoas, porque o equipamento, ele é bem pesado para poder lidar sozinho.

Michela: E depois a equipe acompanha para fazer o resgate.

SL021: Tem o carro de apoio, tem a van pra trazer o pessoal, que o pessoal volta na van depois. O balão costuma decolar de dentro da cidade, de dentro do Parque das Águas e o pouso é SDS, só Deus sabe. A gente só vai, a gente não volta com o balão. O vento é que manda, o piloto não controla a direção dele.

Michela: Eu moro no São Mateus, então vira e mexe tá passando o balão lá.

SL021: é bem isso, porque o piloto não consegue direcionar o voo pra onde ele quer ir, ele consegue controlar só a altura do balão. Sobe e desce de acordo com o aquecimento do equipamento. Agora o direcional é do vento. Por isso que a gente diz que balão não balança, não é como aqueles balões que a gente costuma ver em novelas. É um balão bem tranquilo, ele voa a favor do vento, ele não voa contra o vento, então não tem contra indicação para poder voar. A única coisa que a gente bloqueia um pouco é com a gestante. Se ela não tiver autorização do médico, a gente não libera para poder voar.

Michela: e curiosidade, porque eu inclusive estava para marcar um voo, e ainda não aconteceu de marcar, as pessoas vão amarradas....

SL021: Nada, vai livre. Se ela quiser pular ela pula, ela vai livre, não tem paraquedas. A segurança do equipamento já é o próprio equipamento. A altura do cesto, onde vai o pessoal da 1,35 m de altura. Só se ela quiser mesmo pular, porque fora isso...

Michela: e já aconteceu algum fato?

SL021: Não. Desde quando eu faço parte do balonismo, em campeonatos, uma vez ou outra, alguém arrisca uma manobra um pouco mais ousada. Mas, acidente com balonismo, até hoje que eu sei, aqui em São Lourenço não teve nenhum. A gente só sai do chão mesmo quando tem certeza que vai decolar e pousar com segurança.

Michela: E o Flamarion que é o pivô de tudo isso?

SL021: É, ele que coordenada tudo isso. Ele que levanta todo mundo cedo.

Michela: Que horas que vocês acordam para começar a fazer?

SL021: Bom, meu horário de ir pra poder começar a iniciar o equipamento, porque tem toda uma estrutura é 04:30 da manhã.

Michela: mas não sabe se o tempo vai estar bom, as vezes acontece de voltar?

SL021: acontece. Já aconteceu várias vezes, de ir para o campo, ficar na expectativa do sol começar a clarear o dia e realmente ter que cancelar.

Michela: E tem que estar céu limpo, ou pode ter nuvens?

Elder: Bom, o que não é indicado para poder voar de balão é neblina. Muito vento, principalmente, porque na hora do pouso o balão vai ter um impacto no chão, chuva também não é legal. Se acontecer de estar voando e começar a chover, o balão consegue pousar com segurança, mas não é o ideal. Isso acaba ressecando o material, o material fica pesado durante o voo, então se tiver chovendo é melhor ficar no chão, voltar para a cama e deixar para o outro dia.

Michela: E como tem sido a procura pelos turistas?

SL021: A nossa parte de divulgação é a internet. Hoje em dia internet ajuda muito, muitos usam para coisas boas, para seu benefício e outros não. Mas a gente tem uma parceria muito grande com os hotéis de São Lourenço também. Então a procura hoje em dia tá bem grande, tá faltando balão para poder suportar o número de passageiros. São quatro balões. A maioria do pessoal quando vem para São Lourenço tenta pegar um voo no dia. Chegou em São Lourenço aí liga para gente para tentar agendar um voo, porque é tudo pelo agendamento, só que a maioria tá ficando no chão, porque muitos que usam a internet já tá vindo com os voos agendados.

Michela: E todos saem do parque?

SL021: Do mesmo lugar. Um do lado do outro. Decola 7 horas da manhã. As 6 horas a gente pega todos os turistas no hotel, leva para um campo, explica todo o material do balão, todo procedimento de início da montagem do equipamento, material do cesto, do tecido do balão,

porque o pessoal não tem ideia do material do equipamento. O pessoal já acha que vai estar montando pra eles, que vai chegar lá e voar, mas não é bem assim.

Michela: E acontece de repetir?

SL021: Já. Tem um casal que já virou amigo nosso, que já tá praticamente querendo fazer um curso de piloto também. Ele é do Rio e todo feriado prolongado ele traz a família dele e faz um passeio de balão com a gente. Já perdemos até a conta de quantos voos ele já fez. Já vale um tíquete de desconto. Já faz um pacote.

Michela: dentro da sua visão, se você tivesse que contar rapidamente a história de São Lourenço, com você contaria?

SL021: Bom, São Lourenço é uma cidade que alguns anos atrás era conhecida como cidade de veranista. O pessoal que vinha do Rio, São Paulo e Belo Horizonte, vinham pra cá passar os feriados e fechavam as casas que tem aqui e voltavam para a cidade matriz. Só que São Lourenço cresceu muito rápido. Uma cidade pacata, hoje em dia já está se transformando em um polo regional nosso, repleto de médicos, oficinas mecânicas, restaurantes. Então, toda área que tem em volta de São Lourenço, que é Passa Quatro, Itamonte, Itanhandu, o pessoal já tá todo mundo correndo para cá. Então temos aqui Carmo de Minas também que é uma cidade bem próxima, é uma cidade bem rica na parte de café, mas São Lourenço se fosse para poder crescer sozinha eu acho que não teria condições. Então tudo que ao redor de São Lourenço está empurrando para crescer cada vez mais. A maioria do pessoal quando vem para cá, não sabe que São Lourenço é o segundo menor município do estado de Minas. A maioria acha que São Lourenço é maior, mas não, é o segundo menor estado de Minas. Então quando o pessoal, até quando está voando, pergunta o que que é São Lourenço? São Lourenço, saltou as casas, já é tudo do vizinho. O legal é que São Lourenço já não tem para onde crescer, em questão territorial, tem muita gente que tá fazendo loteamento aqui também, mas eu, no meu ponto de vista, sou contra. É bom crescer, mas desde quando a cidade cresce com a estrutura junto. Já tá precisando caminhar um pouco mais adiante, tá meio parado no tempo ainda. São duas ou três faculdades aqui em São Lourenço, mais tem mais faculdade instaladas aqui. Mas acho que o que eu zelo aqui mesmo é a qualidade de vida, segurança. São Lourenço é bem segura, por mais que tenha alguns assaltos, mas não é nada do ponto de vista da cidade grande, por isso que eu acho que a maioria do pessoal que tá mudando para São Lourenço hoje tá procurando um pouco da segurança. Rio e São Paulo já tá tudo se instalando aqui. Até o vizinho da minha casa, ele sempre teve a casa dele aqui, ele morava fora, ia passar o feriado. Agora ele já mora aqui e vai trabalhar fora. Ele já trouxe a família para cá, pela qualidade de vida, tem quatro filhos pequenos.

Michela: Desses 20 e poucos anos que você está aqui, você acha que mudou muito?

SL021: Eu não considero muito, mudou sim, mas se tivesse mudado um pouco mais, seria melhor para a cidade. Até na parte, não falo de tecnologia, mas na parte de saneamento básico, toda a estrutura de São Lourenço é antiga e não suporta o número de pessoas que estão morando aqui. Já estamos em 45 mil habitantes ou mais. Acho que a cidade poderia ser mais bem cuidada. Está legal assim, está, mas pode melhorar. Sou nascido e criado aqui, porque eu sinto falta disso, mas a cidade cresceu bastante. A maioria dos empresários aqui sempre estão agitando tudo para poder divulgar nossa cidade para fora. Porque a nossa cidade, no Rio de Janeiro, é bem divulgada nos hotéis, do grupo de excursão e tudo, mas São Lourenço pode crescer bem mais.

Michela: Com relação aos turistas, você vê alguma mudança no perfil dos turistas? São os veranistas? A qualidade dos turistas tem mudado?

SL021: Não, não tem mudado não. O pessoal quando vinha pra cá, o perfil é de uma pessoa que é mais de idade, a maioria são aposentados. A cidade acolhe bem as pessoas mais idosas. Elas vêm para a cidade para poder descansar mesmo. Mas tem bastante procura de jovens também. O pessoal que gosta, tem épocas de eventos na cidade, carnaval, a festa da cidade de agosto, tem bastante procura de jovens também.

Michela: Essa é uma relação até com a juventude, o eco turismo, porque tem uns jovens que fazem treking, que faz asa delta? Você vivencia, tem esse perfil de turista?

SL021: Tem, mas esse pessoal que faz o paraplaider, traking, mas eles fazem particular. Então o piloto tem o equipamento para o voo dele, porque o voo de paraplaider, de parapente, a pessoa compra o equipamento só para uso dele, porque é um piloto só. São mais de 40 pilotos só de São Lourenço, que moram aqui e praticam o esporte também. Eles tem a associação deles, mas todos temos o mesmo contato. Até quando não estou no balonismo, faço a parte de resgate com eles. Estou o tempo todo, falou em voar, estou dentro. Voar é comigo mesmo.

Michela: essas pessoas que fazem o paraiglader, vieram de fora, ou são daqui mesmo?

SL021: A maioria é daqui, mas tem muitos pilotos de Cambuquira, Três Corações, porque a nossa rampa é a mais perto da praia, então eles gostam de decolar aqui e procura Paraty.

Michela: Mas dá pra chegar lá?

Elder: Dá. Tem um piloto que já pousou na areia da praia, dentro de Paraty. Dá umas 6 horas de voo. Em Km, em linha reta dá 127km.

Michela: Mas aí ele consegue já controlar, porque o balão não.

SL021: É, o voo deles é diferente do nosso. Eles precisam de uma condição de tempo para fazer o voo, e uma das principais é a terma, termal que é uma massa de ar quente que forma no céu, ou sai do solo que impulsiona para cima. O voo deles parece com o voo do urubu. Então aonde tem urubus eles estão. O balão já não pode entrar em uma massa de ar quente, porque como não tem controle do balão, se ele entrar ele fica à deriva. Por isso que tem os horários diferentes, porque se não ia ficar só girando.

Michela: e esse turismo, para esse pessoal mais jovem tem sido divulgado...

SL021: sim, uma família, um casal de idade e vem sempre um filho mais novo, ele já perguntam, e o voo de parapente, aí a gente indica a pessoa para fazer o voo. Porque a diferença de voo é bem grande. O voo de balão é mais tranquilo e não balança. O voo do parapente já é diferente. Ele voa contra o vento e voa o tempo todo balançando. Por isso que eu sempre digo, eu não voo de parapente, eu não troco o lençol da cama que eu durmo pela fronha do travesseiro. Já recebi um convite para voar no parapente, mas não tive coragem. Cada um no que sabe fazer e eu me sinto seguro no que eu faço.

Michela: tem empresas de turismo, de ecoturismo que estão se desenvolvendo mais aqui em São Lourenço.

SL021: Sim, tem um pessoal, os de parapente mesmo, eles tem uma escola que se chama Minas Flair parapentes, eles já estão formando novos pilotos aqui em São Lourenço. Tem que ter o instrutor também para voos deles.

Michela: Vem muito estrangeiro para fazer esses voos?

SL021: Bom, pra gente tem bastante procura, por que os estrangeiros que costumam vir para cá, sempre atrás de café, a maioria dos gringos que vem para cá, fazem o voo em cima das fazendas do café, com o pessoal da Unique, a gente tem uma parceria com eles.

Michela: E eles ficam hospedados aqui?

SL021: Eles ficam aqui na cidade, a gente leva todo mundo pra lá e depois faz a rota do café, no dia seguinte faz o voo do balão. Então é legal fazer o voo do café também.

Michela: o que você mais gosta de fazer em São Lourenço?

SL021: na verdade tem mais coisa sim, eu gosto de fazer ciclismo também, quando tenho o que fazer, gosto de fazer bastante coisa. Sou bem agitado, mas o forte é voar de balão. Se eu pudesse voar o dia inteiro eu ficava voando.

Michela: E quanto tempo mais ou menos de voo?

SL021: Desde o início que monta o equipamento, até a hora de colocar o balão em pé, na hora de decolar dá 20 minutos. Agora desde a hora da decolagem até a hora do pouso dá uma hora, uma hora e meia de voo livre. Mas o restante que tem que guardar o material. Então a gente avisa, vai fazer o passeio de balão, separa a parte da manhã só pra isso, porque tem depois o café colonial também. A gente visita uma fazenda que é parceira nossa aqui em

São Lourenço, o pessoal tem acesso a toda fazenda, lá na Quinta do Cedro. A maioria vem com crianças, então leva para conhecer os bichos.

Michela: E as crianças, elas vão também?

SL021: Vão. Não tem contra indicação de idade. Criança de 0 a 5 anos não paga. Acima paga uma parte. De 5 a 10 anos tem um valor reduzido. Não tem contra indicação, só a gestante mesmo que a gente zela, que tem um pouco mais de cuidado.

Michela: se você tivesse que escolher um lugar mais importante da cidade qual seria? Porque?

SL021: O Parque das Águas, porque é o ponto mais bonito que a gente tem. A cidade cresceu em volta dele. Tinha o Parque das Águas e depois veio a cidade em volta. Pra mim seria o parque das águas com certeza.

Michela: Você acha que ele poderia ser o símbolo da cidade?

SL021: na verdade é uma referência o Parque das Águas. É o cartão postal da cidade.

Michela: Você acha que sempre foi assim? Mudou alguma coisa?

SL021: o parque mudou muito pouco, até é legal manter mesmo a identidade do parque em si. Porque quando começa a mudar de mais, perde o encanto. Até meus pais mesmo, quando meu pai começou a frequentar São Lourenço, ele fala que o parque das águas é o mesmo para ele. Hoje em dia ele vai lá, faz a caminhada dele, isso é legal, acho que não pode perder esse encanto e nem deve.

Michela: você acha que os outros moradores acham isso também?

SL021: sim! A maioria sim. Muitos sempre reclamam, tem uns que nunca estão satisfeitos com nada, essa é a verdade. Muitos falam que o parque mudou muito, mas eu, como sou mais novo, não mudou nada. Ele é bem cuidado. Porque se deixar também, é uma coisa que vai acabar.

IDENTIDADE LOCAL

1. Para você qual o ponto mais positivo da cidade São Lourenço?

- 1() as pessoas.
- 2(x) a natureza.
- 3() a localização.
- 4() a espiritualidade.
- 5(x) o turismo.
- 6() outro _____.

SL021: São os dois pontos fortes daqui. Porque não é só São Lourenço, a gente envolve muita coisa em torno disso. A natureza, tem que preservar. A gente tem, graças a Deus, tem bastante natureza na nossa região e tem que ser preservada. É única.

2. Para você como São Lourenço é vista pelos seus moradores?

- 1() uma péssima cidade de se viver.
- 2() não é uma boa cidade para se viver mas tem alguns pontos positivos.
- 3(x) apesar de alguns pontos negativos, ainda é uma boa cidade para se viver.
- 4() uma boa cidade para se viver.
- 5() a melhor cidade para se viver.

SL021: Os pontos negativos, se eu fosse prefeito eu mudaria sim. Uma delas é a parte do tratamento de água da cidade, que é sempre bom preservar. Mas o que falta aqui é trabalho, como muitos se especializam em outras coisas, aqui não tem.

3. Fale um pouco sobre as pessoas que vivem em São Lourenço. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores?

SL021: o pessoal de São Lourenço eu vejo muito com individualismo. A maioria do pessoal que tem um compromisso com a cidade, de fazer crescer a cidade... eu acho um pouco triste dessa parte, porque o pessoal sempre bloqueia um pouco a parte favorável pra todos. O pessoal vê mais o lado do particular, quer o bem pra eles. Mas se os moradores de São Lourenço querem fazer uma ONG, uma Instituição, tenta fazer o bem para a cidade, sempre tem um bloqueio em relação a isso. Infelizmente, hoje em dia, tem muitos moradores de rua.

São Lourenço recebe muito. São Lourenço tem um albergue, mas é muito pequeno e não suporta. Eu conheço um casal de amigos que tem uma casa, grande e eles recebem pessoas quando precisam. É uma parte voluntária deles, eles sempre correram atrás da prefeitura para poder ter uma cesta básica, uma coisa desse tipo, mas sempre sofrem com o não. Acho que se tivesse um órgão que pudesse ajudar... Eu mesmo, se eu precisar de uma ajuda para abrir uma ONG, que seja para uma criança e tal, eu tenho até medo dessa iniciativa, porque eu acho que o Não sempre vem em primeiro lugar. A parte política é sempre mais forte... É, a pessoa procura não se arriscar. A cabeça das pessoas, hoje em dia são bem diferentes né? Então acho que a pessoa prefere não se arriscar tanto. Infelizmente ficar olhando a coisa acontecer, sem poder dar uma ajuda.

4. Para você como São Lourenço é vista pelos turistas?

- 1() uma péssima cidade para turismo.
- 2() não é uma boa cidade para turismo mas tem alguns pontos positivos.
- 3() uma boa cidade para turismo, apesar de alguns pontos negativos.
- 4(x) uma boa cidade para turismo.
- 5() uma das melhores cidades para turismo.

5. Você vê de forma harmoniosa a convivência entre os moradores e os turistas? Explique.

6. Para você qual o lugar mais importante para os moradores da cidade São Lourenço? Por quê? E para o turista?

- 1() O Caminho do artesanato.
- 2() A montanha sagrada.
- 3() O parque Municipal Ilha Antônio Dutra.
- 4() A Fazenda Sharp (Casa de Cultura).
- 5() O calçadão.
- 6(x) O Parque das Águas.
- 7() A Escola Estadual Melo Viana.
- 8() Outro _____.

7. Sobre a História da cidade de São Lourenço, os moradores: E os turistas?

1() não conhecem e não valorizam.	1() não conhecem e não valorizam.
2(x) conhecem pouco mas não valorizam.	2() conhecem pouco mas não valorizam.
3() querem conhecer mais e valorizam.	3(x) querem conhecer mais e valorizam.
4() muitos conhecem e valorizam.	4() muitos conhecem e valorizam.
5() todos conhecem e valorizam.	5() todos conhecem e valorizam.

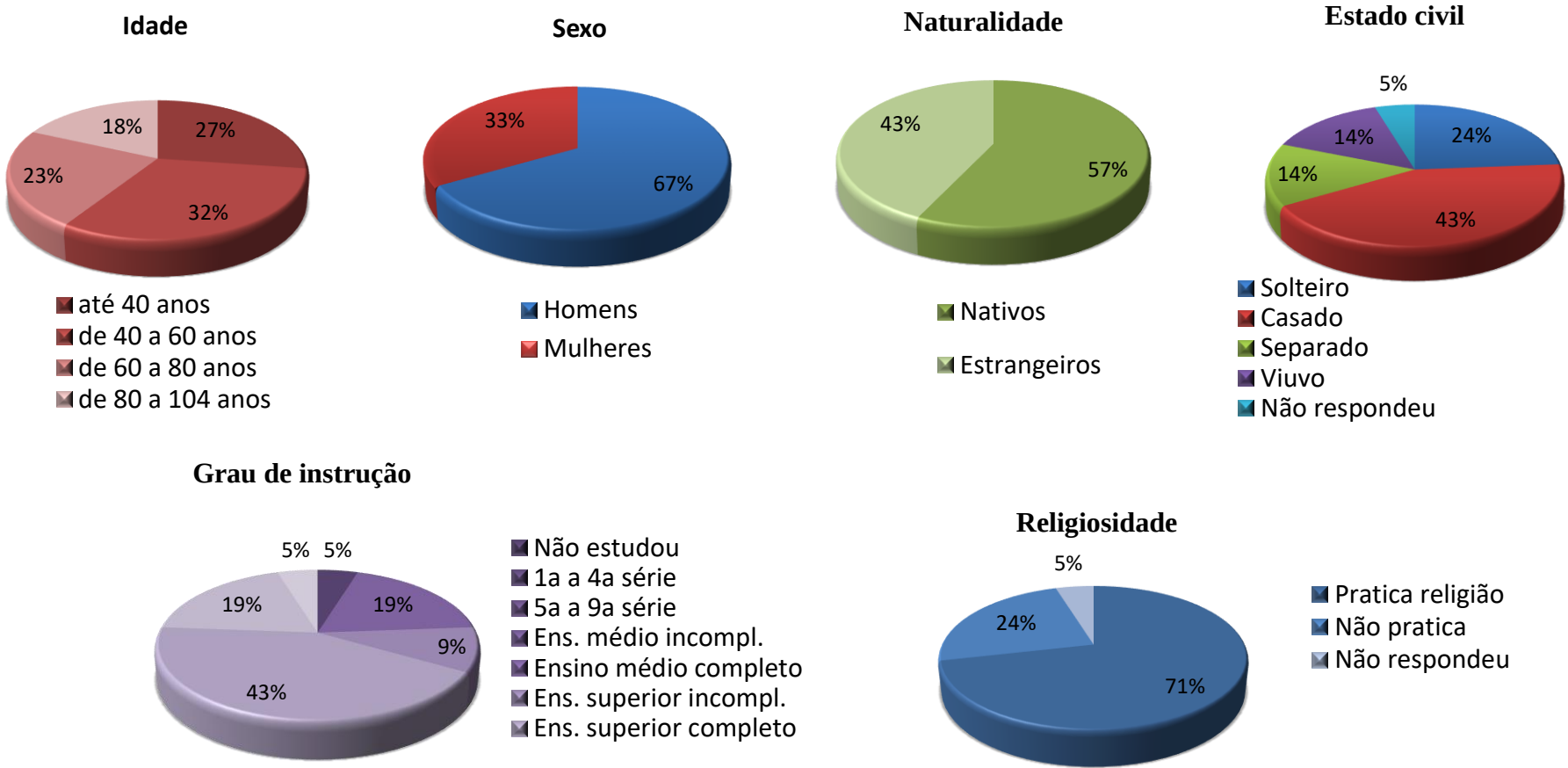
8. Se você pudesse mudar algo em São Lourenço o que seria?

- 1(x) não mudaria nada.
- 2() mudaria o clima.
- 3() mudaria as pessoas.
- 4() mudaria a localização.
- 5() outro _____ político/ calçamentos _____.

9. As iniciativas públicas e privadas para valorização da História e cultura da cidade de São Lourenço:

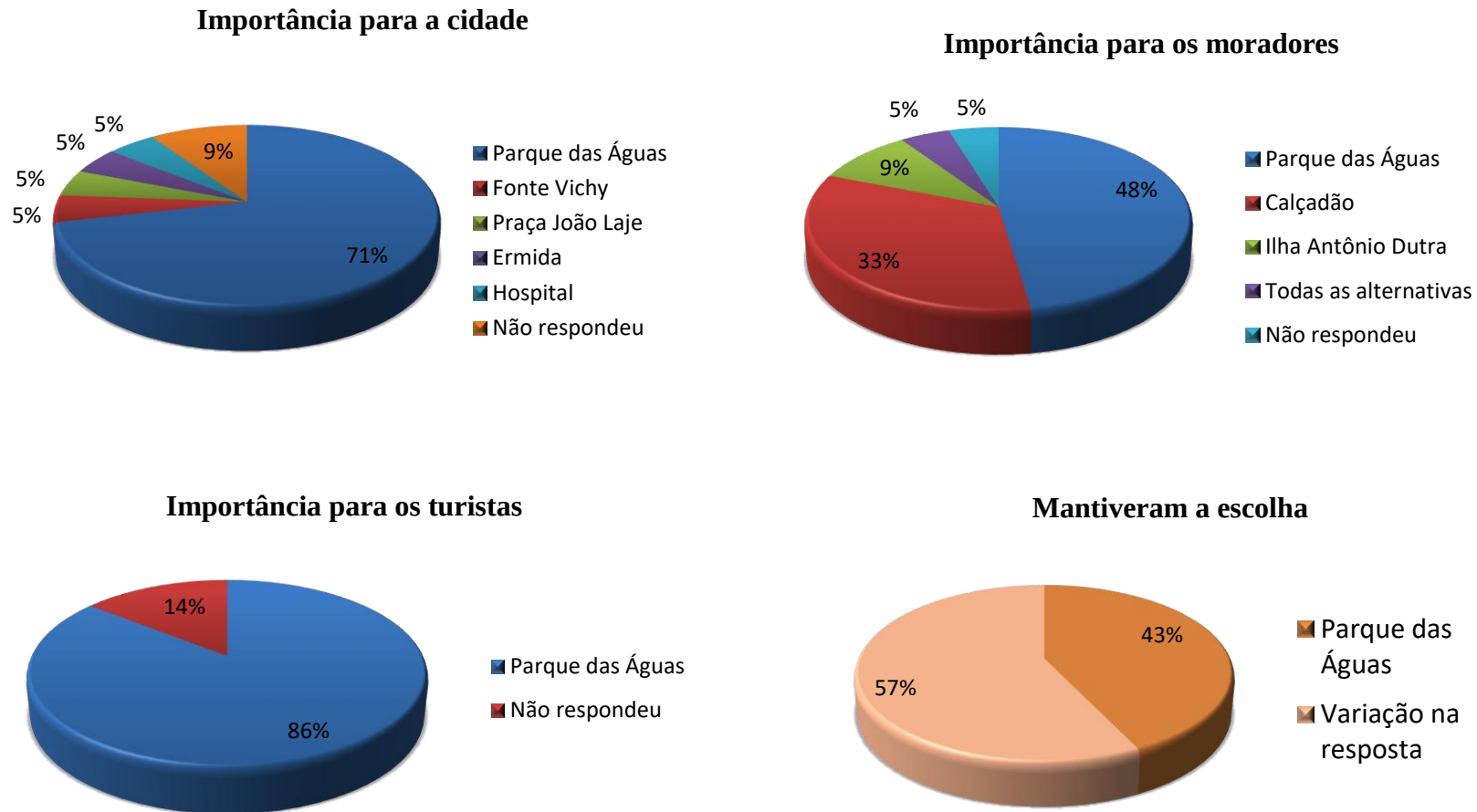
- 1() não existem.
- 2() são muito poucas e ineficientes.
- 3(x) existem e atendem parcialmente.
- 4() não são suficientes mas são boas.
- 5() são suficientes e eficientes.

Figura 41 – Dados pessoais dos entrevistados.



Fonte: Produzido.

Figura 42 – Dados percepção pessoal dos entrevistados.



Fonte: Produzido.

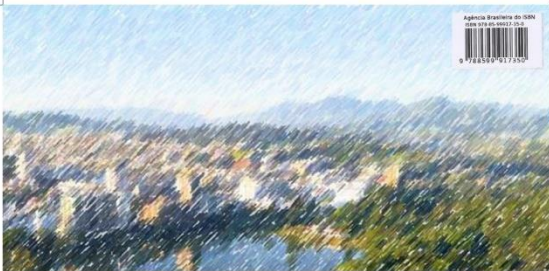
APÊNDICE C

Cartilhas para crianças

Esta etapa da pesquisa foi aplicada em crianças de 12 a 13 anos de diferentes níveis socioeconômicos. Foram avaliados alunos de uma escola particular bilíngue (Colégio Laser Solar dos Lagos), e de duas escolas públicas, uma estadual (Escola Estadual Professor Antônio Magalhães Alves – Polivalente) e uma municipal (Escola Municipal Dr. Emilio Abdon Povia). Para efeito desta pesquisa, o nível socioeconômico dos alunos foi simplificado em três categorias (respectivamente: alto, médio e baixo) de acordo com os dados pessoais levantados (QUADRO 5 a 7, e FIGURAS 45 a 56).

A pesquisadora, como profissional capacitada no campo do Patrimônio apresentou a pesquisa e orientou os envolvidos, professores, alunos e os responsáveis por estes. O processo foi conduzido de forma respeitar e não interferir nos valores e escolhas pessoais, priorizando, sobretudo, a valorização da participação e manifestação de todos.

A pesquisadora apresentou uma cartilha à turma de alunos dando orientações gerais sobre seu preenchimento. O horário ou aula usado para a realização da pesquisa foi combinado com cada professor segundo sua preferência. Os professores estavam presentes para criar maior proximidade com os alunos, mas não interferiram no procedimento. Foram necessários aproximadamente 40 minutos para apresentação, explicação do material, acompanhamento do preenchimento individual da cartilha, recolhimento do material e fechamento. Os nomes dos participantes foram preservados, bem como dados pessoais, sendo divulgados apenas idade, gênero, naturalidade, região onde localiza sua residência, nome da escola, tempo de residência em São Lourenço e um croqui. Toda participação foi voluntária e não foi remunerada de nenhuma forma pela pesquisadora.

Michela Perigolo Rezende

Estudo de Significância e Representatividade da cidade de São Lourenço

Este projeto faz parte de uma pesquisa que irá eleger o espaço símbolo da cidade de São Lourenço. O "Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço" é uma realização da parceria entre a Prefeitura local e o Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais, instituição onde a Arquiteta e Urbanista Michela Perigolo Rezende desenvolve tese de doutorado sob orientação da Professora Dra Renata Maria Abrantes Baracho.

Desde sua fundação, a história da cidade tem sido marcada por uma constante diversidade cultural. Esta determinante qualidade atribui a estudos como este grande relevância. Por fornecer coleta de dados bastante heterogênea, o perfil cultural da região pede métodos e ferramentas de pesquisa mais abrangentes. A partir de levantamento histórico e documental, e também de entrevistas com alguns atores relevantes no processo cultural da formação da identidade dos moradores, pretende-se mapear os principais grupos culturais da região. Em uma segunda etapa, onde esta cartilha se enquadra, será abordada a visão da cidade pelos estudantes de algumas escolas. Com previsão para realização em 2019, a pesquisa será aberta para o público através de formulários digitais online. Ao final da pesquisa, muito além de se eleger o espaço símbolo da cidade, espera-se apresentar à comunidade envolvida um estudo cultural de relevância que poderá amparar muitas outras iniciativas para reconhecimento e fortalecimento da identidade local.

São Lourenço Abril de 2019

PAICERAI

APCIO

CAPE

novomundo

Para Valorizar é preciso conhecer...

AJUDE A ESCOLHER O ESPAÇO SÍMBOLO DA CIDADE

São Lourenço
MINAS GERAIS - BRASIL

Michela Perigolo Rezende

Estudo de Significância e Representatividade da cidade de São Lourenço

1ª Edição
São Lourenço - MG
Gráfica Novo Mundo - 2019

REZENDE, Michela Perigolo
Estudo de Significância e Representatividade da cidade de São Lourenço.
São Lourenço: Gráfica Novo Mundo, 2019. 20 p. il.

EDITOR: Michela Perigolo Rezende
CAPA E FOTOS: Michela Perigolo Rezende
CROQUIS: Beneditas - Arqta Sandra Garcia
DIAGRAMAÇÃO: Michela Perigolo Rezende
REVISÃO: Natália Moreira Tosatti

Este trabalho é parte de projeto de pesquisa realizado na tese de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável PPG-ACPS-UPMG
Orientadora: Profa Dra Renata Maria Abrantes Baracho

Parceria: Prefeitura Municipal de São Lourenço

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Brasileira de São Paulo, SP, Brasil)

Resende, Michela Perigolo
Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço / Michela Perigolo Rezende. — São Lourenço : Gráfica Novo Mundo, 2019.
200p. (18x25cm) (18x25cm) (18x25cm)
1. Sanidade regional 2. São Lourenço (MG) — Geografia (Estudo fundamental) 3. São Lourenço (MG) — História (Estudo fundamental) I. Título.
CDD-372.496151
19-24279

Índice para catálogo sistemático:
1. São Lourenço : Minas Gerais : Geografia : Ensino Fundamental 372.496151
2. São Lourenço : Minas Gerais : História : Ensino Fundamental 372.496151
Colenda Rodrigo Gode - Bibliotecária - 1806/10014

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução no todo ou em parte, por quaisquer meios. Direitos exclusivos de publicação.

Para adquirir seu exemplar entre em contato pelo E-mail michela.perigolo@gmail.com

Antes de começar, precisamos de alguns dados...

Caro aluno,
Ao participar desta pesquisa você estará contribuindo para a valorização e divulgação da cultura e identidade de sua cidade. Preencha abaixo alguns dados pessoais e responda as questões a seguir. Lembramos que a resposta é individual e não deve ser discutida com outros colegas.

Sua opinião é muito importante!

Ajude a escolher o espaço símbolo da cidade de São Lourenço!

Nome:

Idade: ☐ Fem. ☐ Masc.

Nome da Escola:

Série:

Bairro onde mora:

Tempo em que reside em São Lourenço:

São Lourenço

Para você, qual deve ser o espaço símbolo da cidade?
Marque com um x uma das alternativas ou sugira abaixo outra opção.

- () Trem das Águas
- () Aldeia Vila Verde
- () Teleférico de São Lourenço
- () Parque das Águas São Lourenço
- () Escola Municipal Dr. Melo Viana
- () Calçadão I
- () Fonte Vichy
- () Ermida do Senhor Bom Jesus do Monte
- () Montanha Sagrada
- () Basílica de São Francisco
- () Parque Ilha Antônio Dutra
- () Balneário Spa São Lourenço
- () Mercado Municipal de São Lourenço
- () Casa da Miguela (Fazenda Sharp)
- () Caminho do Artesanato
- () Palacete Cardoso
- () Outro: _____

São Lourenço

Para você, qual espaço melhor representa a cidade?
Escreva abaixo a letra e o nome do local escolhido.



Letra () Nome do local: _____

São Lourenço

Para você, qual espaço melhor representa a cidade?
Marque com um x uma das alternativas ou sugira abaixo outra opção.



Outro: _____

São Lourenço

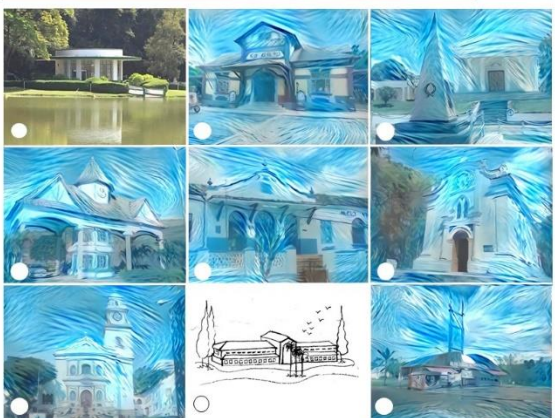
Para você, qual espaço melhor representa a cidade?
Marque com um x uma das alternativas ou sugira abaixo outra opção.



Outro: _____

São Lourenço

Para você, qual espaço melhor representa a cidade?
Marque com um x uma das alternativas ou sugira abaixo outra opção.



Outro: _____

São Lourenço

De cada conjunto de três palavras, escolha uma que
para você melhor representa a cidade de São Lourenço.

() Turismo
() Comércio
() Competição

() Família
() Monotonia
() Espiritualidade

() Sujeira
() Natureza
() Qualidade de vida

() Trânsito
() Compras
() Progresso

() Drogas
() Amigos
() Educação

() Política
() Desemprego
() Sustentabilidade

() Lazer
() Cultura
() Depredação

() Águas
() Prédios
() Montanhas

	Faça um desenho rápido (no máximo 10 minutos) do local que para você melhor simboliza a cidade. O desenho deve ser feito com caneta preta. 17
	Sua contribuição foi muito importante! Utilize este espaço para anotar suas impressões e sugestões. Fale um pouco sobre o motivo de suas escolhas, suas dúvidas, se e porque você gostou de participar.

Quadro 5 – Compilação dos dados das Cartilhas aplicadas no Colégio Laser Solar dos Lagos.

	Sexo	Bairro	Tempo reside	Texto	Mapa	Deep dream	Foto	Croqui	1º conj. Palavras	2º conj. Palavras	3º conj. Palavras	4º conj. Palavras	5º conj. Palavras	6º conj. Palavras	7º conj. Palavras	8º conj. Palavras	Croqui do aluno
L01	M	Vale Pinh.	12 anos	PA	2b	2b	1a	2b	turismo	família	natureza	progresso	educação	política	lazer	águas	PA
L02	F	Soledad		PA	1b	1a	1a	2b	turismo	monotonia	q. vida	compras	amigos	sustentab.	cultura	águas	PA
L03	M	Solar	12 anos	PA	1b	2b	1a	2b								águas...	torneira
L04	F	Solar	12 anos	PA	1a	2b	1a	2b	turismo	família	natureza	progresso	amigos	sustentab.	lazer	águas	Gota
L05	F	Solar	12 anos	MS	2a	1a	1a	1a	turismo	família	natureza	progresso	amigos	política	cultura	águas	BS
L06	M	Ramon	12 anos	PA	1b	1a	1a	2b	turismo	família	natureza	compras	amigos	sustentab.	lazer	águas	PA
L07	M	Solar	5 anos	TA	2a	2b	1a	2b	comércio		q. vida	compras	amigos	sustentab.		águas	TA
L08	F	Carmo M.		PA	2b	1a	1a	2b	comércio	família	q. vida	progresso	educação	sustentab.	cultura	águas	FV
L09	F	Parque O.	13 anos	PA	1a	1a	1a	2b	turismo	monotonia	natureza	progresso	educação	sustentab.	cultura	águas	PA
L10	M	Solar	13 anos	PA	1a	1a	1a	1a	turismo	espirit.	natureza	compras	educação	sustentab.	lazer	águas	PA
L11	F	Vale Pinh.	7 anos	PA	1b	2b	1a	2b	turismo	família	natureza	progresso	educação	sustentab.	cultura	águas	BS
L12	M	Solar	13 anos	CL	1a	out	1a	out	turismo	monotonia	natureza	compras	amigos	desemprego	lazer	águas	CL
L13	M	Parque o.	7 anos	CL	1a	out	1b	out	turismo	família	natureza	progresso	amigos	sustentab.	lazer	montanhas	CL
L14	M	Centro	13 anos	PA	2a	out	1a	out	comércio	família	natureza	progresso	educação	política	lazer	montanhas	CL
L15	M	Centro	13 anos	CL	1a	out	1a	out	turismo	monotonia	natureza	compras	amigos	desemprego	lazer	águas	TA
L16	F	Solar	13 anos	PA	1a	2b	1a	1a	turismo	família	q. vida	compras	amigos	desemprego	cultura	águas	PA
L17	F	Vale Pinh.	12 anos	AV	2a	out	1a	2b								águas	PA
L18	F	Vale Pinh.	13 anos	MS	2a	2a	2a	2a	competição	monotonia	q. vida	progresso	amigos	política	lazer	montanhas	PA
L19	M	Serra Azul	13 anos	PA	1a	1a	1a	1a	turismo	família	natureza	compras	amigos	sustentab.	lazer	águas	PA
L20	M	Vale Pinh.	12 anos	AV	2a	out	out	out	turismo	família	q. vida	trânsito	amigos	política	lazer	águas	CL
L21	M	Solar	12 anos	PA	1b	1a	1a	1a	turismo	espirit.	natureza	compras	amigos	política	cultura	águas	PA
L22	F	Vale Pinh.	12 anos	PA	2b	2b	1a	1a	competição					política		águas	PA
L23	M		4 meses	PA	1b	2b	1a	1b	turismo	família	q. vida	progresso	educação	sustentab.	lazer	águas	PA
L24	F	Centro		PA	2b	1a	1a	1b	turismo	família	natureza	trânsito	educação	política	cultura	águas	FV

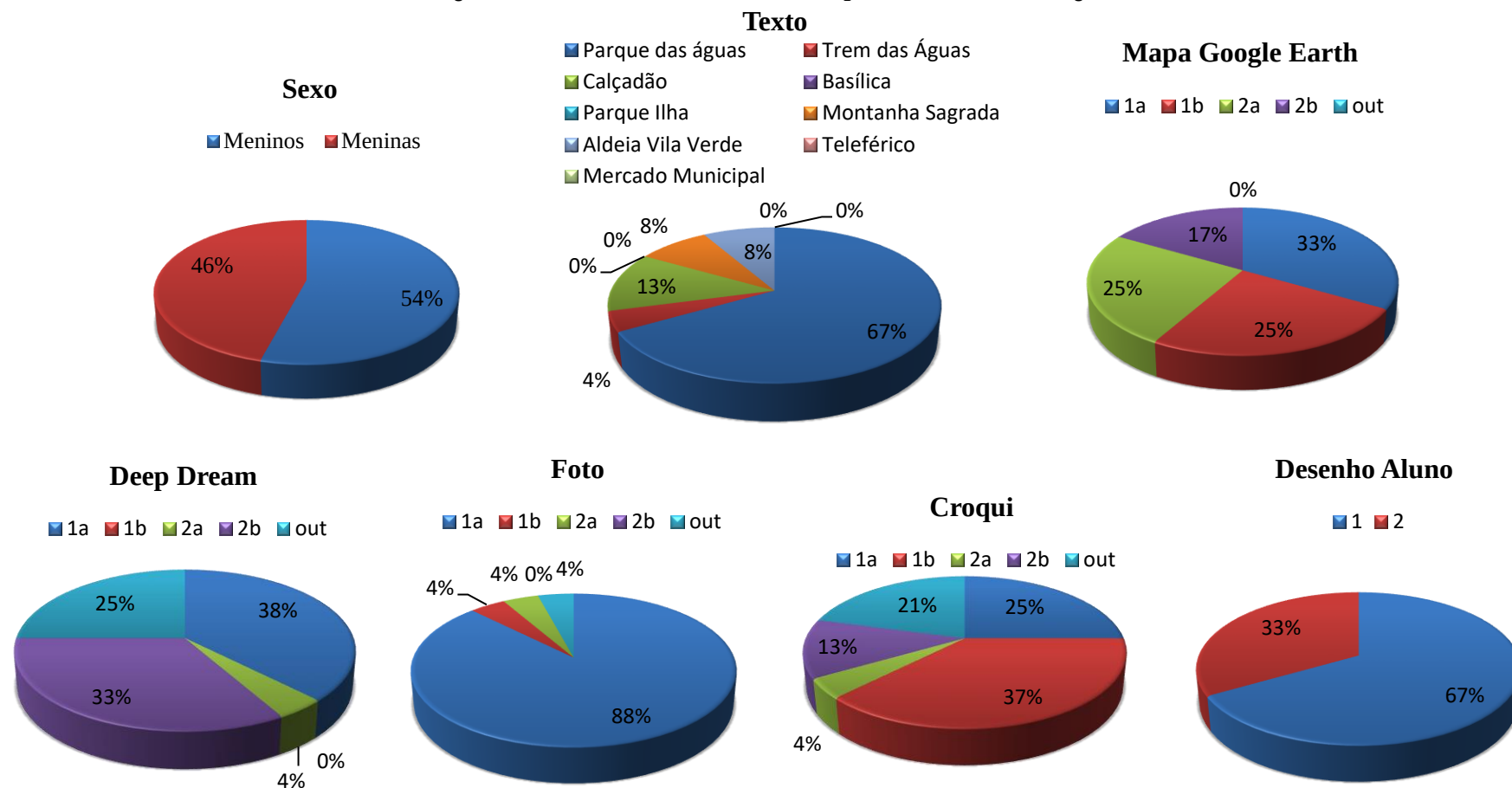
Fonte: produzido.

* Codificação dos espaços: TA - Trem das Águas, AV - Aldeia Vila Verde, TF – Teleférico, PA - Parque das Águas, EV - Escola Munic. Dr. Melo Viana, CL – Calçadão, FV - Fonte Vichy, EM - Ermida Bom Jesus do Monte, MS - Montanha Sagrada, BS - Basílica de São Francisco, IL - Parque Ilha Antônio Dutra, BA - Balneário Spa, MM - Mercado Municipal, CM - Casa da Miguela (Fazenda Sharp), CA - Caminho do Artesanato, PL - Palacete Cardoso.

** A partir da escolha do espaço na questão textual, na questão por imagem o aluno: 1 - manteve a escolha feita na questão textual, 2 - não manteve a escolha feita na questão textual.

*** Na questão por imagem o aluno: a - leu bem a técnica de representação, b - teve resistência ao ler a técnica de representação, out – inconclusivo.

Figura 45 – Gráficos dos dados do Colégio Laser Solar dos Lagos.



Fonte: produzido.

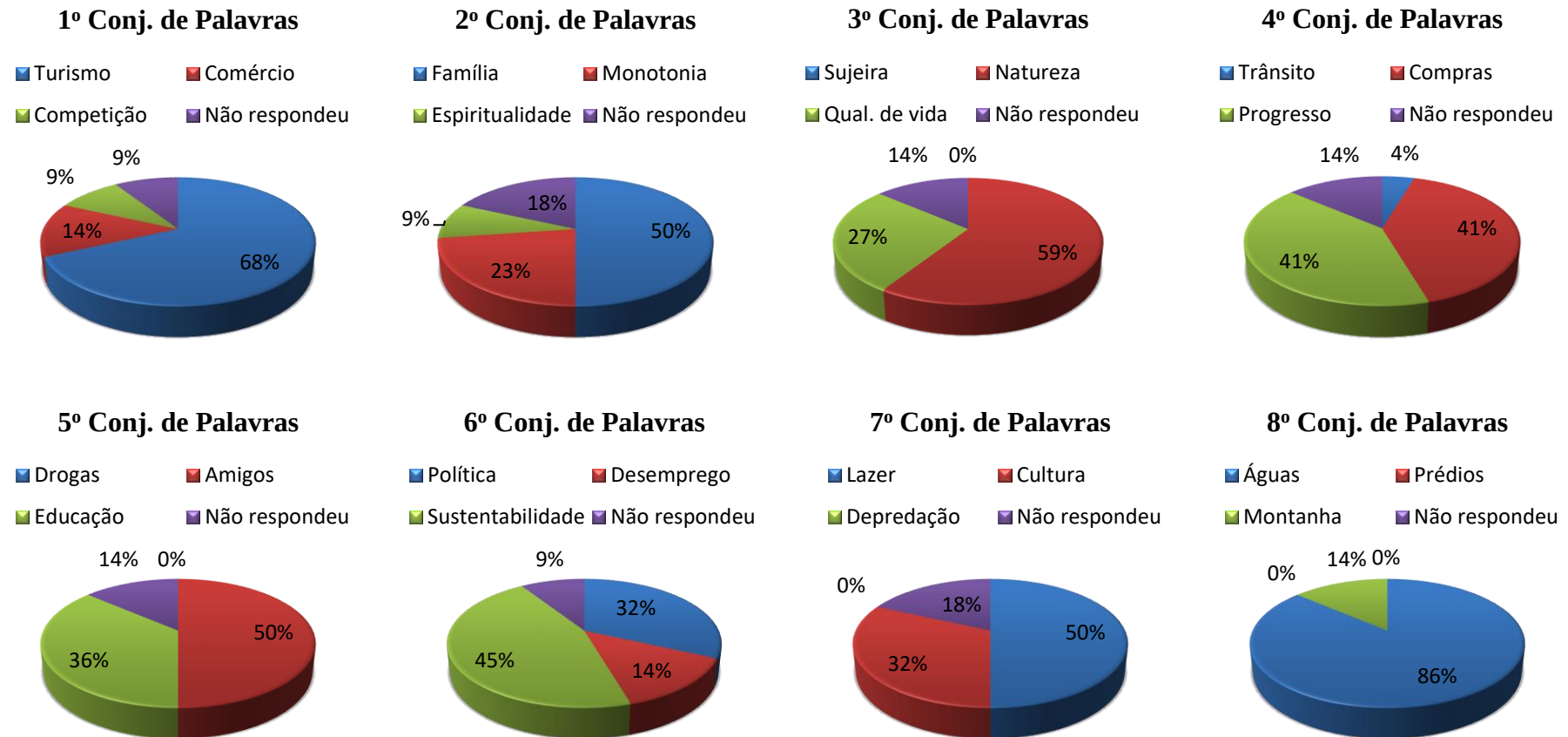
* A partir da escolha do espaço na questão textual, na questão por imagem o aluno:

1 - manteve a escolha feita na questão textual, 2 - não manteve a escolha feita na questão textual.

** Na questão por imagem o aluno: a - leu bem a técnica de representação, b - teve resistência ao ler a técnica de representação, out – inconclusivo.

*** A leitura dos dados é feita no sentido horário na sequência das legendas.

Figura 46 – Gráficos dos dados do Colégio Laser Solar dos Lagos.



Fonte: produzido.

Quadro 6 – Compilação dos dados das Cartilhas aplicadas na Escola Estadual Polivalente.

Aluno	Sexo	Bairro	Tempo reside	Texto	Mapa	Deep	Foto	Croqui	1o conj. Palavras	2o conj. Palavras	3o conj. Palavras	4o conj. Palavras	5o conj. Palavras	6o conj. Palavras	7o conj. Palavras	8o conj. Palavras	Croqui do aluno
P01	M	St Messias	13 anos	MM	2a	1a	2a	1a	turismo	monotonia	natureza	compras	educação	sustentab.	lazer	águas	PA
P02	M	J. Serrano	12 anos	TF	1b	out	out	out	turismo	família	natureza	compras	amigos	sustentab.	cultura	águas	TF
P03	F	Quambuq.	12 anos	IL	2b	2a	1a	1a	competição	família	natureza	compras	amigos	sustentab.	lazer	águas	out
P04	M	Vila nova	12 anos	PA	1b	1b	1a	1b	turismo	família	natureza	compras	amigos		lazer	águas	out
P05	F		6 anos	PA	1b	2b	1a	2b	turismo	família	q. vida	compras	educação	sustentab.	cultura	águas	PA
P06	F	Sonda	13 anos	PA	1a	1a		1b	turismo	família	q. vida	compras	educação		cultura	águas	PA
P07	M	P. do Céu	13 anos	PA	1a	2a	2a	2b	turismo	monotonia	q. vida	progresso	amigos	sustentab.	lazer	águas	TA
P08	M	Vila Nova	12 anos	PA	1b	1a	1a	1b	turismo	família	sujeira	compras	amigos	desemprego	lazer	águas	PA
P09	F	Vila Nova	13 anos	PA	1a	1a	1a	1b	turismo	família	q. vida	compras	amigos	sustentab.	cultura	águas	FV
P10	F	Sonda	12 anos	PA	1a	1a	1a	1a	turismo	família	q. vida	trânsito	amigos	desemprego	cultura	águas	PA
P11	F	Centro	8 anos	PA	2b	2b	1a	1b	turismo	família	q. vida	compras	amigos	sustentab.	lazer	águas	PA
P12	F	Vila Nova	13 anos	PA	2b	2b	1a	1b	turismo	família	natureza	progresso	educação	sustentab.	cultura	águas	out
P13	F	Canaã	13anos	TA	2a	out	out	out	turismo	família	natureza	trânsito	educação	desemprego	cultura	montanhas	BS
P14	M	J. Serrano	12 anos	PA	1a	2a	1a	1a	competição				educação			prédios	BS
P15	M	Vila Nova	12 anos	PA	1a	1a	1a	1b	turismo							águas	out
P16	M	Vila Nova	13 anos	IL	2b	1a	1a	1a	turismo	família	natureza	progresso	amigos	desemprego	lazer	montanhas	PA
P17	F	Sonda		PA	1a	2b	1a	1b	comércio	família		compras	amigos		lazer	ÁGUAS	FV
P18	M	C.Nogueira	12 anos	BS	2a	1a	1a	1a	competição	família	natureza	compras	educação	sustentab.	lazer	ÁGUAS	BS

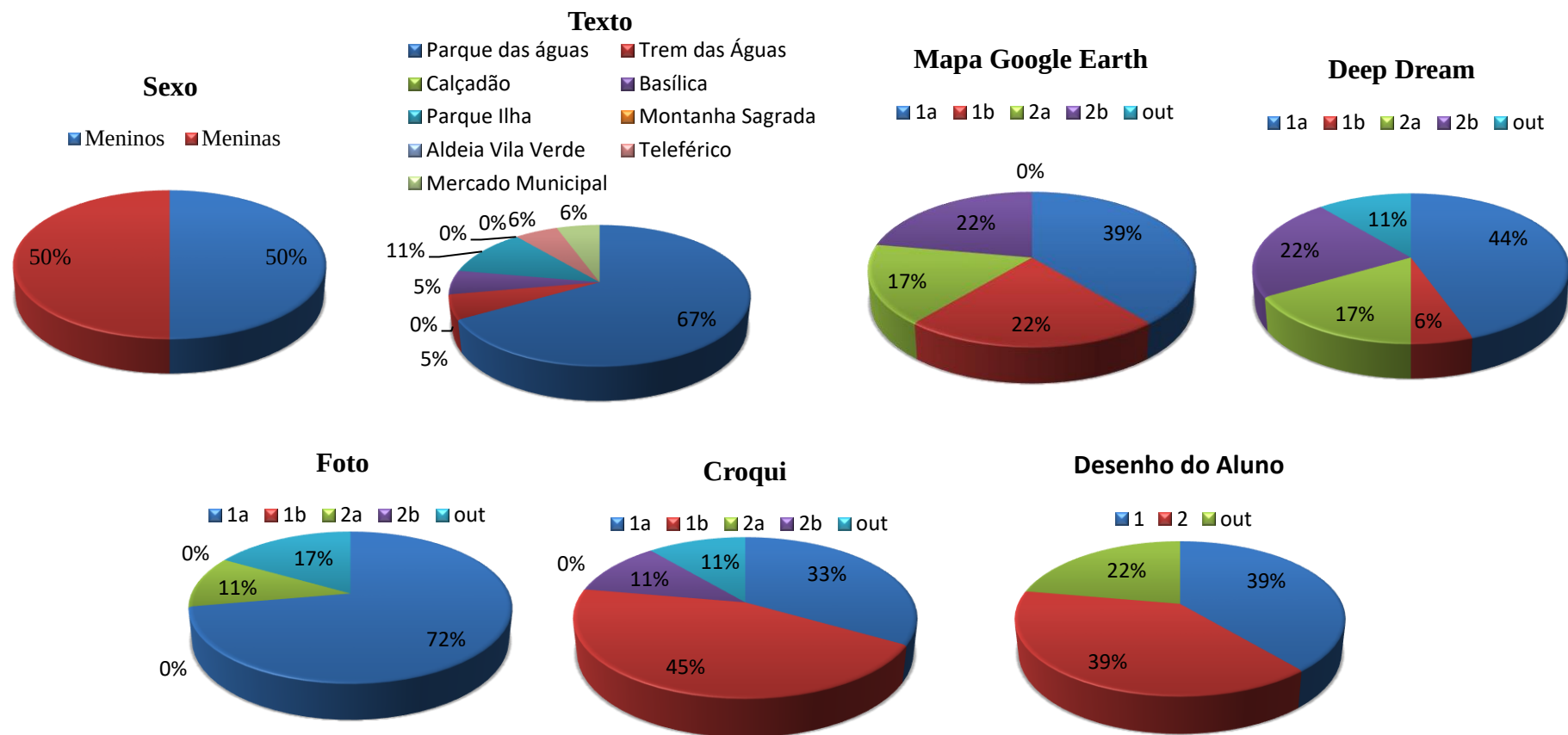
Fonte: produzido.

* Codificação dos espaços: TA - Trem das Águas, AV - Aldeia Vila Verde, TF – Teleférico, PA - Parque das Águas, EV - Escola Munic. Dr. Melo Viana, CL – Calçadão, FV - Fonte Vichy, EM - Ermida Bom Jesus do Monte, MS - Montanha Sagrada, BS - Basílica de São Francisco, IL - Parque Ilha Antônio Dutra, BA - Balneário Spa, MM - Mercado Municipal, CM - Casa da Miguela (Fazenda Sharp), CA - Caminho do Artesanato, PL - Palacete Cardoso.

** A partir da escolha do espaço na questão textual, na questão por imagem o aluno: 1 - manteve a escolha feita na questão textual, 2 - não manteve a escolha feita na questão textual.

*** Na questão por imagem o aluno: a - leu bem a técnica de representação, b - teve resistência ao ler a técnica de representação, out – inconclusivo

Figura 49 – Gráficos dos dados da Escola Estadual Polivalente.



Fonte: produzido.

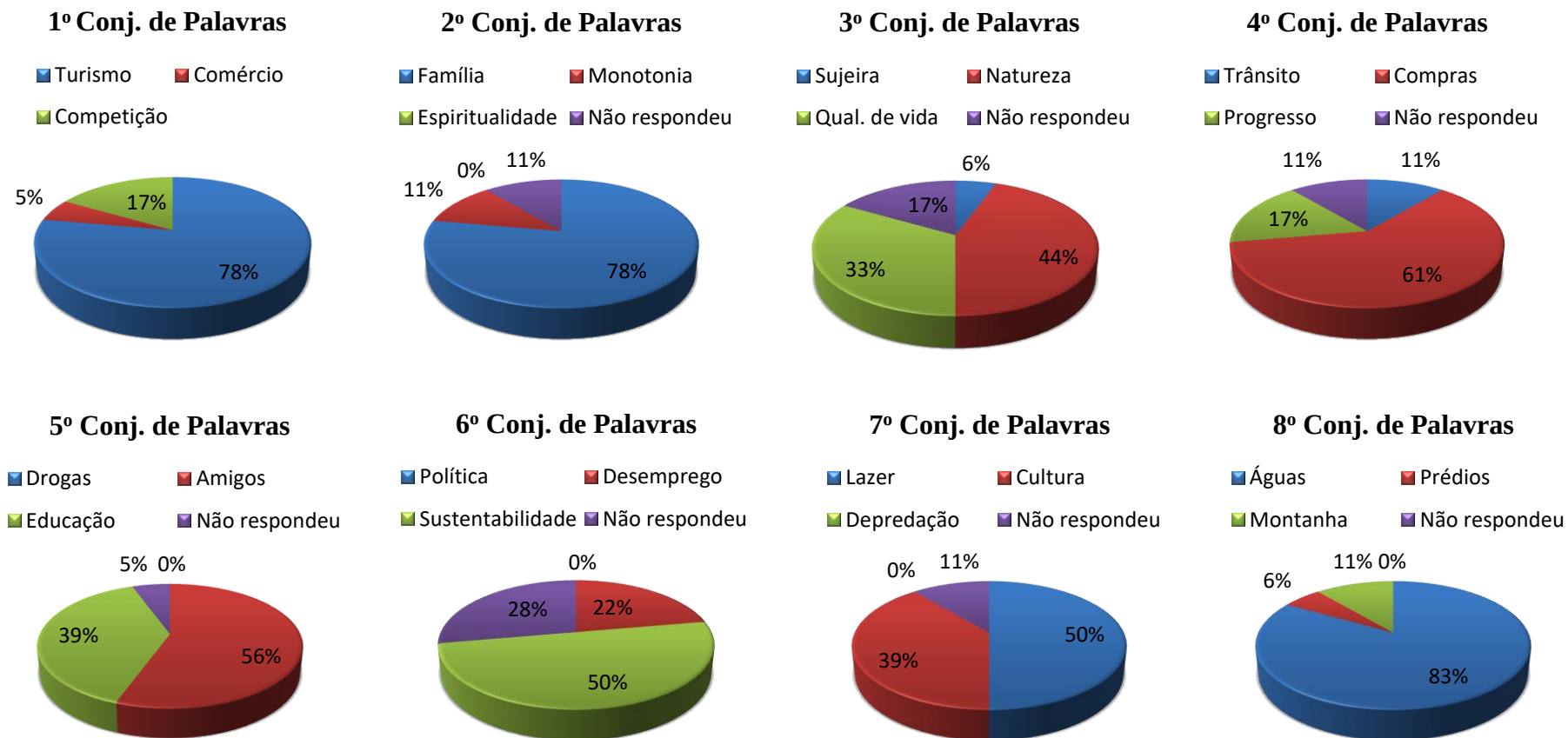
* A partir da escolha do espaço na questão textual, na questão por imagem o aluno:

1 - manteve a escolha feita na questão textual, 2 - não manteve a escolha feita na questão textual.

** Na questão por imagem o aluno: a - leu bem a técnica de representação, b - teve resistência ao ler a técnica de representação, out – inconclusivo.

*** A leitura dos dados é feita no sentido horário na sequência das legendas.

Figura 50 – Gráficos dos dados da Escola Estadual Polivalente.



Fonte: produzido.

Quadro 7 – Compilação dos dados das Cartilhas aplicadas na Escola Dr. Emílio Abdon Pavao.

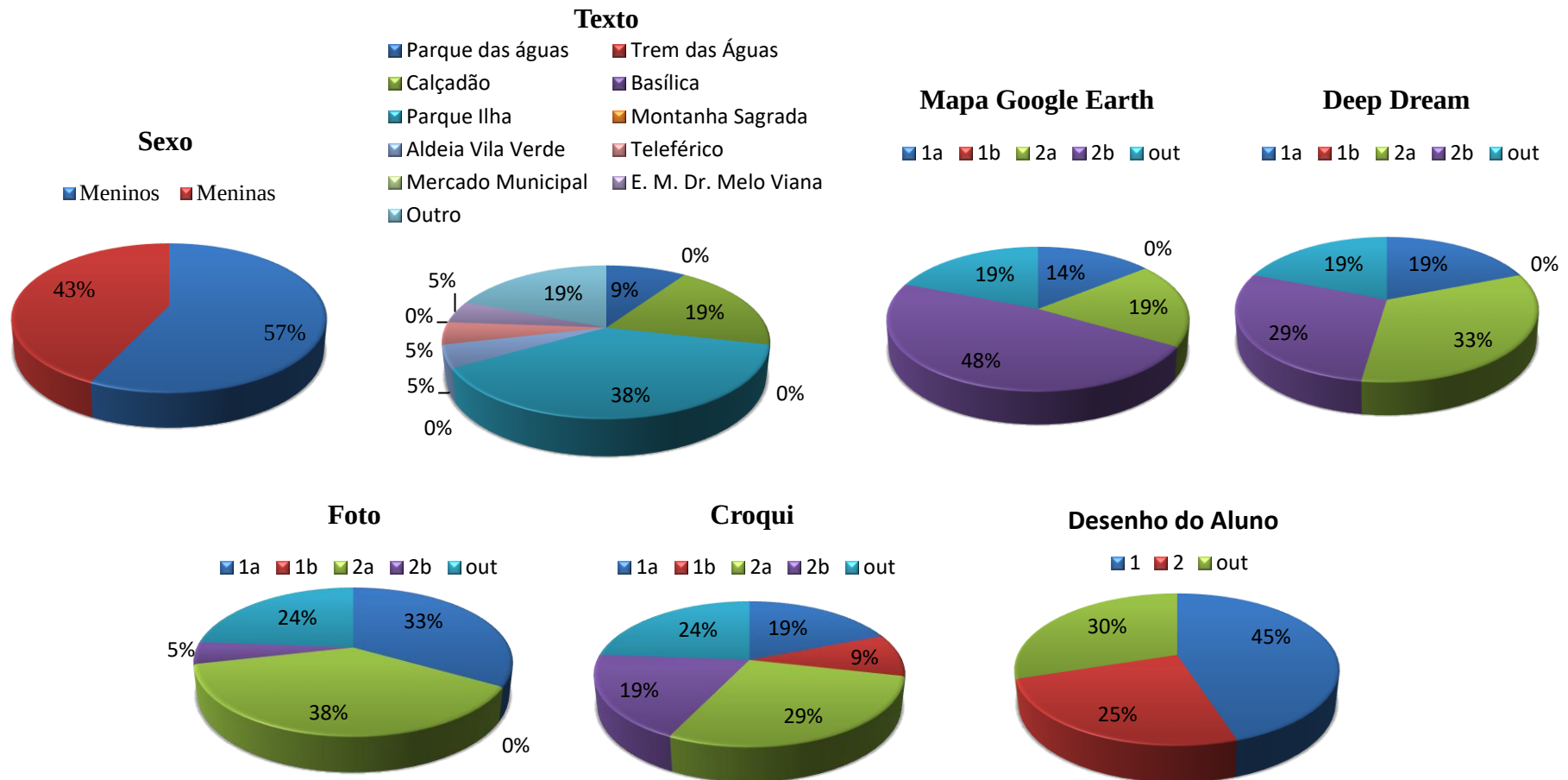
Aluno	Sexo	Bairro	Tempo reside	Texto	Mapa	Deep	Foto	Croqui	1o conj. Palavras	2o conj. Palavras	3o conj. Palavras	4o conj. Palavras	5o conj. Palavras	6o conj. Palavras	7o conj. Palavras	8o conj. Palavras	Croqui do aluno
E01	M	J. Juliana	14 anos	CL	2a	2b	1a	2a	turismo	família	natureza	progresso	amigos	sustentab.	cultura	águas	CL
E02	F	J. Serrano	14 anos	IL	2b	2a	2a	2b	turismo	família	natureza	compras	amigos	sustentab.	cultura	águas	BS
E03	M	Carioca	14 anos	CL	2a	2a	2a	2b								montanhas	PA
E04	M	Carioca	16 anos	outro	2a	out	out	out	turismo	família	natureza	compras	drogas	desemprego	cultura		outro
E05	M	Carioca	10 anos	EV	2b	2b	1a	2b	turismo	família	natureza	trânsito	amigos	sustentab.	lazer	águas	TA
E06	F	Carioca	5 meses	IL	2b	1a	2a	1a	turismo	família	natureza	compras	amigos	desemprego	cultura	águas	IL
E07	M	Carioca	3 anos	outro	2a	2a	2a	2a	turismo	família	natureza	progresso	drogas	sustentab.	lazer	montanhas	out
E08	M	Carioca	15 anos	PA	1a	2b	1a	1b									AV
E09	F	V. Ramon	14 anos	IL	2b	2b	2b	2b	turismo	família	natureza	progresso	amigos	sustentab.	cultura	águas	IL
E10	M	S. L. Velho	17 anos	CL	1a	out	out	out	turismo	família	natureza	compras	amigos	desemprego	lazer	águas	CL
E11	F	Carioca	14 anos	IL	2b	2a	2a	2a	turismo	família	natureza	progresso	amigos	sustentab.	cultura	águas	IL
E12	M	Carioca	16 anos	IL	2b	2b	2a	out	turismo	família	natureza	progresso	educação	sustentab.	laser	águas	out
E13	F	S. L. Velho	14 anos	FV	2b	1a	1a	1a	turismo	família	natureza	compras	amigos		lazer	águas	out
E14	M	Ramon	8 anos	CL	out	2a	2a	2a	turismo	família	sujeira	compras	amigos	desemprego	cultura	águas	TA
E15	F	Carioca	14 anos	outro		out	out	out	comércio	família	q. vida	progresso		desemprego	cultura	águas	IL
E16	M	Carioca	14 anos	AV		2a	2a	2a	comércio	família	q. vida	trânsito	amigos	sustentab.	lazer	águas	out
E17	M	Federal	14 anos	outro		2a	out	2a	turismo	família	natureza	compras	amigos	desemprego	lazer	águas	
E18	F	Canaã	15 anos	IL	2b	1a	1a	1a	turismo	família	natureza	trânsito	amigos	desemprego	lazer	montanhas	IL
E19	F	Carioca	14 anos	IL	2b	1a	1a	1a	turismo	família	natureza	trânsito	amigos	desemprego	cultura	águas	IL
E20	F	Carioca	14 anos	IL	2b	out	out	out	turismo	família	sujeira	trânsito	amigos	desemprego	lazer	águas	IL
E21	M	M. Alemão	16 anos	PA	1a	2b	1a	1b		família					lazer		out

Fonte: produzido.

* Codificação dos espaços: TA - Trem das Águas, AV - Aldeia Vila Verde, TF – Teleférico, PA - Parque das Águas, EV - Escola Munic. Dr. Melo Viana, CL – Calçadão, FV - Fonte Vichy, EM - Ermida Bom Jesus do Monte, MS - Montanha Sagrada, BS - Basílica de São Francisco, IL - Parque Ilha Antônio Dutra, BA - Balneário Spa, MM - Mercado Municipal, CM - Casa da Miguella (Fazenda Sharp), CA - Caminho do Artesanato, PL - Palacete Cardoso.

** A partir da escolha do espaço na questão textual, na questão por imagem o aluno: 1 - manteve a escolha feita na questão textual, 2 - não manteve a escolha feita na questão textual.*** Na questão por imagem o aluno: a - leu bem a técnica de representação, b - teve resistência ao ler a técnica de representação, out – inconclusivo.

Figura 53 – Gráficos dos dados da Escola Dr. Emílio Abdon Pavao.



Fonte: produzido.

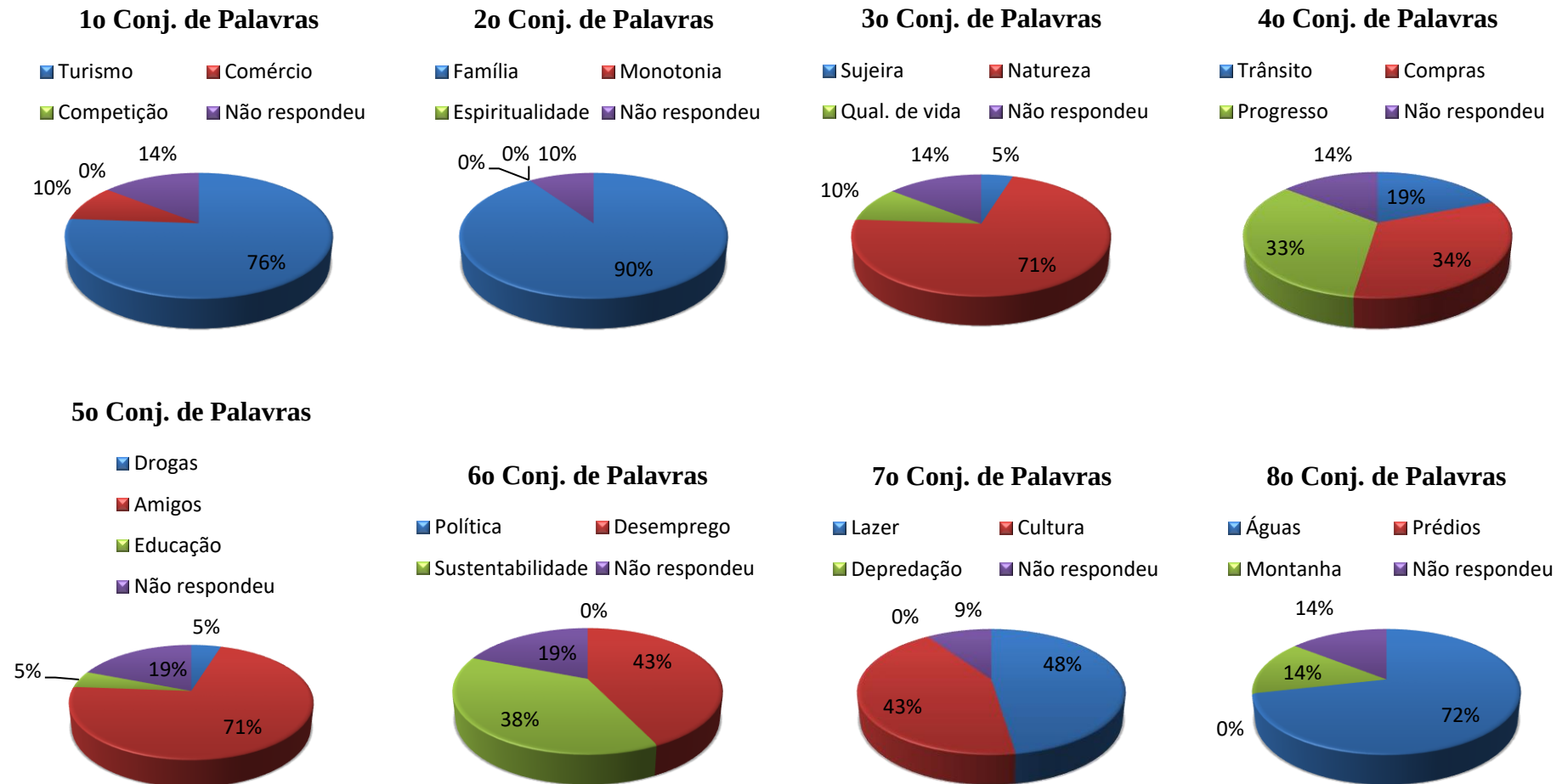
* A partir da escolha do espaço na questão textual, na questão por imagem o aluno:

1 - manteve a escolha feita na questão textual, 2 - não manteve a escolha feita na questão textual.

** Na questão por imagem o aluno: a - leu bem a técnica de representação, b - teve resistência ao ler a técnica de representação, out – inconclusivo.

*** A leitura dos dados é feita no sentido horário na sequência das legendas.

Figura 54 – Gráficos dos dados da Escola Dr. Emílio Abdon Pavao.



Fonte: produzido.

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE Entrevistas Semi-estruturadas

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG, intitulada “Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço” que tem como objetivo principal eleger o espaço símbolo do município.

A pesquisa está sendo realizada pela discente do Michela Perigolo Rezende, matrícula nº 2016709116 sob a supervisão e orientação da professora Dr^a Renata Maria Abrantes Baracho. Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma entrevista individual, gravada em áudio, com duração aproximada de uma hora e trinta minutos, na qual você irá responder perguntas pré-estabelecidas. Os nomes dos participantes serão preservados, bem como dados pessoais, sendo divulgados apenas idade, gênero, naturalidade, ocupação, filiação a alguma religião ou instituição, tempo de residência em São Lourenço e um croqui. Ressalta-se que esta participação é voluntária e não será remunerada de nenhuma forma pelas pesquisadoras.

Esta pesquisa prevê leves riscos emocionais, uma vez que, o participante pode se sentir desconfortável com o conteúdo das perguntas. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida, o participante receberá suporte emocional do pesquisador e, se necessário e se for da vontade do entrevistado, a entrevista será cancelada, podendo o participante ser desligado do estudo sem nenhum ônus. Além disso, a pesquisa apresenta riscos associados à exposição, já que a confidencialidade do entrevistado não pode ser plenamente garantida pelos pesquisadores, que precisam referenciar em seu trabalho sua idade, gênero, naturalidade, ocupação, filiação a alguma religião ou instituição, tempo de residência na cidade e um croqui. Mas seu nome será sempre omitido.

O participante da pesquisa estará contribuindo para o campo de conhecimento na área da cultura e identidade locais associados às formas de representação. Eleger o espaço símbolo da cidade, poderá desencadear inúmeras repercussões na cidade. Desde a movimentação popular que será fortalecida em sua identidade cultural até a construção de um documento sistematizado e oficial que contenha dados e informações históricas e culturais atuais que oriente a tomada de decisão de futuros projetos culturais na cidade.

Para participar da pesquisa é necessário que o candidato a participante esteja de acordo com este termo e tenha suas dúvidas sanadas sobre todos os aspectos pertinentes da pesquisa que lhe interessem e devam ser explicitados seguindo o rigor da legislação. Uma vez gravada a entrevista, e com a anuência do entrevistado, ela será copiada e apresentada para sua avaliação e liberação, ou não, do uso deste material na pesquisa proposta. Ressalta-se que esta participação é voluntária e não será remunerada de nenhuma forma pelas pesquisadoras.

Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados em forma digital e impressa pelas pesquisadoras durante 5 (cinco) anos e após totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução nº466/2012).

Eu, _____ recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo. Declaro que também fui informado:

- ✓ Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;
- ✓ De que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o atendimento prestado a mim;
- ✓ Da garantia que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa;
- ✓ Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido, em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com as pesquisadoras: Michela Perigolo Rezende, endereço: Alameda Antônio Gastão Nogueira, nº 300, São Matheus, São Lourenço, MG, CEP 37470-000. Telefone: (031) 98833-8180, E-mail: michela.perigolo@gmail.com; e Renata Maria Abrantes Baracho, endereço: Av. Antônio Carlos 6627 C.P. 1606, Pampulha, Belo Horizonte, MG, CEP 30161-970. Telefone: (31) 99984-3062, E-mail: renatabaracho@ufmg.br
- ✓ E que quaisquer outras dúvidas quanto às questões éticas, poderei me informar no COEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha - Belo Horizonte, MG, CEP 31270-901, Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005. Telefone: (031) 3409-4592, E-mail: coep@ppq.ufmg.br

Declaro que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre Esclarecido (01 lauda), ficando a segunda via com o pesquisador.

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE Aluno de 12 a 13 anos

Caro aluno,

Ajude a escolher o espaço símbolo da cidade de São Lourenço!

Ao participar desta pesquisa você estará contribuindo para a valorização e divulgação da cultura e identidade de sua cidade.

Sua opinião é muito importante!

A pesquisa está sendo realizada pela pesquisadora do Michela Perigolo Rezende, sob a supervisão e orientação da professora Dr^a Renata Maria Abrantes Baracho. Para alcançar os objetivos do estudo será necessário preencher uma cartilha respondendo perguntas pré-estabelecidas sobre a cidade de São Lourenço. Será bastante rápido, aproximadamente 30 minutos. Fique tranquilo, seu nome e dados pessoais não serão divulgados.

Caso você se sinta desconfortável em responder alguma pergunta é só chamar a pesquisadora que ela irá te orientar, e se for de sua vontade irá liberá-lo da participação da pesquisa a qualquer momento.

Seu nome será sempre omitido, mas outros dados poderão ser usados como referência na pesquisa. Lembramos que esta participação é voluntária e não será remunerada de nenhuma forma pelas pesquisadoras. Se você está interessado em participar, e se sente seguro quanto ao objetivo desta pesquisa, peço a gentileza preencher seus dados.

Eu, _____, aluno da escola _____, da turma _____, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo.

Declaro que também fui informado:

- ✓ Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;
- ✓ De que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o atendimento prestado a mim;
- ✓ Da garantia que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa;
- ✓ Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido, em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com as pesquisadoras: Michela Perigolo Rezende, endereço: Alameda Antônio Gastão Nogueira, nº 300, São Matheus, São Lourenço, MG, CEP 37470-000. Telefone: (031) 98833-8180, E-mail: michela.perigolo@gmail.com; e Renata Maria Abrantes Baracho, endereço: Av. Antônio Carlos 6627 C.P. 1606, Pampulha, Belo Horizonte, MG, CEP 30161-970. Telefone: (31) 99984-3062, E-mail: renatabaracho@ufmg.br
- ✓ E que quaisquer outras dúvidas quanto às questões éticas, poderei me informar no COEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha - Belo Horizonte, MG, CEP 31270-901, Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005. Telefone: (031) 3409-4592, E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Declaro que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre Esclarecido (01 lauda), ficando a segunda via com o pesquisador.

Assinatura do Aluno

Assinatura da Pesquisadora

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE Professor do Aluno de 12 a 13 anos

Caro Professor, seu aluno está sendo convidado a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG, intitulada “Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço – MG” que tem como objetivo principal eleger o espaço símbolo do município.

A pesquisa está sendo realizada pela discente do Michela Perigolo Rezende, matrícula nº 2016709116 sob a supervisão e orientação da professora Drª Renata Maria Abrantes Baracho. Para alcançar os objetivos do estudo, a pesquisadora irá apresentar uma cartilha à turma de alunos que irão responder perguntas pré-estabelecidas sobre a cidade de São Lourenço. Serão necessários aproximadamente 40 minutos para apresentação, explicação do material, acompanhamento do preenchimento da cartilha, recolhimento do material e fechamento. Os nomes dos participantes serão preservados, bem como dados pessoais, sendo divulgados apenas idade, gênero, naturalidade, região onde localiza sua residência, nome da escola, tempo de residência em São Lourenço e um croqui.

Esta pesquisa prevê leves riscos emocionais, uma vez que, o participante pode se sentir desconfortável com o conteúdo das perguntas. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida, o participante receberá suporte emocional do pesquisador e, se necessário e se for da vontade do entrevistado, a entrevista será cancelada, podendo o participante ser desligado do estudo sem nenhum ônus. Além disso, a pesquisa apresenta riscos associados à exposição, já que a confidencialidade do entrevistado não pode ser plenamente garantida pelos pesquisadores, que precisam referenciar em seu trabalho sua escola, idade, gênero, bairro onde mora, tempo de residência na cidade e um croqui.

O participante da pesquisa estará contribuindo para o campo de conhecimento na área da cultura e identidade locais associados às formas de representação. Eleger o espaço símbolo da cidade, poderá desencadear inúmeras repercussões na cidade. Desde a movimentação popular que será fortalecida em sua identidade cultural até a construção de um documento sistematizado e oficial que contenha dados e informações históricas e culturais atuais que oriente a tomada de decisão de futuros projetos culturais na cidade.

Para participar da pesquisa é necessário que o professor responsável pelos alunos candidatos a participantes esteja de acordo com este termo e tenha suas dúvidas sanadas sobre todos os aspectos pertinentes da pesquisa que lhe interessem e devam ser explicitados seguindo o rigor da legislação. Ressalta-se que esta participação é voluntária e não será remunerada de nenhuma forma pelas pesquisadoras. Os dados obtidos serão utilizados *somente* para este estudo, sendo os mesmos armazenados em forma digital e impressa pelas pesquisadoras durante 5 (cinco) anos e após, totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução nº466/2012).

Eu, _____, professor responsável pela turma _____, da escola _____, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo. Declaro que também fui informado:

- ✓ Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;
- ✓ De que a participação dos alunos é voluntária e eles terão a liberdade de retirar seus consentimentos a qualquer momento e deixarem de participar do estudo sem que isto traga prejuízo para a suas vidas pessoais ou para o atendimento prestado a eles;
- ✓ Da garantia que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa;
- ✓ Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido, em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com as pesquisadoras: Michela Perigolo Rezende, endereço: Alameda Antônio Gastão Nogueira, nº 300, São Matheus, São Lourenço, MG, CEP 37470-000. Telefone: (031) 98833-8180, E-mail: michela.perigolo@gmail.com; e Renata Maria Abrantes Baracho, endereço: Av. Antônio Carlos 6627 C.P. 1606, Pampulha, Belo Horizonte, MG, CEP 30161-970. Telefone: (31) 99984-3062, E-mail: renatabaracho@ufmg.br
- ✓ E que quaisquer outras dúvidas quanto às questões éticas, poderei me informar no COEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha - Belo Horizonte, MG, CEP 31270-901, Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005. Telefone: (031) 3409-4592, E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Declaro que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre Esclarecido (01 lauda), ficando a segunda via com o pesquisador.

Assinatura do Responsável

Assinatura da Pesquisadora

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE Responsável pelo Aluno de 12 a 13 anos

O aluno _____, matriculado na turma _____, da escola _____, está sendo convidado a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG, intitulada “Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço – MG” que tem como objetivo principal eleger o espaço símbolo do município.

A pesquisa está sendo realizada pela discente do Michela Perigolo Rezende, matrícula nº 2016709116 sob a supervisão e orientação da professora Drª Renata Maria Abrantes Baracho. Para alcançar os objetivos do estudo o aluno irá preencher uma cartilha, na qual irá responder perguntas pré-estabelecidas sobre a cidade de São Lourenço. A pesquisadora irá necessitar de aproximadamente 40 minutos para se apresentar, explicar o material, acompanhar o preenchimento da cartilha, recolher o material e realizar o fechamento. Os nomes dos participantes serão preservados, bem como dados pessoais, sendo divulgados apenas idade, gênero, naturalidade, região onde localiza sua residência, nome da escola, tempo de residência em São Lourenço e um croqui.

Esta pesquisa prevê leves riscos emocionais, uma vez que, o participante pode se sentir desconfortável com o conteúdo das perguntas. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida, o participante receberá suporte emocional do pesquisador e, se necessário e se for da vontade do entrevistado, a entrevista será cancelada, podendo o participante ser desligado do estudo sem nenhum ônus. Além disso, a pesquisa apresenta riscos associados à exposição, já que a confidencialidade do entrevistado não pode ser plenamente garantida pelos pesquisadores, que precisam referenciar em seu trabalho sua escola, idade, gênero, bairro onde mora, tempo de residência na cidade e um croqui.

O participante da pesquisa estará contribuindo para o campo de conhecimento na área da cultura e identidade locais associados às formas de representação. Eleger o espaço símbolo da cidade, poderá desencadear inúmeras repercussões na cidade. Desde a movimentação popular que será fortalecida em sua identidade cultural até a construção de um documento sistematizado e oficial que contenha dados e informações históricas e culturais atuais que oriente a tomada de decisão de futuros projetos culturais na cidade.

Para participar da pesquisa é necessário que o responsável pelo aluno candidato a participante esteja de acordo com este termo e tenha suas dúvidas sanadas sobre todos os aspectos pertinentes da pesquisa que lhe interessarem e devam ser explicitados seguindo o rigor da legislação. Ressalta-se que esta participação é voluntária e não será remunerada de nenhuma forma pelas pesquisadoras. Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados em forma digital e impressa pelas pesquisadoras durante 5 (cinco) anos e após, totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução nº466/2012).

Eu, _____, responsável pelo aluno _____, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo que o aluno _____ participe do estudo. Declaro que também fui informado:

- ✓ Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;
- ✓ De que a participação do aluno é voluntária e ele terá a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem que isto traga prejuízo para a sua vida pessoal ou para o atendimento prestado a ele;
- ✓ Da garantia que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa;
- ✓ Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido, em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com as pesquisadoras: Michela Perigolo Rezende, endereço: Alameda Antônio Gastão Nogueira, nº 300, São Matheus, São Lourenço, MG, CEP 37470-000. Telefone: (031) 98833-8180, E-mail: michela.perigolo@gmail.com; e Renata Maria Abrantes Baracho, endereço: Av. Antônio Carlos 6627 C.P. 1606, Pampulha, Belo Horizonte, MG, CEP 30161-970. Telefone: (31) 99984-3062, E-mail: renatabaracho@ufmg.br
- ✓ E que quaisquer outras dúvidas quanto às questões éticas, poderei me informar no COEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha - Belo Horizonte, MG, CEP 31270-901, Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005. Telefone: (031) 3409-4592, E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Declaro que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre Esclarecido (01 lauda), ficando a segunda via com o pesquisador.

Assinatura do Responsável

Assinatura da Pesquisadora

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Plataforma on-line

Caro morador da cidade de São Lourenço, você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG, intitulada “Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço – MG” que tem como objetivo principal eleger o espaço símbolo do município.

A pesquisa está sendo realizada pela discente do Michela Perígolo Rezende, matrícula nº 2016709116 sob a supervisão e orientação da professora Drª Renata Maria Abrantes Baracho. Para alcançar os objetivos do estudo a pesquisadora irá apresentar algumas perguntas pré-estabelecidas sobre a cidade de São Lourenço. O tempo para responder às perguntas não deve ultrapassar 15 minutos. Os nomes dos participantes serão preservados, bem como dados pessoais, sendo divulgados apenas idade, gênero, naturalidade, região onde localiza sua residência, tempo de residência em São Lourenço. O participante morador poderá acessar a plataforma uma única vez usando o número identificador de sua conta de Luz que terá um número limitado de usuários.

Esta pesquisa pode gerar leves riscos emocionais, uma vez que, o participante pode se sentir desconfortável com o conteúdo das perguntas. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e o entrevistado poderá se desligar da plataforma de pesquisa sem nenhum ônus. Ele também poderá recorrer ao pesquisador para maiores esclarecimentos ou ajuda emocional.

O participante da pesquisa estará contribuindo para o campo de conhecimento na área da cultura e identidade locais associados às formas de representação. Eleger o espaço símbolo da cidade, poderá desencadear inúmeras repercussões na cidade. Desde a movimentação popular que será fortalecida em sua identidade cultural até a construção de um documento sistematizado e oficial que contenha dados e informações históricas e culturais atuais que oriente a tomada de decisão de futuros projetos culturais na cidade.

Para participar da pesquisa é necessário que o morador candidato a participante esteja de acordo com este termo e tenha suas dúvidas sanadas sobre todos os aspectos pertinentes da pesquisa que lhe interessem e devam ser explicitados seguindo o rigor da legislação. Ressalta-se que esta participação é voluntária e não será remunerada de nenhuma forma pelas pesquisadoras. Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pelas pesquisadoras durante 5 (cinco) anos e após totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução nº466/2012).

Para tal, você deve declarar que:

Recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo.

Declaro que também fui informado:

- ✓ Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;
- ✓ De que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o atendimento prestado a mim;
- ✓ Da garantia que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa;
- ✓ Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido, em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com as pesquisadoras: Michela Perígolo Rezende, endereço: Alameda Antônio Gastão Nogueira, nº 300, São Matheus, São Lourenço, MG, CEP 37470-000. Telefone: (031) 98833-8180, E-mail: michela.perigolo@gmail.com; e Renata Maria Abrantes Baracho, endereço: Av. Antônio Carlos 6627 C.P. 1606, Pampulha, Belo Horizonte, MG, CEP 30161-970. Telefone: (31) 99984-3062, E-mail: renatabaracho@ufmg.br
- ✓ E que quaisquer outras dúvidas quanto às questões éticas, poderei me informar no COEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha - Belo Horizonte, MG, CEP 31270-901, Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005. Telefone: (031) 3409-4592, E-mail: coep@prpq.ufmg.br

De acordo () via plataforma online



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO - MG

Secretaria de Turismo e cultura

PARCERIA

Ao Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável

Prezados,

A Prefeitura Municipal de São Lourenço, Minas Gerais, através da Secretaria de Turismo, vem expressar seu conhecimento e interesse em criar vínculos de parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, através do Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, em especial no projeto "Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço - MG", direcionado pela doutoranda deste programa, Michela Perigolo Rezende, com a orientação da Profa. Renata Maria Abrantes Baracho. Estamos ao dispor para quaisquer solicitações que se fizerem necessárias para efetuar a citada parceria.

Assento em Livro de Registro de Parceria
Secretaria de Turismo e Cultura
São Lourenço - MG
11/07/2018

*RECEBIDO DOCUMENTO PROSATO
EM 12/07/18
FABIO SOUZA*

São Lourenço - MG 11 de julho de 2018.

Erich Mathias Oliveira

Secretário de Turismo e Cultura



PPACPS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Doutorado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável
Rua Paraíba, 897 30130-140 Belo Horizonte MG
☎ (31)3409-8874
✉ macps@arq.ufmg.br | www.arq.ufmg.br/pos/ambienteconstruido

OF. PPACPS Nº. 024/2018

Belo Horizonte, 14 de agosto de 2018.

Assunto: Parceria com a Prefeitura de São Lourenço - MG

Ao Secretário de Turismo e Cultura
Prefeitura de São Lourenço - MG

Cumprimentando-o cordialmente, agradeço sua atenção em relação ao projeto da doutoranda Michela Perigolo Rezende, "Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço".

Desse modo, gostaríamos de ratificar esta parceria, considerando a importância de pesquisas dessa natureza que contribuam para a valorização da cultura e identidade local, atuando junto às comunidades e para além dos limites acadêmicos.

Esperamos gerar produções e publicações futuras a partir deste projeto, esclarecendo, porém, que em função do contexto atual das universidades públicas, o Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável não poderá arcar com eventuais despesas relacionadas à pesquisa, estando a pesquisadora ciente desta contingência.

Certa de contar com seu apoio, cordialmente,

Dra. Yacy-Ara Froner
Coordenadora PPG-ACPS
Escola de Arquitetura-UFMG



CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Aceito que a pesquisadora Michela Perigolo Rezende, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em ambiente construído e Patrimônio sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais, desenvolva sua pesquisa intitulada "Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço – MG", tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob a orientação da professora Dra Renata Maria Abrantes Baracho, vinculada ao programa citado pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução CNS nº 466/2012;
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

O referido projeto será realizado no município de São Lourenço, onde a pesquisa empírica será realizada em três etapas. Na primeira, serão realizadas entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio com algumas pessoas de singular representação cultural na cidade (aproximadamente 25 entrevistados). Em uma segunda etapa, será abordada a visão da cidade pelos estudantes de algumas escolas através de cartilhas impressas. E com previsão para realização em 2019, a pesquisa será aberta para o público através de formulários digitais online. Todas as etapas serão realizadas com a anuência da prefeitura local.

São Lourenço, 22 de Outubro de 2018.

Paula Alves Netto

Paula Alves Netto

Diretora Municipal de Cultura

Paula Alves Netto
Diretora de Cultura
Decreto nº 7.142



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Parecer consubstanciado sobre projeto de pesquisa a ser submetido ao CONEP

INTERESSADA: Professora RENATA MARIA ABRANTES BARACHO

HISTÓRICO

Em 28/01/2019, a professora Renata Maria Abrantes Baracho encaminhou à Chefia do Departamento TAU solicitação de parecer sobre projeto de pesquisa intitulado *"Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço"*, com vistas a sua apreciação pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

Tal projeto integra pesquisa de doutorado sob sua orientação, em desenvolvimento pela estudante Michela Perigolo Rezende, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da UFMG.

Foi apresentado o projeto de pesquisa, bem como documentos que farão parte do trabalho de campo envolvendo seres humanos a ser realizado na cidade de São Lourenço-MG, a saber: "Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos" (CONEP) assinada pela profa. Renata Baracho e Diretoria da EA-UFMG; documento de parceria emitido pela Prefeitura Municipal de São Lourenço; carta de anuência institucional da Secretaria de Turismo e Cultura de São Lourenço; "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" (TCLE) e "Termo de Assentimento Livre e Esclarecido" (TALE) a ser assinado pelos entrevistados; guia de entrevista semi-estruturada e questionário em formato de cartilha a ser entregue a estudantes.

MÉRITO

O projeto de pesquisa *"Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço"* se enquadra na área de Ciências Humanas e Sociais (CHS) consoante à Resolução CNS nº 510/16 que define em seu Art. 2º inciso XVI: "pesquisa em ciências humanas e sociais: aquelas que se voltam para o para o conhecimento, compreensão das condições, existência, vivência e saberes das pessoas e dos grupos, em suas relações sociais, institucionais, seus valores culturais, suas ordenações históricas e políticas e suas formas de subjetividade e comunicação, de forma direta ou indireta, incluindo as modalidades de pesquisa que envolvam intervenção".

A pesquisa visa compreender a percepção espacial da cidade de São Lourenço-MG, pela população local, por meio da eleição do espaço que melhor represente a cidade. Para tanto, propõe pesquisa de campo em três etapas: a) entrevistas semi-estruturadas gravadas em áudio, com duração aproximada de duas horas cada com moradores da cidade, envolvidos com atividades culturais, em amostragem de 25 entrevistados; b) questionário em formato de "cartilha" para compreensão quanto à percepção da cidade pelos estudantes, em amostragem

de 200 a 225 crianças entre 12 e 13 anos; c) questionário em formulários digitais online, disponibilizados ao público em geral, estruturados a partir da avaliação das etapas anteriores.

O referencial teórico é apropriado e a metodologia proposta é adequada no que se refere ao guia de entrevistas semi-estruturadas, questionário da cartilha e parâmetros para construção dos formulários online, bem como na abordagem junto aos entrevistados por meio dos TCLE e TALE, levando em consideração, ainda, aspectos de confiabilidade e risco aos entrevistados, como prevê a Resolução CNS nº 510/16.

Ademais, o estudo é relevante, pois apresenta metodologia fortemente baseada na percepção espacial por meio do uso de diferentes técnicas de representação da informação (escrita, imagens, croquis etc.), favorecendo a identificação e o fortalecimento das diferentes identidades culturais do município.

VOTO

Pelo exposto, e levando em consideração que a realização desta pesquisa poderá fortalecer a identidade cultural do município, fornecendo informações históricas e culturais atuais que possibilitem a tomada de decisão em futuros projetos culturais na cidade, beneficiando sua população; que o projeto de pesquisa tem anuência institucional da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura; que o projeto atende a Resolução CNS nº 510/16 e que a pesquisa resultará em desenvolvimento acadêmico de docente do Depto. TAU, sou, s.m.j., favorável à realização da pesquisa de campo no município de São Lourenço-MG sob a coordenação da professora Renata Maria Abrantes Baracho.

Belo Horizonte, 30 de janeiro de 2019.


Professora Andréa Franco Pereira

Relatora do parecer

Aprovado pela Câmara Departamental

do Depto TAU em 33/01/19 "ad referendum"


Prof.ª Andréa Franco Pereira

Sub-Chefe do Departamento de Tecnologia do Design, da Arquitetura e do Urbanismo

Prof.ª. Dra. Andréa Franco Pereira

Sub-Chefe do Depto TAU

EA/UFMG



PACPS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável
Rua Paraíba, 69730130-141 Belo Horizonte MG
☎ (31)3409 - 8874
✉ macps@arq.ufmg.br | www.arq.ufmg.br/pos/ambienteconstruido

PARECER CONSUBSTANCIADO

Ao Conselho de Ética em Pesquisa,

O Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da UFMG, vinculado ao Conselho de Ética em Pesquisa local no sistema CEP/CONEP via Plataforma Brasil, vem através deste dar parecer favorável sobre o Projeto de Pesquisa intitulado “Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço”, que tem como orientadora e pesquisadora responsável a Professora Renata Maria Abrantes Baracho e como doutoranda, na posição de assistente de pesquisa, a doutoranda Michela Perigolo Rezende. O Projeto se enquadra na área temática das Ciências Humanas e Sociais (CHS), sendo avaliado à luz da Resolução CNS nº 510/16, onde este projeto é voltado “para o conhecimento, compreensão das condições, existência, vivência e saberes das pessoas e dos grupos, em suas relações sociais, institucionais, seus valores culturais, suas ordenações históricas e políticas e suas formas de subjetividade e comunicação, de forma direta ou indireta, incluindo as modalidades de pesquisa que envolvam intervenção”.

A pesquisa propõe a eleição, pela população local, do espaço símbolo do município de São Lourenço, Minas Gerais. Um estudo desta ordem, assume relevância uma vez que cria uma metodologia de pesquisa fortemente baseada na percepção espacial, através do uso de diferentes técnicas de representação da informação (escrita, fotos, croquis, etc). Esta abordagem, ao nosso ver, favorece a identificação e o fortalecimento das diferentes identidades culturais do município. Entendemos que o referencial teórico é apropriado e que a pesquisa de campo proposta em três etapas poderá enriquecer os resultados e favorecer uma maior abrangência da participação popular. A primeira etapa prevê amostragem de 25 entrevistas semi-estruturadas gravadas em áudio, com duração aproximada de duas horas cada, com alguns moradores de relevância cultural na cidade. A segunda etapa abordará a visão da cidade pelos estudantes (crianças entre 10 e 12 anos) de algumas escolas através de 200 a 225 cartilhas impressas. A terceira etapa será aberta para o público através de formulários digitais online. Esta fase será estruturada a partir do material avaliado nas entrevistas e nas Cartilhas das escolas. A plataforma será organizada de forma similar à Cartilha, com as adaptações e correções necessárias de acordo com os dados apontados nas etapas anteriores.

Considerando o critério de abordagem dos entrevistados envolvidos e a metodologia proposta (referencial teórico, guia das entrevistas, cartilha das escolas e parâmetros para construção da plataforma online), os riscos previstos nesta pesquisa são de ordem, sobretudo, emocional, já que poderá levar a um resgate da memória dos moradores referente à cidade. Em todo caso, o participante deverá ter o direito de interromper sua participação a qualquer momento sem nenhum ônus e a pesquisadora deverá ser capaz de dar suporte emocional, se necessário. Existem riscos associados à exposição, já que a confidencialidade do entrevistado não pode ser plenamente garantida pelos pesquisadores, que por vezes precisam referenciar em seu trabalho sua idade, gênero, naturalidade, ocupação, filiação a alguma religião ou instituição, tempo de residência na cidade e um desenho seu de algum espaço da cidade. Os Termos de Consentimentos Livres e Esclarecidos (do entrevistado, do professor, do responsável pelo aluno, e da plataforma online) e os Termos de Assentimentos Livres e Esclarecidos (do aluno menor de 10 a 12 anos de idade), aqui analisados, explicam de forma adequada a pesquisa e são garantia legal da proteção dos direitos da população envolvida.

Sobretudo, enfatizamos que a realização desta pesquisa poderá oferecer mais benefícios do que riscos à população. A movimentação popular, esperada quando da aplicação desta pesquisa, poderá fortalecer a identidade cultural da região e fornecer informações históricas e culturais atuais que possibilitem a tomada de decisão de futuros projetos culturais na cidade. A parceria e assentimento já anunciado pela Diretoria de Cultura da Prefeitura local ratificam a importância e repercussão deste projeto.

Sem mais a acrescentar, colocamos este projeto com o parecer APROVADO.

Relator do Parecer: Prof.



Profª. Dra. Yacy-Ara Froner
Coordenadora
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Construção e Permanência Sustentável (PACPS)
Escola de Arquitetura (UFMG)

Coordenadora do PACPS-UFMG

Profª. Yacy-Ara Froner

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2018.

Colégio Laser Solar dos Lagos de Ensino Fundamental
Centro Laser de Educação Ltda.
Alameda Vinícius de Moraes, nº 185 – Solar dos Lagos / Portaria 390/95, de 05/04/1995 SEE
Parecer 1099/97
BASE LEGAL: LDBNº 9394/96 / CNPJ: 01.646.954/0001-39

CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu **NEWTON BARBOSA**, como responsável pelo **COLÉGIO LASER SOLAR - SOLAR DOS LAGOS**, venho declarar meu consentimento para que a pesquisadora Michela Perígolo Rezende, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais, desenvolva sua pesquisa intitulada “Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço – MG”, tal como foi submetida à Plataforma Brasil. O projeto está sob a orientação da professora Dra Renata Maria Abrantes Baracho vinculada ao programa citado pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG.

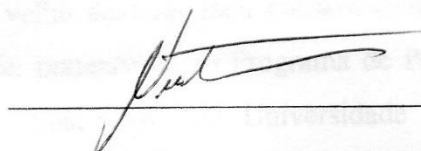
A pesquisadora irá apresentar uma cartilha aos alunos (aproximadamente 80 alunos) que irão responder perguntas pré-estabelecidas sobre a cidade de São Lourenço. O horário ou aula a ser usada para a realização da pesquisa será combinado com cada professor segundo sua preferência. Será necessário aproximadamente 40 minutos para apresentação, explicação do material, acompanhamento do preenchimento da cartilha, recolhimento do material e fechamento.

Os nomes dos participantes serão preservados, bem como dados pessoais, sendo divulgados apenas idade, gênero, naturalidade, região onde localiza sua residência, nome da escola, tempo de residência em São Lourenço e um croqui. A participação dos alunos é voluntária e não será remunerada de nenhuma forma pelas pesquisadoras. Entendo também que os alunos não serão preparados pela escola em nenhum conteúdo que possa direcionar o resultado da pesquisa.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução CNS nº 466/2012;
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

São Lourenço, 08 de Abril de 2019



Newton Barbosa

Diretor

Newton Barbosa
Diretor Administrativo



Escola Municipal Dr. Emilio Ábdon Póvoa

Lei Municipal nº 1810 de 29/01/93 Parecer CEE nº 765/93 de 09/11/93
Rua: São José, nº 20 - Bairro Carioca - Tel.: (35) 3349-8470 - São Lourenço - MG

CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu Ana Claudia de Oliveira, como responsável pela Escola Municipal Dr. Emilio Ábdon Póvoa, venho declarar meu consentimento para que a pesquisadora Michela Perigolo Rezende, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais, desenvolva sua pesquisa intitulada "Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço – MG", tal como foi submetida à Plataforma Brasil. O projeto está sob a orientação da professora Dra Renata Maria Abrantes Baracho vinculada ao programa citado pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG.

A pesquisadora irá apresentar uma cartilha aos alunos (aproximadamente 80 alunos) que irão responder perguntas pré-estabelecidas sobre a cidade de São Lourenço. O horário ou aula a ser usada para a realização da pesquisa será combinado com cada professor segundo sua preferência. Será necessário aproximadamente 40 minutos para apresentação, explicação do material, acompanhamento do preenchimento da cartilha, recolhimento do material e fechamento. Os nomes dos participantes serão preservados, bem como dados pessoais, sendo divulgados apenas idade, gênero, naturalidade, região onde localiza sua residência, nome da escola, tempo de residência em São Lourenço e um croqui. A participação dos alunos é voluntária e não será remunerada de nenhuma forma pelas pesquisadoras. Entendo também que os alunos não serão preparados pela escola em nenhum conteúdo que possa direcionar o resultado da pesquisa.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução CNS nº 466/2012;
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

São Lourenço, 10/04/2019


Assinatura do responsável pela instituição
Dados profissionais e contato



Escola Estadual Professor Antonio Magalhães Alves
Decreto de Criação nº17.936 de 03/06/76
Endereço: Rua J. C. Soares, 753, Bairro: Vila Nova - Telefone: (35) 3331-1510
CEP: 37470-000 São Lourenço - MG

CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, Lucilene de Cássia Carvalho Macedo, como responsável pela Escola Estadual Professor Antonio Magalhães Alves, venho declarar meu consentimento para que a pesquisadora Michela Perigolo Rezende, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais, desenvolva sua pesquisa intitulada "Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço - MG", tal como foi submetida à Plataforma Brasil. O projeto está sob a orientação da professora Dra Renata Maria Abrantes Baracho vinculada ao programa citado pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG.

A pesquisadora irá apresentar uma cartilha aos alunos (aproximadamente 80 alunos) que irão responder perguntas pré-estabelecidas sobre a cidade de São Lourenço. O horário ou aula a ser usada para a realização da pesquisa será combinado com cada professor segundo sua preferência. Serão necessários aproximadamente 40 minutos para apresentação, explicação do material, acompanhamento do preenchimento da cartilha, recolhimento do material e fechamento. Os nomes dos participantes serão preservados, bem como dados pessoais, sendo divulgados apenas idade, gênero, naturalidade, região onde localiza sua residência, nome da escola, tempo de residência em São Lourenço e um croqui. A participação dos alunos é voluntária e não será remunerada de nenhuma forma pelas pesquisadoras. Entendo também que os alunos não serão preparados pela escola em nenhum conteúdo que possa direcionar o resultado da pesquisa.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução CNS nº 466/2012;
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

São Lourenço, 10/04/19

Local e data



Lucilene de Cássia Carvalho Macedo

Assinatura do responsável pela instituição

Dados profissionais e contato

Lucilene de Cássia Carvalho Macedo
Diretora
MAEP: 1.092.233-8

ANEXO 15

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estudo de significância e representatividade da cidade de São Lourenço

Pesquisador: RENATA BARACHO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 08050918.8.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.305.721

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa sobre a representação e significância de um espaço que possa servir como ícone ou modelo de uma cidade enquanto linguagem. A pesquisa irá colher impressões dos participantes em etapas que envolvem um número crescente de contribuições. Conforme a proponente, a pesquisa é empírica e será realizada em três etapas: na primeira, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas de até duas horas e gravadas em áudio com algumas pessoas de singular representação cultural na cidade (aproximadamente até 25 pessoas serão entrevistadas por amostragem qualitativa); em uma segunda etapa, será abordada a visão da cidade pelos estudantes de algumas escolas através de cartilhas impressas. A pesquisadora assistente irá introduzir a pesquisa e orientar os envolvidos, professores, alunos e os responsáveis por estes. O processo será conduzido de forma a respeitar e não interferir nos valores e escolhas pessoais, priorizando, sobretudo a valorização da participação e manifestação de todos; na terceira fase, a pesquisa será aberta para o público através de formulários digitais online. A amostragem envolve cerca de 1000 participantes. Essa fase será estruturada a partir do material avaliado nas entrevistas e nas Cartilhas das escolas. A plataforma será organizada de forma similar à Cartilha, com as adaptações e correções necessárias de acordo com os dados apontados nas etapas anteriores. A escolha da cidade para aplicação deste estudo deve-se à grande diversidade e heterogeneidade dos grupos culturais existentes.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª Ad SI 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 3.305.721

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com os proponentes, o objetivo primário do projeto é "realizar uma pesquisa de percepção do espaço que melhor represente a cidade de São Lourenço, Minas Gerais, mediante escolha do símbolo pela população". Como objetivos secundários pretende-se: identificar e fortalecer as identidades culturais do município; comparar a percepção espacial dos entrevistados de acordo com algumas formas de representação pré-definidas; levantar o nível de significância dos espaços da cidade de acordo com o perfil do entrevistado; através dos resultados obtidos, inferir sobre a relação entre a representação e a percepção do espaço.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora reconhece a remota possibilidade leves riscos emocionais, uma vez que, o participante pode se sentir sensibilizado com o conteúdo das perguntas. Caso isso ocorra, há clara especificação de procedimentos para o tratamento desses casos. A entrevista será interrompida, o participante receberá suporte emocional da pesquisadora e, se necessário e se for da vontade do entrevistado, a entrevista será cancelada, podendo o participante ser desligado do estudo sem nenhum ônus. Além disso, a pesquisa apresenta riscos associados à exposição sobretudo na fase das entrevistas. Os nomes serão sempre suprimidos para a confidencialidade do entrevistado, mas ela não poderá ser plenamente garantida pelos pesquisadores, que por vezes precisam referenciar em seu trabalho sua idade, gênero, naturalidade, ocupação, filiação a alguma religião ou instituição, tempo de residência na cidade e um croqui que feito pelo entrevistado ao final do procedimento. Uma vez gravada a entrevista, e com a anuência do entrevistado, ela será copiada e apresentada para sua avaliação e liberação, ou não, do uso deste material na pesquisa proposta. Como benefícios pretendem: eleger o espaço símbolo da cidade, ou mesmo, os espaços símbolos. A importância e consequências efetivas para a cidade e seus moradores, entretanto, será quanto maior de acordo com o envolvimento do poder público e da comunidade. Neste intuito, foi efetivada uma parceria entre a Prefeitura local e a Universidade Federal de Minas Gerais para assegurar o comprometimento acadêmico e público no amparo ao projeto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As pendências apontadas no relatório anterior foram corrigidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos: formulário de informações básicas, cartas de Anuência Institucional (Escola Professor Antônio Magalhães Alves, Escola Laser Solar, Escola Municipal Dr. Emílio Abdon Povoá); cartilhas escolas; carta parceria UFMG - Prefeitura São

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Adm. 2005**Bairro:** Unidade Administrativa II**CEP:** 31.270-901**UF:** MG**Município:** BELO HORIZONTE**Telefone:** (31)3409-4592**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 3.305.721

Lourenço/Secretaria de Turismo; projeto de pesquisa revisado; TCLEs; TALE; anuência da Diretora Municipal de Cultura; parecer com aprovação da câmara departamental, folha de rosto assinada, carta resposta ao Comitê de Ética.

Recomendações:

Vide campo conclusões ou pendências e lista de inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto poderá ser aprovado, SMJ.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1245812.pdf	14/04/2019 15:07:23		Aceito
Outros	Anuencia_EscolaProfAnt.pdf	14/04/2019 15:05:15	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Outros	Anuencia_EscolaLaser.pdf	14/04/2019 15:04:46	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Outros	Anuencia_EscolaDrEmilio.pdf	14/04/2019 15:04:21	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Outros	CARTILHA_ESCOLAS.pdf	14/04/2019 15:03:18	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.docx	14/04/2019 15:01:52	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Outros	ParceriaUFMG_PSL.pdf	14/04/2019 15:00:26	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DET_RevB.docx	14/04/2019 14:58:49	MICHELA PERIGOLO REZENDE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_ResponAluno_RevB.docx	14/04/2019 14:58:04	MICHELA PERIGOLO REZENDE	Aceito

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad S/N 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 3.305.721

Ausência	TCLE_ResponAluno_RevB.docx	14/04/2019 14:58:04	MICHELA PERIGOLO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Professor_RevB.docx	14/04/2019 14:57:52	MICHELA PERIGOLO REZENDE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Online_RevB.docx	14/04/2019 14:57:37	MICHELA PERIGOLO REZENDE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Entrevista_RevB.docx	14/04/2019 14:57:23	MICHELA PERIGOLO REZENDE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Aluno_RevB.docx	14/04/2019 14:57:08	MICHELA PERIGOLO REZENDE	Aceito
Outros	Parecer_PACPS.pdf	07/02/2019 13:27:55	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Outros	Parecer_TAU.pdf	07/02/2019 13:26:32	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Outros	GUIA_Entrevista.doc	31/01/2019 17:02:09	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Outros	LATTES_REZENDE.pdf	28/01/2019 11:46:13	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Outros	LATTES_BARACHO.pdf	28/01/2019 11:44:38	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRostoBARACHO.pdf	31/10/2018 12:24:34	MICHELA PERIGOLO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AnuenciaSecretaria.pdf	29/10/2018 15:43:18	MICHELA PERIGOLO REZENDE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SII 2005

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coesp@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 3.305.721

BELO HORIZONTE, 06 de Maio de 2019

Assinado por:
Eliane Cristina de Freitas Rocha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br